

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

ELISA BEATRIZ RAMIREZ HERNANDEZ

**HETEROTOPIAS, EXPERIÊNCIAS MIGRATÓRIAS E ARRANJOS DISPOSICIONAIS
DE CUBANOS NO CANADA**

Belo Horizonte (MG)

2023

ELISA BEATRIZ RAMIREZ HERNANDEZ

Heterotopias, experiências migratórias e arranjos disposicionais
de cubanos no Canadá

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como pré-requisito para a obtenção do título de Doutora em Comunicação Social.

Área de Concentração: Comunicação e Sociabilidade Contemporânea

Linha de Pesquisa: Processos Comunicativos e Práticas Sociais

Orientadora: Profa. Dra. Ângela Cristina Salgueiro Marques

Co-orientador : Prof. Dr. Camilo Aggio

Belo Horizonte (MG)

2023

301.16
R173h
2023

Ramírez Hernández, Elisa Beatriz.

Heterotopias, experiências migratórias e arranjos
disposicionais de cubanos no Canadá [manuscrito] / Elisa
Beatriz Ramírez Hernández. - 2023.

361 f. : il.

Orientador: Ângela Cristina Salgueiro Marques.
Coorientador: Camilo Aggio.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas
Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

Inclui bibliografia.

1.Comunicação – Teses. 2. Migração – Teses. 3.Cuba –
Migração - Teses. I. Marques, Ângela Cristina Salgueiro.
II. Aggio, Camilo. III. Universidade Federal de Minas
Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
IV. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

FOLHA DE APROVAÇÃO

"Heterotopias, experiencias migratórias e arranjos disposicionais de cubanos no Canadá."

Elisa Beatriz Ramírez Hernández

Tese aprovada pela banca examinadora constituída pelos Professores:

Profª Ângela Cristina Salgueiro Marques - Orientadora
DCM/FAFICH/UFMG

Prof. Camilo de Oliveira Aggio
DCM/FAFICH/UFMG

Prof. Dimitri Fazito de Almeida Rezende
DSO/FAFICH/UFMG

Prof. Dr. Jean-Luc Pascal Moriceau
Institut Mines Télécom/Telecom Business

Prof. Luís Mauro Sá Martino
Faculdade Cásper Líbero

Prof. Daniel Melo Ribeiro
DCM/FAFICH/UFMG

Belo Horizonte, 23 de agosto de 2023.



Documento assinado eletronicamente por **Luís Mauro Sá Martino, Usuário Externo**, em 23/06/2023, às 17:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Daniel Melo Ribeiro, Professor do Magistério Superior**, em 23/08/2023, às 18:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Camilo de Oliveira Aggio, Professor do Magistério Superior**, em 23/08/2023, às 18:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Dimitri Fazito de Almeida Rezende, Chefe de departamento**, em 23/08/2023, às 18:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Angela Cristina Salgueiro Marques, Professora do Magistério Superior**, em 23/08/2023, às 22:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Jean-Luc Pascal Moriceau, Usuário Externo**, em 25/08/2023, às 11:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2405702** e o código CRC **1EE472DB**.

AGRADECIMENTOS

A primeira página é sempre a última, e parecia impossível chegar nela. *Gracias*. Não alcança este pequeno espaço para eu agradecer à multidão de pessoas que durante vários anos, e em vários países, contribuíram para a realização desta pesquisa, que é também uma parte de minha vida.

Gracias a meus pais, que sempre acreditam em mim mais do que eu mesma, que criam todas as heterotopias possíveis para estar junto a mim nesta caminhada de distâncias e afetos dispersos, com uma força infinita que me ajuda a seguir cada dia meus sonhos, ainda quando pareçam utopias. Cada mensagem no WhatsApp, cada foto, vídeo-ligação, foi essencial para eu seguir firme neste projeto. Cada girassol que meu pai colocava para a Virgem da Caridade por mim, cada oração que minha mãe escrevia para pedir por mim. Eles em Cuba e eu no mundo, mas nesse espaço do espírito, não há fronteiras possíveis.

A Michel, meu companheiro incansável de luta, por sua nobreza sem limite, por apoiar minhas decisões e abraçar minha loucura, através dos muitos espaços e tempos que atravessam essa tese-vida. Ele é meu *lugar*.

A minha família, que com paciência e carinho me encorajam sempre a seguir, que aprenderam também comigo uma forma de migrar.

Quero agradecer infinitamente a minha orientadora, Ângela Marques, porque sem ela essa pesquisa não existiria; e não só por tudo que ela me ensina como professora, mas também por sua forma de acompanhar. Ângela é a pessoa mais humana que eu já conheci na minha vida, sensível, solidária, compreensiva e generosa. Ela possibilitou a existência de um espaço outro para fazer pesquisa, um espaço de repouso e de força, de troca sincera e amigável. São muitos anos já que andamos juntas, e nesse caminho, eu também me tornei outra do seu lado.

Agradeço com muito carinho ao professor Camilo Aggio, por sua abertura e curiosidade à minha realidade e minhas ideias, a colaboração, compreensão e apoio durante muitos anos no PPGCOM. Meu agradecimento vai também para as professoras e professores do PPGCOM, os colegas do grupo de pesquisa Margem, trabalhadores e alunos todos da UFMG, que fazem desta universidade também uma casa para mim no mundo. Obrigada pela acolhida, pela parceria. Obrigada às pessoas e à instituição. E obrigada à CAPES pelo apoio que me permitiu percorrer todos esses caminhos de descoberta. Ao professor Eric George na UQAM, que me acolheu em Montreal durante o tempo da pesquisa. Aos professores que me possibilitaram discussões enriquecedoras sobre esta pesquisa em diferentes momentos e lugares de encontro, e que estão também nesta banca de tese.

A meus amigos e amigas dispersos entre Cuba, Brasil, o Canadá e o mundo. Pela força, a alegria contagiada, a compreensão de minhas ausências, suas palavras de coragem e suas infinitas formas de amor. Minha família em BH, Lúcia e Fernando, Vânia e Márcio, Graziella e muitos mais. Os amigos de Montreal, *los Flukos*, Cristian e Lianet, Alicia e Alejandro, Ro e Cris, Daily, Ale, Eyeri e Yai, Ceci... Andrea e Gabriel, brasileiros que encontrei nessa cidade e amigos queridos. Muitos. Meus amigos cubanos migrantes, que são todos, Ona, Yudy, Ysme, Lisy, Omar, Ira...; meus amigos de sempre, Lily, Isa, Bruno, Maire... a amizade é o lugar onde crescem os sonhos.

Gracias às cubanas e aos cubanos de Montréal que me permitiram conviver com eles durante muito tempo, que quebraram os limites de seus espaços seguros e se aventuraram comigo nessa outra travessia da pesquisa. Que me mostraram a riqueza e o valor da diversidade, da diferença como força de existência possível. Que não só me ofereceram suas histórias, mas também seus conselhos, ajuda e fôlego. Que me salvaram do frio e da solidão em meio de uma pandemia em terras estranhas.

A todas essas pessoas, e muitas mais, não só agradeço por essa pesquisa, mas devo também a sobrevida.

RESUMO

Esta pesquisa aborda as relações espaço-temporais, práticas comunicacionais, vínculos transnacionais e diaspóricos nas formas de vida de cubanos imigrantes no Canadá (Montreal). O objetivo é compreender como esses migrantes criam os espaços e tempos que configuram comunicacionalmente suas experiências migratórias, a partir de narrações, conversas, encontros, ambientes de interação, gambiarras e arranjos nas condições de existência na diferença. Para isso, abordamos os possíveis diálogos entre abordagens metodológicas de inspiração etnográfica e um referencial teórico guiado por uma reflexão sobre as noções de *heterotopia*, *experiência* e *dispositivo*, fundamentalmente sob uma perspectiva foucaultiana.

A partir de um estendido trabalho de campo na cidade de Montreal (2019, 2020- 2021, 2022), exploramos espaços de pesquisa que se desdobram em ambientes virtuais e físicos e que conformam um dispositivo interacional comunicacional a partir de relações heterotópicas. Por um lado, encontramos uma comunidade diversa de migrantes da ilha que se relacionam através de um restaurante cubano em Montreal. Outro grupo de cubanos que participam da pesquisa, mais homogêneo e que não faz parte do público do restaurante, são imigrantes altamente qualificados e se relacionam cotidianamente em torno de um grupo de WhatsApp de mais de 40 integrantes. A rede de Facebook constitui também um espaço de acompanhamento de cubanos que encontramos nessa cidade, seja através de perfis pessoais ou bem num grupo de bate-papo no Messenger onde interagem cubanos mais jovens que tem chegado recentemente em Montreal. Além das entrevistas semiestruturadas realizadas a dez participantes, o *corpus* empírico da pesquisa é conformado pelas observações e interações em campo, materiais digitais coletados, e outros registros que configuram também a experiência dos migrantes, como fotos, cartas e objetos que compõem o mapa heterotópico dessa experiência.

Nesse sentido, buscamos a) descrever o contexto transnacional cubano a partir do panorama histórico e atual da migração cubana, assim como do desenvolvimento recente das TICs e mídias digitais no país; b) explorar noções espaço-temporais como categorias centrais nos estudos migratórios e comunicacionais, para desenvolver uma abordagem teórico-metodológica em torno das *heterotopias migratórias*; e c) analisar as formas de interação, experiências e relações espaço-temporais dos migrantes cubanos através de *lugares heterotópicos*, *vivências corporais* e *dispositivos midiáticos transnacionais*. Essas heterotopias migratórias atravessam lugares de reencontro e de travessias, espaços digitais de interação, vínculos transnacionais, corpos que sofrem e que narram, as formas de controle desses corpos e as gambiarras que lhes permitem inventar outras vidas possíveis.

Este trabalho contribui, fundamentalmente, à elaboração de uma proposta teórico-metodológica para compreender processos migratórios e práticas comunicacionais a partir desses “espaços outros”, onde a diferença revela-se como gesto político que configura uma forma de vida continuamente reinventada na vivência da migração. Esta tese é, ademais, uma tentativa de formas outras de se fazer pesquisa, ora pela proposta de novos arranjos entre a pesquisadora e os lugares de encontro com os sujeitos que a acompanham; ora pelo risco inevitável de trazer as marcas do deslocamento coletivo, transnacional e perpetuo que é viver o processo da pesquisa como heterotopia.

Palavras-chave: Heterotopias; Experiência migratória; Dispositivo transnacional; Migração cubana; Mídias digitais; Espaços outros

ABSTRACT

This research addresses spatial and temporal relations, communicational practices, transnational and diasporic links in the ways of life of Cuban immigrants in Canada (Montreal). The aim is to understand how these migrants create the spaces and times that communicatively configure their migratory experiences, from narrations, conversations, encounters, interaction environments, *gambiaras* and arrangements in the conditions of existence in difference. For this, we address the possible dialogues between ethnographically inspired methodological approaches and a theoretical framework guided by a reflection on the notions of *heterotopia*, *experience*, and *dispositif*, fundamentally from a Foucauldian perspective.

From extended fieldwork in the city of Montreal (2019, 2020- 2021, 2022), we explore research spaces that unfold in virtual and physical environments and that conform a communicational interactional *dispositif* from heterotopic relations. On the one hand, we find a diverse community of migrants from the island who relate through a Cuban restaurant in Montreal. Another group of Cubans who participate in the research, more homogeneous and not part of the restaurant's public, are highly educated immigrants that interact daily through a WhatsApp group of more than 40 members. The Facebook network also constitutes a space to follow the Cubans we meet in this city, either through personal profiles or in a Messenger chat group where younger Cubans who have recently arrived in Montreal interact. Besides the semi-structured interviews conducted with ten participants, the empirical corpus of the research is made up of field observations and interactions, collected digital materials, and other records that also configure the migrants' experience, such as photos, letters, and objects that compose the heterotopic map of this experience.

In this sense, we seek to a) describe the Cuban transactional context from the historical and current panorama of Cuban migration, as well as the recent development of ICTs and digital media in the country; b) explore spatial and temporal notions as central categories in migration and communication studies, to develop a theoretical-methodological approach around *migratory heterotopias*; and c) analyze Cuban migrants' forms of interaction, experiences and spatio-temporal relations through *heterotopic places*, *bodily experiences* and *transnational media dispositif*. These migratory heterotopias arise from places of reunion and crossings, digital spaces of interaction, transnational links, suffering and narrative bodies, the forms of control of these bodies and the *gambiaras* that allow them to invent other possible lives.

This work contributes, fundamentally, to the development of a theoretical and methodological proposal to understand migratory processes and communication practices from these "other spaces", where the difference is revealed as a political gesture that shapes ways of life, ones that are continuously reinvented in the experience of migration. This thesis is, moreover, an attempt at other ways of doing research, sometimes by proposing new arrangements between the researcher and the meeting places with the subjects that accompany her; sometimes by the inevitable risk of bringing the marks of collective, transnational, and perpetual displacement that is to live the research process as heterotopia.

Keywords: Heterotopias; Migratory experiences; Transnational *dispositif*; Cuban migration; Digital media; Other spaces

RÉSUMÉ

Cette recherche porte sur les relations spatio-temporelles, les pratiques de communication, les liens transnationaux et diasporiques dans les modes de vie des immigrants cubains au Canada (Montréal). L'objectif est de comprendre comment ces migrants créent les espaces et les temps qui façonnent leurs expériences migratoires sur le plan de la communication, à partir de récits, de conversations, de rencontres, d'environnements d'interaction, de *gambiarrras* et d'arrangements des conditions d'existence dans la différence. Pour ce faire, nous abordons les dialogues possibles entre des approches méthodologiques d'inspiration ethnographique et un cadre théorique guidé par une réflexion sur les notions d'*hétérotopie*, d'*expérience* et de *dispositif*, fondamentalement à partir d'une perspective foucauldienne.

Sur la base d'un travail de terrain approfondi dans la ville de Montréal (2019, 2020-2021, 2022), nous avons exploré des espaces de recherche qui se déploient dans des environnements virtuels et physiques, et qui façonnent un dispositif communicationnel interactionnel basé sur des relations hétérotopiques. D'une part, nous avons trouvé une communauté diversifiée de migrants de l'île qui se rencontrent dans un restaurant cubain à Montréal. Autre groupe de Cubains ayant participé à la recherche, plus homogène et ne faisant pas partie du public du restaurant, est composé d'immigrants hautement qualifiés qui interagissent quotidiennement entre eux par le biais d'un groupe WhatsApp de plus de 40 membres. Le réseau Facebook est utilisé également comme un espace pour suivre les Cubains que nous rencontrons dans la ville, soit par le biais de profils personnels, soit dans un groupe de discussion Messenger où interagissent des personnes plus jeunes et récemment arrivées à Montréal. Outre les entretiens semi-structurés menés avec dix participants, le corpus empirique de la recherche est constitué d'observations et d'interactions sur le terrain, de matériaux numériques collectés, ainsi que d'autres documents qui façonnent également l'expérience des migrants, tels que des photos, des lettres et des objets qui constituent la carte hétérotopique de cette expérience.

En ce sens, nous cherchons à a) décrire le contexte transnational cubain à partir du panorama historique et actuel de la migration cubaine, ainsi que du développement récent des TIC et des médias numériques dans le pays ; b) explorer les notions spatio-temporelles en tant que catégories centrales dans les études sur la migration et la communication, afin de développer une approche théorico-méthodologique autour des *hétérotopies migratoires* ; et c) analyser les formes d'interaction, les expériences et les relations spatio-temporelles des migrants cubains à travers des *lieux hétérotopiques*, des *expériences corporelles* et des *dispositifs médiatiques* transnationaux. Ces hétérotopies migratoires passent par les lieux de rencontre et de croisements, les espaces numériques d'interaction, les liens transnationaux, les corps qui souffrent et qui racontent des histoires, les modalités de contrôle de ces corps et les *gambiarrras* (briocolage) qui leur permettent d'inventer d'autres vies possibles.

Ce travail contribue fondamentalement au développement d'une proposition théorico-méthodologique pour comprendre les processus migratoires et les pratiques de communication à partir de ces "espaces autres", où la différence se révèle comme un geste politique qui façonne un mode de vie continuellement réinventé dans l'expérience de la migration. Cette thèse est aussi une tentative d'autres manières de faire de la recherche, soit en proposant de nouveaux arrangements entre la chercheuse et les lieux de rencontre avec les sujets qui l'accompagnent, soit en prenant le risque inévitable de porter les marques d'un déplacement collectif, transnational et perpétuel, en vivant le processus de recherche comme une hétérotopie.

Mots-clés : Hétérotopie; Expérience migratoire; Dispositif transnational; Migration cubaine; Média numériques; Espaces autres.

Sumário de Figuras

Figura 1. Número de imigrantes cubanos que arribaram recentemente à fronteira americana (Anos Fiscais 2020, 2021 e 2022), em comparação com as maiores crises migratórias cubanas (Crise do Mariel, 1980 e Crise dos Balseros, 1994).....	33
Figura 2. Imagens de arquivo (década de 1980) e meme (2022) que indicam a mudança do papel dos emigrados em Cuba, da rejeição à dependência econômica transnacional	34
Figura 3. Fachada do restaurante cubano em Montreal, La Cecilia, no primeiro local (até 2020) e a capa do menu.....	109
Figura 4. Publicidade do restaurante La Cecilia no Facebook, evocando sua identidade familiar	110
Figura 5. Imagens do restaurante emblemático <i>La Bodeguita del Medio</i> , na zona turística de Havana Velha	112
Figura 6. Imagens das paredes do restaurante cubano <i>La Cecilia</i> , em seu primeiro local (até 2020).....	112
Figura 7. <i>La Cecilia</i> em seu primeiro local (até 2020).....	114
Figura 8. Restaurante <i>La Cecilia</i> depois de passar ao local contíguo ao anterior (depois de 2020)	121
Figura 9. Mensagens escritas nas paredes do restaurante <i>La Cecilia</i> no segundo local (2021-2023).....	122
Figura 10. Imagens da reunião no restaurante <i>La Cecilia</i> de cubanos opositores ao governo cubano e convocação na plataforma do Facebook	126
Figura 11. Oferenda religiosa colocada por Ale no restaurante para a <i>Virgen de la Caridad</i> (Oshún na religião afro-cubana), santa patroa de Cuba, no dia em que seu filho saiu de Cuba	130
Figura 12. Livros cubanos e da obra do herói nacional cubano José Martí, que Abel levou até a Espanha e depois para o Canadá	155
Figura 13. Boné produzido por Eric sob sua marca <i>Yo no soy yuma</i> , do time de baseball Industriales, de sua cidade, Havana.....	164
Figura 14. Dois cubanos vestem os shorts da seleção nacional cubana produzidos por Eric, de sua marca <i>Yo no soy Yuma</i>	165
Figura 15. Capa e descrição de um grupo de WhatsApp de cubanos que moram na ilha em torno do processo de aplicação para um programa de vistos americanos para cubanos (parole)	166
Figura 16. Mensagem de Rolando, <i>el yuma</i> , em uma parede do restaurante La Cecilia.....	225
Figura 17. Tatuagens de <i>El Yuma</i> com a bandeira do Canadá e o animal da roça onde cresceu em Cuba	226
Figura 18. Tatuagens de El Yuma com nomes de mulheres (mãe, irmãs, filhas)	230
Figura 19. Grupo de amigos de Daniel durante um piquenique num parque de Montreal	251
Figura 20. Diferentes capas do grupo de cubanos no WhatsApp.....	252
Figura 21. Comentários no grupo de WhatsApp sobre a sua importância para os participantes	254
Figura 22. Conversa sobre a recorrência do “tema Cuba” no grupo de WhatsApp	259
Figura 23. Stickers compartilhados no grupo de WhatsApp, transformando irreverentemente figuras políticas e históricas cubanas (em ordem: Fidel Castro (x4), Raúl Castro, Miguel Díaz Canel- atual presidente-, José Martí e Antonio Maceo- heróis da história de inde	264
Figura 24. Imagens de um livro de ensino espanhol no Quebec que relata a crise migratória cubana de 1994 (os balseros), compartilhada no grupo de WhatsApp.....	266
Figura 25. Página de um livro de ensino de Cuba compartilhado no grupo de WhatsApp.....	267
Figura 26. Fotografia de um documento de notificação do governo cubano aos emigrados em 1962	268
Figura 27. Post no Facebook de uma cubana em Montreal que compartilha um relato da experiência migratória (do grupo de amigos de Daniel).....	269

Figura 28. Post no Facebook de uma cubana em Montreal que compartilha um relato da experiência migratória (do grupo de amigos do restaurante)	270
Figura 29. Post no Facebook de uma cubana em Montreal sobre as dificuldades das travessias dos migrantes (do grupo de amigos do restaurante)	272
Figura 30. Post no Facebook de um cubano em Montreal sobre o momento em que saiu de Cuba e seu pai lhe deu a declaração de direitos humanos. (Eric, do grupo de amigos do restaurante)	273
Figura 31. Capa do grupo de Messenger de cubanos em Montreal e mensagem de sua organizadora no fim de ano 2021.....	275
Figura 32. Conversação de membros do grupo de Messenger sobre as dificuldades da situação de vida em Cuba	276
Figura 33. Formulário com as regras a seguir do grupo do Messenger	278
Figura 34. Questionário enviado aos novos membros do grupo do Messenger.....	278
Figura 35. Mensagem da organizadora do grupo do Messenger sobre tirar às pessoas que não são ativos	280
Figura 36. Matéria de uma TV de Miami e meme compartilhado por um cubano em Montreal tematizando a tensão dos vínculos econômicos dos emigrados com as pessoas em Cuba	294
Figura 37. Comentários de membros do grupo de WhatsApp sobre a dinâmica transacional de troca informais de bens	296
Figura 38. Posts no Facebook de uma cubana do grupo de amigos de Daniel (sob perfil falso) que tensiona as mudanças no discurso histórico do governo cubano sobre os emigrados.....	300
Figura 39. Conversação no grupo do Messenger sobre conflitos ligados aos vínculos de dependência econômica entre emigrados e pessoas em Cuba.....	301
Figura 40. Post compartilhado por Eva no Instagram contra o turismo canadense em Cuba	308
Figura 41. Cartaz e capa de evento do Facebook relacionadas com protestos de cubanos no Canadá contra o governo cubano	315
Figura 42. Membro do grupo de WhatsApp compartilha documento recebido em privado desde Cuba com orientações do governo para mobilização online	317
Figura 43. Jornalista e influencer cubano em Miami compartilha uma informação recebida em privado desde Cuba com orientação do governo sobre mobilização online.....	318
Figura 44. Imagem do Google da casa de Eva com a bandeira cubana de Pátria y Vida, e de ela mostrando a bandeira dentro da casa	320
Figura 45. Carta enviada a Eric por sua mãe em setembro de 2012, quando ele já morava em Montreal.....	331
Figura 46. Quinta e última folha de uma carta enviada a Eric por sua mãe em fevereiro de 2013, quando ele já morava em Montreal.....	331

Sumário de Tabelas

Tabela 1. Resumem das mudanças recentes no panorama migratório cubano.....	31
Tabela 2. Imigrantes cubanos e população das principais regiões de assentamento no Canadá, 2021	36
Tabela 3. Breve descrição do perfil dos entrevistados na pesquisa.....	104

Sumário

O ARQUIPÉLAGO: uma pesquisa em movimento	12
CAPÍTULO 1. Contexto migratório e ecossistema tecno-comunicacional recente em Cuba	25
1.1 Historicidade do êxodo e evolução dos padrões migratórios cubanos	25
1.1.1 Dimensões simbólicas e jurídicas da migração cubana em torno de um conflito político bilateral	27
1.1.2 Mudanças no cenário migratório cubano e novas dinâmicas de mobilidade (2013- 2022).....	29
1.1.3 Imigração cubana histórica para os Estados Unidos (Miami), expansão dos destinos/rotas migratórias e fortalecimento de laços transnacionais	33
1.1. 4 Breve panorama do contexto migratório no Canadá	36
1.2 Comunicação e desenvolvimento recente das TICS em Cuba	40
1.2.1 Desenvolvimento limitado da TIC em Cuba na década de 2000 sob estrito controle do governo	41
1.2.2 Extensão das possibilidades de acesso à internet através de redes Wi-Fi e telefonia celular (2014-2019...).....	43
1.2.3 Economia política da comunicação no acesso às TICs e vínculos migratórios transnacionais ..	44
1.2.4 Censura, limitações econômicas e práticas digitais da “gambiarra” pelos cubanos.....	46
CAPÍTULO 2. Deslocamentos teóricos: heterotopias, dispositivo e experiência no eixo comunicação-migração.....	48
2. 1 Migração e comunicação: dos estudos culturais à teoria transnacional	48
2.2 TICs e migração: limites e possibilidades de um campo de pesquisa emergente	56
2.3 A espacialidade como categoria de análise comunicacional: uma perspectiva desde a América Latina.....	60
2.4 Espaço e poder: uma abordagem a partir da obra de Michel Foucault.....	65
2.5 Heterotopia: linguagem, espaço e diferença.....	70
2.5.1 Os princípios de uma heterotopologia.....	75
2.5.2 Experiência heterotópica	77
2.6 A experiência como continuidade no pensamento foucaultiano: limite, materialidade, transgressão	79
2.6.1 A dupla concepção da experiência em Foucault (e sua complementariedade): “a vontade de ser outro”	82
2.7 Dispositivo(s) em Foucault, ou uma “história das experiências”	84
CAPÍTULO 3. Relato metodológico: a pesquisa como uma experiência heterotópica	90
3.1 Observar, participar, interagir: engajamentos no trabalho etnográfico	92
3.2 Sujeitos e espaços de pesquisa	95
3.3 Interações e entrevistas.....	97
3.4 O potencial metodológico da heterotopia.....	100

CAPÍTULO 4. Lugares heterotópicos: imaginários, travessias e reencontros na migração	108
4.1 Restaurante <i>La Cecilia</i> : família, diferença e paredes escritas	109
4.2 Lugares de passagem: trânsitos, barcos, rotas por mar e terra	129
4.3 Mapa-mundi heterotópico: “ <i>el Yuma</i> ”, o “afora” e os imaginários espaciais de um povo migrante	157
4.4 A pátria como heterotopia	173
CAPÍTULO 5. O corpo migrante como “ponto zero do mundo”	196
5.1 A cor da pele, o inverno e a língua estrangeira	198
5.2 O corpo só: choro, doença e transformação no tempo	205
5.3 Corpos que narram: tatuagens de outros tempos	225
5.4 Controle e governamentalidade dos corpos em movimento	231
CAPÍTULO 6. Dispositivos transnacionais, heterotopias digitais e gambiarras	249
6.1 Narrativas e disputas virtuais na migração: um grupo de WhatsApp, o Facebook e as escritas heterotópicas	251
6.2 Vínculos transnacionais: fluxos, rituais e interações transfronteiriças	281
6.3 Mobilizações transnacionais: acontecimentos em Cuba e participação diaspórica	303
6.4 Gambiarras e arranjos disposicionais na migração: outro espaço possível da política	322
O NÃO-LUGAR: uma heterotopologia da pesquisa	335
REFERÊNCIAS	343
ANEXO I – Roteiro da entrevista semiestruturada	354
ANEXO II- Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento	357

O ARQUIPÉLAGO: uma pesquisa em movimento

*Não será a ciência,
(...) "uma forma de contar histórias"?*

Milton Santos¹

Após a notícia da morte do poeta cubano Rafael Alcides, eu me deparei com um texto de sua autoria que dizia tudo o que eu queria dizer num projeto de pesquisa, mas não sabia como. No final do seu poema *Carta a Rubén*², dedicado a seu filho que emigrou de Cuba e a quem ele nunca mais voltou a ver, há uns versos que me parecem um clamor desesperado e eterno: “*Telefonea, /hijo. Escribe./ Mándame una foto*”³. Pensei no filho, Rubén, onde estaria, por que não respondia? Pensei em mim mesma sendo também a única filha de meus pais. Pensava na imagem do rosto de minha avó de 80 anos que se perde entre os pixels de uma vídeo-ligação desde Cuba, sobrevivendo à péssima conexão de internet na ilha.

A migração não é apenas uma questão de deslocamentos de corpos, de exílio e desenraizamento dos países de origem, de reconhecimento e integração multicultural dos imigrantes nas sociedades de acolhida, tal como me mostram a maioria das pesquisas que eu realizava quando comecei este doutorado. Há algo de mais profundamente transformador nesse êxodo, mais coletivo, mais potente. É como se um vínculo resistisse ser rompido, mesmo quando a expulsão física do corpo fora do espaço do Estado-nação supõe e obriga essa ruptura, como tem sido no caso de Cuba.

A migração afeta, assim, não só aos corpos que partem, mas àqueles que ficam e todos os que interagem com esses migrantes em seus trânsitos. O corpo em movimento transforma ao mesmo tempo as subjetividades dos não-migrantes, dos seres “imóveis” que ficam na terra de origem e devem aprender também, às vezes involuntariamente, um modo de vida na distância. O

¹ (SANTOS, 2006, p. 12)

² Poema publicado no 16 de agosto de 2009. Disponível em: <http://www.poemaspoetas.com/rafael-alcides-perez/carta-a-ruben>

³ “*Telefone, / filho. Escreva / Me mande uma foto.*”

próprio poeta Rafael Alcides reconhece a si mesmo como um “*insiliado*”⁴ em Cuba, pela forma com que suas ideias o afastaram da vida pública e cultural do país, mesmo que continuasse andando pelas ruas da Havana. Ainda sobre a separação com seu filho, ele escreve:

*nosotros, ¿dónde,
adónde,
en qué patria estamos ahora?
¿La patria, lejos de lo que se ama...?
¿La patria, donde falta un cubierto a la mesa,
donde siempre sobra una cama...?
(..)
todos los de acá
somos exiliados. Todos.
Los que se fueron
y los que se quedaron.
Y no hay, no hay
palabras en la lengua
ni películas en el mundo
para hacer la acusación:
millones de seres mutilados
intercambiando besos, recuerdos y suspiros
por encima de la mar.*

*nós, onde,
aonde,
em qual pátria estamos agora?
A pátria, longe do que se ama...?
A pátria, onde falta um talher na mesa,
onde sempre sobra uma cama...?
(..)
todos os daqui
somos exilados. Todos.
Os que se foram
e os que ficaram.
E não há, não há
palavras na língua
nem filmes no mundo
para fazer a acusação:
milhões de seres mutilados
trocando beijos, lembranças e suspiros
acima do mar.*

Há um exercício perpétuo de reconstrução da memória por um povo que emigra constantemente, massivamente. Uma quebra cotidiana faz tremer a aparente calma desses lugares onde nada acontece, há muitos anos. Diante do sistema inamovível, é um impulso que obriga a agir, a viver diferentemente, inesperadamente, criando arranjos e espaços outros que não estariam acaso contemplados na grande e velha Revolução de há meio século. E isso é de uma natureza tremendamente política, na medida em que essa experiência coletiva transforma também as subjetividades e as formas de vida de cubanos na ilha, através daqueles que partiram. Eu também parti de Cuba e, como toda a minha geração, eu precisei forjar um lar em todos os lugares possíveis,

⁴ INVERSION & FINANZAS.COM. Alcides dice que se ha "insiliado" en Cuba para "ver cómo acaba la película", (online), publicado em 11/05/2011, disponível em: < http://www.finanzas.com/noticias/cuba/2011-05-11/481530_alcides-dice-insiliado-cuba-para.html >.

sem conseguir nunca abandonar o meu próprio, a casa da família que ficou imóvel e solitária há oito anos já.

Essa tese nasce também em meio à busca constante por criar espaços outros de existência. Ela faz parte de um processo de transformação de muitos anos, de deslocamentos não apenas físicos, mas também teóricos, ideológicos, emocionais. A metade do tempo que eu tenho vivido fora de Cuba, ela me acompanha. Foi esta pesquisa que me possibilitou o encontro com esses cubanos outros que me acolheram em Montreal, e me ensinaram as possibilidades de desvio, a fraqueza dos planos, a potência da amizade como lugar de criação e resistência. Não é fácil, contudo, lidar com essa força toda do encontro no campo de pesquisa, que nos envolve e nos questiona, que nos provoca e nos muda para sempre.

Assim, essa pesquisa surge como testemunho heterotópico. Em meio a múltiplos deslocamentos, reinvenções e espaços imaginados e praticados outramente, o desafio maior não foi apenas o de estar em todas partes, sem realmente estar em lado algum; mas foi justamente a vontade de estar. Foi segurar as lágrimas nas entrevistas, e voltar a chorar na transcrição, na escrita, com relatos que se parecem aos relatos de meus amigos, o meu próprio. Foi encontrar cubanos e cubanas em cada esquina de Montreal e não conseguir contar todas essas histórias e, ao final, voltar a encontrá-las nos relatos desta tese. Foi selecionar, enquadrar, explicar cada pedaço de vida que resistiu e resiste a ser explicado aqui, palavras amarradas umas às outras por um fio invisível que nunca chegaremos a encontrar.

Enquanto eu faço esta pesquisa, milhares de cubanos e cubanas atravessam a *Selva del Darién* na América Central, rumo aos Estados Unidos. Crianças, mulheres grávidas, idosos, aguardam escondidos, perdidos em algum sítio da travessia, às vezes em ônibus, às vezes andando a pé, atravessando o *Rio Bravo*, presos sem saber qual destino lhes aguarda. Uma rota migratória que antigamente se fazia em pequenas embarcações rústicas, barquinhos de todo tipo que atravessavam o estreito da Flórida, mas agora tem se tornado um caminho mais longo. Milhares de cubanos se somam às caravanas de migrantes que atravessam a América Latina para tentar chegar na fronteira americana. A atual crise migratória cubana ultrapassa o total de migrantes em todos os êxodos anteriores do período da Revolução.

A cultura migratória cubana está ligada às circunstâncias geopolíticas e tradições autoritárias na ilha e se desenvolve em tempos anteriores à revolução de 1959, mas acentua-se no

contexto dos últimos 60 anos de crescente tensão com os Estados Unidos. De 2 a 3 milhões de cubanos se localizam fora da ilha, principalmente nos Estados Unidos, o que representa em torno de dez por cento da população atual do país⁵ (AJA et al, 2017). No entanto, o padrão tradicional de migração “sem retorno” para Miami, sobretudo por via marítima, está sendo transformado recentemente por uma diversificação de rotas e destinos, especialmente após a reforma migratória cubana de 2013⁶ e do fim da política americana que recebeu o nome de “pés molhados, pés secos” em 2017⁷. É neste contexto que nos interessa examinar as características da comunidade cubana em Montreal, umas das principais cidades de assentamento diaspórico cubano no Canadá, o quinto maior destino dos migrantes da ilha (AJA et al, 2017).

A partir dessa tendência recente de diversificação e mudanças nos padrões migratórios cubanos e com o objetivo de ampliar o campo de estudos de este fenômeno (para além da migração histórica Cuba-EUA), escolhemos Montreal por ser uma das principais cidades de assentamento do Canadá, facilitando o trabalho de campo para este estudo exploratório. Além disso, é possível observar em Montreal uma grande diversidade de perfis migratórios (diferentes gerações e categorias de admissão migratória) por duas razões fundamentais. Por algum tempo, o sistema de imigração de Quebec facilitou consideravelmente a admissão de trabalhadores qualificados, tornando-se o destino preferido de muitos profissionais do exterior. As estreitas relações entre Cuba e Québec favoreceram também o fluxo de pessoas entre os dois lugares, sobretudo relacionado à imigração por reunificação familiar (casamentos) e as demandas de refúgio, estendendo assim a presença de redes migratórias ao longo do tempo. Quebec é também a fonte de turismo mais importante para Cuba, a principal atividade econômica na ilha.

⁵ Há dificuldades para se acessar dados mais exatos sobre a migração cubana. Além de se tratar de várias gerações migratórias (população cambiante), uma grande quantidade de imigrantes cubanos não aparece em registros oficiais estrangeiros (em trânsito, indocumentados, aguardando processo de regularização), sobretudo a partir do fluxo massivo recente de migrantes para diferentes destinos (saindo via países que não exigem visto- como Nicaragua e Rússia- e seguindo rotas migratórias na América central e na Europa do Leste). Para fins jurídicos e estatísticos em Cuba, um emigrado é um sujeito que estabelece sua residência permanente no exterior e que não retornou à Cuba nos últimos 24 meses (antigamente 11 meses). Contudo, vários cidadãos que emigraram não são considerados pelas estatísticas oficiais do governo cubano, porque eles visitam a ilha periodicamente, ou ao menos dentro dos prazos previstos pela lei. Assim como o fenômeno migratório cubano em si, essas estatísticas carregam também um viés político-ideológico,

⁶ A reforma implementada em 2013 eliminou as principais barreiras para os cubanos viajarem para o exterior.

⁷ A política norte-americana de “pés molhados, pés secos” (1996) concedeu automaticamente o status de “refugiados políticos” aos imigrantes cubanos. Tal política ofereceu durante décadas benefícios especiais aos emigrantes cubanos ilegais nos EUA até o governo de Barack Obama. Ver mais detalhes em: <https://goo.gl/8X9fti>

Desde 1959 existe um sistema político de partido único em Cuba (Partido Comunista de Cuba, PCC) que limita as liberdades individuais e os direitos dos cubanos. A ruptura revolucionária que levou a uma sociedade socialista trouxe às pessoas esperanças de benefícios mais amplos para a população (como o acesso universal à educação e à saúde), mas também levou ao estabelecimento de um Estado não democrático e totalitário, que controla centralmente os meios de produção e os espaços discursivos e culturais do país, incluindo o sistema de mídia nacional. Assim, configurou-se um sistema à imagem das orientações governamentais, ao estilo soviético e sob o controle da direção política e ideológica do Partido, que pouco ou nada admite em termos de crítica ao *establishment* e seus dirigentes.

Em Cuba vemos atualmente um sistema político-econômico que não incorpora formalmente uma dinâmica capitalista, com pouca participação de mercado no funcionamento macroeconômico, mas que, por outro lado, revela uma expansão das ideias e sentimentos capitalistas principalmente no âmbito da vida cotidiana (novas relações sociais decorrentes do desenvolvimento do setor econômico privado e também das relações com os Estados Unidos), explica Heredia (2017).

Ataques e ameaças externas de países capitalistas e o conflito histórico com os Estados Unidos (EUA) tiveram um impacto negativo no desenvolvimento econômico da ilha e resultaram em políticas rígidas de controle de fronteiras, que permitem ao governo cubano, baseado em posições ideológicas, decidir sobre os direitos dos cidadãos cubanos, sobretudo com relação à liberdade de movimento e mobilidade⁸. A construção ideológica da Revolução produziu uma realidade política polarizada entre os que apoiam a ideologia do governo e aqueles que dela discordam, levando a uma associação destes com os emigrantes. Mesmo seis décadas após o triunfo da Revolução, a posição oficial do PCC continua a estigmatizar os emigrantes com acusações de que são “traidores” da pátria, pois supostamente seriam uma ameaça à estabilidade e coesão do projeto revolucionário (MARQUES; HERNANDEZ, 2021)

Essa associação refere-se à metáfora da “praça sitiada” de um povo cubano “ameaçado” que tem que se defender por todos os meios, que é usada pelos discursos oficiais para estabelecer

⁸ Até 2013, os cidadãos cubanos precisavam solicitar autorização do governo para deixar o país. No entanto, mesmo após a eliminação desse procedimento, o governo cubano continua usando mecanismos de migração para limitar a entrada e saída de cidadãos cubanos por vários motivos (profissionais em certas áreas, funcionários com cargos específicos, ativistas de oposição e jornalista independentes etc).

uma atribuição radical de direitos baseada na dicotomia de localização que opera pelo dentro/fora (em sua dimensão física e ideológica). Essa lógica excludente fundou uma concepção da Revolução como um ente onipotente, abstrato e absoluto que atravessa todas as esferas da vida e determina os destinos dos cubanos no território da ilha e fora dela.

Como resultado de vários êxodos migratórios ao longo do período revolucionário, Alfonso e Sánchez (2017) definiram claramente a conformação de um imaginário nacional em torno do emigrante cubano como sujeito excluído, graças à convergência de políticas governamentais e discursos oficiais que favoreciam a oposição entre "nós" e "os outros". Nós, isto é, os cubanos revolucionários que se opunham a eles, os traidores que "abandonaram" sua pátria.

Nesse contexto de extrema regulação governamental da mobilidade, liberdade de expressão e formas de organização política e econômica da sociedade, vários momentos de êxodo migratório durante o período revolucionário redefiniram o imaginário territorial cubano para além das fronteiras do Estado-nação. As primeiras décadas da Revolução marcaram uma espécie de “exílio político” para os Estados Unidos da burguesia afetada pela intervenção revolucionária; seguiram-se outros momentos de êxodo em diferentes circunstâncias que influenciaram o estabelecimento de uma considerável comunidade diaspórica “cubano-americana” na Flórida.

A dinâmica migratória cubana, outrora marcada por conflitos políticos bilaterais, processos de transformações internas em Cuba e crises específicas, tornaram-se uma parte cada vez mais essencial do modo de vida cubano ao longo do último meio século, solidificando assim uma cultura migratória que é hoje parte da identidade cubana, cada vez mais transnacionalizada. A naturalização da migração como projeto de vida em Cuba e as recentes mudanças no posicionamento “positivo” do governo em relação à comunidade da diáspora geram conflitos com a permanência no imaginário cubano de um conceito de emigrantes como inimigos do regime e o povo cubano; que vem sendo disseminado pelo discurso dominante nas esferas públicas cubanas (HERNÁNDEZ; FAZITO, 2019). Compreender a realidade cubana hoje à luz dessas mudanças significa também pensar na coexistência de múltiplas temporalidades e espacialidades que podem, de uma forma ou de outra, desafiar o ideal unitário e homogêneo do “povo” revolucionário e socialista.

O professor e investigador cubano Julio Fernandez Estrada (2022) se refere à atual crise migratória (2022) como um “plebiscito sem urnas dos cubanos e cubanas”, um mecanismo político de consulta cidadã vinculante que, apesar de sua desapareição no panorama jurídico da ilha, faz

parte das muitas e diversas formas que os cubanos tem encontrado para fazer política, diante da ausência de espaços legais e seguros. Dessa forma, a migração se torna uma prática plebiscitária de desacordo com um sistema político que se pretende absoluto, fechado e unânime.

La soberanía del pueblo no se expresa solamente en acciones positivas. No es solamente un acto soberano votar, elegir, designar, opinar, debatir, proponer. También es legítimo evitar que se afecte la soberanía, realizar actos que limiten las intenciones tiránicas o de destrucción de la república. (...) Son muchas las razones por las que las personas se van de Cuba. También es importante, entre ellas, la expresión política, lanzada en contundente plebiscito, sobre la imposibilidad de participación, sobre la imposibilidad de confiar en las instituciones políticas y económicas estatales; esas que tienen consigo la mayoría de las decisiones sobre nuestras vidas (FERNANDEZ ESTRADA, 2022, online)

Para esta pesquisa, tomamos como ponto de partida que “a combinação dos movimentos das pessoas (um fenômeno muito antigo) e a circulação de formas simbólicas possibilitadas pelas novas mídias afetam duas categorias essenciais da experiência humana: espaço e tempo” (KANE, AGBOBLI et al, 2013, p. 36). Interessa-nos, assim, refletir sobre esta realidade migratória na interface com o recente desenvolvimento das TIC em Cuba; em particular, no que diz respeito às condições de acesso e apropriação que emergem na configuração desses fluxos transnacionais em meio à chegada tardia ao país da era do serviço de telefonia celular e da Internet em geral (depois de 2010).

Trata-se de compreender como essas experiências podem influenciar novos processos de subjetivação e formas de vida que não estavam necessariamente previstos no projeto geopolítico da Revolução Cubana. Dessa forma, entendemos que “(...) novos espaços sociais transnacionais e práticas transmigrantes levam a uma perfuração dos contêineres do Estado-nação” (PRIES, 2002, p. 586). Sair, retornar, circular, transitar, torna-se, também, uma forma de dissidência, seja no ativismo político mais clássico que conduz a um exílio obrigado, seja na opção cotidiana de conviver pelas duplas ausências e presenças que marcam a existência desses sujeitos transnacionais. Aqueles que ficam em Cuba são também, de certa forma, sujeitos transnacionais: na memória coletiva comum, nas singularidades das experiências familiares e dos percursos individuais, ou mesmo prisioneiros das escolhas que sempre os colocam no meio do caminho entre o “dentro” e o “fora”.

Esta pesquisa aborda as formas de vida, os espaços, as relações e vínculos transnacionais e diaspóricos de cubanos imigrantes no Canadá (Montreal), particularmente no recente contexto de

ampliação do acesso à internet em Cuba. O que nos interessa é compreender as articulações entre os processos migratórios de longa data (meio século da Revolução de 1959) que configuram uma “cultura migratória” (KANDELL; MASSEY, 2002) cubana, e as transformações midiáticas e comunicacionais que possibilitam esse “viver transnacional” (GUARNIZO, 2004). Nesse sentido, a migração e os processos comunicacionais estudados se tornam dimensões constitutivas da experiência política dos cubanos hoje. Esta experiência não fica limitada apenas ao sistema político-econômico vigente na Ilha e ao estrito controle sobre os discursos e a produção simbólica nacional, mas é uma prática cotidiana reinventada e expandida através dos laços afetivos que perpassam os fluxos transfronteiriços.

Existem distinções entre os diferentes fenômenos de mobilidade humana e as relações socioespaciais que eles possibilitam. As noções do “transnacional”, “diáspora”, ou bem as de comunidade transnacional ou diaspórica, diferem entre si em função da historicidade do processo de deslocamento e da intensidade dos vínculos de todo tipo que são desenvolvidos entre as pessoas através dos múltiplos espaços habitados. A diáspora vive do trauma gerado por práticas de governamentalidade biopolíticas que marcam a identidade coletiva pela dor, pelo luto e pela separação. No âmbito do transnacional, o fluxo, as conexões e os trânsitos são fortalecidos, ainda que no marco do Estado-nação. Essas e outras noções similares atravessam este trabalho.

Todavia, o traço mais claro desses processos diz respeito ao seu dinamismo, dando lugar aos fenômenos em constante transformação. Essa tese faz uso de conceitos que são utilizados na Filosofia, na Geografia, na História, na Comunicação, mas cada disciplina faz uma leitura singular de suas interfaces. O que nos interessa particularmente, a partir de esta apropriação interdisciplinar, é tecer uma abordagem comunicacional desses conceitos, em diálogo com autores como Stuart Hall, Foucault, Butler e Barbero, entre outros.

Aqui a transnacionalidade cubana se expressa na gambiarra, na ação contra o regime, nos processos de aprendizagem e troca de saberes partilhados em práticas de cuidado (cozinhar, dar apoio, formar redes de solidariedade) e resistência nas práticas de definição de territorialidades e identidades. Nas táticas da gambiarra, as pessoas sobrevivem por meio de ajustes, desvios, ajustando-se à dupla ausência, escapando a uma normatividade que é imposta por uma economia moral transnacionalizada, que estabelece padrões de julgamento, avaliação e reconhecimento da dignidade das experiências.

Em meio ao panorama histórico e contexto social cubano que descrevemos, buscamos compreender como essa cultura migratória atravessa formas de vida e processos de politização⁹ dos cubanos e cubanas. O projeto de governo depois de 1959 é respaldado por uma apropriação do território e controle dos corpos que o habitam, uma ideia fixa do espaço absoluto da nação como única possibilidade de existência, uma política como polarização ideológica marcada nas fronteiras da “praça sitiada”. Nesse sentido, optamos por nos aproximar de uma reflexão sobre o espaço, tempo e o poder que possa nos revelar formas outras em que seria possível fazer vida. É assim como abordamos a noção de *heterotopias* (FOUCAULT, 2004), espaços outros que são criados nos interstícios das redes de poder, nos arranjos disposicionais e nas gambiarras que os migrantes vivenciam quando rompem o cerco dessa “praça”. A *heterotopia* como lugar da experiência política de todos os espaços e corpos que encontramos fora do *arquipélago prisional*, mas também como uma forma de reinventar esse arquipélago e transformar o mundo que habitamos.

Assim, buscamos explorar as possíveis articulações entre abordagens metodológicas de inspiração etnográfica e um referencial teórico guiado por uma reflexão sobre a noção de *heterotopia* em Michel Foucault. Visamos compreender como as experiências narradas por imigrantes cubanos podem revelar as transformações que tiveram que fazer em suas formas de vida, suas estratégias para se apropriar de aspectos de diferentes culturas, seu trabalho inventivo para elaborar e justapor outros espaços possíveis de experiência dentro de sociedades desconhecidas.

Na tentativa de construir uma perspectiva que se diferencie das reflexões produzidas no âmbito dos estudos culturais e transnacionais, e com especial interesse em explorar as relações de poder ligadas ao espaço e as subjetividades que emergem nesse campo de pesquisa, nos deparamos com a obra de Michel Foucault e seu interesse pelos “espaços outros” como *heterotopias*. Ao nos aproximarmos dessa perspectiva foucaultiana para estudar as relações de poder através das espacialidades, percebemos que a heterotopia dialoga também com algumas das questões fundamentais que nos interpelam: uma preocupação com a noção de *diferença* (ligada também aos estudos culturais sobre a migração); a centralidade das *práticas cotidianas e rituais* que configuram percursos e formas de vida, trânsitos e fluxos espaciais; a importância da *linguagem* (palavras,

⁹ Para uma discussão sobre como interpretamos como *politização* no contexto político- migratório cubano, ver Hernández e Marques (2019).

narrativas, gestualidades) na configuração das *experiências* normativas, transgressoras e criativas que expressam *relações de poder* (a nossa condição política); e finalmente, um sentido *relacional* que define os processos sociais (interações, vínculos) presentes no campo comunicação-migração.

Nesse viés, a nossa reflexão teórica parte de certas referências aos estudos migratórios na perspectiva cultural e na teoria do transnacionalismo, duas abordagens que marcam a interseção entre o campo da comunicação e as pesquisas em migração. Nos interessa fundamentalmente compreender como as *espacialidades* têm ocupado um lugar central nessas tradições, sobretudo no contexto dos estudos culturais na América Latina. No intuito de articular essa reflexão espacial com a dinâmicas das *relações de poder e diferença*, nos aproximamos da obra de Foucault, para discutir conceitos como *heterotopia*, *dispositivo* e *experiencia*. Essas reflexões nos levam a analisar como as relações espaciais dos migrantes configuram formas de vida outras na diferença e no reordenamento das redes de poder que ultrapassam os territórios e os lugares fixados para eles.

O pensamento espacial de Foucault se entrelaça com suas reflexões sobre o corpo, o poder e a subjetivação política. De uma natureza contraditória e paradoxal, essa articulação oferece possibilidades de transformação do sujeito e de seu entorno, de sua capacidade política. É um espaço diferenciado, reinventado e apropriado que toma forma na noção de *heterotopia*. Tanto os dispositivos de controle e vigilância, como as *heterotopias*, mostram assim articulações entre relações espaciais e relações de poder na sociedade. Quando Foucault é interpelado, em uma entrevista concedida em 1976, sobre sua relação com a geografia e as “metáforas espaciais” na sua obra, ele se refere ao “*archipel carcéral*”¹⁰ (arquipélago prisional) como aquele termo verdadeiramente geográfico que ele teria usado em “*Surveiller et punir*” (1975)¹¹ para se referir ao sistema prisional. Foucault se referiu às unidades “ilhas” do “arquipélago” como uma metáfora para os mecanismos, tecnologias, sistemas e redes de saber relacionados a um *continuum* carcerário. Cuba, embora a chamemos de “ilha”, é definida geograficamente como um arquipélago. A figura do arquipélago (conjunto de ilhas) como prisão vai mostrar “essa dispersão e ao mesmo tempo a cobertura universal de uma sociedade por um tipo de sistema punitivo” (FOUCAULT, 1976, p.); uma noção que evidencia as mesmas contradições espaciais associadas às heterotopias.

¹⁰ Essa referência parte da publicação inglesa de 1973 do livro de Solzhenitsyn¹⁰ chamado *O Arquipélago Gulag*, que se referia aos campos de trabalhos forçados e prisões que compunham a extensa rede carcerária do Gulag soviético.

¹¹ Em “*Surveiller et Punir*” (1975), expressão deletada em edições posteriores.

Nesta pesquisa, buscamos construir uma abordagem teórico-metodológica que nos permita observar as complexidades dos fenômenos estudados sob múltiplas dimensões. Dentre elas, a noção de *mídia* como as ambiências de interação e as materialidades tecnológicas nos processos sociais; o *comunicacional* a partir da dimensão intersubjetiva e relacional nas trocas simbólicas; a *experiência* em seu sentido transformador, singular e coletivo; as *sensibilidades* que emergem na elaboração de vínculos afetivo-políticos; os *corpos* em movimento que atravessam *espacialidades* e *temporalidades* múltiplas, criando *territórios* e recriando *imaginários* para habitar esses “espaços outros”.

O conceito de heterotopia só se torna relevante hoje se continuamos prestando atenção à mutabilidade dessa experiência espacial mencionada que chamou a atenção de Foucault na década de 1960, agora globalizada, digitalizada, radicalmente outra. É nesse sentido que apresentamos esta proposta teórico-metodológica para explorar possíveis desdobramentos das pesquisas na área de migrações e processos comunicativos. Entre o ano 2019 e 2022 realizamos uma pesquisa de campo junto a imigrantes cubanos na cidade de Montreal, no Canada, a fim de explorar não só seus relatos de vida, mas também a sua presença online, seja nos usos individuais de redes sociais quanto na mobilização coletiva através de publicações digitais e ambientes virtuais.

Assim, os espaços de pesquisa se desdobram, em ambientes virtuais e de contato físico em campo. Um dos espaços de pesquisa é um restaurante cubano em Montreal, onde encontramos cubanos diversas identidades sexuais, raciais, religiosas e migratórios, amigos e clientes que visitam o local frequentemente e estabelecem ali relações espaciais diversas. Outro grupo de cubanos com os quais interagi, um grupo mais homogêneo e que não faz parte do público do restaurante, são pessoas altamente qualificadas que emigraram como profissionais e cujas famílias mantêm uma relação de amizade em torno de um grupo de WhatsApp de mais de 40 integrantes. A rede de Facebook constitui também um espaço de acompanhamento de cubanos que encontrei em Montreal.

Além das entrevistas a migrantes cubanos em Montreal, incorporamos também na análise as observações e interações em campo que ultrapassam o âmbito da entrevista; assim como os acontecimentos macrossociais e familiares que são vivenciados de forma transnacional entre os que emigraram e os que ficaram em origem. Atentamos também, nessa abordagem, para as condições socioeconômicas em que se dão esses deslocamentos migratórios e trocas comunicativas, assim como o acesso à tecnologia que possibilita tais conexões à distância. A

pesquisa se funda, assim, nas narrativas, observações e materiais digitais coletados, as materialidades que configuram tanto a experiência dos migrantes, quanto o meu envolvimento como pesquisadora em campo, fotos, cartas e objetos que compõem o mapa heterotópico dessa experiência.

A partir dessas referências, propomos refletir sobre uma pesquisa que privilegia simultaneamente o contato sensível e crítico com o objeto empírico e as teorias disponíveis, assim como uma abertura à experimentação metodológica. Nos interessa pensar sobre a experiência migratória na medida em que ela nos permite aproximarmos das relações de diferença, as possibilidades de uma noção do comum que emerge na constante elaboração de novos vínculos, e a conformação de subjetividades outras; sobretudo no contexto atual de adensamento de fluxos humanos e digitais.

Nesse viés, esta pesquisa busca responder à seguinte pergunta: *Como os migrantes cubanos em Montreal criam os espaços e tempos que configuram comunicacionalmente suas experiências migratórias?* Partimos da ideia de que as heterotopias possibilitam a invenção de outras formas de vida possíveis na migração, a através de novas interações e vínculos entre múltiplos espaços e tempos. Assim, o objetivo principal é: *Compreender o papel das relações comunicacionais, espaciais e temporais na configuração da experiência migratória dos cubanos migrantes em Montreal.* Os objetivos específicos da pesquisa são: a) descrever o contexto transacional cubano a partir do panorama histórico e atual da migração cubana, assim como do desenvolvimento recente das TICs e mídias digitais no país; b) explorar noções espaço-temporais como categorias centrais nos estudos migratórios e comunicacionais para desenvolver uma abordagem teórico-metodológica em torno das *heterotopias migratórias*; c) analisar as formas de interação, experiências e relações espaço-temporais dos migrantes cubanos à través de lugares heterotópicos, vivências corporais e dispositivos midiáticos transnacionais.

Finalmente, propomos um mapeamento dessas heterotopias migratórias a partir de três dimensões de análise: 1) os lugares heterotópicos nos imaginários, travessias e reencontros na migração, a partir de um restaurante cubano em Montreal, o espaço imaginado de Miami como epicentro da migração cubanos, a pátria como heterotopia etc. ; 2) o corpo migrante e suas sensações no espaço novo, a dimensão racial, as narrativas das tatuagens, o sofrimento, as cicatrizes as doenças e o controle dos corpos em movimento etc.; e 3) os dispositivos migratórios transnacionais e heterotopias digitais, a partir de espaços de interação dos migrantes no WhatsApp

e no Facebook, do adensamento dos vínculos transnacionais, as mobilizações diaspóricas em torno de acontecimentos na ilha, e as gambiarras e arranjos disposicionais que conformam esses espaços heterotópicos.

CAPÍTULO 1. Contexto migratório e ecossistema tecno-comunicacional recente em Cuba

*A letra entalhada em pedra pode estragar ou ser apagada violentamente,
mas resta então o próprio ato de apagar enquanto traço visível...*

Aleida Assmann¹²

1.1 Historicidade do êxodo e evolução dos padrões migratórios cubanos

É importante compreendermos os processos de migração cubana em uma perspectiva temporal, levando em conta a evolução dos padrões migratórios durante as seis décadas da Revolução, assim como a construção de uma memória em torno dessa experiência coletiva vinculada ao processo revolucionário.

Nos Estados Unidos, cerca de 2,5 milhões de imigrantes cubanos foram identificados recentemente entre imigrantes e descendentes de primeira geração (AMERICAN COMMUNITY SURVEY, 2017). Esse país se tornou um destino de escolha para esses movimentos migratórios nas últimas seis décadas. Cada um dos principais momentos migratórios do período revolucionário em Cuba é determinado por diferentes condicionantes históricos, econômicos e sociais, que se traduzem em uma média de 30.000 viagens migratórias anuais entre 1959 e 2017 (ONEI, 2005; 2015). A seguir, algumas características desses êxodos são explicadas, tendo em vista que periodização principal considera as maiores ondas migratórias relacionadas às circunstâncias específicas e momentos históricos que marcaram a emigração para os Estados Unidos (DATOSMACRO.COM, 2015; ARBOLEYA, 2015; PEDRAZA, 2008; DUANY, 2005; HERNANDEZ, 2019). As diferentes etapas migratórias influenciaram a construção de um discurso nacional excluindo o sujeito migrante da vida pública e política do país (ALFONSO; SÁNCHEZ, 2017; MARQUES; HERNANDEZ, 2021).

A primeira etapa migratória pode ser definida como *o exílio da elite burguesa* (1959-1962). Diante das primeiras medidas revolucionárias (nacionalização da indústria estrangeira, expropriação de terras, reforma agrária, ruptura das relações diplomáticas com os Estados Unidos

¹² ASSMANN, 2011, p. 260

etc.), os ricos proprietários, comerciantes e profissionais da classe branca burguesa da ilha fugiram para territórios norte-americanos. Esse fluxo terminou com a suspensão dos voos entre os dois países durante a crise dos mísseis, em outubro de 1962.

A segunda etapa abrange a onda migratória do *exílio autorizado* (1965-1973). Em 1965, o governo cubano permitiu que as pessoas saíssem livremente do porto de Camarioca (próximo da Havana), de onde chegavam barcos de imigrantes de Miami para levar seus familiares aos Estados Unidos. A preocupação de Washington com essa abertura levou à assinatura de um protocolo de entendimento garantindo um fluxo ordenado e seguro de migração por meio dos chamados “Voos de liberdade”, que duraram até 1973, quando o presidente Richard Nixon, suspendeu o acordo. Alguns estudos consideram que a maior parte do exílio político das gerações pré-revolucionárias ocorreu até 1979 e posteriormente identificam um tipo de emigração econômica (ECKSTEIN, BARBERIA, 2002).

A terceira etapa, por sua vez, inclui *a crise migratória do Mariel* (1980). Após os sucessos diplomáticos de 1979 em Havana¹³, o governo da ilha permitiu que os cubanos saíssem do porto de Mariel a bordo dos navios de suas famílias que chegavam de Miami, principal local de assentamento da diáspora cubano-americana. Esta é conhecida como a maior crise migratória cubana e a primeira a envolver uma geração pós-revolucionária (possivelmente até a crise atual de 2021-2022). Os “marielitos”, como se chamou a essa geração, diferiam dos primeiros grupos de emigração burguesa, porque eram predominantemente jovens, com maior representação do setor operário, negros, intelectuais e artistas que não apoiavam o sistema etc. Eles já viviam há duas décadas o processo revolucionário cubano e mantinham laços afetivos mais estreitos com seus familiares e amigos da ilha.

O governo cubano também exigiu que os navios de famílias que viviam em Miami transportassem outras pessoas que, asseguravam, “queriam emigrar”, mas que eram consideradas “indesejáveis” pelo regime: presos políticos e criminosos, homossexuais, doentes mentais etc. Foi uma época de auge de atos públicos de repúdio contra os emigrantes, humilhação e agressão em bairros cubanos (por exemplo, jogar ovos nas casas deles), com o consentimento do governo. Os emigrantes, chamados de “escória” em gritos coletivos, foram repudiados e excluídos da vida nacional.

¹³ Refere-se á invasão forçada de vários cubanos à Embaixada do Peru em Havana para demandar asilo político. Uma crise diplomática entre Cuba e Peru que levou o governo cubano a permitir a saída livre da população pelo porto de Mariel (perto da Havana), situação que perdurou até 1981.

A quarta etapa diz respeito aos *primeiros acordos de migração* (1984-1994). A experiência negativa deixada pela emigração de Mariel para os dois países levou ao estabelecimento dos primeiros acordos bilaterais de migração. De acordo com esta legislação, o governo cubano deveria controlar a emigração ilegal para os Estados Unidos, enquanto os americanos teriam que permitir 20.000 vistos anuais para cubanos (limite máximo para um único país), o que permitiria a emigração legal. Os acordos, no entanto, não foram totalmente aceitos ni aplicados, devido a atritos políticos entre os dois países.

A quinta etapa foi chamada de *crise dos balseros* (1994). A profunda crise econômica que eclodiu em Cuba em 1990, após o fim do socialismo europeu, desencadeou uma nova onda de emigração ilegal para os Estados Unidos, apesar das inúmeras tentativas das autoridades cubanas para evitá-la. Em 1994, a crise tornou-se insuportável na ilha, e o sequestro de navios do Estado, seguido por um levante popular em Havana, levou o governo a reabrir as fronteiras marítimas para a emigração¹⁴. Na memória coletiva, esses emigrantes passaram a ser reconhecidos pejorativamente como os “*balseros*”, em referência às balsas, embarcações rústicas e artesanais que cruzavam o estreito da Flórida. Em suma, a palavra “balsero” continua sendo o rótulo para nomear cubanos considerados “irresponsáveis” e “moralmente inferiores” à “grandeza” do povo revolucionário (MARQUES, HERNANDEZ, 2021). A situação levou à assinatura de um novo acordo bilateral sobre migração (1994-1995), no qual as partes estabeleceram seus deveres: os Estados Unidos devolveriam os imigrantes ilegais interceptados e Cuba os recuperaria (o que significa mudar a lei cubana que considerava a migração ilegal um crime¹⁵).

Essas etapas indicam mudanças na paisagem migratória cubana ao longo de várias décadas, de modo que as fabulações sobre o exílio anticastrista adquirem novas conotações ao final do século XX. Posteriormente, vamos observar como o foco exclusivo sobre a emigração para os Estados Unidos e as distinções entre emigração legal e ilegal, portanto, não cobrem todo o cenário de formas mistas de migração, combinando motivos econômicos e políticos e traçando caminhos muito mais irregulares para vários destinos.

1.1.1 Dimensões simbólicas e jurídicas da migração cubana em torno de um conflito político bilateral

¹⁴ Após esses acontecimentos, cerca de 36.000 pessoas embarcaram em navios rústicos, o que colocou as autoridades americanas em estado de alerta, obrigando 30.000 desses cubanos a serem confinados em bases militares situadas em outros países.

¹⁵ Lei Nº. 989 (1961) que foi modificada com a Reforma da migração cubana de 2013.

O conflito entre Cuba e os EUA¹⁶ atravessa a dinâmica migratória cubana durante o período revolucionário. A lei norte-americana definiu a emigração cubana como dissidência política (o povo "fugindo" da ditadura de Castro) para promulgar leis de imigração que beneficiam e tratam todo imigrante cubano como refugiado político. Por outro lado, em Cuba houve uma construção discursiva, ideológica e jurídica do emigrante cubano como sujeito excluído da vida pública cubana (traidor da pátria); o que também justifica a adoção de políticas migratórias restritivas e a limitação dos direitos da diáspora pelo governo cubano. A seguinte tabela apresenta algumas das principais normas e aspectos legais em torno da emigração cubana para os Estados Unidos, a dinâmica migratória cubana fundamental por muito tempo e que, em certa forma, condiciona a evolução dos imaginários e os fluxos migratórios para outros países.

Em 1966, os Estados Unidos aprovaram a Lei de Ajuste Cubano, Lei Pública 89-732¹⁷ em vigor até hoje, com o objetivo de fornecer assistência econômica e direitos de residência permanente aos cubanos que chegam nesse país. No contexto dos movimentos migratórios ilegais de cubanos pelo Estreito da Flórida, os Estados Unidos adotaram em 1995 a política conhecida como "pés molhados, pés secos" (*wet foot, dry foot*)¹⁸, que concedia direitos exclusivos de assentamento a imigrantes cubanos ilegais que chegassem em terras americanas (pés secos), e indicava a repatriação daqueles encontrados pelas autoridades marítimas fronteiriças dos EU cruzando o estreito da Flórida, antes de chegar à terra dos EUA (pés molhados). Além desses dois marcos legais migratórios, existem políticas americanas que respaldam a fuga de cérebros cubanos, sobretudo no caso de médicos cubanos enviados em missões internacionalistas a terceiros países sob contratos em que o governo cubano determina as condições de trabalho e recupera a maioria dos dividendos dos contratos. Em 2009, os Estados Unidos aprovaram o programa de admissão condicional para profissionais de saúde cubanos (*Cuban Medical Professional Parole Program, CMPP*)¹⁹, que permite que médicos enviados pelo governo em missões médicas ou com trabalho no exterior ir residir nos Estados Unidos e reclamar seus familiares em Cuba.

¹⁶ Cuba foi governada até 1959, econômica e politicamente, pelos Estados Unidos, tanto pela presença do capital quanto pela manipulação de governos ditatoriais que atendiam aos interesses dos negócios americanos na ilha. O triunfo da Revolução eliminou esses sistemas de dominação estrangeira com a expropriação das empresas americanas e a redistribuição da riqueza concentrada na classe burguesa. As políticas migratórias bilaterais dos dois países fazem parte de uma história de confrontos, agressões e conflitos políticos, sociais e econômicos.

¹⁷ Mais informação disponível em : <https://www.govinfo.gov/content/pkg/COMPS-5291/pdf/COMPS-5291.pdf>

¹⁸ Mais informação disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Wet_feet,_dry_feet_policy

¹⁹ Mais informação disponível em: <https://2009-2017.state.gov/p/wha/rls/fs/2009/115414.htm>

Por sua parte, o governo de Cuba adota a Lei nº. 989 em 1961, que considerava a emigração ilegal como um crime grave e previa a nacionalização e confisco a favor do Estado cubano dos bens e direitos das pessoas que emigram permanentemente do território nacional. Em 1976, a Lei de Migração nº 1312 estipulava que os cubanos deviam pedir permissão às autoridades cubanas e aguardar a autorização do Estados para sair do país por qualquer motivo. Os cubanos que permaneciam mais de 11 meses no exterior eram classificados como “emigrados” e perdiam os direitos de propriedades e de residência permanente em Cuba. O corpo jurídico e o discurso oficial do governo socialista cubano têm historicamente rotulado os emigrantes como “traidores”, “desertores”, “vagabundos”, “contrarrevolucionários” etc. (MARQUES, HERNANDEZ, 2021), prevendo penalidades como a perda de bens e direitos no país de origem e a proibição de entrada na ilha por 8 anos para imigrantes ilegais e médicos que emigram em trabalho no exterior. Os emigrados, ademais, só podem entrar em Cuba com passaporte cubano, mesmo que tenham passaportes de outros países e independente de seu status em Cuba.

Bem no início do período revolucionário, o enquadramento definitivo do fenômeno migratório cubano já estava sendo pautado no discurso oficial, quando o líder Fidel Castro sublinhou: “Os que se interessaram para que não houvesse uma Revolução, os que não a quiseram, os que não puderam jamais aceitar a Revolução, não estão hoje entre nós” (CASTRO, 1961 *apud* ALFONSO; SÁNCHEZ, 2017). Respalado por esse discurso oficial de rejeição, na década de 1960, o coro popular atacava os cubanos que saíam da ilha com gritos de: “*Que se vayan!*” (Vão embora!). Essa foi a definição da emigração como abandono, expulsão, como um movimento sem volta. Durante uma das maiores crises migratórias dessa época, na década de 1980, Fidel Castro referiu-se aos emigrantes que saíam pelo porto do Mariel como fracos, como se fossem tipos inescrupulosos que estavam escondidos (CASTRO, 1980 *apud* ALFONSO; SÁNCHEZ, 2017). Assim, destacou-se a estigmatização dos migrantes cubanos como “malvados” e “imorais”, a fim de mobilizar atos populares de repúdio, humilhação e agressão nos bairros contra esta onda de emigrantes (era frequente, por exemplo, o gesto de jogar ovos contra essas pessoas e lançar maldições às suas casas etc.), uma vez que se tornaram a “escória” que “saiu” do país.

1.1.2 Mudanças no cenário migratório cubano e novas dinâmicas de mobilidade (2013-2022)

Nos anos 2000, vemos em Cuba os efeitos de certas medidas adotadas durante a crise dos anos 1990 (autorização da circulação interna de moedas estrangeiras, semiliberalização do pequeno

setor comercial privado etc.), que reconfiguram o socialismo cubano como era conhecido até a década de 1980. Da mesma forma, a exclusividade dos fluxos migratórios para os Estados Unidos e o clássico exílio histórico anticastrista dos primeiros anos revolucionários contrastam com novas tendências que expressam diferentes marcos legislativos. Se trata de uma emigração multicausal e com diversificação dos perfis e destinos migratórios (Estados Unidos da América, Espanha, Itália, México, Alemanha e Canadá, países do Sul global) (AJA et al, 2017).

Embora persistam as saídas ilegais do país por via marítima para os EU e as perseguições das autoridades cubanas na vigilância das costas e fronteiras, novas rotas migratórias também são incorporadas a partir de viagens a outros países que podem ser tanto um destino final quanto um destino intermediário para chegar aos EU (buscando a regularizaçãosob as leis destinadas aos cubanos). Por outro lado, a flexibilização progressiva de certas retrições do governo insular (2013) e a expansão da diáspora cubana para outros destinos também levam à emergência de novas dinâmicas de retorno e circularidade migratória.

Assim que possível, os cubanos que não conseguem se estabelecer satisfatoriamente no exterior optam por manter um duplo status imigratório (fora e dentro de Cuba) que lhes permite ampliar suas oportunidades econômicas através de viagens para acessar recursos inexistentes ou de difícil acesso no ilha. Na maioria das vezes, é uma forma de desenvolver práticas de pequenos negócios privados e promover um mercado paralelo que nasce diante da permanente escassez econômica de Cuba. São essas práticas, juntamente com o efeito de longo prazo das remessas dos migrantes e a força dos laços transnacionais, que levaram ao desenvolvimento de certos tipos de relações socioeconômicas capitalistas informais para além do controle do Estado. Em 2011, Raúl Castro reconhece publicamente que: “hoje, a grande maioria dos emigrantes cubanos se encontra nesta situação por razões econômicas (...) quase todos preservam o amor à família e à pátria que os gerou e expressam sua solidariedade a seus compatriotas de diferentes maneiras” (CASTRO, 2011 *apud* ALFONSO; SÁNCHEZ, 2017).

Estas novas estratégias de mobilidade estão também ligadas à redução das possibilidades de acolhimento de imigrantes cubanos ilegais nos Estados Unidos (2017), que de certa forma eliminou o principal incentivo à emigração marítima de alto risco e deu origem ao desenvolvimento de outros projetos migratórios que, embora continuem arriscados (América do Sul, América Central como rota para os EU), também promovem uma maior seletividade (emigração qualificada, com mais recursos).

Tabela 1. Resumem das mudanças recentes no panorama migratório cubano

Acontecimentos no novo cenário migratório cubano (segunda década dos anos 2000)	Aspectos principais
2013- Uma reforma migratória cubana flexibiliza várias restrições migratórias, embora as medidas e regulamentações punitivas continuem sendo aplicadas à discricção pelas autoridades estatais.	- Eliminação do processo de solicitação de autorizações de saída (Carta branca) do governo para cubanos, embora permaneçam restrições para certos setores profissionais e pessoas regulamentadas pelo Estado. - Extensão de 11 para 24 meses do prazo de autorização para que os cubanos permaneçam no exterior sem perder seus direitos de residência em Cuba. - Eliminação do confisco imediato dos bens dos emigrantes. - Permite que cidadãos cubanos “emigrados” realizem um processo de “repatriação” legal para recuperar seus direitos de residência perdidos em seu país por incumprimento dos prazos de retorno.
2015 - Crise migratória cubana	- Após a eliminação da autorização de viagem emitida pelo governo cubano, a população começa a viajar para alguns países isentos de visto (principalmente na América Central e do Sul, como o Equador, ou Rússia na Europa), seja para fazer compras para desenvolver negócios na ilha, para seguir uma rota de migração alternativa para os EU ou para assentamento em diversos destinos. Como resultado, se produz uma crise migratória de milhares de cubanos varados na América Central, em novembro, 2015.
Janeiro, 2017- No contexto de uma reaproximação diplomática bilateral, Barack Obama anuncia o fim da política norte-americana de “pés molhados, pés secos” e do programa de acolhida para médicos cubanos no exterior.	- Desaparecem as “condições especiais” para imigrantes cubanos ilegais nos EU, mas permanecem ainda para os cubanos que chegam legalmente nos EU e ficam ao menos um ano, mesmo de forma irregular (Lei de Ajuste Cubano).

2017- 2021- Retrocesso das relações entre Cuba e os EU no governo Trump.	- Deslocamento dos serviços consulares dos EU, faz com que os cubanos devam viajar para outros países para realizar trâmites consulares, mesmo para solicitar vistos que muitas vezes são negados.
2018 - Medidas do governo cubano destinadas a viabilizar as relações com a diáspora.	-Autorização de entrada no país para cubanos que emigraram ilegalmente e foram proibidos de retornar por 8 anos. No entanto, a restrição permanece para os profissionais que emigraram durante missões de trabalho no exterior (médicos, esportistas, diplomatas etc.) sob missão de trabalho oficial (governamental). Médicos nesta situação só podem retornar ao país para reintegrar o sistema de saúde cubano. -Permite que crianças cubanas no exterior adotem a cidadania cubana.

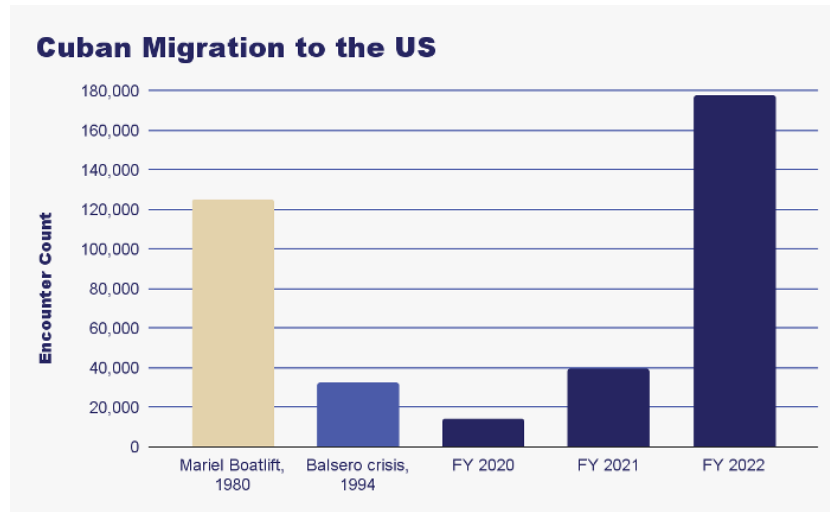
Fonte: Elaborado pela autora a partir de HERNANDEZ (2019)

Historicamente, as estratégias do governo cubano para lidar com situações de crise e descontentamento popular incluem a abertura de “válvulas de escape” (HERNANDEZ; MARQUES, 2019) que tomam a forma de grandes ondas migratórias (sucessos na embaixada do Peru e crise do Mariel; protestos do “*Maleconazo*” em Havana em 1994 e crise dos *balseros* etc.). Nessa mesma linha, após os protestos populares do 11 de julho de 2021 em Cuba, eliminou-se o requisito de visto para os cubanos entrar em Nicaragua, um país aliado do governo cubano. Assim, assistimos a um auge de saídas do país através desse destino intermediário (seguindo rotas pela América Central), que intensifica a tendência de diversificação de rotas migratórias desde 2013. Isto se relaciona também com fatores como são os efeitos de uma profunda crise político-econômica no país (pandemia, medidas econômicas falidas, movimentos de oposição que ganham visibilidade na internet, protestos populares inéditos etc.) (LIMA, 2021).

Entre 2021 e 2022 assistimos a um dos maiores êxodos migratórios no período revolucionário. No ano fiscal de 2022 (até julho) se registraram 177.848 “encontros” com migrantes cubanos e requerentes de asilo na fronteira dos Estados Unidos. Apenas sete meses após o início do ano fiscal de 2022, a migração cubana para os EU eclipsou as duas maiores ondas

anteriores de emigração da ilha, a crise de Mariel em 1980 e a crise dos “balseros” de 1994, combinadas.

Figura 1. Número de imigrantes cubanos que arribaram recentemente à fronteira americana (Anos Fiscais 2020, 2021 e 2022), em comparação com as maiores crises migratórias cubanas (Crise do Mariel, 1980 e Crise dos Balseros, 1994)



Fonte : Elaborado pelo Center for Democracy in the Americas (CDA) com dados de U.S. Customs and Border Protection (CBP)²⁰

1.1.3 Imigração cubana histórica para os Estados Unidos (Miami), expansão dos destinos/rotas migratórias e fortalecimento de laços transnacionais

Os movimentos massivos de cubanos para os Estados Unidos durante décadas levaram à formação de uma grande diáspora cubana nesse país (Miami e Flórida basicamente), caracterizada pela heterogeneidade interna em relação aos diferentes perfis e gerações de imigrantes, com variações de origem social, relações com o governo socialista e tipos de vínculo com a pátria, de acordo com cada etapa migratória. Assim, prevalece hoje uma espécie de identidade híbrida, a dos "cubanos-americanos", cujo vínculo com Cuba se constrói na encruzilhada entre a nostalgia, a crítica política ao governo cubano, a dependência econômica que muitas vezes os torna

²⁰ Fonte: CDA, 2022, disponível em : <https://www.democracyinamericas.org/us-cuba-news-brief/2022-08-16/cuban-migration-surpasses-mariel-and-balsero-crises-combined> . Mostramos esses dados apenas de forma representativa do impacto das diferentes crises migratórias, mas sabemos que um estudo mais aprofundado sobre o tema requer uma avaliação sobre como esses dados são produzidos e analisados.

"responsáveis" por aqueles que permaneceram na ilha, bem como diversos afetos que devem ser (re)elaborados neste espaço transnacional.

De qualquer forma, é possível afirmar que os laços afetivos, econômicos e culturais entre a população cubana dentro e fora do país ultrapassam os limites do controle estrito das autoridades insulares sobre as formas de vida e as subjetividades cotidianas dos cubanos. A cristalização da cultura migratória no país e o aprofundamento das relações transnacionais estão dando origem a novas relações econômicas e sociais. As noções de bem-estar e projetos de vida emergem do efeito de longo prazo das remessas familiares e da experiência migratória coletiva que desafia a suposta coesão unipartidária do processo socialista revolucionário (ECKSTEIN, 2009).

Figura 2. Imagens de arquivo (década de 1980) e meme (2022) que indicam a mudança do papel dos emigrados em Cuba, da rejeição à dependência econômica transnacional



Fonte: As imagens de arquivo (a e b) ilustram as manifestações populares de repúdio contra os emigrados no período da crise migratória do Mariel (década 1980), e a terceira imagem (c) é um meme baseado nas imagens dessa época. São materiais compartilhados no Facebook por cubanos imigrantes em Montreal.

Historicamente, a maioria dos estudos sobre a migração cubana se concentra nos deslocamentos para os Estados Unidos e na dinâmica da diáspora cubano-americana (PORTES, 1984; ARBOLEYA, 2015; DUANY, 2005; ECKSTEIN, 2009), de acordo com os padrões que

prevalecem no panorama migratório cubano. No entanto, as recentes transformações nesse sentido indicam que se faz necessário explorar outros contextos migratórios que revelam diferentes nuances desse fenômeno, além do modelo histórico. Embora todo estudo relacionado a este tema envolva a compreensão da dinâmica migratória cubana em torno da comunidade cubano-americana, é necessário compreender que a emigração, como projeto de vida familiar e individual, e como realidade social em Cuba, atualmente ultrapassa o estrito quadro da relação entre Cuba e os EUA.

Embora Miami seja hoje o epicentro da diáspora cubana global e o cenário político e cultural que mais impacta na formação dessas relações transnacionais, encontramos cubanos dispersos também em vários países do mundo. Alguns estudos recentes mostram a realidade em alguns dos principais destinos como Espanha (GARCÍA-MORENO; MUÑOZ, 2012), e mais recentemente Equador (CORREA, 2013; ALFONSO; SÁNCHEZ, 2017). Por outro lado, o Canadá permanece um contexto ainda não explorado em profundidade pela pesquisa, apesar do fato de que ele tem sido um dos principais destinos da migração cubana.

De fato, as primeiras observações desta pesquisa mostram que a comunidade cubana com a qual tivemos contato em Montreal mantém laços estreitos com cubanos que emigraram para os Estados Unidos, particularmente para Miami (através de familiares, amigos, viagens frequentes, tomando esta cidade como um lugar de contato mais direto com Cuba etc.). Essa constatação nos faz refletir sobre a forma como o fenômeno transnacional cubano já não se reduz apenas aos fluxos entre dois países, mas à uma experiência de superposição de vários lugares de passagem e ancoragem através do tempo.

Além disso, estamos interessados em explorar a natureza desses vínculos no contexto da recente expansão digital em Cuba e como isso atravessa as formas de vida cubanas para além do território geográfico da ilha; levando em conta não apenas a historicidade da migração cubana e suas múltiplas dimensões, mas os rituais e histórias que contribuem para criar arranjos neste espaço transnacional. A construção do imaginário migratório cubano ao longo de várias décadas e a redefinição das fronteiras no contexto de ampliação das possibilidades de acesso às TICs em Cuba devem ser analisadas à luz da dicotomia interior-exterior que sustenta historicamente o projeto da Revolução Cubana e delimita um espaço (geográfico, simbólico) totalizador e redutor das formas de pertencimento à nação.

A importância do fenômeno migratório cubano e a transnacionalização da sociedade hoje constituem conflitos que desafiam o atual sistema sociopolítico-econômico da ilha, apesar das recentes reformas adotadas e das tentativas do governo de construir espaços de aproximação com setores da comunidade da diáspora. Ao mesmo tempo, a naturalização da migração como único projeto de vida percebido por muitos jovens destaca a presença de um imaginário transnacional no seio das novas gerações de cubanos, apesar do controle que o Estado ainda exerce sobre os corpos, recursos e ideias que atravessam a fronteira nacional. Essa realidade não fica limitada atualmente ao conflito bilateral Cuba-EUA nem a conjunturas migratórias específicas, mas permeia diversas esferas da sociedade, projetos de vida e formas de subjetividade.

1.1. 4 Breve panorama do contexto migratório no Canadá

Cerca de 23% da população canadense é imigrante, de acordo com o censo de 2021 (STATISTICS CANADA, 2022a; 2022b). O Canadá é um país formado por várias ondas de migração ao longo da história, devido sobretudo à dinâmicas populacionais que condicionam uma grave falta de mão de obra. Em um contexto que combina uma ampla variedade multicultural com influências socioeconômicas da Europa e Norte América, esse país torna-se um cenário particular para o estudo do entrecruzamento entre processos comunicacionais e migratórios. Na cidade de Montreal, no Quebec, observamos não só essa paisagem multiétnica, mas também a forte influência francesa e um contexto bem mais bilingue que no resto do país. Só as cidades de Toronto e Montreal concentram em torno do 50 % dos cubanos no Canadá (STATISTICS CANADA, 2022a; 2022b), mas é preciso notar que a cidade francófona é menor em extensão e densidade populacional, o que implica uma diferença na distribuição e localização desse grupo diaspórico.

Tabela 2. Imigrantes cubanos e população das principais regiões de assentamento no Canadá, 2021²¹

Regiões	Total population	Total migrantes cubanos (status e períodos)	Não-imigrantes	Imigrantes	Antes de 1980	1980 à 1990	1991 à 2000	2001 à 2010	2011 à 2021			Não residentes permanentes
										2011 à 2015	2016 à 2021	

²¹ Esses dados referem-se apenas a pessoas nascidas em Cuba (primeira geração de imigrantes).

Canadá	36,991,981	21 240	575	19 545	370	645	2 895	7 670	7 960	4 655	3 305	
Província Québec	8,501,833	7 605	210	6 840	50	145	885	2 235	3 520	2 120	1 400	555
Cidade Montreal	4,291,732	5 835	130	5 300	50	120	695	1 740	2 690	1 655	1 035	405
Província Ontário	14,223,942	10 340	300	9,660	275	400	1,615	4,185	3,185	1,835	1,345	380
Cidade Toronto	6,525,393	6 050	160	5,685	165	230	890	2,585	1,815	1,085	735	200

Fonte: Elaborada pela autora a partir de Statistics Canada (2022a 2022b)

A política de imigração canadense, orientada para um grupo étnico de origem anglo-saxônica) no início do século XX, posteriormente privilegiou a taxa de desemprego como o principal indicador a seguir, especialmente não o setor agrícola. Após a Segunda Guerra Mundial, o Canadá permaneceu um país amplamente dominado pela imigração britânica, enquanto a emigração francesa para Quebec era muito baixa desde o século XVIII (PARANT, 2001). Com a abertura de novos mercados e a escassez de mão de obra, as indústrias de mineração e agropecuária queriam facilitar o recrutamento fora do país e pressionaram o governo em 1947 a estimular um novo período de abertura à imigração (BOYD; VICKERS, 2000; PARANT, 2001).

Para atender às reais demandas e necessidades do mercado de trabalho, em 1967 foi estabelecido um sistema de seleção de pontos para contratação de trabalhadores estrangeiros. Idade, nível de escolaridade, formação profissional, conhecimento das línguas oficiais do país, entre outros aspectos, passaram a ser os critérios básicos, uma vez que a origem étnica do migrante deixou de ser um fator relevante (PARANT, 2001). Em 1978, foi estabelecida uma nova lei de imigração que definiu três objetivos principais: facilitar a reunificação no Canadá de familiares de residentes canadenses, respeitar os compromissos do país com a comunidade internacional em relação aos refugiados e facilitar a imigração econômica legal para satisfazer as necessidades da economia (BOYD, VICKERS, 2000; PARANT, 2001; CAMERON, 2004).

A imigração econômica foi dividida em duas categorias: trabalhadores qualificados e investidores. Na tentativa de compensar a queda da taxa de fecundidade, foi estabelecido um sistema de seleção baseado no acúmulo de pontos, pautado sobretudo por critérios de capital humano e, posteriormente, pelas necessidades do mercado de trabalho local. O sistema de pontuação para atrair trabalhadores altamente qualificados foi implementado pela primeira vez em 1967 e tem servido como um importante instrumento de recrutamento de imigrantes até hoje

(PARANT, 2001). No entanto, a partir de 2014, foi aplicada uma estratégia baseada na manifestação de interesse do candidato com base nas necessidades do empregador canadense. Dessa forma, prioriza-se o migrante que está mais próximo das necessidades do mercado de trabalho local (HAWTHORNE, 2016).

A partir dos anos 2000, a política migratória canadense é concebida no longo prazo, e não em termos de mercado de trabalho imediato ou visando exclusivamente a integração (BOYD; VICKERS, 2000; PARANT, 2001). Nesse sentido, a baixa fecundidade e uma economia pujante e com oferta crescente de empregos serviram de base para estimular a chegada de novos imigrantes, desta forma que taxa de desemprego cíclico do país deixou de ser um fator determinante na avaliação do número de chegadas anuais (PARANT, 2001).

Atualmente, existem três categorias principais de admissão migratória no Canadá (para obter residência permanente): *imigração econômica*; *reunificação familiar*; *refúgio e asilo político*. Os imigrantes na *categoria econômica* são selecionados por meio de diferentes programas de imigração vinculados ao sistema de pontos e podem ter diferentes perfis: trabalhadores qualificados, autônomos, investidores, candidatos do programa de experiência canadense ou selecionados pelas províncias, candidatos do programa de cuidadores com residência intradoméstica (“*Caregivers Program*”), bem como parentes próximos (cônjuge ou companheiro e filhos dependentes) (FRAGA, 2019).

A imigração pela via de *reunificação familiar* também permite o acesso ao status de residente permanente canadense para cônjuges e irmãos, bem como pais ou avós. No entanto, devido a um aumento exagerado na década de 1980, em 1995 o governo optou por limitar a reunificação a cônjuges e pais diretos (BOYD; VICKERS, 2000; PARANT, 2001). A diferença com a categoria anterior é que um imigrante econômico deve apresentar um único pedido (como requerente principal); enquanto um imigrante familiar deve ser patrocinado por um cidadão ou residente permanente canadense. Além disso, há um limite de idade para ser considerado filho dependente, que pode ser aceito neste processo. Os requisitos para esse patrocínio variam de acordo com o tipo de relacionamento e o caso, já que algumas condições impostas pelo governo federal devem ser atendidas para que ele seja aprovado (FRAGA, 2019).

A terceira categoria migratória inclui os *solicitantes de refúgio*, aqueles selecionados e financiados pelo governo canadense, ou patrocinados por indivíduos, sob critérios humanitários (IRCC, 2019). Os *requerentes de asilo*, também neste grupo, já se encontram em território

canadense com uma autorização de residência temporária, aguardando uma resposta oficial ao seu pedido. Ao contrário de um imigrante econômico ou familiar, que pode optar por se estabelecer permanentemente no Canadá, os refugiados são forçados a fugir devido a perigos para sua vida e segurança, principalmente por razões políticas, e não podem retornar ao seu país de origem. (IRCC, 2019)

Os dados disponíveis do governo canadense mostram que a média anual do número total de pedidos de asilo processados pela Agência de Serviços de Fronteiras do Canadá (CBSA) e pelo Departamento de Imigração, Refugiados e Cidadania do Canadá (IRCC), entre 2011 e 2016, foi de cerca de 18.000 e esse número sobe para quase 50.000 em 2017 e cerca de 55.000 em 2018. No entanto, o número médio anual de solicitações rejeitadas em comparação com as solicitações aceitas permanece em torno de 50% ao ano pelo Canadá (Immigration Board and Refugees). Apesar do medo de requerentes de asilo “falsos”, continua sendo relativamente difícil para imigrantes não autorizados chegarem e entrarem no Canadá (FRAGA, 2019).

A posição geográfica do Canadá favorece o controle dos fluxos migratórios e as fronteiras desse território, cercado por oceanos congelados e por uma única fronteira terrestre com os Estados Unidos. Isso torna a política de imigração mais fácil de direcionar e controlar para atrair pessoas que atendam a critérios pré-determinados pelo governo canadense. Essa possibilidade de controle rigoroso dos fluxos em seu território permitiu que o país transformasse sua política de imigração em uma política de população (FRAGA, 2019).

Adicionalmente, há uma distinção entre a política de imigração de Quebec, a do Canadá e a de outras províncias. As particularidades da política quebequense estão essencialmente enraizadas na história, na língua e na cultura, orientada especialmente a favorecer a imigração francófona. Do ponto de vista legal, a seção 95 do Ato Constitucional (1867) estipula que a imigração é um dos raros poderes detidos pelos governos provincial e federal. Assim, os papéis são compartilhados de acordo com as questões de política pública. Entre 1971 e 1991, o governo de Quebec renegociou seus poderes provinciais quatro vezes para reivindicar mais autonomia em questões de imigração. Em 1991, essa província obteve o controle total sobre o processo de seleção de imigrantes econômicos, bem como sua integração e francização. Em outras palavras, Quebec pode gerenciar os volumes de entrada de seus futuros residentes permanentes, com base em seus próprios critérios de seleção.

O governo federal ainda está no controle dos casos de refugiados, do reagrupamento familiar e de qualquer questão relacionada à cidadania. Ele também financia o acompanhamento do apadrinhamento (pelo qual alguém apoia um membro da sua família imediata a tornar-se residente permanente) e integração, embora estes sejam geridos pela província. Os pedidos de imigração temporária - mudança para o país para trabalho de curto prazo, estudos ou assistência médica - são gerenciados em conjunto por instituições provinciais e federais. Em colaboração com os setores de trabalho e educação, qualquer decisão federal sobre imigração temporária requer a aprovação detalhada de Quebec, como consentimento obrigatório (PROULX-CHÉNARD, 2006).

Assim, a comunidade diaspórica cubana é formada por imigrantes que chegam no país seja de forma temporária (estudos, trabalho, visita) ou permanente (imigração econômica, reunificação familiar), e cujas trajetórias estão ligadas a essas modalidades e condições impostas pelas políticas migratórias no Quebec e no Canada. Em Montreal encontramos cubanos e cubanas que obtiveram seu status de residência permanente a través de casamentos (reunificação familiar), pedidos de asilo político (uma vez que chegam no território sob outro status) e como imigrantes qualificados. Contudo, talvez o fato mais interessante que observamos nesse sentido é como essas trajetórias migratórias são feitas de caminhos irregulares e imprevisíveis que desafiam a categorização administrativa dessa população em movimento.

1.2 Comunicação e desenvolvimento recente das TICS em Cuba

O sistema midiático em Cuba é dirigido verticalmente pelo Partido Comunista de Cuba (PCC), de modo que o desenvolvimento da infraestrutura de telecomunicações e a produção simbólica nos espaços de comunicação são controlados por políticas governamentais. Isso significa, em primeiro lugar, que a “liberdade” conferida à rede digital deve ser entendida nesse contexto à luz das características do sistema político cubano e da economia política da comunicação em uma sociedade autoritária. (HERNANDEZ, 2019)

O ano de 1996 marcou o início do acesso de Cuba aos serviços de Internet, no entanto, duas décadas se passaram antes que sua expansão começasse. Em 2006, apenas 11,2% da população conseguiu acessar a rede de redes pelo menos uma vez (GIL, 2020). Em Cuba há apenas uma empresa monopólio estatal de telecomunicações que regula o acesso a telefones fixos, celulares e internet (ETECSA). Isso possibilita a aplicação de práticas restritivas de acesso à rede e a

implementação de leis que legalizam a vigilância estatal e sancionam determinados usos da internet.

Por outro lado, aspectos econômicos, como as limitações da infraestrutura tecnológica do país e os altos custos desses serviços para os cubanos, fazem com que o desenvolvimento das TIC em Cuba também revele níveis de desigualdade e estratificação socioeconômicas considerados incompatíveis com os ideais socialistas. O salário médio cubano tem oscilado entre 20 e 50 dólares (USD) mensais, sendo que o valor das ligações por telefone celular de 0,60 USD/min e a tarifa de 1 USD/hora de conexão à internet ou de 10 USD/1GB de dados de conexão muitas vezes são impossíveis de pagar pelos trabalhadores cubanos²².

Por isso, são os emigrados cubanos que geralmente arcam com os custos de comunicação de seus parentes (e até de seus amigos) na ilha. Não só porque pagam essas contas, mas também porque o governo cubano criou mecanismos para estimular esse financiamento das comunicações desde a diáspora, a través das chamadas “recargas internacionais” de crédito desde o exterior. Essa dinâmica mostra cada vez mais os fortes laços econômicos transnacionais (antes vinculados sobretudo ao envio de remessas e bens) que também influenciam as transformações da atual sociedade cubana. Em geral, entendemos que um estudo baseado na encruzilhada entre esses fluxos transnacionais e a ampliação das possibilidades de acesso às TIC em Cuba requer uma compreensão da evolução recente do contexto tecnológico e comunicativo.

1.2.1 Desenvolvimento limitado da TIC em Cuba na década de 2000 sob estrito controle do governo

Em geral, a expansão, gradual e controlada, da Internet em Cuba começou nos anos 2000 em espaços institucionais governamentais. A maioria dos usuários eram servidores públicos e alguns profissionais com acesso privilegiado para suas funções laborais. Também os turistas podiam acessar em alguns lugares, mas com custos elevados (hotéis e outros pontos turísticos).

²² As estimativas de preços apresentadas nesta pesquisa correspondem a um contexto anterior a janeiro de 2021, quando o governo cubano implementou uma reforma econômica que modificou os salários e o sistema de preços no país. A partir desse momento, Cuba vive uma época de alta instabilidade econômica, uma alta variabilidade cambial e altas taxas de inflação que distorcem o referencial de preços. Nesta pesquisa, tomamos a taxa cambial de 1 dólar = 25 pesos cubanos, que se manteve em Cuba durante muitos anos (até 2021). Atualmente (ano 2022), o valor do dólar no mercado paralelo alcança até os 200 pesos cubanos e existe uma ampla brecha entre os preços reais e os nominais.

Havia apenas uma precária conexão à cabo no país para acessar a internet e o alcance da telefonia fixa ainda é limitado em Cuba. Somente em abril de 2008 o governo autorizou o uso de telefones celulares por cidadãos cubanos residentes no país, a título pessoal, embora alguns deles já os tivessem sob o registro de amigos estrangeiros. No entanto, o custo deste serviço representou até seis vezes o salário médio cubano e, embora seja mais barato hoje, continua muito caro em comparação com a renda da maioria da população. (HERNANDEZ, 2019)

Assim, podemos dizer que o acesso às TICs em Cuba começou em espaços controlados pelo governo e por meio de contatos dos cubanos do exterior (migração e turismo). Além do acesso turístico, podemos identificar pelo menos dois outros ambientes e formas de conexão dentro do país que marcaram a primeira década dos anos 2000 em Cuba.

- Espaços institucionais e locais de trabalho: Salas de navegação (centros públicos de conexão) para uso da população (2008), sobretudo para acesso ao correio electrónico e páginas ancoradas no domínio nacional (.cu), sempre a preços elevados. Existia também acesso à internet em alguns locais de trabalho (empresas e instituições estatais), ora limitado ao uso de e-mail e sites nacionais, ora estendido à internet global (para educação, pesquisa ou serviços de informação e mídia). No entanto, práticas de controle de uso dos funcionários também foram implementadas nesses ambientes, apoiadas pela Resolução 127/2007 do Ministério de Tecnologia da Informação e Comunicação sobre Segurança de Computadores²³ que estipula como uma ilegalidade, por exemplo, o uso meios institucionais de acesso à internet (computadoras, acesso à rede) para expressar opiniões privadas ou para usos pessoais.

- Conexão doméstica autorizada para uso profissional: Profissionais selecionados nas áreas de saúde, educação, arte e jornalismo, bem como vários funcionários do governo, podiam ter uma conexão com fio em casa, principalmente com acesso a e-mail (de um servidor nacional)²⁴ e sites de domínio nacional, o que era chamado de “intranet”. Este tipo de acesso diferenciado tem gerado a prática de “gambiarra” que permitem partilhar o rede com vizinhos, ou mesmo o uso comercial ilícito desse acesso a contas institucionais. As pessoas com este tipo de acesso “privilegiado” também podem atuar como intermediárias nas trocas de comunicação dentro das famílias transnacionais graças a um endereço eletrônico em casa (GARCÍA-MORENO; MUÑOZ, 2012).

²³ Disponível em: <https://goo.gl/WTGzIY>

²⁴ Entre as principais redes estão o servidor Infomed (para profissionais de saúde) e o servidor Cubarte (para artistas e escritores vinculados ao Ministério da Cultura).

De um modo geral, pode-se dizer que entre 2005 e 2007, as interações em ambientes virtuais começaram a proliferar em Cuba, com o surgimento de publicações digitais, blogs e as primeiras polêmicas na esfera virtual. No entanto, apesar de já existirem vias paralelas de acesso a internet, trata-se sobretudo de um grupo de usuários pertencentes a uma elite intelectual e funcionários do governo, com navegação quase exclusivamente restrita aos sites nacionais e com o correio eletrônico como a ferramenta digital mais relevante. (PADILLA; HERNANDEZ et al, 2017)

1.2.2 Extensão das possibilidades de acesso à internet através de redes Wi-Fi e telefonia celular (2014-2019...)

No contexto das reformas realizadas pelo governo de Raúl Castro (2008-2018), surgem outras possibilidades de acesso à internet e uso das TICs em Cuba²⁵. O chamado processo de "informatização da sociedade", no entanto, não se reduz apenas à liberalização gradual do acesso à rede no país, mas também expressa condições de desenvolvimento que evidenciam novas dinâmicas de consumo, uma estrutura social em evolução, a centralidade dos vínculos transnacionais na realidade cubana de hoje e a persistência do controle governamental sobre o acesso e uso dos espaços de produção e circulação comunicacional.

Além das conexões institucionais, domésticas e profissionais acima mencionadas, o novo panorama incorpora formas cada vez mais individualizadas de acesso à rede. Assim, vemos como os espaços e as formas de conexão transitam de ambientes estritamente institucionais para os espaços públicos, o lar e o uso individual no celular. No entanto, essas novas possibilidades não devem estar diretamente vinculadas ao acesso livre e total da população às TICs, pois persistem diversos constrangimentos que condicionam qualitativa e quantitativamente essas práticas digitais. A forma como o serviço é implementado reflete sempre os limites de dimensão econômica, em termos de monitorização e controle de fluxos, bem como restrições de navegação na web.

No plano econômico, os preços dos serviços continuam descompassados no que diz respeito aos salários médios dos trabalhadores cubanos do setor público (predominante), o que de alguma forma determina o perfil dos internautas que têm mais possibilidades de acesso. Ao se ampliarem as possibilidades de acesso para a população geral e com altos custos, a questão principal da

²⁵ "Ampliar as condições de acesso às TICs" não necessariamente conduz a ampliar o acesso", pois consideramos que existem diferenças entre os aspectos infraestruturas e legais que permitem o acesso (ex. existência da rede, autorização de utilização etc.) e as possibilidades reais dos sujeitos de acesso às TIC (ex. limitações econômicas, vigilância governamental, monopólio estatal, qualidade da conexão etc.)

autorização governamental de utilização de internet para certos grupos deixa de ser o critério de conectividade. Essa conexão já não fica somente atrelada a privilégios institucionais (profissionais e servidores públicos), mas incorpora um grupo de usuários com maiores níveis de ingressos econômicos que possibilitam pagar essas tarifas (do setor privado, que recebem remessas de emigrados). Há uma mudança significativa no tipo de usuário médio na web cubana, já que as pessoas com maiores possibilidades econômicas (portanto com maior acesso à internet) no país não provêm geralmente do setor de trabalho profissional.

Após um período de ampliação das condições de acesso à rede a través da conexão de dados celulares, em janeiro de 2022 se registram 7,69 milhões de usuários de internet em Cuba e uma taxa de penetração da internet de 68,0% da população total (KEMP, 2022). No entanto, mantém-se a tendência a favorecer a navegação nacional (a menor custo) em detrimento da navegação internacional, enquanto o governo bloqueia determinados sites (URLs) que considera "subversivos" ou contrários à política oficial (por exemplo, meios digitais independentes na ilha, ONGs de apoio a movimentos sociais etc.). Além disso, as formas de conexão à internet (exceto a conexão celular por dados 3G) são configuradas para que o usuário forneça primeiro seus dados de identificação (nome de usuário e senha) em um portal do servidor nacional (Nauta) e a partir daí possa acessar à rede internacional.

1.2.3 Economia política da comunicação no acesso às TICs e vínculos migratórios transnacionais

Ainda que o financiamento diaspórico das telecomunicações possa ser uma dinâmica presente em vários países com cenários semelhantes (MATTELART, 2009), duas características específicas do contexto cubano devem ser destacadas. Em primeiro lugar, as mudanças no papel dos emigrantes na sociedade cubana permitiram que eles passassem de um lugar de exclusão política para uma crescente participação econômica. Por outro lado, essa participação se deve tanto às remessas quanto aos mecanismos implantados pelo monopólio da empresa de telecomunicações de Cuba a través das recargas telefônicas internacionais²⁶.

²⁶ A empresa ETECSA e sua filial Cubacel (telefonía celular) oferecem promoções para recargas internacionais feitas do exterior para linhas celulares pré-pagas (modo dominante em Cuba) de cubanos dentro do país. O valor da recarga fora (por exemplo 20 USD) inclui um bônus de 20USD ou mais (válido por 30 dias) e variando as condições específicas da sua utilização, em termos de quantidade de minutos, SMS, se podes ou não e usar para conexão à internet etc.

Trata-se de uma estratégia direcionada especificamente para a arrecadação de divisas dos pelo governo, dada a estreita ligação de uma grande diáspora cubana com o país de origem construída ao longo de várias décadas de emigração. Uma pesquisa recente (ALFONSO; SÁNCHEZ, 2017, p.22) mostra como os imigrantes cubanos no Equador recarregam sistematicamente a conta de telefone celular de pelo menos um membro da família em Cuba e se comunicam com eles pelo menos uma vez por dia porque “a família está lá”, “é nosso país” e qualquer mudança na situação nacional pode afetar sua situação migratória, as propriedades, os negócios e o projeto de vida que eles ainda mantêm lá.

A partir dessas recargas, vemos o surgimento de plataformas digitais que promovem esses vínculos entre emigrados e suas famílias na ilha, facilitando a realização dessas transações e também a possibilidade de conexão direta a Cuba a preços vantajosos.²⁷ Embora ofereçam serviços para vários países, essas plataformas são gerenciadas principalmente a partir de Miami, o tradicional enclave da diáspora cubana, e com a colaboração de profissionais que migraram para diferentes partes do mundo. De acordo com o site da ETECSA, os locais físicos onde são realizadas as recargas do exterior coincidem com os principais destinos migratórios cubanos²⁸. No entanto, estas plataformas não estão entre os sites digitais indicados como parceiros oficiais da empresa devido ao fato de que operam fora do controle do governo e também desenvolvem outros serviços de informação e comerciais que desafiam as estruturas “oficiais” autorizadas em Cuba (HERNANDEZ, 2020).

Ainda que essas plataformas tenham sido criadas para possibilitar a comunicação transnacional dos cubanos, vemos que são habilitadas também para realizar outras funcionalidades de comunicação: aplicativos informativos e blogs sobre o que está acontecendo em Cuba e nas comunidades da diáspora (geralmente sensacionalistas ou de oposição ao discurso oficial cubano); uso de celebridades artísticas cubanas (de dentro ou de fora de Cuba) em campanhas de marketing; desenvolvimento de empreendimentos comerciais desta comunidade transnacional (expedição de pacotes e compras, serviços turísticos etc.). Desta forma, as plataformas transnacionais que surgem da articulação entre vínculos migratórios e o recente acesso às TICs tornam-se centros de produção, regulação e circulação desses fluxos transnacionais paralelos ao poder absoluto do governo da ilha,

²⁷ Algumas dessas plataformas são: <https://www.cuballama.com/>; <https://www.cubatel.com/>; <https://www.dimecuba.com> etc.

²⁸ Ver em: http://www.etcusa.cu/telefonía_movil/recargas/

tanto na rede tecnológica, quanto no contexto da comunicação política e do comércio transnacional e diaspórico (HERNANDEZ, 2020).

1.2.4 Censura, limitações econômicas e práticas digitais da “gambiarra” pelos cubanos

A intervenção estatal durante décadas na regulação da vida pública e privada dos cubanos e as limitações e direitos econômicos também gerou uma certa cultura de "gambiarra" como meio de sobrevivência ou mesmo como um gesto político mínimo e prática de resistência em Cuba (HERNÁNDEZ; ALTHEMAN et al, 2018). Assim, os cubanos encontraram outras formas de comunicação através da internet e de acesso a conteúdos digitais com distribuição limitada no país, os chamados “*paquetes*”, que também exprimem uma articulação entre o uso das TICs e o fortalecimento do transnacionalismo na Ilha²⁹ (SOARES; ZANFORLIN, 2021). No caso do acesso à internet, por exemplo, uma prática comum desenvolvida recentemente consiste na partilha de um “tempo de conexão” pago nas zonas com acesso Wi-Fi. Um usuário que paga sua taxa de acesso na rede pode compartilhar esse serviço com outras pessoas conectadas a uma pequena rede criada entre dispositivos próximos, por meio de aplicativos como o *Connectify Hotspot* (MARQUES; HERNANDEZ, 2020).

Com a ampliação do uso individual e mais liberado da conexão de dados 3G no país, aparecem também um conjunto de normas jurídicas do Ministério das Telecomunicações para regular esses usos. O Decreto-Lei 370 de julho de 2019³⁰, por exemplo, estipula como uma violação da legalidade a transmissão “via redes públicas de transmissão de dados, informações contrárias ao interesse social, à moral, aos bons costumes e à integridade das pessoas” (artigo 68, inciso I). Esta regra pode ser aplicada sob critério das autoridades para impor uma multa de até 3.000 pesos cubanos (120 USD na época, ou seja, seis vezes o salário médio mensal dos cubanos) a usuários que usem as redes sociais para questionar politicamente o governo e fazer ativismo político de oposição.

²⁹ O chamado “pacote” é um dos exemplos mais relevantes, uma forma de consumo cultural alternativo em que qualquer pessoa com acesso privilegiado a uma rede ou conexão via satélite (também proibida no país) agrupa “pacotes”, ou seja, conjuntos “digitalizados” de conteúdos audiovisuais, musicais, informativos, publicitários, para crianças etc.; que são distribuídos em discos rígidos através de uma rede informal de distribuidores domésticos e faturados pelo serviço de acordo com o volume de dados transmitidos (por exemplo 1 Gb = 5 USD). (SOARES, ZANFORLIN, 2021)

³⁰ Disponível em: <http://juriscuba.com/decreto-ley-no-370/>

Durante os protestos massivos do 11 de julho de 2021 (LIMA, 2021), o governo cubano cortou totalmente o acesso à internet em todo o país. Meios internacionais e agências de observação de direitos humanos e direitos digitais denunciaram esse evento, que foi confirmado pelo internauta na ilha (YUCABYTE, 2021). Essa tinha sido uma prática das autoridades cubanas aplicada fundamentalmente a ativistas, jornalistas independentes e membros da oposição política, mas que se estende atualmente como prática colectiva, na medida em que também as ações de protestos se tornam cada vez mais frequentes e populares, como as jornadas de protestos de setembro de 2022 pela falta de energia elétrica (INFOBAE, 2022). Nesse contexto de transformações da ação política no espaço público, ligada ao desenvolvimento das TICs e os laços transnacionais, a comunidade diaspórica cubana desempenha um papel fundamental no financiamento dessa comunicação online e na visibilização e denúncia do silenciamento digital no país.

Assim, a comunidade transnacional cubana protagoniza campanhas destinadas a rejeitar o caráter arbitrário e ilegítimo dessas práticas de censura digital aplicadas pelas autoridades cubanas. Como vimos nas manifestações de cubanos migrantes pelo mundo após os protestos do 11 de julho (incluindo Montreal e outras idades canadenses). Se levarmos em conta que a crítica social não mais se baseia apenas no conhecimento de uma pequena elite da população, mas também nos pontos de vista indivíduos e coletivos mais ou menos organizados” (GEORGE, 2014, p.13), resta saber como essas atividades desempenharão um papel na vida cotidiana dos cubanos “comuns” – e não dos ativistas, intelectuais ou ativistas mais visíveis – em suas práticas e usos cotidianos da internet.

A partir desse mapeamento do contexto migratório e comunicacional recente na ilha, abordamos no seguinte capítulo as bases teórico-metodológicas que orientam esta pesquisa. A partir dessa articulação de fluxos migratórios e digitais que configuram dinâmicas transnacionais dos cubanos hoje, avançamos para uma reflexão sobre como essas duas áreas de estudo (migração e comunicação) se articulam no plano teórico. Nesse sentido, observamos que as dimensões espaço-temporais dessa existência atravessam tanto o contexto explicado acima, quanto as reflexões teóricas que propomos a continuação, a partir do conceito principal de *heterotopia*. Da mesma forma, apresentamos a abordagem metodológica da pesquisa, marcada por uma vocação etnográfica de aproximação sensível com o espaço e os sujeitos que sustentam este trabalho.

CAPÍTULO 2. Deslocamentos teóricos: heterotopias, dispositivo e experiência no eixo comunicação-migração

*O impossível não é a vizinhança das coisas:
é o sítio mesmo em que poderiam ser vizinhas.*

Michel Foucault³¹

2. 1 Migração e comunicação: dos estudos culturais à teoria transnacional

No campo dos estudos situados na encruzilhada entre os processos de migração e comunicação, Mirca Mandianou (2014) identifica duas gerações de pesquisa. Uma primeira fase tinha o objetivo de compreender os processos de representação midiática do multiculturalismo através da análise das manifestações do racismo em contextos ocidentais; bem como por meio de análises da produção midiática vinculada aos processos migratórios, tanto na estruturação do discurso jornalístico quanto no conteúdo gerado pelos próprios migrantes. As particularidades da circulação e consumo midiático desses discursos na comunidade diaspórica e nas sociedades de acolhimento também foram trabalhadas.

Mais recentemente, ela acredita que a proliferação de novas mídias abriu um segundo programa de pesquisa que visa ir além das questões de identidade e busca aprofundar na análise das práticas de comunicação nas relações transnacionais. Assim, uma segunda onda de estudos se concentra nos fluxos de comunicação possibilitados pelas novas mídias entre comunidades, instituições e famílias transnacionais. O que Mandianou tenta ressaltar é a evolução dos estudos da área a partir da crescente centralidade na dimensão sociotécnica do processo migratório. Nesse viés, observamos a proliferação de pesquisas sobre usos das mídias sociais na diáspora, sobre as comunidades virtuais e criação de conteúdos digitais pelos migrantes; assim como a mobilização política de vínculos transnacionais a partir do uso das TICs (COGO et al, 2012; COGO, 2019; MELELLA, 2016; HAMEL, 2009).

Embora Mandianou procure chamar a atenção para as formas pelas quais as pesquisas podem enfatizar um ou outro ângulo de análise, acreditamos ser necessário ter cuidado com esses

³¹ (FOUCAULT, 2008, p.2)

tipos de demarcações, a partir de uma explicação baseada em uma cronologia evolutiva. Os problemas e fenômenos estudados nesse campo coexistem e podem mobilizar conjuntamente as duas abordagens mencionadas por Mandianou.

Certamente, com o desenvolvimento generalizado dos meios de comunicação e transporte no final do século XX e o surgimento do campo de estudo sobre o fenômeno do transnacionalismo, as diásporas tornaram-se representativas dessa nova era marcada pelo adensamento de fluxos em escala mundial (MATTELART, 2009). É justamente a centralidade dos fluxos no mundo contemporâneo que emerge na obra fundadora de Arjun Appadurai (1996), *Modernity at large*, ao se referir às diversas mobilidades que vivenciamos hoje: pessoas (ethnoscapes), finanças (financescapes), tecnologias (technoscapes), informação de mídia (mediascapes), ideias, símbolos e histórias (ideoscapes). É interessante notar as distinções feitas por Appadurai entre technoscapes e mediascapes. As tecnologias, segundo ele, referem-se principalmente a infraestruturas, artefatos e materiais que facilitam a velocidade das transmissões de informações e fluxos culturais; enquanto a dimensão midiática refere-se à agilidade de divulgação de informações pelo mundo.

Duas décadas depois dessas reflexões, é possível pensar, por outro lado, como esses fluxos se articulam, revelando uma maior complexidade dos fenômenos sociais contemporâneos. As tecnologias podem contribuir para a circulação midiática, humana, financeira e ideológica; enquanto a mídia também configura essas outras formas de mobilidade e até impacta como as histórias são produzidas e compartilhadas. Por fim, trata-se de mudanças em nossa experiência de tempo e temporalidades; bem como novas formas de conexão com o espaço, em meio a regimes de interconectividade e mobilidade em expansão que entrelaçam ambientes físicos e virtuais (MARTIN-BARBERO *apud* RICON, 2019; KANE; AGBOBLI, et al, 2013).

Os processos de comunicação desempenham um papel essencial nessas articulações, assim como as migrações contemporâneas, como um fenômeno social complexo e de amplo alcance espaço-temporal. À medida que crescem os imaginários globalizados, o projeto absoluto do Estado-nação que sustenta a "comunidade imaginada" como a conhecemos até agora, segundo Benedict Anderson, pode ser desafiado pelas "transformações das subjetividades cotidianas" (APPADURAI, 1996, p.10). Resta saber como essas novas subjetividades (com dimensão transnacional) permeiam os espaços públicos, afetam a reorganização das experiências coletivas e “impactam” a reorganização da vida política nos diferentes contextos do momento histórico em que vivemos.

Pesquisas que abordam processos migratórios no campo da Comunicação têm uma base teórica principalmente ancorada na tradição dos Estudos Culturais, sobretudo pela centralidade do conceito de *diáspora*³² para compreender o hibridismo cultural que caracteriza as interações sociais ligadas à experiência migratória. Assim o indica um mapeamento dos trabalhos acadêmicos que envolvem a temática migratória no campo da Comunicação Social no Brasil, mostrando também como recorrentes nesses estudos as categorias de *fronteira, identidade, memória, narrativa e comunidades* (ELHAJJI; ESCUDERO; 2017). Assim, as pesquisas nessa área tendem a focar nas relações sociocomunicativas que os imigrantes elaboram nas sociedades de destino, sua inserção e as representações midiáticas que fazem parte da construção discursiva da figura do imigrante. Há aqui uma preocupação central com a diferença intercultural nas sociedades marcadas pela ampliação do fenômeno migratório em escala mundial.

No intuito por articular uma pesquisa entre a comunicação e as migrações, aparecem inevitavelmente categorias centrais como a diáspora, o transnacional, o exílio, dentre outras associadas ao campo das mobilidades, que atravessam as práticas e narrativas analisadas. Contudo, não seria possível explorar todas elas em profundidade no marco desta tese. Nesse sentido, optamos por apresentar apenas algumas ideias básicas que nos parecem relevantes para compreender o objeto de pesquisa que abordamos.

A noção de diáspora, como afirma Robin Cohen ([1997] 2001), varia muito, é frequentemente usada casualmente, de forma não teorizada ou subteorizada, apesar de ser bastante usada em vários campos disciplinares. O autor refere-se aos distintos significados que este termo adquire ao longo de sua evolução e segundo os contextos analisados. Os antigos gregos pensavam em diáspora como migração e colonização; para judeus, africanos, palestinos e armênios a expressão adquiriu um significado mais sinistro e brutal. Cohen refere-se à associação da diáspora com um trauma coletivo, entre o sonho com o lar e a vivência do exílio. No entanto, afirma, povos que também mantiveram fortes identidades coletivas definiram-se recentemente como diásporas, embora não tenham uma ligação direta com processos de colonização ou sofram a perseguição.

³² Do grego “*dispeirein*”, que significa “*dispersão*”. No SXIX, o termo (com maiúscula e em singular) fazia referência à história de dispersão dos judeus fora da Palestina; e já na década de 1980, as “*diásporas*” (com minúscula e em plural) visa incorporar novos significados que emergem das mudanças sociais, passando de uma formação de grupo fechado (pureza) para uma concepção das diásporas como comunidades híbridas (mistura). Assim, há uma evolução que passa pelas diásporas clássicas, os povos migratórios, os povos-mundo, dispersos em vários Estados (gregos, índios, chines, armênios); até o que é chamado hoje de “*novas diásporas*”, grupos estabelecidos no estrangeiro (Canadá, Nova Zelândia, Austrália, Estados Unidos) (STOICIU, 2013, p.10).

(..) todas as comunidades diaspóricas estabelecidas fora de seus territórios natais (ou natais imaginados) reconhecem que “o velho país” – uma noção muitas vezes enterrada profundamente na linguagem, religião, costumes ou folclore – sempre tem alguma reivindicação sobre sua lealdade e emoções. Essa reivindicação pode ser forte ou fraca, ou ousada ou mansamente articulada em uma determinada circunstância ou período histórico, mas a adesão de um membro a uma comunidade diaspórica é demonstrada pela aceitação de um vínculo inevitável com sua história de migração passada e um senso de co-etnia com outros de antecedentes semelhantes. (COHEN, [1997] 2001, p. ix)

No contexto recente de Cuba, como vimos no primeiro capítulo, a historicidade migratória mostra fundamentalmente um fluxo concentrado para os Estados Unidos e ampliado a outros destinos mais recentes, assim como uma transformação de significações que acompanham o próprio processo sociopolítico da Revolução cubana. No entanto, não buscamos exatamente definir ou compreender essa dinâmica em toda sua complexidade, mas observar sobretudo os processos comunicacionais, ou seja, simbólicos e intersubjetivos, que estão ligados a esse fenômeno social. Lembramos que o processo migratório pode ser estudado desde diferentes perspectivas que enfatizam ora suas dimensões sociológicas, políticas, econômicas etc.

Gina Stoiciu (2013) argumenta que, apesar da “dispersão” e “difusão” que permeiam etimologicamente essas primeiras populações em movimento, os processos de globalização hoje lhe conferem outros significados. Embora a noção de diáspora se refira antes de tudo tradicionalmente à história dramática das perseguições com que o povo judeu foi confrontado e à ideia de uma comunidade “imutável”; hoje em dia se relaciona também com uma experiência de hibridização, em particular graças às contribuições dos estudos culturais. Nesse sentido, é necessário também pensar para além da oposição binária entre nômades-sedentários, para destacar as interações (tanto nas sociedades de partida quanto nas sociedades de acolhimento) e o caráter relacional vinculado a esses processos; ou seja, centrar-se na sua dimensão comunicacional.

No contexto desta pesquisa, tomamos como referência a perspectiva de Kim Butler (2001), ao dizer que o conceito de diáspora pode ser visto não como uma etnia, mas como uma estrutura de abordagem para o estudo de processos específicos de formação de comunidades. Em sua abordagem, é importante atentar para a possibilidade de um sujeito pertencer a várias diásporas, enfatizando a importância de que a conceitualização do termo esteja apta a contemplar a realidade de identidades múltiplas, assim como fases múltiplas da diásporização ao longo do tempo. Segundo o mapeamento conceitual realizado pela autora (BUTLER, 2001, p. 192), parte significativa dos

pesquisadores da área concorda quanto a três características básicas para a definição do conceito de diáspora.

A primeira é a questão da dispersão populacional, que implica em uma disseminação para dois ou mais locais, em oposição a uma transferência para um destino único – considerado um pré-requisito fundamental, visto que esse modo específico de dispersão é o que permite a formação de vínculos entre essas populações em locais distintos. O segundo ponto listado pela autora é um relacionamento com uma terra natal, seja esta efetivamente real ou socialmente construída, que servirá como alicerce para o desenvolvimento da identidade diaspórica. A terceira característica apontada por Butler (2001) é a constituição da autoconsciência do grupo em torno de sua identidade, que não apenas mantém os sujeitos vinculados à ideia da terra de origem, como conecta esses sujeitos da diáspora entre si. Para a autora, a existência de uma identidade coletiva conscientemente mantida e construída se mostra fundamental para sua sobrevivência cultural.

Butler (2001) acrescenta ainda um quarto aspecto, ligado à dimensão temporal e histórica da diáspora, que é sua existência por um mínimo de duas gerações – do contrário, o fenômeno seria mais corretamente descrito como um exílio temporário do que como a constituição de uma diáspora propriamente dita. Na concepção da autora, diásporas são necessariamente multigeracionais, combinando a experiência migratória individual com a história coletiva de dispersão em grupo e a recriação de comunidades em outros locais.

Por outra parte, no intuito de abordar a complexidade dos fluxos na contemporaneidade, Sheller e Urry (2006) se referem a um “novo paradigma das mobilidades”, que evidencia algumas mudanças recentes na mobilidade. Uma delas, indicam os autores, sinalizam as mudanças materiais que parecem “desmaterializar” conexões, tudo o que está “em movimento” vai criando e refazendo redes em velocidade cada vez mais rápida em todo o mundo.

Há uma convergência cada vez maior entre transporte e comunicação, ‘mobilizando’ os requisitos e características da co-presença. E, no entanto, ao mesmo tempo, essa dependência de máquinas para o movimento significa que a vida é cada vez mais sedentária, mesmo quando as pessoas estão em movimento. (...) Esses “sistemas de mobilidade” estão desenvolvendo novas características. Eles são justamente muito mais complicados, compostos de muitos elementos e baseados em formas especializadas e misteriosas de conhecimento. (SHELLER; URRY, 2006, p. 21)

Nesse sentido, destacam-se os estudos que enfatizam na dimensão transnacional desses processos, que diz respeito às trocas e relações entre sujeitos e instituições através das fronteiras nacionais, intensifica-se devido aos processos de globalização, expansão dos meios de transporte e

das TICs. Contudo, entendemos que o processo de transnacionalização não significa a simples conexão entre unidades individuais, mas a reconfiguração de determinadas interações, espaços de atuação e (inter) subjetividades que não podem ser mais compreendidas apenas nos moldes da nação. A evolução dos estudos migratórios indica que o que antes era um fato isolado tem se tornado condição permanente de vida, que revela nuances dos contextos e relações de poder ligadas a essas experiências, de forma que os deslocamentos tradicionais, geralmente de mão única em direção aos países desenvolvidos, abrangem agora também movimentos migratórios circulares, de retorno, e a condição do trans-migrante (WERBNER, 2004).

A força heurística da perspectiva transnacional contribui para a compreensão das interações que se estabelecem em meio a esses fenômenos extremamente híbridos, complexos e dinâmicos. No âmbito das migrações, o transnacional está ligado também à crítica ao “nacionalismo metodológico”, termo que descreve a tendência em confundir o Estado-nação com o conceito de sociedade, ao conceber o processo social e histórico apenas contido dentro das fronteiras territoriais (SCHILLER, 2010). É preciso observar, contudo, que tais críticas não pretendem desconsiderar a relevância do Estado-nação, mas reconhecer que esse conceito não ocupa um lugar exclusivo como unidade de referência nos estudos migratórios.

A perspectiva transnacional tem sido usada desde o início dos anos 1990 como uma ferramenta de análise de fluxos de pessoas, bens, informações e símbolos atrelados a processos migratórios, de forma a se enfatizar a intensificação dos trânsitos e dos laços dos migrantes com os países de origem (VERTOVEC, 2009). Nesse sentido, Schiller et al. (1992) salientam também que um traço relevante do transnacionalismo é o aprofundamento das conexões entre os contextos de origem e de destino dos migrantes, ambos constituintes de um único *campo social transnacional*, onde se desenvolvem múltiplas redes e ações que abrangem dois ou mais países. Os fluxos que caracterizam essas relações são permeados por dimensões econômicas, como as remessas financeiras enviadas por migrantes para os países de origem, assim como as chamadas *remessas sociais*, que envolvem trocas simbólicas.

Por outro lado, Vertovec (2009) aponta que algumas limitações dos estudos do transnacional, de forma geral, devem-se ao fato de o termo ser confundido com outras dimensões e escalas como são “o global” ou “o diaspórico”, assim como sugere que a abordagem transnacional poderia continuar reforçando o modelo do Estado-nação, em vez de efetivamente ultrapassá-lo. Outros apontamentos críticos do autor ressaltam que não se deve considerar o transnacional como

a forma natural que adota a migração, pois, inclusive no interior de uma comunidade, existem diferentes práticas de passagem da fronteira; tampouco se deve assumir que as relações transnacionais hoje se reduzem meramente ao contato possibilitado pelo avanço das tecnologias e do transporte. Alguns autores têm colocado a necessidade de operacionalização dos diferentes níveis e tipos de transnacionalismo, a fim de se compreender quais seriam as unidades de análise apropriadas para se avaliar o desenvolvimento e o impacto desses processos em cada caso (PRIES, 2008; VERTOVEC, 2009). Assim, destacamos aqui abordagens que articulam essa área com estudos midiáticos e da comunicação.

Assim, a teoria transnacional adquire relevância na década de 1990, com destaque para o aprofundamento das conexões entre os contextos de origem e de destino dos migrantes; ambos os dois constituintes de um único *campo social transnacional* onde se desenvolvem múltiplas redes e ações que abrangem dois ou mais países (SCHILLER et al, 1992). Sob essa perspectiva, são valorizados os vínculos dos migrantes com os países de origem a partir do estudo de sua influência social, econômica e política, o que abrange desde as pesquisas sobre a *família transnacional* e as *remessas financeiras* até a atuação das diásporas na vida pública dos países de origem e acolhida.

As trocas comunicacionais, por exemplo, desempenham um papel central nos estudos sobre *remessas sociais*, formas de difusão cultural em nível local que são impulsionadas pela migração a partir das ideias, comportamentos, identidades e capital social que fluem do país receptor ao país de origem, através da comunicação entre migrantes e não-migrantes (em origem) (LEVITT, 1998). Assim, é possível se aproximar dos níveis de influência, as mudanças e transformações veiculadas por essas interações e trânsitos, a experiência dos sujeitos e as *comunidades transnacionais* através do tempo.

O adensamento dos vínculos transnacionais com as sociedades de origem está no cerne dos aportes de Peggy Levitt (1998) sobre as *remessas sociais*, formas de difusão cultural em nível local que são impulsionadas pela migração a partir das ideias, comportamentos, identidades e capital social que fluem do país receptor ao país de origem, através da comunicação entre migrantes e não-migrantes (em origem). Segundo a autora, o impacto dessas remessas pode ser tanto positivo quanto negativo e, ainda que não sejam diretamente responsáveis por reformas específicas, permitem captar níveis de influência, mudanças e transformações veiculadas por essas interações. É preciso salientar que as *remessas sociais* não são meras transmissões, pois estruturam-se a partir de processos de seletividade e reelaboração desses valores e práticas, na forma como são absorvidas,

encaminhadas e recebidas essas remessas pelos grupos que conformam determinada comunidade transnacional. Esses processos envolvem estruturas normativas (ideias, valores, crenças, normas de comportamento interpessoal, noções de responsabilidade intrafamiliar, princípios de participação comunitária etc.) e pelos sistemas de práticas (ações moldadas pelas estruturas normativas como são o trabalho doméstico, práticas religiosas, padrões de participação civil e política).

Tais contribuições originais de Levitt (1998) nos permitem repensar as particularidades desse fenômeno à luz das novas condições de interação no incipiente ambiente digital e contexto de múltiplas transformações, como é o caso de Cuba. Se antigamente os mecanismos de transmissão eram facilmente identificáveis nas cartas, ligações telefônicas, visitas, e restritos a espaços que muitas vezes não alcançavam dimensões públicas, a lógica das redes digitais claramente traz um desafio nesse sentido. Nesse viés, apontamos também a necessidade de se problematizar a conotação da palavra “remessas” como um fluxo unidirecional, já que abordamos essas relações transnacionais sob uma perspectiva relacional, ou seja, considerando práticas comunicativas e deslocamentos simbólicos em múltiplas direções e níveis de atuação social.

Para Guarnizo (2004, p. 17), o viver transnacional “envolve relações e práticas transfronteiriças que conectam os migrantes com suas sociedades de origem”, por meio de “um campo ativo e dinâmico de trocas sociais que simultaneamente envolve e afeta os atores (indivíduos, grupos, instituições) localizados em diferentes países”. É nesse viver transnacional que podem ser apreendidas as relações e práticas transfronteiriças, em “um campo ativo e dinâmico de intercâmbio social que envolve e afeta simultaneamente atores (indivíduos, grupos, instituições) localizados em diferentes países” (GUARNIZO, 2004, p. 17).

A relevância política desses vínculos e interações transnacionais, de acordo com Steven Vertovec (2005), tende a gerar, na maioria das vezes, ações associativas, participação na política partidária, apoio a iniciativas e campanhas a favor ou contra um governo em os países de origem. Em uma comunidade transnacional, segundo o autor, os vínculos com a pátria-mãe podem permanecer ativos ou potenciais, geralmente dependendo de eventos como desastres naturais, conflitos ou mudanças de governo, que tendem a desencadear tais afetos. Mattelart (2009) também

mostra como certos eventos mobilizam redes paralelas de informação, com modos de circulação e interpretação que podem desafiar os arcabouços midiáticos dominantes³³.

2.2 TICs e migração: limites e possibilidades de um campo de pesquisa emergente

De acordo com Dana Diminescu (2008), hoje estamos diante de um tipo de “migrante conectado”, porque vivemos atualmente imersos numa “cultura dos vínculos”, na qual “rupturas e continuidades somam uma mesma dinâmica” (p.569). O sujeito transnacional estabelece, assim, por meio de suas interações, novas formas de compreender a alteridade. A autora afirma que “para além da oposição entre presente e ausente, as delicadas divisões construídas nos animam a reconsiderar tanto as relações remotas como as imediatas, em uma perspectiva de continuidade” (DIMINESCU, 2008, p.572). O que Diminescu (2008) observa no campo migratório tem a ver com um fenômeno mais amplo que Christian Licoppe (2004) define como “presença conectada” (*connected presence*). De acordo com Licoppe (2004), trata-se de compreender as práticas cotidianas que constituem uma nova forma de se construírem as relações sociais em um contexto de constantes transformações comunicacionais e tecnológicas³⁴. Contudo, é preciso perceber que nem essa conexão se traduz automaticamente numa presença igual à anterior; e nem todo migrante permanece efetivamente conectado, sobretudo se prestamos atenção também às condições de acesso à rede nos países de origem desses emigrantes.

Aparecem também nessa área de estudos conceitos como “webdiáspora”³⁵, que é definido “não só como um espaço transnacional, intercultural e multiterritorial, midiático, mas como um recurso para interação e compartilhamento de vínculos sociais (reais ou imaginários, com o país de origem ou de destino)” (ESCUDERO, 2013, p.149). Partindo da concepção do território como

³³ O autor explica o exemplo do uso do papel das redes transnacionais de circulação de conteúdos e informações entre os emigrados e seus familiares e amigos para dar a conhecer narrativas alternativas dos sucessos do golpe de Estado no Haiti em 1991.

³⁴ A expressão utilizada pelo autor, “*changing communication technoscape*”, destaca as relações entre processos comunicacionais e novas tecnologias; ao tempo que a utilização do termo *technoscape* faz referência também à influente obra de Arjun Appadurai (1996), *Modernity at large*, que aborda as dimensões culturais da globalização a partir de múltiplos cenários constituídos pelos fluxos a escala global (*ethnoscapes*, *financescapes*, *technoscapes*, *mediascapes*, *idéoscapes*).

³⁵ A articulação de migrações internacionais e o uso da internet pelos imigrantes pode configurar espaços sociais e culturais transnacionais, ancorados em subjetividades diaspóricas – espaços estes que, a partir do momento que ganham certas características organizativas podem ser denominados como *Webdiáspora*, *Web diaspórica* ou *e-diáspora* (ESCUDERO, 2013, p.2). Embora a utilização desses termos varia entre os autores, assim como as reflexões entorno desse fenômeno, a nomeação não necessariamente implica uma mudança de significação no conceito. Seguindo autores brasileiros relevantes na área, como Camila Escudero e Mohamed Elhajji, adotamos o termo de *webdiáspora*.

espaço dominado e/ou apropriado, a incorporação do termo *multiterritorialidade* nessa abordagem refere-se à atuação simultânea sobre diferentes espaços, os quais requerem ser pensados como cultural, econômica e politicamente híbridos (HAESBAERT, 2007). Ainda que existam variadas abordagens sobre o tema, apontamos ao menos dois princípios fundamentais de constituição e organização da webdiáspora: a) os vínculos familiares e as relações sociais de forma geral; e b) a mobilização social e a participação política que dela deriva (ESCUADERO, 2014).

Aderimos às perspectivas de estudo sobre a webdiáspora que consideram o espaço digital em relação às práticas sociais, ao contexto político e à dimensão econômica dos processos de comunicação (MATTELART, 2009). Além disso, argumentamos que “a web diaspórica estabelece um terceiro lugar” para colocar os membros da comunidade em contacto, um espaço virtual de comunicação; sempre levando em consideração que “as conversas na web não conduzem necessariamente à comunhão de proximidade e solidariedade comunitária” (STOICIU, 2013, p.24).

Por outra parte, Mandianou (2014) propõe uma abordagem integradora dos processos tecno-comunicacionais e migratórios que considera tanto a própria perspectiva dos migrantes, quanto os contextos midiáticos, sociais e institucionais que os circundam. A partir da análise dessas práticas de comunicação transnacional, a autora propõe como quadro analítico uma “teoria sociotécnica da *polymedia*”. Ao invés de abordar as restrições impostas por cada meio de comunicação (*affordances*), os autores enfatizam nas consequências sociais, emocionais e morais que permeiam a escolha entre essas diferentes mídias pelos migrantes. Em um ambiente de multiplicidade de canais de comunicação, a seleção do meio pelos indivíduos é analisada nesse viés como um ato social e afetivo, com implicações na forma como os relacionamentos interpessoais são experienciados e gerenciados no espaço transnacional³⁶.

Em um exame dos estudos no campo emergente de pesquisa interdisciplinar de TICs e migração, Tristan Mattelart (2009) analisa a natureza das diásporas em meio a fluxos transnacionais e culturas híbridas, bem como a historicidade das formas de comunicação dos imigrantes com seus parentes distantes, a carta, o telefone fixo e móvel, o correio eletrônico; enfatizando o papel crescente das tecnologias na busca de reduzir o sentimento de ausência nas famílias transnacionais.

³⁶ Como parte de sua pesquisa, Mandianou (2014) mostra como a cobertura midiática da migração tem impacto na reconfiguração do processo migratório. Por exemplo, um estudo etnográfico da comunicação entre mulheres filipinas na Grã-Bretanha e suas famílias em casa mostra que significados ou implicações emergem de práticas como essas mães migrantes mantendo a webcam do computador ligada durante todo o fim de semana para tentar alcançar um ambiente de co-presença com seus filhos afastados.

Recusando qualquer abordagem determinista, o autor nos convida a ir além das análises demasiado centradas nas ferramentas tecnológicas como agentes de mudança radical, para melhor compreender a natureza das práticas de comunicação que afetam a evolução das formas de uso. Em meio a uma prevalência de pesquisas voltadas para a Internet, há uma necessidade de se compreender também as características do ambiente de comunicação mais amplo no qual os problemas e objetos abordados estão inseridos.

Mattelart (2009) chama a atenção para a necessidade de analisar, além da dimensão política, o ambiente socioeconômico onde se desenvolvem as comunicações transnacionais desencadeadas pelas diásporas. Poucos estudos, aponta ele, levam em conta tanto as condições de acesso à tecnologia quanto as poucas táticas utilizadas por familiares e amigos no país de origem para poder manter contato com os emigrados. Esse argumento se torna central em nossa pesquisa, à medida que exploramos processos migratórios, interações e narrativas transnacionais à luz de um contexto de desenvolvimento de novas tecnologias em Cuba, marcado por assimetrias de acesso entre o interior da ilha capitalista de destino e o país. A lógica da “gambiarra”³⁷, como uma tática política aprendida pelo povo através das limitações econômicas históricas e da vigilância política no país, se torna uma forma de uso de la tecnologia que determina modos de resistência (HERNÁNDEZ; ALTHEMAN et al, 2018).

Outro argumento que permeia análise crítica de Mattelart (2009) é a necessidade de reconhecimento da heterogeneidade que caracteriza as comunidades transnacionais. Pesquisas muito impregnadas de uma agenda diaspórica, argumenta Mattelart, acabam por privilegiar as afiliações étnicas e desconsiderar outras relações dentro das comunidades, como considerações de gênero, classe, geração, ideologia ou política. Este tipo de abordagem pode limitar uma compreensão profunda das relações entre os imigrantes e a complexidade das interações socioculturais que as TIC ativam nas populações em movimento. Embora existam estudos que tratam do papel dos jovens como intermediários na evolução dos usos das TIC na comunicação transnacional, as diferenças de classe permanecem pouco estudadas nas pesquisas, afirma o autor.

³⁷ O gesto criativo que representa a gambiarra traz geralmente uma relação intrínseca não apenas com um estado de necessidade ou limitação de opções, mas com o sentido efêmero desse tipo de soluções e seu impacto na construção de agenciamentos autônomos. É interessante observar aqui a relevância que adquire o processo de transformação, os meios pelos quais consegue-se alcançar um fim, a materialidade reformulada pela inteligência humana que subverte uma ordem comum preestabelecida, a nova relação que emerge entre as partes e o todo. Um gesto criativo de subversão na gambiarra, que traduz o esforço de articular e/ou adaptar objetos díspares, para que outras formas e funções integrem um arranjo capaz de prover respostas imediatas às necessidades de um sujeito ou grupo.

No entanto, consideramos que há também outras questões, por exemplo geracionais, a serem consideradas ao adotar uma perspectiva temporal estendida desses processos.

Nesse sentido, Vertovec (2005) chama a atenção para a multiplicidade de posições políticas adotadas pela diáspora cubana em Miami em suas relações com a ilha, levando em conta as diferenças geracionais e os contextos históricos que diferenciam os primeiros emigrantes da elite burguesa que partiram para os Estados Unidos após o triunfo revolucionário e as recentes gerações de jovens emigrantes que cresceram em meio a esse processo político. No que diz respeito às distinções de classe, pode-se observar, durante uma primeira etapa de contato com a comunidade imigrante cubana de Montreal (janeiro-junho de 2019), a estruturação de grupos sociais a partir de características sociodemográficas semelhantes, diferentes entre si, evidenciando condições desiguais das classes emergentes em Cuba. Isso pode permanecer oculto sob a imagem homogênea de igualdade social que sustenta o discurso oficial da Revolução, mas torna-se visível através dos processos migratórios.

Nos estudos da webdiáspora, por exemplo, Mattelart (2009) aponta que esse espaço não deve ser visto apenas como uma ferramenta de oposição aos discursos midiáticos dominantes, nas sociedades de origem e de acolhimento. Para além de uma imagem idealizada da diáspora, é pertinente aprofundar sobre as condições em que esses discursos webdiaspóricos são produzidos, quais sujeitos participam e quais seriam suas possibilidades de incidência efetiva nas esferas públicas. Os modos de articulação entre as trocas online e as redes offline (quando existem) representam um desafio central em termos de pesquisa que destaca a influência das TICs na realidade socioeconômica e política dos países em desenvolvimento. O autor questiona, sobretudo no caso dos estudos sobre regimes autoritários, a tendência de sublinhar a emergência de esferas públicas alternativas a partir da ação de “indivíduos comuns” em plataformas virtuais webdiaspóricas. Ele questiona o papel excessivo que às vezes é dado à web, ao propor, primeiramente, prestar atenção aos chamados “indivíduos comuns” que participam, questionando se eles são apenas indivíduos “privilegiados” certas condições de acesso e vantagens intelectuais. Resta saber também, segundo Mattelart, se elas são realmente ouvidas, bem como pensar sobre a natureza dessas redes em relação às suas características passíveis de participação em esferas públicas alternativas.

Sobre a dimensão política dos vínculos transnacionais possibilitados pelas conexões tecnológicas, Stoiciu (2013, p.24) afirma que “descobre-se um potencial poder de mobilização dos

sites de redes sociais (MySpace, Facebook) durante crises sociopolíticas ou desastres naturais na sociedade de origem”. Isso se torna um dos eixos de análise desta pesquisa, pois contamos com certos eventos recentes (ciclones, acidentes, crises como a pandemia de Covid-19) para observar também como esses fluxos transnacionais são ativados e gerenciados.

Adotar uma perspectiva crítica nesta área de estudos requer, de acordo com Mattelart (2009), prestar atenção às particularidades do contexto socioeconômico em que se desenvolvem os processos comunicacionais e migratórios. Dentre elas, as condições de acesso à tecnologia, incluindo essas pequenas táticas empregadas por familiares e amigos no país de origem para poderem manter contato com quem emigrou. Além das assimetrias do acesso à rede, o que nos parece particularmente relevante é como Mattelart (2009) atenta para a heterogeneidade que caracteriza às comunidades transnacionais, visando ultrapassar as abordagens centradas apenas na agenda diaspórica. Nesse viés, trata-se de não reduzir os sujeitos à sua condição étnica como migrantes, mas considerar a multiplicidade de relações de gênero, classe, geração, raça e ideologia política que definem qualquer comunidade. Isto é, fundamentalmente, valorizar as relações de poder que estruturam o campo migratório, sua dimensão política. Nesse sentido, abordamos a seguir o *espaço* (e as *espacialidades*) como categoria de análise fundamental para compreender as dimensões comunicacionais, políticas, midiáticas e culturais que atravessam as relações de poder na experiência migratória.

2.3 A espacialidade como categoria de análise comunicacional: uma perspectiva desde a América Latina

Desde o início dessa pesquisa ficou evidente a relevância da justaposição de espacialidades e temporalidades: o estado-nação, a pátria, a casa da família que ficou para trás, o bairro da infância, a nova cidade que recebe os imigrantes, as redes sociais (e as reconexões tramadas entre múltiplos espaço-tempos). Isso envolve todos os lugares que são articulados em uma rota migratória e a partir da qual se constrói um modo de vida. Encontramos uma narrativa que, a princípio, parece fragmentada, mas torna-se significativa ao se situar em lugares de trânsito e habitação. No contexto dos estudos culturais na América Latina, a obra de autores como Jesús Martín-Barbero tem inspirado pesquisas recentes sobre migração e novas tecnologias (BRIGNOL, 2018), a partir das contribuições desse autor para pensar os usos das mídias como *tecnicidades*, assim como questões de fluxos, práticas espaciais e múltiplas temporalidades (RINCON, 2019).

É a partir das espacialidades e temporalidades que orientamos nossa reflexão, porque buscamos compreender como essas atuais mobilidades de pessoas e dados digitais tensionam hoje as concepções de “espaço absoluto” (HARVEY, 2015), o lugar físico, estático e claramente demarcado por limites geográficos, muitas vezes engessando formas específicas de poder. É precisamente esse “espaço absoluto” o que tem embasado o discurso autoritário do Estado-nação e seus mecanismos de controle sobre uma realidade muito mais diversa, ancestral e fragmentada do que o projeto da Modernidade europeia concebia (MARTIN-BARBERO, 2002). De acordo com Harvey (2015), existe também uma noção do espaço como relativo, relacional, que se encontra “incrustado” no processo de deslocamento físico e político dos corpos e informações. Isso significa pensar o espaço como produto, condição e ambiência das experiências sociais.

Sob essa perspectiva relacional, a *espacialidade* é definida como “o conjunto das (inter)ações espaciais realizadas pelos integrantes de uma sociedade” (FELIPPI et al, 2019, p.72). De acordo com Lassault (2013), a prática espacial, os usos e tensionamentos que configuram territorialidades políticas perpassam e são perpassados pelas relações intersubjetivas, pelos imaginários e pelas identificações subjetivas e coletivas. A espacialidade revela a dimensão relacional do espaço, uma vez que ele é relativo aos sujeitos, aos usos, às práticas sociais e às interações que o configuram. No contexto latino-americano, por exemplo, a mais recente proposta teórica de Jesús Martin- Barbero (RINCON, 2019)³⁸ mostra como as espacialidades e temporalidades atravessam uma experiência cultural atrelada a essa nova era de hipermobilidades e midiatização. Nesse viés, Felippi, Villela e Silveira (2019) apontam três dimensões que definem a espacialidade como um operador teórico e analítico para os estudos comunicacionais.

A primeira dimensão analítica denota que os “espaços são construídos na interseção com as outras dimensões da sociedade, concebidos, portanto, como espaços relativos e relacionais” (FELIPPI et al, 2019, p.81). Os autores afirmam que esse aspecto está presente desde a proposta teórico-metodológica do mapa noturno das mediações proposto por Martin-Barbero em finais da

³⁸ Jesús Martin-Barbero propôs, entre 2017 e 2019, um “mapa para investigar a mutação cultural”, elaborando um percurso que nos convida a pensar o novo “sensorium” (termo tomado de Walter Benjamin) que marca essa época. Trata-se de um mapa que difere dos quatro que o antecedem (datados de 1987, 1998 e 2009). Para esta pesquisa tomamos como referência principal as análises de vários autores que aparecem no livro *Un nuevo mapa para investigar la mutación cultural: diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero* (RINCON, 2019). Assim, destacamos o nosso interesse por aprofundar no conceito de *Espacialidade* como eixo fundamental no último mapa desenhado por Martin-Barbero, assim como suas necessárias articulações com as *Temporalidades*.

década de 1990, cujas mediações³⁹ evidenciavam “a ação efetiva dos sujeitos com o espaço de proximidade (casa, bairro), em contraponto com a cidade, sinalizando esses espaços como lugares de produção e reprodução das relações sociais” (idem, p.81). Como destacam Pieniz e Cenci (2019, p.149), não estamos falando de substituições do velho pelo novo, mas de transformações nas formas de percepção e apreensão do mundo que conhecemos. Isso requer entender uma problemática atual à luz das possibilidades de complementação entre os diferentes mapas traçados pelo autor, considerando as defasagens e as realocalizações. Desde 1998, o autor já evoca algumas espacialidades, sobretudo aquelas ligadas à casa, à escola, à feira, ao bairro, à cidade e à nação. As interações são realizadas em lugares físicos e simbólicos e, ao mesmo tempo, os constituem (MARTIN-BARBERO, 1998).

Contudo, o que nos interessa aqui é observar como são experimentadas as relações dos sujeitos com os espaços no cenário transnacional, a partir das migrações e das trocas digitais que esses processos viabilizam através das fronteiras. Os estudos sobre famílias e comunidades transnacionais (MANDIANOU, 2014; LEVITT, 1999) desafiam a forma de manutenção desses vínculos, outrora delimitados apenas pelo espaço físico e que passam a ser reconfigurados entre distâncias e mobilidades. O bairro não desaparece, mas ele é transformado com a chegada dos habitantes estrangeiros, os “estranhos” que invadem esses espaços “seguros” e que trazem também seus próprios bairros, formas de conhecimento espacial que permanecem na memória afetiva e orientam essas reterritorializações. Essas proximidades físicas que conhecíamos começam a ser atravessadas por outras que dizem respeito às afetividades e às conectividades. É nessa perspectiva que recuperamos, no contexto transnacional, a espacialidade semântica e relacional que mostra como o *lar*, a *escola*, o *bairro*, a *cidade*, a *nação*, adquirem outras faces diante da expansão dos fluxos globais, migratórios e digitais.

Uma segunda dimensão de análise da espacialidade busca compreender a relatividade desses espaços em sua intrínseca relação com o tempo, já que são as temporalidades que definem as espacialidades moldadas nas relações sociais e vice-versa. Sob esse viés, o espaço só existe quando inscrito no processo temporal das conexões relacionais, de forma que ambos definem e

³⁹ O conceito de mediação constitui o eixo central da obra de Barbero, ao articular práticas comunicativas com dinâmicas culturais e movimentos sociais. Embora seja uma noção bastante polêmica e evasiva, que ele não pretende definir com um conceito fechado, podemos dizer que Martin-Barbero se refere às mediações como instâncias a partir das quais se produz sentido: “os lugares dos quais provêm as construções que delimitam e configuram a materialidade social e a expressividade cultural ...” (MARTIN-BARBERO, 1987, p. 233).

articulam, de forma sensível, visibilidades, legibilidades e mobilidades das diferentes corporeidades sociais (FELIPPI et al, 2019).

Rocha e De la Roche (2019) fazem uma distinção entre a noção de *tempo* e a de *temporalidades*, definindo esta última como “a nossa experiência com o tempo”, o que indica de uma concepção de múltiplas temporalidades. Partindo da influência de Walter Benjamin na obra de Martin-Barbero, os autores destacam como essa concepção bejaminiana do tempo, sob uma perspectiva dialética e não evolucionista da História, nos permite atentar para as possibilidades de se olhar para o passado pensando no futuro. Essa ideia é diferente do discurso da Modernidade, em que a noção de futuro como progresso se opõe a uma concepção de passado como símbolo de atraso. Há também nessa ideia do tempo não linear uma alusão às resistências e às agências dos sujeitos no curso dos acontecimentos:

Martin-Barbero destaca que Benjamin foi o primeiro a desafiar essa concepção ao entender que ela traz consigo a perspectiva e a narrativa dos vencedores da história. A noção exige enfrentar uma oposição e o desafio de "fazer funcionar a experiência da história" por meio de "uma consciência do presente que deflagra a continuidade histórica". Para Benjamin, “essa continuidade na história não existe senão para os vencedores. E nem mesmo os mortos estarão a salvo do inimigo, se ele vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer” (ROCHA; DE LA ROCHE, 2019, p.74)

De acordo com a análise dos autores, a noção de múltiplas temporalidades encontra fundamento também pela inspiração de Martin-Barbero na obra de Raymond Williams, que aponta os “padrões” e “descontinuidades” nas relações entre as várias temporalidades que atravessam os processos culturais, mediante as categorias de *dominante*, *residual* e *emergente*. Rocha e De la Roche (2019) descrevem o *arcaico* como efetivamente pertencente ao passado; o *residual* como aquilo que vem do passado, mas se faz presente na atualidade; enquanto o *emergente* é constituído pelas novas práticas que, embora sobressaiam como marcas de um presente, não poderia ser considerado totalmente novo, justamente pela articulação entre essas temporalidades. Para Martin-Barbero, essas inter-relações condensam-se na noção por ele indicada como *tempo-agora*, o dos “destempos” que nos “desestabilizam”: “no tempo do agora, o passado e o futuro são reconfigurados. Por um lado, o presente deixa de ser uma espécie de ponte que conecta o passado e o futuro. (...) Conectividade, fluxo e informação preenchem esse tempo-agora (...). (Ibid, p. 73).

A terceira dimensão abordada diz respeito às múltiplas espacialidades que definem essa qualidade relacional do espaço, e que pode também ser correlacionada à ideia de multitemporalidade. Nesse sentido, Martin-Barbero (2018) se refere *ao espaço habitado, o espaço imaginado, o espaço produzido e o espaço praticado*, como formas dessas espacialidades que emergem da experiência e as formas de nos relacionarmos com os espaços. A tipologia espacial que propõe Martin-Barbero é construída a partir desse movimento epistemológico e advém da emergência de um novo “ecossistema comunicacional”, marcado pela preponderância da técnica que multiplica os espaços físicos e virtuais.

O *espaço habitado* tem a ver com a gênese corpórea dessa categoria na obra de Martin-Barbero (casa, feira, bairro), é o do “entorno físico, das rotinas associadas a uma temporalidade do cotidiano” (FELIPPI et al, 2019, p.78). Em certa medida, aproxima-se do *espaço praticado*, mas este último aponta uma dimensão mais transitória nas cidades modernas, aludindo às “práticas” de Michel de Certeau (1980) como os trajetos, usos e apropriações dos caminhantes. Ambos os tipos remetem a ações dos sujeitos com e no espaço, sendo que o habitar demarca uma relação temporal no dia a dia, enquanto a prática é ligada aos sujeitos estranhos e diversos que se movem pelos cantos da cidade, revelando assim “a fragilização do nacional produzida pelas lógicas do global” (FELIPPI et al, 2019, p. 79).

O *espaço imaginado*, por outro lado, corresponde ao Estado-nação como uma dimensão abstrata, amparada sob uma lógica que pretende dar conta de um espaço físico como se fosse o total, uma tentativa por homogeneizar a diversidade. Martin-Barbero retoma a “comunidade imaginada” de Benedict Anderson para mostrar como essa ideia, essa imagem de país, contrasta com uma realidade muito mais fragmentada e heterogênea na América Latina. Por fim, o *espaço produzido*, traz uma discussão sobre “as tecnologias de comunicação e as espacialidades possibilitadas por elas, geradoras de nova sociabilidade em um mundo de fragmentação espacial e isolamento dos indivíduos” (FELIPPI et al, 2019, p. 83). Esta noção destaca ainda mais a capacidade de agência dos sujeitos em sua relação com os espaços, apontando não somente a dimensão dos usos, o habitar e o praticar, mas a potência criativa que caracteriza o ato de produzir.

Destaca-se no *espaço produzido* sua dimensão de historicidade nas disputas por apropriações ao longo do tempo, e a centralidade das conexões pelas redes de comunicação que constituem hoje um “espaço comunicacional”: “um novo tipo de espaço compartilhado, isto é, capaz de oferecer formas de contestar o isolamento dos indivíduos e das famílias, possibilitando-

lhes vínculos socioculturais mínimos” (MARTIN-BARBERO, 2018, p. 27). Há aqui uma ligação direta com os meios (de transporte, de comunicação), porque são eles os que conectam-comunicam os espaços dispersos e permitem a ação produtiva dos sujeitos ao se moverem entre ambientes físicos e virtuais.

Também nesse sentido, no âmbito dos estudos de migrações internacionais, Pries (2008) define o *espaço social transnacional* como um espaço simbólico relacional, ou seja, como um espaço novo que se gera a partir da interação entre os indivíduos, em um espaço e tempo delimitados. São os fluxos, e as redes entendidas como tecidos sociais, que definem esse ‘espaço social transnacional’. Migrantes internacionais, cujo curso de migração não é unidirecional e principalmente experimenta mobilidade em mais de uma ocasião, estabelecem novas relações sociais e formam outros grupos em novos campos sociais. As relações que eles constituem são ‘produtivas’, no sentido em que criam realidades, espaços e temporalidades outras. Portanto, o espaço social transnacional é considerado um espaço de interseção, um novo produto, um marco de referência multisituado que estrutura as práticas cotidianas, as posições sociais, identidades, os projetos de vida e profissionais.

A noção de *espaço produzido* em Martín-Barbero dialoga com a tradição da teoria de produção do espaço do marxismo crítico de Henri Lefebvre (2000), seguida por Edward Soja (1993). Outra forte referência dos estudos de Geografia é o David Harvey (2015), também de orientação crítica marxista, assim como Milton Santos (2006), por sua abordagem na interface com os processos de globalização e Rogério Haesbaert (2014), para falar sobre a categoria de territórios e as relações de poder que nele se inscrevem. De forma geral, vemos como as referências a esses autores compõem um entendimento das dimensões culturais e políticas inscritas na espacialidade desde uma visão da Geografia, aproximando-a assim da teoria barberiana (RINCÓN, 2019). Alguns desses autores vão se interessar também pela perspectiva espacial abordada por Michel Foucault através do conceito de *heterotopia*, o qual orienta a nossa análise da experiência migratória e comunicacional de cubanos em Montreal.

2.4 Espaço e poder: uma abordagem a partir da obra de Michel Foucault

Ainda que encontremos pistas interessantes de análise nas perspectivas culturais e na teoria transnacional para abordar processos migratórios e comunicacionais, nos interessa explorar particularmente as relações de poder ligadas ao espaço, assim como as subjetividades que emergem

nas formas de vida migrantes. Uma abordagem mais aprofundada das relações de poder no campo migratório se faz necessária, de acordo com Mattelart (2009), a fim de ir além de estudos que privilegiam apenas uma análise cultural étnica (interculturalidade, multiculturalidade, integração e reconhecimento dos imigrantes nas sociedades de destino etc.); ou mesmo as dimensões tecnológicas dos processos de mobilidade (usos das TICs, práticas de comunicação transnacionais, esfera pública virtual migratória etc.).

É nesse sentido que incorporamos as reflexões de Michel Foucault sobre a noção de *heterotopias*, os “espaços outros”, como uma forma produtiva de pensar as relações dos sujeitos com o espaço, no que tange às suas práticas de comunicação e suas experiências migratórias. Para isso, é preciso primeiramente compreender a perspectiva foucaultiana das relações entre poder e espaço, duas categorias centrais na nossa abordagem dos processos migratórios. As noções de experiência, heterotopia e dispositivo orientam essa análise. Finalmente, o nosso objetivo é abordar as potencialidades teórico-metodológicas da *heterotopia* para analisar a experiência migratória e as formas de subjetivação política que ela produz nesses espaços outros.

De acordo com Daniel Defert (2013), o interesse pela dimensão política e epistemológica do espaço atravessa a obra de Foucault⁴⁰, a partir do estudo das “espacializações do poder” e sua interrelação com o saber. É a partir da publicação de “*Surveiller et punir*” em 1975 que as análises foucaultianas do espaço recebem uma visibilidade nova como lugar de uma dupla articulação do poder sobre o corpo do indivíduo e do saber ao poder. No entanto, a reflexão da espacialidade em Foucault aparece também em sua abordagem do conceito de heterotopias, entre 1966 e 1967, como parte de sua reflexão político-epistemológica dos espaços.

A disposição espacial das coisas num lugar denota relações de poder, como explicara Foucault em seu conceito de dispositivo, por exemplo, ao ilustrar o panóptico de Bentham e a forma como a vigilância é organizada espacialmente nas prisões. Essa mesma ideia atravessa a noção de heterotopia, mas no sentido de olhar para as relações com o espaço como manifestações de diferença. Dispositivo e heterotopia são conceitos que revelam, assim, as relações entre espaço, poder e saber na obra de Foucault. Mas o espaço não é para ele uma categoria que carregue uma

⁴⁰ Sobre a importância do paradigma espacial na obra de Foucault, ver François Boullant, «Foucault, penseur de l'espace» (« La philosophie au sens large », 15 janeiro 2003, disponível em : https://philolarge.hypotheses.org/files/2017/09/15-01-2003_Boullant.pdf). Ver também Jean-Claude Monod, « Structure, spatialisation et archéologie, ou l'« époque de l'histoire » peut-elle finir ? » (em J. Benoist et F. Merlini (éd.), *Historicité et spatialité. Le problème de l'espace dans la pensée contemporaine*, Paris, Vrin, « Problèmes & controverses », 2001).

natureza de dominação per se, como certas interpretações têm apontado. Tampouco o poder poderia ser interpretado dessa forma.

Em uma entrevista concedida em 1977 à revista *Ornicar*, intitulada "O jogo de Michel Foucault", ele é questionado sobre a relação entre poder e dispositivo, a partir de seus estudos sobre a constituição e história do dispositivo da sexualidade.

O poder não existe. Quero dizer isto: a ideia de que existe, num dado lugar, ou emanando de um dado ponto, algo que é um poder, parece-me repousar numa análise manipulada, e que, em todo o caso, não dá conta para um número considerável de fenômenos. O poder é, na realidade, relações, um feixe de relações mais ou menos organizado, mais ou menos piramidal, mais ou menos coordenado, de relações. (...) Se tentamos construir uma teoria do poder seremos sempre obrigados a considerá-lo como surgindo em um ponto e a um momento dado, e teremos que fazer a gênese disso, depois a dedução. Mas se o poder é na realidade um feixe aberto, mais ou menos coordenado (e provavelmente um tanto mal coordenado) de relações, então o único problema é o de ter uma grade de análise, permitindo uma análise das relações de poder. (FOUCAULT, 1977⁴¹)

Nessa proposta de analítica do poder está imbuída também sua análise dos espaços, pois “a descrição espacializante dos fatos do discurso abre-se para a análise dos efeitos de poder vinculados a eles” (FOUCAULT, 1976). Já que o poder “não existe”, o espaço vem a ser o operador pelo qual ele se aproxima de uma compreensão das operações do poder. O que ele busca com sua obra é, desse modo, fazer uma história do poder e, ao mesmo tempo, uma história dos espaços “desde as grandes estratégias da geopolítica até as pequenas táticas do *habitat*, da arquitetura institucional, da sala de aula ou da organização hospitalar, passando pelas implantações econômico-políticas” (FOUCAULT, 1977). As metáforas espaciais permeiam a obra de Foucault e em várias ocasiões ele é inquerido acerca disto.

Já fui bastante criticado por essas obsessões espaciais, e elas realmente me obcecaram. Mas, através delas, acho que descobri o que realmente procurava: as relações que pode haver entre poder e saber. Assim que podemos analisar o saber em termos de região, domínio, localização, deslocamento, transferência, podemos apreender o processo pelo qual o saber funciona como poder e renova seus efeitos. Você tem uma administração do saber, uma política do saber, relações de poder que atravessam o saber e que, muito naturalmente, se você quiser descrevê-las, remete a essas formas de dominação às quais fazem referência as noções como campo, posição, região, território (FOUCAULT, 1976).

⁴¹ Esse documento foi consultado em formato HTML (web), de forma que não aparece indicada a paginação. As citações neste texto as quais não é indicada a página seguem este mesmo critério.

Mas “o problema do espaço” parece ter levado muito tempo para ser considerado como um problema histórico-político, como ele mesmo aponta. Daí que suas ideias sobre a heterotopia, proferidas na segunda metade dos anos 1960, não começaram a circular até os anos 1980 e alcançaram o auge mais recentemente. Na época (em torno de maio de 1968), a insistência de Foucault pela centralidade do espaço no pensamento contemporâneo foi considerada por uma parte do público como uma postura capitalista e politicamente reacionária; enquanto a categoria do tempo, a história e o devir, era percebida como o verdadeiramente “revolucionário” (DEFERT, 2013).

Contudo, talvez Foucault não estivesse desconsiderando a relevância política das temporalidades, pois ele mesmo coloca esta relação espaço-tempo como um dos princípios fundamentais da heterotopia. Em uma linha de pensamento que pode se assemelhar à concepção benjaminiana da história, Foucault se refere às rupturas e fragmentações na nossa experiência do tempo hoje, marcada pela multitemporalidade e pela descontinuidade temporal, como uma possibilidade de habitar também um tempo outro, as *heterocronias*. É por isso que Daniel Defert (2013, p.37) se refere às *heterotopias* como “unidades espaço-temporais”.

Por outro lado, as ideias de Foucault sobre a heterotopia aparecem em um contexto em que a nossa experiência do tempo e do espaço no mundo começava a mudar profundamente: “estamos na época da simultaneidade, estamos na época da justaposição, na época do próximo e do distante, do lado a lado, do disperso” (FOUCAULT, 2004, p.12, tradução nossa). Não é de estranhar, assim, que se deram essas condições de recepção e circulação tardia das ideias sobre a heterotopia, ainda que nas últimas décadas este conceito tenha ganhado centralidade a partir de posteriores traduções e apropriações que alimentam estudos sobre heterotopia no campo da literatura, do cinema, da geografia, da sociologia e do urbanismo etc.

Além das reprovações sobre a “obsessão espacial” em Foucault, o pensamento em termos de dominação-resistência, evocado na ideologia marxista da época, influenciou também uma compreensão limitada das ideias foucaultianas sobre as relações entre poder, saber e espaço. Ora o conceito de *dispositivo* era equiparado apenas às “técnicas de controle e vigilância”, ora as *heterotopias* têm sido entendidas como espaços essencialmente de resistência. O nosso argumento repousa, pelo contrário, na compreensão dessas noções como operadores metodológicos que permitem abordar certos objetos e fenômenos sociais a partir de uma perspectiva do poder, com

base nas relações espaciais, mas também na sua historicidade (KESSLER, 2007; BRAGA, 2018; JHONSON, 2013; GANDY, 2012).

A reflexão de Foucault sobre as heterotopias, ainda que breve, abre possibilidades para se pensar uma abordagem metodológica em torno da articulação entre poder, espaço e temporalidades. Isto é evidenciado nos procedimentos de observação, comparação e identificação de qualidades heterotópicas que identificam certos espaços, culturas e práticas sociais que ele apresenta como heterotópicas. Na análise e uma variedade de exemplos de heterotopias em diferentes contextos históricos, Foucault (2004) mostra uma forma particular de aproximação à realidade e às formas da política que emergem das relações espaciais. Ao enunciar um conjunto de princípios da heterotopia, ele oferece também uma reflexão estruturada que, sem esgotar a heterogeneidade conceitual e empírica de sua proposta, nos permitem elaborar um método de pesquisa.

O que nos interessa destacar em primeiro plano é que essa potência metodológica que atravessa vários dos conceitos foucaultianos aqui empregados (heterotopia, dispositivo, experiência) é justamente o que nos permite compreendê-los como operadores de pensamento, além da forma como eles têm sido aplicados a objetos de estudo específicos. O próprio Foucault (1982) se posiciona contra ideias dicotômicas que possam reduzir certos objetos de estudo ou conceitos como libertadores ou opressores, justamente porque o que ele oferece com sua obra são ferramentas metodológicas para pensar a sociedade, e não construções finitas sobre o social. Nos dispositivos de controle e segurança há também possibilidades de resistência, nas heterotopias há igualmente tensões e conflitos que configuram outra forma de ordem (HETHERINGTON, 1997; GANDY, 2012).

Não creio que seja possível dizer que uma coisa seja da ordem da “libertação” e outra seja da ordem da “opressão”. Há um certo número de coisas que se pode dizer com alguma certeza sobre um campo de concentração no sentido de que não é um instrumento de libertação, mas deve-se ainda levar em conta – e isso não é geralmente reconhecido – que, além da tortura e execução, que impedem qualquer resistência, por mais aterrorizante que seja um determinado sistema, sempre permanecem as possibilidades de resistência, desobediência e agrupamentos de oposição (FOUCAULT, 1982).

Esta perspectiva fica mais evidente quando analisarmos o papel da noção de *experiência* na obra de Foucault, no intuito de compreender a potência metodológica desses conceitos, para além dos objetos estudados pelo autor. A obra de Foucault é geralmente mobilizada em torno das noções de *saber, poder e sujeito*, de acordo com uma periodização das três etapas fundamentais que

estruturam sua trajetória filosófica; sem que a *experiência* apareça explicitamente como um conceito central no seu pensamento. Contudo, vários autores (SABOT, 2006; SAUVÊTRE, 2017; LAVAL, 2018) têm abordado como a *experiência* é justamente o fio condutor que atravessa o pensamento dos “três Foucault”; evidenciando assim uma coerência metodológica na qual a unicidade intelectual está dada justamente por uma vontade permanente de transformação. Além dessa dimensão político-epistemológica, apontamos uma dupla concepção da *experiência* na obra foucaultiana que abre espaço às possibilidades de articulação entre as diferentes etapas de sua obra, para além do dualismo “dominação vs. resistência”, base dos questionamentos ao potencial emancipatório na obra do autor.

2.5 Heterotopia: linguagem, espaço e diferença

Ainda que as heterotopias tenham chamado a atenção de várias áreas de estudo, trata-se de um conceito controverso e pouco desenvolvido na obra de Foucault. A primeira menção do termo aparece em uma breve discussão sobre os espaços discursivos que ele apresenta no prefácio do livro *Les mots et les choses* (1966), no qual estabelece relação com uma enciclopédia chinesa inventada pelo escritor Jorge Luis Borges em seu texto “*El idioma analítico de John Wilkins*”. De acordo com Borges, os animais se classificam nessa enciclopédia imaginária como:

a) pertencentes ao Imperador, b) embalsamados, c) treinados, d) leitões, e) sereias, f) fabulosos, g) cães soltos, h) incluídos nesta classificação, i) que tremem como loucos, j) inúmeros, k) desenhados com um pincel muito fino de pêlo de camelo, l) etecetera, m) que acabaram de quebrar o vaso, n) que de longe parecem moscas (BORGES, 1960, p.142 em FOUCAULT, [1966] 1986, p.1)⁴².

É nesse primeiro terreno da linguagem e da ficção literária que Foucault identifica a heterotopia como possibilidade de ser outramente, desestabilizando a ordem do discurso que classifica e coloca as coisas no espaço segundo uma lógica prevista e aceita para elas. Foucault vai dizer da impossibilidade de definir nesses conjuntos uma relação estável. Nesse sentido, “a heterotopia arruína não somente a sintaxe das frases como também aquela, menos manifesta, que autoriza manter juntas as palavras e as coisas” (FOUCAULT, [1966]1968, p.9). A taxonomia de

⁴² No original em espanhol: “a) pertenecientes al Emperador, b) embalsamados, c) amaestrados, d) lechones, e) sirenas, f) fabulosos, g) perros sueltos, h) incluidos en esta clasificación, i) que se agitan como locos, j) innumerables, k) dibujados con un pincel finísimo de pelo de camello, l) etcétera, m) que acaban de romper el jarrón, n) que de lejos parecen moscas.”

Borges, de acordo como Sabot (2012) dificulta a tarefa de criação de uma ordem só, fixa e estável, pois entre esses conjuntos mencionados não se estabelece nenhum “lugar comum”. O efeito heterotópico se produz, contudo, na medida em essa lista de elementos impensável e paródica traz também certos traços de uma verdadeira operação classificatória, como a sucessividade de enumeração alfabética e a exaustividade na enumeração das classes.

Podemos descrever essa abordagem como um pensamento do “heteróclito”⁴³ que está ligado à nossa experiência cultural e a nossa capacidade de lidar com a estranheza:

A impossibilidade em que se encontra nosso pensamento para pensar esse heteróclito radical da classificação de Borges testemunha um limite do pensamento; o mesmo limite que ainda experimentamos diante das classificações próprias às culturas que nos são radicalmente estranhas (DEFERT, 2013, p 36).

Como parte do interesse que suscitou o livro de 1966, Foucault é chamado para conversar sobre a obra e foi assim que ele retomou, em dezembro desse ano, a discussão sobre heterotopias em duas pequenas conferências radiofônicas no canal *France Culture*: a primeira conhecida como “*Le corps utopique*” e a segunda como “*Les heterotopies*”, agrupadas posteriormente em uma publicação de 2009. Nesse momento, ele enuncia a possibilidade de estudar sistematicamente esses “espaços outros” que, de alguma forma, desafiam o espaço que habitamos, já não apenas em sua dimensão discursiva, mas também sob uma perspectiva social e cultural. A partir dessas falas, Foucault é convidado para uma conferência no *Cercle d'études architecturales* de Paris, em março de 1967, onde apresenta uma versão aprimorada da sua última fala na rádio e que se tornou a referência mais explícita sobre sua proposta de estudar esses espaços outros. Fragmentos dessa conferência circularam apenas em uma revista do círculo de arquitetos e foi apenas em 1984, alguns meses antes de sua morte, que Foucault autorizou a publicação do texto na íntegra.

Na conferência de 1967, Foucault define o espaço atual que habitamos como um “conjunto de relações de *emplacements*”⁴⁴, um termo cuja compreensão e tradução em leituras posteriores,

⁴³ Heteróclito: adjetivo. 1. Que não é conforme às regras da gramática. 2. [Figurado] Extravagante; excêntrico. (“heteróclito”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/heter%C3%B3clito> [consultado em 01-04-2021]).

⁴⁴ Em francês, esse termo se refere geralmente à marcação de uma posição dentro de um sítio arqueológico, por exemplo, um local de acampamento designado dentro de uma área de acampamento geral; de forma a assinalar as relações entre diferentes pontos localizados em um espaço dado. Ele utiliza esse termo justamente com um sentido técnico quando se dirige aos arquitetos, para evitar palavras comuns; e que se refere ao *local*, as *localizações*, o *lugar*, no intuito de exprimir a dimensão relacional dos espaços. Se bem uma tradução do texto ao português o termo aparece como “alocações” (FOUCAULT, 2013a), ou “posicionamentos” segundo outros autores (LOPES, 2012), podemos

somado ao escasso desenvolvimento do conceito pelo autor, têm gerado interpretações contraditórias e críticas por se considerar às vezes uma noção ambígua e excessivamente relativista (JOHNSON, 20013). Nessa fala, Foucault (2004, p.14, tradução nossa) se refere a certos *emplacements* “que têm a curiosa propriedade de se relacionar com todos os outros *emplacements*, mas de modo a suspender, neutralizar ou inverter o conjunto de relações que são, através deles, designadas, refletidas ou espelhadas⁴⁵. Assim, ele distingue dois tipos dentre esses lugares que mantêm uma relação de contradição com todos os outros: utopias e heterotopias. De um lado, estão as utopias, aquelas que expressam uma relação geral de analogia direta ou invertida, “é a própria sociedade aperfeiçoada ou é o inverso da sociedade- enfatiza ele - mas são sobretudo lugares sem lugar real, isto é, essencialmente irreais” (FOUCAULT, [1984] 2004, p.15).

Encontramos na obra de Michel Foucault, ainda que talvez sem um amplo desenvolvimento, uma outra concepção da utopia que visa se afastar dessas representações imaginárias, excessivamente positivas, do futuro. Tal “projeção de totalidade”, ligada frequentemente ao pensamento marxista da época, indica que na utopia, em seu sentido mais corrente:

existe a ideia de que o futuro já está dado, de que não deve então ser inventado, pois já existe na forma de uma representação; a ideia de uma totalização por vir (...). Essa imagem da sociedade futura é precisamente o que falhou com o socialismo e o comunismo, incapaz de colocar a conduta e contra conduta dos homens (LAVAL, 2018, p.115-116).

Pelo contrário, Foucault não vê na utopia um ideal a ser alcançado, um estado desejável, mas sim um tipo de deslocamento para um espaço outro, “não um tempo por vir, mas um espaço heterogêneo” (LAVAL, 2018, p.117), é o que ele chama de heterotopia, um segundo tipo de *emplacement* que ocupa suas reflexões. Esse termo, para ele, “evidencia a heterogeneidade dos lugares que podemos atravessar, que podemos habitar, que fazemos a experiência através de um movimento no espaço” (idem, p.118). A concepção heterotópica é uma crítica à noção tradicional de utopia como um “espaço maravilhoso e liso”, compensador, confortável, consolador, “em

encontrar uma mistura desse vocabulário espacial nas proposições de Foucault, pois ele mesmo se refere às heterotopias ora como “contre-emplacements” ora “contre-espaces” (FOUCAULT, 2004).

⁴⁵ No original: “qui ont la curieuse propriété d’être en rapport avec tous les autres *emplacements* mais sur un mode tel qu’ils suspendent, neutralisent ou inversent, l’ensemble des rapports qui se trouvent, par eux, désignés, reflétés ou réfléchis.”

detrimento do ato que transforma, da prática que altera, do gesto que contesta”, afirma Laval (2018, p.117).

Nesse sentido, experiência, espaço, diferença, alteridade são noções que dialogam a partir da proposta foucaultiana de pensar nas heterotopias como essas utopias realizáveis, da ordem de uma existência diferente, dos deslocamentos possíveis. Sua dimensão política está dada então porque:

a heterotopia, longe de consolar, ‘inquieta’, porque ela perturba o lugar comum contido na linguagem, ela atrapalha a distribuição habitual das coisas, não as coloca no lugar esperado, não para de perturbar a ordem das coisas pela desordem do discurso (LAVAL, 2018, p.180).

Se as utopias seriam esses espaços “sem lugar real... essencialmente irreais”, as heterotopias vêm a ser “tipos de utopias efetivamente realizadas em que todos os outros *emplacements* (lugares)⁴⁶ reais que podemos encontrar dentro de uma cultura são simultaneamente representados, contestados e invertidos” (FOUCAULT, [1984]2004, p.15, tradução nossa). Certamente, o autor parece privilegiar o viés contraditório de sua proposta, ao definir as heterotopias também como “lugares que estão fora de todos os lugares, embora sejam efetivamente localizáveis” (FOUCAULT, 2004, p.15, tradução nossa). Tal possibilidade de localização e realização efetiva está dada porque ele entende essas relações espaciais heterotópicas como da ordem da experiência (LAVAL, 2018). Ele evidencia isto propriamente quando afirma que entre as utopias e esses lugares absolutamente outros, as heterotopias, haveria sem dúvida “uma sorte de experiência mista” (FOUCAULT [1984] 2004, p.15).

Longe de buscar definições certeiras, a fala de Foucault tende mais a estimular a exploração do possível, a experimentação de racionalidades outras e de novas formas de perceber as relações de diferença através de uma história dos espaços que, segundo ele, é também uma história dos poderes, de como o poder opera. É por esse motivo que Foucault busca traduzir seu pensamento através de um conjunto de exemplos muito diversos, e às vezes não orgânicos entre si. Como se não fosse possível (ou desejável) definir o que é uma heterotopia, mas observar e refletir sobre os rituais, as práticas e relações espaciais que se definem pela historicidade de modos de vida em várias partes do mundo.

Assim, ele oferece figurações de espaços em diferentes épocas e culturas, vivências que são atreladas a certas espacialidades, e mesmo momentos-lugares que funcionam como uma vida outra,

⁴⁶ Para facilitar a compreensão, usamos a palavra “lugares” para substituir o termo usado no texto original: *emplacements*.

que abrem caminho para outro universo de possibilidades de ser. Nesses textos encontramos exemplos tão variados para se referir à heterotopia como podem ser os antigos jardins de Pérsia, as feiras, o navio, os banhos turcos, os bordéis, certo tipo de arquitetura doméstica nas colônias, o cemitério, as prisões, o espelho, as bibliotecas, dentre muitos mais. Segundo Defert (2013), as heterotopias podem ser lugares onde “estou e não estou” (o espelho, o cemitério), ou lugares onde “sou outro” (casa de tolerância, colônia de férias); revelando assim seu potencial analítico para explorar como a experiência do corpo no espaço e seus modos de subjetivação podem apontar para relações assimétricas entre práticas sociais normativas e transgressoras. Essa “vontade de ser outro” é precisamente ligada à noção de experiência em Foucault.

Muitos estudos sobre heterotopias apontam a dificuldade de encontrar um padrão comum entre os exemplos e a própria impossibilidade de elaborar uma definição com base neles. David Harvey (2000), por exemplo, questiona a ambiguidade e o relativismo do conceito, bem como a ideia de que há um espaço exclusivo onde Foucault sugere que tudo pode ser tolerado e aceito desde que isso se oponha à ordem dominante. Contudo, essa concepção estrita das relações de poder a partir de uma perspectiva dualista (dominação-resistência) é rejeitada pelo próprio Foucault (1982). Muitos dos exemplos oferecidos por ele, assim como outros autores, evidenciam as possibilidades de se combinarem nas heterotopias elementos transgressivos com formas sutis de controle, a fim de produzir apenas outro “modelo de ordenamento”⁴⁷, mais do que uma ruptura radical da ordem vigente (JOHNSON, 2013; HETHERINGTON, 1997).

Assim, as heterotopias podem ser mais bem compreendidas a partir da insistência de Foucault por “fazer diferença”, como uma ferramenta de análise para trazer luz sobre as múltiplas características dos espaços sociais e culturais; assim como inventar outros novos a través das práticas que se põem em funcionamento em um contexto específico (JOHNSON, 2013). Sob esse aspecto, abordamos a heterotopia como uma reconfiguração do espaço e do tempo, mais do que um lugar específico, real (GENOCCHIO, 1995), a fim de compreender como diferença se produz através de um jogo de relações, ou semelhanças, mais do que pelo compartilhamento/oposição de elementos comuns ou essenciais entre os espaços. Nessa conexão, elas “replicam, exageram ou reduzem outro mundo de muitas e variadas formas” (idem, p.797), como podemos observar no cemitério, as prisões, as bibliotecas etc., exemplos dados por Foucault.

⁴⁷ Um influente estudo sobre o *Palais Royal* desenvolvido por Hetherington (1997).

A partir dessas definições que orientam a pesquisa, consideramos pertinente tomar como referência os princípios que Foucault enuncia como constitutivos de um estudo sistemático dos espaços outros. Tal abordagem nos permite explorar o nosso objeto de pesquisa e observar quais seriam as dimensões que configuram não somente “uma” heterotopia dada, mas as “experiências heterotópicas” (LAVALL, 2018) que deslocam as subjetividades e exprimem aspectos das relações de poder no tecido social.

2.5.1 Os princípios de uma heterotopologia

Na segunda conferência radiofônica de 1966, “Les Hétérotopies”, Foucault (2013) diz “sonhar” com uma ciência que teria por objeto esses espaços diferentes, esses lugares outros, essas contestações míticas e reais do espaço que vivemos, o que ele chama de *heterotopologia*. Contudo, essa proposição é revista na versão escrita que ela apresenta alguns meses depois diante dos arquitetos, quando ele troca a ideia de uma “ciência” por “uma espécie de descrição sistemática”, “uma análise estrutural”. É nesses textos que ele tenta oferecer o que seriam os princípios dessa heterotopologia, critérios imprescindíveis para a compreensão da heterotopia.

Esses princípios podem ser resumidos da seguinte maneira: 1) todas as sociedades (culturas, grupos humanos) produzem suas heterotopias, ainda que sob formas e funções diferentes; 2) no curso de sua história, as heterotopias evoluem e se transformam; 3) uma heterotopia justapõe espaços e tempos que podem ser incompatíveis entre si; 4) a heterotopia acompanha também uma heterocronia (“*decoupages du temps*”), que emerge na ruptura com o tempo tradicional e que evidencia a descontinuidade e multiplicidade de nossa experiência temporal ; 5) uma heterotopia é um lugar nem totalmente fechado, nem completamente aberto; 6) na heterotopia, os lugares relacionados são ao mesmo tempo representados, contestados, invertidos.

Nessa explicação, Foucault vai mostrando exemplos sobre como tais princípios poderiam caracterizar certas heterotopias. Sem se afastar da natureza literária e experimental de suas ideias sobre a heterotopia, ele parece se aproximar finalmente de uma proposição que se investe de qualidades metodológicas. Nesse sentido, poderíamos pensar em tais princípios como operadores metodológicos que permitiriam construir essa análise e descrição sistemática da estrutura e o funcionamento das heterotopias numa cultura um momento dado. Cada um desses princípios tem inspirado posteriores abordagens e desdobramentos em autores que exploram esse pensamento.

Um estudo sobre os lugares memoriais (HALLAM; HOCKEY, 2001), por exemplo, parte da noção heterotópica de justaposição de múltiplos significados num lugar. Nessa linha de estudos sobre espaços ligados à memória e à morte, o cemitério seria o que incorpora várias das características heterotópicas apontadas por Foucault (JOHNSON, 2013). Defert (2013) se refere à qualidade heterocrônica desses espaços, que ora exprimem um tempo provisório e efêmero (festas, carnaval etc.), ora a acumulação do tempo, o atemporal (bibliotecas, museus, memoriais etc.).

Foucault também se refere a dois tipos de heterotopias. Nas sociedades mais primitivas existiam o que chama de heterotopias “de crise”, lugares privilegiados, ou sagrados, ou proibidos que eram reservados para os indivíduos que se consideravam em estado de crise, com relação à sociedade que habitam (adolescentes, mulheres durante a menstruação, as grávidas, os idosos). Mas ele aponta que esses lugares vão desaparecendo para dar passo a outros destinados a indivíduos cujo comportamento se desvia da média ou da norma exigida, o que denomina “de desvio” (asilos, clínicas psiquiátricas, prisões, casas de repouso para idosos, sendo que a velhice se coloca no limite entre a crise e o desvio de padrões de lazer e beleza). Ao lado desses dois tipos, podemos citar também a referência às heterotopias de compensação, que criam espaços reais meticulosamente organizados, perfeitos, que colocam em evidência o restante dos espaços como mal organizados e desordenados, denunciando a imposição da ordem por meio de uma ilusão de perfeição.

Sabot (2012, p.8) observa que “esta distinção funcional repousa na passagem histórica e cultural de um primado de normas biológicas (nas sociedades primitivas) que fixam a linha de um desenvolvimento individual, ao um primado de normas sociais (nas sociedades modernas) que definem as condições de uma gestão diferencial das populações”. Esse é justamente o sentido da *experiencia* na obra de Foucault, quando ele se propõe relatar a estrutura singular de um tipo de experiência social (a loucura, a sexualidade etc.). Neste caso, é pertinente apontar que, assim como em outros momentos de sua obra, Foucault oferece um lugar primordial à dimensão corpórea dessa experiência. Além da reflexão sobre as heterotopias de crise e de desvio, que colocam o corpo no centro da análise, a primeira das falas radiais em dezembro de 1966 é quando ele explora de forma mais detalhada o corpo como um espaço outro, como “o ponto zero do mundo” (FOUCAULT, 2013).

Essa dimensão biológica ancorada no termo heterotopia é ligada também à sua origem na área médica. Trata-se de uma noção de anatomia patológica que designa em particular a presença de um órgão ou tecido em um local onde normalmente não deveria ser encontrado. Nesse sentido,

falamos de “heterotopia nodular hereditária”, “heterotopia fetal”, ou mesmo “heterotopia da substância cinzenta”. As reflexões de Foucault produzem um deslocamento do campo médico ao domínio do discurso e a sintaxe, e posteriormente aos estudos do espaço social (que tem sido apropriado especialmente por arquitetos e urbanistas). Sabot (2012) afirma que, do livro *Les mots et les choses* às conferências, o espaço se autonômica com relação à linguagem e se une à dimensão prática da experiência vivida, individual e social. A questão é melhor, de acordo com Sabot (2012, p.7):

a dos modos de ser do espaço circundante, da composição estrutural de diferentes lugares estritamente localizados, portanto, dos diferentes modos de estar no espaço ou de representar esse espaço vivido, seja do espaço social e sua distribuição hierárquica ou ainda de o espaço íntimo do corpo, esse “pequeno fragmento de espaço com o qual, em sentido estrito, *je fais corps*’.

É uma revisão profunda do conceito de espaço e sua operacionalização o que conduz Foucault a enunciar os princípios do que ele nomeia a *heterotopologia* (que assume a forma de uma antropologia do espaço social), bem como as condições para uma reapropriação da dimensão utópica do próprio corpo (SABOT, 2012).

2.5.2 Experiência heterotópica

Assim como prestamos atenção ao contexto de emergência e evolução do conceito, aos princípios enunciados por Foucault e à proliferação de exemplos que visam se enquadrar nessa abordagem, o que nos parece mais relevante é compreender os traços que configuram um tipo de experiência heterotópica. Entendemos que as heterotopias não demarcam espaços isolados, mas embutidos na própria cultura, não excludentes, mas heterogêneos; lugares definidos por várias camadas de significação e que exprimem uma potência imaginativa ligada à sua dimensão política, a qual emerge justamente de seu carácter lúdico, libertador e experimental (JOHNSON, 2013).

Assim, o pensamento heterotópico oferece um percurso alternativo para explorar espaços e tempos que não necessariamente se apresentam como radicalmente “outros”, ou seja, não são recintos onde a “normalidade” é suspensa. Ver na heterotopia uma alternativa radical e utópica de fuga e resistência é desconsiderar um pouco que Foucault nunca oferece uma rota fácil para escapar das dificuldades do cotidiano (JOHNSON, 2013, p.800). No entanto, existem experiências libertadoras ou características do espaço heterotópico que desafiam o utilitarismo e as avaliações

morais que tentam padronizar espaços, corpos e comportamentos. Nesse viés, a força política das “alianças heterotópicas” (GANDY, 2012) estaria dada mais apropriadamente por sua dimensão liberadora, experimental e lúdica.

A própria natureza e história do conceito de heterotopia na obra de Foucault revela seu potencial heurístico para estudar a experiência social a partir das relações que atravessam esses espaços outros. Isto sem nos aprisionar de modelos metodológicos muito fechados, mas pelo contrário, abrindo um caminho de experimentação e criatividade na pesquisa.

Assim, “a experiência escapa a qualquer fundamento transcendental para ser remetida à ordem de uma constituição histórica, ou seja, ao limite, à necessidade imperiosa de sua transformação” (SABOT, 2006, p.303). Nessa perspectiva de Foucault, a experiência não é mais apenas aquilo que é aprisionado pelos saberes sob a forma de uma existência governada e presa nas relações de poder, mas a força que impulsiona as transformações nas subjetividades, em direção a outras formações históricas e modos de vida.

Foucault define a experiência como a coragem de “arriscar não ser mais você mesmo” (2019, p.29). Assim, experiências são realizadas a partir de ações transformadoras, alterando as condições de opressão por meio de arranjos que envolvem um processo de autocriação permanente. Na experiência “há sempre um equilíbrio instável, com complementaridade e conflitos, entre as técnicas que asseguram a coerção e os processos pelos quais o sujeito é construído e modificado por si mesmo”, geralmente com a ajuda dos outros (Foucault, 2013, p. 39). Nesse sentido, acreditamos que a experiência migratória traz a necessidade de construir caminhos alternativos e rotas de experimentação para enfrentar as expectativas e ideologias dominantes que moldam as existências dos migrantes, transformando-as profundamente.

Nesses experimentos, as pessoas podem elaborar alternativas para criar um espaço habitável e possível de existência a partir de “operações heterotópicas pelas quais o corpo é arrancado de seu próprio espaço e projetado em outro espaço” (FOUCAULT, 2013, p.12). Quando Foucault diz que “a heterotopia tem o poder de justapor em um único lugar vários espaços, várias posições que são em si incompatíveis” (2004, p. 13), ele enfatiza que o conceito de heterotopia pode explicar, por exemplo, a confluência entre os diferentes espaços da sociedade e como as relações neles baseadas definem as relações sociais dos indivíduos. A noção de heterotopia, portanto, nos permite (sobretudo a partir de dados etnográficos empíricos) pensar a realidade do espaço social criado pelos migrantes cubanos através da ideia de representação dos lugares que abrigam suas relações

na sociedade. Pensar no processo de elaboração de uma heterotopia pode nos ajudar a compreender a heterogeneidade de temporalidades coexistentes e espaços migratórios habitados, experienciados e “viajados” por migrantes cubanos. Ao mesmo tempo, esse conceito faz parte de nosso engajamento reflexivo com a comunidade cubana no trabalho de campo.

Acreditamos que as heterotopias podem atuar a favor de ações que contrariem a ordem consensual, atestando a impossibilidade de fixação de destinos e seus significados. Elas resultam de formas de resistência aos modelos majoritários de acomodação da experiência, da alteração da função dos enunciados existentes, oferecendo condições afetivas, políticas, éticas e sociais para a transformação das vulnerabilidades e para outra experimentação das relações intersubjetivas e da imaginação política.

Para Christian Laval (2018), a noção de heterotopia de Foucault se revela justamente em sua concepção de experiência, que permeia múltiplos arranjos espaciais ao longo da história. Para Foucault, as experiências e a heterotopia produzem deslocamentos; causam inquietação, desestabilizam os lugares comuns e perturbam a distribuição habitual das coisas. Uma heterotopia não coloca as coisas no lugar esperado: ela produz, ao contrário, experiências que nos revelam a variedade de lugares que podemos habitar, construindo um lugar para as diferenças. Essa concepção espacial da heterotopia possibilita experiências e experimentos de resistência ativa, deslocamentos para fugir da autoridade ou atribuições de lugares ou identidades. Assim, a experiência heterotópica pode produzir um modo de vida baseado no cuidado de si e dos outros: submete a vida a uma transformação, ao mesmo tempo em que reconhece que a experiência se dá na articulação historicamente situada entre um regime de verdade (saber), uma forma de governamentalidade (poderes) e uma prática centrada no eu (subjativação).

2.6 A experiência como continuidade no pensamento foucaultiano: limite, materialidade, transgressão

A questão da *experiência* pode ser localizada mesmo desde os primeiros trabalhos de Michel Foucault, de acordo com uma análise de Philippe Sabot (2006) sobre a introdução foucaultiana à tradução inglesa de *Normal and the pathological*⁴⁸ (1943- 1966) em 1978, obra clássica de Georges Canguilhem; e sua posterior transformação em 1985 no artigo *La vie*:

⁴⁸ « Introduction by Michel Foucault », in CANGUILHEM, *On the Normal and the Pathological* (Boston, D. Reidel, 1978) ; repris in *Dits et écrits*, III (Paris, Gallimard, « Bibliothèque des sciences humaines », 1994), n°219, p. 429.

*l'expérience et la science*⁴⁹, que integrou um dossiê especial dedicado a Canguilhem. Esses textos evidenciam a influência desse historiador da ciência, médico e filósofo francês na obra de Foucault, especialmente no que concerne ao posicionamento no debate entre duas correntes que marcam a presença da fenomenologia na filosofia francesa: a “filosofia da experiência, significado e sujeito” e a “filosofia do conhecimento, racionalidade e conceito”. A partir desse contexto, Sabot (2006) se interessa por compreender a posição adotada por Foucault no momento em que se cristaliza uma oposição entre essas duas linhas de pensamento, especificamente durante a chamada “etapa arqueológica” da obra de Foucault, na década de 1960.

De acordo com Sabot (2006), o desafio do trabalho arqueológico, marcado pela discontinuidade, o limiar e a transformação, é justamente romper com a continuidade histórica. Assim, a tarefa do arqueólogo é encontrar e restaurar a configuração de espaços de pensamento heterogêneos e superpostos. Dessa forma, Foucault visa:

opôr a arqueologia do saber, isto é, a análise dos diferentes códigos de saber que dão aos discursos de uma época a sua positividade e a sua unidade, às miragens de uma continuidade historiográfica que se refere implícita ou explicitamente à atividade de um sujeito transcendente, de uma razão histórica (SABOT, 2006, p.290).

Essa reflexão sugere, segundo o autor, que a arqueologia foucaultiana pode se constituir no limite de um pensamento da experiência e de um pensamento do saber, através dos elementos da história. Esse é justamente um dos aportes mais significativos de *Histoire de la folie à l'âge classique* (1961), a obra que inicia o empreendimento arqueológico de Foucault e que evidencia a maneira original em que ele busca pensar as experiências: "precisamente no limite da radicalização ontológica – ‘existencialista’ – da fenomenologia e da análise histórica do discurso científico" (SABOT, 2006, p.300).

Nesse sentido, a noção de "experiência limite" se torna relevante para compreender a proposta epistemológica de Foucault, revelando assim também as influências do pensamento de Nietzsche, Bataille e Blanchot na própria abordagem foucaultiana da *experiência* (SABOT, 2006; SAUVÊTRE, 2017; LAVAL, 2018). Segundo Sabot (2006, p.301), essa "experiência limite" aparece na *Histoire de la folie* em relação com "o fulgor das experiências singulares", cujo ponto em comum é que põem em jogo outro tipo de verdade; não referente a uma determinação positiva,

⁴⁹ « La vie : l'expérience et la science », in *Revue de Métaphysique et de Morale*, 90e année, n°1: Canguilhem, janvier-mars 1985; repris in *DE*, IV, n°361, p. 763.

mas à relativização de todas as experiências históricas da loucura. Assim, a *experiência limite*, longe de se deixar determinar como uma positividade, ela vem a qualificar negativamente o campo das práticas e do saber modernos, ao se colocar justamente no limite de tal campo” (SABOT, 2006, p. 301).

Por outra parte, Pierre Sauvêtre (2017, p.10) destaca que o que a *experiência limite* designa na pesquisa de Foucault são as “formas estruturais da experiência”, em contraposição à “experiência vivida” (*expérience vécue*). Nesse viés, Foucault não se refere apenas às *experiências limite* (como a loucura, a doença, a morte, o crime, a sexualidade, etc.) que fundam os valores de um conjunto histórico ou cultural dado, mas àquelas que encontram suas condições de possibilidade ou seu fundamento além delas mesmas, nas grandes partilhas estruturantes desse conjunto⁵⁰. Isso é o que o próprio Foucault (1961) nomeia, em *Histoire de la folie à l'âge classique*, como as “estruturas fundamentais da experiência” (p.653). Nesse sentido, os procesos de subjetivação alteram os quadros estruturantes da experiência, alteram suas partilhas e promovem o deslocamento para a ordem política do sensível.

Contudo, Sauvêtre (2017) não concorda com uma separação estrita das três etapas do pensamento de Foucault, que é assumida geralmente da seguinte forma: 1) o “período arqueológico” dos anos de 1960 que aborda os discursos e regras de formação dos *saberes*; o período da “genealogia” dos anos de 1970, dedicado à análise das relações de *poder* que atravessam às sociedades; e o período ético dos anos 1980, que explora as formas de *subjetivação*. O autor vai apontar pelo menos três críticas às perspectivas que consideram essas etapas do pensamento de Foucault como mudanças absolutas, em que uma abordagem seria abandonada para dar passo à outra.

Tal consideração supõe uma mudança radical de objeto entre os diferentes períodos desconectados entre si, adotando objetos de pesquisa que giram em torno de um desses conceitos-chave: *saber, poder e ética*; sendo que a abordagem foucaultiana é na verdade de tipo acumulativa. Essa periodização sugere um abandono do método *arqueológico* (“o estudo do arquivo, como sistema que rege o aparecimento de enunciados como eventos singulares para um determinado período histórico” (SAUVÊTRE, 2017, p. 7) em benefício do método *genealógico* (a análise de como estes acontecimentos discursivos nos constituíram como sujeitos); sendo que, para Foucault,

⁵⁰ No original: « dans les grands partages structurants de cet ensemble »

a arqueologia permanece como “quadro metodológico” de sua análise, enquanto a genealogia passa a representar a “finalidade” (Ídem).

Por fim, não fica clara nessa divisão tripartite a unidade filosófica que atravessa o pensamento de Foucault, que tem sua raiz na articulação entre o discursivo e o não discursivo, e que é construída precisamente a partir desses momentos de enriquecimento progressivo que visam um “materialismo do saber”. Para Sauvêtre (2017), esse *materialismo do saber* diz respeito a uma análise que considera as condições de materialidade das formas de saber na vida histórica e social.

A *experiência* de Foucault, contudo, refere-se genericamente ao processo histórico e concreto dentro do qual o saber existe nas suas próprias dimensões materiais. Consequentemente, tomar o conceito de experiência e as suas sucessivas transformações como fio condutor de análise é seguir a forma de Foucault de aprofundar continuamente a perspectiva de um materialismo do saber (SAUVÊTRE, 2017, p. 80).

É nesse sentido que a *experiência* revela-se como uma noção que oferece unicidade à obra foucaultiana, não precisamente no sentido da semelhança ou continuidade, pelo contrário, trata-se da discontinuidade como unidade (GAVILLET, 2010). Assim, essa história das experiências concretas que formam a materialidade do saber parte de um desejo permanente de transformação e evolução do pensamento, que é também uma busca por compreender e imaginar as mudanças sociais. Porque, para Foucault, “uma experiência é algo da qual saímos transformados” (FOUCAULT, 1978 *apud* LAVAL, 2018, p.103)⁵¹.

2.6.1 A dupla concepção da experiência em Foucault (e sua complementariedade): “a vontade de ser outro”

Ainda que abordemos aqui a centralidade da *experiência* para Foucault, não é óbvio que ele lhe conferisse explicitamente um estatuto conceitual definido, apesar de a palavra aparecer em várias de suas reflexões. Um texto de Christian Laval (2018) faz referência ao duplo uso da experiência na obra de Foucault (SAUVÊTRE, 2017) para mostrar como a *experiência utópica*, ou *da alteração*, seria uma constante no percurso filosófico desse autor.

Um primeiro uso desse termo estaria relacionado à tradição da historização kantiana, *campos da experiência* constituídos pelas grandes divisões normativas de uma época

⁵¹ FOUCAULT, Michel. Entretien avec Michel Foucault (1978, publicado em 1980), Dits et écrits, t.II, Guilmard, 2001, pg 860, citado por Laval (2018, p.103)

(verdadeiro/falso, razão/loucura, o que pode ou não ser dito/feito, etc). Essa dimensão da experiência é o que é cristalizado nas instituições, nas formações do dispositivo (ainda que transitórias, mais ou menos estáveis), nos saberes constituídos que ditam as condições de possibilidade de um momento histórico dado.

Uma outra face da experiência em Foucault, pelo contrário, é justamente aquela que permite “fugir das condições de possibilidade de uma época” (LAVAL, 2018, p.109), a partir de uma transformação de si, dos modos de vida que definem o que somos, isto é, dos limites impostos à uma existência dada. Laval (2018, p.109) refere-se a essa segunda dimensão como um “gesto da transgressão”, a transposição de um limite espaço-temporal, que substitui a ideia de que uma transformação social só pode ser fruto de um “movimento das contradições”, uma visão erguida pelo pensamento marxista.

Trata-se do que Laval (2018) chama de *experiência utópica*, que designa uma *experiência da alteração*, o que significa “ir em direção de algo que é completamente diferente” (LAVAL, 2018, p.105). E esta aparece na obra de Foucault sob diferentes formas pessoais e coletivas através do uso de diversos nomes como “transgressão, resistência, insurreição, levante (...), todos esses termos como modalidades da experiência da alteridade” (LAVAL, 2018, p.114). É ali onde esse autor localiza o fio condutor que permite integrar os três eixos do pensamento mencionado anteriormente:

a continuidade no percurso filosófico de Foucault é a da vontade de ser outro, uma determinação constante de “tornar-se outro”. De modo que a experiência utópica como experiência alteradora é o que pode caracterizar não apenas o método e o objeto de Foucault, mas a sua própria subjetividade (LAVAL, 2018, p.105)

A originalidade dessa abordagem está dada precisamente porque as duas concepções da experiência não se apresentam como opostas, mas complementares, de forma a apontar as limitações de um pensamento filosófico social que pode chegar a se esgotar numa utopia da liberação total e definitiva em direção à uma sociedade “mais justa”. Sob essa perspectiva foucaultiana que discutimos aqui, no entanto, tal sociedade definitivamente liberada não seria mais do que uma forma estável do saber que instaura relações de poder assimétricas e, portanto, que obstaculiza a própria prática da liberdade, aquela que advém da experiência alteradora e que supõe uma vontade permanente de transformação.

O que Foucault buscava fazer desde o início, de acordo com Laval (2018), é uma “história das experiências”, a fim de restituir a contingência histórica que permitiria mostrar precisamente as possibilidades de transformação de umas condições dadas. Desvelar, a partir das rupturas, os arranjos possíveis. Ao fazer essa reconstituição das experiências transgressoras que deram origem aos campos de experiência, que são os saberes, Foucault articula a dupla perspectiva de campo da experiência e transposição do limite. Uma conexão entre experiência, saber e história que se aproxima da perspectiva de Georges Canguilhem. Isso nos retorna ao ponto de partida desta reflexão: o posicionamento de Foucault entre duas correntes filosóficas que, de fato, poderiam ser correlacionadas com essas duas concepções da experiência em Foucault aqui descritas. Assim como Canguilhem, Foucault rejeita a oposição entre essas duas vertentes e propõe alternativas de pensamento que permitem compreender a sua complementariedade.

A própria análise do Sabot (2006) sobre o método arqueológico de Foucault mostra como a descontinuidade entre as formas de experiência produz sucessivamente certas formações do saber que chegam a se constituir sob condições históricas dadas. O autor evidencia como, em *Histoire de la folie*, por exemplo, Foucault propõe-se relatar a “estrutura” singular da experiência clássica da loucura, a partir da passagem da experiência humanista (e medieval) da loucura à experiência que conhecemos hoje, em que a loucura é confinada na doença mental. Assim, “fazer a história da loucura tem a ver com “fazer aparecer a configuração clássica de sua experiência” (SABOT, 2006, p. 298). Ele sublinha que essa análise arqueológica do discurso científico “desontologiza” a experiência, ao historicizá-la; a interroga desde a exterioridade de suas figuras históricas, e não desde o existencialismo fenomenológico.

2.7 Dispositivo(s) em Foucault, ou uma “história das experiências”

Adotar esse tipo de análise requer, como vimos, não reduzir o pensamento de Foucault aos objetos, condições históricas ou etapas do pensamento que definem sua obra, mas nos apropriar de sua forma de pensar a realidade. É essa a perspectiva defendida por José Luiz Braga (2018), ao destacar o alcance epistemológico do conceito de *dispositivo* em Foucault, para além dos dispositivos de controle e vigilância que ele estudou. Nesse sentido, não se trata de fazer, por exemplo, uma história da psiquiatria, mas da loucura mesmo, como experiência viva, em toda sua plenitude e possibilidades de vir a ser, não apenas circunscrita aos regimes do saber, mas através deles.

É por isso que Laval (2018) insiste em destacar essa experiência foucaultiana como da ordem da transgressão, porque mesmo a experiência limite encontra-se em tensão permanente com essas transgressões dos espaços, susceptível às tecnologias do poder, flutuante entre formações do saber. Sabot (2006, p.301) vai dizer que se trata de uma “experiência irreduzível da negatividade, dessa alteridade originária” da loucura (como exemplo) que pode se encontrar oculta ou ser confiscada pela ação estratégica dos “dispositivos de expulsão e objetivação”. Em certa medida, essa *experiência* pode ser justamente o que os “arranjos” no dispositivo podem permitir aos sujeitos, de acordo com Braga (2018).

Nesse viés, a análise das formas da experiência (que pode ser a loucura, a sexualidade, ou outros objetos de interesse do pesquisador) refere-se às condições, historicamente limitadas, de sua manifestação, ou seja:

aos dispositivos singulares que produzem tanto o aparecimento quanto a transformação. Porque tais dispositivos não devem ser concebidos como conjuntos fechados em si mesmos e separados uns dos outros, mas como as bases a partir das quais encaixam-se e encadeiam-se diversas e incomparáveis "experiências" (SABOT, 2006, p.298).

Ao adoptar uma compreensão mais ampla da obra de Foucault de forma mais geral, podemos considerar sua concepção metodológica do dispositivo mais abrangente do que os objetos específicos que ele estudou como dispositivos de controle social. Trata-se, por exemplo, de compreender como as diversidades da experiência sexual não foram compreendidas no quadro dos modelos de organização da sociedade, aqueles que visam homogeneizar a subjetividade sexual humana como heteronormativa. Dado que a estratégia predominante era principalmente disciplinar, Foucault busca não apenas destacar essa atitude disciplinar predominante, mas também observar como ela se organizou, ou seja, compreender a natureza do vínculo que pode se estabelecer entre esses elementos heterogêneos que integrar um sistema de relações em um momento histórico específico.

Identificamos, assim, ao menos três questões essenciais que devem ser esclarecidas, a fim de ultrapassar algumas concepções limitadas sobre as potencialidades desses estudos foucaultianos: a problematização das traduções inglesas desse termo que podem condicionar certas apropriações (KESSLER, 2007); a visão reducionista que restringe a exposição metodológica de Foucault (1977) sobre dispositivos a um fragmento canônico de citação (GAVILLET, 2010); e uma distinção que deve ser feita entre a proposta analítica de Foucault e a natureza dos objetos estudados por ele como dispositivos disciplinares (BRAGA, 2018).

Frank Kessler (2007) situa a emergência do dispositivo como conceito teórico no paradigma pós-estruturalista dos anos setenta, principalmente nos estudos de Jean-Louis Baudry sobre cinema e, por outra parte, nos escritos de Foucault. Kessler explora uma variedade de abordagens que dialogam e contestam a noção de dispositivo:

na concepção teórica de dispositivos proposta por Beaudry, Foucault (e, mais recentemente, Agamben) o aspecto do poder é sem dúvida a questão mais central. As formas específicas pelas quais os dispositivos produzem uma forma de subjetivação (KESSLER, 2007, p.16).

Por outro lado, além do caráter polissêmico e controverso do conceito de dispositivo, os autores que exploram esses estudos também destacam alguns problemas decorrentes de sua tradução para o inglês. Kessler (2007, p.1) afirma que traduções como *apparatus*, *mechanism*, *device*, *procedures* podem ser contraditórias com relação à dimensão conceitual do dispositivo, sobretudo na terminologia introduzida por Beaudry (*dispositif / appareil de base*)⁵². “Além disso, ‘aparelho’ ressalta principalmente o ‘lado mecânico’ do termo, e menos o aspecto de uma ‘disposição’ específica, tanto no sentido de ‘arranjo’ quanto de ‘tendência’ (idem, p.1). Essa perspectiva sobre o dispositivo, que destaca os arranjos que o compõem, reforça a proposta do professor brasileiro José Luiz Braga (2018) ao desenvolver um modelo de análise dos fenômenos da comunicação inspirado no método de Foucault para o estudo dos dispositivos.

A maioria dos autores concorda que o termo dispositivo aparece em Foucault em conexão com sua análise do “dispositivo da sexualidade” (FOUCAULT, 1976). No entanto, numa entrevista à revista *Ornicar*, em 1977, ele oferece uma explicação mais ampla sobre o sentido e a função metodológica desse conceito na sua obra. Nessa entrevista, o dispositivo aparece mais o resultado de formações, de arranjos e articulações que, ao encontrarem uma forma de dispor alguns elementos diversos, podem auxiliar na busca de soluções para problemas urgentes.

Segundo Gavillet (2010, p.20), outra dificuldade de compreensão desse termo advém da redução das ideias de Foucault sobre dispositivos a uma definição canônica contida em determinadas linhas, sendo que é importante compreender em seu conjunto as ideias apresentadas por Foucault naquela época. Gavillet (2010), assim como Kessler (2007) e Braga (2018), optam por considerar vários dos aspectos destacados nas propostas de Foucault (1977), começando por

⁵² Kessler (2007, p.7) distingue le concept de *dispositif* de la définition d'*appareil de base* (l'ensemble des machines nécessaires à la production et à la projection d'un film) dans l'œuvre de Beaudry ; montrant que pour cet auteur, le *dispositif* désigne la situation de visualisation, marquée par une certaine disposition des éléments (le projecteur, la salle obscure et l'écran) qui cherchent à produire un effet sur le spectateur.

reproduzir a definição ampliada que contém as três principais características essenciais que ele apontou sobre o conceito de dispositivo (FOUCAULT, 1977).

O que estou tentando identificar com esse nome é, *em primeiro lugar*, um conjunto resolutamente heterogêneo, composto por discursos, instituições, arranjos arquitetônicos, decisões normativas, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, propostas filosóficas, morais, filantrópicas, enfim: o dito, assim como o não dito, esses são os elementos do dispositivo. O próprio dispositivo é a rede que pode ser estabelecida entre esses elementos.

Em segundo lugar, o que eu gostaria de identificar no dispositivo é justamente a natureza do vínculo que pode existir entre esses elementos heterogêneos. Assim, tal discurso pode aparecer ora como o programa de uma instituição, ora, ao contrário, como um elemento que permite justificar e mascarar uma prática que fica calada, ou funcionar como uma reinterpretação secundária dessa prática, dando-lhe acesso para um novo campo de racionalidade. Em suma, entre esses elementos, discursivos ou não, há como um jogo, mudanças de posição, modificações de funções, que também podem ser muito diferentes.

Em terceiro lugar, por dispositivo, quero dizer uma espécie de – digamos – formação, que em um dado momento histórico tinha a função principal de responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante. Isso poderia ter sido, por exemplo, a absorção de uma massa de população flutuante que uma sociedade de economia essencialmente mercantilista achava incômoda: havia ali um imperativo estratégico, funcionando como matriz de um dispositivo, que se tornou pouco a pouco o dispositivo de controle-subjugação da loucura, doença mental, neurose.

A partir dessa terceira dimensão exposta por Foucault, Braga (2018, pp. 86-87) vai dizer que sua abordagem atendia a uma ordem especial de *urgências* que demarcavam “o desencontro entre experiências sociais de organização abrangente e uma diversificação florescente da subjetividade”. Dado que a *estratégia* que prevaleceu foi principalmente disciplinar, ele não busca apenas evidenciar essa prevalência, mas observar como ela se organizou, isto é, compreender “a natureza do vínculo que pode existir entre esses elementos heterogêneos” (FOUCAULT, 1977), o que ele aponta como o segundo eixo reflexivo de sua abordagem. A partir de uma análise profunda da fala de Foucault (1977) na mencionada entrevista, Braga (2018) desenvolve uma construção conceitual feita pelo filósofo francês que evidencia sua força heurística como modelo de análise no campo comunicacional.

De acordo com Braga (2018, p. 85), há um pensamento metodológico evidenciado na exposição de Foucault (1977) sobre a concepção de dispositivo, quando ele faz as seguintes operações conceituais: indica seus componentes heterogêneos; define sua substância como sistema

de relações; esclarece sua natureza de “arranjo, jogo, tentativas, experimentalidade”; constata a gênese (urgência > função estratégica) e a forma como se processa (objetivo estratégico > elaboração *ad hoc*); mostra o funcionamento (efeitos não previstos + elementos surgentes > reajustamento constante) de um “processo de constante preenchimento estratégico” (FOUCAULT, 1977); e evidencia a estabilização (justificativa e constituição de uma verdade).

Esta abordagem de Foucault sobre o dispositivo destaca o aspecto relacional do conceito, na medida em que ele permite abordar fenômenos sociais complexos a partir de uma perspectiva de interdependências relacionais de certos elementos heterogêneos, abrindo espaço para uma concepção mais pragmática dos dispositivos.

O conceito de dispositivo é explorado como um tipo de formação que não apenas produz controle e constrangimentos, mas também abre possibilidades de contato, participação, jogo, além de experiências corporais e sensuais. Esta reconceitualização permite abordar uma série de relações de tipo tecnológico – simbólico; sujeito – objeto; humano – não humano; etc. não como oposições dualistas, mas como estruturas interdependentes. O dispositivo, em tais estudos⁵³, é visto como um conceito de “*in-between*” (Peeters e Charlier 1999)⁵⁴ (...). A diferença é, porém, que um dispositivo, nessa perspectiva, pode de fato também abrir oportunidades para vários tipos de agência. Um dispositivo, pode-se dizer, também pode fornecer um espaço para diferentes formas de *performatividade* (KESSLER, 2007, p.7).

Trata-se de analisar o conceito de dispositivo como “ferramenta heurística” (KESSLER, 2007, p.17), e até mesmo atentar para sua “força heurística” (BRAGA, 2018, p.88), ao invés de assumir a perspectiva foucaultiana como uma explicação generalizada de fenômenos semelhantes aos que ele estudou. “*Dispositivo* não é o nome de uma classe de objetos sociais – mas sim uma percepção do modo de construção do social, para compreender diferentes coisas que são aí elaboradas. É uma visada epistemológica, e não uma teoria propositora de categorias fechadas (BRAGA, 2018, p.87).”

Assim, a inserção dos objetos estudados em uma certa historicidade e um contexto específico está fundamentalmente no cerne desta abordagem, de modo a considerar a centralidade das temporalidades, a experiência cultural concreta, bem como uma perspectiva analítica da articulação entre os níveis macro e micro da análise dos fenômenos sociais.

⁵³ O autor refere-se aos trabalhos publicados no número especial da revista francesa *Hermès* (1999), dedicado à temática *Le dispositif : entre usage et concept*.

⁵⁴ Peeters, Hugues e Charlier, Philippe. Contributions à une théorie du dispositif. *Hermès*, no.25, pp. 15-23, 1999.

É preciso reconhecer, com Foucault, a especificidade de cada tipo de “solução” socialmente elaborada na forma de seus dispositivos: a sequência de arranjos dispositivos não se caracteriza como uma evolução contínua. Os processos sociais não são um longo caminho evolutivo, continuamente aperfeiçoado a partir dos passos anteriores. (...) Os grandes problemas não são ideias gerais constantes. A cada momento histórico, em cada cultura que lhes dá forma e sentido, ressurgem concretamente como *urgências singulares*. Ao mesmo tempo, a recorrência permite comparar estas urgências em sua diversidade (BRAGA, 2018, p.87-88).

Acreditamos que a produção de arranjos disposicionais (BRAGA, 2018) pelos sujeitos dão origem à composição de práticas de liberdade capazes de permitir o exame reflexivo da própria experiência de maneira a alcançar um sentido de orientação que valoriza a singularidade das trajetórias de cada um e cada uma. Dispositivos podem ser produzidos para a transformação de condições opressoras e, com isso, auxiliam os sujeitos a estabelecer seus padrões de valores e, então, a começar o trabalho paciente de moverem-se entre esse padrão e o mundo em que vivem.

As heterotopias, nesta concepção, “interrompem o fluxo da experiência cotidiana, abrindo espaços de descanso, refúgio e jogo”. (JOHNSON, 2013, p.797). “o espaço heterotópico, como dispositivo, combina método e objeto, gerando novos efeitos, experiências, aberturas e perigos” (JOHNSON, 2013, p.799); destacando uma rede e indicando a possibilidade de novas alianças, sem oferecer uma rota de fuga fácil do cotidiano. Tal perspectiva está longe de ser a alternativa à noção utópica de fuga e resistência que David Harvey (2000) assume estar no centro dos breves relatos de Foucault sobre a noção de heterotopia.

A aproximação entre as noções de dispositivo e experiência coloca em evidência a importância da criação de redes de relações e articulações consigo e com os outros que forneçam um contexto de reconhecimento de valores morais em uma comunidade, um espaço de jogo no qual há liberdade de mover e reagenciar condutas. Nesse processo, é importante entender como a experiência emerge a partir de e junto com arranjos disposicionais que são redefinidos constantemente de modo a permitir o trabalho de reinvenção da própria subjetividade, a partir de uma relação específica e transformadora do indivíduo consigo mesmo. É por meio do esforço em criar práticas que permitam a realização dessa transformação que uma heterotopia pode surgir. As reflexões que apresentamos aqui nos permitem olhar para uma potencialidade metodológica da obra de Foucault que não se esgota no estudo das técnicas de governamentalidade ou de

subjetivação⁵⁵ descritas por ele; que não se reduz a olhar apenas a oposição entre dispositivos de controle e heterotopias liberadoras, mas a forma como essas figuras são articuladas ao longo da história. Sobretudo, abre espaço para uma abordagem que não exclui de seu legado as muitas possibilidades de emancipação que advêm das experiências; seja como materialidade do saber, como transgressão dos limites, ou como experiência utópica da alteração das formas de vida e das identidades impostas por um saber.

Para isso, é preciso analisar a base epistemológica a partir da qual é possível fazer essa "arqueologia da experiência" (SABOT, 2006, p.302), ou seja, as transformações do conceito de experiência em Foucault. É na história dessa experiência limite que encontramos pistas para compreender a complementariedade entre a ordem da experiência e a ordem do saber; na medida que isso aponta para as rupturas na continuidade histórica e para a descontinuidade dos espaços de pensamento.

CAPÍTULO 3. Relato metodológico: a pesquisa como uma experiência heterotópica

Quando começo um livro, não somente não sei o que pensarei no final, mas não sei, claramente, que método irei empregar. Cada um de meus livros é uma maneira de recortar um objeto e de forjar um método de análise”

Michel Foucault⁵⁶

⁵⁵ O sujeito em Foucault não é visto como produto de técnicas de dominação e nem como ser autônomo que se vê livre da historicidade e da interdependência. Ele vai emergir no cruzamento entre as técnicas de dominação e as técnicas de si. As técnicas de si são práticas sociais, culturais e históricas que interagem com tecnologias de produção, tecnologias dos sistemas de signos e tecnologias de poder. Elas permitem definir as condições nas quais o sujeito “problematiza o que ele é, o que ele faz e o mundo no qual ele vive” (FOUCAULT, 1985, p. 49).

⁵⁶ (FOUCAULT, 2010 [1980], p. 290).

Muitas das metodologias utilizadas para pesquisar experiências de migração nos estudos de Comunicação derivam de outras disciplinas, incluindo Sociologia, Antropologia, Geografia e Estudos Literários. Além disso, atualmente os pesquisadores podem se valer de arcabouços teóricos que englobam tanto os estudos clássicos de identidades híbridas da diáspora e interculturalidade, quanto os estudos mais recentes sobre as dimensões sociotécnicas do processo migratório, incluindo estudos de mídia digital e sua influência na mobilização de comunidades diaspóricas e a ativação de ligações transnacionais através das fronteiras (DIMINESCU, 2008; ELHAJJI; ESCUDERO, 2017; COGO; SILVA, 2016; SANTOS; COGO, 2021). Além disso, o trabalho de campo continua a ser uma base metodológica fundamental para a compreensão da experiência de sujeitos migrantes e, portanto, pretendemos discutir aspectos etnográficos de metodologias que enfatizam a experiência e a transformação subjetiva e coletiva nos estudos de migração em Estudos de Comunicação.

Apresentamos aqui algumas reflexões sobre a experiência de trabalho de campo a partir das interações que a autora estabeleceu com imigrantes cubanos na cidade de Montreal durante dois períodos de pesquisa: a primeira visita teve a duração de cinco meses, no início de 2019; e a segunda visita foi realizada em janeiro de 2020 e prorrogada até junho de 2021 devido ao surto da pandemia de Covid-19. A visita a campo foi realizada pela estudante autora da tese (cubana, imigrante, doutoranda no Brasil, que chegou a Montreal falando poucas palavras em francês); enquanto a concepção metodológica da pesquisa, a preparação do campo e a análise dos dados resultantes das trocas com os participantes foram realizadas em conjunto com a orientadora da pesquisa. Nesse sentido, ao longo do texto utilizamos tanto o “eu” quanto o “nós”, com o objetivo de respeitar a experiência individual do trabalho de campo e, ao mesmo tempo, as reflexões coletivas que dão corpo a esse trabalho.

Nossa relação com o terreno é, de alguma forma, estrangeira, já que nenhuma de nós havia visitado Montreal antes da investigação e nem tínhamos uma conexão direta com a comunidade diaspórica cubana na cidade. Encaramos o trabalho de campo a partir de nossas próprias subjetividades, respeitando tanto o encontro singular da pesquisadora que interage com os participantes do campo, quanto à concepção coletiva de uma equipe de pesquisa.

A partir de nossas sensibilidades e experiências de vida, buscamos contribuir com nossa própria visão sobre os fenômenos estudados, sempre em diálogo com a bibliografia sistematizada. Compartilhamos nossos pontos de vista para complementar e enriquecer a análise, que transita

entre a proximidade de uma pesquisadora cubana e a distância do olhar de uma brasileira, que já desenvolveram juntas estudos sobre a realidade cubana, incluindo pesquisas anteriores sobre conversas online de cubanos sobre migração (HERNANDEZ; MARQUES, 2019).

Para abordar a perspectiva metodológica deste trabalho, começamos discutindo os termos da relação que se estabelece entre a pesquisadora em campo e os sujeitos da pesquisa, bem como as possibilidades de a pesquisadora lidar com a experiência de campo a partir das epistemologias e subjetividades que permeiam a escrita de um texto. Em seguida, exploramos a noção de heterotopia e seu potencial epistemológico e metodológico para pensar as relações de poder tanto no trabalho de campo quanto nos processos que estamos analisando.

3.1 Observar, participar, interagir: engajamentos no trabalho etnográfico

A pesquisa etnográfica clássica frequentemente utiliza a observação participante para proporcionar uma visão mais próxima das comunidades estudadas, porém, essa “proximidade” deve preservar algum distanciamento entre pesquisador e sujeitos pesquisados. A distância mantida no processo de aproximação é necessária para resistir à tentação de reduzir a alteridade a categorias familiares e quadros morais que orientam o olhar do pesquisador. Ainda que persista uma relação desigual e colonial entre pesquisador e participantes da pesquisa (GOLDMAN, 2006; GRANJON, 2020), como um problema central no desenho dos caminhos metodológicos das investigações baseadas em encontros intersubjetivos, queremos investir em referenciais que proporcionem uma abordagem mais dialógica para se envolver com os participantes da pesquisa, bem como problematizar como o conceito de heterotopia pode ressignificar a experiência de campo. Aqui nos interessam particularmente as possibilidades de abertura do texto etnográfico às vozes dos interlocutores em suas experiências narrativas (CAIAFA, 2019; MORICEAU; SOPARNOT, 2019).

A exposição aos acontecimentos durante o trabalho etnográfico, segundo Caiafa (2019, p.38) faz com que pesquisadores e participantes da pesquisa sejam afetados de diferentes maneiras. Nesse sentido, a observação participante é vivenciada como um tipo especial de relação, envolvendo os desafios inerentes à alteridade numa linha tênue entre imperativos científicos, éticos e subjetivos. Segundo Moriceau e Soparnot (2019, p.11-15), o desenho metodológico também pode ser concebido como um “outro espaço”, um espaço de hospitalidade, mas também um espaço onde pesquisador e participantes são desafiados por inquietações intensas, incompatíveis, contraditórias

ou experiências transformadoras. Nesse viés, o encontro entre eles pode ser concebido como um espaço heterotópico, pelas implicações que traz para o pesquisador (questionar a validade das fontes utilizadas, a adequação das ferramentas, as implicações das escolhas feitas e o significado dos achados) e também para os participantes (situações criadas no trabalho de campo podem desafiar esquemas de visibilidade e legibilidade que reiteram injustiças e também podem questionar identidades sociais impostas, vulnerabilidades e condições injustas de vida).

Quando a pesquisa instala o corpo em outro espaço, fazendo-o entrar em um lugar que não existe diretamente no mundo, permite que esse corpo habite um possível espaço imaginário que o conecta com o universo do outro. Nesse espaço heterotópico, pesquisador e participantes estão localizados em rede, em uma “intriga” de múltiplos elementos e significados. É nessa rede que surge o questionamento de padrões opressores e a experimentação de novos códigos e linguagens para a elaboração de narrativas. As investigações por nós realizadas dedicaram-se a explorar formas de resistência aos modelos majoritários de tradução de experiências vividas, de mudança de função dos enunciados existentes, oferecendo condições afetivas, políticas, estéticas e sociais para a transformação das vulnerabilidades e para outra experimentação das relações intersubjetivas.

Nesse sentido, uma abordagem que nos parece particularmente importante, especialmente em projetos que focalizam a mobilidade humana e sua interseção com os fluxos digitais, é o uso de métodos etnográficos ao lado da cartografia (KASTRUP, 2008; VELOSO, 2020). A partir de uma perspectiva influenciada pelos trabalhos de Gilles Deleuze e Félix Guattari, diversos estudiosos defendem que a cartografia pode ser vista como uma tentativa de “mapear a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão está conectado, abrangendo suas modulações e suas contínuas formas de movimento” (DE BARROS; KASTRUP, 2009 *apud* VELOSO, 2020, p.60). Utilizando essa abordagem cartográfica, Veloso (2020) formulou sua pesquisa utilizando um tipo de “participação observante” (priorizando aqui um papel ativo do pesquisador no campo) para desenvolver um método que ele chama de mapeamento de vulnerabilidade: “um engajamento corporificado do pesquisador com os principais sujeitos envolvidos no fenômeno ou processo que pretende investigar” (VELOSO, 2020, p.60).

A tensão da distância subjetiva entre os acadêmicos e os participantes da pesquisa no trabalho de campo permanece evidente, mas, neste caso, é definida por um “engajamento corporificado”, como menciona Caiafa (2019, p.45) ao se referir a esse vínculo como “uma aproximação sóbria, um engajamento consequente, mas desapaixonado, pronto para abraçar outras

perspectivas e posições”. A ideia de “engajamento” é utilizada pelos autores para descrever certo nível de envolvimento entre o pesquisador e os participantes do campo.

O que geralmente se percebe como obstáculo ao rigor e ao poder criativo da observação participante é uma espécie de “hiperprofissionalismo que permite que a autoridade do etnógrafo prevaleça no campo”, de modo que os compromissos teóricos e as políticas acadêmicas acabam abandonando os aspectos enriquecedores (CAIAFA, 2019, p.38). Nessa perspectiva, a noção de “lugar de fala”⁵⁷ é empregada por alguns pesquisadores para se referir à pesquisa científica como um gesto político de construção do conhecimento com os sujeitos que participam do processo de pesquisa, a fim de dar visibilidade a uma “localização política, ética e social” a partir da qual os pesquisadores refletem sobre sua posição e sobre a responsabilidade ética inerente ao seu trabalho (MARTINO; MARQUES, 2018, p.223).

Por outro lado, Granjon (2020, p.16) defende que “as análises que os entrevistados produzem não devem ser entendidas como interpretações prontas para serem utilizadas pelo pesquisador – como se esses enunciados revelassem o sentido exato do que aconteceu – mas sim como interpretações que ainda devem ser articuladas com uma variedade de outros fatos.” Nesse sentido, considerar apenas as palavras dos participantes da pesquisa como a verdade de um conhecimento objetivo da realidade significaria desconsiderar algumas das condições e subjetividades históricas e situadas que permeiam essas narrativas, que não seriam captadas por essas representações.

Aqui, argumentaríamos que o desafio de usar a etnografia é encontrar um equilíbrio no processo de interpretação das análises dos participantes, por meio do qual o pesquisador reconstrói a experiência de campo, para que ela não se torne um discurso que apague a enunciação dos sujeitos participantes, nem se converta em um registro plano e homogêneo da realidade produzida pelo pesquisador. Em geral, podemos apontar que o potencial da tradição etnográfica reside justamente em sua capacidade de contestar continuamente seu próprio tradicionalismo, de possibilitar abordagens interdisciplinares e de levantar novas questões a partir de descobertas e experimentos no campo (CASTAÑEDA, 2006). Nesse sentido, metodologias e métodos mais recentes

⁵⁷ Entendemos o conceito de “lugar de fala” menos como a autoridade conquistada por um determinado sujeito para narrar sua experiência e mais como uma posição de sujeito, ou seja, o lugar social por eles ocupado em uma matriz de dominação e opressão, dentro de relações de poder que definem as condições sociais que autorizam ou negam o acesso de determinados grupos à cidadania. Trata-se, portanto, do reconhecimento do caráter coletivo que rege as oportunidades e constrangimentos que atravessam os sujeitos pertencentes a determinado grupo social e que se justapõem ao aspecto individualizado das experiências (RIBEIRO, 2017).

(cartografia participativa, *photovoice*, *Livelab* etc.) estão especialmente interessados em buscar formas de contestar assimetrias e compartilhar poder nos encontros em campo e nos textos publicados.

Partindo dessas perspectivas, buscamos refletir sobre como a noção de heterotopia pode lançar luz sobre a configuração de um espaço de encontro de pesquisa mais equânime e pode ser um espaço possível de transformação da experiência dos migrantes cubanos.

3.2 Sujeitos e espaços de pesquisa

A primeira visita de pesquisa foi fundamental para entender como o espaço influenciou nossas percepções e nos levou à noção de heterotopia como conceito-chave de pesquisa. Nesse sentido, entendemos que o trabalho de campo em sua fase exploratória pode estimular o pesquisador a explorar referenciais teóricos, o que, por sua vez, influencia a coleta de dados. Essa dinâmica possibilita a emergência de um *loop* recursivo “(*loop* abdução de pesquisa: produção teórica do empirismo – produção empírica da teoria) em uma prática que consideramos derivada, por sua vez, de um compromisso etnográfico que complementa os compromissos científicos, “epistemopolíticos” e práticos aos quais nos referimos anteriormente” (GRANJON, 2020, p.14).

A primeira visita a Montreal, em 2019, desafiou duas visões iniciais que tínhamos: a ideia de que a migração para o Canadá seria condicionada principalmente pela seletividade de programas de imigração (econômicos) qualificados, ao contrário do fluxo migratório histórico de Cuba para os EUA; e, por outro lado, uma tendência a homogeneizar categorias empíricas que reduzem o escopo da pesquisa a generalizações como “cubanos” (semelhanças culturais), “migrantes” (semelhanças intragrupo e/ou intracomunitárias) e “no Canadá” (semelhanças na rota migratória). As conversas que experimentei com os dois grupos diferentes de cubanos foram os processos responsáveis por essa mudança. A troca recíproca de entendimentos, experiências e argumentos com os participantes criou um ambiente de confiança, no qual as identidades podem ser consideradas como posições de sujeito contingentes, em constante mudança e dependentes de vulnerabilidades contextuais e relações intersubjetivas que definem conflitos e tensão constante nas negociações. As conversas no trabalho de campo também podem desestabilizar certezas sustentadas desde o início, pois conectam a pesquisadora com grandes debates sobre questões de justiça, garantindo aos participantes mais oportunidades de expor pontos de vista e refletir sobre suas vidas.

Essa primeira fase exploratória da pesquisa foi marcada pelo encontro com cubanos de dois “grupos” com os quais eu⁵⁸ convivi sistematicamente: o grupo de amigos de Daniel e os cubanos que frequentam o restaurante cubano do chef Ale. Daniel (36 anos) era o único cubano que eu conhecia em Montreal, e ele me apresentou a seus amigos cubanos na cidade, um grupo de imigrantes que tinha um perfil muito parecido com o “tipo” de imigrante qualificado que os programas de imigração canadenses procuram atrair para do país: jovens de 30 a 40 anos, altamente educados e com domínio das línguas locais. A maioria apresentou sinais de boa integração sociocultural e muitos obtiveram a cidadania canadense, a maioria trabalha como profissional de TI, segue um modelo de família heterossexual, tem em média dois filhos por casal, é branca e procedente da região da capital cubana.

Mais tarde, descobri o restaurante do chef Ale (46 anos), porque ficava no chamado “bairro latino” de Montreal. Ele foi extremamente receptivo quando nos conhecemos e se ofereceu para me ajudar no que fosse necessário para minha pesquisa. Enquanto o grupo de amigos de Daniel era mais “restrito” (mais fechado e exclusivo), o restaurante de Ale conectou um grupo de imigrantes muito mais aberto e heterogêneo, cujos perfis, em certa medida, contrastavam com as características do primeiro grupo. A maioria dos cubanos que conheci no restaurante havia emigrado para o Canadá sob a condição de refúgio/asilo político ou por casamento com quebequenses (lembrando que o Quebec é um dos grandes emissores de turismo para Cuba). Muitos chegaram em Montreal no final dos anos 1990, vindos de diferentes regiões de Cuba, com estruturas familiares bem diversas e pertencendo a variadas crenças religiosas (sobretudo Protestantes e *Yoruba*).

Ao descrever algumas das características comuns de cada grupo, não estamos sugerindo que essa descrição esgote as particularidades dos sujeitos, mas queremos destacar a heterogeneidade encontrada nos espaços frequentados por imigrantes de mesma origem cultural e em suas formas de interação. Olhando para o cruzamento de algumas identidades, além da nacionalidade, posso dizer que no grupo de Daniel não conheci nenhum cubano negro ou queer, mas eles estavam presentes entre os frequentadores do restaurante. Além disso, ficou evidente a grande diferença entre os relatos dos amigos de Daniel sobre sua trajetória migratória, que geralmente segue os procedimentos dos programas de imigração qualificados canadenses, e os dos

⁵⁸ Doravante, sempre que o pronome “eu” for mencionado para relatar experiências de trabalho de campo, refere-se á estudante autora da tese.

amigos e clientes do restaurante. O próprio Ale contou como viajou para o Chile e morou lá por um ano, logo depois fez uma viagem por selvas e mares até chegar aos Estados Unidos e seguir para o Canadá.

Durante a pesquisa de campo foi possível explorar dimensões dos processos de subjetivação que permeiam o cotidiano dessa comunidade diaspórica, bem como a maneira como esses sujeitos criam vínculos transnacionais e práticas digitais para afirmar e transformar suas identidades e vidas. Além de entrevistas realizadas com uma dezena de imigrantes cubanos em Montreal, os materiais utilizados incluem também notas de observação de campo, fotografias tomadas pela pesquisadora e documentos (cartas) mostrados pelos próprios entrevistados. Também coletamos capturas de tela de postagens no Facebook dos cubanos com os quais entramos em contato em Montreal, assim como mensagens de WhatsApp postadas por um grupo de amigos cubanos que moram nessa cidade (amigos de Daniel)⁵⁹. Tanto esses espaços digitais, quanto os espaços de encontro dos cubanos em Montreal (o restaurante o chef Ale, os sítios de encontro de amigos de Daniel etc.). fazem parte dos ambientes da pesquisa de campo.

3.3 Interações e entrevistas

O trabalho de campo nos mostrou como as interações casuais, às vezes consideradas supérfluas, são relevantes para a compreensão das particularidades de um determinado grupo. Embora inicialmente planejássemos realizar entrevistas como nosso método principal, descobrimos como esses encontros fortuitos e frutíferos forneceram insights sobre o próprio ato de entrevistar e suas ramificações. Em primeiro lugar, devemos salientar que nem sempre foi possível desenvolver uma relação de “confiança mútua” que me permitisse obter um relato mais detalhado das histórias de vida dos participantes; e isso moldou as escolhas em relação aos participantes que apresentamos como os principais “narradores” do texto produzido posteriormente. No caso de Cuba, é necessário considerar também como a vigilância e a perseguição moldaram historicamente as relações entre o Estado cubano e os emigrantes e como podem condicionar a possibilidade de abertura ao contato com outros cubanos da diáspora.

Os relatos ouvidos no restaurante nem sempre faziam parte das entrevistas formais, mas surgiam nas interações cotidianas com as pessoas que ali frequentavam e, em muitos casos, até se tornavam uma forma de apresentação quando eu conhecia alguém novo. É por isso que achamos

⁵⁹ Obtivemos devidamente o consentimento livre e esclarecido de todos os participantes da pesquisa.

importante enfatizar aqui como os roteiros de entrevista ou o planejamento do trabalho de campo nem sempre são capazes de cobrir a variedade de situações e a riqueza de oportunidades oferecidas por uma abordagem mais flexível do espaço e dos participantes que o pesquisador encontra no campo e cujas histórias estamos interessadas em ouvir.

Por exemplo, ao longo do trabalho de campo, conheci muitos outros cubanos que não fazem parte desses dois grupos iniciais, especialmente porque minha segunda visita (2020-2021) ocorreu durante a pandemia de COVID-19, quando também conheci outros cubanos mais jovens em Montreal que se conectaram á través de um grupo de bate-papo no Messenger, onde interagiram para criar redes de apoio e compartilhar suas experiências. Porém, eu não consegui entrevistar os participantes deste grupo e, após a “administradora” perceber que eu não interagía muito nem participava de suas atividades durante mais de um ano, ela me tirou do grupo em 2022.

Muitos dos assuntos que surgiram em trocas casuais na sala do restaurante, durante o café, não apareceram nas entrevistas, apesar das tentativas de direcionar a conversa de volta para esses tópicos, como experiências mais privadas de depressão, conflitos de casais, opiniões sobre outros cubanos que frequentavam o restaurante etc. Essa sensação de interagir separadamente com dois discursos diferentes (vida pessoal e privada x temas neutros aceitáveis) formulados pelos participantes (durante a entrevista e em outras ocasiões) foi vivenciada muitas vezes ao longo do trabalho de campo.

Alguns dos materiais empíricos utilizados na pesquisa (observações, relatos desestruturados, posts no Facebook etc.) não estão ligados aos sujeitos que foram entrevistados. Muitas vezes eu encontrava uma pessoa por acaso no restaurante e durante uma ou duas horas de conversa, eles me contavam a história de sua vida, ou faziam alguns comentários que eu anotava posteriormente. A partir desses encontros continuava uma relação mais ou menos sistemática. Muitos dos participantes que eu seguia no Facebook (seus perfis pessoais), não foram entrevistados, mas ficamos em contato a através de encontros casuais e de interações digitais.

É claro que os sujeitos da pesquisa pareciam se sentir mais à vontade para conversar comigo em conversas cotidianas, talvez assumindo que o que eles diziam estava fora da entrevista e fazia parte de um relacionamento pessoal não vinculado à investigação. Embora eu tenha tentado manter minha posição como "profissional" tanto quanto possível, a própria cultura cubana é definida por um tratamento muito afetuoso e familiar, e é assim que eles me trataram. Percebi então como me encontrava no meio de uma narrativa dupla a partir da qual eu tinha que escolher o que contar. Isso

faz parte das assimetrias de poder no trabalho de campo, que envolve o julgamento primário entre essas narrativas contraditórias, bem como o fato de o pesquisador ter o privilégio (e a responsabilidade) de escolher.

Acreditamos, assim, que os relatos colhidos nas entrevistas são mais bem compreendidos se eles não são tomados como a “verdade” ou como “resultado”, mas como parte de todo o cenário da pesquisa em que sujeitos, encontros, palavras e fatos emergem de forma inesperada às pesquisadoras (e que, por sua vez, as afetam e transformam). É nesse sentido que surge o desconforto, a dúvida sobre o que não cabe fazer ou comentar, a contradição necessária para que o trabalho de campo se torne uma valiosa metodologia de pesquisa.

Por outro lado, entendemos a própria entrevista de campo como um procedimento metodológico ritual (como o questionário, a gravação etc.) que pode ser motivo de constrangimento e pode também levar os entrevistados a adotarem apenas as posições que consideram socialmente aceitas. Nesse sentido, pensamos que a entrevista etnográfica deve ser vista como uma performance que, assim como no teatro, é informada pelas experiências e representações incorporadas pelos atores, mas que dialoga ao mesmo tempo com as expectativas do entrevistador. O objetivo desta reflexão é antes chamar a atenção para a complexidade da tarefa dos pesquisadores sociais que buscam compreender uma realidade com a qual mantêm um duplo vínculo de engajamento e exame crítico.

Essa atitude exige do pesquisador, segundo Caiafa (2019), um tipo de “observação flutuante” que consiste em permanecer “vago e disponível”, ao invés de centrado em um objeto específico (como pesquisadores sociocientíficos mais tradicionais), para permitir que a informação chegue ao pesquisador da forma mais direta possível. Caiafa também se refere a uma forma de “presença atenta” que mantém a pesquisadora “ligada” e, ao mesmo tempo, capaz de suspender julgamentos sobre suas descobertas, uma espécie de distanciamento pelo qual ela renuncia às ideias preconcebidas que poderiam limitar a experiência etnográfica. Isso não implica, no entanto, adotar uma abordagem ingênua ou desestruturada do contexto estudado, mas é um método que requer treinamento (por meio da experiência de pesquisa de campo) e esforço por parte do etnógrafo.

Mas durante o trabalho de campo, outras questões surgiram também dentro de uma comunidade diaspórica que nos fez pensar em relações de poder. Questionei-me sobre a minha posição em cada um dos diferentes grupos que conheci e a forma como eles me permitiram participar da sua vida e a maneira como me enquadraram. A maioria me via como uma mulher

cubana branca, heterossexual e altamente educada: por isso, percebi com que naturalidade fui aceita no grupo de amigos de Daniel. Eles mesmos às vezes se referiam aos "outros cubanos" de Montreal com um tom de superioridade, como se não fossem seus "iguais". Eles não frequentam o restaurante de Ale.

Por outro lado, senti que as pessoas que conheci no restaurante faziam julgamentos sobre mim para justificar minha aceitação ali, apesar do que viam como se eu não fosse o "tipo" de cubano que normalmente vai se sentar e conversar com pessoas de lá. "Eu gosto de você porque você é simples, você é como nós", um deles me disse. Pela primeira vez na minha vida, vejo claramente como uma ideia de "classes sociais" sempre existiram em Cuba, apesar da "igualdade" promovida pelo governo da Ilha. Foi isso que me fez pensar em como a experiência migratória cria espaços heterotópicos que deslocam grupos e lugares sociais para além das fronteiras nacionais.

3.4 O potencial metodológico da heterotopia

Nesta pesquisa, o conceito de heterotopia está metodologicamente relacionado a uma atitude de abertura aos efeitos que as interações do trabalho de campo podem gerar. Assim como as heterotopias não se definem a priori como um espaço dado, nem como uma combinação única e permanente de elementos, nosso esforço consiste em mapear (como o cartógrafo) as qualidades heterotópicas das experiências compartilhadas no campo, a fim de abordar plenamente as redes de poder (assimetrias, diferenças, vulnerabilidades) que permeiam tanto os processos estudados quanto nosso trabalho de campo.

Nosso argumento parte do pressuposto de que os espaços heterotópicos podem ser disruptivos e transformadores no sentido de que os migrantes cubanos mostram como eles definem suas coordenadas de vida e suas práticas de reexistência. A construção de heterotopias mostra como sua existência corporal é prejudicada por poderosas forças de controle e, por isso, criam espaços concretos e simbólicos nos quais podem produzir cenas em que tematizam e nomeiam injustiças, fomentando a insurgência, a invenção e a "recusa do estatuto de sujeito em que se encontram. A recusa de sua identidade imposta, a recusa de sua permanência" (FOUCAULT, 2019, p.35) diante de um mundo que não os reconhece. Para Foucault, esse movimento de construção de espaços heterotópicos exige atenção às transformações que se produzem na condição de realizar

experiências em uma temporalidade descontínua e fragmentada: um tempo repleto de intervalos em que as vidas são constantemente redefinidas diante de múltiplas forças de poder e criação.

A heterotopia nos permite (a partir de dados etnográficos empíricos) pensar a realidade do espaço social criado pelos migrantes cubanos através da ideia de representação dos lugares que abrigam suas relações na sociedade. Utilizamos essa noção para compreender a heterogeneidade de temporalidades coexistentes e espaços migratórios habitados e percorridos por migrantes cubanos. Nosso intuito é ver como a experiência dos migrantes cubanos em Montreal se constitui a partir de uma teia de relações de espaços socioculturais, temporalidades e memórias que convivem, se combinam e se conectam. Consideramos que as heterotopias comportam um circuito relacional e aberto onde coexistem multiplicidade, diversidade e várias atividades num fluxo complexo de localidades, temporalidades e narrativas. A heterotopia é importante para nossa metodologia por ser uma concepção relacional que privilegia as articulações contingentes e constantes entre elementos heterogêneos sem implicar um sistema fechado ou completo que designe a diferença absoluta.

Serão investigadas as heterotopias formadas em torno de um restaurante cubano em Montreal; nas plataformas digitais onde interagem os cubanos no exterior (Facebook, grupo de WhatsApp); no corpo imigrante que comunica uma história, e nos tipos de lugares que fazem parte de um imaginário migratório comum, como “*el yuma*”. Consideramos que essas são práticas heterotópicas uma vez que não são completamente abertas ou fechadas, mas envolvem uma complexa dinâmica de pertencimento ou não, que vai além do simples fato de ser um imigrante cubano em Montreal ou do espaço comum da rede digital. Espaços concretos e digitais podem dar origem a limiares comunicativos centrados no cuidado de si e dos outros, na escuta e na produção de experimentações que conectam os corpos individuais aos demais sujeitos a partir de um espaço possível de fabulação no mundo concreto.

O geógrafo Edward Soja (1995), um dos estudiosos mais sistemáticos das heterotopias foucaultianas⁶⁰, refere-se à habilidade da heterotopia para ser ao mesmo tempo “combinatória microscópica, concretamente abstrata” (p. 14). Assim, a heterotopia produz variações e

⁶⁰ A circulação e posterior tradução dessas ideias de Foucault levaram à criação de uma *Chair* de Heterotopologia na Universidade da Califórnia em Los Angeles, sob o impulso do geógrafo urbano Eduardo Soja. A reflexão “heterotopológica” de Soja é notavelmente registrada em seu livro *Thirdspace. Journeys to Los Angeles and Other Real-and-Imagined Places*, Oxford: Basil Blackwell, 1996.

contradições que revelam a mutabilidade e o dinamismo da existência; longe de uma noção de totalidade, unidade ou estatismo apontada por alguns autores. Essa qualidade relacional, de acordo com Johnson (2013, p. 797), “torna certos espaços ferramentas de pesquisa particularmente produtivas”. Matthew Gandy (2012), por sua parte, explora a ecologia *queer* a partir de um cemitério urbano no norte de Londres para mostrar como as heterotopias podem ser pontos de partida num processo de contestação, para imaginar, inventar e diversificar o espaço.

Assim como aparece no trabalho de Soja (1995), o de Gandy (2012) evidencia ainda mais claramente que as heterotopias podem ser tanto um objeto de estudo, quanto uma ferramenta analítica. Nesse sentido, Gandy (2012) toma o espaço do cemitério como um dispositivo, no sentido foucaultiano e seguindo a Deleuze (1992), quando disse que dispositivos podem ser tanto máquinas abstratas, quanto *assemblages* concretos. Dessa forma, os conceitos de dispositivo e heterotopia se cruzam em seu alcance metodológico, marcado por sua concepção relacional, dinâmica, lúdica, tentativa e historicamente situada, abrindo possibilidades múltiplas para diferentes formas de subjetividades (JOHNSON, 2013; GANDY, 2012).

De acordo com vários autores que adotam essa perspectiva (JOHNSON, 2013; DEFERT, 1997; GANDY, 2012), a potencialidade epistemológica da heterotopia tem a ver com sua capacidade para conectar estudos interdisciplinares, forjando um novo terreno conceitual, testando as fronteiras; perturbando campos de estudo estabelecidos e trazendo novas conexões (JOHNSON, 2013, p.800). A multiplicidade de usos e práticas ligadas à materialidade dos espaços torna-se uma forma de gerar a diferença, e é esse interesse do Foucault por “fazer diferença” que torna a heterotopia uma ferramenta de análise para iluminar as características multifacetadas dos espaços sociais e culturais, assim como inventar novos (JOHNSON, 2013).

Assim, essa pesquisa busca mostrar como a migração se torna uma experiência heterotópica que inaugura outras formas de vida possíveis. Ao mapear esses espaços outros, buscamos mostrar como a experiência heterotópica da migração abre possibilidades outras de vir a ser. A partir dessas reflexões, propomos um mapeamento dessas *heterotopias migratórias* que encontramos durante o trabalho de campo com imigrantes cubano em Montreal. No seguinte capítulo apresentamos fundamentalmente três dimensões dessas experiências migratórias que nos parecem delinear traços heterotópicos: a) os lugares de reencontro, de trânsito, de imaginação diaspórica; b) as corporeidades que configuram a passagem e transformação entre espaços e temporalidades; e c) as

apropriações e reconfigurações narrativas nos ambientes de interação digital diaspórica e transnacional

Foi a aventura do trabalho de campo, a concepção da pesquisa como uma verdadeira exploração, o que me levou a descobrir as heterotopias como experiências outras de vida na migração. Quais seriam esses espaços onde é possível viver diferentemente, como imigrante, como o outro? Não haveria uma resposta homogênea, certa, previsível, para falar sobre o que é diferente. Assim, o nosso objetivo não é oferecer uma classificação de heterotopias como conjuntos estáveis, porque não é esse o modo como Foucault as apresenta. É na desordem das coisas, da linguagem, das práticas no espaço, que as heterotopias aparecem, como experiências concretas que possibilitam formas outras de vida e modos outros de habitar os espaços.

Nesse viés, apresentamos aqui apenas algumas ideias sobre o que entendemos como experiências heterotópicas na migração, ou *heterotopias migratórias*, aquelas formas de nos relacionar com os espaços que nos permitem existir para além dos lugares que nos foram designados. Entendemos que essas *heterotopias migratórias* são experiências ligadas às novas relações espaciais que emergem da reelaboração dos laços sociais na migração; nas temporalidades que são fragmentadas, múltiplas, cruzadas e justapostas, mas também reinventadas a todo momento e de diferentes formas; nos espaços heterogêneos e contraditórios onde a própria crise pode se tornar uma forma de vida que transforma os sujeitos e seus modos de existir; são espaços, corpos, linguagens e materialidades que só existiriam pela invenção de uma vida migrante.

Nessa perspectiva, apresentamos alguns exemplos de experiências e lugares heterotópicos que identificamos durante o encontro com imigrantes cubanos em Montreal e os espaços que eles habitam (físicos, digitais, imaginados, compartilhados, construídos etc.). Há, fundamentalmente, três dimensões desses espaços que abordamos nesta pesquisa. Primeiramente, nos referimos a uma experiência espacial ligada aos lugares de trânsito, de mobilidade, de reencontro, que se tornam heterotopias na travessia migrante e na vivência diaspórica. Em segundo lugar, entendemos que a heterotopia migratória é definida por uma dimensão corporal da diferença, na medida em que o corpo, ao se deslocar, se torna o corpo estranho que irrompe no novo espaço; é um corpo que carrega também as marcas dessa experiência de transformação de si no tempo. Finalmente, abordamos também um tipo de espacialidade transnacional como dispositivo que é construído nos fluxos digitais e transfronteiriços, nas trocas e nos vínculos tecidos através dos múltiplos espaços

habitados simultaneamente. A seguinte figura mostra um resumo do percurso dos entrevistados na pesquisa.

Tabela 3. Breve apresentação do perfil dos entrevistados na pesquisa⁶¹

Entrevistados (as)	Breve apresentação
Ale, 49 anos, chef e dono do restaurante cubano <i>La Cecilia</i> Entrevistado em maio de 2022	<i>“Minha casa, minha família em Cuba, é onde me sinto bem, chego lá e o tempo não avança. Aqui não é a mesma coisa, não temos o mesmo tempo, aqui não dá nem para respirar...”</i> Originário de uma pequena localidade rural na região central do país. Saiu de Cuba em 2010 para Chile e um ano depois atravessou vários países até chegar em Montreal em 2011. Foi denegada sua petição de asilo político e obteve a residência permanente canadense ao se casar com seu companheiro, de origem Filipina. Casado, homossexual, com um filho (do primeiro casamento em Cuba). É o dono e chef do restaurante cubano em Montreal <i>La Cecilia</i>, onde realizamos uma parte do trabalho e campo para esta pesquisa.
Roberto, 37 anos, cliente assíduo do restaurante Entrevistado em agosto de 2020	<i>“Não posso te dizer que estou feliz... para que vou te mentir? Eu não sou. E eu acho que muitos imigrantes não são.”</i> Originário de uma província onde se encontra uma das áreas turísticas cubanas mais famosas, <i>Varadero</i>. Chegou no Canadá em 2008 casado com uma canadense. Divorciado, tem um filho (com uma esposa cubana posteriormente). Realiza trabalhos variados em setores industriais. Não consegue de adaptar à vida no Canada.
Félix, 49 anos, amigo de Ale e cliente assíduo do restaurante Entrevistado em agosto de 2020	<i>“...antes eu era um traidor da pátria e agora já não... como se naquela época fizeram um ato de repúdio contra mim, agora querem meus dólares?”</i> Originário de uma pequena localidade rural na região oriental do país. Estudou medicina, mas pouco tempo depois saiu de Cuba, no ano 1999, e nunca mais voltou a ser médico. Emigrou casado com uma canadense, com a qual teve três filhos. Estudou também como técnico farmacêutico e recentemente terminou seus estudos superiores como agente imobiliário. Divorciado. É dono de uma empresa de limpeza.
Celia, 30 anos, amiga de Ale e cliente assídua do restaurante	<i>“Já no Canadá, um dia eu disse a ele, meu esposo, que precisava enviar dinheiro para minha família, e ele me disse... ‘eu me casei com você, não com sua família’. Isso me doeu muito.”</i>

⁶¹ Ainda que a entrevista aconteça em uma data específica, é preciso salientar que eu entrei em contato com estas pessoas, e com muitas outras, a partir de março de 2019, e fui tecendo gradualmente os vínculos com eles de diferentes formas ao longo de vários anos.

Entrevistada em agosto de 2020	Nasceu e morou em um bairro central em Havana, de raça negra, estudou o ensino de música no nível técnico e posteriormente se formou na Universidade na área de Comunicação. Chegou no Canadá em 2014, com 24 anos, casada com um canadense (de origem chinês). Aos 4 meses se separaram e ela continuou sua vida em Montreal sozinha. Estudou em um curso de nível colegial (profissional em desenho de interiores). Divorciada, sem filhos. No momento da entrevista, trabalhava na área de limpeza (posteriormente conseguiu se inserir no mercado profissional da área que estudou).
Eric , 39 anos, amigo de Ale e cliente assíduo do restaurante Entrevistado em agosto de 2020	<i>“Ser cubano ou não ser cubano... para mim não representa nada, me vejo antes de tudo como um ser humano, em busca do seu próprio espaço.”</i> Originário da Havana, estudou até o penúltimo ano da carreira de professor de língua inglesa. Se identificava desde jovem com a cultura afro-americana, devido a sua identidade racial e ao consumo clandestino de conteúdos midiáticos norte-americanos desde Cuba. Saiu de Cuba em 2005 com um visto de turismo para República Dominicana, onde ficou por um tempo até que fez uma travessia até o Porto Rico e ali solicitou se acolher à lei americana de amparo legal de imigrantes cubanos. Foi morar nos Estados Unidos (entre Miami e Nova Iorque), e obteve a cidadania americana. Posteriormente conhece uma mulher cubana-canadense, quem havia emigrado para o Québec na adolescência com sua mãe quando ela se casou com um canadense de origem italiano. Ele se mudou a Montreal em 2011 e ganhou a residência á través do casamento. Trabalhou na assistência técnica no aeroporto de Montreal durante alguns anos até que ficou doente da coluna e atualmente (no momento da entrevista) não trabalha, pois está se recuperando e recebendo uma indenização da empresa pelo acidente laboral causado. Ele possui também a cidadania canadense, é casado, sem filhos.
Rolando , 59 anos, amigo e vizinho de Ale, cliente assíduo do restaurante Entrevistado em maio de 2022	<i>“Eu sou ‘balsero’, sim... eu fui um dos ‘balseros’ de 1994”</i> Originário de uma pequena localidade rural na região oriental de Cuba, estudou até o nível técnico. Saiu de Cuba em 1994 durante a crise migratória dos “balseros” e foi resgatado no mar pelas autoridades americanas. Passou um ano recluso na Base Naval de Guantánamo (território americano no leste de Cuba) e chegou nos Estados Unidos em 1995, onde obteve a residência permanente graças à lei migratória especial para cubanos nos Estados Unidos. Em 2006 voltou a morar em Cuba, sendo já residente americano. E em 2008 viajou para o Canada legalmente (como residente americano), onde solicitou asilo político, mas lhe foi negado. Divorciado, tem duas filhas com uma mulher cubana. Tem trabalhado em todo tipo de serviços, segundo as possibilidades de seus status migratório. Atualmente se encontra em processo de solicitação de admissão migratória por razões humanitárias (condição de saúde).
Daniel , 37 anos, líder do grupo de WhatsApp	<i>“... rapidamente percebi que uma fórmula de sucesso para uma boa inserção aqui era tentar se separar um pouco de Cuba, trocar o chip”.</i>

Entrevistado em maio de 2022	De uma família de intelectuais de esquerda que emigrou do Uruguay para Cuba no início da Revolução, e uma mãe cubana que morreu quando ele era adolescente. Sua vida transcorreu em ambientes privilegiados, em um bairro nobre da Havana, com condições econômicas e educacionais diferenciadas no país. Chegou a Montreal em 2013 a través do programa de imigração qualificada para estrangeiros, no qual sua esposa foi a aplicante principal e ele obteve a residência permanente na condição de conjugue. Ela trabalha como programadora de softwares e ele estudou Economia em Cuba, e atualmente é proprietário de uma pequena empresa import-export. Casado, um filho e uma filha pequenos. Ele é o líder do grupo de WhatsApp no qual realizamos nossa pesquisa de campo, formado por mais de 40 amigos cubanos em Montreal, geralmente com um perfil profissional similar.
Abel, 41 anos, amigo de Danuel, participante ativo no grupo de WhatsApp Entrevistado em maio de 2022	<i>“Se Cuba fosse diferente, eu voltaria para Cuba amanhã. Porque eu realmente gostaria de viver em Cuba, e não posso porque não há dignidade.”</i> Morou a maior parte de sua vida numa província perto de Havana e logo estudou na capital para seguir a carreira de Licenciatura em Química. Era professor na Universidade da Havana quando saiu de Cuba no 2009 para um estágio de investigação na Espanha, sob autorização institucional. Posteriormente fez um mestrado e começou um doutorado também lá, mas o abandonou posteriormente, e como consequência, o compromisso profissional com a Universidade cubana, o que gerou um episódio de conflito pessoal e familiar. No ano 2012 foi para Canada (com um visto de visitante, para participar em um congresso), com o objetivo de emigrar e se reunir com sua antiga namorada de Cuba. Ela estaria chegando ao Canada nessa época como residente permanente, a través do programa de imigração qualificada para profissionais estrangeiros. Depois de um tempo vivendo sob uma situação migratória irregular, ambos os dois se casaram e ele obteve a residência permanente canadense. Eles mantinham uma relação de muitos anos desde Cuba e teriam se separado a causa da migração, conseguindo logo se reencontrar no Canada. Casado, tem duas filhas. Abandonou sua carreira na química por causa da migração e reorientou seu perfil profissional para a área de TI (a mesma área de sua esposa), e atualmente trabalha no controle de qualidade de softwares. Faz parte dos amigos de Daniel e lidera também o grupo de WhatsApp.
Olivia, 36 anos, faz parte do grupo de amigos do Daniel e integra o grupo de WhatsApp Entrevistada em maio de 2022	<i>“... não vou procurando muita informação sobre Cuba porque em Cuba tudo é fome, miséria e calamidade. Minha mente não está lá. Eu estou aqui.”</i> Originária de uma província próxima à Havana, ela estudou Licenciatura em Bioquímica na Universidade da Havana e chegou ao Quebec (cidade de Sherbrooke) como estudante internacional para cursar um mestrado em Imunologia. Posteriormente se mudou para Montreal e obteve a residência permanente através do programa de imigração qualificada para pessoas com experiência (de estudo ou trabalho) no Québec, junto com seu esposo cubano, que a acompanhava. Casada, teve seu primeiro filho enquanto estudava (ele tem síndrome de Down) e posteriormente teve sua filha. Atualmente trabalha como pesquisadora na sua área para um organismo

	federal de pesquisa (funcionária pública). Quase toda sua família mora nos Estados Unidos.
Eva, 36 anos, não participa do grupo de WhatsApp, mas se relaciona com o grupo de amigos de Daniel. Entrevistada em maio de 2022	<i>“Que país é esse, que você não pode nem ter um colchão para dormir? A vida não pode ser isso.”</i> Originária de uma região rural numa província próxima à Havana e estudou Licenciatura em Bioquímica na Universidade de Havana. Chegou no Québec (cidade de Sherbrooke) como estudante internacional para cursar um mestrado em. Abandonou os estudos no primeiro ano por causa de problemas na universidade (com os professores e a orientadora). Conheceu um cubano que residia em Montreal (profissional da área de TI) e ambos se casaram posteriormente, obtendo ela assim a sua residência permanente. Casada, tem uma filha. Atualmente trabalha como assistente técnica de laboratório em uma empresa de sua área. Tem um irmão que mora nos Estados Unidos.

Fonte: Elaborado pela autora a partir das entrevistas realizadas na pesquisa

CAPÍTULO 4. Lugares heterotópicos: imaginários, travessias e reencontros na migração

Sair da Pátria, habitar outra cidade, outro bairro, outro país (vários, às vezes), transitar nos limiares das fronteiras terrestres e marítimas, incluindo as digitais. Retornar ao país de origem. Falar com a mãe que ficou, enviar uma foto, uma remessa de dinheiro. Fazer família em um lugar estranho. Se juntar aos cubanos dispersos para juntos reexistir. Resgatar uma memória constante dos lugares, rearticular os tempos, as pessoas distantes. Todos esses arranjos e agências configuram formas de vida (FERRARESE et al, 2018) que podem dar lugar às heterotopias migratórias, e que podem ser tão diversas e impensáveis como os exemplos mostrados pelo próprio Foucault, como a lista de animais da enciclopédia imaginária de Borges⁶².

Enxergamos essa dimensão heterotópica, porque um espaço (isto é, *un ensemble de relations*, de acordo com Foucault) é visto, pensado, criado ou vivenciado diferentemente em relação com outros com os quais se relaciona, e não com todo o resto do espaço de forma geral. É numa relação específica entre determinados espaços que a heterotopia aparece para revelar justamente relações de diferença (ex. o cemitério e a cidade “*vivante*” na qual ele é construído). É nessa relação (de contradições, semelhanças, oposições etc.) que a diferença é percebida, revelando algo da nossa existência cotidiana e nos colocando diante de outras formas de vida possíveis. É um reflexo multivalente do espaço misturado com outros, e não um separado de outros definitivamente. Os migrantes se deslocam através dos espaços, mas, ao invés de abandoná-los, estes passam a fazer parte de sua história de vida, na medida em que coexistem para contribuir com a possibilidade de uma transformação de si:

A heterotopia se constitui funcionalmente a partir da transformação dos indivíduos ou grupos que a atravessam. A heterotopia, portanto, não resulta apenas de uma certa divisão do espaço vivido e social. Ela define, no sentido forte deste termo, uma experiência, ou seja, a trajetória de um futuro individual ou coletivo na medida em que se articula com um deslocamento topológico. (SABOT, 2012, p.10)⁶³

⁶² Borges, 1960, p.142 em Foucault, [1966] 1986, p.1.

⁶³ Do original : « L’hétérotopie se constitue fonctionnellement à partir de la transformation des individus ou des groupes qui les traversent. L’hétérotopie, par conséquent, ne résulte pas seulement d’un certain découpage de l’espace vécu et social. Elle définit, au sens fort de ce terme, une *expérience*, c’est-à-dire la trajectoire d’un devenir individuel ou collectif en tant qu’elle s’articule à un déplacement topologique » (SABOT, 2012, p.10)

Nesse sentido, esse capítulo aborda as dimensões heterotópicas da topologia migratória de cubanos que encontramos em Montreal, como é o caso de um restaurante que serve de lugar de encontro para a comunidade; as rotas de passagem, fronteiras, países intermediários e trajetos que narram as travessias migrantes; o mapa-mundi de lugares imaginados e construídos historicamente na experiência migratória recente do povo cubano, no seu olhar para “fora” da ilha, que conhece Miami sem nunca ter ido lá e que acaba se dispersando por todo canto do mundo; a pátria heterotópica que vai se tecendo nas nostalgias, na interseção que abarca dialeticamente as tristezas, as lembranças, os conflitos e a vivência de pertencimentos espaciais múltiplos.

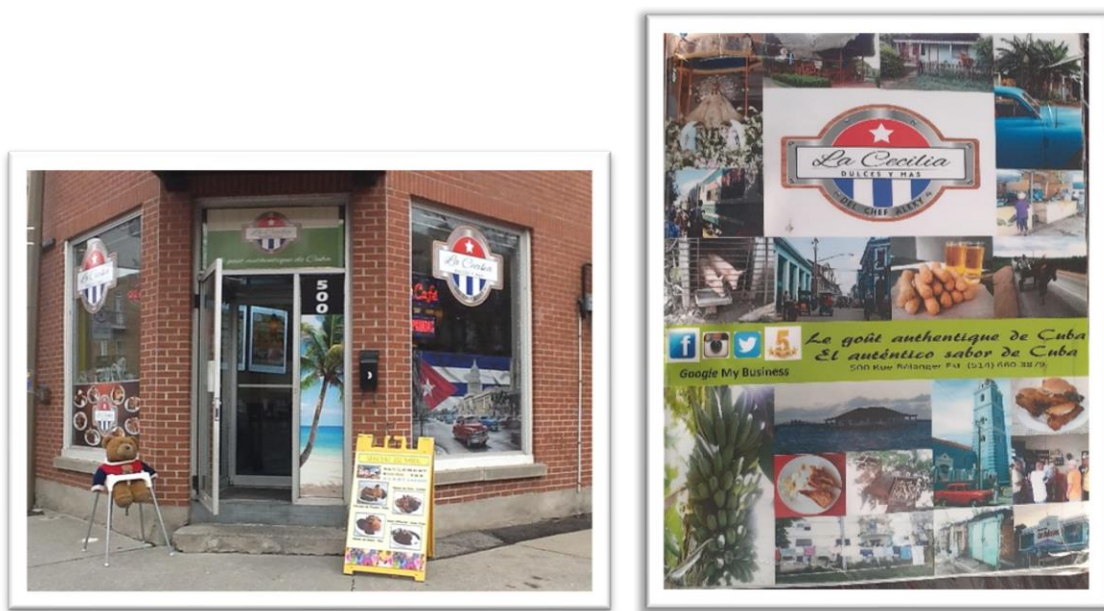
4.1 Restaurante *La Cecilia*: família, diferença e paredes escritas

Um dos trabalhos que Ale teve quando chegou em Montreal, em 2011, foi como cozinheiro em um restaurante cubano. Foi assim como ele percebeu que poderia abrir seu próprio negócio naquela área, um sonho que realizou em 2016, com a inauguração do *La Cecilia*, no mesmo centro do bairro latino da cidade. Não tem sido uma tarefa fácil lidar com esse empreendimento, devido às exigências legais, dificuldades com a língua, excesso de trabalho etc.

(Ale) Al principio vendíamos dulces. Esto es como un hijo que hice y logré que creciera. No es fácil mantenerse... la pandemia (Covid-19) afectó a mucha gente... por eso cambiamos muchas cosas... ahora también vendemos artesanías, otras cosas..., para sobrevivir. Invertimos en la publicidad, formas de comida para llevar. Aquí en Montreal, solo en este barrio, mucha gente cerró. Había días de vender solamente 3 platos de comida... pero hay que estar aquí todo el tiempo, porque si vienen y no te ven, ya no viene más. Mantenerse con el ánimo arriba es difícil pero nos salvó. El gobierno nos ayudó al inicio... pero no es fácil. (depoimento obtido em maio de 2022)

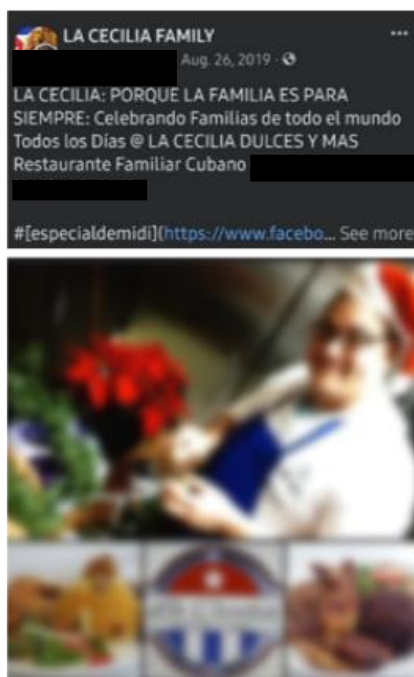
Durante o tempo que passei em Montreal (entre março e julho de 2019), “estar” no restaurante cubano do chef Ale sempre me levou a conhecer cubanos que, como comecei a perceber, passavam com frequência por lá não apenas para comer, mas também para “estar junto” com outras pessoas e compartilhar histórias. Nessas conversas entre amigos/clientes que visitavam regularmente o restaurante, eu os ouvia quando faziam referência a este espaço como uma “família”, e assim aparece justamente na publicidade do restaurante nas redes sociais. “*Esta é a cozinha da minha casa*”, disse-me uma das mulheres que encontrei lá.

Figura 3. Fachada do restaurante cubano em Montreal, *La Cecilia*, no primeiro local (até 2020) e a capa do menu.



Fonte: imagens feitas pela autora em 2019

Figura 4. Publicidade do restaurante La Cecilia no Facebook, evocando sua identidade familiar



Fonte: Facebook do restaurante *La Cecilia* em 2019

Em várias ocasiões, os cubanos que encontrei no restaurante comentaram como aquele lugar os “salvou” durante períodos difíceis de depressão, mesmo na época das restrições de

distanciamento social impostas pela pandemia de Covid-19, quando eles passavam para pegar comida e ver rostos amigáveis, que relatam ser sempre um alívio. “*Não participo de nenhum grupo aqui... a não ser as reuniões que fazemos aqui em La Cecilia*”, me disse Celia. Para Eric, o restaurante tem sido o lugar aonde ele vai todos os dias para se sentir acompanhado, falar, interagir com alguém, depois que um acidente de trabalho o deixou impossibilitado de trabalhar. Rolando comenta também que, “*La Cecilia é melhor do que o outro*⁶⁴, *porque no outro tem um sistema distinto... La Cecilia é como tua casa*”.

Quando as noções de “família” e “casa” aparecem, não está se falando apenas do lugar físico do restaurante, mas do que ele representa como lugar heterotópico de reencontro, conforto e apoio entre imigrantes que estão longe da família e a casa que ficou em Cuba. É porque esse espaço - para onde convergem a pátria perdida, o novo país desconhecido e o lar -, possibilita o acolhimento e o refúgio de quem não tem outra família, outra casa como aquelas que ficaram para trás quando partiram. Efetivamente, eu pude constatar que muitas dessas pessoas, embora levassem vários anos vivendo no Canadá, ainda moravam sozinhas, não tinham filhos ou não dividiam seus lares como casal, ou sequer mesmo teriam filhos já crescidos. Além disso, a ancoragem nesse lugar outro, o restaurante, onde eles constroem a experiência de estar juntos, pode estar relacionada algumas vezes com dificuldades de adaptação, à falta de satisfação econômica e profissional, aos conflitos interculturais e outros fatores que os limitam para encontrar a sua outra “casa” na sociedade estranha. Um jogo de diferenças e semelhanças que configuram a dimensão heterotópica de *La Cecilia*.

Muitos são os locais, bairros e cidades no mundo onde os imigrantes têm reconstruído esse espaço próprio. Cresswell (2014) faz referência, por exemplo, aos jardins comunitários de imigrantes de Porto Rico em Nova Iorque, onde eles recriam sempre alguma coisa do lugar de onde vêm para se sentirem “em casa”. Trata-se de espaços aos quais as pessoas estão ligadas de uma forma ou de outra através de diferentes operações de significação. Para o autor, um *lugar* é então “um local significativo”⁶⁵ (p.7).

Uma particularidade do restaurante é que as paredes estão cheias de mensagens e grafites deixados pelos clientes: datas, nomes, elogios, desenhos, rabiscos às vezes inelegíveis, uma mistura

⁶⁴ Outro restaurante cubano em Montreal, onde o chef Ale trabalhou antes de fundar o La Cecilia.

⁶⁵ No original: “a meaningful location” (CRESSWELL, 2014, p. 7).

de enunciados que contam também um pouco a memória do local. Isso lembra o icônico restaurante cubano *La bodeguita del medio*, em Havana, cujas paredes antigas estão escritas com cartas de visitantes de todo o mundo.

Figura 5. Imagens do restaurante emblemático *La Bodeguita del Medio*, na zona turística de Havana Velha



Fonte: Imagens de internet

Figura 6. Imagens das paredes do restaurante cubano *La Cecilia*, em seu primeiro local (até 2020)



Fonte: imagens feitas pela autora em 2019

(Ale) *La gente plasma ahí todo lo que siente [os grafitis]. Fue idea de mucha gente que venía y quería sentirse más en casa. El lema de nosotros es “sientete en casa, esta es tu casa”. Y la gente siente esa energía cuando llegan y lo atiendes y los que te conocen*

quieren siempre que los saludes, hables con ellos, y eso trato de hacerlo siempre que puedo. (depoimento obtido em maio de 2022)

Nessas imagens acima podemos observar expressões como *“sinta-se em casa”, “aquí se come como em casa, mas sem ter que cavar a louça”, “de passagem à casa de Cecilia família”*. Esses rastros fazem parte de um ritual de apropriação do lugar, uma relação outra com esse espaço além de sua função primária como restaurante. O gesto da escrita constitui, ademais, uma marca do tempo e do corpo que configuram essa relação, um modo de encontro assíncrono de todos os que por ali passam. As mensagens em espanhol, as expressões populares, o ar relaxado e a expressividade da cultura caribenha permeiam o lugar. Assim, as paredes escritas do lugar se tornam também uma mídia que, ao dizer de Aleida Assmann (2011, p.24 grifos nossos), é o que fundamenta a memória cultural como um suporte material dela, e interage ao mesmo tempo com a memória individual de cada um.

Assmann (2011, p. 24) vai apontar que, desde a antiguidade, “diversos testemunhos atestam que a escrita é a mídia preferencial para a memória em relação a todas as demais mídias, e garantem a ela a fama de dispositivo muito confiável quando se trata de obter perpetuação”. E não só a escrita, mas chamamos a atenção também para o dispositivo que é a própria montagem dos objetos alegóricos à Cuba no restaurante, o excesso do símbolo que vem preencher talvez o vazio da Cuba real.

É o desarranjo na disposição do espaço, de quadros, mapas, bandeira, de dinheiro cubano, artesanatos. Partículas de uma memória comum que tenta se reconstruir naquele espaço pequeno de uns poucos metros quadrados, onde os objetos se atropelam, onde não cabe mais uma mesa, uma cadeira, uma letra. Reproduzindo um pouco o “caos” que se diferencia das frias e ordenadas maneiras do Norte. Como uma verdadeira casa de família cubana. Essa é uma das formas de “fazer com que o espaço diga algo sobre você (...) você adiciona seus próprios pertences, reorganiza os móveis dentro dos limites do espaço, coloca seus próprios pôsteres na parede, arruma alguns livros propositalmente sobre a mesa. Assim, o espaço é transformado em lugar. Seu lugar”. (CRESSWELL, 2011, p.2)

Figura 7. *La Cecilia* em seu primeiro local (até 2020)



Fonte: fotos tomadas pela autora em 2019

Poderíamos ainda mencionar como as mensagens grafadas e vestígios deixados nas paredes do restaurante compõem constelações de inscrições que podem oferecer elementos os mais singulares para a montagem de narrativas variadas, a depender dos sentidos apreendidos e criados pelos clientes e visitantes do restaurante. A possibilidade de elaboração dessas múltiplas montagens e articulações ajudam a reconstruir a própria história daquele lugar. Acreditamos que essas inscrições podem configurar um tipo de mapeamento alternativo (RIBEIRO, 2021), entendido como um convite para fazermos experiências heterotópicas e liminares. O limiar incentiva a exploração de espaços de transição, desafiando as linhas arbitrárias e as demarcações artificiais, ele reforça a relevância do intervalo, da borda que se encontra na transição entre dois ou mais espaços e que, portanto, acolhe a diferença. Como afirma Ribeiro (2021), há espaços outros a serem explorados e que, ao oferecerem elementos variados para a montagem de “mapas”, sobretudo afetivos, permitem a articulação de heterogeneidades. As paredes do restaurante podem dar origem a mapas sempre desmontáveis, modificáveis, adaptáveis a montagens feitas por uma pessoa ou grupos de pessoas, sempre possibilitando múltiplas entradas e conexões, uma vez que nenhum elemento é mais importante do que o outro.

O restaurante de Ale pode ser visto como uma heterotopia, porque é um espaço onde os cubanos recriam e montam suas formas de vida “numa série de relações que delineiam lugares

decididamente irreduzíveis entre si e que não podem ser sobrepostos” (FOUCAULT, 2004, p.14), mas também pensamos que é mais a experiência heterotópica da migração que fez esse lugar existir. Tal experiência resulta de como os elementos, fragmentos e vestígios do processo migratório podem ser entrelaçados e combinados, deslocando constantemente arranjos e narrativas lineares, formais e afinadas com temporalidades neoliberais que almejam progresso e sucesso a qualquer custo. Uma experiência heterotópica, como mostra Foucault (2018) nos transforma: modifica aqui e agora nossa relação com o mundo, com os outros e conosco. Ela torna possíveis experimentações de resistência e transformação ativas, incluindo a criação de táticas de deslocamentos para escapar de autoridades ou atribuições de localização ou identificação. Acredito que a experiência heterotópica é parte de uma prática de liberdade que “prepara o indivíduo para enfrentar a realidade desse mundo de agora, servindo-se de um conjunto de práticas por meio das quais ele pode construir um princípio de ação permanente” (FOUCAULT, 1994, p.800).

O nome do restaurante replica o de um restaurante bem conhecido em Havana (em uma zona nobre da cidade, Miramar), no qual o chef Ale trabalhou durante uma época. Nesse sentido, é um espaço investido de qualidades heterotópicas, contingentes, mostrando a justaposição de lugares que de outra forma seriam incompatíveis (Cuba, Montreal, a casa da família cubana, as paredes escritas daquele restaurante icônico de Havana, o restaurante *La Cecilia* que fica em Havana também etc.).

O ato de substituir por um nome o conjunto de coordenadas geográficas que definem um espaço é uma primeira forma de nos aproximarmos do *lugar*, já que “nomear é uma das formas em que o *espaço* pode se dotar de significado e tornar-se *lugar*” (CRESSWELL, 2014, p. 9). Para falar sobre o aspecto confuso desse dualismo básico entre espaço e lugar que atravessa grande parte da geografia humana desde a década de 1970, Cresswell (2014, p.10) cita o geógrafo Henri Lefebvre (1991)⁶⁶, ao apontar que a ideia de “espaço social” ou “espaço socialmente produzido” pode chegar a desempenhar o mesmo papel que o *lugar*. O espaço e suas dimensões material, concebida e vivida oferece uma territorialidade singular que está conectada com outras. Dito de outro modo, ele

⁶⁶ Segundo Lefebvre (1991) os espaços construídos possuem dimensões materiais, concebidas e vividas. A dimensão material, experimentada, refere-se ao espaço da experiência e da percepção que é aberto ao toque físico e à sensação). A dimensão concebida do espaço refere-se à sua representação, sua conceitualização. Já a dimensão vivida do espaço relaciona-se à emoção, à imaginação e aos processos de significação que são incorporados ao modo como vivemos o dia a dia. Podemos igualmente procurar representar a maneira com que este espaço é emocionalmente, afetivamente, mas também materialmente vivido através de imagens poéticas, composições fotográficas, reconstruções artísticas.

oferece lugares nos quais o cotidiano é compartilhado entre várias pessoas, permitindo o jogo das diferenças, a manifestação de conflitos e as táticas e arranjos coletivos para seu constante tratamento. O lugar produz uma base pragmática para a ação coletiva, sendo também a cena da comunicação, da interdependência e da produção de alianças.

É nesse sentido que a noção de heterotopia em Foucault vem romper um pouco com o pensamento binário que tem predominado nos estudos sociais sobre o espaço. Posteriormente, outros autores vão continuar a desenvolver essa linha de pensamento que visa compreender as relações socioespaciais como “produção de sentido” (Lefebvre) que fazem emergir “terceiros espaços” (Soja), ou espaços outros.

Quase todas as pessoas com quem conversei em Montreal tinham trabalhado alguma vez em um restaurante, como parte do processo de instalação após sua chegada. Eva trabalhou num restaurante judeu, Celia no próprio restaurante de *La Cecilia* e em outro colombiano, Olivia e o esposo tinham investido num negócio que incluía um restaurante com amigos originários das Ilhas Maurício, Abel trabalhava num restaurante às noites enquanto aguardava regularizar sua documentação, e ainda levava comida para casa do que sobrava na cozinha, Rolando também fez alguns serviços nessa área etc. Geralmente, esses locais estão ancorados em bairros onde moram comunidades relacionadas à cultura culinária cubana, como é o caso de *La Cecilia*, no bairro latino de Montreal. Santos (2006, p.220) aponta que “os guetos urbanos comparados a outras áreas da cidade, tenderiam a dar às relações de proximidade um conteúdo comunicacional ainda maior e isso se deve a uma percepção mais clara das situações pessoais ou de grupo e à afinidade de destino, afinidade econômica ou cultural”.

A abundância de pequenos negócios dirigidos por imigrantes e a falta de mão de obra fazem desses lugares um ponto de entrada no mercado de trabalho para imigrantes, mesmo sem uma experiência prévia, sem um amplo conhecimento da língua e às vezes até sem o status requerido para trabalhar no país. Os restaurantes gerenciados por comunidades imigrantes não são só os lugares de reencontro e inserção para os que chegam, mas também centros que possibilitam o acesso ao conhecimento de outras culturas que habitam a cidade (VAZQUEZ-ZUÑIGA, 2023).

No restaurante de Ale, podemos ver também, entre as mensagens das paredes, os nomes de países como Venezuela, Colômbia, México. Mensagens de imigrantes de outros países latino-americanos acrescentam àquele lugar uma identidade de “comunidade latina” que vai além da

cubana. No menu do restaurante, por exemplo, havia também o popular prato colombiano chamado “Bandeja paisa”. “*Não só os cubanos... vem um mexicano como um haitiano... vem gente de todas as partes... e sai sempre o mesmo... "obrigado por esta excelente comida"*”, me disse Ale, apontando o dedo para um homem sentado nas mesas de um restaurante diurno:

(Ale) Ese llegó hace tres meses y ya está trabajando... es mexicano, pero su papá era cubano... ayer hablé con su familia en Cuba y están agradecidos de que lo acogimos aquí... lo aconsejamos y lo ayudamos... él vio la bandera cubana y entró aquí... y ya siempre está aquí. (...) Un consejo, una orientación, un café... “cálmate, tranquilo, todo se va a arreglar’... y eso salva a la gente... A mí me ayudó mucha gente también en mi camino hasta aquí... en una iglesia que te acogían y te decían... “aquí estás seguro, no te va a pasar nada. (depoimento obtido em maio de 2022)

Acontece que, ao imigrar, “o cubano” se torna apenas um a mais dos “latinos” que habitam a cidade. Ora no âmbito administrativo de classificações populacionais, ora no tratamento cotidiano, as nacionalidades se fundem através do olhar do outro, do nativo. O sujeito estrangeiro passa a ser visto apenas pelo filtro de seus traços físicos, sua língua materna, sua região de origem. Uma classificação externa que nem sempre consegue abranger a diversidade cultural de um continente, um país, uma região. Eric me conta que, ainda que ele se identificasse desde pequeno com a cultura afro-americana, aficionado do hip-hop e dos torneios de basquete dos times norte-americanos, ele nunca foi recebido em Nova Iorque como um afro-americano: “*eles não me viam assim... eu não era como eles, mesmo que eu me sentisse assim, mas eu não era dali... eles me diziam ‘papi’ como aos latinos... eu era um latino ali*”. Mas, seria possível um cubano se autodefinir como latino, sem nunca ter tido contato com outros países latino-americanos, sem conhecer talvez nada sobre essas culturas? O lugar, então, e sua própria temporalidade, seus mecanismos heterotópicos de abertura e fechamento, configuram também identidades atribuídas externamente, que acabam por condicionar formas de existir nos espaços migratórios. É, ainda, o corpo deslocado, ressignificado, transformado por esse deslocamento, por essas novas interações em espaços outros. Formas de vida no hibridismo.

(Daniel) Me siento cubano pero también me siento canadiense. Pero ya no es como antes, no es como mis amigos. Mis amigos...yo veo que ellos se sienten 95% cubanos y 5% canadienses. Yo estoy un poco más por 60% canadiense y 40% cubano, más o menos por ahí. Y por eso ellos se burlan de mí, y me critican, me cuestionan... a veces en broma, a veces en serio. Pero obviamente, yo viví hasta los 30 y pico de años allá... pero lo que extraño son cosas de mi vida allá, mi burbuja. (depoimento obtido em maio de 2022)

(Eric) Ahora tú me dijiste... me preguntas algo de mí como “inmigrante cubano” ... y eso me puso a pensar... porque yo no pienso en eso... ser cubano o no es algo que no tengo necesariamente presente todo el tiempo. Yo he conversado aquí, en Canadá, en el trabajo, con mis compañeros, y cuando hablas con ellos, en la esencia, te das cuenta de que hay más semejanzas que diferencias. No importa de donde vengan, al final estamos aquí, todos, en búsqueda de lo mismo... un trabajo, bienestar de la familia, una mejoría. Yo no sobrepongo a eso el hecho de ser cubano. Yo rechazo todo eso que tiene que ver con la identidad nacionalista exacerbada. No solamente no participo, sino que lo rechazo. Porque me parece que es irrespetuoso a otras nacionalidades. Cuando yo llego a los lugares no es que yo me presente diciendo que soy cubano. Lo he usado, eso sí, convenientemente, porque reconozco el efecto que eso tiene en ciertos círculos... A mí me han dicho, “tú no hablas como los cubanos, no gritas como los cubanos” ... no es que yo lo esconda, es que me doy cuenta de que yo me adapto al contexto de interacción. (depoimento obtido em agosto de 2020)

Cresswell (2014) (seguindo Lippard, 1997) aborda os entrelaçamentos entre o lugar, mobilidade e diferença como forma em que se realiza o hibridismo, já que o contato com pessoas que vêm de diferentes lugares, segundo o autor, fornece aos sujeitos um melhor entendimento sobre a diferença. Em muitos casos, como vemos nessa pesquisa, essa relação com o lugar opera em todos nós como o componente geográfico da necessidade básica de pertencer à alguma parte, um antídoto para a alienação que prevalece (CRESSWELL, 2014, p. 49).

O hibridismo, a diferença e as formas de pertencimento se misturam no restaurante cubano em Montreal sob diversas manifestações. Ali pude encontrar uma diversidade identitária, não só pela forma de pensar, mas também pela origem, suas características e histórias de vida. Alguns deles são amigos entre si, outros não; há clientes assíduos, amigos de Ale, conhecidos que passam, outros mais próximos. De tempos em tempos, alguns deles visitam menos o restaurante e outros rostos vão aparecendo mais frequentemente. Gente que vai se tornando mais “de casa” e outros que são recém-chegados na cidade ou naquele espaço cubano-montrealés. Nesse sentido, é preciso compreender que a familiaridade e os vínculos afetivos que configuram as relações nesse lugar não são isentos do conflito que a diferença traz, longe talvez da aparente “igualdade” e “homogeneidade” que impõe o sistema sociopolítico que rege a vida dos cubanos na ilha. É por isso que a heterotopia, segundo a perspectiva de Foucault, não é apenas um espaço prazeroso e belo, mas aquele onde é possível existir na diferença, criar relações de heterogeneidade. Essas tensões são apontadas também por vários dos entrevistados.

(Roberto) *En el restaurante hablamos de todo un poco... de deporte, de religión. Pero los cubanos aquí son muy desunidos... todo el mundo busca su propio beneficio. Tal vez por la propia sociedad esta que es muy individualista, somos robots. Si tú no tienes dinero, tienes que dormir en la calle... esta misma sociedad te hace un ser frío, individualista, te hace preocuparte solo por ti, no por lo demás. Los cubanos cambian aquí, los transforma los hace más fríos, más egoístas... es el mismo sistema...* (depoimento obtido em agosto de 2020)

(Félix) *Hablo más de política cuando voy a La Cecilia, el restaurante cubano, porque oigo los puntos de vista de todo el mundo... ese es el lugar del cubaneo⁶⁷ aquí en Montreal...el punto de concentración de nosotros aquí es La Cecilia. Yo saludo a todos los cubanos, pero no me relaciono con todos. No es lo mismo sentarme a tomar un café que ponerme a conversar, trato de mantenerme un poco alejado también porque para estos países viene gente de todo tipo, personas que valen la pena, pero otro que te restan valor, que son del bajo mundo allá en Cuba y aquí siguen siendo del bajo mundo. Se dedican al negocio, prostitutas, proxenetas, llegan aquí y no tratan de elevarse, sino que siguen haciendo negocios ilegales, y eso trae problema. Son personas que en vez de ayudarte a salir adelante te quitan las ganas de triunfar.* (depoimento obtido em agosto de 2020)

(Celia) *Los cubanos aquí son un poco mal vestidos... no saben vestirse, no saben hablar, lo que conocen es un mundo reducido. Salieron de Cuba para meterse aquí y no han ido más allá, se conforman con poquito. A veces tienen la oportunidad de estudiar y no quieren porque se quedan con un poco de dinero que les pagan por hora y ya. Algunas amistades mías siguen en lo mismo... en la mala vida que estaban en Cuba. Entonces yo digo... para qué pasar tanto trabajo y vivir en un país que hace tanto frío, lejos de tu familia, y al final seguir en lo mismo.* (depoimento obtido em agosto de 2020)

O próprio Ale se refere a seu papel mediador quando o clima chega a ficar pesado no salão do restaurante, em meio às “conversas difíceis”. Não se trata apenas de um lugar onde coexistem relações de conciliação e solidariedade. Ali onde tem a ajuda, o ambiente familiar, a comida e o sotaque cubano, há também conflito e jogos de poder. Nem todo mundo pertence ou se relaciona com esse espaço da mesma forma.

(Ale) *La gente viene aquí a nada, a tomar un café y hablar... la gente viene a conversar un poquito, a nutrirse de esa energía de los cubanos... a la gente le gusta venir aquí, vienen con apuro y aquí se le quita... Yo me siento también, tienes que sentarte y hablar y escuchar a todo el mundo... Aquí se habla de todo, de política, de la lluvia, del frío, el religioso, el que no es religioso. La clave está en no ir a la contraria de la opinión de la gente, sino tratar pacíficamente de que entiendan que su opinión es diferente y todos tienen una opinión...*

⁶⁷ “Cubaneo” é uma expressão usada para falar sobre a forma na qual os cubanos se comportam de acordo a seus códigos culturais compartilhados. Indica a natureza da cultura cubana em sua plena dimensão das relações cotidianas e simples.

*porque sí hay gente que llega y discute y te habla de política fuerte... y hay que calmar a la gente para que entienda...tienes que estar en el medio para que no se forme un problema... yo llego y calmo la cosa, lo tiro a juego, haciendo chistes... a la gente le encanta venir a aquí a reírse... los hace sentirse más en familia todavía...*⁶⁸. (depoimento obtido em maio de 2022)

De um lado, os cubanos do restaurante comentam sobre suas tensões com outras pessoas com as quais interagem ali; e por outra parte, percebemos um tipo de conflito entre esse espaço cubano e outros grupos de imigrantes da ilha que encontramos em Montreal. O restaurante *La Cecilia* é apenas um dos locais de interação de cubanos em Montreal. Uma grande parte de outros cubanos com os quais interagimos ao longo da pesquisa não conhecem nem visitam o lugar, e inclusive apontam algumas características que distinguem os diferentes “tipos” de compatriotas na emigração.

As regiões do país e bairros de origem, as vias migratórias, o nível educacional etc., são alguns dos aspectos que marcam essas diferenças e que, se bem existem em todas as partes do mundo, a sociedade cubana pós-1959 tem tentado apagá-las sob uma imagem homogênea e lisa da utopia revolucionária, isenta de uma desigualdade de classes sociais. Daniel, líder de outro grupo de cubanos que emigraram como trabalhadores qualificados; e Olivia, que chegou como estudante internacional de mestrado em ciências biológicas, relatam seus pontos de vista a esse respeito.

(Daniel) *A los cubanos aquí yo los categorizo en dos tipos, los que son calificados y la gente que no estudió, que lo tiene más complicado para insertarse económicamente, porque salió de la manera que pudo. Los que salen preparados, con las herramientas para poder llegar a cualquier lugar y desenvolverse... esos están bien, de manera general, hasta en lugares raros como en China. De los otros no sé, porque no estoy familiarizado, no forman parte de mi entorno. Eso ha sido de manera natural, no es porque yo intencionalmente no lo que querido así... con alguno que otro que nos hemos cruzado, no hemos tenido la suficiente química para seguir conectado... sé que sí hay amigos míos que están un poco en los dos mundos.* (depoimento obtido em maio de 2022)

(Olivia) *Unos meses después de llegar a la ciudad donde yo estudié, conocimos algunos cubanos. Era gente que no tenía mucho que ver con nosotros porque en aquel momento no había muchos estudiantes ni nada de eso. Eran personas que habían venido casados con canadienses... la mayoría hombres casados con mujeres canadienses. Entonces, por supuesto, era un círculo social del que estábamos un poco fuera. Era gente que normalmente trabajaba en los hoteles de turismo en Cuba. Gente de otro nivel cultural. Eran super amables, siempre ayudando, eso sí. Y entonces nos encontrábamos con ellos, íbamos a las actividades que ellos hacían, que aunque no tenían mucho que ver con nosotros, era como la vida social que*

⁶⁸ Apelido de identificação do entrevistado e idade.

podíamos tener para integrarnos y que nos pudieran ayudar también. Muchas veces íbamos a las fiestas esas que hacían los cubanos todos los sábados, el tipo de fiesta de gente que lo le gusta es hablar y tomar cerveza... pero al final era gente que estaba ahí cuando tú los necesitabas.

Luego de unos años, decidimos dejar de estar en Canadá viviendo a la cubana.... Y decidimos vivir en Canadá pero viviendo a lo canadiense. No tiene que ver con esa bobería de que no me mezclo con cubanos, no es eso, es vivir a la canadiense. Entonces ese cambio de tú decidir... no, yo no quiero seguir viviendo como en Cuba, mis prioridades son otras... eso forma parte de integrarse. Hay gente que sigue queriendo comer todo el tiempo arroz, frijoles y carne de puerco⁶⁹, y cerrados a probar cosas nuevas. A mí me parece que eso es algo generacional y depende también del nivel cultural. Porque, por ejemplo, nosotros aquí nos relacionamos con muchos cubanos, los amigos nuestros aquí son cubanos, pero son gente como nosotros, abiertos a otro tipo de sociedad, a otro tipo de crianza para los hijos. (depoimento obtido em maio de 2022)

As diferenças de se demarcam na origem, classe social, raça e geração dos imigrantes, entre outras, acabam se condensando como uma diferença de formas de vida que carregam também o hibridismo da experiência heterotópica, e que Olivia resume como “viver à canadense” ou “viver à cubana”. Além dimensão heterocrônica dessa experiência, segundo menciona Olivia, outro princípio das heterotopias que aparece são os mecanismos de abertura e fechamento que atuam como reguladores de quem participa ou não desses espaços. O que nos interessa aqui é chamar a atenção para as tensões que permeiam as heterotopias migratórias e que fazem dessas comunidades, lugares e grupos, espaços heterogêneos e diferenciados das sociedades de origem e de estabelecimento às quais pertencem os migrantes.

Ter estado em Montreal durante vários períodos me permitiu observar as mudanças no percurso de vida de vários dos cubanos com os quais interagiu, assim como o impacto de eventos maiores, como foi a pandemia da Covid-19. No ano de 2020, após quatro anos da fundação de *La Cecilia* e em meio do contexto da pandemia, o restaurante mudou-se para o local ao lado, com a intenção de ampliar o espaço e optar por uma decoração mais “arrumadinha”, segundo me disse Ale. Alguns meses depois da reabertura do novo *La Cecilia*, a única parede amarela que ficou disponível no novo desenho, ainda vazia, voltou a se cobrir com mensagens dos clientes e amigos.

Figura 8. Restaurante *La Cecilia* depois de passar ao local contíguo ao anterior (depois de 2020)

⁶⁹ Comida tradicional cubana



Fonte: imagens feitas pela autora em 2022

Ainda que nas paredes continuem aparecendo as mensagens familiares de carinho e os indícios do passo de outros imigrantes latino-americanos pelo lugar, percebi que algumas delas fazem referência às transformações no contexto político cubano a partir do ano de 2020. A pandemia da Covid-19 agravou a crise econômica cubana de longa data e gerou duras críticas pela precariedade de assistência no sistema de saúde. Isso, ligado ao fechamento de fronteiras (migração) e ao aumento da censura contra as críticas ao governo, desataram contínuos atos de protesto nas redes sociais, greves de fome de artistas e ativistas cubanos, e, finalmente, um levante popular sem precedentes no dia 11 de julho de 2021 (#11J), como abordamos no primeiro capítulo.

Figura 9. Mensagens escritas nas paredes do restaurante *La Cecilia* no segundo local (2021-2023)



Fonte: Fotos tomadas pela autora em 2022

Nas paredes, pode-se ler mensagens como “Viva Cuba livre”, “Libertad Cuba”, “SOS Cuba”⁷⁰, “Patria y Vida”⁷¹, uma expressão ligada a uma música de artistas ativistas que tem se tornado ícone dos protestos cubanos nos últimos anos, em contraposição ao lema de “Pátria ou Morte” que identificava os discursos do Fidel Castro; “Diaz-K sin (símbolo de uma casinha)”, que refere-se à expressão em espanhol “Diaz Canel singao”⁷², uma ofensa contra o atual presidente cubano que faz parte também de uma música de artistas hip-hop opositores ao governo. Referências como essa tornam ainda mais explícito o mecanismo de abertura e fechamento do qual falava Foucault ao caracterizar heterotopias, que não é mais que a presença de formas de inclusão e

⁷⁰ O hashtag #SOSCuba foi iniciado por ativistas cubanos emigrados para chamar a atenção da comunidade internacional sobre a crise de medicamentos e insumos médicos em Cuba durante a pandemia. No mesmo contexto, integrantes de movimentos de oposição dentro e fora da ilha se apropriaram do hashtag para denunciar atos de censura, opressão e perseguição política. Atualmente, é uma das hashtags mobilizadas para denúncias e protestos nas redes contra o governo cubano. Mais informação em: <https://www.telam.com.ar/notas/202107/561711-cuba-campana-redes-sociales-internet.html>

⁷¹ “Pátria e Vida” é o nome de uma canção de protesto de artistas que se opõem ao regime do governo cubano e que se tornou um hino das protestas populares do 11 de julho e de grupos dissidentes políticos até hoje. Mais informação em: <https://cnnespanol.cnn.com/2021/07/21/patria-y-vida-himno-protestas-antigubernamentales-cuba-trax/>

⁷² No jargão popular cubano, a casa é chamada de ‘gao’. Como ‘singao’ é palavrão (*fuck*), as pessoas costumam indicar ‘sem casa’, ou seja, ‘sem gao’ (sin gao). Diaz Canel é o sobrenome do atual presidente de Cuba que sucedeu ao Raúl Castro em 2019. A expressão “Diaz-Canel singao” também teve origem em uma música de rappers opositores ao governo. Mais informação em: <https://www.cibercuba.com/noticias/2021-09-14-u1-e199370-s27061-significa-singao-cubanos-lo-dicen-diaz-canel>

exclusão de uma prática no espaço, codificadas internamente na configuração das relações nesse lugar; as quais podem evoluir ao longo do tempo e trazem também as marcas de temporalidades outras.

Mais de uma vez aparecem escritas essas mensagens nas paredes do restaurante. Um lugar onde os cubanos acompanham também, à distância, os acontecimentos da Pátria; onde é possível dizer-escrever o que em Cuba é penalizado com anos de cadeia, como aconteceu com milhares de manifestantes do #11J⁷³. As transformações na sociedade cubana depois de meio século se alinham assim, na heterocronia, com essa pequena temporalidade que foi a mudança de local do restaurante cubano em Montreal, a justaposição espaço-temporal de um país e um pequeno lugar de encontro de imigrantes. Uma nova oportunidade, uma parede nova onde reescrever a(s) história(s) em um espaço público heterotópico, oferecendo possibilidades de montagens de mapas e mosaicos cartográficos que nos orientam em meio à constante transformação das vidas, dos lugares e da história

O espaço público cubano na ilha, ligado durante décadas ao controle absoluto do governo, tem excluído da participação social os cubanos dissidentes ideológicos, e entre eles os emigrados, cuja mobilidade física os torna automaticamente dissidentes do projeto unitário de país visualizado em 1959 (ALFONSO; SÁNCHEZ, 2017). Ao se referir ao espaço público das cidades, o historiador Pierre Nora (1992) estuda os “lugares de memória”⁷⁴ como esses sítios que induzem a evocação de uma memória através de inscrições, monumentos e comemorações que reforçam o poder dos Estados sobre as vidas de seus cidadãos. Esses lugares estão relacionados com um interesse dos poderes hegemônicos de se perpetuar ideologicamente por esse meio, como é evidente no caso de Cuba, ressaltando assim uma relação entre os regimes políticos e seus símbolos espaciais. (ALONSO, 2014). O sujeito deslocado de seu espaço-nação primário, vai continuar reinventando outras formas de fazer memória no espaço público, apesar das muitas vezes que isto lhe tenha sido negado.

⁷³ Mais informação em: <https://www.bbc.com/mundo/noticias-america-latina-59806091>

⁷⁴ Os lugares de memória de Nora (1998) não são lugares de preservação de acontecimentos cristalizados, já consolidados. Eles podem expressar também memórias articuladas, por exemplo, pelas lutas contra as ditaduras na América Latina. Nesse caso, lugares de memória configuram uma espacialidade que se conecta com os conflitos abertos no espaço público, dando origem a territórios de significação e de comunicação. As disputas de significação que se relacionam a um regime ditatorial tensionam narrativas e enquadramentos que visam explicar uma dada realidade e impor-se como “verdade”. Acreditamos que as heterotopias podem se configurar como lugares de memória, uma vez que acionam arranjos que montam e organizam a memória afetiva, coletiva e pública das pessoas e grupos, interferindo na legibilidade do cotidiano e da História.

As memórias coletivas silenciadas, mas latentes em todos os conflitos, assim como as mais cotidianas que compõem a tradição oral de famílias e grupos humanos, também têm seus lugares de memória, cujos territórios físicos de rememoração não são marcados de forma tão visível (...). Os espaços são marcados com materiais efêmeros: cruzeiros de madeira improvisadas, flores em caminhos e sarjetas, fotografias cuidadosamente colocadas em altares familiares dentro das casas, detalhes quase imperceptíveis a um olhar desinformado. (ALONSO, 2014, p. 349).

Assim, seja no restaurante cubano em Montreal ou em outros espaços da cidade, nos lugares de passagem, na varanda da casa ou no corpo mesmo dos migrantes, essas inscrições da memória ressurgem. Por outro lado, Assmann (2011) se refere à diferença entre *memória* e *recordação*, sendo a primeira uma estrutura mais estável, localizável e sistemática; enquanto a segunda se apresenta nos intervalos, a vaguidade das lembranças difusas e menos estruturadas. Em todo caso, a escrita tem desempenhado sempre um papel fundamental nesses processos que, no contexto da experiência migratória, envolvem também essa dinâmica entre ausência e presença da qual falava Sayad (1998) ao se referir à “dupla ausência do imigrante”.

A escrita como metáfora da memória é tão indispensável e sugestiva quanto extraviadora e imperfeita. A presença permanente do que está escrito contradiz ruidosamente, no entanto, a estrutura da recordação, que é sempre descontínua e inclui necessariamente intervalos de não presença. Não se pode recordar alguma coisa que esteja presente. E para ser possível recordá-la, é preciso que ela desapareça temporariamente e se deposite em outro lugar, de onde se possa resgatá-la. A recordação não pressupõe nem presença permanente nem ausência permanente, mas uma alternância de presenças e ausências (ASSMANN, 2011, p. 166)

Podemos pensar, com Assmann, que a escrita migrante nesse lugar heterotópico que é o restaurante cubano em Montreal se torna também uma escrita da recordação, uma vez que ela é resgatada entre intervalos de esquecimento, retomada no presente ressignificado, e convive na alternância entre presenças e ausências que a mobilidade moderna impõe. É possível também entender a escrita como uma das práticas de liberdade que tanto interessam a Foucault, quando faz referência às técnicas e cuidados de si. Tais técnicas dizem da recusa a um determinado “modo de ser” e de viver imposto hierarquicamente: elas produzem uma experiência que requer o questionamento “do estatuto de sujeito no qual nos encontramos” (FOUCAULT, 2019, p.35). A escrita que registra e retrabalha a memória interfere na articulação das temporalidades da experiência de modo a permitir “uma experiência que autorize uma alteração, uma transformação na relação que temos conosco mesmos, com nosso saber e com o mundo onde, até aí, nos

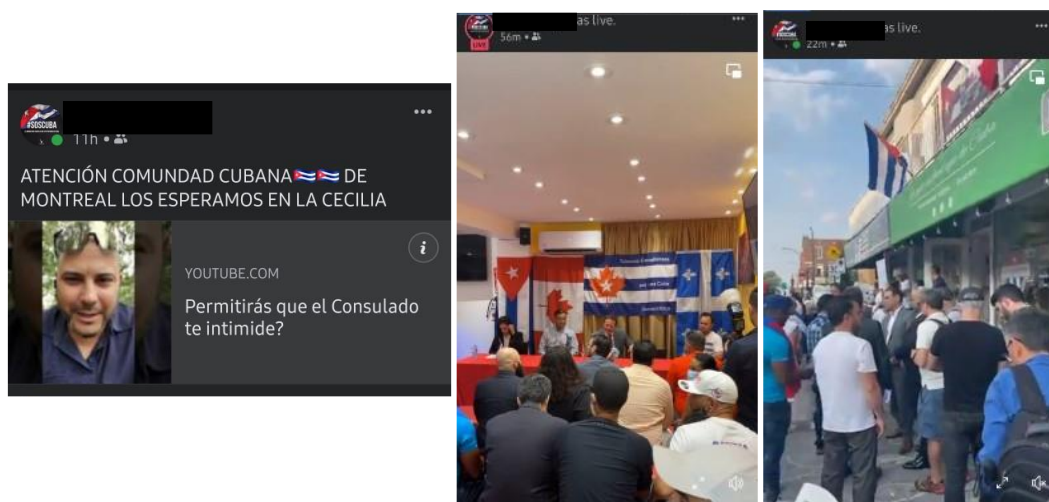
reconhecíamos sem problemas” (Foucault, 1994, p.46). São essas temporalidades heterocônicas (no tempo da memória ou da recordação) e esses meios (as paredes escritas) que dão vida às heterotopias migratórias.

Além da escrita nas paredes do restaurante, que vai refletindo cotidianamente o sentir de uma parte dos cubanos sobre a situação política na ilha, vários eventos e manifestações tiveram lugar nessa época entre as comunidades de emigrados cubanos por todo o mundo. Quase dois meses depois dos protestos do 11 de julho de 2021 em Cuba (9 setembro 2021), um grupo de cubanos se reuniu no restaurante *La Cecilia*, convocados pelo grupo ativista *Cubanos Canadienses por uma Cuba Democrática*⁷⁵, para conversar com um representante do partido conservador canadense sobre o que estava acontecendo na ilha no contexto dos protestos. O ato foi transmitido ao vivo pelo Facebook e compartilhado por alguns participantes. Eu observei o evento através do perfil de uma das clientes e amigas do restaurante com a qual eu havia interagido e conectado nas redes anteriormente. Nesse momento, o restaurante se investia de outras significações em torno da experiência migratória dos cubanos, justamente como acontece num lugar heterotópico.

O líder do grupo organizador do encontro havia publicado no dia anterior um vídeo no Youtube, replicado no Facebook (pela mesma pessoa que fez a transmissão ao vivo que eu segui ao vivo) no qual ele chama aos cubanos em Montreal a assistir ao ato e não se deixar “intimidar” pelo consulado cubano.

Figura 10. Imagens da reunião no restaurante *La Cecilia* de cubanos opositores ao governo cubano e convocação na plataforma do Facebook

⁷⁵ O grupo foi fundado a partir de um protesto de cubanos contra representantes do governo cubano (artistas, embaixadores culturais e políticos etc.) em fevereiro de 2020 em Montreal. No site da agrupação <https://cubanoscanadienses.wordpress.com/> aparecem imagens e outras informações sobre as manifestações, atividades e posicionamentos que defendem. Similar à maioria de agrupamentos cubanos em Miami, principal centro de ativismo político dos emigrados, os cubanos-canadenses que integram esse grupo têm se posicionado geralmente sob uma postura ideológica conservadora, segundo indicam suas alianças partidárias e posicionamentos públicos.



Fonte: Capturas de tela no perfil de uma cubana em Montreal que compartilhou uma transmissão ao vivo da atividade e um vídeo de convocatória da organização que liderou o evento, e transmitiu

Esse acontecimento apresentou para mim, como pesquisadora cubana, um dilema ético, pois eu estava ciente de que minha eventual participação em um evento dessa natureza político-partidária poderia trazer consequências negativas para mim, meu direito para entrar em Cuba e até para minha família em Cuba, como tem se constatado em outros casos⁷⁶. O governo cubano, através das sedes diplomáticas no exterior, fiscaliza de perto as atividades da comunidade cubana emigrada e todo movimento político que possa exercer uma influência sobre as relações bilaterais, como seria uma aproximação entre cubanos emigrados e o Partido Conservador que critica o governo cubano. Assim aparece indicado na convocação que fez no Facebook o líder do grupo de cubanos opositores em Montreal.

|O mesmo Ale me disse na entrevista: “*Não falo muito sobre política, mas também não sou cego. Tenho uma relação muito boa com o consulado cubano aqui porque já fiz eventos culinários com eles... e sempre deixei claro a minha posição para eles... não saí de Cuba por política... saí para melhorar minha economia e é isso que faço neste país... trabalho, trabalho, trabalho...*”. Ainda que ele, e alguns de seus amigos, tenham mantido majoritariamente uma postura política

⁷⁶ O governo cubano não só tem proibido e regulado a saída do país de ativistas e jornalistas independentes (exemplo: <https://www.pen-international.org/news/2icu1drxqe7nfomhi5q6iiqir3xrmj?rq=abraham%20jimenez%20enao>); mas também tem impedido o retorno de ativistas que saíram da ilha por diversos motivos depois dos protestos do 11 de julho (ou que moravam fora), como Anamely Ramos, Omara Ruiz Urquiola, Carlos Manuel Álvarez, entre outros. (exemplo: <https://www.cibercuba.com/noticias/2022-12-25-u1-e207888-s27061-impiden-viaje-omara-ruiz-urquiola-cuarto-intento-regresar-cuba>)

conciliadora com respeito à situação na Ilha, os sucessos do #11J impactaram na forma como os cubanos pensam sobre a realidade de seu país natal.

Assim, observamos como o restaurante de Ale se configura também como um lugar de diferença, na medida em que não é apenas um símbolo que essencializa a imagem de Cuba como unidade de significação, mas que é ideologicamente construído a partir da diversidade de seu público, a evolução das práticas no local e as tensões entre diferentes ideias, instituições e atores sociais. Um estudo sobre o estabelecimento do Chinatown em Vancouver, por exemplo, vai mostrar que esses lugares não se reduzem à simples naturalização da cultura chinesa, mas que é resultado de negociações com aqueles que tem o poder de definir os lugares (a mídia, os governos etc.) (CRESSWELL, 2014, p. 28). Nesse viés, os bairros étnicos e lugares habitados por imigrantes se tornam um lugar privilegiado para compreender as relações de diferença no espaço e sua conotação política, ou seja, a função política das heterotopias no entramado de relações de poder que atravessam as narrativas coletivas sobre o lugar. A partir dos processos comunicacionais que ali se dão, esses lugares podem se constituir ora como ferramentas de autoafirmação identitária, ora como imagens fixas de exclusão entre “eles” e “nós”. Em todo caso, estamos falando de processos comunicacionais que acontecem por meio de apropriações do espaço.

A evolução das práticas que observamos no restaurante diz respeito também a um dos princípios da heterotopologia indicados por Foucault (2004), segundo o qual as funções das heterotopias numa sociedade se transformam com o tempo. Isso está ligado a uma compreensão do lugar como “mudança” e “processo”, de forma que os lugares nunca se consideram “acabados”, mas no “devir”, no *continuum* acontecimentos que “tem lugar” (CRESSWELL, 2014, p. 35).

Em geral, os lugares nunca são completos, acabados ou limitados, mas estão sempre se tornando - em processo. É esse sentido de processo e as relações de estrutura e agência no lugar que é o assunto do artigo de Pred (1984). Os lugares nunca estão acabados, mas são sempre o resultado de processos e práticas. Assim como tais lugares precisam ser estudados em termos de 'projetos institucionais dominantes', também as biografias individuais das pessoas que negociam um lugar e a maneira pela qual um senso de lugar é desenvolvido por meio da interação de estrutura e agência (CRESSWELL, 2014, p.37).

As mensagens grafitadas nas paredes do restaurante, as visitas frequentes e as conversas rotineiras em torno da migrante e a identidade cubana, as lembranças compartilhadas, as tensões e os conflitos que atravessam o lugar constituem verdadeiras relações espaciais heterotópicas. Os cubanos que por ali passam, com essas práticas, “heterotopizam” o lugar. Foucault toma como

exemplo a brincadeira das crianças na cama dos pais, para mostrar como eles *heterotopizam* esse espaço: quando imaginam que é um oceano e nadam, quando pulam achando que vão tocar o céu, quando se escondem entre os lençóis, simulando uma floresta.

A heterotopia, portanto, diz respeito primeiro a um certo uso do espaço vivido, o que equivale a explorar sua heterogeneidade para dividi-lo em estratos funcionais distintos, incompatíveis entre si. (...) Nesse sentido, a heterotopia revela a multidimensionalidade do espaço vivido, que joga com divisões artificiais estruturando a representação ordinária do mundo (SABOT, 2012, p.8).⁷⁷

Embora o restaurante tenha sido fundado recentemente, os cubanos que imigraram para Montreal há cerca de duas décadas se encontram lá, assim como outros cubanos mais jovens que chegaram recentemente à cidade. Nesse sentido, esse lugar também revela uma temporalidade heterocrônica, na medida em que a linha do tempo comum de meio século de emigração no período revolucionário cubano marca várias gerações que se encontram de forma diferente no espaço outro.

4.2 Lugares de passagem: trânsitos, barcos, rotas por mar e terra

Durante o ano 2022, os cubanos viveram uma das crises migratórias de maior envergadura desde 1959. Ale (49, chef do restaurante) comenta comigo que muitos dos cubanos entre os visitantes do restaurante “têm família vindo agora”:

(Ale) todo el mundo está pasando por el mismo trabajo de traer primos, hijos, sobrinos (...) casi todos se quedan en Estados Unidos, pero algunos vienen aquí cuando tienen familia cercana aquí. Conozco a varios que están llegando, el hijo de un chef cubano amigo, los hermanos de unos amigos míos aquí, mi sobrino y su hermana que se fueron dos semanas antes que mi hijo. (depoimento obtido em maio de 2022)

Ele me conta sobre a viagem migratória do filho que, naquele momento de nossa conversa (maio, 2022), estava preso no México, aguardando ser liberado para continuar sua rota até os Estados Unidos e dali até o Canadá. Um percurso similar à rota que Ale teria feito muitos anos atrás.

(Ale) Eso [la migración] lo pensamos de hace años, y yo dije es ahora o nunca. Él ya me tenía loco, no aguantaba más allá. Nosotros hicimos cosas para mejorar la vida allá, pero no salía

⁷⁷ Do original : « L'hétérotopie relève donc d'abord d'un certain usage de l'espace vécu, qui revient à en exploiter l'hétérogénéité pour le diviser en strates fonctionnelles distinctes, incompatibles les unes avec les autres. (...) Elle révèle en ce sens la pluridimensionnalité de l'espace vécu, qui se joue des partages artificiels structurant la représentation ordinaire du monde » (SABOT, 2012, p.8).

nada bien, una cafetería y la derrumbamos dos veces, nos mandaban a cambiarla de lugar, todo molestaba, había dinero y querían joder⁷⁸. ¿Qué vas a hacer en un lugar donde tú quieres esforzarte por hacer lo tuyo, pero no te van a dejar, para hundirte? Pues me voy. Un joven de 23 años y su mujer de 21, es muy difícil para un joven vivir así. Ahora hay una salida masiva, que no hay jóvenes en Cuba, yo no sé qué va a pasar.

Vienen 4 personas, él, su esposa y mi sobrina y su marido, siempre están juntos y se cuidan. Estamos pagando entre yo y mi sobrino que vive aquí, pasajes, coyotes⁷⁹, si se traba algo lo resolvemos. Él cogió un avión a Managua, de ahí siguieron por tierra hasta Ciudad de México, de ahí en un avión hasta Mexicali. Y ahí cayó en una redada migratoria y lo pasaron a Tijuana, y lleva 10 días preso. Ellos todo el tiempo quieren dinero, los policías, la gente de inmigración, los abogados, siempre quieren más dinero Yo desde aquí lo tengo que hacer todo, contacté a una organización de ayuda de inmigrantes y el Pastor fue allí a buscarlos. Ya hace un mes que salieron de Cuba. (depoimento obtido em maio de 2022)

Figura 11. Oferenda religiosa colocada por Ale no restaurante para a *Virgen de la Caridad* (Oshún na religião afro-cubana), santa patroa de Cuba, no dia em que seu filho saiu de Cuba



Fonte: imagens feitas pela autora em maio de 2022

A religiosidade faz parte dessas travessias migratórias que evocam momentos de medo, incerteza e desespero, e que, para além do ato do deslocamento, envolve todo o percurso migratório ao longo de muitos anos. Mesmo na capa do menu do restaurante se observa uma imagem da santa padroeira de Cuba, que aparece também nesse “altar” que o Ale fez para seu filho, e que é sempre homenageada com flores amarelas e com doces.

Nos relatos dos migrantes que encontramos em Montreal há uma linha de tempo que atravessa os múltiplos lugares, deslocamentos, mobilidades que configuram uma história de vida. Alguns deles se aventuraram no mar ou atravessaram várias fronteiras. Outros apenas tomaram um

⁷⁸ Se refere às autoridades estatais que autorizam a realização e negócios privados em Cuba.

⁷⁹ Nome dado às pessoas que se dedicam a transportar os migrantes de forma ilegal através de várias fronteiras na América Latina.

avião até o Canadá ou outro país que serviu de estância temporária. Nessas travessias, há uma experiência heterotópica que constrói lugares outros, que transforma a relação com os espaços e com o mundo conhecido.

Ale me conta sobre seu trajeto muitos anos atrás, sua permanência de vários meses no Chile, o percurso pela América Central, a chegada nos Estados Unidos, e mais tarde no Canadá. Ele lembra tudo como se não tivesse passado mais de uma década, como quem percorre mentalmente de novo cada lugar, apontando com o dedo a rota num mapa imaginário que desenhava sobre uma mesa do restaurante.

(Ale) De Chile salimos cuatro, una mujer y tres hombres. Allí se quedaron los dos del grupo nuestro que estaban legales en el país. El plan fue salir de ahí para Ecuador que nos estaban esperando un grupo más grande, para cuidarnos más, porque es complicado. En el camino los grupos se iban recomponiendo... en México, por ejemplo, mi familia se fue delante, y yo me quedé con otros del grupo y me fui por otro lado en México. Bueno, de Chile salimos para Bolivia, ya yo me conocía ese recorrido porque una vez tuve que salir de Chile para hacer un trámite de visa. Las fronteras en América Latina son como una feria, es fácil cruzar, tú atraviesas un mercado y ya cruzaste. Un médico cubano que nos encontramos en Chile nos explicó, él había desertado⁸⁰ de una misión en Bolivia y se había ido a Chile por ahí. Hay cubanos en todas partes, en todas partes del mundo. Hay un cubano con un restaurante ahí mismo en la frontera pegado al lago Titicaca, en Bolivia, que es santero; en Costa Rica también una cubana con un restaurante, y ellos te iban explicando todo. (depoimento obtido em maio de 2022)

Toda fuga requer a diminuição das condições de vulnerabilidade por meio da formação de redes de apoio entre migrantes. Acreditamos que a heterotopia pode ser uma forma produtiva de pensar as relações dos sujeitos com o espaço, em relação às suas práticas de comunicação e suas experiências migratórias. A construção de heterotopias revela como a existência corporal dos migrantes é prejudicada por poderosas forças de controle e, por isso, criam espaços de alianças, de hospitalidade. Mais do que “entidades estáveis” que podem ser reconhecidas, nomeadas e localizadas, vemos as heterotopias como “qualidades contingentes” que demarcam uma abordagem relacional da diferença como ferramenta analítica para iluminar as múltiplas características dos

⁸⁰ No discurso oficial do governo cubano, os profissionais que abandonam missões de trabalho no exterior para migrar são chamados de “desertores” e essa linguagem é incorporada naturalmente na fala dos cubanos. Uma discussão mais aprofundada sobre isto aparece em Marques e Hernandez (2021).

espaços sociais e culturais, bem como para inventar outros espaços através das práticas que ocorrem em um contexto específico, numa espécie de *aliança heterotópica*, tal qual Johnson (2013, p. 800) pôde propor, à luz de Foucault, quando escreve que tais alianças “são mais lúdicas e experimentais em sua força política”.

(Ale) *Algunas personas te ayudan, otros no, no todo el mundo es buena gente... algunos si, por ejemplo la casa donde estábamos en Colombia, que era supuestamente un coyote que nos iba a pasar en la lancha, era gente muy buena, muy humilde, humilde... al punto de no tener nada y salir a buscarnos un ventilador... Nos encontramos casi siempre gente humilde, en Ecuador, por ejemplo, la gente del hotel donde nos quedamos nos permitía trabajar para ganar algo, limpiar una cocina... esas cosas... y en vez de gastar todo, ingresábamos algo. (...) Todavía hoy nos hablamos... la gente que veníamos juntos, cocinábamos juntos... eso nos unió mucho... Íbamos siempre en autobús. Tomamos uno hasta Lima, luego otro hasta a Ecuador, estuvimos como 8 o 9 días hasta que el grupo se formó, eran amigos de la novia de mi primo que había vivido en Ecuador un año y medio. De ahí salimos 11 personas. Nos bajábamos antes del bus llegar a la frontera y pasamos en cualquier cosa, esas fronteras no eran complicadas para pasar. Pero la frontera de Ecuador a Colombia sí fue complicada, un taxista nos dijo que nos cruzaba. Era un punto de mucha altura, él apagó la calefacción de adentro y nos dijo que respiráramos bastante y se llenó de niebla el interior del taxi y no se veía nada, nadie nos dijo nada. Él nos pasó, y no nos cobró caro. Cuando estábamos del otro lado nos dijo: ‘corran que ya pasaron!’.*
En Colombia llegamos por Cali y de ahí a Medellín, a un pueblo que se llama Necuclí un pueblito chiquito de pescadores, y de ahí salimos a la playa colombiana Sazurro en un barquito. Hay una montaña que escalamos y al otro lado hay una playa que se llama La Miel, que ya es Panamá. (depoimento obtido em maio de 2022)

Nas “feiras” que Ale descreve como fronteiras latino-americanas aparece uma dimensão heterotópica que mistura, num só lugar, muitos lugares; uma relação contraditória entre o espaço de lazer, na temporalidade efêmera, e as relações geopolíticas marcadas numa divisão fixa do território. A feira é um dos exemplos de heterotopias mencionadas por Foucault, em oposição aos lugares de acumulação do tempo (museus, bibliotecas etc.).

Há heterotopias que estão ligadas (...) ao tempo em sua forma mais fútil, mais transitória, mais precária e isso, no modo de celebração. São heterotopias que não são mais eternas, mas absolutamente crônicas. Assim são as feiras, esses maravilhosos lugares vazios à beira das cidades, que se povoam uma ou duas vezes por ano com barracas, prateleiras, objetos heteróclitos, lutadores, mulheres-cobras, cartomantes etc. (FOUCAULT, 2004, p.17).⁸¹

⁸¹ Do original : “il y a des hétérotopies qui sont liées, au contraire, au temps dans ce qu’il a de plus futile, de plus passager, de plus précaire et ceci, sur le mode de la fête. Ce sont des hétérotopies non plus éternitaires, mais absolument chroniques. Telles sont les foires, ces merveilleux emplacements vides au bord des villes, qui se peuplent une ou deux

Quando Foucault fala das heterotopias, ele se refere também a “lugares de passagem, espaços de transição, formação ou educação, por meio dos quais a relação com o mundo social é construída e enriquecida” (SABOT, 2012, p.10)⁸². Algumas dessas heterotopias são elas mesmas móveis, na medida em que podem ser meios de transporte (Foucault menciona o barco, o trem).

[...] Os meios de transporte, os operadores de viagens e as próprias viagens constituem as heterotopias primárias, na medida em que a heterotopia implica, na sua relação com outros lugares, uma forma de experiência, simbólica ou real, ligada a uma transformação de si (SABOT, 2012, p. .11)⁸³.

Cada vila, povoado, fronteira, ponte deixa de ser apenas uma coordenada geográfica, um espaço desconhecido, quando eles os nomeiam como parte de sua história de vida, tornando-os assim, *lugares* (CRESSWELL, 2014). Aqueles que não seriam conhecidos de outra forma, nomes que entram na memória ancorados no tempo e no corpo. Ale lembra de todos. Parece importar-lhe explicar em detalhe o trajeto, os meios de transporte, o que sentia, nomear o vilarejo fronteiriço que ele apenas conheceu naquela hora, as sensações, as pessoas que o acompanhavam, os piores e melhores momentos no caminho.

(Ale) Cuando tu entras a La Miel te recoge Inmigración de Panamá, que está conectada con Estados Unidos, ellos ahí te hacen todo el proceso... tus huellas se quedan en un registro americano, la fotografía y tus datos... cuando llegas a Estados Unidos están todos tus datos ya registrados. Inmigración Panamá nos llevó de La Miel a Puerto Valdía, ahí estuvimos unos 6 días, hasta que cogimos un vuelo hasta ciudad Panamá.... en esos días trabajamos... yo cocinaba para todo el mundo era más barato... Ahí en Panamá te ofrecen refugio o si quieres te vas. Nosotros nos fuimos en autobús.

En algunos países hay como un salvoconducto que ellos te dan para que puedas pasar a través del país. En Panama teníamos hasta 30 días, en Costa Rica también cierto tiempo... pero ahí no lo teníamos, y nos cogieron a la salida del país... nos detuvieron una noche y nos dieron el papel.... Y así seguimos... Nicaragua, Honduras, Guatemala, Belice, México.

En Nicaragua sí nos cogieron 5 días presos porque son igual que allá lo de nosotros (el régimen político cubano). Ahí estuve comiendo arroz gallo pinto mañana, tarde y noche... fue el lugar más complicado. Funciona todo como en Cuba, tienen gente vigilando en todas partes, igual que en los barrios de Cuba. Por ejemplo, a nosotros la persona que nos echó p'alante fue una señora gorda sentada en la terminal de ómnibus, que está ahí velando a los cubanos que llegaban y llamaba a la policía el chofer nos dijo que fue ella.

fois par an, de baraques, d'étalages, d'objets hétéroclites, de lutteurs, de femmes-serpents, de diseuses de bonne aventure, etc.”

⁸² Do original: “des lieux de passage, des espaces de transition, de formation ou d'éducation, à travers lesquels le rapport au monde social se construit et s'enrichit » (SABOT, 2012, p.10).

⁸³ Do original: « les moyens de transport, les opérateurs de voyage et les voyages eux-mêmes constituent les hétérotopies premières dans la mesure où l'hétérotopie implique, dans son rapport aux autres lieux, une forme d'expérience, symbolique ou réelle, liée à une transformation de soi » (SABOT, 2012, p.11).

Luego yo entré a México por Chetumal, la frontera con Belice. De ahí me fui a Cancún y bordeé toda la costa... Mérida, Yucatán.... completa hasta Matamoros. Esa vuelta la hice para que no me cogiera inmigración. En esa época, si estabas 11 meses fuera de Cuba ya no te podían deportar, mi sobrino y los otros ya tenían una año y medio fuera, no los podían deportar... pero yo solo tenía 8 meses, y no podía entregarme a inmigración en México porque me deportaban. Un amigo mío que se entregó antes, que no tenía 11 meses, lo deportaron y está en Cuba todavía.

En esa época la gente a la que más uno le pagaba que te ayudaba a hacer las cosas eran policías, militares en las fronteras... los coyotes eran muy caros...Hubo uno que nos quería timar cuando íbamos a cruzar... que nos quiso engañar cuando cruzamos Belice... y ahí no hay policías.... solo militares, ellos no te miran ni se meten contigo, uno no lo sabía... lo sé ahora... Belice es chiquito, se cruza en 5 horas.

Tenía miedo... claro...muchas veces... todo el tiempo. Nos tiraron tiros entre Nicaragua y Guatemala... un tipo había pactado una cosa con nosotros y después quería más dinero y le dije que no. Ya estábamos en medio del puente... yo era el líder del grupo y yo era que tenía que fajarme con el tipo... y yo le dije que no, que ya estábamos en medio del puente y yo iba a pasar. (depoimento obtido em maio de 2022)

A medida do espaço era as fronteiras dos países que ele ia atravessando: “*delante de nosotros iba un grupo que nos iba contando todo lo que iban pasando, ellos salieron de Ecuador antes que nosotros, iban dos países más adelante que nosotros*”. A orientação geográfica, as informações sobre os controles fronteiriços policiais e a comunicação com outros migrantes e familiares eram também necessidades para Ale e seus companheiros, mas era difícil alcançá-las durante a travessia.

O acesso à internet e os dispositivos móveis de comunicação tem impactado a experiência de migrantes em todas as partes do mundo. Graças a isso, conhecemos mais de perto agora as difíceis condições da travessia dos migrantes cubanos pelo mar e através da América Central; mesmo que a maioria desses registros sejam gravados nos celulares e divulgados posteriormente. Contudo, na época em que Ale fez essa rota, ainda em Cuba era muito precário o contexto tecnológico, e até hoje os cubanos enfrentam desvantagens quanto ao nível de desenvolvimento da tecnologia mundial.

(Ale) Cuando llegamos a Panamá, ahí ya teníamos internet y mirábamos por donde pasar. Tenía un telefonito Alcatel viejito, pero funcionaba, una vez me sonó en el pico de la loma... que me llamaron de Chile y sonó... RISAS.

La gente que iba delante nos iba explicando lo que había que hacer... el hombre que me escribía lo explicaba todo con mucha claridad... yo sabía lo que tenía que hacer. (...) Y nosotros también le íbamos informando a otro grupo que venía detrás... era como una cadena...unos eran conocidos de otros...ibas organizando el viaje según lo que ellos te iban diciendo... En toda América Latina había lugares que tenían computadoras y

te podías sentar a revisar internet, por ahí veíamos los correos... (depoimento obtido em maio de 2022)

A passagem pelos Estados Unidos e a entrada no Canadá conformam a parte final desse longo deslocamento. Quando Ale saiu do Chile, a meta era atravessar a fronteira americana, era chegar na “terra prometida” do sonho migratório da maioria dos cubanos durante décadas, estar “a salvo”, nas palavras dele. “Correr”, “cruzar”, “entrar”, “ajoelhar”, “chorar”, “se entregar”. Foi assim como ele chegou na sua penúltima fronteira. Em várias ocasiões, ele repete o verbo “se entregar”, “eu me entreguei... ele se entregou... não podia me entregar... nos entregamos”. E assim, entregar o corpo e a vida, o destino, em mãos de autoridades fronteiriças.

(Ale) Cuando crucé a Estados Unidos fue que ya sabía que estaba a salvo. Cuando crucé el torniquete americano... una cosa grande así que caben hasta dos personas... más grande que yo. Cruzamos corriendo, nos dijeron que no paráramos ni miráramos a nadie... y cuando cruzamos... que caímos al otro lado... nos arrodillamos llorando, ya seguros de que no nos iba a pasar nada. Cuando pasamos, el oficial nos dijo... “cubanos, ya, siéntense a descansar...”.

Ya cuando crucé la frontera tomé otro autobús hasta Plan Sirio otra ciudad que está cerca de Orlando, en Florida... 2 días en autobús. Mi sobrino ya estaba ahí... en Estados Unidos estuve como un mes y medio. Cuando llegué llamé a mi familia y les dije que estaba todo bien y que seguía para acá, para Canadá. No sé, eso tú tienes que sentir algo dentro de ti que te dice que es el lugar donde te vas a quedar... si no lo sientes, ese no es el lugar... y yo no lo sentí y me fui de ahí... yo me arriesgué a no tener la posibilidad de quedarme que tenemos los cubanos en Estados Unidos... y por eso me salió feo y estuve 6 años y 3 meses en Canadá sin residencia... No me arrepiento... yo vuelvo a ir ahora y me siento igual... no te puedo explicar... (depoimento obtido em maio de 2022)

Para Fassin (2010), a vida está ligada à biolegitimidade (cidadania biológica) e às biodesigualdades, às questões morais e institucionais em jogo nas práticas governamentais e que decidem sobre o tipo de vida que as pessoas podem ou não viver. O que a política faz com as vidas não é uma mera questão de discursos e tecnologias, mas tem a ver com a maneira concreta como o estado trata indivíduos e grupos, com os princípios que orientam esse tratamento e a moral defendida, com as desigualdades e violências que implica. O corpo é também o que permite escapar ao poder, contestá-lo. O corpo é território: está implicado em redes de conflitos e poderes, mas também de articulações e resistências.

(Ale) Aquí (en Montreal) tenía un sobrino, y una amiga mía que ya hace 25 años conozco... ellos me ayudaron, yo sabía que tenía un apoyo aquí... ella me pagó el pasaje de avión... y a

los 3 días de llegar ya yo estaba trabajando. Vine de Orlando a Plattsburgh en New York, a 45 minutos de aquí, ahí estaba mi amiga esperándome... ella me pagó un taxi y me mandó a la frontera y me entregué y pedí refugio

En Canadá son complicados (las autoridades migratorias) ... son tan complicados como los americanos...que son bien complicados. Cuando vas a pedir refugio aquí, te tratan mal... y los canadienses, el que me tocó, era bien complicado...me tuvo ahí 24 horas y no me quería dejar entrar, me quería regresar para Estados Unidos. Pero después se acabó su turno y llegó otra persona más amable... y me entendió que no quería regresar a Estados Unidos, sino quedarme aquí, y me dio los papeles y pasé. Estuve 26 horas en la frontera de Lacolle aquí. Luego me hice los exámenes médicos, hice todo lo que me decían, y me fui a vivir con mi amiga y a trabajar. (depoimento obtido em maio de 2022)

Apesar da perigosa travessia, Ale não duvida que essa é a única “saída” para os cubanos, e por isso ajudou seu filho a percorrer também esse caminho quando as fronteiras nicaraguenses se abriram para os cubanos e esse trajeto se tornou uma rota migratória de milhares de cubanos depois dos protestos populares do 11 de julho de 2021. Por volta de um mês depois de nossa entrevista, Ale publica em uma história do Facebook a foto com o filho e a nora no momento em que ele os recebeu no Canadá. Alguns meses antes, a filha de outro dos cubanos que entrevistei, havia realizado uma travessia similar e se instalou finalmente nos Estados Unidos. A questão geracional que permeia a experiência da migração cubana, e que aparece de diversas maneiras nos relatos dos migrantes que encontramos em Montreal, evidencia a qualidade de heterocronia dos lugares atravessados e habitados na migração.

(Ale) Mi sobrino que venía conmigo se quedó con su hermano allá en Orlando, después ellos trajeron también a su medio hermano, el hijo mayor de mi hermano que murió. Se ha ido incorporando toda la familia de la mujer de mi sobrino, faltaba una hermana que llegó ayer. Ahora somos nosotros los que estamos haciendo todo, organizando todo, ahora los coyotes los estamos contactando de cuando pasamos nosotros... estamos usando esos contactos ahora para la gente que está viniendo... aunque en esa época no necesitabas tanto un coyote, porque no había la avalancha de cubanos que hay ahora por tierra yendo para Estados Unidos. La gente se sigue yendo y lo va a seguir haciendo, aquello (Cuba) no da más... la juventud tiene otro sueño, aunque sea chocar con el trabajo de verdad y conocerlo... este es el lugar pa' tener un hijo, por ejemplo. (depoimento obtido em maio de 2022)

(Rolando) Mi hija mayor tiene a 24 años... se fue vía Nicaragua con 4 amigas de la universidad... se fue en enero de 2022... 12 mil dólares me costó eso. Ellas vendieron allá un televisor, un refrigerador, cosas de la casa... para poder pagar el viaje, más lo que yo le mande. Ella pensó todo eso con su mamá, a mí no me dijeron nada, yo no quería... esas fronteras son peligrosas, ella es una niña, eran 4 niñas.

Ella se fue para Managua, de ahí para Costa Rica, estuvo ahí 8 meses... yo le mandaba el dinero para la renta, comida, teléfono... ahí le dieron un salvoconducto. Ella me decía que de Alemania mandaron euros para una amiga, y de Kentucky para otra amiga, y yo cogí y vendí mi cadena de oro, vendí todo y le mandé dinero para allá... eso es bobería, eso es material. Ella trabajaba en un almacén... hacía de todo... y de ahí me dijo...” ya estoy preparada para irme a cruzar la frontera”. Cruzó Honduras, El Salvador, Guatemala... Tapachula que es una frontera de México con Estados Unidos... hasta que entró. (depoimento obtido em maio de 2022)

Um traço característico da experiência migratória cubana é o elo intergeracional que atravessa o período específico após o ano 1959 e que muitas vezes entra em conflito com a narrativa oficial governista. Assmann (2011) chama a atenção para a experiência de antepassados que só é legível por meio das histórias de família que são contadas oralmente. “Há, então, um paralelo, entre a *memória cultural*, e supera épocas e é guardada em textos normativos, e a *memória comunicativa*, que normalmente liga três gerações consecutivas e se baseia nas lembranças legadas oralmente” (ASSMANN, 2014, p.17). Nesse sentido, segundo a autora, a *memória normativa*, ou *cultural*, se diferencia da memória comunicativa e da experiencial. Todas elas desempenham um papel importante na experiência migratória e fazem parte dos mecanismos de articulação das heterotopias.

Há travessias migratórias mais ou menos lineares, geralmente pouco lineares. Há infinitas formas de viver as fronteiras, de traspassá-la, de ir e voltar, e continuar em movimento. Algumas pessoas que encontrava no restaurante de Ale tinham chegado no Canadá já com o status migratório de residentes permanentes, através do casamento com canadenses; outros teriam percorrido também longos caminhos, muitos deles conseguiam chegar de forma “temporária” no Canadá (como visitantes ou por motivos de trabalho) e iniciavam uma demanda de refúgio político no país.

No entanto, os cubanos que encontramos no grupo de amigos de Daniel, com mais alto nível de qualificação e recursos (mais escolaridade, profissionais, com domínio de idiomas etc.), teriam imigrado diretamente como trabalhadores qualificados ou estudantes internacionais. Alguns deles haviam saído de Cuba para outros países e depois de algum tempo chegaram no Canadá. Uma mulher com a qual conversei por muito tempo em um encontro dos amigos de Daniel em um parque de Montreal, me contou que ela morou vários anos no Chile porque o pai dela era chileno (e a mãe cubana), mas depois emigrou para o Canadá, acompanhada de seu esposo, porque considerava esse país um lugar com mais oportunidades e mais afim com seu estilo de vida. Uma das entrevistadas,

que imigrou como estudante internacional (Eva), faz referência justamente às formas mais ou menos “seguras” através das quais as pessoas saem de Cuba.

(Eva) Cuando se lo conté... mi familia no estaba muy contenta, mi mamá me dijo... “yo voy a hacer todo lo posible porque eso no se te dé... pero después se abrió, entendió. Yo había hecho todos los papeles sin decirle nada, yo sabía que en el fondo había un sentimiento como de “no querer” ... y llegué un día a mi casa y le dije “siéntate, que te vas a caer para atrás, me voy para Canadá, me aceptaron en una maestría”. Yo creo que ellos lo que más querían era que no me fuera si no tenía un plan... porque lo que está pasando en Cuba ahora está muy duro⁸⁴... la gente lo está perdiendo todo en Cuba y se está yendo por Nicaragua... y tú dices, bueno... ese plan... hay mucha gente que se está quedando en el camino... me imagino que ella sin saber mucho como era, pensaba así... que era algo loco, porque la gente está haciendo cosas muy locas. Ya después ella se adaptó a la idea y me apoyó, claro. (depoimento obtido em maio de 2022)

Assim, a experiência intergeracional da migração durante o período revolucionário cubano é vivenciada também de múltiplas formas. Abel, por exemplo, tem enfrentado grandes dilemas por causa de suas diferenças com os pais quanto às questões migratórias e opiniões sobre a realidade política cubana. Como é costume na América Latina, ele tem um nome composto, e o seu segundo nome é Fidel.

(Abel) Isso é coisa de meus pais, que são muito “revolucionários”. Botaram esse nome por conta do Fidel Castro. (...) Meu pai era instrutor de aviação militar e eles os dois moraram na União Soviética, trabalhavam para o governo de Cuba. (...) Meu irmão menor também se chama Ernesto, pelo Ernesto Che Guevara. (depoimento obtido em maio de 2022)

Quando começamos a entrevista, Abel já sabia que íamos falar sobre migração, claro. Ele parece já se enquadrar na narrativa comum de “todos querem sair” que define grande parte do mundo que ele conhece, de sua geração e da história recente de Cuba. Sua esposa, que estava em casa no dia da entrevista, não hesita em confirmar... *“Eu sempre quis ir embora de Cuba, sempre... tinha familiares nos Estados Unidos, eu queria estudar uma carreira que me permitisse isso”*. Ele assume o relato coletivo, mas, ao mesmo tempo, tenta localizar seu lugar, se explicar, decifrar sua própria história.

(Abel) Yo no voy a decir mentira. Cuando era joven, inocente, lleno de ilusiones, pensaba que yo podría vivir en Cuba toda mi vida... hasta los 24 o 25 años pensaba que podría vivir en Cuba, medianamente bien, medianamente contento, medianamente realizado,

⁸⁴ Refere-se à crise migratória de cubanos através da Nicaragua na rota América Central – Estados Unidos (2021, 2022 em diante).

profesionalmente y como persona. Y cuando yo me gradé siempre mi sueño era ser investigador en química-física, y también soñaba con viajar el mundo, ir a lugares donde yo pudiera hacer mi investigación, donde pudiera tener intercambios académicos con gente de otros países

A los 24-25 años, cuando me gradué, en el 2005, yo pensaba que podría salir de Cuba, investigar, que yo podía vivir entre Cuba y el resto del mundo, entrando y saliendo, y desarrollándome. Pero bueno, aunque ya en ese entonces yo tenía diferencias con el sistema político en Cuba, y entendía que había un millón de cosas mal, siempre pensé que eso se podía sortear, o que algún día podría cambiar.

Pero el momento definitorio, donde todas las fichas se juntaron, y me di cuenta de que vivir en Cuba era básicamente una tortura, fue la primera vez que salí al extranjero. Fui a España a hacer una investigación que tributaba a mi doctorado, que ya yo había matriculado en la Universidad de La Habana, fui a hacer una estancia de investigación de 9 meses. Esa fue una salida de trabajo, fue la Universidad que organizó todos los trámites, el pasaporte el permiso de salida... (depoimento obtido em maio de 2022)

Segundo Foucault (2018) a experiência como transformação de si expressa a vontade de outra vida, de outro mundo através da capacidade crítica e da prática da liberdade. Buscar a liberdade e a transformação dentro da ordem existente. Não se trata de recuperar uma suposta identidade perdida, ou tomada de consciência, nem tampouco de romper com uma evolução histórica linear. Práticas de liberdade são possíveis e produzem transformações subjetivas, intersubjetivas e históricas. Elas atuam como cuidados de si e reinvenções da forma de vida que nos sustenta. É preciso correr um risco: fazer uma travessia com seus riscos e perigos, questionando os limites impostos à existência. Aqui temos a importância das experiências-limite, que arrancam o sujeito dele mesmo, impendendo-o de ser o mesmo.

(Abel) Cuando llegué a España, en enero de 2009, y empezaron a pasar las semanas y los meses, me di cuenta de que vivir en Cuba realmente era un suplicio. Es como me dijo un amigo una vez... “cuando uno sale de Cuba es que se da cuenta de millones de cosas que existen” ... y no a nivel material, porque ya sabemos que entre Cuba y el resto del mundo hay muchas diferencias... sino a nivel espiritual, sentimental, te das cuenta de que en Cuba no tienes libertad, básicamente.

Yo había planificado que iba y regresaba, y cumplí con eso. Pero claro, cuando yo regresé, ya no era el mismo. Le dije a mi novia (actualmente su esposa) que la siguiente vez que yo saliera no iba a regresar. Ya tenía planificado que iba a ir de nuevo a España unos 5 meses después (enero de 2010), porque era parte de esa estancia de investigación.

En el plan de investigación inicial, esa segunda estancia en España iba a ser de 1 año, pero cuando regresé de la primera, los jefes del centro, “la gente del Partido”, que son los que toman decisiones por uno... me dijeron que no, que me iba a ir 6 meses nada más, regresas y sigues aquí” ... me dijeron. Eso me obligaba a tener que tomar una decisión en menos tiempo y organizarme para ver cómo iba a quedarme.

Esa segunda vez salí decidido a quedarme en España, aunque fuera limpiando pisos. No sabía cómo iba a quedarme, tenía algunas ideas que al final no salieron como yo pensaba. Yo

siempre pensé que yo podría quedarme a vivir en España y que hoy en día yo viviría en España, y ya ves que no es así... estoy en Canadá... RISOS. (depoimento obtido em maio de 2022)

Para Abel, o percurso migratório tem a ver com uma transformação de sua forma de pensar, sua carreira e um projeto de vida que acabou não sendo o que ele teria imaginado toda sua vida e pelo qual havia trabalhado. Contudo, é interessante observar como foi justamente esse contato com o lugar “estrangeiro” o que transformou sua forma de pensar e o levou a tomar a decisão de emigrar definitivamente, apesar do custo emocional e familiar que significava para ele. Entre seus planos para “*quedarse*” (ficar), que é a palavra que os cubanos usam para dizer que não vão retornar mais a Cuba uma vez que saem do país, Abel me conta que estava pesquisando as opções em Espanha a partir da *Ley de arraigo*⁸⁵, mas não foi possível. Enquanto outra opção foi sempre os Estados Unidos, pela possibilidade de obter os direitos de residência outorgados por esse país aos cubanos. Finalmente, ele decide ir para o Canadá por causa de sua atual esposa, da qual teve que se separar em Cuba quando decidiu emigrar, e que estaria chegando em Montreal no verão de 2012 sob através do programa de imigração qualificada para profissionais estrangeiros.

(Abel) Aquí me recibieron unas amigas cubanas y me puse a buscar un alquiler y me mudé. Uno de mis compañeros de piso me indico para un trabajo en un restaurante, lavando platos, limpiando pisos. Trabajando sin papeles. me pagaban al día 25 a 30 CAD, pero la ganancia era básicamente la propina, podía salir un día con 100 y hasta 200 dólares. Después yo trabajaba en el restaurante y en la limpieza, porque en el invierno no se ganaba mucho en el restaurante.

Cuando llegó mi esposa, a ella le parecía que necesitaba empezar a trabajar lo antes posible para poder pagar las cosas. Ella quería trabajar conmigo. Pero yo le dije que debía concentrarse en sus entrevistas de trabajo como programadora, porque ella podía trabajar legalmente, y tenía muchas potencialidades. Estuvo preparándose para las entrevistas, mejorando el francés, y en unos meses ya tenía trabajo en su área. Yo no sabía un poco de francés, me defendía con el inglés.

Fuimos a ver a un abogado de migración y nos recomendó que nos casáramos y que ella me hiciera un family sponsorship, porque ella tenía ya a residencia permanente. Como pareja habíamos reanudado la relación, y finalmente el matrimonio fue por cuestiones pragmáticas, ese mismo año. Después el proceso para yo legalizar mi estatus demoró bastante. Preparamos un expediente super amplio, con fotos viejas de cuando estábamos juntos en Cuba, con muchos documentos, todo para demostrar que éramos una pareja real. Desde inicios del 2013 hasta el 2014 estuve esperando los papeles. (depoimento obtido em maio de 2022)

É difícil dizer que sair do país, emigrar, significa reiniciar a vida de zero e não mirar atrás, ainda quando se trata de circunstâncias similares ao exílio, como foi o caso de Abel, que foi

⁸⁵ Refere-se às possibilidades de solicitar a autorização de residência permanente em Espanha a pessoas que permanecem no território durante um tempo determinado e mantêm ali relações de tipo social, laboral ou familiar.

“expulso” e repudiado em seu país por ter “abandonado” a pátria enquanto estudava no exterior, e chegou a perder seus direitos como residente cubano. O migrante carrega sempre com ele sua história, seus lugares e sua gente. E foi assim como Abel encontrou seu lugar novamente, depois de muitas encruzilhadas, ao se reencontrar no Canadá com a mulher da qual teve que se separar quando decidiu emigrar.

Para Eric, que saiu Cuba há 18 anos já e passou a maior parte desse tempo morando nos Estados Unidos, o Quebec é ainda um lugar pouco familiar. Ele me conta que desde muito jovem se identificava com a cultura afroamericana, a música, o basquete, porque cresceu em meio a essas influências culturais da língua inglesa, o que se tornaria depois a sua escolha de formação universitária. Já morando em Nova Iorque, ele conhece a sua atual esposa, uma cubana que emigrou com sua mãe para Montreal sendo ainda uma criança. Sobre sua chegada a Montreal em 2011, depois de muitos anos de ter saído de Cuba, ele me disse: *“Estou vivendo aqui minha verdadeira experiência do imigrante que chega e tem que se inserir, por causa dos franceses, não nos Estados Unidos; porque lá foi fácil porque eu tinha informações de como funcionava aquela sociedade, e por causa do idioma...”*. Logo ele retoma a história de sua longa travessia, que também o levou a atravessar fronteiras e viver em vários países antes de chegar ao Canada.

(Eric) Por aquellos años (2005) la gente quería salir para cualquier lugar, ahora también... mi posición no era mucho esa, porque yo tenía conocimiento de geopolítica, yo tenía una idea... me aparecieron varias opciones pero la más confiable era a través de un amigo que me hizo una carta de invitación⁸⁶ para ir a República Dominicana. Pero cuando llegué a República Dominicana, la persona que me tenía que recibir no estaba, y tomé un taxi para un hotel del que yo había oído hablar... pero era muy caro, la primera noche me costó 100 dólares... yo llevaba un dinero pero no era mucho. Llamé a varias personas y solo una persona vino a buscarme, a los dos días... o sea, yo dormí la primera noche en el hotel y la segunda en la calle, en una parada de guagua. Había conocido una muchacha cubana que era cantante en el hotel y le dejé mi maleta, le dije que por favor me la cuidara y me llevé el dinero encima. Yo tenía más de mil dólares. Y entonces apareció un cubano que llevaba tiempo ahí que me recomendaron, y me llevó a otro hotel a trabajar porque yo hablaba inglés.

El dueño de ese hotel era cubano y me iba a dar trabajo... y yo sentí un alivio. Cuando llegué, me encuentro a un cubano señor mayor, rubio, con una actitud que para mí hasta ese entonces era desconocida. Nosotros en Cuba no tenemos esto de los dueños de negocios, las jerarquías... él me explica todo como es, pero cuando pregunto sobre la remuneración, él es evasivo, me dice que iba a estar a prueba a ver. Yo me levantaba a las 6 de la mañana y me entrenaban en la recepción del hotel, y a las 6 de la tarde iba a trabajar en la construcción de

⁸⁶ Antes da reforma migratória cubana de 2013, todo cidadão que desejasse viajar devia obter a autorização do governo cubano, e para isso era necessário apresentar uma “carta de convite” de alguém do exterior.

una parte del hotel hasta la noche... y así todos los días, el pago era la habitación y la comida. Él no me pagaba nada, me prohibió usar el aire acondicionado de la habitación, porque gastaba electricidad... con el calor que hacía ahí en ese Caribe. Era una relación de esclavitud. Una vez me llamo para regañarme por alguna razón... y había una pistola en su buró... era interesante para mí, porque estaba observando y aprendiendo. (depoimento obtido em agosto de 2020)

A vulnerabilidade, entendida como exposição deliberada diante do poder e das instituições é parte do sentido da resistência política como um agenciamento que define o corpo em suas redes de interdependência e infraestrutura. O sentido de vulnerabilidade muda quando se torna parte de uma resistência política – não se trata de vencer a vulnerabilidade, mas de lutar contra a fixação em categorias, a reificação de uma posição que os destitui de agência (paternalismo). As alianças mostram um processo de reorganização e contestação da ordem estabelecida. Mostram uma série de situações e etapas nas quais estão em jogo diversos fatores: físicos, materiais, psicossociais, ideológicos e históricos. A migração é motivada pela necessidade de resistência e não para a acomodação. Para Butler (2018), as resistências são efeitos de alianças e agenciamentos prévios que são orientados pelo cuidado com o outro mais vulnerável. Para ela, sujeitos e corporeidades podem, ainda que em breves e infinitesimais instantes, introduzir fissuras no tempo-espço social que os engloba, a partir de tensões, deslocamentos e transformações.

(Eric) Ahí yo sentí que debía ejercer mi libertad, y recogí mis cosas y me fui. saliendo del hotel vi a un muchacho dominicano y le pregunté para donde iba, y me fui con él para un barrio cualquiera... pero yo recordaba cuando el muchacho cubano me había llevado al hotel que había pasado por un barrio y él saludó a unas personas. Y encontré esa casa, y les hice la historia ... y esa familia dominicana maravillosa me dejaron pasar, me bañé ahí y me dieron comida... y me ayudaron a buscar un lugar para rentarme. Empecé a vivir en un lugar que... era un espacio abierto, estaba dividido por cubículos de madera... y ellos me prestaron un catre. Ninguna seguridad, y yo andaba con mucho dinero, aunque no lo sabían, pero era peligroso.

En República Dominicana estuve como 6 meses. Yo estaba bien, pero al unirme a unos cubanos que ya llevaban 2 o 3 años ahí desesperados por salir... ellos estaban preparando una salida ilegal por barco. Entonces me estafan un dinero cuando traté de salir para Puerto Rico... al mes de estar ahí... 2500 dólares... me estafaron ese dinero. Éramos 3 familias, 9 personas, que nos quedamos ahí en ese apartamento después que pasó eso. Todo el mundo se había quedado sin renta ya... y empezamos a convivir ahí...muy difícil todo, porque estábamos ya ariscos... nos habían estafado... no confiábamos en nadie Ellos pasando trabajo para comer... pero yo comía afuera, yo tenía más dinero, pero no se los dije, claro, yo estaba solo y ellos eran familias. A ellos les molestaba que yo sí podía salir y comer por mi cuenta. Yo era el único negro de ese grupo, todos eran cubanos blancos. (depoimento obtido em agosto de 2020)

Vimos anteriormente como Foucault (1994, p.710) se preocupa mais em definir as práticas de liberdade através das quais os sujeitos podem transformar a si mesmos, do que em simplesmente encontrar os meios que são oferecidos como chave de liberação da dominação. No nosso caso, acreditamos que mais do que pensar na confiança como chave da libertação de relações opressoras, seria importante pensar a confiança como uma prática relacional, como atitude tomada em relação aos outros e às instituições conectada com arranjos que desenham outras interações possíveis.

É assim que Louis Quéré (2005) entende os “dispositivos de confiança”, ou seja, a maneira como as relações entre o outro (pessoa, instituição ou organização), o próprio sujeito, e as condições situacionais são arranjadas para redefinir e reduzir incertezas, vulnerabilidades e problemas coletivos. Os dispositivos de confiança funcionam a partir de componentes básicas entrelaçadas: a) a confiança impessoal (confiamos em equipamentos, estruturas, instituições e sistemas); b) a confiança como disposição (avaliamos os outros a quem nos expomos e nos entregamos esperando que não sejamos lesados ou injuriados); e c) a confiança interpessoal (pautada pela composição e recomposição constante de nossas negociações, afetos, atitudes e intenções). Assim, cada componente aciona alguns arranjos, cria alguns dispositivos, mas também se ampara nas outras e em seus próprios dispositivos. Quéré afirma que as situações desenhadas em cada uma das condições presentes nessas três situações de confiança estaremos expostos aos outros.

A confiança não é um título ou um crédito oferecido a alguém, ela é uma forma de relacionar-se e de elaborar uma forma de comum em que a incerteza é explorada coletivamente, problematizada, enfrentada, gerando aprendizados partilhados em experiências transformadoras. Ao se interessar mais por essas práticas, Quéré retoma o valor do engajamento recíproco para evidenciar a importância da valorização de um comum que emerge da confiança derivada da experiência vivida individualmente e coletivamente em atividades de cooperação. A confiança como prática envolve estruturas cognitivas e normativas para “embasar a escolha de um tipo de relação, da modulação do engajamento e da implicação dos sujeitos” (2005, p.135).

(Eric) Un tío que vive en Toronto me dio un dinero, y más otro que yo tenía, negocié la otra salida. Pero no todos tenían el dinero... yo negocié solo, porque me iban a dejar fuera. Y fui y dije que solo tenía 600 dólares... y me montaron en el barco. Era un bote de pescadores para llegar a la Isla de Mona, que pertenece a Puerto Rico, es una isla deshabitada. Dos días en el mar. Ahí buscamos a los guardacostas y nos fueron a buscar en helicóptero, y nos llevaron a Puerto Rico, y nos detuvieron una semana. Yo no tenía a nadie que pagara mi parte para salir del centro de detención, entonces una organización humanitaria pagó el afidávit de 5 cubanos ahí. Yo estaba preso pero yo feliz, estaba preso pero en tierra, mejor que en el agua.

De la isla me llevaron hasta Miami. Ahí no tenía el contacto de nadie, y entonces las organizaciones de ayuda a inmigrantes te relocalizan para poder darte las ayudas, porque en Miami si yo me quedaba era por mi cuenta. Entonces me reubicaron en Syracuse, una pequeña ciudad del estado de Nueva York. Ahí es que empezó mi proceso de establecimiento. Era diciembre de 2005, había pasado medio año desde que salí de Cuba. Yo hice de todo, trabajé en un almacén de muebles, en una empresa de atención al cliente, en construcción... yo era independiente porque el inglés me ayudaba.

Yo quedé impresionado con New York City. Viví ahí desde el 2006 al 2011, de manera oficial, pero yo me fui a vivir un tiempo a Manhattan, en el Bronx, y fui también a vivir como 6 meses a Miami en el 2007... pero siempre regresaba a Syracuse. En el 2010 estuve un año en Toronto, tenía una novia allá... y después regresé a Syracuse... me había gustado mucho Toronto y me encantó Canadá. (depoimento obtido em agosto de 2020)

Foi através de um amigo comum que Eric conheceu sua atual esposa em Montreal e se mudou para essa cidade, onde ela morava desde sua adolescência, em que emigrou de Cuba com sua mãe. No trajeto migratório, o sujeito é forçado a desenvolver habilidades de sobrevivência que o tornam cada vez mais adaptável às novas condições que mudam constantemente e os levam muitas vezes longe dos planos, ideias e projetos de partida. Há também aqui, como vimos no restaurante de Ale, situações de tensão entre os próprios migrantes cubanos. Ao tempo que Eric permanecia em um estado de alerta constante durante períodos de incerteza, ele iria descobrindo também relações de hierarquia e conflitos sociais que em Cuba permaneciam latentes ou apagados na perspectiva política que impõe o governo e que permeia a vida das pessoas. É nesse lugar heterotópico da migração onde a descoberta e transformação acontecem.

O deslocamento do migrante é confrontado por vezes com as pausas, mais ou menos significativas, que ele faz nos lugares que configuram seu trajeto, e com essa imprevisibilidade sobre a duração da pausa ou sobre o fim mesmo do caminho, se existe. É por meio da percepção e da experiência humana que conhecemos o mundo, através de lugares, já que o espaço pode ser pensado como aquilo que permite o movimento, e o lugar como a pausa⁸⁷. Assim, cada pausa no movimento permite que o local se transforme em lugar, uma relação que tem sido descrita como “topofilia”, para se referir ao vínculo afetivo entre as pessoas e o lugar (CRESSWELL, 2014). “O continuum que tem o lugar em uma extremidade e o espaço no outro é simultaneamente um continuum que liga a experiência à abstração. Os lugares são experimentados” (CRESSWELL,

⁸⁷ O conceito de experiência em John Dewey (2005) também fala de ritmo, cadência com várias velocidades dentro de uma velocidade, entrelaçando movimento e encadeamento temporal de fatos. Para ele, a experiência precisa de pausas para reflexão e “cada lugar de descanso na experiência é um padecer em que são absorvidas e abrigadas as consequências de um fazer anterior e cada fazer traz em si próprio um significado que foi extraído e conservado”. (2005, p.105). Ver em: DEWEY, J. *L'art comme expérience*. Pau: Farrago, 2005.

2014, p. 21). Nesse sentido, as travessias migrantes podem ser compreendidas a partir das relações entre movimento e pausa, entre o espaço como uma dimensão abstrata do desconhecido e o lugar como esses vínculos locais que vão se tecendo na experiência migratória.

Um dos textos nomeados em 2023 no prestigioso concurso jornalístico latino-americano da Fundação Gabriel García Márquez é a crônica “*Penúltimos recuerdos de un balsero cubano*”, de Carlos Manuel Álvarez, jovem escritor, ativista e jornalista fundador de um dos meios independentes mais destacados no panorama recente da mídia alternativa digital cubana, *El Estornudo*. O texto é a história de um jovem cubano que saiu de Cuba depois dos protestos de julho de 2021 e ficou à deriva por treze dias nas águas do estreito da Flórida até ser encontrado cerca de 13 quilômetros a sudeste de Miami. Álvarez é ele mesmo um exilado do regime da Ilha, já que após sua participação nos sucessos do Movimento San Isidro em novembro de 2020 em Havana e retornar ao exterior, onde mora há anos, as autoridades cubanas lhe proibem de tomar novamente um avião de retorno a Cuba⁸⁸. Para este jovem jornalista, os *balseros* são “os heróis trágicos do exílio cubano, a figura que realmente sustenta a narrativa coletiva de sobrevivência”⁸⁹. Ao contar essa travessia, se desenha também um pouco do que significa a migração como trama de fundo na história recente de Cuba, num imaginário político fundado nessa relação com os espaços outros do além-mar.

A condição de habitante de uma ilha perpassa a experiência heterotópica da migração dos cubanos, através dessas ondas migratórias de longa data pelo estreito da Flórida. Muitas são as gerações que atravessaram esse mar, ou ficaram nele, tentando sobreviver às 90 milhas que separam Cuba da “outra beira”⁹⁰, em barquinhos artesanais armados clandestinamente. Rolando (*balsero*⁹¹) me conta que quando ele tinha 3 anos de idade, seu pai abandonou a família e saiu de Cuba num barco para os Estados Unidos, durante um dos momentos de maior êxodo migratório cubano pelo porto de Camarioca em 1966. Nunca mais ouviu falar dele.

⁸⁸ Se referir ao capítulo 1.

⁸⁹ Consultar em: <https://premioggm.org/trabajo/edicion/2023/texto/penultimos-recuerdos-de-un-balsero-cubano/>

⁹⁰ “A outra beira”, em espanhol, “la otra orilla”, é uma expressão usada pelos cubanos para falar dos Estados Unidos, a partir desse imaginário histórico de migração marítima entre as costas cubanas e as costas da Flórida.

⁹¹ Os migrantes cubanos que saíram em embarcações rústicas artesanais (balsas) durante a crise migratória de 1994 são chamados de “*balseros*”.

Em agosto de 1994, em meio à “crise dos balseros”, uma das maiores saídas de cubanos por mar, Rolando também saiu rumo aos Estados Unidos. “(...) Tive a oportunidade de deixar o país...por causa do discurso que o comandante-em-chefe fez naquele ano...ele disse que todos os cubanos que tivessem seus próprios meios poderiam imigrar para os Estados Unidos. Um dia minha mãe me disse... “olha o que Fidel disse, que você pode sair do país com seus próprios meios” ... naquele momento minha mãe me apoiou... ela não sabia o que era o mar”, me conta ele. “Então... se Fidel não tivesse autorizado a saída, não teria saído?”, pergunto. “Não, eu não teria saído... não teria saído porque eram muitos anos (de prisão) por isso, até 5 anos por sair do país ilegalmente... eu saí praticamente legal”, me responde ele.

(Rolando) Yo me hice trabajador destacado porque me dijeron que así me iban a dar los materiales de construcción para hacer la casa de mi mamá... yo trabajaba sábado y domingo... y me hice vanguardia. Pero no me dieron los materiales... me engañó el gobierno. Lo que me dieron fue una bicicleta, 6 cajas de cerveza y 500 lozas de piso. Al yo ver que me dieron eso, lo vi como un chantaje... y le dije a mi madre... me voy del país.

Vendí la bicicleta que me habían dado en el trabajo y compré 2 recámaras de tractor y 2 de camión, y con eso fabriqué mi embarcación. Las dos grades de tractor las puse atrás y las otras más pequeñas en el centro, forradas con saco, amarradas con sogas y con dos remos rústicos que hice. Yo y un pescador que me ayudó, yo le pagué 7 dólares para que me ayudara, y fue un total de 4 días armando la balsa. Me tiré el día 25 de agosto de 1994 a las 3 de la mañana, por la playa Caletones de Holguín, municipio Gibara.

No tenía ninguna información... la gente de la Habana se estaba yendo por el Malecón⁹², a mí me dijeron que por ahí era más fácil irse, por esa parte de Gibara. Cuando salí, había 8 muchachos de la ESPA (escuela de deportes) nacional, de remo...prácticamente ellos fueron los que me salvaron la vida... porque yo era un loco que me tiré solo... nadie se iba solo, un loco como yo. Ellos me dijeron que no me separara de ellos.

Yo me tiré al mar, era mejor que me comiera un tiburón a quedarme allí. Me tiré a la deriva, pegado a ellos, lo más cerca posible. Al otro día supuestamente estábamos en el canal viejo de las Bahamas. Ahí nos cogió una tormenta por la noche, llevábamos 3 días en el mar. Para mí eran olas de 10 o 15 metros, porque a veces me parecía que estaba como en un quinto o sexto piso, los veía a ellos abajo, y a veces los veía arriba. Ahí ellos me dijeron que me tenía que amarrar, saqué la soga de los remos y me amarré por la cintura a la balsa. Nunca más vi a los muchachos, ellos me salvaron la vida al decirme que me amarrara.

Al quinto día de haber salido ya estaba el mar en calma y no había nadie. Era azul, azul, y azul, y azul, cansado sin agua y sin alimentos... (depoimento obtido em maio de 2022)

Ele quase não consegue continuar falando. Umas lágrimas aparecem. Tenta falar, mas não consegue: “eu já não falo destas coisas”, me disse. Fazemos uma pausa. Falamos um pouco de

⁹² O “Malecón” é um muro na fronteira marítima que rodeia a cidade de Havana, lugar simbólico de ondas migratórias durante a crise do êxodo de 1994.

outros temas, do feijão que estava fazendo enquanto conversamos, a receita de sua mãe. Aos poucos, ele vai retomando a história.

(Rolando) (...) *estaba debilitado, empecé a ver edificios, dicen que eso es por las náuseas, la falta de agua y comida, y empecé a hablar solo. Era mentira, no había edificios. Del agotamiento me dormí en la balsa. Entonces siento un motor, y cuando miro, veo una cosa blanca, era un barco con bandera panameña. Me hablaron, pero no entendía mucho porque estaba medio mareado, me dijeron que lo dejara todo y subiera con ellos. Y me llevaron. En el barco panameño me bañé y me dieron ropa nueva blanca. Ellos se comunicaron con un barco americano, porque había una orden internacional de los Estados Unidos... que todos los barcos en el área debían recoger a los balseros cubanos... porque había un éxodo, y estaban autorizados... entonces los aviones y los barcos recogían a la gente o avisaban cuando veían a los balseros. En ese barco estuve 6 días... luego me recogió un barco americano... ya eran 11 días de haber salido cuando llegué al barco americano. Allí había unos 1500 cubanos aproximadamente... porque estaban recogiendo por toda la costa norte de Cuba. Estábamos cerca de Cuba, pero en aguas internacionales... si me voy más lejos me hubiera perdido. A las 48 horas desembarcamos en la base militar de Guantánamo... estuve un año preso ahí.* (depoimento obtido em maio de 2022)

Quando lhe pergunto, “então, tu não farias isso novamente?”, me disse “*Não, não, não... porque quando chegou a tempestade... eu não sou uma pessoa religiosa... mas pedi a Deus, à Virgem da Caridade, a todos os santos... a todos de quem me lembrei naquele momento... porque eu disse... alguém tem que me salvar.*” A fé e o sentimento religioso aparecem constantemente nessas travessias como único recurso diante da vulnerabilidade extrema. O Eric me conta também que quando estavam desembarcando na pequena ilha americana, andando desde onde os deixou o barco até a terra firme, uma senhora não conseguia avançar com o grupo. Quando ele retornou para ajudá-la, percebeu que a causa do atraso era uma mochila muito pesada que a senhora não queria deixar cair no mar para poder andar mais leve. Eram os artigos religiosos que ela carregava desde Cuba. Alguns santos da religião afro-cubana, os artefatos de ferro que faziam parte de seu altar. Eric teve que carregar a mochila e ajudar à senhora para conseguir chegar na areia. “*Eu que sou ateu... imagina... não é fácil não*”, me disse ele.

O mar, o barco, a ilha, essas travessias fazem parte da identidade e das formas de vida dos cubanos que emigram. O barco é, de acordo com Foucault, “a heterotopia por excelência”. Nesse caso, ainda que ele fale com mais frequência dos grandes barcos e navios que flutuam nos mares rumo a grandes aventuras, não deixamos de pensar nas embarcações precárias, fabricadas muitas

vezes com retalhos de outros objetos, resultando em uma gambiarra sobre a qual são depositadas muitas esperanças e sonhos.

Mas os lugares nem sempre são estacionários. Um navio, por exemplo, pode se tornar um lugar especial para pessoas que o compartilham em uma longa viagem, mesmo que sua localização esteja em constante mudança. Por “*locale*”, Agnew [1978] se refere ao ambiente material para as relações sociais, a forma real do lugar dentro do qual as pessoas conduzem suas vidas como indivíduos, como homens ou mulheres, como negros ou brancos, heterossexuais ou gays. É claro que os lugares quase sempre têm uma forma concreta (CRESSWELL, 2014, p.7).

Nesse sentido, o lugar pode ser também compreendido segundo seus aspectos de “*locação*” (*location*), “*local*” (*locale*), e “*sentido do lugar*” (*sense of place*) (CRESSWELL, 2014, p. 7), a fim de salientar a interrelação entre suas dimensões materiais e subjetivas, concretas e afetivas das relações socioespaciais que definem nossas formas de vida no lugar.

(Eric) Nosotros somos isleños, nuestra realidad es inevitablemente limitada, porque todo el mundo que te rodea es cubano, no tenemos ni siquiera una frontera para interactuar con gente de otra cultura. Entonces cuando uno es isleño crece con esa sensación de aislamiento. Cuando estás en un contexto en que tienes que relacionarte con gente de muchas partes del mundo, sobre todo aquí en Canadá que es muy multicultural, para mí es enriquecedor, interesantísimo. Y muy útil, porque te ayuda a poner en contexto muchas cosas, tu identidad personal o nacional sufre un cambio cuando estás chocando con personas de otras nacionalidades. Estos egos nacionalistas a veces se exageran y los cubanos caen en mucha ridiculez. Interactuar con mucha gente diferente me ha hecho más humilde, te das cuenta de que tu espacio en el mundo es ínfimo, que todas las culturas son tan valiosas como la tuya. (depoimento obtido em agosto de 2020)

Quando Johnson (2013, p.798) afirma que as heterotopias são “*espaços de, e para, a imaginação*”, ele cita um estudo de Casarino (2002) que se interessa pelas narrativas do barco. Na conferência de 1967, Foucault disse que o barco é “*um pedaço flutuante de espaço, um lugar sem lugar, (...) a maior reserva de imaginação*” desde o século XVI até os nossos dias”. Nas últimas linhas desse texto, ele conclui que: “*nas civilizações sem barco, os sonhos se secam, a espionagem substitui a aventura, e a polícia, os corsários*” (FOUCAULT, 2004, p.19). Essa possibilidade de imaginar outra vida além dessas fronteiras, dessa ilha, é o que faz da migração uma experiência heterotópica que se investe de qualidades políticas. Para Eric, esta topografia insular configura também traços relevantes da identidade nacional cubana.

Após a travessia marítima na *balsa* (o barquinho rústico), Rolando ficou um ano na base naval de Guantánamo, uma propriedade militar americana situada na costa oriental de Cuba⁹³, antes de chegar finalmente nos Estados Unidos. Durante o período de crises migratórias massivas de cubanos no estreito da Flórida, esse enclave serviu como um acampamento de refugiados, não apenas para Cuba, mas também de outros países da região. A proliferação de acampamentos de migrantes e refugiados, sobretudo na Europa, tem sido estudada desde diferentes perspectivas e abordagens teóricas, incluindo sua espacialidade (KATZ, 2017).

O relato de Rolando sobre sua vida ali, entre o dia 15 de setembro de 1994 e dia 25 de outubro de 1995, nos faz pensar que se trata, ademais, de um lugar heterotópico ligado a uma experiência migratória coletiva, localizado em uma época e espaço concreto, como aquelas heterotopias descritas por Foucault.

(Rolando) Había 7 campamentos de cubanos en la base. Los americanos ya tenían experiencia con lo que había pasado en el 80 [crisis migratoria del Mariel] ... que se habían ido asesinos, locos, delincuentes... y eso no iba a volver a pasar, había que hacer un conteo y había que decir quién era cada uno.

Había 33 mil cubanos cuando yo llegué... porque el día 9 de septiembre cerró Fidel y cerró Clinton... se cerró el éxodo. El que se tiraba [al mar] después del día 9 ya estaba ilegal... yo me tiré ras con ras. De Cuba salieron miles de personas en esa época... y miles se ahogaron también en el mar.

Guantánamo fue una experiencia bien difícil... y agradable a la vez... porque nos dieron estudios, nos pusieron iglesia, escuelas de computación, nos dejaron trabajar. Yo era profesor de lucha libre y de judo... en Cuba yo practicaba deporte... entonces ahí le di clases a los niños, había familias enteras. Había iglesias pentecostales, cristiana, católica, testigos de jehová y protestantes que cantaban... yo no iba a ninguna. Yo aprendí computación e inglés... un inglés comunicativo... “how are you...fine, thank you” ... gracias a eso cogí un trabajo cuando llegué a Estados Unidos. (depoimento obtido em maio de 2022)

Ele me conta que viviam umas 15 pessoas por cada tenda, e que estavam distribuídos por vários acampamentos dentro da base militar. O dele tinha uns 1200 homens. As famílias com crianças e os homens “sós” foram separados em acampamentos diferentes, depois que dois homens tinham assassinado a outros dois por terem apossado a suas filhas e esposas. A violência contra os corpos não está regulada apenas por estruturas institucionalizadas. Eles também são territórios vulneráveis. Verónica Gago (2019) vai se referir ao corpo como arquivo vivo, ao poder do corpo como entidade politicamente inscrita e corpo feminino não como a metáfora do território

⁹³ Consultar em : https://pt.wikipedia.org/wiki/Base_Naval_da_Ba%C3%ADa_de_Guant%C3%A1namo

colonizado e apropriado, mas como *locus* da autodeterminação individual e da concepção de subjetividades próprias. Produto de uma construção cultural. O “corpo-território”, segundo a autora, “é um conceito prático que evidencia como a exploração dos territórios comuns, comunitários, implica violentar o corpo de cada um e o corpo coletivo por meio do despojo. (...) É impossível separar o corpo individual do corpo coletivo, o corpo humano do território e da paisagem” (GAGO, 2019, p.90-91). Corpo não como uma propriedade individual, mas como continuidade política, epistêmica e produtiva do corpo enquanto território. Corpo como composição de afetos, recursos e possibilidades que não são individuais, mas que singularizam porque passam pelo corpo de cada um, na medida em que o corpo nunca é só um, mas sempre com outros e com outras forças também não humanas.

Rolando fala desse lugar, dessa época, com uma mistura de sentimentos contraditórios, episódios fugazes de diversões lúdicas e tristezas profundas, alianças produtivas e violências cotidianas que fazem aparecer essa nova ordem heterotópica possível. Ele lembra com alegria da boa comida que recebia lá, depois de ter saído de Cuba, uns meses antes, em meio a uma crise econômica gravíssima, a fome. “*Os americanos nos diziam... "aproveite isso, quando você chegar lá vai ter que trabalhar muito, não pense que Estados Unidos é fácil não ..."*”, me conta. Por vezes, ele fica de cabeça abaixo, quando fala das ligações com sua mãe, da incerteza do futuro naquela hora; em outros momentos lembra com orgulho das obras que os cubanos faziam na base. “*Os jornalistas da base fizeram um jornal... lá era Cuba... os médicos eram cubanos, os eletricitas, os dentistas, os carpinteiros... fizemos uma cidade. Queria que você visse que lindo aquilo... não queria sair de lá*”, me disse.

O “acampamento transitório”, como menciona Rolando, carrega com essa dimensão da efemeridade que caracteriza algumas das heterotopias mencionadas Foucault (2004), ao falar de suas dimensões temporais, a heterocronia. Além disso, é um lugar que ao longo do tempo tem funcionado também como base para operações militares, como prisão durante as guerras dos Estados no Iraque e no Afeganistão; e constitui ademais um símbolo do conflito entre Cuba e os Estados Unidos, pois historicamente o governo da ilha tem reclamado a propriedade desse pedaço de terra de 117 km² que ficou em mãos dos americanos desde 1903. Nesse sentido, vemos uma evolução e justaposição de múltiplos significados que dotam esse lugar também de uma dimensão heterotópica. Para Rolando, pode ser ora um lugar de retenção, vigilância e controle, ora um espaço de segurança e proteção fora de Cuba e a salvo do mar; é também um lugar de conflito com os

outros, e de esperança para chegar no destino desejado; é uma “cidade” feita pelos cubanos que ali permaneciam refugiados, é “Cuba” isso aí, disse ele.

É pertinente ressaltar, ademais, que quando esse lugar funciona como acampamento de refugiados ou de prisioneiros de guerra, ele se torna também uma *heterotopia de desvio*, segundo Foucault (2004), onde a *heterotopia de crise* chega num estado avançado e aqueles que eram relegados na sociedade durante momentos específicos da vida, passam a ser afastados de forma mais permanente.

[onde] São colocados indivíduos cujo comportamento é desviante da média ou da norma exigida. Há casas de repouso, clínicas psiquiátricas, claro que também há prisões, e sem dúvida devemos acrescentar os asilos de idosos que estão de certa forma no limite da heterotopia da crise e da heterotopia do desvio, pois afinal a velhice é uma crise, mas também um desvio já que, em nossa sociedade onde o lazer é a regra, a ociosidade constitui uma espécie de desvio (FOUCAULT, 2004, p. 16, tradução nossa).

Nessas heterotopias se faz evidente também o princípio de abertura e fechamento indicado por Foucault (2004) e que havíamos já observado um pouco no caso do restaurante cubano.

As heterotopias pressupõem sempre um sistema de abertura e fechamento que as isola e as torna penetráveis. Em geral, não se acessa uma localização heterotópica como em um moinho. Ou se é obrigado a isso, como é o caso do quartel, o caso da prisão, ou então tem que se submeter a ritos e a purificações. Você só pode entrar com uma certa permissão e depois de realizar um certo número de gestos. Além disso, existem até heterotopias que se dedicam inteiramente a essas atividades de purificação, purificação meio religiosa, meio higiênica, como nos hammams dos muçulmanos, ou purificação aparentemente puramente higiênica, como nas saunas escandinavas (FOUCAULT, 2004, p. 18, tradução nossa).

Pode causar talvez perplexidade que as prisões estejam incluídas nos exemplos heterotópicos de Foucault, sendo que ele mesmo retoma estas instituições carcerárias desde outra perspectiva no estudo dos dispositivos de poder e vigilância em “*Vigiar e punir. Nascimento da prisão*” (1975). Alguns autores vão dizer que essa referência nos “espaços outros” à concepção heterotópica da prisão é derivada principalmente de fontes literárias; ou bem que a descrição desses espaços de confinamento que ele já aborda em *História da loucura* (1961) formam o hábitat natural da irracionalidade. Em geral, essas reflexões sugerem que a mudança na percepção de Foucault da prisão, da heterotopia à máquina disciplinar, pode ser atribuída à mudança mais ampla em sua metodologia, da arqueologia à genealogia (KNIGHT, 2017). Em todo caso, salientamos que se

trata de uma articulação entre os conceitos de *heterotopia* e *dispositivo* na obra de Foucault, ambos relacionados com as diferentes formas como o poder opera nos espaços, e como ele é também reorganizado e redistribuído a partir de práticas sociais e comunicativas. Essas reflexões contribuem para a compreensão do argumento que desenvolvemos nessa tese, isto é, que os objetos de estudo na obra foucaultiana representam apenas a evolução de diferentes perspectivas de análise e momentos de seu percurso filosófico.

Mas o acampamento de refugiados na base naval de Guantánamo não é apenas uma prisão. Ele pode ser visto certamente como um dos dispositivos de controle e vigilância estudados por Foucault, mas, ao mesmo tempo, também como uma heterotopia. Isto na medida em que os sujeitos alcançam a desenvolver relações com esse lugar que “suspendem, neutralizam ou invertem” (FOUCAULT, 2004) as demais relações com lugares a ele ligados, como pode ser a pátria, o país do destino sonhado, o mar onde eles foram resgatados, o perímetro das tendas que reproduzem uma estranha forma de “lar”. Assim, em um jogo de semelhanças e contradições, vemos como essas referências todas aparecem no relato de Rolando, numa mistura própria do tecido heterotópico das recordações. Ele relata os conflitos, as alegrias e as satisfações vividos nesse lugar; se alegra e entristece ao alternativamente; o compara com os outros lugares a ele ligados, ora é Cuba porque estão os cubanos, ora os Estados Unidos porque estão os soldados americanos. Um “país”, um “paraíso”, disse ele.

(Rolando) El comandante decía que quería mucho a los cubanos... había también haitianos allí... pero llegaron los cubanos, hicieron campamentos, electricistas, médicos, ingenieros, escultores. En la base militar había un vertedero, de los mismos militares. Sabes lo que hicieron los escultores? Empezaron a recoger todas las bolsas de basura y le pegaban candela en unos tanques de metal... a derretir todas las bolsas ahí, y hacían unas bolas grandes gigantes de nylon derretido, quemado... para hacer esculturas... de águilas, mujeres... Había niñas en el campamento que eran violinistas, tocaban el himno americano, que lo aprendieron ahí. Todo el mundo hacía por todos... llegaron los periodistas de Miami y se quedaron fríos. Una exposición que hicieron... le hicieron entrevistas a los cubanos que pescaban submarino ahí y les contaban como hacían los arpones, que cogieron una liga de aquí y cogieron un pedazo de cerca... loco, el cubano es loco... RISAS. Esas cosas a mí me gustaban... me encantaba ver eso... ver como el cubano hacía esas cosas... los militares nos respetaban. El comandante tuvo que cambiar a los militares... eran muchachos universitarios... se quitaban hasta la camisa, el uniforme se lo quitaban y se ponían con nosotros a jugar dominó... a comer con nosotros El comandante los quitó y nos puso a los Rangers que eran más serios. Ellos traían también dulces y caramelos... se los llevaban a los niños. Mis respetos pa' esa gente, no es como lo que te pintan en Cuba... asesinos y eso... eso es mentira, mentira. Allí nos querían cantidad, nos llevaban super bien... palo al que se merece palo, y amor a quien merece amor, respeto al que merece respeto... así son los americanos. Un país la base militar de Guantánamo... lo más lindo que he visto, la Cuba más linda que he visto yo la vi ahí... McDonald, fried chicken, yates, mansiones, aeropuertos... jardines,

carreteras, bello, bello, bello... lo más lindo del mundo. Por eso que Fidel quiere eso...pa' los turistas... RISAS.

Hicimos muchos amigos... yo iba a las tiendas de campaña de amigos míos...a jugar dominó, oír música, compartíamos. Nos abrían los campamentos a la playa y nosotros íbamos para allá... hacíamos comida entre amigos... aquello parecía un paraíso. (...) (depoimento obtido em maio de 2022)

É a experiência do lugar, e sua recordação, o que o que lhe outorga também qualidades heterotópicas. A rememoração é um trabalho constante sobre as realidades e acontecimentos passados, influenciando nossas vivências atuais e futuras. não existem reencontros imediatos com o passado, como se este pudesse voltar a uma origem. O papel da memória é executar um processo sempre mediativo e reflexivo, que nos ajuda na tarefa de restauração e produção. Além disso, o trabalho da memória é sempre incompleto e inacabado. A rememoração do passado, ressalta Gagnebin (2014), não implica simplesmente a restauração do passado, mas sobretudo uma transformação do presente. É importante também sublinhar que o passado não retorna da mesma forma, mas ele também é retomado, retrabalhado e transformado. A rememoração não é a conservação do passado como algo que pode ser devolvido tal qual era ao presente, mas é a criação de narrativas incompletas e lacunares através de vestígios, de restos, para a construção de algo novo.

No relato de Rolando, as “invenções” artísticas que os cubanos faziam com os objetos do depósito de lixo no acampamento revelam também a presença de uma forma de vida heterotópica fundada na gambiarra como gesto de uma existência diferente no espaço. Esse aprendizado da reinvenção e reapropriação dos objetos e suas funções, como forma de resistência cotidiana, faz parte também da história de dificuldades econômicas que atravessa o povo cubano, sobretudo depois da queda do campo socialista europeu em 1989 (HERNANDEZ et al., 2018).

[A gambiarra] carrega uma multiplicidade de sentidos construídos no ato de fazer, ler e decodificar uma situação de conflito presente que pode alcançar até mesmo os limites do extraordinário, o incrível. Assim, a gambiarra atua também como elemento organizador de uma memória e de uma experiência específica, costurando momentos singulares que transitam nos limites entre a realidade e a imaginação (HERNANDEZ et al., 2018, p.55).

Assim, podemos dizer, com Hetherington (1997,) que nas heterotopias se produzem formas alternativas de organização, não uma oposição entre ordem e caos, mas uma ordem a outro modo distinto de ordenação. A heterotopia que surge com as gambiarras, bricolagens e montagens não coloca as coisas no lugar esperado: ela nos mostra a variedade de lugares que podemos habitar, construindo um lugar das diferenças. Essa concepção transformadora da heterotopia torna possíveis

experiências e experimentações de resistência ativa, deslocamentos para escapar de autoridades ou atribuições de localização ou identificação. O desafio imposto às montagens heterotópicas é evitar reproduzir o sistema ao qual pertencem. Ainda assim, uma gambiarra se destaca dos enquadramentos dominantes sem poder escapar deles: só lhe resta a astúcia no relacionamento com eles, a arte de dar “golpes”, de reapropriar-se do sistema e de seus elementos.

A combinação heterogênea de aspectos materiais, práticas sociais e eventos que se localizam em um lugar e que adquirem sua representação em contraste com outros lugares (...) A heterotopia existe quando a relação entre lugares é descrita por uma diferença de representação definida por seus modos de organização social. Por exemplo, colocar uma festa ao lado de uma prisão constitui uma relação heterotópica, pois cada espaço é utilizado na mesma sociedade de formas muito diferentes (HETHERINGTON, 1997, p. 8).

É por isso que a gambiarra atua como alteração dessa ordem. Além disso, Rolando conta como os migrantes no acampamento jogavam dominó, faziam arte, aprendiam coisas novas, tomavam banho na praia, compartilhavam a comida e se ajudavam; sem deixar, porém, de lado as hierarquias, os atritos e as formas de violência que também existiam entre eles e em relação com os militares.

(Rolando) El día 25 de octubre salí en uno de los vuelos que iban de la base hasta Estados Unidos. El vuelo mío fue directo al aeropuerto internacional de miami, era un avión federal... la iglesia católica me patrocinó a mí, me mandaron para Chicago, Illinois. En una iglesia católica de allá me dieron colchones, ropa, me daban comida... y me contactaron con una familia puertorriqueña para que me ayudara a ir a la escuela para aprender inglés y buscar un trabajo.

En la misa del domingo, esa gente, como hablaba español, me iba a ayudar... pero yo les dije que tenía que llamar a Miami a mi amigo el médico, que habló con ellos. Allí duré unos 45 días, hasta que mi amigo el medico me mando el dinero para que fuera para su casa en Hialeah, en Miami. (depoimento obtido em maio de 2022)

No meio do mar, à beira da morte, o barco panamenho de resgate foi para Rolando como aquela porta que Ale cruzou quando chegou na fronteira americana, ou a pequena ilha em território americano aonde chegou Eric num barquinho de pescadores. De muitas formas, os Estados Unidos vêm representar esse “porto seguro” em meio às difíceis travessias que vivem os migrantes. Assim, ao longo de décadas, vai se conformando um imaginário coletivo sobre esse lugar outro que é preciso alcançar. É lá onde a outra vida fora da ilha é possível, e se concretiza no projeto coletivo de vida dos cubanos, seja a través de perigosas rotas migratórias, ou mesmo como possibilidade de

assentamento, como no caso de Abel. Um projeto moldado também nas narrativas compartilhadas e transmitidas de geração a geração, boca a boca, há meio século.

Ale me conta que quando ele saiu de Cuba levava uma figurinha de madeira da Virgem cubana, que a mãe dele lhe entregou para sua proteção. Eric explica que não podia levar muitas coisas, porque sabia que sua trajetória seria longa e complicada, apenas carregou com todos os documentos possíveis. Félix trouxe fotos dos pais, amigos; igual a Celia, que chegou no aeroporto de Montreal com um álbum de fotos de família em uma mala pequena, e seus diplomas e desenhos. Ela sempre gostou da arte e muitos anos depois disso, finalmente conseguiu acabar um curso de desenho de interiores em Montreal. Roberto trazia também fotos e uma Bíblia que sua mãe lhe deu. Abel levou para Espanha uma mala de livros de literatura cubana, *“lo que no podría encontrar fuera de Cuba”*, em disse: *“yo ya me estaba yendo de Cuba para siempre, estaba llevando conmigo mi vida, mis libros y mis diplomas de la universidad”*. Mais tarde, ele teve que enviar essa mala de livros para a casa de uns amigos no Canadá, pois não queria “levantar suspeita” quando ele viajou como turista para um congresso em Montreal. Hoje, ele ainda tem num quarto de sua casa todos esses livros que já percorreram também o mundo; dentre eles a coleção completa das obras do Herói Nacional cubano e escritor ilustre, José Martí.

Figura 12. Livros cubanos e da obra do herói nacional cubano José Martí, que Abel levou até a Espanha e depois para o Canadá



Fonte: imagens feitas pela autora em 2022

Esses objetos que acompanham o migrante são também os “vestígios” que o ajudam a recompor uma história de si e de seus lugares. Nos referimos aqui aos vestígios como ampliação para além dos textos o espectro das “inscrições”, até as imagens fotográficas e as ações efetivas no objeto e por meio de objetos.

O passo que leva dos textos aos vestígios e objetos remanescentes como testemunhas significantes do passado corresponde a um passo que leva da escrita como signo linguístico intencional ao vestígio como cunhagem material que, embora não seja concebido como signo, pode ser lido posteriormente como tal (ASSMANN, 2011, p.226).

A transformação ativa do passado no presente requer a elaboração de narrativas que não buscam conservar fielmente o passado, mas retomá-lo como matéria prima para a construção de um presente que quebra expectativas. Nesse sentido, narrar é um trabalho árduo, geralmente cercado pelo sofrimento (SAYAD, 2004), pela perda e pela permanência das ruínas e dos vestígios. A noção de vestígio aponta para uma presença e uma ausência, aquilo que resta de um passado, de uma trajetória, pode constituir uma base para tentar compreender o que ocorreu a um indivíduo ou sociedade. Lidar com um vestígio exige contemplar o que restou, dentro de um horizonte em que houve perda: um rastro permite pensar naquilo que escapa à consciência. Na tentativa de seguir pistas e rastros desempenhamos papel ativo, descobrimos o vestígio, “lemos algo nele e nos apoderamos da coisa para a qual ele nos leva” (GAGNEBIN, 2014, p.21).

Fragmentos fazem parte de um esforço para elaborar um passado que nunca poderá ser configurado como uma unidade perfeita. Acompanhar rastros não é

uma condição para construir um conhecimento unificador, totalizante e capaz de ter efeitos práticos. A observação dos rastros leva a incertezas e estas alimentam a reflexividade de um sujeito que constrói sua narrativa, que articula suas identidades. (GAGNEBIN, 2014, p.126).

Na dispersão dos cubanos pelo “*mapa-mundi*” heterotópico da migração através de tempos e lugares diversos, esses vestígios possibilitam a reconfiguração dos sentidos e afetos que podem se extraviar no caminho.

4.3 Mapa-mundi heterotópico: “*el Yuma*”, o “afora” e os imaginários espaciais de um povo migrante

As heterotopias podem ser vistas também como espaço paradigmático do mundo moderno, ou como condição de todo espaço nessa época, pois a dimensão espacial é socialmente construída (MASSEY, 1997). Foucault (2004) já indica essa transformação espaço-temporal bem no início de sua conferência feita nos anos 1960. O espaço se constitui assim “como uma esfera de justaposição ou coexistência de diferentes narrativas, como produto de relações sociais dinâmicas. Os lugares são imaginados como articulações concretas dessas relações sociais. O lugar é um ponto de encontro poroso, aberto e híbrido”. (MASSEY, 1997, p. 152)

Além dos múltiplos vínculos espaciais que os migrantes mantêm com vários lugares (locais, nacionais, de trânsito etc.), é possível identificar o quanto os Estados Unidos (EUA) ocupam um lugar central nesse imaginário migratório. Ali habitam mais de dois milhões e meio de “cubano-americanos”; especialmente na “Pequena Havana” de Hialeah, em Miami, onde o dia a dia transcorre na mediação do idioma espanhol. É uma relação que atravessa a vida de todos os cubanos, ainda sem nunca terem visitado esse país, porque há uma temporalidade migratória ancorada à travessia Cuba-Estados Unidos e a esse território americano como um lugar também cubano. A historicidade da migração cubana para os Estados Unidos aparece como uma dimensão importante para a compreensão das dinâmicas que caracterizam a experiência migratória cubana⁹⁴.

Algumas das pessoas que conheci em Montreal moraram anteriormente nos EUA, e todos têm familiares/amigos nesse país, de forma que acompanham os acontecimentos e figuras públicas que marcam a vida cotidiana dos cubano-americanos. No restaurante de Ale, por exemplo, a grande tela de TV do salão costuma exibir programas hispânicos produzidos em Miami (canal

⁹⁴ Ver capítulo 1.

Telemundo). Mais recentemente, ele me conta que deixou de pagar esse serviço porque os mesmos clientes que chegam já conectam o celular com o TV, *“eles põem qualquer coisa no Youtube e todos assistimos... uma piada, alguma coisa de política de Cuba... qualquer coisa”* (Ale, 49).

É interessante perceber como essas referências espaciais todas envolvendo Cuba, os Estados Unidos e o Canadá se tornam lugares heterotópicos na migração, na medida em que os sujeitos elaboram relações diferenciadas com estes espaços, relações de justaposição, inversão ou semelhança. Ou seja, na heterotopia migratória, eles criam relações outras com um lugar, que se distinguem daquelas que mantêm com os demais espaços ligados entre si por essa experiência migratória.

(Ale) La gente de aquí trabaja y tiene sus cosas pero no especulan tanto como allá (Estados Unidos). Allá son fotos de carros y cosas... y aquí hay más educación la gente hace las cosas mejor. Allá no sé cómo tienen tanto tiempo pa' los yates y los botes y las motos... yo aquí no tengo tiempo ni para ver el sol. Yo trabajo los 7 días de la semana... hasta ahora que llegue mi hijo y nos ayude para crecer... porque para qué le voy a pagar a alguien si yo puedo estar aquí y hacer las cosas.

A mí me gusta donde estoy, yo estoy en el mejor país del mundo. Se lo digo a todo el mundo que llega... “olvídense de la nieve y el frío, eso se resuelve con ropa y unas buenas botas!”. En ningún lugar del mundo se hacen las cosas que aquí... aquí la salud es gratis, la gente se queja que se demoran para atenderte, pero en otros lugares además de eso también te cobran. Es verdad que pagamos muchos taxes, pero vale la pena. Yo he visto gente en USA que va a operarse y tiene que pedir un crédito al banco, y se pasan diez años pagando eso, porque el seguro les paga la mitad... si son 60 mil y la mitad son 30mil y como pagas eso? Aquí vas al médico y aunque te demores te lo hacen todo. En Cuba había que esperar igual. (depoimento obtido em maio de 2022)

(Eric) Aunque Miami no es una isla, el hecho de que haya tantos cubanos juntos crea una comunidad que se aísla. Acá en Canadá la experiencia es diferente, porque Canadá es muy multicultural... entonces cuando tú estás forzado a interactuar con personas que vienen de diferentes partes del mundo te das cuenta de que tu experiencia no es la única (...).

Esto puede ser controversial, pero bueno.... yo pienso que los cubanos emigrados tendemos a tener una percepción distorsionada de la realidad y de nuestro aporte y nuestro impacto en el mundo. Por ejemplo, la emigración cubana es un fenómeno nuevo, en comparación por ejemplo con la emigración china o italiana... los cubanos emigramos mucho más, en masa, después del 59'. Si vamos a enfocarlo así, nuestra contribución al mundo es cero... sin embargo, creemos que somos más importantes de lo que realmente somos. Y eso tiene mucho que ver con la doctrina, con toda la propaganda política a la que hemos sido sometidos por más de medio siglo, y por eso de que somos isleños, que te hace pensar que eres único... pero cada cultura tiene sus propias características.

Esto no es un proceso exclusivo de Cuba pero sucede en Cuba también. En Estados Unidos también ellos creen que son excepcionales, los mejores el mundo, y así es en Cuba, aunque en menor escala. Como el proceso político en Cuba fue fundamentalmente basado sobre la figura de Fidel, era muy conveniente inculcarles a los cubanos que la Revolución era lo mejor... la

mejor educación, toda una propaganda para limpiarle la cara a un proceso muy controversial pero que definitivamente demostró ser totalitario y muy severo con quien disiente.

En gran medida creo que el conflicto entre Estados Unidos y Cuba se da porque tienen muchas similitudes. Por ejemplo, yo viví en Miami...es una absoluta pérdida de tiempo intentar convencer a los cubanos de Miami que ellos no son lo mejor. Los de aquí también pero tal vez mas aterrizados. Los cubanos se creen los que mejor cocinan, los que mejor bailan, los que mejor todo... eso es una percepción distorsionada de tu huella en el mundo.

Esa falta de humildad es lo que nos han inculcado... los emigrados salieron supuestamente de esa influencia comunista que tanto dicen detestar, y sin embargo conservan muchos de esos rasgos, de esas tendencias que fueron inculcadas en ese mismo sistema. Recuerdo Fidel con su propaganda política de que los cubanos somos los más preparados del mundo, el pueblo más culto del mundo, la mejor educación del mundo... y los mismos que se dicen “anticomunistas”, que dicen odiar a Fidel, repiten esas mismas cosas... que no son verdades. (depoimento obtido em agosto de 2020)

(Rolando) Yo digo que el mejor país para vivir es Canadá. A mí el frio no me molesta. La cultura me gusta más que la americana, son más sinceros, más pacíficos. Yo quisiera que mi familia estuviera aquí. Le dije a la niña mía de Miami...ven para acá... pero ella me dice... “Tito, aquí me van a dar los papeles. Tu llevas 14 años sin papeles en Canadá, no voy a ir allí para pasar la historia tuya”. Bueno, ya ella aplicó a la residencia allá. (depoimento obtido em maio de 2022)

Nas entrevistas, vários cubanos me contam como conseguiram trazer familiares de Cuba para o Canadá, só para continuar a rota para os Estados Unidos, seja porque não se acostumavam ao clima e à língua, porque não encontravam uma “via” de imigração legal no Canada, ou mesmo porque já tinham parentes em Miami e sempre viram esse país como o “destino” natural de cubanos que saem da ilha. Seja através da vivência pessoal ou por meio de familiares, no plano do projeto de saída de Cuba ou nas comparações entre países, o certo é que os Estados Unidos continuam a ser o lugar de “referência” para os cubanos dentro e fora da Ilha.

(Félix) El primero en emigrar de mis tres hermanos fui yo... le tomé la palabra a mi mamá, empecé a estudiar inglés fuertemente. Tenía un primo muy cercano que se fue en el 95'. Al yo ver que a él le iba bien, ya me puse a tratar de irme yo también. Una vez traté de irme con unos compañeros de la escuela en bote, en el 96', y ya cuando estaba ahí... que va... me regresé, no me atrevía.

En esa época, todo el mundo iba para Estados Unido, casi nadie venía para Canadá. Había muy pocos cubanos qui cuando yo llegué en el 99'. Me pasé años sin conocer cubanos aquí... creo que el primero que conocí fue a los 5 o 6 años de estar aquí ... una mujer que me encontré por casualidad en el trabajo, yo había estudiado farmacia y ella era profesora de inglés.

Luego ya con los años aquí yo saqué (de Cuba) al hijo de mi hermana, ella es dentista, está casada con un teniente coronel, y claro, está todavía en Cuba, por eso del marido, pero pensando en salir de allá... aunque no le hace falta porque nosotros la mantenemos de ropa,

zapatos y dinero, no le hace falta. Mi hermano vive hoy en Estados Unidos, porque yo lo saqué para acá para Canadá, y de aquí se fueron para allá.

Mi hermano y su familia, y el hijo de mi hermana, ellos viven en USA.... Se fueron de aquí por el invierno... Estados Unidos era su objetivo. En Miami tengo muchos primos, tíos... amigos tengo también en Italia, Inglaterra, Suecia, Alemania, en Brasil... (depoimento obtido em agosto de 2020)

(Olivia) Mi mamá y mi hermano vinieron aquí y de aquí se fueron para Estados Unidos. Aquí no se podían quedar porque es muy difícil hacer el proceso de residencia permanente, y en Estados Unidos es mucho más fácil conseguir los papeles, y la esposa de mi hermano vivía allá. Mi mamá vino con una visa de visita. Y mi hermano vino para hacer un curso de francés. (depoimento obtido em maio de 2022)

(Roberto) Yo me casé con otra cubana que traje (de Cuba) y las cosas tampoco funcionaron... ella se fue para Estados Unidos... ella tenía toda su familia en Estados Unidos, y sus planes eran que yo me fuera para allá con ella, pero nadie puede decidir por mí. No podía irme allí a vivir con ellos y que manipularan mi vida... conmigo no funciona así... pueden haber pensado que yo tenía un carácter fuerte porque nunca acepté que entraran en mi vida.

Lo que pasa es que ella pensaba que iba a venir aquí casada con un millonario, que la vida aquí era de color de rosa, y las cosas no son así, yo he hecho mucho por esta persona, le he pagado muchas cosas, viaje, boda... y fue difícil cuando llegó aquí ver la realidad porque mucha gente piensa que llegas aquí y te sientas en un banco y el dinero te cae del cielo. Y no es así, aquí hay que trabajar muy duro para ganar el dinero... hay que trabajar muy duro, la vida aquí está muy presionada, y hay muchas cosas que te chocan, el idioma... que choca a todos los inmigrantes.

Yo creo que a los cubanos les gusta más ir a Estados Unidos porque están más en su ambiente... no a Estados Unidos, a Miami, que es como estar en Cuba con la coca cola al lado... estar en el mismo ambiente. Y luego, cuando llegan aquí, se encuentran con este frío de -20 grados, la nieve, con una cultura que no es la suya para nada... que piensa totalmente diferente, que no pueden tener esa misma interacción con las personas de aquí. Es muy difícil, como lo es para mí, entrar en esa sociedad. (depoimento obtido em agosto de 2020)

Os Estados Unidos, e sobretudo Miami, têm se tornado, ao longo de muitas décadas, um lugar de referência da diáspora cubana, uma diáspora-mundo que encontra talvez ali essa outra Pátria possível. Um lugar onde é possível reencontrar os primos e os tios que migraram há muitos anos, todos os colegas da escola, os amigos que aos poucos foram saindo da Ilha. É, além disso, um espaço referencial que permite conectar o imaginário dos cubanos dispersos pelo mundo. Assim, pode-se dizer que os cubanos em Montreal, como em várias partes do mundo, incluindo os que moram na ilha, mantêm uma relação heterotópica com Miami como espaço migratório privilegiado.

Numa festinha de aniversário da filha de uma das cubanas que conheço em Montreal (do grupo do Daniel), ela relata sua surpresa durante uma visita por lá, quando viu numa farmácia de

Miami o nome das províncias de Cuba no selo de apresentação do uniforme das atendedoras. Outra amiga presente contou também como chegou uma vez numa loja de lá para comprar um aparelho para o sinal de TV de sua família em Cuba e o atendente lhe perguntou: “*mas, em qual parte da Havana mora sua família?*” - Ela mencionou o nome do bairro e ele continuou com a explicação... “*mas antes da subida ou depois da subida... depende do lugar para você colocar o aparelho de tal forma e etc...*”. Como se estivesse falando com uma pessoa numa loja de Havana.

Assim como Eric morou alguns anos nos Estados Unidos antes de chegar no Canadá, também é o caso de Rolando, que é conhecido entre os amigos de Montreal como “*El Yuma*”, um nome comum entre os cubanos para se referir aos Estados Unidos, e um pouco também, de modo geral, um tipo de lugar para onde todos vão ou querem ir ao imigrar de Cuba. Ambos, depois de alguns anos, acabaram morando no Canadá por diferentes motivos. Rolando ainda voltou a morar em Cuba por dois anos quando saiu dos Estados Unidos, antes de reorientar seu caminho mais ao Norte. Nesse sentido, a “terra prometida” americana no imaginário migratório cubano pode ser tanto um ponto de chegada como de passagem. Contudo, é sempre um lugar relevante na construção social da migração entre os cubanos.

(Rolando, el yuma) Llegué a Miami a finales de 1995... me acuerdo de que hacía frío. Viví como 8 meses con la familia del médico amigo mío... hasta que yo levantara. Empecé a trabajar en una compañía americana de comida... ahí estuve 11 años... me hice supervisor del departamento de exportación. La vida en Miami para mí fue excelente, porque tenía buen trabajo, había estudiado, aproveché los cursos de computación de la base militar... sabía teclear, me comunicaba bien con el americano... pasé un curso de 7 meses por el ministerio de agricultura de allá... para inspeccionar la comida de exportación. Tenía muchos amigos allá... otros amigos míos que se habían ido también de Cuba.

En Estados Unidos tuve un problema y regresé a Cuba, en el 2006, tuve que regresar. Ahí tuve a mi segunda hija, ayudé mucho a mi familia y a mis amigos con el dinero que había ganado. Compré una finca para tener comida para vivir.... sembré plátano, tenía ovejas, un tractor, todo en 6 mil dólares... ahora vale 12 mil. La finca está a nombre de un amigo mío porque no puedo tener nada a mi nombre en Cuba. Mis amigos trabajan allá... ahora recogieron 5 tractores de boniatos... uno lo dejaron para los animales, uno para comer, y 3 lo vendieron al gobierno porque no les llegaba el permiso para vender en el mercado, que le sacarían el triple, pero tú sabes cómo es el gobierno cubano.

Yo me quedé ese tiempo en Cuba con un proceso de inmigración. En Cuba me pidieron mis papeles y yo les dije que los perdí. Yo no tenía papeles en Cuba tampoco. Inmigración era quien me atendía. Tenía que reportarme todos los días con ellos. Pero mi mujer salió barrigona y les dije que no podía ir todos los días porque tenía que ocuparme de mi familia. Ahí me dieron una entrevista con la jefa y me dijo que fuera todos los fines de semana. Después ya una vez al mes. Era pa' que me vieran los oficiales y ya. Yo no tengo nada en Cuba, desde el 94' no tengo na'. (depoimento obtido em maio de 2022)

Por causa de sua saída irregular de Cuba, e por ter perdido seus direitos de residência ao ficar mais tempo fora do que foi estabelecido pela lei, Rolando era “controlado” diferenciadamente pelas autoridades migratórias cubanas quando decidiu retornar por alguns anos à Ilha. À qual país podia ele retornar, pertencer nesse momento? Mesmo que ele tenha conseguido ficar em Cuba durante um tempo, não tinha direito a uma vida plena e segura, pois era questionado e vigiado pelas autoridades. Embora não seja este o caso específico, lembramos que na atualidade muitos migrantes internacionais são considerados como “apátridas”, por não serem reconhecidos legalmente em lugar algum⁹⁵. O fato de “não ser reconhecido” como pertencente a um lugar, segundo as regras que atribuem um pertencimento jurídico, é uma condição de vida que atravessa profundamente a formação da identidade, o bem-estar e o desenvolvimento pleno do ser humano.

(Rolando, el yuma) Yo regresé a Cuba ya con la idea de no salir más nunca. En Cuba estuve 2 años... pero como todavía tenía 45 años y estaba todavía joven y fuerte, la gente me dijo... “vete y búscate un retiro, si tú tienes tus papeles americanos, puedes ir donde quieras”. Me iba a ir a España, México, o Canadá... pero México estaba malo, mucho narcotráfico... en España también estaba mala la cosa, tenía una amiga que vivía allá que se había metido a prostituta porque el marido español loco borracho chocó un camión y lo perdieron todo. Yo tenía que celebrarle los 15 (años) a mis hijas⁹⁶... y con lo que se gana ahí no da para eso... para “los 15” de la mayor yo le renté un local con todo, me costó todo 4mil dólares. Cuando yo vine para aquí pedí refugio, y me lo negaron... eso fue en el 2008... aquí no conocía a nadie pero me dijeron que estaban aceptando a los cubanos aquí... que se sabía de gente que estaban llegando a Montreal, y para allá salí. Cuando llegué me sacaron de la cola en el aeropuerto, yo no llevaba ni una maleta, yo iba con una mochilita nada más, yo iba para una iglesia... eso yo lo sabía desde Estados Unidos, que las iglesias habían hecho por mí. Me querían deportar, pero les dije que que de aquí no me sacaba nadie.... Que yo quería una corte... y me esposaron y me metieron preso. Desde la cárcel contacté con una abogada que atendía casos como ese alí, y ella me dijo que en un año y medio o 2 años podía pedir refugio, pero que era muy difícil porque yo tenía los papeles americanos... en el 2010 me dieron la corte. En esos 2 años yo trabajé en una imprenta... ahí fue donde me corté un dedo. Cuando me negaron el refugio, me mandaron para Cuba. Yo dije que no. Ellos no me pueden botar, yo estaba trabajando y estudiando, sin récord (policial). Pero el juez no me aceptaba porque dijo que Cuba ya no era una amenaza comunista como antes. Cuando aquello era lo de Obama, se había abierto lo de Cuba. Yo no hablé nada de política de Cuba porque tenía miedo de que no me dejaran ir más a Cuba. Ahora estamos en esa pelea todavía... voy a pedir una visa humanitaria. 14 años en esto. He estado trabajando todos estos años, tengo un permiso de trabajo que me cuesta 360 CAD todos los años.... eso me cubre todo lo que es de salud y me deja trabajar. (depoimento obtido em maio de 2022)

⁹⁵ Para ver um exemplo de refugiada apátrida no Brasil : <https://www.acnur.org/portugues/2020/11/30/conheca-a-historia-de-maha-mamo-a-mulher-que-viveu-por-trinta-anos-sem-nacionalidade/>

⁹⁶ Uma celebração importante e custosa que os pais fazem a suas filhas ao cumprir 15 anos, seguindo uma velha tradição de “introduzi-las na sociedade”.

A longa travessia migratória de Rolando, *El Yuma*, com suas idas e vindas, seus giros inesperados, tempos de pausa e de aceleração no caminho, de espera, de esperança e de desesperação, nos faz pensar que o percurso migratório talvez não acabe nunca. O dele ainda continua. Então, a migração que começa como narrativa cronológica, como linha espaço-temporal entre dois pontos geográficos, vai se transformando justamente numa forma de vida. Ele saiu de Cuba, mas volta. Sai novamente e conta um por um os 14 anos em que não tem podido voltar mais. Não sabe o que poderá acontecer com ele. Não fala em “política”, porque tem medo de não poder voltar. Ainda pensa sobre esse retorno em pausa.

Assim, o espaço designado nesse imaginário migratório para os Estados Unidos (Miami) se condensa nesse lugar, “*el yuma*”⁹⁷, que também pode se utilizar para se referir ao espaço “fora” de Cuba. Esse “sentido do lugar” ao qual nos referimos anteriormente (CRESSWELL, 2014), é justamente o apego subjetivo e emocional que as pessoas têm com o lugar, que pode ser concreto, mitológico, metafórico, ou uma combinação dessas dimensões; mas que acompanha sempre uma dimensão material, seja ela efetivamente realizada no presente ou atravessada por várias temporalidades. Nesse sentido, “*el yuma*” se configura como um lugar heterotópico relevante no contexto migratório cubano, com seus conflitos, sua historicidade, suas fabulações sobre as formas de vida possíveis; assim como seu impacto na subjetivação política e na realização concreta dessas vidas migrantes (e não migrantes também). Porque “até os lugares imaginários têm uma materialidade imaginária” (CRESSWELL, 2014, p. 7).

Eric, quem também morou vários anos nos Estados Unidos, me conta sobre seu projeto de empreendedor para produzir roupas esportivas com temas de times cubanos sob sua própria marca, que ele chamou de “*Yo no soy yuma*” (Eu não sou yuma). “*O que eu quero dizer é que você não precisa ser um Yuma para fazer as coisas bem, com qualidade, original. Nós, cubanos, também podemos ter essa prosperidade, essas coisas boas*”, me diz ele.

⁹⁷ “*El yuma*” é uma gíria cubana usada para se referir tanto a um lugar no exterior (principalmente os Estados Unidos, mas também de forma geral pode ser empregado para outros países não identificados); sendo também usada como apelido para estrangeiros ou turistas em Cuba. O significado do termo está ligado a um conjunto de valores vinculados ao bem-estar econômico e ao acesso a bens materiais que, nesse sentido, diferenciariam o modo de vida fora de Cuba da realidade dos cubanos na ilha. Uma das plataformas criadas por cubanos emigrados para gestionar o fluxo transnacional de comunicações e bens, publicou em 2023 um artigo intitulado “*Los cubanos le dicen Yuma a Estados Unidos por esta razón*”, disponible em: <https://www.cubatel.com/blog/los-cubanos-le-dicen-yuma-a-estados-unidos-por-esta-razon/?fbclid=IwAR246qHpGLEBKzDHIHa0YjjnmO1j2jwf2Nu6Fdh54SscVF2vRbw9cYQ6--Y>

(Eric) Mi negocio tiene que ver con Cuba pero no es en Cuba. Eso que no encuentro en Cuba, y como ciertamente tampoco lo he encontrado fuera de Cuba, es muy difícil, entonces yo estoy tratando de satisfacer una necesidad personal. Que a la misma vez me doy cuenta de que no es solamente personal sino que hay mucha gente que tiene esa misma necesidad. Por ejemplo mira esta gorra es de los Yankees de New York, yo no vivo en New York, pero ya es un equipo que tiene un historial, es un símbolo de la ciudad. Entonces por ejemplo yo que soy de la habana y por ejemplo Industriales que es un equipo que tiene un historial grandísimo de victorias en series nacionales, no existe nada de ese equipo que tenga la suficiente calidad como para que la gente se lo ponga y se sienta orgulloso de eso. Como mismo yo me pongo una gorra de los Yankees porque luce bien, porque se ve bien. Eso es lo que yo quiero hacer. Estoy harto de que cuando vas a Cuba todo lo relacionado con Cuba tiene que ver con las palmas, el almendrón... eso... eso. Puede ser muy simbólico pero eso es una porquería. La parte estética que tiene que ver con los lugares de los que uno viene. Todo lo de Cuba viene asociado con lo burdo, lo grotesco, lo mal hecho, la mala calidad. Yo quiero romper eso. Porque el socialismo va de la mano con la fealdad. Son uña y carne. Entonces yo quiero romper eso, quiero concentrarme en lo cubano pero con la calidad que lleva. Que no sea una muñeca negra con un pañuelo en la cabeza, unas maracas, un Che, yo no quiero eso. Mira, a mí me gustan las gorras, y los pines de adorno. Yo quería uno pin con la bandera cubana. No existe. Ni en Cuba. Lo tuve que mandar a pedir online a una compañía que no es cubana. (depoimento obtido em agosto de 2020)

Figura 13. Boné produzido por Eric sob sua marca *Yo no soy yuma*, do time de baseball Industriales, de sua cidade, Havana



Fonte: imagens feitas pela autora em 2020

Parece que *el Yuma* é uma forma de relacionalidade que confere outras dimensões ao espaço cubano e que pode configurar um domínio heterotópico, que atravessa fronteiras e ilumina a temporalidade de processos migratórios específicos por meio de uma justaposição dos lugares e das relações espaciais que definem essa experiência. Pode ser uma pessoa, um lugar concreto, uma ideia e um espaço figurativo também no imaginário cubano. Assim como Eric produz um boné alegórico a seu time de baseball cubano favorito, há outras peças de sua coleção que remetem ao esporte, como o time nacional de Cuba.

Figura 14. Dois cubanos vestem os shorts da seleção nacional cubana produzidos por Eric, de sua marca *Yo no soy Yuma*



Fonte: Facebook de participantes na pesquisa (imagem modificada para esta pesquisa)

Nesse sentido, a migração atua como detonador de processos de reconfiguração de uma noção de identidade nacional que ultrapassa e contesta aquelas fixadas nos discursos da memória normativa e que não se limita apenas aos espaços habitados efetivamente. A comunidade imaginada já não é apenas o território cercado pelas fronteiras do Estado-nação, mas passa a ser reconstituída nos deslocamentos históricos, nas narrativas populares e nos fluxos transnacionais de um povo. Essa linguagem que funda um espaço compartilhado se instala no imaginário social como um código que pode ser resgatado a qualquer momento, porque pertence ao domínio dos quadros de sentido elaborados coletivamente à margem das instituições.

Quando a crise migratória de cubanos através da Nicarágua (depois de 2020) chega a seu ponto mais crítico em finais de 2022, o governo americano instaura uma política de contenção que visa frear em alguma medida os grandes grupos de migrantes de vários países que estavam chegando continuamente na sua fronteira⁹⁸. No dia 9 de janeiro de 2023, são anunciadas algumas

⁹⁸ Esse pacote de medidas sobre o *parole*, processo de visado relativo a laços familiares e razões humanitárias, inclui também a venezuelanos e haitianos, e estabelece um máximo de 10 000 vistos mensais para cada país, embora essa cifra não tem se alcançado até o momento.

mudanças no programa de “*parole*” que outorgava vistos familiares e humanitários a cubanos, permitindo agora que qualquer cidadão na ilha que fosse “apadrinhado” por uma pessoa nos Estados Unidos poderia ser elegível para um visto de trabalho de 2 anos nesse país⁹⁹. Em contrapartida, o aceite de refugiados na fronteira iria se restringir.

Com essa mudança, milhares de cubanos começaram a tramitar as aplicações para esse novo programa migratório que prometia ser mais simples e seguro do que os trajetos pela selva e pelo mar. Das poucas pessoas da minha geração que ainda residem em Cuba, uma amiga comenta comigo recentemente que estava aguardando a resposta sobre sua aplicação para esse processo americano; alguns outros conhecidos já se foram; o irmão de uma amiga que é o único membro da família que resta em Cuba, também aguarda uma aprovação do processo.

É o tema que inunda as conversas nas redes e oferece munição para os memes. Nada se fala na mídia oficial que circula na ilha. A amiga de Cuba me conta que existem muitos grupos de WhatsApp que os cubanos na Ilha criaram para acompanhar juntos o processo, compartilhar notícias, ansiedades e consolações. Alguns grupos são mais genéricos e outros mais específicos que reúnem pessoas que aplicaram para o processo no mesmo dia. “*Estamos contando os dias*”, me disse minha amiga. Ela me envia desde Cuba uma foto do grupo de WhatsApp sobre o dia 25 de janeiro, em referência à data de aplicação para o processo de visto americano, e no qual participam 739 pessoas.

Figura 15. Capa e descrição de um grupo de WhatsApp de cubanos que moram na ilha em torno do processo de aplicação para um programa de vistos americanos para cubanos (*parole*)

⁹⁹ Consultar em: <https://www.federalregister.gov/documents/2023/04/28/2023-09013/implementation-of-a-change-to-the-parole-process-for-cubans>



Fonte: captura de tela do grupo de |WhatsApp feita por uma cubana na ilha e enviada a autora

Com o tempo, o nome do grupo que fazia alusão à data foi mudado pelo nome “*Até a Yuma não paro*”, mantendo ainda o número 25 e acompanhado de uma jarra de cerveja com a bandeira americana, símbolo da celebração diante uma eventual resposta positiva ao pedido de visto pelo programa de *parole*. A insígnia nacional americana aparece novamente no texto que indica a regras do grupo. Assim, observamos como o espaço imaginado de “*el yuma*” vai sendo elaborado como heterotopia, configurando projetos coletivos que são reapropriados e veiculados através da linguagem e das mídias.

Para além dos Estados Unidos como destino privilegiado, *el yuma*, ou qualquer país específico ligado à migração de cubanos, chama atenção a ideia de desse “afora” almejado como símbolo de progresso, liberação ou alívio. Os cubanos usam expressões como “se vá para fora”, “veio de fora”, “mora afora”. Certa vez uma colega me disse: “*realmente estamos indo para dentro, porque os que estamos fora do mundo somos nós em Cuba*”. Esse lugar sintetizado de esperanças e desejos representa um pouco a negação do “dentro”, a ilha, o país, fronteiras que seria preciso ultrapassar, às vezes sem uma noção muito clara da direção, mas sempre para “fora”. As expectativas associadas a esses imaginários espaciais contribuem também para a aparição das experiências heterotópicas.

(Celia) Yo me imaginaba esto como un país del primer mundo, super desarrollado, con mucha tecnología. La gente sí es más evolucionada espiritualmente, pero me di cuenta de que esto es un campo, no hay nada que hacer... todos los eventos están super marcados, los mismos festivales todos los años, te mantienen como entretenido todo el año con lo mismo. Navidad,

el día de los enamorados, después el día de las madres, después otra cosa y otra cosa... y esa es la vida del quebeco... comprar, comer, cumpleaños, eventos, bbq, no hay más nada.

Lo mío eran las mismas expectativas que tiene todo el mundo, que el dinero cae del cielo, que aquí ibas a prosperar... que no es menos cierto... que iba a tener un buen trabajo y que todo iba a llegar rápido.... Y la realidad ha sido que al final no era eso ni siquiera lo que me interesaba. Cada cual tiene sus propias metas, sus propias maneras de tener éxito. Hay gente que dice yo soy exitoso porque tengo una casa, un carro, pero a lo mejor lo que es éxito para ti no lo es para mí.

Entonces este país lo que me ha hecho es descubrir esas cosas, descubrir mis verdaderos intereses, lo que realmente quiero, me ha hecho ser más temeraria. Esto me ha servido para independizarme, porque en Cuba vivíamos todos en la misma casa, me ha servido para crecer también como adulta. (depoimento obtido em agosto de 2020)

(Abel) Cuando yo me fui de Cuba, que tenía 27 años, la opinión que yo tenía sobre lo que podía ser vivir fuera de Cuba, era algo muy fantasioso No me imaginaba bien como podría ser vivir fuera de Cuba. Tenía una idea somera... mis padres vivieron en Moscú 5 años, mis tíos fueron embajadores. Mi familia, los que vivían en Cuba, eran muy comunistas... y muy revolucionarios, si esa palabra le sirve a eso que hacen ellos allá en Cuba.

Entonces la opinión que yo tenía era un poco lo que yo veía de ellos, lo cual era erróneo, porque un cónsul no es un ciudadano medio en ningún país del mundo... pero bueno, ellos vivían así. Nos mandaban fotos en la nieve... nos mandaban un par de tenis una vez al año y una mochila pa' la escuela... entonces yo decía, bueno, será que vivir en el extranjero es eso. Pero después está el noticiero que venía a decirte que en Estados Unidos los niños no tenían comida... lo cual es verdad...pero bueno... tampoco hay comida en Cuba ni en Venezuela ni en Mozambique ni en China... en todos los países hay niños que no tienen comida.

Entonces yo salí de Cuba con una idea medio fantasiosa e infantil de lo que era vivir fuera de Cuba... y la realidad ha superado con creces mi idea inicial. A mí me parece que vivir fuera de Cuba... aunque es difícil, porque separarte de tus raíces y del lugar donde tu creciste, 20 o 30 años, no es fácil... pero a la vez ha sido un viaje super bonito. También yo he tenido suerte, la verdad lo tengo que reconocer... porque yo soy privilegiado, siempre he vivido en países del primer mundo... hay cubanos que están viviendo en cualquier país por ahí y pasan más trabajo, hay delincuencia, una vida más difícil... (depoimento obtido em maio de 2022)

Tanto Celia como Abel têm suas próprias figurações sobre o que significa “sair de Cuba”, um mapa-mundi construído por meio de retalhos, em meio às limitações na ilha para o acesso à informação exterior, os relatos intergeracionais, as narrativas inevitáveis da cultura de massas globalizada e os relatos performados por milhares de cubanos emigrados. Nas brechas entre o que o que imaginamos do mundo e as experiências vividas no percurso desse mundo se constroem as heterotopias migratórias, formas de nos relacionar com os espaços e os tempos coexistentes que definem a nossa própria vivência dos lugares que habitamos ou atravessamos sem cessar. Para Roberto, é um erro comum os cubanos pensarem que “sair de Cuba é tudo de bom”, o que produz um choque com a realidade que vivem os imigrantes, que certamente não é “cor de rosa” como pensam muitos, afirma ele.

(Roberto) Cuando tenía 18 o 20 años ya quería irme... En aquella época, un primo mío había ganado el “bombo”¹⁰⁰ y se había ido a Miami... otros habían intentado salir ilegal del país. Una vez estaba en su casa de visita y estuve a punto de irme en una de esas salidas lo que hubiera sido una locura, porque cuando supe la realidad de lo que es subirse a un barco en alta mar para emigrar... creo que nunca lo hubiera hecho.

Eran tres primos, ellos tenían un plan para irse ilegalmente, en el 2004 más o menos... había esa angustia de no saber muy bien a dónde íbamos... porque para nosotros, y para muchos cubanos de hoy, casi todo el mundo piensa que irse de Cuba es todo fácil y bueno. Y cuando llegas y te enfrentas a otra realidad, te das cuenta de que no es tan fácil. Yo no me fui con mis primos porque nunca me invitaron... una vez regresábamos de una discoteca y me dijeron que iban a pescar, pero se iban ilegal del país... ellos habían pagado, yo no..., pero al final no lograron salir.(...)

A veces se dice eso de que aquí afuera todo era color de rosa, y no es así. Esta la presión esa todo el tiempo de que tienes que trabajar, y trabajar, y trabajar para pagar todo. Sin embargo en Cuba sí vivías agregado, con tu familia, pero no tenías presión de nada. Llegabas y te comías lo que había... si era un boniato, te comías un boniato... si era un plato de arroz y frijoles, te comías eso... ibas a jugar deporte, no había esa lucha esa preocupación con todo. Sin embargo aquí lo tienes todo y estas más estresado que nunca. Teniendo más cosas, tienes menos felicidad, más stress... eso es una cosa que aquí no se acaba nunca. Yo creo que el 97 por ciento de las personas en este país siempre están estresadas, siempre. Y si no mótate en una guagua para que tu veas... la persona que te dice hoy buenos días mañana te da una patada.

En Cuba lo que pasa es que estamos adaptados a vivir con los problemas. Y tú ves a la gente siempre riéndose, bromeando, contenta, hablando de deporte, de la novela, poniendo música. Pon una música aquí para que tu veas, mótate en una guagua, hasta la música del guagüero tiene que estar baja porque si no van y se quejan. Todo es un problema, todo.

Y si quieres vivir en este país tienes que adaptarte a vivir todas con esas reglas, porque son las reglas de ellos. Si no, te tienes que ir. No puedes cambiar nada, todo tiene que ser así como dicen ellos. Es un guión. (depoimento obtido em agosto de 2020)

Para falar sobre as classes mais desfavorecidas na sociedade, Santos (2006) se refere aos pobres e aos imigrantes, em sua busca por um “consumo imaginado” através da migração, que viria a satisfazer “carências” econômicas e políticas. É dessa forma que os destinos imaginados aparecem como o lugar onde essa vida futura seria possível. Muitas vezes, como relata Roberto, essas frustrações no processo migratório conduzem a uma transformação de si e do mundo habitado outramente.

Trata-se, para eles, da busca do futuro sonhado como carência a satisfazer - carência de todos os tipos de consumo, consumo material e imaterial, também carência do consumo político, carência de participação e de cidadania. Esse futuro é imaginado ou entrevisto na abundância do outro e entrevisto, como contrapartida, nas possibilidades apresentadas pelo Mundo e percebidas no lugar. Então, o feitiço se volta contra o feitiço. O consumo imaginado, mas não

¹⁰⁰ Refere-se ao programa americano de loteria que escolhe aleatoriamente uma quantidade de cubanos cada ano para outorgar-lhes a residência nos Estados Unidos. O “bombo” faz referência ao globo onde são colocadas as bolinhas nos jogos de azar.

atendido – essa "carência fundamental" no dizer de Sartre -, produz um desconforto criador. O choque entre cultura objetiva e cultura subjetiva torna -se instrumento da produção de uma nova consciência (SANTOS, 2006, p.221).

Cada perspectiva desenvolvida nesse processo responde às circunstâncias da experiência vivida, mas também às condições estruturais por trás de diversos trajetos migratórios. É necessário compreender que essas mobilidades não atuam necessariamente como processos homogeneizantes que reduzem o sujeito à sua condição de “migrante”, segundo os discursos midiáticos e institucionais querem fazer ver. Ao invés disso, se revelam aí conflitos latentes e nuances da discriminação e xenofobia que reforçam desigualdades socioeconômicas e raciais presentes em todos os lugares onde a pessoa imigrante têm habitado.

Para Olivia, por exemplo, mulher branca, com alto nível de escolaridade e um capital social privilegiado, a experiência migratória se reflete no trânsito pelas diferentes etapas, desde as dificuldades vividas como estudante internacional à estabilidade econômica e laboral alcançada alguns anos depois: “isto é uma escola, desde que você chega”, me disse. No entanto, o viés até “positivo” no relato de Olivia e de outros amigos do grupo de Daniel, nem sempre é a realidade da maioria de imigrantes cubanos que encontrei em Montreal, cujas histórias refletem muito mais o peso dessas frustrações.

(Olivia) Yo no creo que yo tuviera una idea clara de lo que iba a ser vivir fuera de Cuba. Simplemente dije... vamos p'allá... voy a estudiar y ya. No tenía como un plan a largo plazo. Mi plan era más inmediato. También en Cuba creo que uno tiene una visión de vida muy a corto plazo... qué voy a echarle por la noche al caldero? Mi visión se limitaba a llegar, instalarme, y empezar a estudiar.

Yo creo que todo lo que pasa uno durante ese proceso te enseña. Todavía nosotros estamos aprendiendo cosas. A veces te pasan cosas de que te venden algo y te engatusan con el marketing, y todavía te das cuenta de que estas en proceso de aprendizaje... 10 años después. Son cosas de otro sistema. Creo que el proceso de aprendizaje es largo. Los primeros años son los más intensos. Después que empiezas a trabajar y a tener salario, viene una parte del proceso que es muy intensa, porque tienes que aprender las cuestiones de priorizar el dinero, casa. (depoimento obtido em maio de 2022)

(Rolando, el yuma) De un 100%, 90% estaba equivocado. Es muy difícil la vida. Yo vi la vida de película... nadie me hablo de renta, de seguro médico... y cuando llegué a la realidad me di cuenta de que no era una película... había que pagarlo todo... un libro, una universidad, un médico, el carro, la renta. Hay que estar aquí para ver la realidad. No me arrepiento, porque por mucho que he pasado, gracias a todo eso difícil, a mi esfuerzo y mi forma de ser, he salido adelante y he ayudado a toda mi familia. Tiene una buena recompensa sacrificarse. (depoimento obtido em maio de 2022)

Por outro lado, nas reflexões de Foucault, os espaços de “dentro” e “fora” determinam relações de poder entre pontos específicos, entre espaços confinados, o *dentro* com suas normas próprias (ex. a casa, a escola, a prisão etc.); e o espaço aberto corresponderia ao *fora*, sobretudo o viário (ex. a circulação, o deslocamento, a velocidade do percurso entre um ponto e outro etc.), mas também o perambular sem destino do *flâneur* (DE CASTRO, 2015, p.7). No contexto dessa pesquisa, podemos dizer que o Estado-nação é um desses espaços do dentro que limita e controla o movimento dos corpos; enquanto o fora, o espaço imaginado e real da migração e o transnacional, possibilita uma abertura e transformação nas formas de vida e subjetividades (mesmo que também tenha suas próprias normas e institucionalidades opressoras). No caso dos imigrantes cubanos, que além das dificuldades vivenciadas nos países de estabelecimento têm sido perseguidos em seu país natal, é possível que o lugar “fora” seja justamente aquele do movimento, o trânsito, o destino incerto ou imprevisível do *flâneur*. Assim, esses espaços confinados do “dentro” constituem “uma rede de relações dispostas no espaço como territorialidades constituídas pelas ligações, conexões e relações entre os pontos”, o “fora”; de forma que as heterotopias apareceriam como parte de um sistema de espaços onde funcionariam como espelhamento e contraponto de todos os demais espaços (DE CASTRO, 2015, p.7).

A tradição migratória cubana e a diversificação de rotas e destinos para além dos Estados Unidos alimentam essa ideia da dispersão. Algumas transformações recentes no padrão migratório cubano, a multiplicação de possibilidades de travessias, a abertura à informação exterior por meio do desenvolvimento das TICs em Cuba, e o imaginário do “sair” como projeto de vida predominante fazem com que os cubanos cheguem cada vez mais a lugares antes desconhecidos para eles. É por isso que Ale disse que encontrava um cubano a cada povoado que atravessava durante seu trajeto migratório na América Latina. Porém, não estamos falando apenas de projetos individuais, mas do destino de milhares de famílias que vêm no deslocamento dos seus uma esperança de vida realizada. É dessa transformação contínua nos laços e na estrutura familiar por meio da migração que decorrem transformações políticas maiores ao longo do tempo.

(Félix) El cubano se va hasta pa' Haití con tal de salir del país y de sentirse un poco libre... en qué sentido libre? Que seas dueño de tu salario, dueño de tu futuro y que puedas tomar la decisión que te dé la gana a la hora que tú quieras y como tú quieras y que nadie te diga nada. El cubano es capaz de todo por su familia. Casi todo el mundo que ha emigrado no es mi caso,

han dejado hijos en Cuba, son rupturas familiares... todo con tal de comprarle una casa a su madre, a su hijo, o para sacar a sus hijos del país. Es como una obligación... lo ves con la gente que se tira al mar, que están dispuestos a morir, los tantos que se han muerto en un desierto, en México porque los cogen las pandillas. Me lo cuenta la gente que llega... aquí por ejemplo hace un tiempo llegaron 5 cubanos que vinieron vía México, atravesaron el desierto de Sonora y estuvieron allí como 6 meses... 3 meses debajo de la tierra y llegaron aquí en una situación de estado mental terrible... contactaron a alguien, un coyote que los ayudó a llegar al DF y ahí le pagaron y los mandó en un avión para aquí. Ellos viven aquí cerca, los encontré aquí, ellos estaban buscando casa y yo los oí hablando alto, con los gestos de los cubanos... (depoimento obtido em agosto de 2020)

As discussões em torno do *lugar* têm trazido nas últimas décadas uma perspectiva alinhada com a evolução nas formas de mobilidades e nos usos tecnológicos que fundam um sentido mais profundo do global. Nesse viés, o lugar não estaria definido pela ancoragem ou pela oposição, mas a partir das diversas maneiras de se combinarem corpos, objetos e fluxos (MASSEY, 1997), porque “lugares reúnem coisas, pensamentos e memórias em configurações particulares” (ESCOBAR, 2001, P. 143). Assim, estamos falando dessa amalgama de temporalidades, acontecimentos e práticas comunicacionais que intervêm na aparição das heterotopias.

O lugar, nesse sentido, torna-se um evento em vez de uma coisa ontológica segura enraizada em noções de autêntico. O lugar como um evento é marcado pela abertura e mudança ao invés de delimitação e permanência. Isso altera significativamente o valor colocado, pois é construído de fora e não de dentro (CRESSWELL, 2014, p. 40).

Os fluxos históricos na migração cubana, as redes de comunicação e intercâmbio entre cubanos emigrados em todas as partes do mundo e a consolidação de uma ideia de lugar desde o “fora” são elementos que impulsionam o sentido de abertura e mudança nas formas políticas que regem a vida na Ilha. Nos relatos dos entrevistados, se desenha claramente esse mapa-mundi dos afetos dispersos.

(Abel) Yo tengo muchos amigos cubanos por todo el mundo... en Europa, en España... gente que conocí ahí y otros que ya éramos amigos desde Cuba y están fuera hoy... también en Alemania, Inglaterra, Francia... en Estados Unidos tengo muchos. En Miami está la mitad de Cuba. Mis mejores amigos casi todos están fuera de Cuba... mis dos mejores amigos están en Miami. También en México. En Cuba queda uno también. Son mis amigos de la etapa preuniversitaria. En Cuba quedan muy pocos, la mayoría están en Miami, y por Europa. Tenemos también amigos en Toronto, en Vancouver. (depoimento obtido em maio de 2022)
(Eva) Tengo muchos amigos fuera de Cuba. Te diría que casi la graduación completa de la universidad se fue. El ultimo que quedaba finalmente se pudo casar y está en Alemania. Todo el mundo se va. Todo el mundo se va para un país donde se pueda vivir, que no sea Cuba. Tengo amigos en Chile, en Uruguay, en Brasil, en México, muchos en Estados Unidos, en los

países bajos, en España, en otros lugares de Canadá. Me comunico con ellos por WhatsApp y por la mensajería de Instagram. Siempre es muy divertido encontrar a la gente que conoces hace mucho tiempo. En unos años en que tal vez no pensabas como piensas ahora. Entonces volver a conectar con esa gente. Porque cambiamos muchísimo.

Unos 2 años después de yo venir aquí mi hermano se fue de Cuba. Cuando el terminó la universidad se cansó rápido de trabajar para el gobierno y se metió a negociante. Alquilaba películas, vendía vino, vendía cosas en el barrio... reunió dinero y se pagó un viaje por México y entró por ahí a Estados Unidos, cuando todavía funcionaba la ley americana que beneficiaba a los cubanos que llegaban por la frontera.

Aquí en Canadá hay muchos cubanos diferentes. Mis amigos son gente que conozco aquí pero casi siempre a través de alguien que ya conocía antes en Cuba. Te puedo decir que ni yo ni mi esposo hemos conocido a nadie aquí que no sea de esa forma, alguien que nos hayamos encontrado aquí y no tengan relación con mis demás amigos. Tengo amistades también de todo tipo, mis amistades del trabajo... pero mis amigos, amigos de verdad, son todos cubanos. (depoimento obtido em maio de 2022)

(Roberto) Yo siempre enviaba dinero a Cuba por Western Union, antes de que empezaran estas sanciones del gobierno estadounidense. Ahora, cuando ellos (la familia) lo necesitan urgente, se lo envío a un amigo en Estados Unidos y él lo envía a Cuba. (...) Tengo amigos aquí, pero son pocos... pero sí tengo amigos de otros países, de Ecuador. Mi mejor amigo desde la infancia vive en Miami y otro que vive en Nueva York, ellos quieren que me vaya para allá... quieren que me vaya para allá para tener una nueva vida, una vida diferente, porque ven que aquí simplemente no hay progreso... las cosas no mejoran, siempre es lo mismo... el trabajo, la casa... no se puede ahorrar dinero. Quieren que lo deje, pero también se trata de dejar atrás a mi hijo y no quiero eso ahora, al menos no ahora que mi hijo es pequeño... (depoimento obtido em agosto de 2020)

Não existe hoje em dia um cubano que não tenha um familiar, um conhecido, um vizinho, um amigo da infância ou da faculdade morando fora da ilha. O contexto atual ultrapassa o quadro semântico histórico da pequena Havana de Miami, o estreito da Flórida e os migrantes como “traidores” à Pátria. Justamente porque a Pátria, como lugar significativo, adquire um sentido heterotópico na migração que possibilita uma existência outra na diferença.

4.4 A pátria como heterotopia

Entre os cubanos que encontramos em Montreal existe também uma relação espacial que ultrapassa a categoria nacionalista de “cubanos imigrantes”. Na própria história de vida que eles relatam é possível perceber como as regiões, os bairros e as cidades onde moraram em Cuba fazem parte da experiência de heterotopia que é a migração. Lugares que eles continuam habitando, ainda que à distância, seja através de suas memórias de vida, de sua família e amigos, ou como a “casa” primeira que os formou. Eric, por exemplo, se identifica com a capital cubana como seu lugar de

origem, e com seu bairro, *Playa*, onde nasceu e morou até sair do país e aonde sempre retorna quando visita a ilha. Daniel, que faz parte de um grupo de cubanos “privilegiados” quanto à sua trajetória de vida e migratória, comenta que só conhecia os “bairros nobres” de Havana. Há nessas reflexões uma dimensão de diferença que passa por uma identidade territorial ligada aos lugares sociais definidos a partir do dentro, do fora e através das nações como espaços totalizadores.

(Eric) Yo nací en la habana, de una familia negra, numerosa, mis padres casados, mi mamá es médico, dentista, mi papa técnico en comercio interior. Pero mi papá se vio obligado a dejar su trabajo y estar en la calle haciendo negocios que en cualquier país del mundo seria legales, pero dadas las condiciones políticas de cuba, son ilegales. Mirándolo ahora desde afuera yo me considero que era de clase media en Cuba, pero no por el ingreso de mi mama sino por las peripecias de mi papa... tenía muchas necesidades resueltas y vivía por encima de la media gracias a los ingresos de mi papa, no por la profesión de mi mama que si tenía mucho prestigio y reconocimiento social pero no se remuneraba al mismo nivel de ese reconocimiento. (depoimento obtido em agosto de 2020)

(Daniel) Yo crecí en un entorno donde no eran cubanos, sino uruguayos. Mi abuela vino de Uruguay a principios de la Revolución para apoyar ese proceso y dar clases en la Universidad, porque los profesores y muchos profesionales cubanos se habían ido para los Estados Unidos, pensando que iban a regresar pronto... pero todo termino durando más de lo esperado. Entonces Fidel y todos ellos que hicieron la revolución llamaron a a comunidad de izquierda de América Latina para que apoyaran ese proceso, y mi familia, mis abuelos, eran profesores universitarios ir para allá por poco tempo, en 1961... pero terminaron quedándose toda la vida.

Yo estaba siempre en un medio de intelectuales y artistas... eran personas que vivían en una especie de burbuja, porque les daban muchos privilegios. Era un entorno de gente privilegiada, se reunían todas las tardes a tomar whisky y hablar de los problemas del mundo... cosa que la gente normal no hacía... la gente que estaba preocupada por que iba a cocinar para comer en el día. Yo lo percibía muchísimo, claro.

Mi abuela fue la directora de una agencia de prensa internacional a principios de los años 90 en Cuba, IPS. Eso implicaba que ella tuviera un salario diferenciado, y por ser extranjera podía tener la moneda extranjera y tenía derecho a comprar en las tiendas especiales para los extranjeros... eso la hacía diferenciarse del resto de la gente en Cuba. Ella compraba de todo y le dábamos a los amigos que no tenían, en una época en que nadie tenía comida en Cuba, en mi casa había de todo.

En esa época era muy raro que hubiese extranjeros en el país, le daban un tratamiento muy diferenciado... mi abuela misma hace la historia que cuando iba a tomar el autobús y la escuchaban hablar con su acento, le cedían el paso... los niños de la casa, mi papá...iban usando el pelo largo... y les decían “mariquitas” ... eran diferentes y los trataban diferente. Yo me diferenciaba más bien a nivel nacional, pero en mi barrio no, porque eran todas familias bien posicionadas, éramos más o menos todos iguales ahí. Yo sabía que era diferente porque me lo decían, pero ni siquiera lo veía, mi día a día no me llevaba nunca ir a otros lugares, yo siempre andaba entre Miramar y el Vedado¹⁰¹, era una burbuja. Tampoco tuve novias en otros lugares, como era el caso de mis amigos, ellos se aventuraban a esos otros lugares cuando

¹⁰¹ Bairros nobres em Havana. Ele morava em Miramar e estudava no Vedado.

tenían alguna novia de esos otros barrios, y no duraban nada. No le llamamos clases sociales, pero son clases sociales, y yo diría que más marcadas que en otros lugares. (depoimento obtido em maio de 2022)

Daniel e seus amigos são todos originários da capital, enquanto os cubanos que visitam o restaurante têm sotaques diferentes, porque provêm da região oriental do país, geralmente de cidades do interior (muitas vezes próximas de regiões turísticas) ou povoados rurais bem pequenos. Estas referências ao bairro, à vila, à vizinhança, atravessam sempre de alguma forma os relatos. Para falar sobre sua vida em Cuba, Félix se refere constantemente à localidade onde nasceu e morou, um povoado rural na região leste do país chamado Bijarú. Ele me mostra o grupo do Facebook, *Bijarú Barrio Campo* (Bijarú bairro roça) onde postam imagens sobre as pessoas de lá que moram em diferentes países (ele mesmo publica suas fotos e de seus filhos no Canadá); e me conta sobre como ele ajuda aos amigos de lá que têm dificuldades econômicas ou problemas de saúde. Rolando, por sua vez, disse que quando morava nos Estados Unidos, ele comprou uma casa para sua mãe e mandou remodelar a fachada para torná-la similar à casa que ela sempre admirava quando eles passeavam juntos quando pequeno.

Assmann (2011) se refere ao poder vinculativo dos locais que têm uma força simbólica ligada à memória, às gerações e aos laços afetivos. Enquanto os espaços, no sentido de países e regiões conhecidas, são analisados, mensurados, colonizados, anexados; os locais nos permitem explorar os sentidos na profundidade, porque adquirem uma significação inespecífica e cheia de segredos. Assim, são muitas as formas por meio das quais esses lugares heterotópicos da memória configuram a experiência migratória dos cubanos, sobretudo porque essa vivência na diferença ultrapassa o marco nacional quando eles heterotopizam os lugares onde outra vida possível acontece. Trata-se de uma memória que deve alcançar um tempo cada vez mais extenso, um espaço cada vez mais amplo. Essas referências todas se misturam às vezes na constituição do mosaico de experiências desterritorializadas. É importante compreender que os migrantes não são apenas “nacionais” ou “estrangeiros”, mas que eles carregam toda uma simbiose de pertencimentos espaciais que os diferenciam e os tornam sujeitos ainda mais singulares, híbridos, autênticos.

Os deslocamentos inauguram formas de contar a própria vida a partir dessas memórias dos lugares. O olhar do “outro” sobre o migrante o reenquadra nos marcos nacionalistas que permitem identificar, tratar e localizar esses grupos nas sociedades de estabelecimento. No entanto, quando

Celia fala sobre os “cubanos” conhecidos em Montreal, ela marca as diferenças de sua experiência como habitante da capital cubana em oposição àqueles que vêm do interior ou da região oriental do país; recuperando assim estereótipos vários que marcam distâncias no interior do “grupo” visto pelos outros como um só. Para Félix, nascido em um ambiente rural da região oriental, a “cubanidade” está marcada por seu espaço imediato da vizinhança na roça, um tempo e um país que não existem mais. Assim, estas particularidades de origem territorial podem se materializar no contexto da migração ora sob a forma de conflitos, ora como fonte das maiores saudades e ponto de conexão mais sólido com o país de origem.

(Celia) Claro que no todas las experiencias son iguales, si yo tengo un hijo me tengo que poner a trabajar para darle de comer, pero igual creo que falta crecimiento entre los cubanos aquí. Yo no sé si tiene que ver con que la gente es de Oriente... no quiero ser regionalista... pero la gente del campo por lo general es menos instruida... que no lo digo yo, lo dicen los estudios de las zonas rurales RISAS... Creo que el nivel de aspiración es mínimo en comparación. Entonces se conforman con ir al parque del barrio... que no está mal... un día... pero son ciudadanos (canadienses), y a veces hasta están ganando una pasta... y no van a ningún lugar... solo van a Cuba... Canadá y Cuba y ya... y uno está aquí para tratar de prosperar... (depoimento obtido em agosto de 2020)

(Félix) Yo extraño el cafecito de colador, el chisme ese de todas las mañanas... la cercanía. Pero me adapto también a cada momento. Lo que me une más a Cuba son mis raíces... el hecho de ser cubano. Que no esté de acuerdo con el sistema económico y político no me exonera de que sea cubano. Yo voy a Cuba y me vas a ver igual que siempre... en el piso, en los ríos... ando descalzo... como todo el mundo ahí en el campo. Eso que yo tuve en mi infancia y me fue tan precioso, quiero que mis hijos lo aprecien. El país de nosotros es bello, destruido pero bello. Yo no salí de Cuba por problemas políticos... yo viví la época del derrocamiento de la URSS y luego el período especial... He vivido dos tiempos muy diferentes en Cuba. Entonces siento nostalgia de la Cuba que yo viví antes del 90', porque después del 90 no vivimos, sobrevivimos. (...) Yo me arrepiento de no haber salido antes de Cuba. (...) Ahora vivo una situación que puedo comparar a mi niñez, claro, faltándome mis padres y mi familia. (depoimento obtido em agosto de 2020)

Quando Félix fala sobre Cuba, ele fala de sua infância, da época da crise dos anos 1990. Ele sabe que habitou, e ainda habita, muitas Cubas, cada uma com seu tempo embutido na própria linha biográfica de quem narra. Santos (2006, p. 223) vai dizer que “o passado é um outro lugar”, de forma que para os imigrantes, obrigados a esquecer e a reaprender um novo conhecimento mais fragmentário, trata-se de um embate entre o tempo da memória e o tempo da ação. Todavia, isso não significa que efetivamente seja possível o esquecimento do qual fala Santos (2006, p.223), que

a memória seja “inútil” ao novo cotidiano do migrante. Ao invés disso, acreditamos que o novo conhecimento e as novas formas de vida nascem a partir dessas memórias reconfiguradas na heterotopia migratória. Esse é o sentido da heterocronia, qualidade do tempo nos espaços outros.

(Roberto) Extraño mucho a mi familia, mis amigos, practicar deporte, sentarme a conversar con las personas. Nuestra cultura, la forma de vivir de nosotros los cubanos, la alegría, la solidaridad con que vivimos... es única, nadie la tiene en el mundo, sinceramente... eso de que si te hace falta un poquito de sal te la doy.... Se puede ver como miseria, tal vez, pero no es eso, es estar cerca de los seres humanos. Yo ni conozco a la gente que vive al lado mío aquí, no sé quiénes son... si mañana me da un dolor y no llega el 911 me muero... no es como en Cuba que el vecino corre contigo para el hospital. Ese amor de las personas, que se ha ido enfriando un poco, porque todo cambia... lo que ha ido enfriando eso es la necesidad (económicas) de las personas. Nosotros los cubanos no somos de pedir mucho, si tuviéramos todo lo necesario para alimentar la familia, hubiera mucho más amor entre las personas.... Las familias se van separando porque todo el mundo persigue un interés, de estar mejor... y eso trae problemas. Esto aquí (Québec) es muy diferente... es muy distante. (depoimento obtido em agosto de 2020)

Quando nos referimos à Pátria como heterotopia é justamente pela forma em que a experiência migratória permite criar relações com certos lugares que invertem, contradizem ou refletem as relações com os outros lugares a eles ligados. Assim, a nova cidade nos coloca em uma outra relação com a nossa cidade natal, o país de destino migratório transforma a nossa visão de nosso país de origem, o nosso bairro natal passa a ser um “bairro étnico”. Cuba e todos os outros lugares passam a ser redefinidos a partir da heterotopia migratória.

(Félix) Yo adoro este país (Canadá). Si tuviera el chance de volver a nacer, me gustaría nacer aquí, con toda mi familia. Aquí he tenido las posibilidades que nunca tuve en Cuba. Aquí puedes estudiar 14 veces y hacer lo que tú quieras, aquí sí te respetan. Si trabajas, ganas(dinero)... si sabes idiomas, mejor... si no, tienes que adaptarte. Aquí lo que hay que venir es a trabajar y a tratar de superarse. Yo realmente hago lo que quiero, no le causo problema a nadie. Puedo entrar a todos los países por ser ciudadano canadiense. Tú hablas, y gritas, lo que quieras... y no te maltratan... tienes ayuda, asistencia económica por el gobierno. (depoimento obtido em agosto de 2020)

(Olivia) En Quebec de manera general creo que son bastante latinos. A veces hasta molesta porque son tan latinos como los cubanos, con esa pacencia para todo... RISAS. Pero bueno esa parte hace que no sea tan difícil la integración al principio, porque son bastante abiertos en general. Pero tienen esta parte capitalista canadiense, sobre todo en la parte laboral, que es como sobresaltarse ellos mismos. Que eso cuesta un poco de trabajo. Te das cuenta de que no es que sean malas personas, sino que simplemente están tratando de tener un futuro profesional, entonces se inflan mucho. Y eso es cultural. Eso lleva tiempo para uno adaptarse a que es normal en el ámbito laboral, y hacerlo un poco tú también, porque al final tienes que

entrar en ese engranaje. Porque si no le das valor a tu trabajo, nadie se lo va a dar. (depoimento obtido em maio de 2022)

(Eva) Hay una diferencia con Quebec, y viene sobre todo marcada porque los quebecos son muy recalcitrantes con el tema del idioma. Entonces tú te sientes aquí como que... sí, estás en Canadá, pero estás en Quebec. Desgraciadamente, yo me siento así. Ellos han querido conservar tanto su idiosincrasia, que la han hecho overwhelming. Es como una obligación. Entonces, invítame amablemente a amar el francés, a querer aprenderlo y a querer conservarlo como parte de la cultura que estoy viviendo. Pero no me obligues, porque entonces le voy a a hacer rechazo. Y eso es lo que pasa ahora con muchas leyes como la Bill 96¹⁰². (depoimento obtido em maio de 2022)

Uma grande parte dos dois estudos em migração, também na área de Comunicação, discutem questões do racismo e a xenofobia contra imigrantes. Nos relatos dos entrevistados para esta pesquisa, é possível observar uma diversidade de perspectivas sobre o Quebec e o Canada que, por mais que possam parecer diferentes entre si, o certo é que trazem sempre as marcas do lugar de origem, classes sociais, limites e possibilidades à realização do projeto almejado.

Ainda que os estudos em geografia humanista tenham se centrado fundamentalmente no lugar como enraizamento e autenticidade, a geografia crítica, no trabalho de David Harvey, por exemplo, vai revelar um viés reacionário e excludente nessa perspectiva (CRESSWELL, 2014).

Enquanto o lugar significar uma conexão estreita e relativamente imóvel entre um grupo de pessoas e um local, ele estará constantemente implicado na construção de 'nós' (pessoas que pertencem a um lugar) e 'eles' (pessoas que não pertencem). Desta forma, os *outsiders* são construídos (CRESSWELL, 2014, p. 39).

Contudo, um “*outsider*” não se define automaticamente pelo fato de ser um migrante. Como vimos, os mecanismos de exclusão/inclusão dos outros e o reconhecimento dos iguais, se dá através de múltiplas condições. O conhecimento da cultura, o domínio das línguas, o nível educacional, a cor da pele, a orientação sexual ou a inserção em uma rede migratória são fatores que podem fazer toda diferença na forma em que alguns imigrantes se integram ao novo lugar diferentemente de outros. Todavia, esse processo não tem lugar num sentido só (dos nativos para os estrangeiros), pois cada sujeito é capaz de construir também suas próprias formas de pertencimento e afastamento. Essas relações com certos lugares, enquanto marcadas pela construção processual de

¹⁰² Mais informação em: <https://www.cbc.ca/news/canada/montreal/bill-96-explained-1.6460764>

uma heterotopia, tem a ver com as condições de acolhida, o acesso, ou bem os limites que impõem outros lugares ao sujeito.

(Eric) Como yo siempre he sido un hambriento de información, mi expectativa no era tan alejada de la realidad que ha sido el mundo. Yo lo que nunca pensé que iba a terminar en Quebec, porque yo estaba en New York, hablaba inglés. El problema con el francés es que no me gusta, y tiendo a hacerle rechazo. Y como viene asociado a esa cultura que no me identifico, pues tampoco estoy motivado a incorporarlo por placer, es más por necesidad. El inglés es diferente, no era una obligación.

Me encanta Canadá... abiertos, inclusivos, multicultural, educados, respetuosos... pero Quebec no me sirve. No es ni mala ni buena... no es Canadá, es Quebec. Yo viví en Toronto, y no tiene nada que ver con esto aquí. En Quebec hay un profundo sentimiento nacionalista que tiende a excluir al diferente. Montreal tiende más a la integración, se le ha ido de las manos a Quebec. En Toronto no hay ese sentido de que “nosotros somos torontians y tú no” ... pero aquí sí hay eso de “nosotros somos los quebecos reales y tu no”. En Toronto todo el mundo pertenece, es como New York, todo el mundo que llega es newyorker. (depoimento obtido em agosto de 2020)

(Rolando, el yuma) Bueno, con los cubanos de Miami no me llevo muy bien porque son muy especuladores, infladores, se llenan de oro, metiendo mentira que están bien en Estados Unidos y lo que están es empeñados, deben todo. (Con) los de Montreal me llevo bien porque muchos son personas educadas, el sistema de vida en Canadá y en Quebec es distinto al mundo, incluso personas que vienen violentas de otro lado aquí cambian porque el sistema te obliga a cambiar. Yo cuando llegué aquí echaba malas palabras por todo... (DICE ALGUNAS) ... ya no, ya no digo malas palabras.

Ya yo tengo una educación que no te imaginas... porque cada vez que hablo con una persona se expresa bien, entonces no te obliga a salir de tus límites... con el tiempo se va borrando toda esa huella mala que tenías. Con la educación, el respeto y la amabilidad que tienen aquí, como aquello se va olvidando y tu no lo recuerdas. Si ellos me tratan bien, por qué tengo que hablarles mal? Yo hablo con los amigos míos y me dicen... “compadre qué te dieron a ti en Canadá?” ... RISAS... yo aquí no me meto en problemas, si la gente aquí no da problema... todo es...” excuse-moi... sorry, sorry... Es muy distinto, yo he cambiado, esto cambia a la persona...

Aquí yo me llevo con unos 30 o 40 cubanos, son de varios lugares de Cuba... ellos me han ayudado en todo, hasta para pagar a la abogada para la visa humanitaria... me dan de todo gratis, comida, ropa... yo me gané eso... me compensa mucho la soledad. Yo no hablo francés, nada, me impide cosas sí ... me hace falta profesionalmente sí, pero en el diario no... lo que yo quiera lo resuelvo... mis mistades me ayudan para hablar francés cuando necesito... y hasta el médico aquí me lo ponen en español. (depoimento obtido em maio de 2022)

Para Assmann (2011), a ligação fixa e duradoura com as histórias de família é o que dota determinados locais de uma força de memória especial. Mas a temporalidade desses lugares de gerações ou de família é interrompida às vezes pela densidade das mobilidades atuais.

Formas de vida moderna não permitem mais determinações fechadas como essas, que vinculam as pessoas a uma determinada porção de terra. Se a tenacidade dos

antigos moradores opõe resistência às exigências da mobilidade moderna, então não se pode mais tolerá-la (ASSMANN, 2011, p.320).

Assim, a duração das relações com um lugar se reduz cada vez mais, assim como a permanência definitiva dos sujeitos nele. Aquela linha continua intergeracional que faz de uma mesma terra “berço” e “túmulo”, e que serve de trincheira para o habitante vindo de uma terra estrangeira (ASSMAN, 2011), se vê transformada pela capacidade de circulação na era moderna.

São muitos os motivos que impulsionam a migração. Nos relatos dos entrevistados, é possível perceber como esse projeto se torna uma solução óbvia e imediata diante das dificuldades da vida cotidiana em Cuba; e como essa decisão é percebida às vezes também como um despertar da consciência. Seja como um projeto naturalizado e traspassado intergeracional e culturalmente, ou mesmo na descoberta da experiência, a decisão de emigrar vem reforçar uma expectativa generalizada, uma ideia de futuro socialmente validada e almejada entre muitos cubanos. Eva me conta que quando se formou na Licenciatura em Bioquímica na Universidade de Havana e começou a trabalhar como investigadora na pesquisa em engenharia molecular sobre o câncer, os 300 pesos cubanos (15 dólares na época) que ganhava de salário no mês não davam nem para sua própria manutenção.

(Eva) Yo vivía con el que era mi novio, en una casa que él heredó de alguien. Pero al final nada de eso era mío. Yo no tenía nada. El día de mañana se acaba todo y ya... para dónde voy yo? Me di cuenta de que me tenía que ir de Cuba, porque era insostenible ese nivel de vida en Cuba... no... era insostenible. Me acuerdo bien el día que pensé eso.... estaba pidiendo botella en un semáforo... iba para el trabajo... y pasé por una tienda donde vendían colchones. Yo estaba cansada... no pasaba nada, ningún carro... tremendo sol... caminando. Cuando veo el precio del colchón pensé...yo trabajando, ahorrando un año, no me puedo comprar eso... eran como 2 600 dólares. Y entonces ahí me di cuenta de que me tenía que ir... esa es mi solución. Imagínate que mis padres me ayudaban, todavía me mandaban dinero para yo vivir en la Habana porque mi salario no daba para nada. Yo decía...con 27 años... que mis padres todavía me tenían que dar dinero cada mes, pero por qué? Si yo quiero trabajar y quiero ser completamente independiente? Era imposible.

Yo tenía claro que quería irme de Cuba... pero lo que si siempre supe que no quería correr riesgos. Si me iba a ir de Cuba, era porque ya conocía a alguien, iba a llegar a un lugar y tener una entrada económica, trabajar, tener un proceso de inmigración que me podía asegurar hacerme residente. Yo encuentro muy duro ... no critico ni cuestiono a nadie porque todo el mundo no tiene las mismas posibilidades.... pero hay que tener mucho coraje para irse para un lugar donde no se si pueda tener un status, ni encontrar trabajo... lo voy a vender todo aquí y me voy por ahí para allá y a ver si me muero o lo que sea. Así no.

Pero yo no tenía muchas expectativas. Yo decía, tiene que ser mejor que esto. Bueno... yo no conozco otra realidad...pero no puede ser que yo para llegar a mi trabajo tenga que estar do horas bajo el sol pidiendo botella... no puede ser. Entonces con esas expectativas tan bajas RISAS... llegar aquí fue como WOW... claro que superó mis expectativas...en cosas tan básicas como llegar a la parada del autobús y saber a qué hora viene tu autobús, y que llegue a esa hora. Todo funciona. (depoimento obtido em maio de 2022)

(Abel)... una tortura Cuba... en el sentido de la opresión, la falta de libertades. Nosotros no vivíamos mal económicamente en Cuba. Era la opresión espiritual. De no poder decir lo que tu piensas, no poder expresarte, sencillamente eso. Tú lo sabes... en Cuba es imposible trabajar para el gobierno y decir que Fidel fue un tirano, un dictador, que provocó cientos de miles de muertes en Cuba. Eso no se puede decir. Pierdes el trabajo y vas preso. (depoimento obtido em maio de 2022)

Todo o fenômeno da migração cubana, e como ele constitui a vida política na ilha, é ligado a essa mistura entre a precariedade econômica permanente e o contexto de limitações democráticas. De forma consciente ou inconsciente, estes aspectos aparecem nos relatos, ainda que alguns dos entrevistados insistam em reforçar que não saíram de Cuba “por problemas políticos” (Ale, Félix, Rolando, Roberto). Essa é uma forma de proteção incorporada no discurso aprendido na ilha. Para eles “a política” refere-se a ações de oposição que ativistas e grupos opositores ao governo tem desenvolvido historicamente e que tem custado a eles, e ainda custa, a cadeia e o exílio. É interessante observar como os enquadramentos sobre posturas políticas a respeito do sistema de governo cubano se justapõem nos relatos, se contradizem, se contornam. Em todo caso, aparece na história um ponto de viragem do qual não é possível fugir: a ideia de sair de Cuba, latente, vai tomando forma na cotidianidade.

(Félix) Cuando yo terminé la escuela preuniversitaria fue un año terrible porque ya empezaba el periodo especial¹⁰³... ya casi 1990. Me mandaron a cortar caña... y yo no estaba acostumbrado al trabajo agrícola. Fue algo terrible... terrible... terrible...viví momentos de acoso por parte de los jefes porque no cumplía la norma, me prometieron ir a trabajar para una oficina y me mintieron. Trabajábamos los 7 días de la semana y los domingos hasta el mediodía y la tarde era para lavar la ropa. Íbamos a la casa cada 6 meses. Las comunicaciones en esa época eran de un teléfono de maniqueta por el que tu llamabas y le decías a una operadora “ponme con Holguín... con Banes”, y ahí a esperar... eran como 3 horas para comunicarme con mi mamá.

Al final, después de 2 años de zafra¹⁰⁴, pude entrar a estudiar la carrera de medicina en mi provincia. Y ahí empezó el dolor... muchos problemas. (...) Era pleno periodo especial, no había ropa, no había zapatos, no había alimentos, nos dieron 2 batas de uniforme al principio,

¹⁰³ O governo cubano se referiu sempre à crise econômica de 1990 em Cuba como “período especial”.

¹⁰⁴ Refere-se às grandes campanhas de produção de cana de açúcar que era na época uma fonte econômica importante no país. Toda a população era obrigada a participar e trabalhar durante algum tempo em estas mobilizações.

y nos volvieron a dar casi finalizando del último año. Las batas ya eran transparentes, los pantalones tenían remiendos en las nalgas. Llegué a usar zapatos de papier maché... porque no había zapatos, no había nada. Entonces, para no andar descalzos, nosotros fabricábamos los zapatos... cortábamos el papel periódico en tiras y los juntábamos con pegamento y hacíamos zapatos... y los pintábamos con tinta de baterías de camión... si llovía no se podía salir porque te quedabas descalzo... fueron momentos críticos, críticos... de estudiar 40 personas con un solo libro de texto.

Los hospitales estaban en una quiebra total, no había medicamentos, ni nada...no había ropa de cama en los hospitales, la situación era pobre, pobre, pobre. Mi formación estaba afectada, porque ya mis preferencias por la medicina, el amor que sentía por la carrera antes, ya estaba cambiando. Estaba estudiando medicina porque me gustaba, pero sabía que no era la carrera que me iba a dar a mí un futuro. Mi mamá ya me decía que me pusiera a estudiar idiomas... que en vez de irme para la discoteca, que estudiara inglés o francés, y que buscara la forma de irme del país... "esto va a traer un futuro negro".

Yo me gradué en 1996 y me fui a hacer el servicio militar a las montañas, no había transporte, tenía que caminar kilómetros y kilómetros a pie, aquello era una pobreza extrema. Mi deseo de irme se agudizó... le dije a mi mamá que estaba pensando en colgar la bata... ella nunca me peleó, siempre fue una persona que me incitó. (depoimento obtido em agosto de 2020)

Certamente, o contexto de Cuba se articula também com o panorama de transformações das temporalidades e espacialidades que mencionava Foucault nos anos 1960, quando falava em heterotopias. Milton Santos (2006) vai dizer que antigamente o sujeito estava submetido a uma convivência repetitiva com os mesmos objetos, trajetos e imagens, de cuja construção participava, então essa familiaridade com o entorno vital era fruto de sua própria história como sujeito ativo.

Hoje, a mobilidade se tornou praticamente uma regra. O movimento se sobrepõe ao repouso. A circulação é mais criadora que a produção. Os homens mudam de lugar, como turistas ou como imigrantes. Mas também os produtos, as mercadorias, as imagens, as ideias. Tudo voa. Daí a ideia de *desterritorialização*. Desterritorialização é, frequentemente, uma outra palavra para significar estranhamento, que é, também, desculturização. (...) Quando o homem se defronta com um espaço que não ajudou a criar, cuja história desconhece, cuja memória lhe é estranha, esse lugar é a sede de uma vigorosa alienação. Mas, num mundo do movimento, a realidade e a noção de residência (Husserl, Heidegger, Sartre) do homem não se esvaem. O homem mora talvez menos, ou mora muito menos tempo, mas ele mora: mesmo que ele seja desempregado ou migrante. A "residência", o lugar de trabalho, por mais breve que sejam, são quadros de vida que têm peso na produção do homem. (SANTOS, 2006, p. 222-223)

As noções de transitoriedade, moradia, residência, desterritorialização indicam justamente relações heterotópicas com certos lugares na migração. Hoje podemos falar também em reterritorializações. Se entendemos o território como o espaço moldado através de relações de poder, envolvendo o controle da acessibilidade a uma área, é possível questionar a

desterritorialização. Para Johson (2013) não estamos perdendo nossos territórios, mas vivenciando uma complexificação de um processo de reterritorialização múltiplo e multiterritorial. Assim, mais do que a desterritorialização que desenraiza, vemos surgir um processo de reterritorialização espacialmente descontínuo e complexo. As histórias dos migrantes que encontramos em Montreal ilustram essa mobilidade por vários países, cidades, fronteiras, o choque com o lugar novo do “fora” e as múltiplas formas que podem tomar essas saídas, trajetos e retornos, possíveis ou não.

A questão do retorno está sempre presente na vida dos migrantes, mas são muitos os modos em que aparece impregnada nos relatos. Em todo caso, é uma ideia que os obriga a pensar sobre a própria história e o processo de subjetivação que decorre da experiência migratória. Seria possível realmente retornar a Cuba? Quando? Por quê? Aonde retornar, a qual casa, qual família, qual bairro? Regressar de forma temporária ou permanente? Será que ainda existe algo permanente? Durante muito tempo, a migração cubana foi uma viagem sem retorno, já que os migrantes eram expulsos de suas próprias casas, vilipendiados pelos próprios vizinhos e colegas, privados de suas possessões materiais e direitos no país. Com o passar do tempo, isso muda em alguma medida, e hoje é possível pensar por si mesmo nas possibilidades que se abrem na circularidade ou possível retorno.

(Celia) Yo llegué en 2014 pero me fui a Cuba en 2015, después de la separación con mi esposo... estuve como 8 meses por allá... y no quería regresar. La tarjeta de mi residencia supuestamente le había llegado al buzón de correo a mi marido y nunca me la dio. Lo que yo tenía era la confirmación de la residencia. (...) Yo me fui pa' Cuba sin nada... me dije... “ya, me voy a ir y ya” ... las cosas me estaban yendo mal.

Me quedé sin trabajo...yo estaba viviendo alquilada en una habitación y lo que ganaba no me alcanzaba para vivir ... mi tía de España me mandó un dinero para pagar la renta ese mes... pero no conseguí nada, entonces me compré mi pasaje de avión y me fui. Dejé lo que tenía para donación, me fui casi son dinero para Cuba. Y mi familia... es la familia... siempre te recibe aunque no tengas nada. Esos 8 meses no tenía dinero, y la pase tan bien... como nunca. Pero un enamorado que tenía por allá me dijo ... “no, usted se va para allá, te vas, porque esto aquí está muy malo”. Ese tiempo lo pasé riquísimo con mi familia. Salía con mis amistades... la pasé tan rico, ay que rico, como extraño eso. Pero yo siento que de verdad tenía que regresar. (depoimento obtido em agosto de 2020)

(Daniel) Nosotros vinimos sabiendo que íbamos a regresar cuando quisiéramos. La gente se demora aquí años para regresar por primera vez. Nosotros llegamos en marzo y unos meses después ya estábamos de visita en Cuba, íbamos una o dos veces al año. Continuaba siendo una situación bastante privilegiada, diferente de los demás... tomó algunos años para que estuviéramos al mismo nivel todos, los amigos cubanos que tenemos aquí que son

profesionales. La gente que era de esa área profesional (TI, como su esposa) sabía que iba a ganar muy bien aquí también, lo que pasa es que les tomó un tiempo para alcanzar esa ventaja que nosotros teníamos, que nos habían dado nuestros padres.

Nosotros queríamos tratar de vivir aquí lo más insertado posible, relacionándote con gente que es de aquí, familiarizarte con la música de aquí, la comida de aquí... nunca fuimos de esta gente que se quedaba siguiendo las noticias de Cuba, yo ni los deportes seguí más, que me gustaba.

Mis amigos siempre me criticaban y me tildaban de apátrida... esto es serio. Es algo feo que alguien que desconecte así de su propio país... cómo es posible que alguien pueda hacer una desconexión así del país donde nació y vivió más de 20 años de su vida... así. Eso yo me lo propuse y así lo hicimos, no me arrepiento. Tal vez de otra forma hubiese sido más lindo, menos conflictivo.... la gente siempre ha criticado. Claro que a ellos les compensa más como uno sea como persona... pero sí que dicen de nosotros ... “bueno, esta gente está un poco desconectada”. (depoimento obtido em maio de 2022)

O retorno de Celia a Cuba durante alguns meses foi uma solução para uma difícil situação que viveu: sua casa e sua família eram o lugar seguro para onde pensou poder retornar quando ficou sozinha em Montreal, mas essa casa ficava no país onde ela não queria morar, e novamente teve que escolher sair. Essa dupla saída de Cuba aconteceu também com Rolando, quando ele morou em Cuba dois anos logo depois de algumas dificuldades nos Estados Unidos, para logo ir para o Canadá. Roberto também ficou em Cuba uns meses após a morte de seu pai, outros dois entrevistados também fizeram o mesmo por causas familiares e de saúde. Essa contradição entre o lar familiar de origem como lugar de referência do migrante quando atravessa situações extremas vai entrar em contradição com a negação irreduzível de voltar a habitar uma nação que perdeu talvez algumas nuances do sentido de “terra mãe”. É no intuito de lidar com esse conflito que heterotopias podem emergir, como espaços outros que habilitam uma forma de vida híbrida.

Por outra parte, Daniel (assim como outros amigos de seu grupo) assume a migração como corte. Isso tem a ver com suas condições privilegiadas de vida e de inserção na sociedade de destino, mas também com a ausência de laços familiares fortes em Cuba. Se para alguns imigrantes o conflito emocional com a Pátria vem do interior e de suas contradições, para Daniel isto se dá com outros cubanos de sua comunidade que exigem dele um maior engajamento com o país natal. Quando lhe pergunto se alguma vez pensou retornar a Cuba, ele responde rapidamente abrindo os olhos: “*No!*”.

(Daniel) Yo obviamente quisiera que la situación allá mejorara que retomara el camino que yo pensé que estábamos tomando cuando había más apertura, cuando se retomaron las relaciones con Estados Unidos ... yo dije... ahora sí! Yo sé la influencia que tiene el acceso a la información, la comunicación, pensé que cuando empezara a haber información allá y la competencia de otras compañías, inevitablemente se va a tumbar el sistema ese

antidemocrático que hay allá, y va a resurgir otra cosa. Ahora el escenario es completamente diferente. Yo creo que con una transformación económica las cosas podían cambiar, claro. Pero no necesariamente eso significa un bien social. Siempre me preocupo el problema de la redistribución. Pero ahora el escenario es completamente diferente. Ahora sí lo veo más a partir del enfrentamiento social, que la gente se levante y se canse de bajar la cabeza.

La parte controversial que ellos (los amigos) nos entienden... mi entono, mi coyuntura. Yo no dejé atrás una familia que no tenía que comer, nunca tuve problemas con la libertad de expresión. Todos esos problemas que ellos tienen, y sus familiares, que ellos vivieron muy de cerca. Entonces le resto importancia a eso... lo cual es grave, lo reconozco, porque aunque tú no lo hayas vivido, hay que tener los ojos lo suficientemente abiertos para saber que existe, y que es grave y que es un problema serio. Y que debería ser más activo y ser un poco menos indiferente... y esa indiferencia mía y de mi esposa ha sido juzgada... muchas veces porque no entienden lo que hay detrás de eso... y también esa idea de conscientemente nosotros desconectar el tema Cuba. No solo político, sino todo... arroz y frijoles... (depoimento obtido em maio de 2022)

O “arroz e feijão”, que Daniel distingue do que ele considera a “política” do sistema cubano, se traduz nesses laços culturais com o lugar de origem através da comida cotidiana na casa de família. Se os clientes do restaurante de Ale procuram ali sempre esse prato de comida cubana que os faz sentir um pouco mais perto de casa, Daniel tenta se afastar dessas referências que o “atam” a uma realidade que poderia limitar sua integração no lugar novo. É nesse sentido que Olívia falava quando se referia a “viver à cubana”, ou seja, reproduzindo formas de vida que entram em contradição com as mudanças que vivem os imigrantes no novo entorno. Ela me conta que seu objetivo é manter a “estabilidade” de seu trabalho, um bom salário, e conseguir fazer o que não podia fazer em Cuba, viajar, sair de férias com a família.

(Olívia) Ese tipo de cosas que en Cuba no lo tenemos en la cabeza porque disfrutar la vida no forma parte de tus prioridades. En Cuba todo lo importante es siempre “sacrificarse lo más posible” RISAS, TONO SATIRA. Esa es la cultura. Ahí lo más importante es el sacrificio que tú le pongas a la vida. Aquí no, aquí lo más importante es trabajar para tu disfrutar la vida. Entonces eso es parte también de integrarse culturalmente.

Mis abuelos yo me ocupo de que tengan que comer y ya... no puedo romperme la cabeza con lo demás. Quizás yo sea un poco diferente en eso a los demás.... en el sentido de que la gente se va y le queda eso de que.... si aquello estuviera bueno volvieran para Cuba. Yo no, yo me fui y me fui. Yo me fui! Me interesa lo que va a pasar en las elecciones aquí, lo que dice el del partido de aquí, lo que influye en mi vida aquí.

Yo no estoy pensando en que si la gente se va a montar en una lancha y llevar cosas para Cuba, para que la gente se levante, y todo aquello del 11 de julio. Yo sé lo que pasa, y me duele lo que le pasa a la gente porque son personas, pero no lo veo como una posibilidad para mí regresar. Me gustaría que en Cuba hubiera otras condiciones, pero para mí nada de allá sirve. Eso es un sistema que no funciona para nada, solo que tienen a mi familia de rehén, y yo les tengo que mandar comida y dinero para que no se mueran de hambre.

Ela insiste, “fui embora e fui”. Repete para ela para mim. Como se fosse preciso lembrar disso a cada momento, convencer ao mundo, para seguir adiante nessa “nova vida”. Ainda que o retorno efetivo não apareça como possibilidade, e apesar do corte consciente com o país de origem, ela me conta sobre suas responsabilidades com a família que fica lá, sobre a época em que teve que viajar a Cuba para buscar ajuda na saúde, sobre seus amigos todos em Montreal, que são cubanos. Seu esposo, por exemplo, permanece muito mais conectado ao acontece na ilha, me disse.

Nesse processo de “integração” dos imigrantes, que pode tomar múltiplas formas, “o novo meio ambiente opera como uma espécie de detonador” de novas relações culturais e territoriais, que são transformadas em paralelo e que mudam também o sujeito em sua busca por recuperar a parte de seu ser que parecia perdida no deslocamento (SANTOS, 2006, p. 223).

Em que medida a "territorialidade longa" seria mais importante que a "efemeridade"? A memória coletiva é apontada como um cimento indispensável à sobrevivência das sociedades, o elemento de coesão garantidor da permanência e da elaboração do futuro. Essa tese ganhou tal força que hoje, diante de uma sociedade e uma cultura em perpétua agitação, a cultura do movimento é apontada como o dado essencial da desagregação e da anomia. (SANTOS, 2006, p. 223).

Essa dialética entre a memória cultural ancorada num lugar e as mobilidades como rupturas da coesão social não implica necessariamente uma eliminação de formas de agir em coletivo. No caso dessa pesquisa, por exemplo, a contínua desagregação da sociedade cubana por meio da migração viabiliza novas formas de articulação e coletivização em redes transnacionais. Essas mudanças nas formas de se relacionar com os espaços, ligadas ao processo migratório, chegam a permitir também novas possibilidades de subjetivação política. A subjetivação se caracteriza, nos estudos de Foucault (1994, 2019), a partir dos procedimentos por meio dos quais um indivíduo se “apropria de si”, transformando-se em sujeito de suas próprias práticas e construindo a si mesmo a partir de uma perspectiva ética que busca distanciar-se das regulações e normatividades do Estado. A subjetivação política desfaz de forma contínua a tendência das forças organizacionais a cristalizarem-se na forma de um sujeito normatizado. Ela desfaz todo sujeito possível da política que pretenda ser verificado como “válido”, segundo regras e parâmetros que enxergam apenas um certo quadro de legitimidade.

Quando falamos sobre Cuba, os migrantes entrevistados em Montreal tentam redescobrir seus próprios sentidos de pertença, definir ou justificar posicionamentos. Não é tarefa fácil, e nem sempre é evidente isso para eles. Não se trata de um estado permanente da consciência, pois a própria transformação no tempo traz nuances diferenciadas dessa experiência. No relato de Eva

aparecem esses questionamentos e as marcas de uma mudança na perspectiva sobre Cuba e sua realidade como imigrante, que implica também a criação de uma nova família nesse novo lugar, laços filiais que redefinem esses pertencimentos, como menciona também Olívia, Abel, entre outros. Félix se refere por sua parte a um sentimento de tristeza que está ligado já não a sua realidade individual, mas aos outros que “ficaram” lá. Em todo caso, seja na saudade, na indiferença ou a dor, esses sentimentos expressam relações espaciais marcadas pelos afetos como força de subjetivação política.

(Eva) No. La parte romántica de mí le encantaría regresar a Cuba a vivir como yo estoy viviendo ahora, sentada en la cocina de mi casa en Canadá. Eso no va a suceder, porque desde que se caiga el comunismo a que yo pueda hacer allá esto mismo que estoy haciendo aquí... yo no voy a tener vida para eso. Entonces, decirte que me gustaría regresar a vivir a Cuba es una utopía. Me encantaría porque ese es mi país, yo crecí ahí. A mí me encantaría coger a mi hija de la mano y enseñarle el lugar donde yo nací, donde yo crecí, donde yo jugué. Pero no lo puedo hacer, porque eso acarrea una cantidad de problemas... ir a Cuba, pasar trabajo, el transporte, un niño chiquito, a la preocupación.

(...) Extraño mi familia, sí. El tema de extrañar es como ... qué es lo que todavía no te ha hecho sentir aquí lo que sentías allá? Porque... al final tú extrañas qué? No, no, yo me siento super bien aquí, me gusta donde vivo, estoy feliz con la vida que hemos hecho, el lugar que hemos escogido para vivir. Porque al final este es el lugar que decidimos. (...)

Mi vida está aquí en Canadá. Yo soy canadiense. Y cuando me den la ciudadanía voy a estar muy feliz y orgullosa, porque nos hemos sacrificado muchísimo y hemos luchado muchísimo por esto que tenemos aquí. Entonces no voy a perder mis energías de construir aquí mi vida y después regresarme a Cuba a vivir, aunque se caiga todo. Ya yo dejé de ser.... (PAUSA PENSATIVA) ... soy cubana... me siento cubana, pero.... es complicado. (depoimento obtido em maio de 2022)

É nessa vivência que as espacialidades e as linguagens se configuram como matéria política da subjetividade. Edward Said fala sobre essa experiência multisituada que constitui o sujeito em movimento em movimento.

Junto com a linguagem, é a geografia -especialmente em suas formas deslocadas de partidas, chegadas, despedidas, exílios, nostalgias, saudades, o sentimento de pertencimento e a própria viagem- o que forma o cerne de minhas memórias daqueles primeiros anos. Todos os lugares onde morei - Jerusalém, Cairo, Líbano e Estados Unidos - possuem uma complexa e densa rede de valências que tem constituído parte muito importante do meu processo de crescimento, de assunção de minha identidade e formação de minha consciência de “eu” e os outros. (SAID, 2001, p.14).

(Eva) Me preguntaron una vez que si yo le iba a enseñar español a mi hija. Claro, por supuesto, ella es hija de cubanos. Y me dijo... “pero ella es cubana”. No, no, mi hija no es cubana, mi hija es canadiense, es quebeca. Ella es hija de cubanos pero esa no es su cultura, no son sus

símbolos patrios, esa no es su mentalidad. Ella va a crecer aquí. Ahora... claro... ella habla español porque sus padres son cubanos, y muy orgullosos de eso, por supuesto, de sus raíces. Sus abuelos viven allá, sus primos...

Ya pensar en Cuba me da mucha tristeza... últimamente... mucha decepción. Porque el problema es que utópicamente quieres ayudar a la gente a que se libere allá, pero la gente a veces no se quiere liberar. La gente no se quiere quitar la bota de la cabeza. Que lo entiendo perfectamente, porque tú tienes que preocuparte primero por comer, y después lo demás, y tienes muchos problemas en la cabeza. Pero entonces es lento, muy lento. Uno se decepciona por el camino. Yo me siento triste, y como que desalentada. No veo la luz al final del túnel. (depoimento obtido em maio de 2022)

(Félix) Una pesadilla. Regresar... una pesadilla. Jamás. Porque el futuro de Cuba es incierto. Cuánta gente no fue presa por tener dólares? Y hoy están pidiendo que todo sea por dólares. El que era antes religioso iba preso, pero hoy los testigos de Jehová pueden reunirse. La política cubana es una cosa muy variable... no sabes si puedes comprar una casa o no... o si estas en el país y el día de mañana hacen algo que no puedes salir y ya te quedaste ahí adentro. Creo que esa es una de mis peores pesadillas... que voy a Cuba y no me dejan salir, me despierto llorando.

Yo lo que siento es dolor por Cuba, no odio. Porque al final nadie puede quitar tus raíces. Aunque tú quieras volar, te salen las características de que eres cubano... entonces tú tienes dolor por el que vive allí... porque sabes que está sufriendo... quisieras que tuviera la vida diferente a como la viven...

Me da mucha tristeza porque quisiera compartir las pocas cosas que tengo con la gente que tengo allá. Me gusta hacer cosas por la gente. Quisiera tener mucho dinero para poder hacer más cosas por la gente allá. Tengo un amigo que tiene un niño con parálisis cerebral en una cama, un niño lindísimo, que no tienen ni silla de ruedas ni coche. En eso ando ahora... consiguiendo una silla de ruedas y un coche que se adapte al niño, voy a ver si puedo resolver eso. Esas son las cosas que me deprimen, que me dan tristeza. (depoimento obtido em agosto de 2020)

Da tristeza à solidariedade, até o pesadelo, a desesperança e apatia, os vínculos com a Pátria se redefinem outramente na contradição, na heterogeneidade e na diferença. Uma heterotopia que inaugura uma nova ordem espaço-temporal na migração. Não há formas fixas nem definidas, não há maneira de classificar essa experiência nos quadros jurídicos e estatísticos, nos discursos políticos que tentam “localizar” os imigrantes em um lugar ou outro. Então é assim que a heterotopia abre brechas possíveis nos mecanismos de gerência das populações no território. Ela não é um lugar definido, não é permanente, não é homogênea, não é classificável.

Certamente não há uma única cultura no mundo que não constitua heterotopias. Esta é uma constante de qualquer grupo humano. Mas as heterotopias obviamente assumem formas muito variadas, e talvez não encontremos uma única forma de heterotopia que seja absolutamente universal. (FOUCAULT, 2004, p.15, tradução nossa)

Para Roberto, quase 15 anos depois de ter emigrado, a Pátria é ainda um conceito indefinido, inapreensível. Ele fala de Cuba como “estar dentro”, e de sua vida migrante como uma “escravidão”. “Yo vivo Cuba en Canadá”, me disse. Para Ale, por outro lado, Cuba é sua família, sua mãe de 90 anos, a casa da roça onde ele cresceu, a viagem de férias do ano. Para ele, a outra Pátria, a possível, viria através de uma “mudança” no sistema da ilha que há tempo ele deixou de aguardar.

(Roberto) Yo me identifico mucho con mi país, aun estando lejos, siempre lo llevo, yo creo que mi vida es... “vivo Cuba en Canadá” ... y no es bueno eso... no es bueno porque nunca te insertas en el sistema aquí... nunca... estas viviendo... (SILENCIO LARGO). Yo cuando estaba adentro tenía un punto de vista diferente pero después que salí, vi muchas realidades... Yo solo estoy en este país por un problema económico, por ayudar un poco a mi familia, vivir una mejor vida... entre comillas... porque eres un esclavo, todos los días tienes que trabajar para poder comer, trabajar sin parar, es trabaja trabaja y trabaja... sin parar. Y cuando llega el invierno es todo el tiempo trancao... y gracias a todas esas cosas... el deporte, las noticias, que interactúo con algún amigo que no tenemos puntos de vista iguales pero bueno...

Yo prácticamente no hablo de ese tema con ellos (su familia) ... eso me lo guardo para mí. Ellos sí saben lo cara que es la vida aquí, cuánto valen las cosas, lo duro que son los trabajos aquí, cuántas horas tienes que trabajar para pagar las cosas aquí. Yo sí digo las cosas como son, le digo a todo el mundo allá como es la vida aquí, para que vas a estar engañando a la gente, engañándote a ti mismo. El objetivo de los cubanos es que te lleves la opinión de que ellos están bien, quieren vivir la vida.... que la gente piense que el sueño con el que salió fue cumplido, y más de la mitad de nosotros no lo ha cumplido. No lo dmiten por un problema de orgullo. (...) Eu sempre penso em Cuba... isso não se perde na imigração. Você está aqui neste país, mas nunca estás longe de teu país... e isso é um erro... por uma parte é positiva, mas por outra não. (depoimento obtido em agosto de 2020)

(Ale) No, no creo que vaya a cambiar, y no me voy a ir... voy de visita mientras mi mamá este ahí. Y cuando ella no esté, saco a todo el mundo de ahí. Se va a deteriorar demasiado y ya no va a haber qué arreglar ahí, si siguen pasando años. A Cuba entro como turista.... yo perdí mi residencia en Cuba. No me he repatriado. Pero sí tengo que mantener mi pasaporte... que ahora cuesta 330 dólares... entro como turista pero no puedo entrar sin pasaporte cubano. Yo no le veo las esperanzas. No me interesa que sea capitalista ni socialista... no me interesa ese tema... me interesa que la gente que trabaja vea el resultado de su trabajo y pueda decir... “no voy a preocuparme por un plato de comida”. Eso es lo que me duele... cuando tienes una vieja de 90 años que alimentar. Gracias a Dios mis hermanos se preocupan y hacen todo lo que tengan que hacer.

Pero desgraciadamente no creo que vaya a cambiar. Hay demasiada gente que no le gusta trabajar y que quiere que eso se mantenga, y van a luchar porque no quieren que se caiga...

*porque viven de eso, no trabajan y viven en tremenda casa de alguien que las sudó... con tres carros y una tarjeta que no pagan*¹⁰⁵. (depoimento obtido em maio de 2022)

O desenraizamento, tal como o entendia Simone Weil, está ligado ao impedimento de “participação real, ativa e natural numa coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro” (2001, p. 411). Essa autora refere-se ao desenraizamento como uma experiência de humilhação ligada ao fato de um sujeito perder seu valor por não alcançar um status legítimo que o considere como membro digno de pertencer a um dado grupo. Ela reflete sobre o universo das fábricas e indústrias, afirmando que um trabalhador terceirizado pode ser facilmente dispensado, pois ele trabalha na fábrica, mas ainda não foi plenamente admitido. Esse estatuto liminar promove o desenraizamento como precarização da vida e amplificação de uma máquina de morte social, simbólica e, às vezes, física.

Assim como Ale, milhares de migrantes têm perdido seus direitos como residentes cubanos, por causa de leis que estabelecem um retorno obrigado à ilha em um tempo determinado, antigamente 11 meses e depois da reforma de 2013, 24 meses. No entanto, o governo da ilha exige aos emigrados um passaporte cubano válido para entrar e sair do país, inclusive quando esses direitos de residência são retirados. Virar “turista” no país natal, como disse Ale, é certamente uma dessas formas em que a Pátria vai se tornando um lugar estranho, e paradoxalmente sempre presente.

Como parte da reforma migratória cubana de 2013, o governo autoriza o que chamou de “processo de repatriação” dos emigrados que houvessem perdido os direitos de residência por permanecerem fora da ilha mais tempo do que autorizado pela lei. A maioria dos emigrados nessa situação seriam justamente aqueles que saíram do país quando o prazo estabelecido para retornar era de 11 meses, pois se fazia difícil conseguir um o status jurídico e os recursos econômicos necessários para realizar a viagem nesse período. Os tempos administrativos definem assim direitos no lugar que em nada se assemelham às temporalidades da experiência migratória.

(Eric) En Cuba yo tengo a mi mamá, eso, por ella, si tuviera que regresar, lo haría. Pero muchas cosas tendrían que cambiar en Cuba para que yo pudiese sentirme cómodo. Si tuviera

¹⁰⁵ Refere-se a pessoas que ocupam cargos públicos de direção no país e gozam de privilégios “gratuitos” aos quais o povo cubano não tem acesso nem sequer por meio de seu trabalho.

que hacerlo, pudiera insertarme, porque yo sé hacerlo, pero no quiere decir que este satisfecho. Como aquí, yo vivo aquí, pero no quiere decir que este satisfecho aquí.

Yo estoy repatriado, porque me demoré 5 años para regresar a Cuba después que me fui. Mi proceso de residencia en los Estados Unidos se me complicó por una mala orientación. Como yo siempre trato de estar al tanto de los acontecimientos de Cuba, veo que cambian la ley migratoria en 2013... que yo sé que nada nunca es de buena voluntad, yo tengo una profunda desconfianza por el gobierno cubano... no es un odio, no es un resentimiento de esos que la gente tiene, pero si desconfianza...

Bueno... ahí el comenté a mi papá, hasta con miedo, porque habíamos pasado tanto trabajo para salir. Pero él estuvo abierto a eso y me sorprendió... mi papa había cambiado un poco el rechazo más duro que tenía, a ser más flexible... bueno... me dijo, “tú eres cubano, por qué no estar aquí con toda la ley?” ... fui a Cuba y empecé el proceso allá, 100 dólares costó, luego regresé a finalizarlo. Lo principal (motivo) eran mis padres, que estaban ahí, y me preocupaba que mis padres envejecen, y tal vez sea necesario que yo vaya a Cuba para cuidar de mi mama en su vejez, que es la que queda ahí. No la voy a traer aquí a vivir, ella tiene 68 años y esta sociedad para ella es complicada... la dinámica familiar aquí sufre... en Cuba uno se ve todos los días, pero aquí no, no hay tiempo, es diferente. (depoimento obtido em agosto de 2020)

Vários motivos podem influenciar a decisão de optar por esse processo de “repatriação”, como é o caso de Eric e de Abel, dois dos entrevistados nesta pesquisa. Outros, como Ale, continuam sendo “turistas” transnacionais, apesar de ainda existirem laços importantes com o país de origem. Em todo caso, essa é uma opção que vem a significar uma forma de retorno imaginado que permite recuperar talvez algo da dignidade e do direito que foi arrebatado ao sujeito quando deixou sua terra natal.

Re-patriar, como verbo, é voltar a ter pátria, uma que foi tirada e agora é devolvida ao sujeito. Mas, repatriar o quê? O corpo não. Nem sequer aquelas pessoas que optaram por realizar esse processo têm um projeto de vida possível nessa pátria, porque ela é também o lugar do passado, que existe apenas como heterotopia. No fundo, o que eles expressam dessa forma, é uma profunda tristeza e frustração que não vem apenas de um projeto migratório, mas do exílio silencioso de todo um povo. Todavia, a palavra se instala no discurso institucional e burocrático.

Afinal, o exílio não é uma questão de escolha: a pessoa nasce nele e acontece. Mas como o exilado se recusa a ficar à margem de suas feridas, há coisas a aprender. Ele ou ela deve cultivar uma subjetividade escrupulosa (nem indulgente nem mal-humorada). (SAID, 2005, p. 192)

(Abel) Yo tengo residencia en Cuba. Yo hice una repatriación. Yo había perdido mi residencia cuando me quedé en España. Fue por el 2015 o 2016. Me repatrié por varias razones, unas más pragmáticas y otras más sentimentales. Me pareció que es mi derecho, que nunca debí haberlo perdido. Hice un trámite legal para reclamar un derecho que como cubano no debería haber perdido nunca. Perder la residencia de tu país, eso no tiene ningún sentido. Por otro lado, ellos te imponen ahora la regla de regresar a Cuba cada dos años, si no, vuelves a perder

la residencia. Además, lo hice porque queríamos invertir en Cuba. Compramos un apartamento y para poder ponerlo a mi nombre necesitaba ser residente. Es un apartamento para negocio, para alquilarlo. También para la familia. La última vez que fuimos a Cuba nos quedamos ahí 15 días.

(...) Son muchas cosas juntas. A mí me gustaría que Cuba fuera un país diferente, me ira mañana, sin pensarlo mucho. Bueno... tal vez mi mujer, que es la que manda en esta casa... RISAS... me dice que no, pero yo me iría a vivir a Cuba. Mañana. Si Cuba fuera un país con democracia, con libertad, con posibilidades, con decencia, con respeto a la dignidad humana. Pero no es así. Entonces, definitivamente, yo miro a Cuba y la miro con tristeza. Y miro con tristeza a mis amigos y mi familia que esta allá, que están viviendo mal. Y no solo porque no tengan un carro, un par de zapatos... sino viviendo mal porque no puedan decir lo que piensan. Así de fácil, porque no pueden expresarse libremente. (depoimento obtido em maio de 2022)

Essas heterotopias migratórias, a pátria dentre elas, podem ser vistas também como “territórios da alteridade”¹⁰⁶, do outro; na medida em que neles se articulam relatos e ações coletivas de avizinhamento e proximidade que acabam transformando os sujeitos que neles habitam, de forma a possibilitar uma abertura à diferença.

Os territórios da alteridade são objetos privilegiados para compreender a ligação entre tempo e lugar por meio de uma tradição compartilhada por um grupo social que os segrega dos lugares comuns, uma vez que são construídos, consciente ou inconscientemente, tanto pela prática de seu uso quanto do discurso sobre o seu significado. (ALONSO, 2014, pg. 335)

Na tentativa constante por achar “o lugar” para si, os sujeitos mencionam frequentemente alusões à casa, o lar, a família ou a vizinhança, como eixos de referência para se situar no espaço e no tempo. A narrativa compartilhada sobre o restaurante cubano em Montreal assim o indica; mas também a forma como alguns emigrados se “desconectam” da realidade cubana e constroem uma definição de lar em torno da nova família que é ancoragem firme na terra estranha. O lar, assim, vai adquirindo na migração traços heterotópicos do lá (o casal que emigra junto partindo de Cuba, por exemplo) e daqui (os filhos que nascem no país novo). As formas de vida que a heterotopia migratória permite não cessam de lidar com essa diferença que atravessa espaços e gerações que se encontram na matriz comunicacional dessa experiência.

(Abel) Cuando pienso en el futuro, el futuro mío es corto. Ahora sacamos los billetes de avión para ir en fin de año a Miami. Es a corto plazo. La casa es el mejor lugar del mundo, el hogar, la familia. Este es mi hogar ahora.

Yo recuerdo una vez cuando yo estaba en Galicia, España, yo aprovechaba para viajar mucho por Europa porque tenía muchos amigos allá. fui una vez a Alemania, y estaba regresando a

¹⁰⁶ No original em espanhol: *territórios de la otredad*

Oporto, que quedaba a 1h de Vigo, donde yo vivía. Tomé un autobús desde Oporto, y cuando estaba entrando a Vigo sentí una sensación super linda y super comfortable... que estaba llegando a mi casa. Y yo vivía solo, no tenía familia, solo mis amigos. Y ese día ya me di cuenta de que Cuba era una página que estaba pasada. Que ya mi hogar, y el lugar donde yo me sentía bien, ya no era Cuba. Y hoy yo siento eso mismo en Canadá. Es mi casa. Yo llego en un avión hoy a Canadá, ya sea de Miami, ya sea de Cuba, ya sea de España. Y cuando me bajo en el aeropuerto digo: estoy en mi casa. Yo siento que... estoy en mi casa. En Cuba no. Yo llego a Cuba y llego alterado. (depoimento obtido em maio de 2022)

O lugar como *lar*, como a *casa*, poder ser um local de encontro como o restaurante *La Cecilia*, poder a Pátria de origem, o pode ser o novo país ao qual pertence a família que tem se criado. Para muitos, afirma Cresswell (2014), o exemplo mais familiar de lugar e seu significado para as pessoas é a ideia de *lar*; de forma que que a criação de lugares em todas as escalas é vista como a produção de um certo tipo de familiaridade.

O *lar* é um tipo exemplar de lugar onde as pessoas sentem uma sensação de apego e enraizamento. O *lar*, mais do que qualquer outro lugar, é visto como um centro de significado e um campo de cuidado. (...) *Lar* é onde você pode estar acima de si mesmo. Nesse sentido, o *lar* funciona como uma espécie de metáfora para o lugar em geral. (CRESSWELL, 2014, p. 24, tradução nossa)

Contudo, a perspectiva do *lar* como espaço primordial, primeiro mundo que molda a nossa compreensão de todos os espaços externos, é fundamentalmente atrelada à fenomenologia (Bachelard, Heidegger etc.). Nesse viés, “a casa é um espaço íntimo onde a experiência é particularmente intensa”, e dentro dela se arranjam de formas diversas e heterogêneas, uma série de lugares com suas próprias memórias, imaginações e sonhos. (CRESSWELL, 2014, p.24). No contexto da migração, esse sentido do *lar* pode ser temporalmente suspenso ou progressivamente reconfigurado. Por outra parte, visões mais críticas, como a dos estudos feministas, questionam essa corrente da geografia humanista, argumentando que os lares podem ser também locais de trabalhos penosos e abuso. Assim, as discussões sobre o lugar começam a apontar questões políticas, a partir de uma reflexão crítica sobre “como os lugares são socialmente construídos e como essas construções são baseadas em atos de exclusão” (CRESSWELL, 2014, p.26). A comunicação desempenha um papel fundamental nesses processos de ressignificação do lugar em sua dimensão política.

Para Rolando, o sentido de sua identificação com Cuba são os cubanos, “*por tanta situación difícil que están pasando, por su carisma, su humildad, su cariño...*”. Em seguida, ele localiza esses “cubanos” no âmbito da vizinhança do bairro: “*los vecinos son como tu familia. Ellos*

no tienen tu apellido, pero son ellos quienes te ven todos los días”. Sua “nostalgia”, como ele bem a identifica, passa também pelos cinco sentidos de seu corpo.

(Rolando) Lo que más siento es nostalgia. Necesito lo mío. Es lo mismo que si tú coges un venado salvaje y lo encierras en una jaula y lo llevas a la ciudad. No se siente cómodo. podrá comer, podrá tomar agua, y se siente admirado porque lo están mirando. Pero si le sueltas la jaula y lo llevas a la selva, eso es lo que quiere el venao. Y yo me siento como un venado, en cautiverio... en estos países. Necesito caminar por los campos, necesito que llueva en mayo, y que el fango me toque los pies. Necesito ver un campesino, un anciano en Cuba, el sol de Cuba, la playa. Yo extraño mucho. Es nostalgia. Se llama nostalgia eso. Un canto de un pájaro, un aire.

Yo no quiero morir en estos países. Si es verdad que existe Dios, y si Dios me puso allí, yo quiero morir allí. En las condiciones que sean, porque yo nací sin condiciones. Yo nací desnudo, sin ropa, sin apellido, sin traje... nada. (depoimento obtido em maio de 2022)

Na linguagem, que funda o mundo que habitamos, há sempre uma forma de falar sobre essa nostalgia pelo lar que deixamos atrás. Os ingleses o chamam *homesick*, como se fosse doença; em português dizemos “saudades de casa”; em francês é *mal du pays*, um sentimento de mal-estar. Pode ser que em espanhol não exista um termo exato para esse sentimento, mas a experiência coletiva dos cubanos fez aparecer a palavra *gorrión*¹⁰⁷ para falar sobre isso. Na tradução literal, seria um tipo de passarinho (pardal), mas na vivência dos cubanos significa uma espécie de saudade particular que sofre o imigrante pelo lugar deixado, e que compartilham com milhares de compatriotas há décadas.

Roberto me conta que quando ele fica falando sobre isso muito tempo, os demais cubanos lhe dizem: “*e por que não ficou lá onde você estava?*”. No contexto de Cuba, “conseguir sair” da ilha constitui o sucesso, um projeto naturalizado e um símbolo de bem-estar que se opõe à difícil vida cotidiana dos que ficam na ilha. Nesse sentido, imigrantes cubanos podem encontrar dificuldades para compreender e traduzir a complexidade de seus vínculos com múltiplos lugares.

(Roberto) Te voy a decir mi experiencia personal. Yo era mucho más feliz antes de lo que he sido aquí, aunque tenga un buen par de zapatos o coma mejor. Nada de eso ha sustituido la felicidad que tenía donde estaba... nada de eso.

Pero una vez que has pasado cierto tiempo viviendo aquí... es muy difícil volver. Porque también tienes otras responsabilidades que no puedes dejar atrás, tengo a mi hijo. Llevo meses en Cuba y hay veces que me dan ganas de irme de Cuba... y cuando llego aquí me dan ganas de volver a Cuba. Así que vives una pesadilla psicológica en la que nunca vuelves a ser feliz... ni aquí ni allá.

¹⁰⁷ Ver em: <https://www.todocuba.org/le-cae-gorrión-al-cubano-cuando-viaja/>

Hay un vacío que nunca puedes llenar, ni allí ni aquí. Cuando estás aquí, hay una presión que nunca termina. Por eso hay tanta gente aquí que recurre al alcohol, al cannabis... las drogas son algo nuevo para mí. Yo tampoco me he drogado nunca aquí, por muy deprimido que haya estado. Esa es otra de las cosas que he aprendido aquí... la palabra "estrés" la he aprendido en este país, la palabra "ansiedad", esa sensación que tienes de querer comerte el mundo y no puedes. No es la realidad que pintan, ni para Canadá, ni para Estados Unidos, ni para Europa... es la realidad con la que tenemos que vivir todos los inmigrantes... esa realidad. (depoimento obtido em agosto de 2020)

O perpétuo dilema entre o “lá” e o “aqui” de Roberto faz sentido quando ele evoca esse “vazio” não preenchido em lugar algum. Nesse caso, não se trata de oposições dicotômicas, do dentro-fora, de ausência-presença, familiar-estranho; mas de uma experiência heterotópica do inacabado, do interrupto, do provisório que atravessa essas formas de vida. Quando há algo presente que indica acima de tudo uma ausência, o que é conservado pode ser reavivado pela recordação (ASSMAN, 2011), e é dessa forma que recordações articulam uma narrativa outra sobre o migrante ausente-presente.

Essa consciência do passado que se detém num lugar de recordação (ligado à migração, por exemplo) tem como fundamento a experiência da descontinuidade, em oposição à continuidade marcada pelo arraigamento em um local, na terra (ASSMANN, 2011, p.328). Diferentemente da memória cultural e formativa dos nacionalismos e dos discursos públicos, a recordação traz as marcas da vivência errante e fragmentada dos lugares heterotópicos que configuram a experiência do migrante.

Locais da recordação são fragmentos irrompidos da explosão de circunstâncias de vida perdidas ou destruídas. Pois, mesmo com o abandono e a destruição de um local, sua história ainda não acabou; eles retêm objetos materiais remanescentes que se tornam elementos de narrativas e, com isso, pontos de referência para uma nova memória cultural. Esses locais, porém, são carentes de explicações; seus significados precisam ser assegurados complementarmente por meio de tradições orais. (ASSMANN, 2011, p.328)

Neste capítulo tentamos compreender como o lugar “não é apenas uma coisa no mundo, mas uma forma de compreender o mundo” (CRESSWELL, 2014, p. 11). Esse entendimento vem, sobretudo, pela força de processos comunicacionais que permitem nomear e ressignificar tais lugares na memória coletiva; recuperar nas recordações os vestígios desses lugares habitados para reconstruir uma nova forma de vida; assumir interações inesperadas com o desconhecido e articular outramente narrativas em torno do lar, da casa, da Pátria, e do mundo.

Quando olhamos para o mundo como um mundo de lugares, vemos coisas diferentes. Vemos ligações e conexões entre as pessoas e o lugar. Vemos mundos de significado e experiência. Às vezes, esse modo de ver pode parecer um ato de resistência a uma racionalização do mundo, um modo de ver que tem mais espaço do que lugar. Pensar em uma área do mundo como uma interação rica e complicada entre as pessoas e o ambiente - como um lugar - é libertar-nos de pensar nela como fatos e números. (CRESSWELL, 2014, p. 11, tradução nossa)

Essa “apropriação” do mundo através dos lugares, nesse caso de lugares heterotópicos, constitui assim uma forma de vida politizada na migração. Essas narrativas e esses sentimentos atravessam também o único lugar (e território) que, ainda que transformado e finito, acompanha o sujeito no curso de sua experiência migratória: seu corpo.

CAPÍTULO 5. O corpo migrante como “ponto zero do mundo”

Por muito tempo, o corpo foi um ponto cego nas ciências sociais, mas nas duas últimas décadas, sobretudo sob a influência de Michel Foucault (1976), as obras se multiplicaram e se esforçaram por captar o corpo como realidade social, fruto de uma construção histórica e produto de representações culturais. Fassin (2005) parte dessa constatação para propor uma espécie de “antropologia política do corpo” que explora os usos políticos do corpo e como este é encenado

nas palavras de atores que têm apenas aquela verdade a afirmar-se num dado momento da sua história. Tanto Fassin como Foucault buscaram explorar o corpo do indivíduo como lugar de manifestação do poder, e sua implicação na forma como as sociedades contemporâneas são geridas.

Na primeira das falas radiais de Foucault sobre heterotopia, em dezembro de 1966, ele reflete justamente sobre “o corpo utópico”.

O corpo é o ponto zero do mundo, lá onde os caminhos e os espaços se cruzam, o corpo está em parte alguma: ele está no coração do mundo, este pequeno fulcro utópico, a partir do qual eu sonho, falo, avanço, imagino, percebo as coisas em seu lugar e também as nego pelo poder indefinido das utopias que imagino. Meu corpo é como a Cidade do Sol, não tem lugar, mas é dele que saem e se irradiam todos os lugares possíveis, reais ou utópicos (FOUCAULT, 2013, p.14).

O binômio utopia-heterotopia é o que está na base de suas reflexões desde o prefácio de *Les mots et les choses* (1966). Sabot (2012) aponta que entre esses dois momentos de 1966 (o livro e as falas radiais) não há uma trajetória linear no pensamento de Foucault acerca dessas noções, pois ele explora os temas da utopia e a heterotopia sob formas variadas e até contraditórias. Segundo o autor, essas reflexões sobre o espaço se declinam assim em três dimensões fundamentais: a linguagem, o social e o corpo propriamente dito. De acordo com Sabot, Foucault se refere, sobretudo:

[...] aos diversos registros da experiência a eles vinculados: a experiência literária, experimentação com o espaço social e as formas de socialização, a prova da encarnação. Em cada um desses níveis de análise, a referência à heterotopia e à utopia serve para pensar sobre a relação com um outro ou com um outro lugar que perturba a evidência de palavras, lugares e o corpo. A heterotopia literária parodia a ordem do discurso ao ponto de revelar sua contingência. As heterotopias sociais reclassificam o espaço real, trazendo para a vanguarda diferentes formas de habitá-lo e dando vida a suas dimensões simbólicas e imaginárias. Finalmente, o próprio corpo, este fragmento de espaço, frustra a tensão entre aqui e em outro lugar, por sua vez, fazendo a comunicação real e imaginária, mas também o eu e o outro (SABOT, 2012, p.16).

Nesse sentido, nos referimos ao corpo migrante como espaço em disputa na experiência migratória. Estando aqui e lá, na dupla presença e na dupla ausência, o corpo em movimento, o corpo migrante, é um corpo que sofre e que é ao mesmo tempo regulado, perseguido, apressado, controlado, transformado, utópico quando se torna espaço outro. Para Foucault, o corpo é também um ator utópico, que age por meio de práticas como a máscara, a maquiagem, a tatuagem.

[Elas] depositam no corpo toda uma linguagem enigmática, toda uma linguagem cifrada, secreta, sagrada, que evoca para este mesmo corpo a violência do deus, a potência surda do sagrado ou a vivacidade do desejo [...] fazem deste corpo um fragmento de espaço imaginário que se comunicará com o universo das divindades ou com o universo do outro (FOUCAULT, 2013, p.12)

Nesse sentido, nos deparamos no contexto desta pesquisa com corpos migrantes que são também transformados no curso desta experiência. Podemos perceber claramente as diferenças entre as corporeidades dos sujeitos que conformam o grupo dos amigos de Daniel (WhatsApp) - peles brancas, apenas sem marcas nem tatuagens, a maioria no peso médio, mulheres que quase não utilizam maquiagem -; e os amigos do restaurante – peles multicores, corpos com sobrepeso, cicatrizes de acidentes laborais e outras histórias tristes, mulheres sempre muito maquiadas (às vezes também homens), tatuagens e outras marcas de tempos passados.

Neste capítulo abordamos esses corpos como espaços de diferença, assim como sua potência para transformar os vínculos que ligam os sujeitos ao lugar. O corpo migrante, além de suas características como ser humano, antes e depois da migração, se distingue por uma profunda transformação vivida na migração. Assim o ilustram os relatos dos entrevistados sobre sofrimentos e tristezas e na presença do choro que permeia cada momento de partida, distância ou retorno (SAYAD, 2004). Corpos solitários, que adoecem, mudam, envelhecem, que trazem as marcas de outro clima e outro céu. Corpos também que narram através das cicatrizes, dos olhos, das escritas. As tatuagens, particularmente, mostram essa dimensão de transformação do corpo através da invenção de linguagens, sobretudo na medida em que se relacionam com um relato de vida fragmentado e reconstituído no espaço e no tempo. Finalmente, nos referimos também à dimensão do controle e governamentalidade dos corpos na migração, e a impossibilidade de realização de si mesmo senão por meio de gambiarras e relações heterotópicas com esse corpo já deslocado.

5.1 A cor da pele, o inverno e a língua estrangeira

Alguns relatos na pesquisa revelam como o casamento de cubanos e cubanas com canadenses tem sido uma via bastante frequente de migração entre as pessoas que encontramos em Montreal; seja em casais que formam uma família durante muitos anos, ou bem outras histórias que não perduram muito além da chegada no Canadá. Roberto se refere a esse assunto quando fala em sua história de casamento com uma canadense, e mesmo o Daniel insinua que os “outros” cubanos que ele não conhece, geralmente fazem parte dos cubanos que chegam no Canadá por essa via.

(Roberto) Bueno... cuando conocí a mi esposa en una playa de Cuba comenzó este proceso de soñar con irme. Era algo que mucha gente de mi pueblo no aceptaba, en el campo... bueno, o no creía posible... decían que... es que a veces hay un mito en Cuba de que la gente de color tiene más privilegio para estar con una persona del extranjero. La gente era muy ignorante y no lo creía hasta que me fui. Ni siquiera lo sabían cuando me fui, se enteraron un tiempo después. (depoimento obtido em agosto de 2020)

Sendo o Québec uma das principais regiões emissoras de turismo para Cuba, essas uniões se tornaram cada vez mais comuns. Celia emigrou para Montreal casada com um canadense, mas quatro meses depois de ter chegado se separaram, e ela me conta que foi muito difícil sua adaptação. Sendo Roberto um homem de pele branca e Celia de raça negra, é possível observar como esses estereótipos raciais operam diferentemente num contexto migratório determinado.

(Celia) (...) las cubanas tenemos mala fama. Lo primero que le decían sus amistades [do esposo] es 'te va a dejar, te va a dejar, eso es lo que hacen las cubanas, no le permitas salir ni que conozca a nadie'. Él me lo contaba porque tenía tanto miedo. Eso también influyó en nuestra separación. (depoimento obtido em agosto de 2020)

Nessa experiência migratória que tem lugar a partir de formações de casais, o corpo se torna o próprio veículo privilegiado do projeto migratório, espaço primeiro e último onde são condensados todos os afetos, os lugares, as diferenças. Por outro lado, nesses corpos convergem também formas interseccionais de opressão, de forma que migrantes são diferentemente tratados em função de múltiplas “classificações”. No caso das pessoas que emigram sob processos de casamentos, há questões sobre a raça, a desigualdade social e de gênero, que marcam também em grande medida essas experiências.

(Celia) Cuatro meses después de llegar... nos peleábamos hasta porque yo hacia la misma comida, y era porque yo no sabía hacer otra cosa... lo que yo conocía era la comida cubana. Yo pienso que es la convivencia... es muy difícil... no tiene nada que ver allá con Cuba. Para que tu veas lo que es el choque de culturas... fue un problema que tuvimos él y yo, que hasta la policía vino y todo. El hecho de que hubiese policías de por medio, ya eso para mí era muy grave. nosotros tuvimos una discusión, fue una cosa tonta, me doy cuenta ahora... no nos pusimos de acuerdo en algo y ahí nos alteramos... terminamos discutiendo y me fui... él me estaba aguantando la puerta para que no me fuera... Llegué a casa de una amiga que tenía del curso de francés... mi amiga muy asustada me preguntó si yo quería ir a la policía, me dijo... “tú sientes que tu vida está en peligro?” ... y yo dije... no, no quiero buscarle problemas, eso se puede arreglar. (depoimento obtido em agosto de 2020)

Pateman (1993) e Emcke (2020) acreditam que as vulnerabilidades que acentuam as violências de gênero são mantidas e aprofundadas por regimes patriarcais e neoliberais que dissociam identidade e corpo, trabalho e direitos de cidadania, fazendo com que o privilégio de

certos grupos seja ainda fonte da injúria de outros. Vulnerabilidades e interseccionalidades andam juntas de modo a revelar como as experiências de grupos marginalizados se encontram condicionadas por limitações estruturais incapacitantes. Vínculos de apoio mútuo podem surgir nas redes sociais digitais e são muito frequentes as ações de solidariedade e sororidade que se desenvolvem entre comunidades de pertencimento.

Há tendência de silenciamento e invisibilidade impostos às mulheres nas sociedades ocidentais, que funcionam por meio de um sistema patriarcal e machista (PATEMAN, 1993). Em tal sistema, mulheres são socialmente subordinadas aos homens e culturalmente posicionadas como inferiores. Como indivíduos subalternos, mulheres são cobradas a atender às necessidades masculinas como objetos sexuais e cuidadoras (do lar, da família, de si mesmas). De certo modo, a caracterização das mulheres como cuidadoras “natas” é uma consequência ao fato de que elas constroem sua subjetividade sob o regime patriarcal: uma forma de exercício de poder e ordem social de homens sobre mulheres.

O uso do conceito de "patriarcado" por Pateman (1993, p.167) ressalta que: “o poder natural dos homens como indivíduos (sobre as mulheres) abarca todos os aspectos da vida civil. A sociedade civil como um todo é patriarcal. As mulheres estão submetidas aos homens tanto na esfera privada quanto na pública”. Ou seja, mulheres sofrem opressão masculi

A reflexão de Carolin Emcke (2020) nos ajuda a perceber que a violência contra a mulher não pode ser entendida como um incidente pontual, algo esporádico, mas ela é fundada em ideologias, quadros morais alimentados pelo machismo e pelo racismo, podendo ser observada atuando historicamente nas sociedades. Para essa autora, a violência é preparada: ela não surge espontaneamente. Existem estruturas institucionais, sociais, familiares, culturais que tornam possíveis as violências e que preparam um contexto amplo para sua emergência. É possível, segundo ela, observar as fontes que alimentam a violência contra a mulher, sobretudo contra a mulher negra. Observar a violência como um processo que não se reduz à sua manifestação em um acontecimento violento envolve admitir que a responsabilidade não é apenas de um companheiro ou das autoridades que praticam o controle sob o uso de força, mas de toda uma estrutura social que opera e naturaliza preconceitos, discriminação e injustiça.

(Celia) Al otro día fui a la casa a recoger unas cosas (...). Él había hecho una denuncia a la policía... que habíamos tenido una violencia verbal y física... la cosa había estado violenta en la discusión, él había tirado unas cosas, y me acusó a mí. Cuando llego la policía... imagínate...yo no sabía ni inglés ni francés... me llevaron para la estación y fue muy

traumático para mí. Me tuvieron 4 horas detenida. Mi profesora del francés fue la que fue a buscarme... yo nunca había estado en una celda... y yo diciéndome... por qué yo tuve que pasar por esto? Eso me dolió mucho, porque una persona que te quiere no te hace pasar por eso... y antes de que se repita, pues me voy. Y nos separamos.

Después él fue a buscarme para arreglar las cosas pero yo no quise... él había puesto unos cargos contra mí y todo... Mi mamá lo llamó y lo convenció para que los quitara. Él me pidió disculpa varias veces pero ya yo no podía. Tuve que dejar los estudios de francés para poder trabajar más, porque él me dijo en la calle... fue una separación complicada. Cuando yo hice mi proceso migratorio, me dijeron que tenía que vivir dos años con mi marido, y yo lo que estuve fueron 4 meses... después tuve un proceso engorroso con eso. (depoimento obtido em agosto de 2020)

Como Celia, são muitas as pessoas que se encontram em situações de vulnerabilidade quando sua estabilidade jurídica, emocional e financeira depende de um vínculo matrimonial com uma pessoa de outra cultura, em um país onde não tem redes de apoio, e com limitações de comunicação e de recursos. No Canadá, por exemplo, quando alguém liga para os serviços de imigração (IRCC), uma das primeiras mensagens que aparecem direciona os usuários para uma linha de atenção específica dedicada ao atendimento de casos de violência e abusos em um casamento forçado. No contexto desta pesquisa encontramos, além das mulheres, muitos homens que também se encontram em casamentos ligados à migração. Embora não conheçamos situações de violência contra eles, o certo é que também eles relatam dificuldades de adaptação, conflitos interculturais, quadros de depressão e separações (Roberto).

Com mais ou menos radicalidade, autoras feministas (PATEMAN, 1993; EMCCKE, 2020) suspeitam sempre do lar como um lugar livre de conflitos, sempre acolhedor e carinhoso (Rose); sendo que algumas o abordam também como um lugar de resistência (hooks, 1990; Young, 1997) (CRESSWELL 2014). Nesse sentido, é pertinente mencionar que a perspectiva interseccional, com base nos estudos de gênero e nos estudos críticos sobre a raça, refere-se à interação de múltiplas formas de opressão estrutural (raça, gênero, classe etc.), moldando condições singulares de desigualdade nas experiências e percursos vividos (CRENSHAW et al ([1994] 2005). Embora a investigação sobre a interseccionalidade se tenha centrado, em grande medida, nas intersecções de raça, classe e gênero, o conceito é flexível e permite a análise de uma série de dimensões de desigualdade que se intersectam, incluindo a nacionalidade e a idade (COLLINS; BILGE, 2016). Já no início da década de 1990, Kimberlé Crenshaw et al. ([1994] 2005). salienta que as estruturas de poder também se intersectam em outros locais, tomando como exemplo o caso das mulheres imigrantes (dado que existe uma grande diversidade neste grupo) que são vítimas de violência

doméstica. As barreiras linguísticas e a pressão das leis de imigração que as obrigam a permanecer em união conjugal por um tempo determinado as limitam de buscar recursos de ajuda. Assim, o olhar interseccional visa também uma compreensão dos sujeitos situados nos seus contextos geográficos, culturais e históricos; e não a simples soma de todos os fatores desagregados de opressão (COLLINS; BILGE, 2016).

No âmbito dos estudos sobre o lugar e os processos que o definem, a geografia humanista havia desconsiderado largamente estas relações de opressão e relegado as dimensões de classe, gênero e raça, por exemplo, à uma dimensão abstrata, mas realmente elas acontecem em um espaço e um tempo, como vêm a evidenciar as teorias críticas mais recentes. “Ao levar o espaço e o lugar a sério, argumentou-se, podemos fornecer outra ferramenta para desmistificar e compreender as forças que afetam e manipulam a nossa vida quotidiana” (CRESSWELL, 2014, p. 27).

Essa perspectiva traz à luz o caráter experiencial e corporificado do lugar, assim como os constrangimentos e as relações de poder que o permeiam. Nesse sentido, o lugar é compreendido a partir das práticas e dos processos que nele acontecem, sendo a comunicação uma dimensão essencial nessas operações de significação dos espaços. Ao prestar atenção à forma como fazemos as coisas, e às forças que limitam essa ação, adicionamos outra camada de sentido à relação primordial com o mundo, que chega a ser mais corporificada e menos abstrata: “os lugares são construídos por pessoas que fazem coisas e, neste sentido, nunca estão “acabados”, mas estão constantemente a ser executados” (CRESSWELL, 2014, p. 37).

Dessa forma, o lugar deve ser entendido como uma relação corporificada com o mundo, e como tal, traz nele as assimetrias de poder, desigualdades, diferenças, dores, fortalezas e subversões desses corpos. De acordo com os relatos escutados, podemos mencionar também, no contexto dessa pesquisa, que as barreiras linguísticas e as mudanças no clima entre Cuba e Canadá incidem na experiência corporificada dos lugares.

(Eva) Después de venir de Cuba, el frío era la menor de mis preocupaciones... que hay que hacer, abrigarse? Es cuestión de aprender como vestirse. Es un reto pero después de venir de Cuba, que tenía que enfrentarme a tantos problemas... (depoimento obtido em maio de 2022)

(Roberto) Yo era del interior, del campo... somos más reservados, no tenemos las facilidades de la gente de la ciudad. Llegué al aeropuerto solo... tenía una camisa de mangas larga y la gente del avión me dijo... "a dónde vas, porque allí hace 25 grados bajo cero", no sirvió de nada... salí de La Habana con 32 grados de temperatura. RISAS

Recuerdo que cuando salí del aeropuerto, mi mujer me estaba esperando con su familia... con botas, abrigos... Pensé que me iba a otro planeta. Es todo un shock salir de Cuba con esa temperatura y llegar aquí con otra... Luego salimos a su casa, hicimos una actividad con su familia, sus amigos... y entonces comenzó una etapa muy, muy difícil... (SUSPIROS).

Recuerdo que estudiaba por las mañanas y trabajaba por las tardes lavando platos en un restaurante.... al principio estudiaba francés en un centro cultural, porque el curso de francés del gobierno me llegó muy tarde, como un año después de mi llegada. También los choques culturales, los problemas con mi mujer... las cosas empezaron a complicarse. No me sentía bien, estaba un poco agotado por todo... Sólo quería irme de aquí, no quería estar más aquí. Creo que eso les pasa a muchos, muchos inmigrantes cuando llegan aquí, que piensan que esto es una cosa, pero es otra...(depoimento obtido em agosto de 2020)

Em maior ou menor medida, o árduo inverno representa um dos maiores desafios para os cubanos que encontramos em Montreal. O processo de integração no novo país entranha assim um outro conhecimento de sobrevivência que eles não teriam incorporado antes. Esse clima está associado também a questões como a falta de luz e o isolamento social, aspectos que afetam diretamente a saúde mental dos imigrantes. Além disso, as barreiras linguísticas constituem uma outra experiência de frustração para os imigrantes, sobretudo em um contexto tão complexo como a cidade de Montreal, onde tanto o inglês como o francês podem ser idiomas necessários para se desenvolver. Contudo, o domínio limitado ou inexistente do francês traz desafios para eles que derivam da história local, a luta do Québec pela conservação de sua língua e sua cultura.

(Abel) Yo detesto el frio, y el invierno, y la nieve. Pero bueno, es un mal menor (...). El tema del idioma definitivamente es una barrera complicada, lo sigue siendo hoy en día. Ahora en breve voy a cumplir 10 años aquí y yo todavía el francés lo hablo regular, mi francés sigue siendo intermedio, bueno no es. Y eso es una barrera. Ya 6 años trabajando en informática y casi todo en francés. Es difícil. Eso ha sido muy duro, pero de todas formas lo he ido sorteando. Me entiendo con mis colegas. Con la gente del trabajo tengo buenas relaciones, y me funciona. Culturalmente también tenemos diferencias, pero eso mucho menos, yo diría, porque los quebecos son bastante latinos. Claro, con sus diferencias, latinos del primer mundo, canadienses, pero a la vez son afables, conversadores, con sentido del humor. Por ese lado yo me siento cómodo con los quebecos. (depoimento obtido em maio de 2022)

(Roberto) Tuve problemas cuando no sabía nada de francés... le preguntaba a un conductor por una dirección y me contestaba... "Cuando sepa hablar francés, venga y dígame la dirección". Es un problema de racismo, de discriminación... lo he vivido aquí. Y mucha gente me dice que tengo el mismo aspecto que ellos, no como latino... que me parezco a ellos por mis ojos claros, mi piel blanca... aun así, he experimentado la discriminación. Porque en el momento que abres la boca, no hablas como ellos... a veces te prestan atención, a veces no... y como ese día con este conductor, yo estaba con prisa porque necesitaba llegar a una cita... y él no tenía ninguna intención de ayudar. Si alguien me habla mal el español para pedirme ayuda, le ayudo.

El choque cultural... (tienen) una ideología diferente a la tuya... no piensan en nada como tú... porque ellos son de aquí y nosotros somos caribeños, de otro país... el idioma, estar en un sitio y no poder hablar con nadie porque no entiendes nada... ni siquiera poder pedir una hamburguesa porque no sabía hablar. No podía encontrar trabajo porque tampoco sabía el idioma... sólo algo de inglés, pero tampoco era muy bueno, sólo de segundo nivel, y luego lo perdí aquí también con el francés. (depoimento obtido em agosto de 2020)

Os conflitos interculturais afetam sobretudo casais de diferentes nacionalidades e pessoas que não possuem um conhecimento avançado das línguas ou de outros espaços do mundo. Para Roberto, por exemplo, a distinção entre o “eles” e o “nós” é marcada justamente por essa oposição entre o calor do Caribe e o inverno nórdico, uma síntese das diferenças culturais que se traduz nos sons da fala, nas sensações da pele, na iluminação dos espaços. Assim, é por meio da interação sensorial com o novo meio ambiente e os corpos desconhecidos, acostumados com outras maneiras e outras distâncias interpessoais, que muitos migrantes dão sentido ao novo país. Olivia, que emigrou junto com seu esposo e sob condições de inserção privilegiadas, se refere também ao contraste de sensações térmicas e visuais, mas de uma forma um pouco anedótica e lúdica, pertencente a uma primeira etapa de adaptação que ficou no passado. Para Roberto, no entanto, essa experiência corporificada do lugar foi agravando um sentimento de solidão e tristeza que impacta sua vivência migratória.

(Olivia) No conocíamos a nadie. Nos recibió una amiga de una amiga mía. Tremendo frío. Nosotros llegamos un 12 de marzo, con unos abrigos que teníamos de una tienda de donaciones en Cuba, que nosotros pensábamos que nos íbamos a morir del calor con aquello, y cuando salimos del aeropuerto nos congelamos... RISAS.

Fue muy complicado, porque no conocíamos a nadie. Esas personas nos abrieron las puertas de su casa y nos ayudaron, pero no teníamos confianza, todo te da pena, te sientes extraño. Estuvimos ahí como 2 semanas, mientras buscamos apartamento, y nos mudamos a un apartamentico que estaba muy chiquito, y oscuro, pero era lo que podíamos pagar. Una de las cosas que me llamo la atención en ese momento era que todo me parecía muy oscuro, las luces amarillas...

Aunque yo sabía un poco de francés, es como que tu aprendiste francés de Francia, y no entendía nada del quebeois... la pronunciación era muy difícil. Nosotros en español pronunciamos igual la b y la v, entonces para decir “yo veo” (je vois)- decíamos “yo bebo” (je bois). Y mi profe me decía... “pero por qué ustedes beben tanto? ...RISAS. (depoimento obtido em maio de 2022)

(Roberto) Fue muy difícil... esta primera etapa, después de estar aquí en pleno invierno, en diciembre... yo estaba acostumbrado a ver la luz todos los días... a mirar el sol, a hablar con sus amigos. Llegar a un lugar nuevo donde no conoces a nadie... donde ya es de noche a las 3 o 4 de la tarde... donde el idioma chocaba... todo.

Mi mujer se iba a trabajar y volvía a las 5 de la tarde. Esas primeras semanas... yo solo allí todo el día, mi primer fin de año. Ya sabes que los cubanos estamos acostumbrados a celebrar el 31 de diciembre, pero no tanto la Navidad... y ver todo el espectáculo de los regalos navideños... era nuevo para mí. Una Nochevieja sin mi familia, sin mi comida, sin mis cosas... fue muy difícil para mí. Recuerdo etapas de llorar mucho... como un niño... fue muy duro para mí.. (depoimento obtido em agosto de 2020)

Ainda que o relato migratório adote diferentes tons, de acordo com experiências mais ou menos favoráveis e com condições do trajeto e da inserção variáveis, o certo é que a maioria dos migrantes que encontramos em Montreal menciona momentos de sofrimento e solidão que até hoje marcam a sua vida “entre lugares”. É justamente a distância física do corpo com o lugar de origem, que é também uma distância afetiva e social, o que inicialmente provoca essas tristezas. Impossibilitado de existir plenamente “aqui” ou “lá”, o corpo se torna então único ponto de referência no espaço, lugar onde acontecem e se guardam todas as lágrimas, as doenças, as ausências e também as alegrias que podem ir aparecendo no caminho.

5.2 O corpo só: choro, doença e transformação no tempo

Pensar no corpo migrante como espaço heterotópico implica também atentar para as múltiplas temporalidades que se desenham nas marcas, cicatrizes e transformações na aparência dos sujeitos que sofrem por causa desses processos de deslocamento. Essas “escritas do corpo”, de acordo com Assmann (2011, p.260), vão surgir através de uma longa habituação, “através de armazenamentos inconscientes e sob pressão de violência”. A autora aponta que elas compartilham a “estabilidade” e a “inacessibilidade”, e podem ser avaliadas como autênticas, persistentes ou prejudiciais, dependendo do contexto. Essa contradição entre a estabilidade de uma linguagem, de um lugar, e seus mecanismos de acesso restritos, ambíguos ou seletivos, tem a ver com uma dimensão heterotópica que faz desses corpos lugares outros. Só é possível acessá-los (diga-se lê-los) sob certas condições atreladas a um contexto espaço-temporal específico.

Essa heterocronia no corpo dos migrantes é também ligada à memória, à maneira como ela é construída, narrada, experimentada e inscrita de diversas formas nele. O corpo se torna assim um território em disputa. Assmann (2011, p. 263) vai mencionar, por exemplo, a “memória da vontade” em Nietzsche, que não registra experiências biográficas, mas que nela aparece uma escrita cultural (formativa, normativa) que se inscreve no corpo de forma direta e inextinguível. Dessa forma, passamos de uma história da interioridade e de referências individuais, à associação da memória

corporal com as instituições de poder e violência. Essa perspectiva serve de base a Foucault para seus estudos sobre como o poder opera através de instituições reguladoras dos corpos. Nesse viés, a dor atua como fixador inacabável da memória.

(Abel) La segunda vez que salí de Cuba para España hablé con mis padres también, les conté que no regresaba. Lloraron... les pareció que no era una buena decisión, no estaban de acuerdo. Pero ellos entendieron que esa decisión estaba tomada, no había manera de cambiar. (depoimento obtido em maio de 2022)

(Celia) La despedida mía, cuando salí para este país... mi madre se me tiró a llorar y dije... ño, pobrecita, se me queda sola... mi hermana que nunca derrama una lagrima y ese día lloro cantidad. Ellos lloraron mucho cuando yo me fui... lo sé... mi abuela estuvo un tiempo sin querer hablar conmigo. Yo llamaba y ella no quería hablarme porque decía que le daba mucha tristeza, siempre... y estuvo así meses. Ya se fue acostumbrando pero a veces todavía no quiere hablar conmigo, dice que se siente mal. (depoimento obtido em agosto de 2020)

(Eric) Mi mamá me pidió que no me fuera... llorando... que no me fuera. Yo soy el único hijo de mi mamá... es muy difícil para una madre dejar ir a su hijo si saber cuándo lo verá de nuevo. Mi papá, que es más fuerte de carácter, fue el que me llevó al aeropuerto, y él también iba llorando en el carro... iba aguantando pero estaba muy afligido... y eso me afectó también. Después supe que cuando regresó a la casa se echó a llorar de verdad... teníamos una relación muy estrecha en mi familia, todavía la tenemos. Aunque ellos están separados, mi papá vive en Miami hace unos años y mi mamá en la Habana. Yo me llevo muy bien con ellos... (...) Regresé en el 2010... fueron 5 años... yo estaba llorando más que mi mamá en el aeropuerto. Era el fin de un proceso que nadie esperaba que fuera a demorar así, y yo me sentía culpable de haber hecho a mi mamá pasar por ese dolor. Cuando la vi a ella esperándome ahí en el aeropuerto, que es la incondicionalidad de una madre que está dispuesta a esperar lo que sea.... (depoimento obtido em agosto de 2020)

A partida migratória é sempre um momento evocado nos relatos, ora em saídas clandestinas por mar, ora em despedidas no aeroporto em direção ao um destino incerto. Poderíamos dizer que é uma espécie de “rito de iniciação”, uma figura que ilustra também essa relação entre dor e memória no corpo (ASSMAN, 2011). É uma outra vida se iniciando e com ela um corpo que se afasta, que leva consigo as marcas dessa despedida. Também o primeiro retorno, se este existe, recupera esses traços e cicatrizes que ainda permanecem após o alívio da dor. Esse resíduo irreversível, esses vestígios ancorados unicamente no espaço do corpo, impedem o esquecimento e tornam assim o corpo um lugar de memória, contribuindo para a construção de uma heterotopia. Para Assmann (2011, p. 265), “a memória corporal de feridas e cicatrizes é mais confiável do que a memória mental”.

As cicatrizes podem dar origem a heterotopias. Elas configuram um mapa da fuga que também pode ser refúgio. Esse refúgio no próprio corpo que cria linhas de fuga nos espaços carnaais dos corpos sacrificados. Heterotopias no corpo surgem com artes de si por meio das quais – pela improvisação e variação contínua da escrita, do fraseado vocal e corporal – o migrante se torna novamente, para ele mesmo e para os outros, sujeito de ações e criações. Por reativarem as memórias do corpo e da oralidade, por nutrirem uma nova espiritualidade, as memórias de resistência, das dissidências e das dissonâncias instauram possibilidades de experiências heterotópicas.

Rolando, *el yuma*, me conta que passou algum tempo até que ele conseguisse dar notícias à família em Cuba, logo depois de sua saída intempestiva na pequena *balsa* durante a crise migratória de 1994. Ele lembra sobretudo do sofrimento e da angústia de sua mãe. “Isso me traz lembranças”, me disse ele, “fiz porque eu era um menino novo e doido... 30 anos... não tinha experiência, doido. Se você me disser agora... eu preferiria estar preso em Cuba”. O resgate do barco panamenho no mar não foi a única sobrevivência de Rolando nessa travessia, pois para sua família ele ainda estava desaparecido nesse momento.

(Rolando) Mi mamá no supo de mí hasta los 3 meses... me daba por muerto... es lo que te digo, yo no cuento estas historias porque es doloroso. El gobierno cubano no daba información... la gente decía... “aparecieron balsas vacías, se ahog tanta gente, se murió tanta gente. Mi mamá se metió tres meses a base de café... llorando... sin comer, enferma de los nervios. A los 3 meses el gobierno americano instaló una compañía de teléfono en la base de Guantánamo donde yo estaba, y también correo. Ahí empezó un proceso de enviar cartas... que iban a Miami y de ahí a la Habana. Nos dieron opciones de llamar a los Estados Unidos, pero era la persona en Estados Unidos quien tenía que pagar la llamada. Llamé un a un médico amigo mío, que era mi vecino... me había quedado el número de él escrito... en un paquetico que sobrevivió en la balsa.

Ese día que llamé al médico... lloré mucho... el sabía que yo me había ido, se lo había dicho la gente del pueblo, que yo me había tirado... pero que tal vez me había ahogado porque hacía 3 meses que no aparecía (LAGRIMAS SAEM DOS OLHOS, FAZ UMA PAUSA... CONTINÚA FALANDO). Muchacho, estás vivo compadre!” ... me dijo él... “no puedo hablar” ... le dije. “No, no hables nada, llama mañana a las 9 de la mañana para que hables con tu mamá”. Él llamó a Cuba y le dijo a su hermano que llamara a mi mamá y la llevara para el teléfono, que no le dijeran nada de mí... y ella fue como para recibir una llamada de Estados Unidos... y él hizo entonces una llamada tripartita y la puso a ella.

Pero mi mamá cuando me escuchó la voz ya no podía hablar más... yo tampoco.... mi hermana cogió el teléfono... “mami no puede hablar” ... “cuelga, cuelga eso”, dijo mi hermana. Volvió a nacer mi mamá. Ya unos días después ella estaba más recuperada y hablábamos a cada rato. (depoimento obtido em maio de 2022)

Assim como nos relatos Eric, Abel, Celia, Rolando, Ale, Roberto, Felix e muitos outros, a figura da mãe, e dos pais de forma geral, aparece repetidamente ao narrar a tristeza da partida de Cuba e a travessia migratória, o alto custo da distância e mesmo suas motivações atuais e laços com o país de origem. O poema de Rafael Alcides¹⁰⁸ que mencionamos no início dessa tese, nos traz precisamente o lamento de um pai diante da ausência de seu filho emigrado. Ele relata ali a dor do momento da partida e a solidão da distância, mazelas compartilhadas tanto pelos cubanos que partem como por aqueles pais, familiares a seres queridos que ficam em Cuba.

*pero nosotros,
nosotros los solos,
los tristes,
los luctuosos,
los que medio muertos
hemos visto partir el avión
-sin saber si volverá
ni si estaríamos entonces-,
nosotros, esos desventurados
que fuman y envejecen
y consumen barbitúricos,
esperando al cartero (..)*

*mas, nós,
nós os sós,
os tristes,
os de luto,
os que meio mortos
temos visto o avião partir
-sem saber se irá voltar
nem se estaríamos então-,
nós, esses desafortunados
que fumam e envelhecem
e consomem barbitúricos
aguardando o carteiro (...)*

As condições de sociabilidade, integração e adaptação dos migrantes ao chegarem em outro país podem ser mais ou menos complexas dependendo das condições climáticas, culturais, linguísticas, do capital social e da história de vida dos sujeitos. A distância dos seres queridos e o acúmulo de dificuldades nesse processo desencadeiam sentimentos de solidão que podem acabar afetando significativamente a saúde mental deles.

(Roberto) La soledad...horrible. Nunca lo había vivido. Ha sido tan fuerte... que hasta me he acostumbrado a ella. Ha sido tan fuerte... que he llegado a Cuba y después de mucho tiempo acompañado con mucha gente me siento extraño. Un sentimiento que casi todos los inmigrantes tienen. Mucha gente emigra sola... aquí hay muchos... esa es una de las razones de los suicidios... la falta de luz, la soledad, la presión del mismo sistema. (depoimento obtido em agosto de 2020)

Além do entorno pessoal, as mudanças no ambiente laboral afetam a experiência dos migrantes, pois muitos deles têm de enfrentar trabalhos forçosos, discriminação, falta de

¹⁰⁸ *Carta a Rubén*, do poeta cubano Rafael Alcides.

reconhecimento de suas qualificações obtidas no país de origem e finalmente muitas limitações para poder avançar profissionalmente, devido às exigências imediatas de sobrevivência. Celia, por exemplo, estudou a carreira de Comunicação na Universidade de Havana e retomou os estudos em Montreal, mas durante muitos anos ela teve que estudar e, ao mesmo tempo, fazer trabalhos não qualificados. Ainda que a nossa entrevista transcorresse em espanhol, quando lhe perguntei sobre sua ocupação atual, ela me responde em francês: “*entretien ménager*”, que significa “serviços de limpeza”.

Ale também se refere constantemente à migração ligada ao trabalho duro e constante por alcançar um bem-estar econômico para ele e sua família, o que estaria na base das motivações para realizar esse projeto migratório. Os cubanos com maior nível de qualificação também enfatizam as oportunidades laborais como centro de suas motivações e fonte de energia para superar todos os obstáculos que traz a migração. No caso de Cuba, além disso, esses “reajustes” estão ligados também a uma mudança no sistema socioeconômico, cultura de trabalho, regime financeiro, e com isso, há um incremento da incerteza e da pressão associada à vida econômica do migrante. Roberto me conta detidamente sobre este tema, ressaltando como ele teve que trabalhar “em tudo”, na fábrica de frango sob temperaturas muito baixas, carregando sacos de cimento e de terra para fazer jardins no verão, na área da construção, todos trabalhos duros e sob uma forte disciplina. Esses são “*los trabajos que ellos los de aquí no quieren hacer*”, me disse, “*si ves una persona nativa de aquí trabajando en una fábrica de pollo es porque... ah! es jefe*”.

Ao contrário do que apontam algumas teorias hegemônicas, afirma Santos (2006, p.224), “quanto menos inserido o indivíduo (pobre, minoritário, migrante...), mais facilmente o choque da novidade o atinge e a descoberta de um novo saber lhe é mais fácil”. O autor salienta que a memória do “homem de fora” é uma espécie de “consciência congelada” que vem com ele de outro lugar, de forma que o novo lugar o obriga a aprender e formular as coisas de forma diferente.

(Roberto) También me llamó la atención que aquí hay una disciplina laboral más fuerte que en Cuba. Te presionan para poder vivir en este país... para poder pagar todas tus cosas... y los cubanos no tenemos esa costumbre de vivir bajo presión. Porque eso se llama la presión que tienen los seres humanos, que los va destruyendo poco a poco... nunca estás tranquilo... cuando crees que ya pagaste todo, llega otra factura... debes esto, tienes que pagar aquello antes de tal fecha....

Y por eso también tanta gente aquí tiene problemas mentales... porque vivimos en una sociedad donde hay muchas personas con problemas mentales en este país... yo lo he visto, y todos nos damos cuenta, son muchos. Y tienen problemas con las drogas... están perdidos en las calles. Si ellos que han nacido aquí, que conocen el idioma, que conocen el sistema, viven esta

pesadilla.... imagínate la gente que inmigra y tiene que enfrentarse a todo esto, a la discriminación... a todo. Todo es presión... si no puedes ir a trabajar porque estás enfermo, entonces el problema se duplica... te enfermas física y emocionalmente. Es muy chocante, sobre todo para nosotros los cubanos, porque no estamos acostumbrados a vivir en este sistema.(depoimento obtido em agosto de 2020)

A vivência individual de Roberto se traduz, por meio do relato, em uma compreensão do fenômeno coletivo da migração como uma base das desigualdades sociais e regionais no mundo. Seu sofrimento está ligado também às precárias condições de vida e de trabalho de milhares de pessoas que se encontram nas classes mais desfavorecidas da sociedade. Quando o corpo se torna outro no novo lugar, esses espaços habitados são também reconfigurados sob uma dimensão heterotópica (o contraste entre o passado e o presente, o aqui e o lá), na emergência de um corpo visto como “o outro”, o diferente. A narrativização dos sujeitos migrantes tende a heterotopisar também a experiência migratória. Os signos linguísticos funcionam como nomes, pelos quais objetos e situações podem ser evocados novamente.

A língua é o estabilizador mais poderoso das recordações. É muito mais fácil lembrar-se de algo que tenha sido verbalizado do que algo que nunca tenha sido formulado na linguagem natural. Quando ocorre a verbalização, não nos lembramos mais dos acontecimentos em si, mas de nossa verbalização deles. (ASSMANN, 2011, p. 268)

O fato de as identidades serem produzidas na linguagem requer uma atenção à mestiçagem de línguas, como destaca Glória Anzaldúa (1999) quando ela se refere às mulheres migrantes. É uma operação na linguagem, uma operação de linguagem essa verbalização que trabalha na construção de experiências heterotópicas e liminares. Uma subjetividade fronteiriça e/ou liminar. A mestiça não é um mero entrelaçamento de culturas, uma justaposição de culturas, mas certo deslocamento. Reconhecer-se como “chicana” possibilita desgarrar-se do inglês imposto sem pretender voltar a uma língua original, ao espanhol dos mexicanos, e permite perceber que esse espanhol mestiço, o espanhol dos “chicanos” é também uma língua viva, cheia de aberturas ou resistências.

Assim, o sujeito constrói um relato de si e dos lugares que habita, no qual se articula as sensações corporais, a dor, o choro, a solidão e a doença por meio da tradução da experiência do corpo em palavras. A escolha dessas palavras, sua repetição, e até a ausência delas, vai dar um sentido outro para essas recordações, até então talvez dispersas, imprecisas ou individualizadas.

Os relatos de si trazem consigo os intervalos nos quais vidas se transformam pela experiência e pela experimentação. Por isso, os relatos de si promovem um trabalho constante e

crítico de redefinição de quem somos diante da recusa da identidade que nos é socialmente imposta. Segundo Foucault (2019, p. 21), essa recusa requer a construção de um “sujeito de saber e de experiência”:

Não mais ser sujeito como se foi até agora, sujeito em relação a um poder político, mas sujeito de um saber, sujeito de uma experiência, sujeito também de uma crença. Para mim, essa possibilidade de se insurgir si mesmo a partir da posição do sujeito que lhe foi fixado por um poder político, um poder religioso, um dogma, uma crença, um hábito, uma estrutura social, é a espiritualidade, isto é, tornar-se outro do que se é, outro de si mesmo. (FOUCAULT, 2018, p. 21)

De acordo com Rago (2011, p. 11), o interesse de Foucault seria pelas possibilidades de “invenção de novos modos de existência, construídos a partir de outras relações de si para consigo e para com o outro, capazes de escapar às tecnologias do dispositivo biopolítico de controle individual e coletivo”. Os relatos de si fabulam formas de subjetividade capazes de funcionar como resistência autônoma frente aos poderes normalizadores.

Os relatos de si (RAGO, 2011; BUTLER, 2015) auxiliam os indivíduos a construírem a si mesmos como sujeitos políticos, dotados de capacidade expressiva e de escuta, uma vez que passam a prestar atenção aos próprios movimentos e respostas, a escutar-se e escutar o outro de forma mais crítica e sistemática, buscando encontrar aquilo que os define, que define o outro e que nomeia problemas e sofrimentos. Nesse sentido, o relato de si é uma das maneiras de se examinar os próprios passos para adquirir uma firmeza de orientação em direção a um projeto autônomo de vida. Esse exercício possibilita a criação de relações consigo e com os outros que forneçam um contexto no qual as condições de reconhecimento estejam em constante negociação e revisão.

O sofrimento do corpo migrante (SAYAD, 2004) se expressa também na deteriorização de sua saúde mental e física, produzindo assim corpos doentes, sem estruturas de cuidado familiar nem institucional disponíveis, sendo forçados a continuar performando um papel “produtivo” na sociedade de estabelecimento. Observa-se frequentemente que os migrantes que deixam o seu país de origem gozam de melhor saúde do que as populações comparáveis nascidas no país de destino. Este fenômeno tem sido chamado de “efeito do migrante saudável” e geralmente é explicado pela autoseleção positiva dos imigrantes e pela seleção, triagem e discriminação positivas aplicadas pelos países receptores. Isso fica evidente, por exemplo, nas políticas de seleção migratória aplicadas no Canadá, onde a idade e o estado de saúde são fatores levados em consideração para outorgar um status de residência.

No entanto, quando os migrantes chegam ao país de estabelecimento, sua saúde deteriora-se com o tempo e, em geral, consideram-se com pior saúde do que a população nativa do país de acolhimento (FAIR et al., 2020; BROWN, 2018). Em geral, os trajetos de saúde das populações imigrantes são afetados por todos os fatores de stress aculturadores resultantes do processo migratório, como a adaptação a um novo país, as barreiras linguísticas e a angústia relacionada com o status legal (BROWN, 2018). A exposição permanente desses sujeitos a longos processos de incorporação à sociedade de destino, em meio a olhares racializados, expressos por meio do racismo e do “nativismo” institucional, cultural e interpessoal, também são aspectos que comprometem o estado de saúde dessa população em geral (BROWN, 2018).

No contexto desta pesquisa, vários relatos mostram a doença como ponto de virada na experiência migratória do sujeito. Em 2021, Ale ficou internado vários dias logo de descobrir uma diabetes que o levou a transformar todos seus hábitos de vida. As longas jornadas de trabalho na cozinha, sem atentar para os horários destinados às refeições, a alimentação irregular e a falta de tempo e de recursos para cuidar de si, são fatores que incidiram na aparição dessa condição crônica.

A Vergonha, a humilhação e a injúria são sentimentos morais que fazem parte da marcação desses territórios de classificação e governamentalidade das vidas indignas. Vergonha que priva pessoas vulneráveis de suas redes, de suas epistemes, suas análises e solidariedades e de sua força de oposição. Vergonha não é só uma emoção. Experiências individuais de vergonha fazem referência a uma realidade política ampla que é saliente para membros de grupos subordinados – ordem social que suprime, que posiciona socialmente o sujeito em uma ordem hierárquica. “A dimensão física da vergonha, como ela opera nos corpos e através deles, significa que a vergonha também envolve a deformação e a reformação dos espaços corporais e sociais, como corpos que se afastam de outros que testemunham a vergonha”. (AHMED, 2013, p.103)

Roberto, Celia, e outras pessoas entrevistadas, relatam as dificuldades vividas durante seus estados de depressão, associados sobretudo à sobrecarga de exigências concorrentes (econômicas, laborais, culturais, familiares etc.) às quais deviam fazer frente e dar conta por si sós. Quando pergunto a Rolando sobre o momento mais difícil de sua vida, ele me disse: “quando *comecei a perder a visão*”

(Rolando) Llevo dos años y medio inyectándome la retina... dos años y medio (SILENCIO LARGO). Ni el mar, la balsa, la base militar (Guantánamo)... nada de eso... esto sí... porque a quién le digo yo... “llévame al hospital.... deja de trabajar para que me lleves al hospital”. Todo el mundo está trabajando. Me voy y salgo ciego de la consulta. El médico cree que yo

voy con un acompañante. Hay un sistema que ayuda a los ciegos en los metros, yo lo he aprendido... lo amarillo, lo verde, todo fosforescente. (depoimento obtido em maio de 2022)

(Eric) Yo sí sabía que iba a pasar trabajo (fuera de Cuba), lo que no sabía es que en esos trabajos duros que uno tiene que hacer como inmigrante me iba a dañar la espalda de por vida. Eso no lo espera nadie, y eso definitivamente...PAUSA LARGA.

Ese fue un evento que me cambio mi vida, mi perspectiva sobre la vida y todo. Fue Entre 2015 y 2016... eso no es algo con lo que la gente cuenta, y eso me deprimió. Una depresión no diagnosticada...creo... porque no fui a un especialista, pero lo siento. Porque la palabra “límite” me resulto traumática, porque estoy verdaderamente limitado... entonces te pones a reconsiderar una serie de aspectos en la vida. (depoimento obtido em agosto de 2020)

Um estado mental deteriorado afeta a saúde física, assim como o adoecimento do corpo tem um impacto na saúde mental. O processo migratório exige do corpo e da mente do sujeito uma performance extraordinária e irrenunciável, que se estende às vezes durante toda a vida. Esse corpo migrante, já doente, começa a perder sua “utilidade” como força produtiva; e vai se aproximando cada vez mais de grupos considerados pelas instituições e os discursos dominantes como “uma carga social”. O próprio mecanismo que destrói o corpo é aquele que o condena por destruído. Ele não se encontra em lugar algum, porque essa doença vem acentuar as condições de exclusão que já sofre o sujeito como migrante.

Existe um deslocamento de um reconhecimento da vida do cidadão testado pela violência, muitas vezes por uma atividade militante, para o reconhecimento da vida do paciente afetado em seu corpo, ou seja, de uma vida política para uma vida biológica, de uma vida que é contada a uma administração para atestar uma história de perseguição a uma vida que é exposta na frente de um médico para mostrar uma patologia. Falar de biolegitimidade, em vez de biopoder (FASSIN, 2009) é enfatizar a construção de sentido e de valores envolvidos na maneira como os sujeitos são tratados e suas vidas são avaliadas e julgadas como adequadas ou inadequadas. Aqui a vida não é dada a priori, mas operada através de discursos, enquadramentos e signos.

O corpo doente é sempre também uma surpresa, como disse Eric, uma possibilidade nunca imaginada. Assim como ele, Olivia também retornou a Cuba para buscar ajuda médica quando nasceu seu filho com Síndrome de Down. Ela me conta que o seguro médico obrigatório da universidade onde estudava cobria o acompanhamento da gravidez na clínica da escola, mas ela não compreendia ainda bem o sistema médico e às vezes não sabia se iria receber faturas por algumas cobranças extras. No momento do nascimento de seu filho, ela já havia concluído seus estudos e tinha direito de usar o sistema público de saúde canadense.

(Olivia) Todo estaba bien, todo bien. Lo que pasa es que... no sé... (SUSPIRA sin mencionar nada aun sobre la condición del niño) ... la inexperiencia... y yo quizás me podía haber hecho otras pruebas para enterarme de las cosas del niño. Yo me hice los exámenes que se hacen igual en el sistema público. Yo no tuve acceso a un ginecólogo de experiencia, pero no creo que sea por mi status o por la forma de pago, sino porque simplemente yo no conocía a nadie aquí, no tenía a nadie que me dijera nada, no tenía referencias. Es por la falta de relaciones sociales y de información.

Yo me pasé ese primer mes del niño casi completo en el hospital con él, hasta que nos dieron el diagnóstico. Mi esposo ya tenía el proyecto del restaurante en Montreal y me fui con el niño. A mi profesora de la universidad no le gustó mucho eso, se puso un poco brava... porque yo iba a hacer el doctorado y después de eso me fui y lo dejé todo.

Entonces luego en el restaurante en Montreal, todo el trabajo lo hacíamos nosotros, yo trabajaba también ahí, no teníamos dinero para pagarle a nadie. El niño creció ahí. Estuve en el restaurante trabajando como 6 meses. Yo no quería regresar para el laboratorio, no quería saber nada de aquello. Pero en un momento... el trabajo del restaurante me sobrepasó, porque no son mis habilidades... atender gente.

Mi niño tuvo muchos problemas al inicio. Nos fuimos a Cuba. Lo tuve que dejar en Cuba para poder tener la asistencia de una fisioterapeuta a tiempo completo, porque aquí no tenía acceso a eso. Los servicios aquí no son iguales. Te dan una cita hoy, otra el mes que viene... le enseñan al padre como hacer los ejercicios al niño. Yo no podía así. Me fui para Cuba y le pagaba a una fisioterapeuta por mi cuenta, 5 dólares la semana... y ella iba todos los días a la casa y le hacía los ejercicios al niño. De hecho él camina como un niño normal, a los 13 o 14 meses. Tenía los músculos fuertes... esa mujer le hacía de todo. Yo intente aquí, incluso en el sistema privado, pero ni te tocan al niño, no lo tocan. Todo es con mucho miedo. Ellos solo te explican cómo hacer tu misma las cosas. Mi mamá vino y estuvo aquí unos meses con nosotros. Luego ella se lo llevó para Cuba y estuvo allá unos meses. (depoimento obtido em maio de 2022)

Retornar ao país de origem em um momento de crise como ocorre nesses estados de doença não significa apenas utilizar os recursos conhecidos e disponíveis lá, mas também mobilizar o saber, a cultura e o cuidados que ligam ao sujeito com sua terra natal. O tratamento que Olivia recebeu em Cuba para seu filho não era integrado ao sistema de saúde do país, mas resultado de “arranjos” informais entre ela e uma profissional da saúde que atendia a criança em casa por 20 dólares mensais. Essa cifra era insignificante no contexto econômico canadense, mas em Cuba representava na época o salário mensal de um médico. Ainda que Olivia e seu filho retornassem em Cuba para buscar ajuda, ela sabia que não era nas instituições cubanas onde a encontraria, mas na relação primária que ela mantém com aquele lugar, um tecido histórico compartilhado nos modos de fazer, nas táticas criadas pelas formas de vida em condições de vulnerabilidade. A forma por meio da qual esses corpos migrantes doentes são desconsiderados e relegados, novamente deslocados, e por vezes descartados de uns e outros lugares, tem a ver com a existência dessas *heterotopias de crise* e *heterotopias de desvio* mencionadas por Foucault (2004) e comentadas anteriormente nesse texto. As vidas desviantes e em crise ocupam um estatuto que oscila entre duas

operações: de um lado, espaços e dispositivos heterotópicos tentam “conter” o migrante como “problema” a ser regulado. E já vimos que não se trata somente de entender como sua vida é moldada e normalizada. Trata-se, como afirma Fassin (2009), de perceber como a vida do migrante se insere de forma complexa, incerta, ambígua no seio dos nossos sistemas de valores e ações, das nossas economias morais e políticas. Por isso, de outro lado, dentro dos dispositivos heterotópicos de crise e desvio, tornar-se desviante (no sentido deleuziano do termo) é também ser “incapturável” pelo sistema. A tática que subverte a heterotopia de controle evidencia que o sujeito desviante “está presente e ausente simultaneamente, ele está na tua frente e ao mesmo tempo te escapa, sempre está dentro e fora, da conversa, da família, da cidade, da economia, da cultura, da linguagem... Ele ocupa um território, mas ao mesmo tempo o desmancha, (...) ele desliza, escorrega, recusa o jogo ou subverte-lhe o sentido, e assim resiste às injunções dominantes”. (PELBART, 2002, p.26).

Seguindo Assmann (2011), podemos dizer que essas marcas e experiências heterotópicas do corpo migrante vem a ser “escritas corporais” permanentes; assim como as histórias intergeracionais fazem parte de um relato coletivo construído na oralidade e que podemos identificar como “recordações”, com suas distorções e imprecisões. A autora recupera o pensamento de Nietzsche para dizer que a memória é associada à fixação permanente e interrupta de um presente (por meio de monumentos, celebrações públicas massivas etc.); enquanto a recordação é intermitente e inclui intervalos de não presença. “Não se recorda algo presente, mas se corporifica tal cosa”, afirma Assmann (2011, p. 265). Nesse sentido, o *trauma* é indicado pela autora como uma escrita duradoura do corpo.

Assim como variados são os percursos e as histórias de vida dos imigrantes, diversas são as condições que geram esse sofrimento (SAYAD, 2004). O corpo em movimento é também um sujeito que carrega todas as suas formas de identidade territorial, de gênero, de raça, de classe. As mulheres, por exemplo, são afetadas por determinantes específicos da saúde que as colocam em uma posição de vulnerabilidade maior na sociedade (discriminação e violência de gênero, saúde reprodutiva etc.); assim como podem experimentar também a transformação da maternidade. Isso aparece fortemente no relato de mulheres como Olivia, e também quando Eva evoca a identidade de sua filha para explicar suas identificações espaciais entre Cuba, Canadá ou Quebec. Celia, por sua parte, relata um episódio difícil que viveu ao chegar a Montreal.

(Celia) Cuando yo vine para aquí ya estaba embarazada... no lo sabía... me enteré viniendo para acá. Aquí tuve que hacerme un aborto... porque él no estaba preparado, era muy joven...

yo tampoco, obviamente. Aquí eso (el aborto) es menos frecuente que en Cuba, pero sí hay muchas clínicas de aborto y son muy buenas... sobre todo muchas clínicas que apoyan a la mujer y te apoyan en todo, ayuda psicológica... antes, durante y después del aborto. Eso fue traumático... muchos miedos... yo no hablaba inglés ni francés, no conocía a nadie... me vi sola con una barriga... fue algo fuerte. (depoimento obtido em agosto de 2020)

De acordo com (ASMANN, 2011, p.268), o “trauma” é uma das forças deformadoras ou estabilizadoras da recordação, junto com o afeto e o símbolo. Trauma e afeto, afirma a autora, são “formas da memória como participações corporais diversas e envolvem o corpo em intensidades diferentes como meio”. Já o símbolo atua na tradução dessa experiência corporal em sentido, como é a verbalização dos relatos em signos linguísticos, e como pode ser também uma cicatriz na pele, uma tatuagem etc. Estamos falando aqui de experiências corporificadas do lugar, pois elas estão sempre ligadas a um espaço e lhe dão sentido, às vezes também como heterotopias (a *balsa* do imigrante, o acampamento de refugiados, o restaurante cubano onde são reencontrados os compatriotas etc.).

No relato de Félix, por exemplo, os vexames sofridos em Cuba antes de emigrar e o medo de não conseguir sair da ilha, ficou como um “pesadelo” que até hoje o atormenta em sonhos. Para Eric, a vivência de sua cirurgia da coluna e o diagnóstico médico que o deixou com muitas limitações físicas, constitui até hoje uma barreira para o seu próprio desenvolvimento social e profissional. Olivia viu sua vida mudar completamente quando nasceu seu filho, ao ponto de não querer mais retomar a sua carreira como pesquisadora, para se dedicar ao cuidado da criança. A “desconexão” de Daniel com a realidade de Cuba, que ele relaciona com a falta de vínculos significativos com a Pátria, pode se ligar também talvez ao fato dele ter perdido sua mãe sendo ainda muito jovem, e à forma como ele “reconstrói” sua família na nova Pátria. Ainda que em intensidades e dimensões diferentes, a vivência do trauma passa a fazer parte da forma de vida que esses corpos constroem em lugares outros.

(Rolando) Yo era muy joven cuando me fui en la balsa. No sabía los efectos que podría traer eso. Hoy por hoy, dormido, hay veces que me caigo de la cama pensando que es una balsa, hay veces que me duermo en la esquina de la cama y me caigo, y me recuerda la balsa porque a mí me decían.... “cuidao con los tiburones, cuidao con los tiburones!” Yo vi los tiburones. Pasó un barco grande que no nos vio, y no te imaginas la cantidad de tiburones que iban detrás del barco, comiéndose los desechos del barco. Cuando yo me amarraba a la balsa, subía las manos encima de mí, por los tiburones. Cuando los americanos me recogieron en el barco, destruyeron la balsa. Me dio un dolor ver como se desinflaba y se hundía... (depoimento obtido em maio de 2022)

O relato de Rolando traz o trauma da sobrevivência no mar, uma “memória corporificada sensorialmente nos corpos e nos lugares” (ASSMANN, 2011, p. 25). Não se trata de um relato como memória, mas como recordação, algo impreciso, vago, às vezes contraditório. Para além de dados concretos sobre uma realidade, o que fica é o trauma como sensação desse lugar no passado; a somatização, mais ou menos consciente, mais ou menos grave, dessa experiência. “Quando uma memória embutida no corpo é totalmente cortada da consciência, estamos falando de um trauma. Esse trauma é entendido como uma experiência encapsulada corporalmente, que se expressa por sintomas e bloqueia uma lembrança recuperadora”. (ASSMANN, 2011, p. 25). Ao mesmo tempo, os sobreviventes trabalham o trauma a todo momento, pois devem remorar, modelar, tratar o passado sem nunca alcançarem reparação. Aquele que se recorda e utiliza seu próprio corpo para essa operação, deve poder percorrer as paisagens que se depositam na memória, descortinando e articulando os fragmentos que conferem um sentido aos relatos que orientam as existências dos migrantes.

Vários autores vão abordar essa dimensão do trauma a partir do contexto do holocausto, por exemplo, para mostrar uma dimensão extrema desse fenômeno. Os testemunhos, às vezes impossíveis, dos sobreviventes vão trazer à luz um tipo de “memória não heroica” que constitui o “*self* danificado”, ao dizer do crítico literário Lawrence Langer (1991, *apud* ASSMANN, 2011, p. 276). Não se trata, contudo, de uma vitimização ou vulnerabilização dos sujeitos, mas de recuperar as possibilidades de vida outra para além do trauma. “Em vez de ajudar a levantar terapeuticamente o *self* danificado, Langer deseja investi-lo de seus próprios direitos e criar para ele a validação de uma forma de existência própria” (ASSMANN, 2011, p. 276). Outras formas de vida que, ainda que carreguem o corpo marcado pela dor e os lugares de sofrimento (e talvez justamente por carregá-lo), alcançam uma chance para se reconstituírem na heterotopia (ao mesmo tempo em que a constituem), trazendo o trauma como uma “presença latente”. Nesse sentido, podemos estar falando também do trauma como vivência coletiva na migração cubana.

Há autores que dizem que o traumatismo é justamente a conexão do trauma individual com sofrimentos coletivos. A diferença entre trauma e traumatismo aparece nas reflexões de Didier Fassin (2007, 2014). Segundo ele, o trauma está ligado à emoção associada ao intolerável sofrimento. A memória machucada, traumática reflete a dor que atesta a realidade do acontecimento. O traumatismo está associado a uma memória coletiva de acontecimentos

intoleráveis. Assim, o trauma, quando acessa a dor e a conecta um coletivo, produz um o acontecimento potente, o traumatismo. E é o traumatismo que pode, segundo Fassin, possibilitar recursos contra a vitimização ao tornar a vítima protagonista de seus discursos.

Dentre as heterotopias de crise e de desvio que menciona Foucault (2004), a velhice é aquela para a qual convergem diversas formas de exclusão social, uma crise que se torna desvio. O envelhecimento dos migrantes, longe da família, em um lugar outro, vem condensar todos os lugares habitados e transitados, as temporalidades justapostas e os sofrimentos sobrevividos no espaço heterotópico do corpo. Os anos que passam sem conseguir encontrar os seres queridos e as mudanças no estilo de vida vão tornando esses corpos cada vez mais diferentes, transformados; e não apenas os que migraram, mas também os que ficaram no país de origem. Depois de 6 anos de Ale ter saído de Cuba, a família que ele reencontrou no aeroporto não era a mesma que ele havia deixado quando emigrou. O filho crescido, a mãe envelhecida, um irmão que não estava mais vivo. Ele tampouco era o mesmo.

(Ale) En los primeros días de enero (año), después de coger la residencia, me fui a Cuba, no me había llegado aún la carta de residencia pero ya yo había sacado pasaje. Ya yo no aguantaba más. Era demasiado tiempo. Ahora voy como 3 veces al año, nunca ms de 15 días a veces menos. En la pandemia no pude ir, claro.

Era una mezcla de emociones enorme, porque fue demasiado tiempo, seis años. A mi hijo lo dejé con 14 años y tenía 20 años cuando llegué. Mi mamá tampoco estaba igual... yo la dejé caminando, y ya no caminaba cuando volví...de 89 a 95 años... fue muy difícil. Mi hermano había fallecido y tampoco pude estar ahí... mi hermano mayor, yo llevaba un año y medio aquí cuando él se enfermó y falleció, y no pude ir... cuando salí de Cuba él estaba bien.

Cuando llegué, mi hijo saltaba y yo lo veía desde antes de salir de la aduana... yo me bajé del avión que temblaba como un papel.... nosotros nos pasamos noches enteras sin dormir... hablando de todo lo que había pasado... fueron 10 días que no me separé de la casa ni un día. Yo cuando voy a Cuba no me separo de mi mamá. (depoimento obtido em maio de 2022)

A vivência da migração é corporifica nas ausências e nos reencontros, na mudança do corpo e no estranhamento do familiar. O sentido dessa experiência é construído em muitos espaços e tempos, em muitas línguas e através de muitas cicatrizes. A velhice, como parte disso, desloca novamente o sujeito na heterotopia migratória. Doença, sofrimento e solidão convergem nessa dimensão do “fim da vida” como espaço outro. Para aqueles migrantes que não conseguem formar um entorno de cuidados e companhia no país novo, a velhice é um lugar incerto. Celia, para falar de um possível retorno a Cuba, me disse: “talvez quando eu envelhecer... lá é possível viver bem

com uma aposentadoria daqui, com o que eu consiga acumular aqui”. Ale, por sua parte, espera poder viver sua velhice em um lugar com um clima mais favorável, não tão frio, pois o inverno canadense muda até o caráter das pessoas, me disse: “*não acho que vou morrer aqui na neve... não quero morrer aqui*’. Rolando há 14 anos que não vê sua filha menor, senão pela tela de um celular. Roberto acha que nunca conseguiu realmente sair de Cuba.

(Rolando) En estos 14 años no he podido ir a Cuba, no tengo papeles. Si salgo de Canadá abandono el proceso y lo pierdo todo. A la niña más chiquita el dejé de un año... pero ella se acuerda de mí porque la niña mayor le enseñaba mis videos, mis fotos y le hablaban de mí... en aquella época no había internet en Cuba...y verdad que hizo efecto... porque ya tenemos ese vínculo, ahora ella me ve todo el tiempo por internet. (depoimento obtido em maio de 2022)

(Roberto) Nunca he dejado mi país. Yo salí de Cuba pero Cuba nunca salió de mí. Yo creo que eso les pasa a muchos cubanos, es muy general ... y tengo la esperanza de no vivir mi vejez en este lugar, no lo tengo dentro de mis planes en 20 o 30 años. Sí, sí... yo sí lo tengo valorado... comprarme un apartamento y con el tiempo regresarme a Cuba... yo no voy a pasarme toda la vida viviendo en este frío, con esta soledad. Y además mi salud, tengo hernia discal, dolores... eso no me lo va a permitir.

Eu também tenho pensado em ir embora, conhecer outra coisa, outro lugar que me sinta bem, inclusive ir para outra província do Canada, para saber se a vida é diferente do que se vive aqui no Quebec, se as pessoas pensam diferente. Porque eu vou ser sincero... não gosto como pensam eles. Não vou viver mais me enganando... não vou ser hipócrita. Simplesmente não me interessa, não gosto de sua forma, sua mentalidade... não tem nada a ver comigo. (depoimento obtido em agosto de 2020)

Essa perspectiva do corpo transformado, no lugar y pelo lugar, tem a ver com uma experiência diferente das temporalidades. É a heterocronia que permite fazer a nova vida no espaço, um espaço reconfigurado entre a memória do passado e a consciência do futuro.

(o espaço) é o teatro dessa novação por ser, ao mesmo tempo, futuro imediato e passado imediato, um presente ao mesmo tempo concluído e inconcluso, num processo sempre renovado. Quanto mais instável e surpreendente for o espaço, tanto mais surpreendido será o indivíduo, e tanto mais eficaz a operação da descoberta. A consciência *pelo lugar* se superpõe à consciência *no lugar*. A noção de espaço desconhecido perde a conotação negativa e ganha um acento positivo, que vem do seu papel na produção da nova história. (SANTOS, 2006, p. 224).

Essas temáticas trazem à luz uma discussão de fundo sobre a “vida” como valor comum, o cruzamento de fenômenos biológicos e acontecimentos biográficos, e a diversidade de trajetórias individuais embutidas em mecanismos standardizados de controle dessas vidas. Fassin (2018) vai abordar esse fenômeno a partir da “produção contemporânea de vidas desiguais”, em seu estudo

sobre os conceitos de *formas de vida*, *éticas da vida* e *políticas de vida*. O autor tomou como objeto de estudo principal os migrantes, refugiados e solicitantes de asilo para delinear os contornos de uma forma de vida à margem do Estado, marcada por um futuro incerto, pelo acesso precário a recursos básicos como a alimentação, abrigo e segurança, bem como por muitas formas de violência legal e extralegal.

Esta forma de vida de "nômades transnacionais precários" (FASSIN, 2018), que diz respeito a cada vez mais pessoas em todo o mundo, é o reflexo de uma ordem internacional que não consegue garantir condições de vida dignas para um número crescente de pessoas e comunidades. Dessa forma, embora o fato de viver e o fato de morrer sejam comuns a todos os seres humanos, a distribuição das chances de vida e dos riscos de mortalidade fazem parte das desigualdades mais duradouras e de maior alcance em nossas sociedades. Nesse sentido, o autor propõe pensar nas formas de vida em sua diversidade e não em sua divergência. No relato de Rolando, por exemplo, ele associa seus problemas de saúde com seu status jurídico. Diante da negação de sua demanda de refúgio, há 14 anos atrás, ele tenta solicitar um visto humanitário devido à sua condição física deteriorada.

(Rolando) Ahora por problema de enfermedad de los ojos, me están haciendo un tratamiento y todos esos papeles para la visa... se los entregué a la abogada y pagué 3 200 dólares... estoy en el proceso de visa humanitaria por enfermedad hace 7 meses. Dice el especialista que es porque trabajé con químicos o por el deporte... algo me hizo daño en la retina. Inmigración está pagando el tratamiento, que vale 24 mil dólares...son inyecciones en la retina cada seis semanas. (depoimento obtido em maio de 2022)

Abordar as “desigualdades das vidas”, nessa perspectiva, permite questionar sobre os motivos da presença desses migrantes e de suas formas de vida precárias, a partir dos pontos em comum dessas situações migratórias, aparentemente individuais ou excepcionais. Nesse viés, destacamos o aporte da perspectiva comunicacional para construir esse olhar sobre as relações de diferença. De acordo com Fassin (2018), se trata de uma abordagem “relacional e diferencial” sobre essas desigualdades, de analisar o conjunto do mundo social e não apenas segmentos específicos da sociedade. Fassin (2018) vai afirmar que não se trata de isolar as vidas dos exilados, dos oprimidos, dos explorados, dos humilhados e dos ofendidos, sob o risco de propor uma leitura miserabilista delas, mas de inseri-las em relações sociais cuja inequidade fundamental reside justamente em uma hierarquia de vidas implicitamente estabelecida ou explicitamente admitida.

Ao adotar essa perspectiva, é possível abordar as condições de vulnerabilidade ligadas ao estatuto econômico e a precariedade material de uma forma relacional, focando nas práticas institucionais que mantêm e legitimam desigualdades persistentes entre grupos com acesso fácil ou garantido a determinados recursos sociais, por um lado, e grupos que deles são privados, por outro, em vez de estudar estes últimos de forma isolada. Esse é também o sentido que queremos ressaltar em nossa abordagem das formas de vida dos migrantes, através das relações heterotópicas com os espaços. A concepção da heterotopia como relações complexas dos sujeitos no lugar aponta precisamente para uma ausência de formas fixas ou definidas de como o poder opera sobre grupos específicos. Ao invés disso, chama-se a atenção para a natureza cambiante e heterogênea dessas relações, como mecanismos que fazem emergir experiências heterotópicas, dispositivos e condições outras da existência ao longo da história.

Quando a demanda de refúgio de Rolando lhe foi negada, ele teve que assinar um documento que naquele momento não compreendia bem. Agora, me conta que o que ele assinou foi como “sua morte”, porque ele reconhecia que o Estado canadense não era responsável por sua vida e que iria permanecer no território de forma “ilegal”. *“Eles continuam me enviando algumas ajudas por conta desse tema dos direitos humanos”*, disse-me ele.

(Rolando) Yo dije que me iba para Cuba ahora en enero. Me siento mal... estoy enfermo... solo... voy a cumplir 60 años, me voy para Cuba. La abogada me dijo ... “ya tu diste 3000 dólares, entregaste 7 expedientes médicos, llevas 14 años aquí” ... sigo trabajando, ciego, pago todos los impuestos. Yo no he sido una carga para este país. Tu no quieres pagarme nada? Dame mi residencia y dame la maladie. Yo no doy problema aquí. No ando con armas ni delincuentes. Me operaron el deo y fue 45mil dólares que pagaron ellos (autoridades migratorias). Ellos saben que si caigo en un hospital, se lo cargan a ellos. Ya a mí me operaron una vez de cataratas y me pusieron dos lentes permanentes, pero ya avanzó de nuevo. Ahora me la van a quitar, me voy a curar y poner los espejuelos. Ya le dije al médico.... Antes de enero me voy... y él me dijo, yo te voy a acelerar el proceso. Na’... no me voy nada, pero le tengo que meter el pie a todo el mundo para que el médico haga así y avise a hospitales, inmigración... he trabajao, no tengo delitos, me he portado bien, soy un viejo.... Que voy a hacer en Cuba, botao?... bla bla bla... eso es lo que hay que meterle al juez ahora... Me conviene mantenerme trabajando porque el gobierno sabe que estoy trabajando. Ahora con lo de la visa humanitaria, dice... “mira, está enfermo y trabajando, pobrecito”.
(depoimento obtido em maio de 2022)

A forma como Rolando se auto identifica como “velho” e “doente”, mas que ainda assim trabalha constantemente e se “comporta”, tem a ver com uma “biolegitimidade” que ele mobiliza a partir do corpo como último recurso, diante da falta de reconhecimento das instituições. Fassin (2010a) vai ressaltar também a tendência das políticas de gestão das migrações na França a outorgar

mais facilmente uma regularização da permissão de residência aos estrangeiros que oferecem uma razão humanitária, em lugar do status de refúgio político. Assim, o valor social e político da vida se desvanece por trás do seu valor biológico, isto é, a “biolegitimidade”. Nesse viés, o autor constata que o declínio das taxas de reconhecimento dos requerentes de asilo na maior parte das democracias liberais avançadas corresponde a um declínio da legitimidade da ameaça política e da sua prova biográfica, que cede cada vez mais lugar a uma biolegitimidade segundo a qual as ameaças à vida biológica de um doente aumentam suas possibilidades de regularização de seu status.

Uma pesquisa sobre a experiência de maternidade de mulheres “*sans papier*” (sem visto de residência, sem status migratório) na França mostra justamente como a gravidez é abordada por elas e pelos profissionais de saúde e serviços sociais como um argumento para acessar o reconhecimento das instituições e direitos básicos de proteção (VIROLE-ZAJDE, 2016). Diante de um contexto de escassez de recursos de atenção e de alojamento para os migrantes “*sans papiers*” na França, os profissionais que os atendem vão mobilizar critérios de saúde pública que possibilitam priorizar essas mulheres, como é por exemplo, associar a com patologia (VIROLE-ZAJDE, 2016).

A introdução de uma questão de saúde pública, nesse sentido, legitima a presença de grupos que, de outra forma, são estigmatizados na sociedade francesa (FASSIN, 2005). Enquanto a doença danifica o corpo e torna o sujeito menos produtivo, a entrada no sistema de saúde permite a revalorização do sujeito através da atenção dada ao corpo doente, ainda que de forma transitória e sob o imperativo de adequação a padrões de atendimento existentes. Através do termo “cidadania biológica”, vemos um processo de “redução da vida à sua expressão física vida à sua expressão física” (FASSIN, 2018, p. 90), onde o carácter biológico da vida se sobrepõe, mais uma vez, ao social e ao político. O autor lembra a distinção entre vida biológica (*zoê*) e vida social (*bios*), trazendo as contribuições de Agamben e Foucault.

No trabalho de Fassin (2018), o conceito de “éticas da vida” indica um deslocamento conceitual do estudo normativo da vida ética para uma análise crítica da ética da vida, ou seja, de uma interrogação sobre o que é uma “vida boa” para um questionamento sobre o modo em que essa vida se torna o bem supremo nas sociedades contemporâneas. Na história contada por Rolando, o corpo como lugar heterotópico revela as marcas dolorosas da vida migrante: o mesmo corpo que boiava à deriva no mar; que foi preso em um pedaço outro de sua mesma terra (a prisão

americana em Guantánamo); que esteve em Miami e voltou à sua casa da roça, com sua gente; que há anos não pode sair e voltar a Montreal; que não está preso, mas tampouco é livre.

(Rolando) El miedo mío es que voy a cumplir 60 y el médico me dijo... “por mucho que te reparemos la vista, ya tú estás jodío, y tu vista va a decaer” ... no me lo quieren decir directamente, pero yo lo sé, por las palabras como las dicen. Entonces... me siento muy mal, me siento solo. Si no me dan los papeles, obligado me tengo que ir. Menos mal que tengo allá una casa, tengo la finca, estamos bien.

Yo quisiera poder regresar un día a Cuba... yo no puedo más seguir aquí. Pa’ seguir aquí tiene que venir mi familia, que me jubile y que me den el dinero y la comodidad que hay en este país. Y puedo traer los 11 años que trabajé en Estados Unidos. Eso quisiera yo, retirarme aquí, para que me llegue ese dinero. Ahora tengo que presentar los papeles de la visa humanitaria de nuevo, a lo mejor voy a la corte y me dicen que sí.

Mi primera opción es siempre esa visa... al terminar los papeles, ya estoy legal, hago la aplicación de la demanda por lo del dedo... yo voy a ganar esa demanda, pero no me han podido dar el cheque porque no tengo status.

Yo tengo un SIN (social insurance number) que lo da el gobierno solo para yo poder trabajar, pero no es real... por eso no pude ganar la demanda cuando me corté el dedo en la imprenta, por no tener papeles legales no me han querido pagar. Yo trabajo ahora en una compañía de limpieza, de 5 a 11 pm, todos los días. 35h a la semana. Me pagan 1350 cada 2 semanas, pago 500 de alquiler y otros gastos. Y le mando dinero a todo el mundo, mis niñas, mi hermana, mis sobrinos.

El 922 que yo tengo no es un número de seguridad social, es un permiso. Cada vez que entra el 922 ese, no tiene fuerza, no hay poder. Los ciudadanos sí. A un amigo mío cubano aquí le pagaron... claro, hay que pagarle porque es ciudadano. “Este otro quién es, balsero? Ah no, olvídate de eso, no tiene papeles, que cobre después”. (depoimento obtido em maio de 2022)

De acordo com Alonso (2014), com a destruição dos mecanismos de identificação “face a face”, para os quais a apresentação de documentos comprobatórios era um privilégio dos nobres (que tinham de provar as suas linhagens) e não uma obrigação, surge aquela figura incômoda do “SIN” (*Social Insurance Number*). Na modernidade, afirma o autor, produz-se o “paradigma da identificação reversa”, de forma que a obrigatoriedade da apresentação de documentos de identidade, e a necessidade constante e compulsiva de os apresentar para provar qualquer coisa, transforma quem não os possui em estranhos e, portanto, em possíveis suspeitos. A existência de vistos de entrada transforma assim os Estados em “fortalezas”. Isso vai indicar uma gestão diferencial do tempo dentro de cada heterotopia; ou seja, apesar da partilha dos mesmos espaços públicos, das mesmas ruas, das mesmas rotinas, a gestão diferenciada do tempo burocrático e administrativo transforma os países em imensas heterotopias para os estrangeiros e, principalmente, para os que carecem dos papéis que garantam sua permanência (ALONSO, 2014).

Esse número SIN de identificação “sem força” e “sem poder” que menciona Rolando vai indicar justamente como o valor das vidas é administrado matematicamente. Se as *éticas da vida* ressaltam seu valor sagrado, as *políticas da vida* se referem sobretudo à diferenciação no tratamento das vidas e sua significação em termos de seu valor desigual (FASSIN, 2018). É muito esclarecedora a forma como Rolando opõe sua condição de “balsero”, “sem papéis” àquela do seu amigo cubano que possui a cidadania canadense, a fim de explicar o porquê de ele não conseguir receber a indenização pelo acidente laboral. Essa conotação pejorativa do termo “balsero” vem precisamente do discurso oficial cubano que tem difundido historicamente a figura dos “balseros” como seres desprezáveis e inúteis, os sujeitos mais deploráveis que não teriam lugar na sociedade socialista que se pretendia construir em Cuba. Ainda que ele não tivesse chegado em uma balsa ao Canadá, Rolando continua a se identificar como “balsero” quando fala de sua condição de migrante e de seu lugar na sociedade.

(Rolando, el yuma) Mira el tiempo que llevo yo aquí y no me han dado los papeles (14 años) ... a un amigo mío se los dieron con 20 años, el otro 15, otro más 20... hay uno que tiene una compañía de informática, que lleva 17 años aquí y no le han dado los papeles... todos por refugio político.

Canadá es muy difícil. Y conozco gente que se han ido para Edmonton a buscar los papeles y llevan en eso 15 años... una mujer que yo conozco va como por 30 años en eso... pero ella se metió en cosas complicadas, ahí sí que no te dan nunca nada. Si yo... que me he portado bien... y no me quieren dar los papeles. Trabajando como un animal, ciego, con un deo picao... yo no he parao, eso lo sabe el gobierno de Canadá. Apliqué 5 veces pa' la ayuda social, fui con expertos en francés e inglés... y ni siquiera así me han dado la ayuda social, y se la dan a cualquiera y a mí no me la dieron. Me obligaron a trabajar herido, y aquí estoy parao como un tren... trabajando, echo sangre, me limpio la sangre y sigo pinchando... yo soy un tren, sin frenos, una bola de hierro por ahí pa' llá que no tiene límites. Yo no tengo límites... lo que haya que hacer yo lo hago... yo hago de todo, porque cuando yo necesite mil dólares están ahí... no puedo pedirle a nadie, todo el mundo tiene su problema, es difícil, el sistema te obliga a ser así... o eres bueno o eres malo, o te indisciplinas o te disciplinas... (depoimento obtido em maio de 2022)

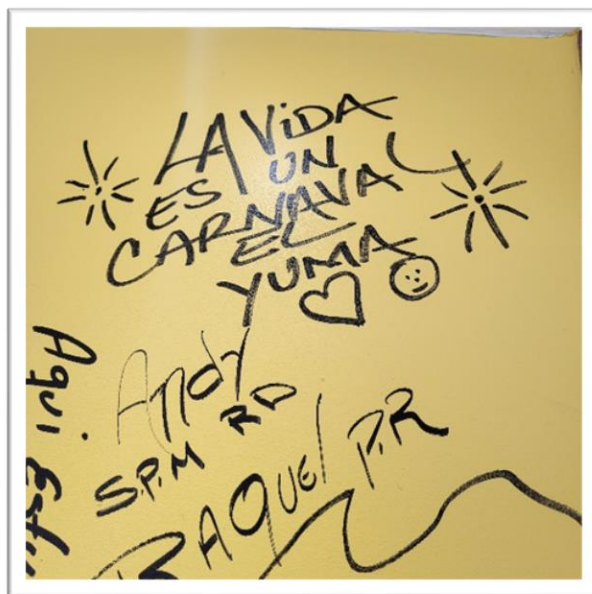
Assim, as *políticas da vida*, segundo Fassin (2018), referem-se ao impacto das medidas governamentais e das configurações sociais nos percursos biográficos e biológicos dos indivíduos. Essa aproximação vai sublinhar que a discriminação racial, a segregação espacial, as disparidades econômicas e a rejeição social contribuem para o que pode ser comparado a uma morte social que precede à morte biológica, afirma o autor. Ainda que todos os migrantes sintam a instabilidade do seu status jurídico, da sua posição social, a trajetória e a socialização próprias de cada sujeito impossibilitam às vezes que os outros escutem e partilhem sua experiência migratória. A obra de Fassin (2018) vai mostrar as experiências precárias e as situações jurídicas que vivem os migrantes,

ou “nômadas forçados”, como ele lhes chama. Isto aponta, no entanto, as múltiplas e diversas situações destas diferentes formas de vida que residem numa experiência que, à primeira vista, parece comum e consensual. É nesse sentido que esta pesquisa visa promover uma reflexão sobre a heterogeneidade e a complexidade das relações que permeiam os espaços que habitamos como heterotopias.

5.3 Corpos que narram: tatuagens de outros tempos

Conheci Rolando, *el Yuma*, no restaurante de Ale. “*Todos me chamam assim aqui... difícil alguém saber meu nome aqui*”, me disse sorrindo: “*Até no trabalho... eu estou limpando ali e o povo do bairro me cumprimenta... ‘Yuma!’... então eles perguntam o que significa isso... ‘tourist’, digo*”. Em uma das paredes do restaurante aparece uma frase com sua assinatura: “*La vida es un carnaval*” (a vida é um carnaval), em referência à famosa música da cantora cubana Celia Cruz¹⁰⁹, que viveu o exílio nos Estados Unidos e se tornou um ícone da cultura cubana da emigração. Nessa mensagem se condensam vários lugares e memórias que atravessam e configuram a vida de *el Yuma* e desse restaurante cubano em Montreal.

Figura 16. Mensagem de Rolando, *el yuma*, em uma parede do restaurante La Cecilia



Fonte: foto tomada pela autora em 2022

¹⁰⁹ Mais informações em : https://es.wikipedia.org/wiki/La_vida_es_un_carnaval

El Yuma é, entre muitas outras coisas, um narrador. Cada vez que eu o encontrava no restaurante, ele estava contando alguma anedota que viveu, alguma parte de sua vida. Os amigos também repetiam suas histórias como se falassem de um filme, de algo extraordinário. Quando lhe pedi uma entrevista para esta tese, ele me disse: “*claro, tu podes escrever minha história, vamos fazer o livro da minha vida*”.

Uma das formas em que ele relata sua experiência é através da pele, testemunha imperecível desses tempos vividos. Na lateral do pescoço, ele exibe orgulhosamente uma tatuagem da bandeira canadense. “*Canadá é o melhor país do mundo*”, me disse, embora há 14 anos ele aguarde pelo reconhecimento legal do governo desse país. Fala também com nostalgia sobre a localidade rural onde cresceu em Cuba, onde tinha muitos lagartos, fazendo referência ao animal que também se tornou uma tatuagem em sua panturrilha direita. Parecia que todo o seu corpo havia se transformado em um espaço heterotópico, um mapa que permite reconstruir os fragmentos de lugares dispersos, de tempos irreversíveis.

Figura 17. Tatuagens de *El Yuma* com a bandeira do Canadá e o animal da roça onde cresceu em Cuba



Fonte: imagens feitas pela autora em 2020

Em um estudo sobre tatuagens, Dominique Roux e Russell Belk (2019) referem-se precisamente às tatuagens como “heterotopias corporificadas”, uma vez que elas não apenas servem para acompanhar os momentos-chave da vida, mas também demonstram a apropriação

cuidadosa do corpo como uma cena estética, como aquele “outro espaço” ficcional de imaginação e representações que trazem o corpo de volta à ação. Para esses autores, as modificações feitas na pele alteram o corpo original e vão produzi-lo como “outro espaço”, que é diversamente desafiado, negociado e (re)apropriado.

Quando Foucault (2013) associa a tatuagem e a maquiagem a uma heterotopia, ele comenta como a produção de um corpo tatuado configura uma ética comunicativa centrada no cuidado de si, na escuta e na produção de um espaço que conecta o corpo tatuado aos demais sujeitos a partir de um espaço inventado, mas possível no mundo concreto. A tatuagem conecta o corpo de Rolando aos outros corpos a partir da criação de uma heterotopia: uma utopia possível que permitiu que ele vivenciasse esse gesto de ter seu corpo “arrancado” do contexto dos árduos processos de migração e projetado no espaço da amizade e da partilha no restaurante.

O corpo é também um grande ator utópico, quando se trata de máscaras, da maquiagem e da tatuagem. Mascara-se, maquiar-se, tatuar-se não é, exatamente, como se poderia imaginar, adquirir outro corpo, um corpo mais belo, melhor decorado, mais facilmente reconhecível: tatuar-se, maquiar-se, mascara-se é sem dúvida algo muito diferente, é fazer com que o corpo entre em comunicação com poderes secretos e forças invisíveis. Máscara, signo tatuado, pintura depositam no corpo toda uma linguagem: toda uma linguagem enigmática, toda uma linguagem cifrada, secreta, sagrada, que evoca para este mesmo corpo a violência do deus, a potência surda do sagrado ou a vivacidade do desejo. A máscara, a tatuagem, a pintura instalam o corpo em outro espaço, fazem-no entrar em um lugar que não tem lugar diretamente no mundo, fazem deste corpo um fragmento de espaço imaginário que se comunicará com o universo das divindades ou com o universo do outro. Por ele, seremos tomados pelos deuses ou seremos tomados pela pessoa que acabamos de seduzir. De todo modo, a máscara, a tatuagem, a pintura são operações pelas quais o corpo é arrancado de seu espaço próprio e projetado em um espaço outro. (FOUCAULT, 2013, p.12).

Assim, uma heterotopia justapõe espaços e experiências corporificadas e os conecta a partir de operações fabuladoras e anti-hierárquicas que aproximam múltiplos espaços aparentemente inconciliáveis. Em uma heterotopia, o factual e a “montagem” de um corpo-mapa convivem e fazem confluir diferentes corporeidades, lugares, experiências, evidenciando dimensões antes não tematizadas das relações intersubjetivas.

A transformação do corpo em uma heterotopia torna-o um espaço mais habitável. Quando isso surge no contexto da migração, nos faz pensar como esses corpos em movimento se tornam o

único lugar onde todos os lugares podem coexistir, ou se sobrepor. Uma espécie de lugar de diferença onde o tempo e as estradas também deixaram as suas marcas: o corpo que partiu nunca mais será o que regressa. É uma corporeidade heterotópica, que conta uma história e que desafiam usos convencionais do corpo, tornando-o mais habitável, um “novo” lar, onde migrantes possam se sentir mais alinhados com quem eles sentem que são.

Sabot (2012) afirma que na dimensão do corpo, segundo Foucault, a utopia reúne a lógica literária da fábula e lógica social dos espaços-contra espaços, porque é nele que linguagem e espaço se entrecruzam novamente.

É essa virtualidade utópica que o corpo atualiza em certas experiências ou certas práticas culturais (máscara, tatuagem, maquiagem, possessão) que borram a fronteira do sagrado e do profano, do eu e do outro, do interior e do fora e que literalmente colocam o corpo fora de si, tornando-o outro, transformando-o [...] (SABOT, 2012, p. 15).¹¹⁰

Mudar o próprio corpo para que ele conte uma história é criar uma escrita singular, um relato de si como prática de resistência. Foucault (2003, 2004, 2014) traça uma abordagem da resistência a partir da modelagem da subjetividade e a partir de uma ética da autocompreensão que busca questionar como as pessoas se submetem a técnicas de controle que gerenciam e reduzem a agência de seus modos de vida, configurando maneiras de construir identidades. A capacidade de autotransformação seria uma capacidade de autonomia, entendida como a dupla capacidade de refletir criticamente sobre as relações de poder-saber que constituíram a sua subjetividade e de se engajar em práticas de autotransformação que são também práticas de transformação coletiva.

A autonomia seria, assim, a dupla capacidade de reflexividade crítica e de autotransformação deliberada. Ao mesmo tempo, a autonomia deve ser pensada como processo relacionalmente construído, uma vez que sua conquista altera a posição do sujeito em suas redes de interdependência social e modifica a forma como se dá a expressão e a percepção de quando e como construir confiança na própria experiência. Isso auxilia o sujeito a perceber a validade e a legitimidade da própria trajetória de vida, além de ampliar formas de amizade e colaboração.

¹¹⁰ Do original: C’est cette virtualité utopique que le corps actualise dans certaines expériences ou certaines pratiques culturelles (masque, tatouage, maquillage, possession) qui brouillent la frontière du sacré et du profane, du moi et de l’autre, de l’intérieur et de l’extérieur et qui littéralement mettent le corps hors de soi, le rendent autre en le transformant [...] » (SABOT, 2012, p. 15).

Foucault (2018) afirma que um sujeito não inventa as artes que emprega para modelar a si mesmo, pois são sugeridas e muitas vezes impostas a ele por sua cultura, sociedade e grupos aos quais pertence. A relação reflexiva consigo mesmo é marcada pela experiência e pela experimentação trazida pelos saberes, pelas práticas cotidianas e pelas relações de poder. Não há criação do eu fora das normas e enquadramentos que orquestram e definem as formas possíveis que um sujeito pode assumir. No entanto, a normatividade não permanece invulnerável diante do que Foucault (2013) define como “a criação de si”, ou seja, um trabalho constante e crítico de redefinição de quem somos a partir da recusa da identidade que é socialmente imposta a nós pelos discursos. Assim, é importante lembrar que “o discurso pode ser tanto um instrumento quanto um efeito de poder, mas também um obstáculo, uma barreira, um ponto de resistência e um ponto de partida para uma estratégia oposta” (FOUCAULT, 1990, p.101).

Entender as tatuagens como forma de escritura que realiza uma prática de liberdade envolve considerar que o cuidado de si também aparece como uma intensificação das relações sociais: não se trata de renunciar ao mundo e aos outros, mas de modular diferentemente a relação com os outros através da maneira como o corpo, os gestos e os comportamentos são definidos nas alianças colocadas em prática pelos sujeitos em seus diferentes espaços de inserção e pertencimento. Foucault nos explica que o “cuidado de si” implica a consideração progressiva de si, o controle por meio do qual não se renuncia à realidade, mas “prepara o indivíduo para enfrentar a realidade desse mundo de agora, servindo-se de um conjunto de práticas por meio das quais ele pode construir um princípio de ação permanente” (FOUCAULT, 1994, p.800). Sob esse aspecto, as técnicas de si parecem ter sido concebidas para ampliar as possibilidades de invenção de condutas capazes de transformar e redefinir o campo de ação e experimentação possível, tanto para si como para os outros, em uma dinâmica de auto-constituição existencial, relacional, estética e política.

Mas Rolando não é o único entre os migrantes cubanos que encontrei que porta as tatuagens de sua história de vida. Contudo, foi difícil conseguir tirar foto ou conversar em profundidade com a maioria deles sobre essa dimensão privada do corpo. Em uma festa de aniversário de alguns dos cubanos amigos do restaurante, celebrada no verão de 2020 com mais de cinquenta pessoas reunidas em um parque de Montreal, percebi que uma delas exibia uma frase tatuada escrita em outra língua no braço.

- *O que significam essas letras? – perguntei.*
- *“A liberdade não tem preço” - me disse ele – “está escrito em árabe”.*
- *“Ah, você fala árabe?” – assumi.*

- “*Não. Eu escrevi isso há 20 anos, quando sai de Cuba. Para que eles não saibam o que está escrito aí quando eu vou lá para ver minha família*”.

Nas tatuagens, como explicam Roux e Belk (2019), é possível identificar facilmente o princípio heterotópico do mecanismo de abertura e fechamento, pois sua visualidade e exposição pública nem sempre garante um acesso a seu significado. É por isso que é comum vermos tatuagens de letras chinesas e em outras línguas, signos inelegíveis, códigos desconhecidos. Tanto os desenhos utilizados como a escrita iconográfica, vão mostrar essa dimensão heterotópica do corpo como um lugar exposto e ao mesmo tempo inacessível à compreensão de todos. Talvez, “seria preciso inventar a imagem de uma escrita que, uma vez realizada, não se tornasse legível de imediato, mas somente sob condições especiais” (ASSMANN, 2011, p.166). Não só as tatuagens servem para acompanhar os momentos-chave da vida, mas elas também demonstram a apropriação cuidadosa do corpo como uma cena estética. As modificações do corpo alteram o corpo original e vão produzi-lo como “outro espaço” que é diversamente desafiado, negociado e (re)apropriado. A transformação do corpo em uma heterotopia articula sua condição de ser uma topia, sua projeção em utopia, e sua encarnação como um espaço mais habitável.

As tatuagens nesses corpos migrantes podem revelar, assim, uma qualidade desses processos de subjetivação política que emergem por meio de práticas espaciais na mobilidade migratória e nas interações transnacionais. *El Yuma* me conta que, quando estava preso na base naval de Guantánamo, um oficial americano que chamavam “*El chacal*” e era conhecido no acampamento por sua dureza, o entrevistou para decidir se poderia entrar aos Estados Unidos, e uma das perguntas foi justamente sobre suas tatuagens.

(Rolando, el yuma) Fui a la entrevista de inmigración, y ahí estaba el Chacal... me preguntó mis datos... si estuve en el ejército, si estudié, que por qué yo había estado solo 1 año y medio en ejército si en Cuba eran 3 años... y le expliqué que me licenciaron por una resolución del ministro. Me dijo... firma aquí... me hizo varias preguntas... “Estuviste preso?” ... No... “Tienes tatuajes?” ... Si, el nombre de mi madre y mis hermanas. Ya esos tatuajes estaban ahí. Y al final firmé tres papeles... y se paró y me dijo... “Welcome to United States”. (depoimento obtido em maio de 2022)

Figura 18. Tatuagens de *El Yuma* com nomes de mulheres (mãe, irmãs, filhas)



Fonte: imagens feitas pela autora em 2020

Ele me mostra essas tatuagens. No interior de um braço aparecem os nomes das irmãs e no outro a inscrição “*Ada, madre mía*” (Ada, mãe minha). Em outro momento de sua vida, me conta Rolando, ele tatuou-se os nomes de suas duas filhas em um lado do pescoço; e voltou a inscrever o nome da mãe ao longo de um braço, “*ADA*”. As três letras do pequeno nome ocupam o antebraço todo. O corpo de *el Yuma* não só acolhe os lugares de sua vida, mas também as mulheres de sua vida, como uma garantia de permanência e existência de seus afetos distantes. Os desenhos de flores, o mar, um peixe, o transportam também ao entorno natural do qual ele sente tanta falta.

Por outro lado, o que para Rolando é a escrita vital de sua biografia, a reconstrução de seu mundo disperso, representa também uma das formas de julgamento e controle dos corpos na sociedade. Tanto ele quanto Ale (49) me explicam que nas fronteiras sempre perguntam sobre as tatuagens, porque há algumas tatuagens que são associadas a grupos criminosos na América Latina. Assim, é possível pensar como coexistem na heterotopia práticas de liberdade, de reapropriação e modos de ordenamento que colidem por vezes e exprimem justamente esse espaço como uma experiência de diferença.

5.4 Controle e governamentalidade dos corpos em movimento

Uma das formas de especialização do poder é através do controle dos corpos. Nos processos migratórios, esses corpos se tornam lugares sem fronteiras, sem coordenadas fixas no espaço, e como tal, fogem das regras que regem um território. O trabalho de Foucault em *Vigiar e Punir* (1975) vem mostrar um pouco esses mecanismos de poder através do controle de corpos e disposições espaciais. Para Deleuze (1986), Foucault apresenta ali uma nova concepção de espaço social, onde não há lugar central para o exercício do poder, como por exemplo, concentrado nos aparelhos de Estado. Nas sociedades disciplinares, o exercício do poder se apresenta por toda parte.

(...) a disciplina não pode ser identificada com uma instituição nem com um aparelho, exatamente porque ela é um tipo de poder, uma tecnologia, que atravessa todas as espécies de aparelhos e instituições para reuni-los, prolongá-los, fazê-los convergir, fazer com que se apliquem de um novo modo (DELEUZE, 1986, p.35).

Assim, o lugar não existe como fonte de poder que possa ser localizado, mas de uma topologia social do poder como rede. Nesse sentido, o “local” para Foucault “tem dois sentidos bem diferentes: o poder é local porque nunca é global, mas ele não é local nem localizável, porque é difuso” (DELEUZE, 1986, p.36).

No relato de Rolando sobre a sua permanência na base naval de Guantánamo aparecem algumas nuances desses mecanismos de controle de populações migrantes por meio de espaços desenhados como prisões. Além da própria distribuição em “acampamentos” internos classificados como masculinos ou familiares, por exemplo, ele me conta sobre a distribuição de prioridades para outorgar a saída da base militar.

(Rolando) Al año de estar en la base de Guantánamo es que nos permiten entrar a Estados Unidos, porque ya el gobierno cubano se había puesto de acuerdo con el gobierno americano y le iba a entregar nuestros datos de identificación.... ahí ya sabían quiénes éramos los que estábamos ahí... por lo de los antecedentes penales y eso.

Estaban sacando gente de la base por diferentes vías... primero por religión... yo no soy religioso, y no me iba a integrar a una iglesia para cometer una mentira tan grande... decir yo creo en Dios, solamente para salir de ahí. Después empezaron a sacar a los homosexuales... tampoco, porque yo no soy homosexual. Después empezaron a sacar a los enfermos... las personas empezaron a tomarse pomos de picante para que se le botaran las hemorroides, para que los sacaran urgente para Estados Unidos... yo tampoco iba a hacer eso porque eso es una locura.

Luego hicieron una rifa con los 8 campamentos, para dar la orden de salida. El general metía la mano... y el primero sacan es La India, el campamento de nosotros, ... el último era el de las familias con niños. Nosotros éramos hombres solos... entonces el jefe del campamento, que era un periodista de la Habana... fue tienda de campaña por tienda de campaña... “queremos cambiar el turno con el campamento de los niños... quienes estén de acuerdo... firmen aquí” (ÉL SE EMOCIONA). Le presentamos la propuesta al comandante de la base, y ese tipo lloró...

“eso que yo veo, eso no existe en otra gente... he participado en 3 guerras... lo que ustedes hacen no lo hace nadie, ustedes son únicos” ... dijo el comandante.

Había un niño que le decían Carlitos... yo le recogía el queso que daban en la comida en mi campamento... en mi tienda de campaña éramos 12... y yo se los recogía y él venía a buscarlos todos los días... 5 galletas y un queso crema... nosotros nos comíamos las galletas solas y le dábamos el queso... a él le gustaba mucho... su mamá era costurera... ella nos cosía la ropa a veces. Cuando yo vi partir ese muchacho... (RESOPLA, LLORANDO, SUSPIRA). El niño... se van... van a ser libres... van a tener comida, escuelas... (depoimento obtido em maio de 2022)

Essa classificação dos corpos segundo critérios de seleção específicos mostra justamente como operam os mecanismos de controle das populações. É pertinente observar, contudo, que a ordem dos critérios não segue uma lógica única. Primeiramente, são indicadas as pessoas religiosas, me conta Rolando, porque recebiam um apoio direito de organizações humanitárias nos Estados Unidos encarregadas de apadrinhar imigrantes. Quem não declarava esse pertencimento religioso, não teria o mesmo direito de ser acolhido prioritariamente. Em seguida, os critérios de seleção passam dos grupos “privilegiados” aos grupos considerados mais “vulneráveis”, nos quais se equiparavam pessoas homossexuais e doentes. Essas “políticas da vida”, de acordo com Fassin (2018) desenham as lógicas de gestão da vida das populações como processos de tratamento e significação diferenciados de vida.

Atribuir valores diferentes às vidas de acordo com um tratamento desigual está em oposição direta à conceituação ética da vida como o bem supremo de nossas sociedades. Fassin (2018) toma como exemplo a inclusão da monetização como forma de compensação da vida humana (dote, compensação legal para reparação às vítimas, seguros de vida etc.), para mostrar como funcionam os processos que justificam a diferenciação das vidas. Algo similar é contado por Rolando quando ele se refere à diferenciação entre o tratamento de compensação por acidente laboral a um amigo cubano com cidadania canadense, e o tratamento que ele recebeu, considerando que não tem status legal no país.

Assim, a desigualdade por exclusão (o imigrante é visto como uma pessoa de menor valor e como carga para a sociedade) soma-se a uma desigualdade pela exploração (o imigrante doente perde sua força de trabalho e sua vida é reduzida apenas a esse valor) (FASSIN, 2018). A desvalorização destas vidas permite justificar o tratamento desigual que lhes é imposto. Todavia, há sempre possibilidades de agência que o sujeito encontra em si e no coletivo, ainda sob circunstâncias de opressão extrema e desesperança (FOUCAULT, 1982). Quando Rolando e seus companheiros do acampamento masculino decidiram rejeitar seu lugar prioritário, obtido na

seleção aleatória, para cedê-lo às famílias com crianças, eles reconfiguram a lógica seletiva e oferecem assim critérios diferentes que avançam uma noção outra de justiça. Nesse caso, as crianças são consideradas como “pessoas de prioridade” para eles.

Fazito (2017) argumenta que os corpos migrantes e estrangeiros se tornaram “perigosos”, porque desafiam a legitimidade e a previsibilidade do corpo social, ao mesmo tempo em que abrem brechas por onde emanam novas contingências. Segundo o autor, a intensidade da “dupla ausência” (SAYAD, 1998) que marca a experiência migratória se inscreve não apenas nos corpos, mas também nos discursos e instituições da Modernidade, gerando assim novas vulnerabilidades encarnadas. O aprofundamento das vulnerabilidades está intimamente ligado aos “atos na mobilidade”, pois expõem os corpos ao espaço liminar da “ilegalidade”, ou seja, da irregularidade do movimento. Um corpo que se move no espaço físico também se move no espaço social e ainda está exposto a todo tipo de sofrimento e regulação.

Podemos identificar nas migrações uma sociogênese específica e reguladora de corpos, emoções e afetos cotidianos que se estabelecem e se articulam durante o longo processo de civilização das sociedades, pois os deslocamentos organizados em um “projeto migratório” põem em jogo os diferentes e as fontes coletivas de produção de sensibilidades ancoradas em um território em construção e, portanto, indefinido e em constante transformação (FAZITO, 2017, p.2).

Referimo-nos aqui à governamentalidade da migração, que inclui várias formas de violência cotidiana e se manifesta em particular nos movimentos migratórios irregulares, nos quais há excessos de *medicalização*, *judicialização*, *securitização* e *mercantilização* (FAZITO, 2017). A judicialização dos regimes de mobilidade (FASSIN, 2011), por exemplo, reforça discursos ambíguos e institucionalizados no aparato político do Estado sobre os direitos migratórios. Isso também articula uma biopolítica dos corpos em movimento que, por sua vez, se traduz em maior securitização dos corpos e de todas as sociedades. Nesse sentido, a governamentalidade da migração “sustenta os discursos e as instituições sociais do uso do corpo em movimento como perigo, manipulando-o como arma de controle a partir das sensibilidades viscerais da angústia, da ansiedade, do medo e do pânico moral” (FAZITO, 2017, p. 7).

Esses processos e regulação dos corpos migrantes podem acontecer tanto nas sociedades de origem ou de destino, embora o foco generalizado recaia nas vulnerabilidades que emergem da mobilidade migratória e suas implicações concretas para o indivíduo e corpo social. Essas

realidades podem variar significativamente entre os países de origem, de trânsito ou de assentamento dos imigrantes, assim como dependendo de suas características identitárias. Por outro lado, consideramos que essa dimensão da governamentalidade dos corpos em mobilidade vai além das separações historicamente delimitadas entre os espaços atravessados pelo migrante, pois o controle é sempre intensificado por diversas operações biopolíticas em andamento que colocam esse sujeito em condição de extrema vulnerabilidade. As sociedades de origem também estão sujeitas aos mecanismos de controle que o Estado-nação exerce sobre o movimento dos corpos (e de suas ideias) e constroem as possibilidades de subjetivação política que põem em questão essa ordem disciplinar.

Durante o período da Revolução Cubana presenciamos uma variedade de formas de governamentalidade dos corpos que acabaram gerando, graças a uma multiplicidade de discursos e operações simbólicas, enquadramentos biopolíticos que definem o campo de ação do sujeito político deste período histórico (HERNÁNDEZ; MARQUES, 2018). Referimo-nos às muitas discriminações institucionalizadas praticadas contra grupos sociais e estilos de vida que não correspondem ao ideal legitimado de sujeitos avaliados como dignos de reconhecimento: homossexuais, hippies dos anos 70, crentes, emigrantes etc. Vários dos entrevistados relatam as experiências de rejeição, medo e condenação que sofreram ao sair de Cuba. Algumas delas estão ligadas também com “leis”, “estereótipos” sobre a migração por via de casamento, e que podiam conduzir à expulsão do emprego e até ao assédio e ataques maiores.

(Ale) En el 2010 me casé con una amiga de Chile y traté de emigrar con ella, éramos muy buenos amigos, pro no se dio, algo fallo en la entrevista y no me aceptaron. Yo lo tenía todo listo, ya me habían separado del trabajo... tú sabes... en Cuba te casas con una extranjera y al momento te separan del trabajo. Yo no dije nada y cuando se enteraron me dijeron que pidiera la renuncia. Estuve un año y medio tratando de salir de Cuba y cuando salí, yo sabía que no regresar..., yo me dije que no iba a regresar pa' atrás... dónde iba a trabajar?... un trabajo como ese no lo iba a encontrar, y si no era con un buen trabajo, no se podía vivir allá. (depoimento obtido em maio de 2022)

(Félix) El director del hospital me citó a su oficina y cuando llegué estaba la directora de la facultad de ciencias médicas y el jefe del sindicato. Me dijeron que se habían enterado de que yo me había casado, que eso era una deshonra a las filas de ciencias médicas, que yo había seguido los pasos de varios estudiantes de medicina que se habían prostituido por un futuro que era incierto. Tuvimos una breve discusión... yo paré por mi parte porque de todas formas eso no me iba a llevar a nada ... igual ellos ya habían decidido sancionarme, que era la expulsión del hospital. No me invalidaron el título pero me condenaron que no lo podía sacar del país en 10 años... como un castigo, que

ellos no iban a aceptar que yo utilizara mi título en el exterior. Cosa que no me importó porque en la verdad nunca me hizo falta aquí.

Al casarme con mi esposa canadiense y haber traicionado al gobierno comunista, me botaron del sector de salud pública. Me hicieron una manifestación en el trabajo, me gritaron jinetero¹¹¹, descarado, prostituto. Era el año 1998. Yo lo entendí como parte del sistema. Algunos de ellos eran mis amigos, me dolió porque en cierto momento compartimos muchas cosas. En ese momento hubo uno solo que me pidió disculpas y me dijo que lo tuvo que hacer porque él no tenía pensado salir del país, y lo entendí, y hoy somos buenos amigos. La gente que un día me gritaron y me trataron mal solo les deseo lo mejor porque aquel mitin¹¹² me hizo más fuerte.

Me sacaron del trabajo con el criterio de que un profesional de la salud no podía casarse con nadie extranjero. Pero uno se casa con quien le da la gana, mi esposa en esa época tenía 23 años, estaba super hermosa, me enamoré, me casé, no estaba poniendo una bomba ni nada por el estilo. Entonces me di cuenta de que era verdad, si no haces lo que le da la gana al gobierno, no eres parte del gobierno. (depoimento obtido em agosto de 2020)

Os médicos, como Félix, recebem também um tratamento migratório diferenciado por parte do governo cubano¹¹³. Sendo uma das fontes de legitimação e ingressos internacionais (por meio de convênios de colaboração), os profissionais da saúde deviam receber uma autorização especial do Ministro de Saúde Pública de Cuba para poder viajar para fora do país, e esse documento podia tardar até mais de 5 anos. Por outra parte, os médicos que se encontram em funções de trabalho no exterior por meio de contratos de colaboração do governo e decidem “abandonar” seu lugar de trabalho para emigrar (de forma clandestina, pois são vigiados pelos diretivos das equipes), são proibidos de retornar à ilha por 8 anos. Essas e outras regulações migratórias aplicadas sob medida para ativistas, jornalistas ou profissionais e dirigentes “de interesse nacional” para o governo vão mostrar o viés ideológico e o governo absoluto que regula os corpos dos cubanos em seu país natal. Félix me conta que antes de sair de Cuba teve que pagar uma quantia correspondente à sua carreira de medicina, incluindo materiais e vestimentas que nunca tinha recebido, e que as autoridades de saúde pública e migratórias lhe orientavam trâmites às vezes impossíveis de fazer.

¹¹¹ Originalmente em feminino, a palavra “jinetera” é uma expressão pejorativa para se referir a mulheres que mantêm relações ou se casam com estrangeiros, com objetivos lucrativos ou de saída do país. A expressão é utilizada também atualmente para homens, e surgiu na década de 1990, em meio ao desenvolvimento da indústria turística que buscava fazer frente à dura crise econômica na ilha após a queda da URSS.

¹¹² Conhecidos popularmente como “motins de repúdio”, essas manifestações públicas coletivas de rejeição aos imigrantes são incitadas e permitidas pelas autoridades cubanas desde o início do período revolucionário. Atualmente esse tipo de ações não se produz contra imigrantes, mas sim contra ativistas que se opõem ao governo.

¹¹³ Uma discussão mais detalhada sobre essa temática se encontra na minha dissertação de mestrado (HERNANDEZ, 2019).

(Félix) Para que el ministro de salud pública me autorizara la salida fue como un calvario. Estuve como un año en esas gestiones... era como un chantaje, te hacen cosas frustrantes y que te afectan psicológicamente.

En ese momento entendí muchas cosas de las que me decía mi hermano que él sufría. Porque mi hermano no era un opositor de la revolución, pero por tener ideas como que le gustaba el inglés y oír música en inglés, no era bien visto por el órgano sindical de la escuela donde él trabajaba. Era como la chispita que se puede prender en un almacén de dinamita... y siempre lo acusaban por eso... y él siempre me decía que yo tenía que ser muy cuidadoso con el inglés, con la música que escuchaba, para que no pase lo que él estaba pasando... sin tener culpa de nada. A mi hermano lo llegaron a citar en la policía... como que mi hermano era contrarrevolucionario... porque oía música en inglés, porque conversaba con el primo de nosotros que ya había salido para acá para Canadá. Mi primo era guía turístico y se casó con una canadiense.... en esa época estaba comenzando eso del turismo en Cuba, y eso como que marcó un cierto momento en la familia de nosotros. Entonces mi hermano ya empezó a cambiar un poco de ideas, y estaba siendo condenado sin ser culpable... igual que yo.

Es un choque siempre cuando vas a abandonar tus raíces, aunque te hagan todo eso que em hicieron, pero son tus raíces, vas a dejar a tus padres atrás. En el momento de que me dan la visa ya yo estaba decidido de emigrar lo más rápido posible, por todas las cosas que me hacían... todo eso lo que hacía era afianzarme más la idea de que la emigración era la mejor forma de salvación... porque estaba viviendo una situación que no me merecía y me estaban forzando a hacerlo porque no estaba de acuerdo con renunciar a mi esposa.

Yo Sali solo para la Habana, de madrugada, por miedo que no em dejaran salir en Holguín. Desde que me momento en el avión me di cuenta de que estaba en el lugar correcto. Si me hubiera quedado en Cuba, mi futuro hubiese sido negro, porque por el solo hecho de casarme con mi esposa me puse como la sogá al cuello. El gobierno no acepta perder, y cada cubano que salga del país es una derrota para ellos. (depoimento obtido em agosto de 2020)

A migração como uma forma de “salvação”, segundo Félix, vai mostrar como certos espaços que são concebidos a priori como um lugar seguro (a casa da família, a Pátria) vão se tornando uma fonte de ameaça, perigo ou frustração para o sujeito. Essa experiência de rejeição e perseguição, lhe permite compreender melhor a sua própria realidade, de sua família e de seu país, como foi o caso de seu irmão, quem era “questionado” pelas autoridades pelo fato de gostar do inglês e se comunicar com familiares emigrados. Assim, as narrativas dos outros vão se tornando cada vez mais uma história própria, através da corporificação de uma experiência que se apresenta às vezes no abstrato.

Ao migrar, abrem-se possibilidades de um devir outro do sujeito político. No caso de Cuba, o corpo que migra é um corpo que se levanta contra tudo o que é permitido e contra o que seria previsível para ele. Todavia, quando ele retorna ao país, circula, atravessa uma fronteira da qual não poderia ter saído nunca, da qual teria sido expulso definitivamente, se torna um corpo ainda mais subversivo nesse deslocamento e aparecimento.

O aparecimento é um processo que, de acordo com Jacques Rancière (2000), vai além da visibilidade de um corpo e seu comportamento. Aparecer implica alterar as coordenadas do que é legível e pensável, possibilitando uma subjetivação que desafia o que foi imposto, o que está previsto e a ausência de excessos, ou seja, do que ultrapassa a barreira do permitido. A subjetivação política é a manifestação de um dissenso, uma ruptura com o continuum consensual da ordem policial que impede a criação de cenas polêmicas em que os sujeitos questionam seu suposto status natural, dando visibilidade à desigualdade que mantém todos em lugares sociais previamente designados (RANCIÈRE, 2000).

O conceito de política em Jacques Rancière é próximo àquele desenvolvido por Foucault, pois os discursos biopolíticos em Foucault e os fundamentos sensíveis da democracia em Rancière definem que a ordem social como a conhecemos hoje é estruturada por consenso. Segundo Rancière (2000), a polícia foucaultiana seria uma forma de instituição, um instrumento de poder e uma fonte de desenvolvimento de dispositivos biopolíticos que atuam na orientação do comportamento. Por sua vez, o policiamento de Rancière está vinculado a uma forma consensual de compartilhamento do sensível, sistemas que legitimam e naturalizam a configuração de uma comunidade contrária à dissidência. A partilha do sensível delimita os papéis, os lugares, os tempos, os enunciados e as vivências dos sujeitos dentro de uma sociedade, o que configura uma interface com os processos disciplinares e de governamentalidade descritos por Foucault (1984).

Rancière (2020) menciona que a influência de Foucault sobre seu trabalho está muito associada ao fato de ambos se preocuparem em construir um pensamento em ato, operando nas técnicas de poder e nas práticas daqueles que resistem ao poder: nas práticas polêmicas, nas lutas. Foucault não oferece um roteiro sobre o que fazer dessa vida e do saber vindo da apropriação da experiência. Para ambos, a política não busca trazer consciência à revolta, mas permite que a rede de suas razões encontre a rede de razões daqueles que se amparam em seu próprio saber e em suas próprias razões para introduzir a linha de fuga e o grão de areia que bloqueia e faz saltar a máquina. Para ambos a teoria é uma prática que articula as gramáticas e as estéticas da política. Os dois se aproximam também pelo gosto aos arquivos: produzem relatos que não buscam disputar o grau de fidelidade aos fatos, mas tornar legível a zona opaca em que a história rompe com a divisão hierárquica entre causas e efeitos, para impedir o consenso e a naturalização da partilha hierárquica do sensível. Contudo, apesar dessas interseções, o próprio Rancière menciona uma divergência importante em relação a Foucault:

A problemática da relação entre sujeito soberano e sujeito assujeitado nunca me interessou. Não sou um pensador da soberania e rapidamente fiquei irritado com os discursos sobre o assujeitamento. O que me interessou, fora das formas de subjetivação propriamente políticas, é a maneira como os indivíduos se engajam para reconstruir o universo sensível ou o tipo de mundo comum no qual se encontram. O ponto fundamental não é a relação entre soberania e assujeitamento, mas a possibilidade de reconstruir um universo vivido, de perceber, falar ou agir de outra maneira, diferente das formas de experiência às quais somos designados. Essa abordagem está bem distante de Foucault e de sua concepção de normas que deriva de Canguilhem e de sua ideia de criatividade da norma. Canguilhem afirma que as normas não são leis sob as quais somos massacrados. A vida produz normas e, em consequência, há um aspecto construtivo das normas: elas nos constroem e nós as construímos. Essa ideia foi importante para Foucault, sobretudo quando ele desejou se distanciar do tema da repressão sexual. Mas a questão do sujeito, do poder e das normas nunca foi de meu interesse. (RANCIÈRE, 2020, p.829)

Ainda que Rancière insista em traçar diferenças com relação ao pensamento de Foucault, é possível afirmar que, segundo esses dois autores, a manutenção da ordem social não deve ser tratada como problema a ser resolvido por um Estado forte e de suas leis punitivas, mas como operações que questionamos processos de legitimação por meio de uma ação emancipatória que desafia o poder na configuração de espaços, tempos e identidades de sujeitos. Ambos acreditam na importância do gesto de recusa a um determinado “modo de ser” e de viver imposto hierarquicamente, por meio de práticas de liberdade que produzem uma experiência que requer o questionamento “do estatuto de sujeito no qual nos encontramos” (FOUCAULT, 2019, p.35).

O corpo do sujeito migrante é, segundo Fazito (2017), um corpo abjeto situado à margem dos espaços de pertencimento. Ameaça e perturba a identidade hegemônica, o sistema, a ordem, porque não respeita as fronteiras, as posições anteriormente impostas e as regras do ordenamento do território. Ele perturba a identidade consensual, a unidade pressuposta da sociedade e do sujeito. Esse corpo abjeto transtorna as fronteiras, os limites pelos quais as identidades são construídas. O enquadramento biopolítico lhe confere uma visibilidade segundo a qual se deve rejeitar e odiar o estranho que desestabiliza o consenso estabelecido.

As construções simbólicas em torno da figura do emigrado como um corpo que não pertence mais ao espaço da “nação” cubana vão acompanhadas de mecanismos efetivos de controle da mobilidade desses corpos, como relata Félix sobre a “autorização” que deviam receber os médicos para sair da ilha. A reforma migratória cubana de 2013 eliminou algumas dessas barreiras impostas

pelo governo cubano, embora permaneça o livre arbítrio de ação do governo sobre alguns cidadãos, como vimos. Nos relatos dos cubanos entrevistados sobre seus processos de saída do país, aparece frequentemente essa dimensão da suspeita, a acusação e os obstáculos institucionais, geralmente sob a figura da *carta blanca* ou *Permiso de Viaje al Exterior* (PVE), um documento emitido pelo Ministério do Interior cubano que autorizava a saída do país a cada cubano¹¹⁴. A aplicação desse mecanismo como procedimento institucional homogêneo foi eliminado na reforma migratória de 2013.

(Eric) En quinto año de la carrera es cuando yo salgo de Cuba... yo no me gradué intencionalmente, para poder salir de Cuba¹¹⁵. aquella época hacía falta un permiso para salir de Cuba, la famosa Carta Blanca, y cuando yo fui a entrevistarme con la oficial del Minint (Ministerio del Interior, policía) que atendía, mi caso el primer cuestionamiento fue... "Por qué tú quieres salir del país si estas a punto de graduarte?"

Ya yo tenía la visa en mi pasaporte, era una visa de turismo... ellos saben que la probabilidad de que no regresara era alta... un joven soltero...y así te tratan. Yo le dije que eso podía esperar, y que se me presentó esta oportunidad ahora y es mi prioridad... y entonces me trabaron la carta blanca. Tuve que mover relaciones e influencias... incluso a mí se me venció la visa, tuve que volver a hacerla. Hasta que finalmente me dieron la carta blanca y logré viajar en el 2005. (depoimento obtido em agosto de 2020)

(Olivia) Me aceptaron en la maestría y ahí empezamos a hacer los papeles... eso fue otra historia más porque en aquella época todavía estaba la carta blanca, había que pedir el permiso. Las cosas de Cuba! Me mandaron la carta de aceptación de la universidad a mi dirección en Cuba, por supuesto. Esa carta llegó sabes cuándo.... la primera vez que yo fui de visita a Cuba... ahí llego el correo postal con la carta.... RISAS... año y medio después.

Tuve que explicarle todo a los profes, que me mandaran la carta oficial digital, que necesitaba una carta diciendo lo que me iban a pagar una beca. Pasé mucho trabajo para hacer todos esos papeles... los formularios no los podía descargar porque la conexión era muy lenta y no tenía mucho tiempo de conexión... entonces mi amiga que estaba aquí me ayudó con los formularios, me los hizo, me los mandó.

Mi esposo quería salir de Cuba hasta más que yo, tenía hasta pasaporte ya hacía dos años... le daba lo mismo irse pa' Honduras que pa' México, que pa' donde fuera... lo que pasa es que yo no quería irme de esa manera... pero claro que eso me influyó también. Él tenía una idea de salir más permanente... yo estaba acabada de graduar, todavía tenía como esa ilusión de hacer algo por la ciencia, de trabajar, y de que se podía hacer las dos cosas... que podías salir y tener un poco de dinero para vivir mejor en Cuba con tu familia. Yo tenía mis planes profesionales que eran buenos...lo de viajar para investigar, pero familiarmente no era lo óptimo, porque íbamos a estar separados de todas formas.

¹¹⁴ Mais informação em: <https://www.cubaenmiami.com/carta-blanca-o-permiso-de-viaje-al-exterior/#:~:text=La%20tarjeta%20blanca%20o%20Permiso%20de%20Viaje%20al,Cuba%20porque%20el%20permiso%20nunca%20ha%20sido%20otorgado.>

¹¹⁵ Muitas pessoas não concluíam seus estudos universitários em Cuba pelo temor de serem retidos durante anos se solicitavam a uma autorização de saída do país.

Assim como o trâmite de “la carta blanca” vai mostrar a ação deliberada e direta do poder do Estado sobre o destino dos indivíduos e seu direito de escolha e mobilidade, essas condições obrigam o sujeito a reinventar formas outras de liberar o corpo do espaço e das normas que o limitam em sua plena existência. Fassin (2018) afirma que a tensão entre o biológico e o biográfico evidencia a universalidade e centralidade da “sobrevivência” entre os migrantes, sem esquecer que a resposta às suas necessidades primárias envolve interações e relações sociais com determinados atores específicos (polícia, membros de ONGs, etc.). As estratégias de adaptação, segundo o autor, a acomodação que alguns migrantes fazem perante os obstáculos levantados pela lei, evidenciam claramente a lacuna que existe entre o direito e a prática, como uma tensão produtiva.

A circulação fronteiriça na ilha, assim como os direitos dos cubanos emigrados, tem sido objeto de controle pelo governo cubano das últimas décadas, mas os migrantes cubanos que encontramos em Montreal, relatam as várias formas em que eles têm contornado os controles e as regras migratórias, não só nos países de trânsito e destino, mas também no país de origem. Olívia, por exemplo, relata como ela conseguiu obter a “carta de convite” de uma pessoa no exterior que exigia o governo cubano como condição para outorgar a carta blanca.

(Olivia) El proceso todo para venir fue como un año y pico. Yo tenía que llegar aquí en la sesión de invierno del 2012, la visa me la dieron en diciembre del 2011. Después de que ya yo tenía todos los papeles, cuando fui a pedir la Carta Blanca me dicen que no, que para pedir la Carta Blanca había que tener una Carta de Invitación. Y yo les dije... pero cómo es eso, si yo tengo una visa de estudios, a mí me invita una Universidad. Pues no, tenía que ser una carta de invitación de una persona que tenía que enviarla la embajada cubana en Canadá.

Imaginate... cuando yo le dije eso a los profesores de aquí, que tenían que hacer ese trámite personal... ellos no se quieren hacer responsables de eso, porque eso es una cuestión institucional. Entonces una amiga mía que estaba haciendo ese proceso de inmigración independiente para Canadá, que había llegado hacía solo 2 semanas aquí... la llamé y le pedí que me hiciera esa carta de invitación. No importaba quien fuera. Entonces esa amiga mía me hizo la carta de invitación con un dinero que le mando un tío mío desde Estados Unidos, era como 100 dólares cada una. Así mismo fue... ella, acabada de llegar, fue a la embajada cubana en Montreal y puso las dos cartas de invitación, diciendo que ella era mi amiga y que nos invitaba a pasarnos unas vacaciones aquí.

Esa carta la mandan al departamento de consultoría jurídica en Cuba, y de ahí la mandan por correo a tu casa. Pero con ese correo cubano las cosas te llegan años después... RISAS. Entonces mi esposo fue directamente a ese departamento de Consultoría Jurídica y le dio 5 dólares a una mujer para que le avisara cuando llegara la carta, y ella le avisó cuando llegó... él fue directo a recogerla y le pagó más dinero a la mujer.

Cuando nos llegó la carta blanca, ya no nos daba tiempo para yo empezar en la sesión de invierno en la escuela, pero ya nos íbamos de toda forma cuando tuviéramos todos los papeles. Realmente hubiese sido mejor esperar a mayo, que empezara la sesión de verano, pero con el desespero de que ya teníamos los papeles... y tanto trabajo que había costado todo... pues vinimos ya en marzo, del 2012.

No relato de Olívia é possível observar como o absurdo se torna uma forma de interação consensuada nesse mecanismo da migração cubana. Apesar de ela ter um visto de estudos aprovado e uma autorização da universidade estrangeira, as autoridades cubanas exigiam uma carta de convite pessoal do exterior, pois era esse o regulamento estabelecido. Quando ela apresenta a carta que teria feito uma amiga em Montreal para convidá-la junto com seu esposo de forma pessoal, eles obtiveram a autorização de saída. O próprio mecanismo de controle revela assim seu carácter paradoxal e estabelece as bases nas quais os cidadãos vão lidar com esses poderes absolutos. É nesse sentido que o comunicacional desempenha um papel fundamental na politização dos lugares e da ação dos sujeitos neles, por meio das práticas de liberdade, das interações e dos quadros de sentido ali reconfigurados.

Na perspectiva de Cresswell (2014), o lugar não tem significados naturais e óbvios, mas criados por algumas pessoas com mais poder do que outras para definir o que é e o que não é apropriado. As pessoas, afirma o autor, também são capazes de resistir à construção de expectativas sobre a prática através do lugar, usando os lugares e seus significados estabelecidos de forma subversiva, sobretudo a partir de uma visão crítica sobre a heterogeneidade de formas de vida dos sujeitos, questões que têm sido amplamente ignoradas por tradições como a geografia regional ou a geografia humanística (ex. idade, gênero, classe, estilo de vida, sexualidade e etnia etc.). Assim, a dimensão política do lugar passa não apenas pela ordem de distribuição espacial de poderes hegemônicos, mas também pelas formas de resistência e ressignificação dessas normas que os sujeitos praticam. Eva conta como ela e seus amigos “fingiram” sua união de casal para solicitar o visto que é concedido à família dos estudantes e trabalhadores estrangeiros no Canadá

(Eva) Mucha gente que estudió conmigo se estaba yendo rápido para afuera, generalmente a estudiar algo de nuestra área, maestrías y eso... un día me entero de que un amigo mío estaba haciendo ese proceso para venir a estudiar una maestría a Canadá. Él trajo a una amiga como si fuera su esposa, porque cuando tú vienes, puedes traer a tu pareja. Pero el esposo de esa muchacha se había quedado en Cuba, entonces ellos estaban buscando a alguien que viniera igual por esa vía y trajera al esposo de ella como “pareja”, para ellos poder reunirse aquí. Una amiga que y teníamos en común me avisó que en un departamento de su universidad estaban buscando estudiantes de maestría y que iba a abrir la convocatoria, y me dio el contacto para yo escribirles. Empezamos los papeles como en 2013 y un año después ya estábamos en Canadá. Para mí fue fácil el proceso, pero porque la persona con la que estaba haciendo el proceso tenía todos los recursos, y teníamos ya la información. Él tenía un carro con chapa estatal, imprimía todos los papeles todo en su trabajo, tenía internet. Yo no tenía nada de eso, tenía cero posibilidades económicas.

Esa persona con la que yo hice el proceso de visa, que vino como mi pareja, lo pagó todo, unos 1 500 dólares del proceso e incluso mis primeros meses de estudio aquí en la universidad. Era como un negocio. Su esposa ya estaba en Canadá y trabajaba también y pagó todo, los billetes de avión, mi alquiler, todo. Yo tenía una pareja en aquella época pero sabíamos que eso no iba a ningún lugar, él no se quería ir de Cuba y yo sí me quería ir. (depoimento obtido em maio de 2022)

As “gambiarras” desses sujeitos se tornam uma forma de vida que subverte ordens estabelecidas por meio de micro agencias cotidianas e vitais. Privado de sua capacidade de decidir sobre se próprio corpo, o indivíduo vai tentar fazer desse corpo um lugar outro, através dos direitos que ainda lhe são reconhecidos, como o da formação de um casal heterossexual, no caso de Eva; ou as solidariedades cúmplices dos amigos, no caso de Olivia.

Essa busca de caminhos é, também, visão iluminada do futuro e não apenas prisão em um presente subalternizado pela lógica instrumental ou aprisionado num cotidiano vivido como preconceito. É a vitória da individualidade reforcada, que ultrapassa a barreira das *práxis* repetitivas e se instala em uma *práxis* libertadora, a *práxis* inventiva de que fala H. Lefebvre (SANTOS, 2006, p. 222)

Mostramos até agora como alguns exemplos sobre como funciona a governamentalidade dos corpos migrantes, seja no país de origem, nos lugares de trânsito, ou no lugar de destino. No contexto cubano, por exemplo, esse controle passa pelas proibições de saída e retorno, medidas arbitrárias que regulam o movimento transfronteiriço, perda de direitos no país de origem, rejeição, perseguição e anulação sociopolítica do sujeito que emigra.

No entanto, essa coerção não acaba quando o corpo sai do território nacional, pois os mecanismos de controle da população na ilha dependem também do regulamento dos laços afetivos, econômicos e culturais com os conterrâneos de fora. Nesse sentido, se instaura uma espécie de vigilância transnacional que permeia todos os espaços e interações do sujeito, tanto em suas relações com outros cubanos emigrados, em espaços públicos como as redes sociais, ou na comunicação com sua família em Cuba. Mencionamos um pouco sobre esse tema no relato sobre o ato político no restaurante cubano (Capítulo 2). Este aspecto atravessa também o trabalho de campo dessa pesquisa, já que muitos migrantes cubanos temem falar com desconhecidos sobre sua história ou sobre a realidade de Cuba. Ainda nas entrevistas realizadas, eles insistem em marcar sua distância do que identificam como “a política” em Cuba, apesar de entrarem por vezes em

contradição com o resto do relato. Os seguintes fragmentos ilustram um pouco a vivência desse controle transnacional que o Estado cubano exerce sobre seus cidadãos no exterior.

(Rolando) Aquí hablando con los cubanos yo trato de no meterme en política ni en religión, porque eso puede crear problema.... Pero a veces dicen que Fidel Castro fue malo y yo digo que es bueno, pa mi es bueno.... Y no me quita eso de la cabeza nadie.... O no se si eso me lo meti en la cabeza yo cuando estaba en Cuba, pero donde quiera que yo llegaba, la imagen de Fidel estuvo ahí... comida, uniforme, estudio... y cuando yo vi la vida del capitalismo dije, esta no se graduó pq los padres no podían comprarle un libro, no tenían universidad.... en Cuba todo es regalao... Yo se que todo ha cambiado mucho, pero cuando yo viví la Revolución, estaba todo nuevo, no faltaba nada, yo estaba contento... La gente de Cuba no me habla mucho de política, me cuentan que compraron, que consiguieron de comer... yo no quiero meterme en eso de política, mi hija estudia allí, está en la EIDE- escuela de deporte en Cuba- que le voy a decir del capitalismo.... ¿Y si lo dicen en la escuela, y toman represalias con ella? Ahora pa los quince le compramos una cama que costo 8'mil pesos cubanos... 1000 dolares... mejor que la mia, la de Miami le compro un aire acondicionado... no quiere salir del cuarto. (depoimento obtido em maio de 2022)

(Celia) Trato de no hablar de política con ellos (la familia) porque mi mama es policía y mi abuela es comunista... RISAS. Mi mama a veces me dice... me están escuchando por el teléfono, no vayas a decir nada... RISAS. Recuerdo cuando yo estaba en Cuba que mi abuela siempre cerraba las ventanas y las puertas cuando hablábamos algo. Por suerte mi mamá no ha tenido ningún problema porque yo me fui, no que yo sepa, pero sí tiene que informarlo (en su trabajo). Cuando yo voy, a veces me ha dicho... “no me vengas a buscar aquí al trabajo”. Eso todo bastante incomodo. (depoimento obtido em agosto de 2020)

(Olivia) Al inicio, cuando llegamos aquí, teníamos que pagar una prórroga cada mes al gobierno de Cuba. No teníamos status de residente aquí, y no podíamos perder el de allá. La carta blanca te daba permiso a estar fuera de Cuba por 1 mes, y a partir de ahí hasta los 11 meses que podías estar fuera, tenías que pagar 75 dólares cada mes para conservar tu status de residencia en Cuba. Cuando pasaron los primeros 11 meses, que se suponía que debíamos regresar a Cuba, todavía no teníamos dinero para ir. Estuvimos pagando cada mes hasta finales del 2012, que cambio la ley, y entonces ese tiempo de permiso se extendió a 24 meses, y ya no había que pagar cada mes.

Yo perdí la residencia cubana cuando dejé de ir cada 2 años. La última vez que fui a Cuba fue justo antes de que mi hijo cumpliera 2 años, que ya tenía que pagar pasaje. Ya no he vuelto a ir más. Desde enero del 2017 ya no he ido más.

En Cuba solo me quedan mis abuelos, pero ellos vienen aquí. Ahora yo quería ir a Cuba porque mis abuelos ya están muy viejos y me da miedo traerlos y que les pasé algo, pero al final dije que no... que prefiero tomar ese riesgo que ir a Cuba. Los abuelos quieren ver a los niños, y no voy a llevar a los niños a Cuba en verano. Cuando llevé a mi hijo pequeño allá tenía que estar todo el tiempo en el aire acondicionado porque él no podía soportar el calor. (depoimento obtido em maio de 2022)

Assim, o sujeito em movimento experimenta múltiplas formas de pressão sobre si mesmo, e também por meio de seus seres queridos. O corpo desencaixado de seu lugar de origem nunca é completamente próprio ao lugar de destino.

(...) a globalização faz também redescobrir a corporeidade. O mundo da fluidez, a vertigem da velocidade, a frequência dos deslocamentos e a banalidade do movimento e das alusões a lugares e a coisas distantes, revelam, por contraste, no ser humano, o corpo como uma certeza materialmente sensível, diante de um universo difícil de apreender. (SANTOS, 2006, p. 212)

Nesse viés, Santos (2006) ressalta que os sujeitos participam sempre do processo da ação por meio de sua corporeidade, uma categoria que vai ganhando atenção das ciências sociais na fase da globalização. Assim, a corporeidade dos indivíduos se torna um instrumento da ação, ainda que o governo do corpo pelo homem seja limitado, e que seja demasiado lento o processo de produção de normas legais para protegê-lo (SANTOS, 2006).

Assim, o corpo do migrante é em si mesmo, no ato de mobilidade, uma força de transformação sobre os lugares que atravessa. No relato de Abel, por exemplo, a primeira saída de Cuba transformou sua visão do mundo e de seu próprio destino. Nem a ruptura com sua companheira, a renúncia a sua paixão profissional e os desacordos com seus pais impediram a realização desse projeto de vida definitivo; e ele finalmente começa a abrir um caminho outro de entendimento de sua realidade, individual e coletiva, por meio da experiência migratória.

(Abel) En realidad yo ni siquiera esperé los 6 meses que supuestamente duraría mi estancia de investigación en España. Y mi esposa me critica eso y varias personas me lo reprochan. Cuando yo regresé a España en el 2010 ya existía Facebook, eran los inicios, y yo me abrí una cuenta de Facebook. En Cuba casi nadie tenía. En mi laboratorio de España la gente recién se estaba abriendo unas cuentas. Yo lo hice para comunicarme mejor con la gente...y bromear. Era la primera red social a la que tenía acceso. Y después empecé también a ser más abierto y frontal con el tema de la política cubana, de la situación allá. Hacía denuncias... compartía información que encontraba.

Hubo un momento ahí que... esto es una cosa que a mí no me gusta contarla mucho... porque me da realmente hasta tristeza. La noche que Orlando Zapata murió, yo mandé un correo. Eso a mí me conmovió mucho. Yo mandé un correo a la Universidad básicamente mandando todo a la mierda y diciéndoles que aquello era una dictadura. Que si había gente que moría en la cárcel, eso estaba muy mal. Un preso político, eso no.

Ese es el tipo de cosas que en Cuba uno no sabía. Cuando yo estaba en la Universidad de la Habana, ya leía a Yohani Sanchez con el blog de Generación Y, ya por ahí ya sabía algo de lo que estaba sucediendo. Pero estando en España, con buena internet todo el tiempo y un montón de comunicación, ya empecé a ver muchas cosas más.

El día que murió Orlando Zapata yo mandé ese correo electrónico para Cuba diciendo que Fidel era un tirano. Fue un momento de ira, un impulso. Yo entré a mi correo de la universidad,

cogí el primer correo que era colectivo para todo el mundo, un correo que habían mandado por el sindicato, con cualquier tontería, y le di “Responder a todos” ... y escribí mi carta, que fueron un par de párrafos. No me extendí mucho, pero dije todo lo que tenía que decir. Dije que no regresaba porque ese país era insostenible, que ahí no se podía vivir con libertad. (depoimento obtido em maio de 2022)

Ele faz uma pausa no relato quando lembra desse dia, fala devagar, tenta segurar a voz firme. O “impulso” de enviar esse e-mail coletivo era também o resultado de um processo de transformação obrigada que ele estava vivendo desde sua primeira saída da ilha, o retorno, e depois essa saída definitiva. Apesar de ele ter “escolhido” esse caminho, sentia que não se tratava de uma escolha livre de constrangimentos, mas algo que derivava da impossibilidade de visualizar um futuro para si em Cuba. O corpo se reconhecendo como migrante, sem lugar, na distância e na tristeza, produz suas próprias maneiras de gritar, de romper o que deva ser rompido, para ser assim um pouco mais livre.

A informação sobre Cuba que Abel começava a receber nas redes sociais quando saiu da ilha não formava parte necessariamente de seu entorno de vida imediato quando morava lá; sobretudo a realidade mais dura das consequências concretas da censura e a punição a opositores no país. Mais recentemente, com a abertura à internet em Cuba, é possível acessar múltiplos testemunhos, imagens, vídeos e depoimentos que sustentam essa contra-narrativa ao discurso oficial do governo. Durante os sucessos de novembro de 2020 alcançados pelo *Movimiento San Isidro*, muitos cubanos dentro e fora do país acompanharam as insurgências através das redes sociais, tomando contato com a greve de fome e o entrincheiramento de artistas cubanos em uma casa de um bairro marginalizado da Havana, San Isidro (por meio de declarações dos protagonistas nas redes, de imagens, de transmissões ao vivo). É por essa razão que no dia seguinte à irrupção das autoridades na sede dos grevistas, outros cubanos ativistas e intelectuais se congregaram na porta do Ministério de Cultura em Havana, exigindo uma resposta das autoridades¹¹⁶.

O próprio Abel me fala desses acontecimentos recentes quando lembra da morte do opositor Orlando Zapata, o momento em que ele percebeu, ainda na distância, a necessidade de agir no espaço público (digital) contra uma injustiça que não podia mais ser ignorada. Esse processo de (re)descobrimento da realidade política cubana a partir do “fora” possibilitado pela conexão digital e pelo acesso às novas tecnologias entre cubanos isolados entre si, tanto dentro como fora do país,

¹¹⁶ Mais informação em: <https://www.bbc.com/mundo/noticias-america-latina-55096075>

são fatores que incidem justamente na transformação do contexto sociopolítico de Cuba nos últimos anos. Abel continua o relato sobre as consequências posteriores de sua ação, não só para ele, mas para sua família e amigos em Cuba.

(Abel) Me respondieron al día siguiente, el director del centro donde yo trabajaba. Me respondió con una carta, también muy política, hablando un montón de mierda. Me decía que yo era un hipócrita, que por que denunciaba los problemas de Cuba y criticaba a Cuba y no era capaz de denunciar que en el capitalismo había también injusticias.

En ese correo estaba la gente de la Universidad de Cuba donde yo trabajaba, pero además puse el correo de mis padres, y de muchos amigos míos, los más cercanos. Yo quería hacerlo público. Incluso lo puse en Facebook, pero después lo quité. Porque, claro... mis padres se pusieron muy mal... les pareció muy mal lo que había hecho... esa crítica tan abierta. Varios de mis amigos, mi familia... una prima mía que vive en Madrid hace muchos años me llamó al otro día.... que no debía haber hecho eso, que pensara en mis padres, mi familia en Cuba... en millones de consecuencias que podía tener... y tenía razón... la realidad es que en Cuba toman represalias por cualquier cosa.

A mis padres los llamaron a contar. A mi esposa actual la fueron a ver a su casa, la gente del Ministerio del Interior y la Seguridad del Estado. Tuvo repercusiones en la familia, a mis padres los llamaron para hablar sobre lo que había pasado. Mi esposa habla de eso y se molesta mucho todavía. Ya ella tenía sus planes de emigrar y lo que dice es... que tiene razón... que eso le podría haber afectado sus planes de irse de Cuba. Hablaron con la gente barrio y preguntaron por ella y por mí, que con quien yo me reunía, que si me reunía con opositores a gobierno. (depoimento obtido em maio de 2022)

A experiência contada por Abel é também a de muitos outros cubanos durante várias décadas. Corpos que estão “fora”, mas não deixam de estar “dentro”, porque os múltiplos vínculos com as pessoas que ficam em Cuba, e com a própria história de vida do indivíduo, o impede de se desprender completamente daquele lugar. Assim, o corpo se torna espaço único de conciliação de contrários, resistências, gambiarras e aprendizagens de outras formas de vida. É um corpo heterotópico, porque nele habitam muitas temporalidades que não podem ser desligadas, espaços que não podem ser abandonados, cicatrizes e códigos que não podem ser acessados por todos.

(Abel) Pasaron como 4 semanas después y todavía tenía mucha confrontación con mis padres cuando nos escribíamos... hablábamos mucho de política, porque ellos me hacían reproches... “no hagas esto... no hagas lo otro”. Y yo les decía que no quería voltear la mirada y hacer como que no había pasado nada... lo típico de la hipocresía de la sociedad cubana que Fidel montó. Mis padres incluso son capaces de entender que hay cosas que están mal, pero al mismo tiempo me dicen... “No lo digas, cállatelo”. El discurso tonto este de no lo digas porque esta sociedad hay que preservarla y si tú cuentas eso nos vamos a buscar más enemigos. Ese discurso infantil mentiroso de Cuba.

La gente del trabajo me escribió también después de eso. Unos me escribieron desde la posición oficial y demagógica para criticarme. Otros amigos míos me escribieron para

apoyarme y decirme que estaban conmigo y que seguían siendo mis amigos, que estaban orgullosos de mí. Otros me escribieron un poco en el medio. Hubo un amigo mío que me escribió, que hoy vive en Nueva York, que me mandó un primer correo con un poco de reproche, diciéndome que había que luchar por cambiar las cosas desde adentro. Yo le respondí que no estaba de acuerdo con él, que algún día lo podríamos conversar con más calma. Ya los dos o tres días me volvió a escribir para pedirme disculpas... “ño me equivoqué, lo que te dije no es así, sí tienes derecho a decir lo que tú piensas”. Hoy en día somos muy buenos amigos. Yo le respondí a todo el mundo, a los que lo merecían.

Hasta me hicieron un acto de repudio en el instituto. Convocaron a todo el mundo a la sala teatro. Un acto de repudio en ausencia del repudiado... RISAS... eran unos 300 trabajadores. Ahí leyeron mi carta, leyeron la carta de respuesta del jefe del instituto, y después le fueron dando la palabra a la gente que salieron a criticarme y hablar mal de mí. Mis socios de allá me escribían contándome de eso y nos reíamos... “Oye, que clase de ridículo esa gente ahí, patético”. Yo me tuve que abrir después una cuenta de correo diferente para hablar con mis amigos de la universidad de allá. (depoimento obtido em maio de 2022)

O “ato de repúdio” realizado na Universidade de Havana contra Abel, depois do acontecimento do e-mail, vem revelar a persistência de uma forma de governo que não se afasta muito das técnicas empregadas durante os êxodos migratórios dos anos 1980 contra as pessoas que emigravam de Cuba. Félix também relata sua experiência nesse sentido. Essas formas se adaptam aos novos tempos, se fazem de forma abstrata ou virtual, mas o importante é recalcar no coletivo os critérios morais que valorizam ou desvalorizam ao sujeito no contexto cubano do último meio século. Pode ser que atualmente se percebam mudanças nos discursos e os posicionamentos de conciliação do governo cubano com a comunidade emigrada, mas a dissidência política e ideológica contra o sistema continua sendo o limite a toda possibilidade de pertencer plenamente à pátria pós 1959.

De acordo com Fassin (2018), em vez de uma leitura vitimizadora da vida de exilados ou “nômades forçados”, que pensam em suas vidas como vulneráveis e precárias, é preciso compreender essas vidas no contexto das relações sociais de dominação que afirmam sua natureza desigual. Se trata, assim, de uma leitura crítica das formas de vida dos sujeitos migrantes que revela as desigualdades instauradas nas políticas e ancoradas no imaginário das sociedades contemporâneas. Uma vida politizada é aquela que é considerada não apenas sob a idealização biológica, mas por seu valor biográfico. O corpo em movimento se torna, em todo caso, um lugar de conjunção de forças de transformação social que encontra novos arranjos, narrativas e possibilidades de ação no espaço transnacional possibilitado pela técnica.

CAPÍTULO 6. Dispositivos transnacionais, heterotopias digitais e gambiarras

As reflexões de Foucault sobre a heterotopia, como vimos, fazem parte de uma empreitada maior de análise sobre o poder e os espaços. Ele utiliza o termo “*emplacements*” (FOUCAULT, 2004), em um sentido técnico, para designar espaços e lugares em rede, que existem apenas como “‘espaço discreto’, instância de uma das possíveis posições que existem em um conjunto de posições” (DEHAENE; DE CAUTER, 2008, p. 23-24). Nesse viés, Dehaene e De Cauter (2008, p.24) destacam que esse termo antecipa um dos conceitos chave que Foucault irá desenvolver posteriormente, o de *dispositivo*. Essa perspectiva enfatiza uma coerência na obra de Foucault a partir da ideia de que toda distribuição do espaço é um exercício de poder. Isto se observa tanto em seu estudo sobre os dispositivos de controle e vigilância, quanto acerca das práticas espaciais que configuram relações de poder outras na heterotopia, ou a partir dela.

A heterotopia é, assim, mais uma ideia sobre o espaço do que qualquer espaço em si. É uma ideia que insiste em que a ordem dos sistemas espaciais é subjetiva e arbitrária, da qual sabemos menos em sua totalidade do que devemos pressupor. É uma ideia que consistentemente produz e teoriza sobre o espaço como transitório, contestatário, repleto de lapsos e pontos de ruptura. (GENOCCHIO, 1995, p. 43, tradução nossa)

Nesse sentido, este capítulo aborda as heterotopias migratórias que emergem a partir de relações espaço-temporais e práticas comunicacionais que produzem o transnacional como lugar de experiência. Essas redes, fluxos e vínculos transnacionais que emergem em meio a processo migratórios podem configurar um dispositivo transnacional heterotópico. As novas formas de sociabilidade habilitadas pela técnica transformam os modos em que nos relacionamos com múltiplas espacialidades e temporalidades, alterando os rituais de interação cotidiana e as formas de participação em outros espaços que não necessariamente fazem parte de nosso entorno imediato.

Há uma diferença, contudo, entre as técnicas particulares examinadas na sua singularidade, e a técnica, isto é, o fenômeno técnico, visto como uma totalidade. De acordo com Santos (2006), as técnicas, funcionando como sistemas que marcam as diversas épocas, são examinadas através de sua própria história e vistas não apenas no seu aspecto material, mas também nos seus aspectos imateriais. Essa perspectiva permite superar dicotomias tão tenazes quanto as que opõem o natural e o cultural, o objetivo e o subjetivo, o global e o local etc.

Quando geógrafos escrevem que a sociedade opera no espaço geográfico por meio dos sistemas de comunicação e transportes, eles estão certos, mas a relação, que se deve buscar, entre o espaço e o fenômeno técnico, é abrangente e abarca todas as manifestações da técnica, incluídas as técnicas da própria ação. (SANTOS, 2006, p. 21).

A constituição de territórios, em meio às interações dos indivíduos no espaço, implica também um uso da técnica e dos objetos técnicos. Santos (2006, p.227) afirma que, assim como não há um tempo global, mas apenas um relógio mundial, também não há um espaço global, mas espaços da globalização, “espaços mundializados, reunidos por redes”. O mundo, segundo o autor, “ganha sentido por ser esse objeto *comum*, alcançado através das relações de reciprocidade que, ao mesmo tempo, produzem a alteridade e a comunicação” (SANTOS, 2006, p. 215).

A partir dessas noções, podemos dizer que uma abordagem crítica das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), incluindo nos estudos em migração e comunicação, passa pela articulação entre os aspectos materiais das ferramentas tecnológicas e o tecido social em que elas atuam (MATTELART, 2009). Nesse viés, George (2014) vai destacar duas perspectivas principais adotadas nos trabalhos sobre essa temática na área de comunicação: os aportes da economia política da comunicação e a exploração dos usos das TICs em função da autonomia e emancipação dos sujeitos. Contudo, o autor sublinha que são poucos os estudos que conseguem ir além na relação

dos níveis macro e micro em uma mesma análise, o que pode dificultar a compreensão de objetos ligados às TICs como parte de um sistema técnico-econômico de acumulação do capital, ao mesmo tempo que observamos a potência emancipadora que pode emergir nos usos das ferramentas.

Analisar a técnica como um sistema (seguindo também as considerações de Jacques Ellul), como uma característica essencial de nosso tempo, nos permite compreender melhor sua função na articulação de relações de poder no espaço. Assim, a técnica atua como articulador de temporalidades e espacialidades que se redefinem constantemente por meio de uma matriz comunicacional. A partir dessas reflexões, este capítulo aborda narrativas e disputas virtuais em plataformas de interação de imigrantes cubanos, sobretudo em um grupo de WhatsApp de amigos cubanos em Montreal, em postagens no Facebook de outros cubanos que encontramos na cidade e nas interações de um grupo de imigrantes mais jovens em um grupo de Messenger. Além disso, exploramos como os vínculos transnacionais desses migrantes com Cuba emergem no âmbito de trocas cotidianas, usos das redes e de fluxos transfronteiriços. Como parte da emergência desse espaço transnacional, aparecem também novas formas de engajamento dos migrantes com a realidade sociopolítica cubana, gerando por vezes ações de mobilização ou mudanças de perspectivas políticas a partir de acontecimentos na ilha. Finalmente, mostramos algumas experimentações de gambiarra que caracterizam esses processos de sobrevivência e reconstituição de formas de vida heterotópicas na migração. Tais gambiarras produzem arranjos, articulações, experimentações e táticas que, no ambiente digital, podem ajudar os migrantes a burlar, desviar, fazer vazar ou alterar o sentido de linguagens, usos e práticas que geralmente os oprimem.

6. 1 Narrativas e disputas virtuais na migração: um grupo de WhatsApp, o Facebook e as escritas heterotópicas

O grupo que reúne cubanos que emigraram como trabalhadores qualificados a Montreal, amigos de Daniel, abarca pessoas que não fazem parte dos clientes e colegas que visitam frequentemente o restaurante cubano de Ale. Eles não costumam se encontrar em um lugar de reunião específico, mas em atividades planejadas em suas casas, em praças públicas ou parques onde organizavam piqueniques durante o verão.

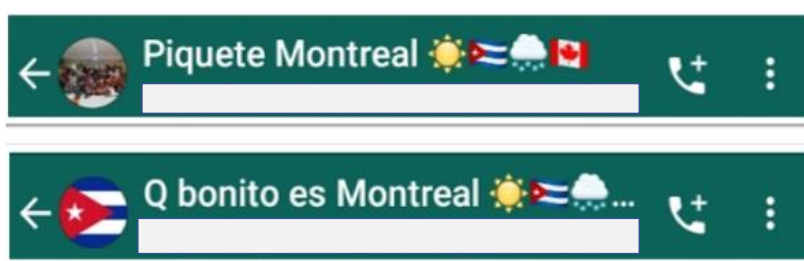
Figura 19. Grupo de amigos de Daniel durante um piquenique num parque de Montreal



Fonte: imagem feita pela autora em junho de 2019 (foi modificada para manter o anonimato)

No entanto, eles interagiam cotidianamente em um grupo de WhatsApp que foi criado em agosto de 2017 e inclui cerca de 43 participantes (na época da pesquisa), por meio do qual planejam atividades coletivas, compartilham notícias sobre Cuba, Estados Unidos e Canadá, discutem questões políticas e postam memes, piadas e fotos de eventos cotidianos. Foi apenas durante a minha segunda visita a Montreal (2020) que consegui me tornar membro deste grupo de WhatsApp, chamado *Piquete Montreal* (a turma Montreal), mas que também eles modificam temporariamente com outros nomes (ex. *Qué bonito es Montreal*) e colocam diferentes imagens de perfil do grupo.

Figura 20. Diferentes capas do grupo de cubanos no WhatsApp



Fonte: Captura de tela do grupo de WhatsApp

Abel, que foi um dos fundadores e líderes do grupo, me conta que ele já usava o WhatsApp quando chegou da Espanha a Montreal (em 2012), mas o aplicativo ainda não era popular no Canada. No ano seguinte, ele e sua esposa se encontraram com a família de Daniel, que conheciam da época da universidade em Cuba, e começaram a se articular com o grupo de colegas da faculdade

de cibernética em Havana, que planejavam muitas atividades juntos. Daniel, por sua parte, embora desempenhe um papel de organizador do grupo, afirma que não gosta muito das plataformas públicas.

(Abel) Nos escribíamos mucho por correo electrónico. Al principio, en aquel momento, nos mandábamos unos correos electrónicos super largos, se podía llama... “Futbol domingo en el parque La Fontaine” ... era para eventos, cumpleaños... y de momento aquello era super largo y te perdías. Los correos no son cómodos para ese tipo de organización. En Facebook también tratamos de organizarnos pero la gente estaba dejando de usar Facebook. Y recuerdo que un día yo dije... oye tenemos que hacer un grupo de WhatsApp... y me dijeron que la gente no lo usaba mucho... y era verdad. Pero los correos electrónicos nos estaban volviendo locos para organizar cualquier cosa... RISAS. Se lo comente varias veces a Daniel... tú sabes que él es líder, es organizador. Y un buen día él hizo el grupo y empezó a agregar personas... nos dimos cuenta de que mucha gente ya estaba usando WhatsApp... quizás había quien no lo tenía y se lo instalaron para estar ahí en el grupo. (depoimento obtido em maio de 2022)

(Daniel) Yo soy bastante sociable, crecí así, rodeado de gente en mi casa... y como aquí estás en un lugar nuevo pues uno intencionalmente trabajas en las relaciones, yo siempre he conocido mucha gente... en Cuba también, y aquí igual... naturalmente por como soy yo... siempre estoy organizando encuentros, presentando gente, socializando. Aunque yo nunca fui mucho de público... por ejemplo, en Facebook tengo más de mil amistades pero nunca pongo nada, está inactivo... yo lo usaba mucho antes de manera pasiva... y ahora sobre todo para eventos y grupos... determinadas cosas... eventos culturales de amigos míos que se organizan por ahí. Estoy también en un grupo del sector inmobiliario porque me interesa. Seguía Facebook como news feed, le di unfollow a una pila de gente que te cuenta su vida privada... no me gusta mucho. Desde que descubrí Twitter hace unos 3 o 4 años, estoy más en Twitter ... que es la maravilla, todo lo que siempre soñé... RISAS... lo que yo quería hacer con Facebook. Porque Twitter es menos personal, menos de como yo vivo y más como yo pienso. Con los cubanos aquí me comunico por WhatsApp... yo lo usaba para hablar con gente de otros países, con gente de aquí o Cuba me comunicaba por SMS o correo electrónico... de hecho el grupo de nosotros de WhatsApp aquí era por email al inicio... era muy cómico porque eso era Replay para todos... RISAS...y eran hilos enormes de correos... y yo intenté hacer eso en Facebook también para eventos, pero ellos estaban un poco desconectándose de Facebook. (depoimento obtido em maio de 2022)

O grupo de WhatsApp, mais do que um espaço de interação rotineira, desempenha funções vitais na experiência migratória de seus integrantes, como diminuir ou eliminar a sensação de solidão, compartilhar experiências, dúvidas, informações, ajudas. Eles referem-se também à importância desse espaço para manter o vínculo durante os longos invernos canadenses em que a interação física se dificulta; assim como para viver juntos a transformação da família quando

chegam os filhos. Olivia, por exemplo, afirma que “*ali eu fico sabendo de muitas coisas que estão acontecendo... é também como uma fonte de informação, porque é gente que tem a mesma base que você, o mesmo ponto de vista... não é a mesma coisa quando você fala com o pessoal do trabalho, que tem outra cultura*”. Assim, podemos perceber que o espaço social do grupo se torna um “lugar” para o qual diferentes sentidos são atribuídos por seus participantes.

(Daniel) La idea del grupo era para organizar eventos y para estar en contacto... tratas de organizar un par de eventos y pasas trabajo para hablar con todo el mundo... haces el grupo para una cosa especifica y se va quedando. Rápidamente me di cuenta de la importancia que tenía ese grupo para nosotros... amigos viviendo en un país extranjero... sin otro miembro familiar... donde la familia es ellos. Los inviernos son largos, no puedes hacer muchas actividades, entonces me di cuenta la importancia de la comunicación... mantenernos cerca ahí. A veces puedes estar 3 meses sin ver a alguien físicamente, pero como estamos ahí en el grupo, cuando lo ves... que llega el verano... es como si lo hubieras visto ayer, porque estamos muy cercanos. El grupo empezó a jugar un papel importante en nuestras vidas cuando tuvimos hijos, porque nuestro estilo de vida cambió. (depoimento obtido em maio de 2022)

Figura 21. Comentários no grupo de WhatsApp sobre a sua importância para os participantes



Fonte: capturas de tela do grupo de WhatsApp feitas pela autora

É possível perceber que, durante a pandemia, as conversações cotidianas nas redes sociais podem manter os laços e vínculos ativos, evidenciando o papel político dessas interações para o sentimento de pertença e autovalorização. As conversações do cotidiano proporcionam interlocuções nas quais os cidadãos interagem livremente para entender a si mesmos e aos outros, resultando na produção e reprodução de regras, valores partilhados, razões públicas. A conversação cívica cotidiana favorece, portanto, oportunidades de pensar sobre as próprias ideias, possibilita aos participantes meios de tornar seus pontos de vista mais compreensíveis, facilitando também a interpretação das perspectivas alheias, na construção conjunta de entendimentos sobre o universo ampliado que partilham.

(Abel) El grupo ha tenido un aspecto muy positivo y es de mantenernos unidos, mantener un vínculo, nuestras propias raíces... un grupo que es netamente cubano, donde hablamos en cubano. También así vivimos muchas cosas juntos... en la pandemia, por ejemplo, que trajo mucho los grupos de WhatsApp porque como no nos veíamos, se creaban para la gente intercambiar. Teníamos uno que se llamaba “Cine en cuarentena”. También polemizamos mucho en el grupo, lo que pasa es que como todas las experiencias sociales, hay que saber convivir, o sea, las redes sociales no son fáciles, son difíciles, entonces hay que aprender a vivir en ese mundo virtual. Hay gente que le cuesta muchísimo... por ejemplo, en el grupo hay gente que nunca dice nada y después tú te los encuentras en un parque y son super conversadores. Eso te da una medida de que es una persona con capacidad de palabra, con capacidad de expresión, muy inteligente, pero que en las redes sociales, en el grupo, sin incapaces de comunicarse... no tienen esa habilidad... y no los culpo, claro, a veces porque conocieron WhatsApp el otro día... es una cuestión también generacional. Nuestros hijos van a tener millones de habilidades que nosotros no tendremos. (depoimento obtido em maio de 2022)

Nas entrevistas, eles explicam que no grupo existem participantes mais populares e outros mais passivos, mas raramente alguém o abandona, “talvez por temor de perder o vínculo ou de perder algo importante que aconteça”, disse Daniel, porque ainda que não sejam muito ativos, eles “sabem que estão aí, que tem esse vínculo”. O desafio, continua Daniel, é “navegar entre todas as bobagens que a gente fala aí, para chegar nas coisas boas que existem no grupo”. Abel explica, por sua parte, que o grupo tem atravessado muitas etapas e nem sempre as dinâmicas de interação são as mesmas, pois vai chegando “gente nova” e por vezes há uma defasagem nas temporalidades dessas relações. Trata-se de uma dimensão de heterocronia que marca esse espaço.

(Daniel) A veces decimos algo jugando contra la gente que no participa mucho, y hay quien me escribe por privado y me dice... “oye no me vayan a sacar del grupo que esto yo lo disfruto mucho.... me rio... es importante para mí”. Y es verdad que cada vez que hacen preguntas sobre algo que necesitan... la gente responde. A veces a la gente le da pena hablar ahí porque nunca interactúan... y entonces me escriben a mí para responder cosas que preguntan en el

grupo, o me preguntan a mí algo para que yo lo pregunte en el grupo. Es como en las redes sociales, hay gente que les gusta estar pasivo y hay gente que le gusta más participar... son así... pero no quiere decir que no les guste.

A mí me pasa que a veces voy a organizar un evento y planifico la logística.... y empiezan a aparecer gente que nunca hablan en el grupo y de pronto aparece todo el mundo en la fiesta... en momentos como esos es que me doy cuenta que ahí en ese grupo hay una pila de gente, y que aunque no participen, sí se leen las cosas. Mi esposa me lo dice... “estas hablando ahí como si estuvieras hablando con dos o tres amigos, y hay como 50 personas en ese grupo”. Hay gente con las que ni siquiera tenemos el mismo nivel de confianza que con otros... y a veces yo digo algo inapropiado, más privado... porque es que se me olvida, y ella me dice.... “oyeeeeee... acuérdate que eso es un grupo de una pila de gente”. (depoimento obtido em maio de 2022)

(Abel) Ese grupo yo creo que ha pasado por varias etapas. Al principio era así... la gente de matemática y cibernética, y las familias... y después hubo una época en que empezamos a meter gente ahí a lo loco... éramos varios administradores... como 15 o 20, todo el mundo... y en ese momento se fue un poco de control, porque cada uno iba entrando gente y hubo un momento en que en el grupo había mucha gente... 60, 80 personas, y muchos que ni siquiera conocíamos todos. Hubo mucha gente que se fue porque se dio cuenta de que no pintaban nada ahí... RISAS... que no conocían a nadie, había muchos mensajes, cosas que no le interesaba a mucha gente. (depoimento obtido em maio de 2022)

Essas tensões fazem aparecer, em algumas ocasiões, cenas de conflito entre os participantes do grupo. A historicidade desses vínculos, tanto online como offline, a repartição desigual de papéis protagônicos e de poder de decisão entre os membros do grupo e os acontecimentos e mudanças no contexto de relação mais amplo, são fatores que podem incidir na superposição e evolução de significados que os sujeitos dão a esse espaço de interação. Daniel, que é líder no grupo, mas ao mesmo tempo é um dos cubanos mais “desconectados” dos acontecimentos que se desdobram na ilha, adverte que às vezes geram-se ali situações de conflito que é preciso compreender e superar. Além das diferenças de opinião e assimetrias na participação, Daniel chama a atenção para o fato de a maioria dos integrantes ser “um tipo de pessoas” diferenciadas na sociedade, por seu nível educacional, perfil profissional e privilégios sociais que os antecedem.

(Daniel) Lo del criterio de selección es muy relativo. Hay un criterio universal, básico, que es que tiene que ser alguien que conozcamos un poco. Pero no se ha aplicado mucho así... por ejemplo, cuando ustedes llegaron, yo se los presenté a todos en el grupo y ya. Claro, eso no lo puede hacer todo el mundo, eso lo hace la gente más popular. Cuando digo popular... es la gente que habla más, y que se siente más propietaria del grupo. Lo cual no es así tal vez. Porque ese grupo no es de nadie, es de todos... pero es así como funciona. Pero si se ve un poco feo que venga una gente cualquiera ahí y diga... “mira, mi amigo que acabó de llegar aquí”. Lo que si hacen es que vienen a hablar conmigo... o con Abel... “oye, mi amigo que llegó”.

El problema es que ahí un factor importantísimo es cuánto nos conocemos... cuánto de experiencia hay en la interacción con estas personas. Todos tenemos nuestras cosas... perlo

lo que pasa es que hay una amistad, nos aceptamos así. Aunque también hay gente que se toma las cosas más en serio, una pareja por ejemplo que son de esos que 90% de las cosas que hablan es lo que está pasando en Cuba, y se molestan cuando no se trata eso así tan profundo en el grupo, o hay otras opiniones contrarias.

Es muy importante tener en cuenta que este grupo que tenemos es de un tipo de gente... son personas muy inteligentes, y algunas veces les falta un poco la interacción, las habilidades sociales, son un poco nerds... algunos son incluso nerds normales, y otros son bastante raros... RISAS. En ese grupo lo hay es gente culta, de buena, familia, familia preparada... no hablo de lo económico, sino con nivel cultural. Pero lo importante es que se conozca la gente... no es que importe de donde viene ni que hace en la vida, eso es natural. Quizás otro tipo de persona, una vez que entre ahí no le va a gustar. Por las cosas que hablamos... las entonaciones... que yo sé que eso va a pasar eventualmente. Cada vez es más difícil familiarizarse con todo el mundo ahí, somos muchos. (depoimento obtido em maio de 2022)

Uma característica das heterotopias, aponta Foucault (2004), é que elas têm, em relação ao espaço restante, uma função. Isso pode se desenvolver a partir de dois polos extremos, explica o autor: por vezes seu papel é o de criar um espaço de ilusão que denuncia como mais ilusório todo o espaço real, todos os lugares onde a vida humana é compartimentada, a *heterotopia da ilusão* (ex. antigos bordéis); ou, pelo contrário, criando outro espaço, outro espaço real, tão perfeito, tão minucioso, tão bem arrumado quanto gostaríamos que fosse o nosso: a *heterotopia de compensação* (ex. as colônias religiosas, reguladas pelo toque dos sinos), ao opor esse espaço organizado ao restante dos espaços que geralmente são bagunçados, mal arrumados e desorganizados, denunciam, por ilusão, a realidade de espaços concretos.

Sob esse aspecto, o grupo de WhatsApp atua potencialmente como lugar heterotópico que pode assumir ora uma função de acolhida, suporte e vínculo significativo; ora se apresenta como um espaço que revela os conflitos e tensões que podem atravessar a vida dos migrantes cubanos. A dimensão heterotópica desse espaço é produzida a partir dessas alianças e ações conflitivas, porque é a partir delas que convergem para o grupo online várias temporalidades (gerações migratórias), lugares de referência (Cuba, Montreal, outros países que habitaram os migrantes), sentidos (necessidades e objetivos dos participantes) e relações de poder (hierarquia dada pelo grau de participação ou antiguidade).

A experiência heterotópica opera a partir das ações do sujeito migrante posicionando-o no cruzamento de múltiplas forças libertadoras e constrangedoras, tanto em Cuba quanto no Canadá, no contexto da família que ficou no país natal ou nas diversas comunidades diaspóricas que encontram e com as quais se envolvem. As relações no restaurante de Ale, por exemplo, são

construídas na medida em que se assume a forte ligação comum com a vida cotidiana em Cuba; assim também ocorre no ambiente digital do Facebook. Porém, no grupo do WhatsApp, há uma tensão nesse sentido, a partir dos questionamentos de Daniel sobre o excesso de conversas e discussões em torno das dificuldades da vida em Cuba (crise econômica, atualidade política).

(Daniel) Está el que no habla mucho, como en todo, que no participa mucho... son más pasivos en el grupo. La participación en el grupo es directamente proporcional a tu contenido de trabajo... RISAS... tu tiempo... además de la personalidad. Ahora mismo yo salí del grupo... RISAS... esta vez un poco en broma un poco en serio. Yo sentía que estaba ocupando demasiado espacio en mi vida este grupo... eso iba en contra de lo que yo me había propuesto... y me estaba quedando un poco atrás en la inserción mía en la sociedad canadiense. Yo veía a miembros de otras culturas... y lo critico porque pasan trabajo para insertarse, porque andan solo entre ellos... los asiáticos por ejemplo... aquí en el barrio lo veo, los asiáticos van a escuelas de ellos, en el autobús de ellos, juegan futbol entre ellos, los niños juegan aparte en el parque... eso es todo lo anti yo.

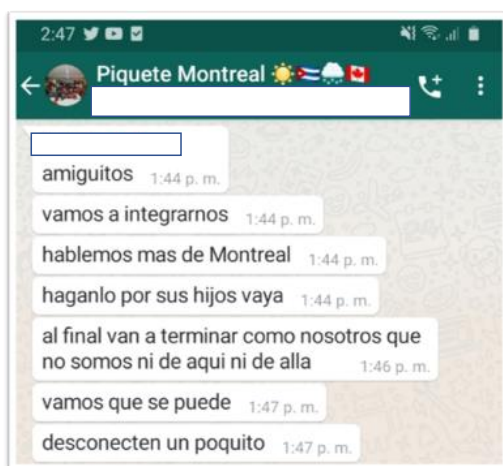
Aquí hay gente de todos lados, es parte de la cotidianidad, y eso nos ha facilitado insertarnos también... todos hablan con su acento... eso siempre lo he celebrado. Yo salí también esta vez porque estaban hablando mucho de Cuba y eso... a nosotros nos pasa que esos temas, si bien son importantes, son cosas feas y nos deprimen. No es solo información de Cuba, sino que es mucho cubano... mucho tiempo en español, con cubanos... y eso me quita tiempo de hablar en inglés y francés, de interactuar con gente de aquí, el país donde vivo, de donde son mis hijos. No saber cómo va el juego de los Canadiens y si mi hijo va a jugar futbol o hockey... qué hago.

A mi esposa le deprime más todo lo de Cuba. Es verdad que lo peor que puedes hacer tal vez es cerrar los ojos y hacer como que no están, pero nosotros estamos en una onda de que queremos estar felices. Ella no quiere ir a Cuba justamente por eso, la última vez que fue a Cuba vio mucha pobreza, la Habana destruida, y eso le afecta. (depoimento obtido em maio de 2022)

Ele chama isso de “monotema”, uma alusão pejorativa ao excesso de conteúdo sobre Cuba que é compartilhado e comentado por alguns membros do grupo. Na figura abaixo, observamos Daniel explicando no grupo seu posicionamento sobre o que considera um excesso de atenção à atualidade cubana, versus a necessária integração na sociedade de acolhida. A resposta de um dos integrantes do grupo gera uma tensão no chat, pois ele era um dos membros mais engajados no compartilhamento e discussões sobre Cuba (um tempo depois, este participante teria abandonado o grupo de WhatsApp). Tanto nas conversas do grupo, quanto no relato da entrevista, Daniel tenta explicar a si mesmo em meio aos conflitos que aparecem no grupo em torno da constante tematização de acontecimentos ligados ao que acontece em Cuba. Convém lembrar, nesse sentido, que a heterotopia não se configura apenas como espaço de resistência a uma ordem hegemônica

dominante, mas como lugar de construção autorreflexiva da identidade e de significados alternativos à realidade compartilhada por imigrantes (DAVIS, 2010).

Figura 22. Conversa sobre a recorrência do “tema Cuba” no grupo de WhatsApp

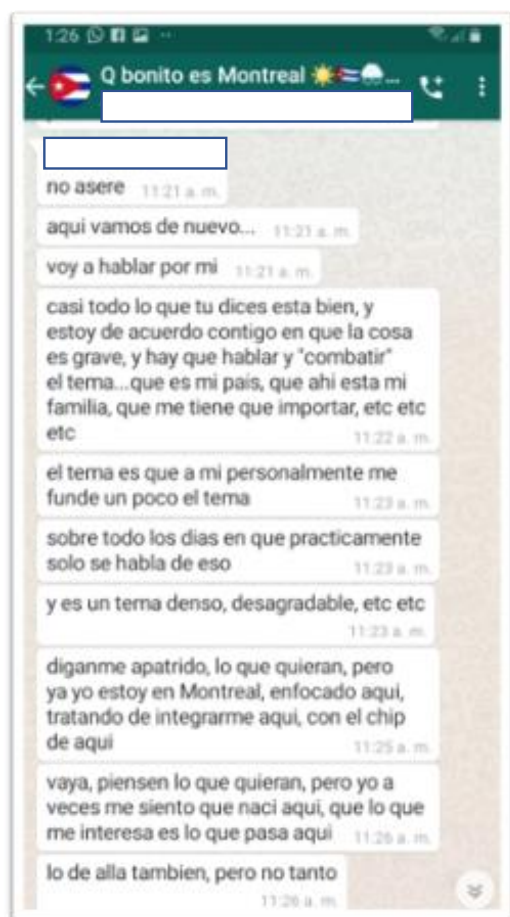


Daniel (39, líder do grupo)

Amiguinhos vamos nos integrar... falemos mais de Montreal... façam isso por seus filhos ao menos... no final, eles vão acabar como nós, que nem somos daqui nem de lá..

É possível, vamo' lá!

Desconectem um pouca..



Daniel:

Não cara, aqui vamos de novo... vou falar por mim.

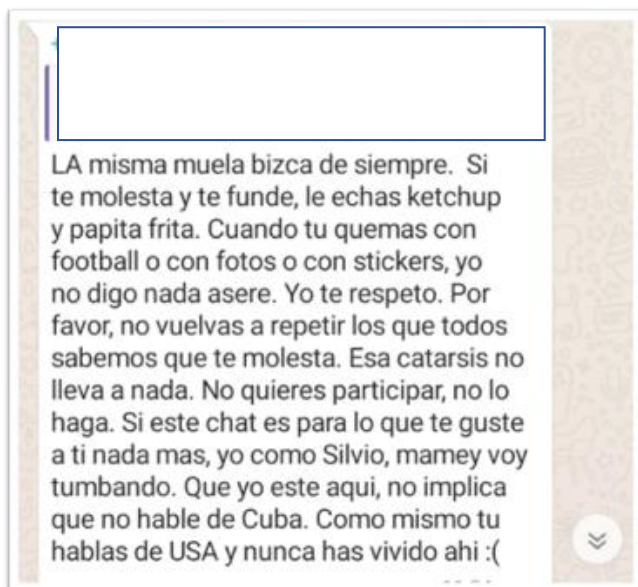
Quase tudo que você fala está bem, e estou de acordo contigo em que a coisa é grave, e há que falar e “combater” o tema... que é meu país, que aí está minha família, que tem que me importar etc. etc. etc.

O tema é que a mim pessoalmente me cansa um pouco o tema, sobretudo os dias em que praticamente só se fala disso, é um tema denso, desagradável etc. etc.

Podem me dizer apátrida, o que quiserem, mas eu já estou em Montreal, focado aqui, tentando me integrar aqui, com o chip daqui.

Bom, pensem o que queiram, mas eu às vezes me sinto que nasci aqui, que o que me interessa é o que acontece aqui.

O de lá também, mas não tanto...



Membro do grupo:

A mesma fala cansativa de sempre. Se te atrapalha, se te cansa, pode colocar ketchup e batata frita. Quando você faz o mesmo com o futebol ou com fotos ou stickers, eu não falo nada, cara. Eu te respeito. Por favor, essa catarse não leva a nada. Se você não quer participar, não participe. Se este chat é para o que você goste somente, eu vou embora. Que eu esteja aqui não implica que eu não fale de Cuba. Como mesmo você fala de USA e nunca tem morado lá :('

Fonte: captura de tela do grupo WhtasApp

Os conflitos que surgem nesse espaço revelam como através das conversações cívicas informais online e da constante redefinição de enquadramentos sobre questões coletivas, grupos e indivíduos podem exercer poder, determinar formas de controle e questionar legitimidades e hegemonias tidas como dadas. Pessoas podem, por exemplo, afirmar seu próprio ponto de vista (recusando outros), mas também podem identificar injustiças, elaborar e desafiar simbolicamente desigualdades. Se de um lado as conversações online tendem a reafirmar pontos de vista morais que parecem inegociáveis, elas podem também orientar a construção de auto-entendimento, sinalizar possíveis rotas de interpretação de seus problemas e construir narrativas compartilhadas que se opõem àquelas que os mantêm em uma condição de vulnerabilidade. É certo que, em uma conversação online, a polarização entre os interlocutores dificulta a construção do respeito mútuo e do reconhecimento do valor do outro como parceiro moralmente válido de debate (HERNANDEZ; 2019). Empenhados na produção de enunciados que reiteram relações sociais desiguais, discriminatórias e opressoras, os pares em disputa relutam em abrir-se às experiências, narrativas ou contribuições que lhes soam estrangeiras: cada parte percebe a si mesma como autossuficiente em suas crenças modos de julgar e avaliar condutas, questões e ações. O potencial ético e político de conversações realizadas nas redes sociais apresenta uma de suas dimensões conflitivas quando nos dedicamos a entender os caminhos marcados pela hostilidade, pela

desvalorização dos interlocutores e de seus argumentos, pelas assimetrias de *status* entre os participantes e, sobretudo, pela não tematização de injustiças referentes ao próprio reconhecimento dos interlocutores como “confiáveis”.

(Daniel) Estoy al tanto de cuba por mis amigos cubanos, pero no me sale mucho en social media... y tampoco me interesa... bueno, no es que no me interesa, no quiero sonar mala persona. Últimamente están sucediendo cosas que son bien feas y que les cambia la vida a muchas personas, el futuro del país está en juego... pero yo soy un poco insensible con respecto a eso, qué le vamos a hacer... para mí esas cosas que pasan allá son un poco irrelevantes. Mi abuela, aunque apoyó el sistema la mayor parte de su vida, ella siempre ha sido crítica, un poco en el medio. No es como ahora, que todo es bueno o malo... veía las cosas buenas y malas. Ella, como periodista internacional, tenía que tratar de comunicar al mundo las dos cosas, sobre una delgada línea, pero hacerlo. Entonces en mi casa siempre se habló de lo que estaba bien y lo que estaba mal... iban muchos intelectuales... se conversaba mucho. No eran militares, o esa gente que pierde su status por estar criticando, o que no puede hablar porque no lo dejan... no era el caso. Hoy en día, en general, en el mundo, hay una división cada vez más marcada entre las líneas de pensamiento. Entonces eres de izquierda, o derecha, demócrata o republicano, o estás a favor o en contra... no es que puedas estar en el medio. Entonces la social media lo fomenta, los algoritmos son por interacción... es cuando tu estás en desacuerdo, cuando hay posiciones encontradas, debates, enfrentamientos... es lo que vende. Por eso yo lo hago a veces en chat... cuando me pongo a decir cosas polémicas... RISAS. (depoimento obtido em maio de 2022)

Essas diferenças e tensões, assim como os critérios de “seleção” e “inclusão” no grupo e as possibilidades de ser aceito ou não pelos semelhantes, são fatores que revelam os mecanismos de abertura e fechamento na heterotopia. Nem o fato de ser um “imigrante cubano em Montreal” ou de conhecer pessoas desse grupo, ou mesmo de fazer parte do grupo de WhatsApp vai garantir que os indivíduos sejam efetiva e plenamente incluídos nesse espaço. Isso ocorre em função de múltiplos fatores, nem sempre reconhecíveis facilmente por todos, como é a própria história de vida de Daniel e sua influência como líder e principal organizador do grupo, sua diferenciação dentro do conjunto dos imigrantes que encontramos frequentemente, a historicidade do grupo e suas práticas, assim como as condições de privilégio que marcam a vida da maioria dos membros mais antigos do grupo.

O sistema de abertura e fechamento que constitui um dos princípios da heterotopia, de acordo com Foucault (2004, p. 18), faz parecer que esses espaços oferecem puras e simples aberturas, mas em geral escondem curiosas exclusões: “qualquer um pode entrar nesses sítios heterotópicos, mas, para falar a verdade, é apenas uma ilusão: acredita-se penetrar e é, pelo próprio fato de entrar, excluído”. O autor toma como exemplo as habitações que existiam em grandes fazendas do Brasil e a América Latina em geral, para acolher os viajantes que passavam por perto

e precisavam pernoitar. A porta de acesso não dava para o quarto central da casa onde residia a família e qualquer indivíduo que por ali passasse podia entrar no vestíbulo para passar a noite, mas eles nunca chegavam ao próprio coração da família. O viajante era apenas um hóspede de passagem, não um verdadeiro convidado da casa (hospitalidade e hostilidade andam juntas). Foucault (2004) aponta que esse tipo de heterotopia tem praticamente desaparecido atualmente, embora possa ser encontrada ainda nos famosos quartos de motel americanos onde entram as pessoas com amantes e onde a sexualidade ilegal se encontra ao mesmo tempo absolutamente acolhida e absolutamente escondida, mantida à parte. Atualmente, heterotopias digitais e migratórias podem também expressar essas características.

(Abel) En general es bastante activo el grupo... hay temporadas más tranquilas que otras... lo que hay gente más activa que otros... ya eso tiene que ver con el carácter. Ha habido situaciones, épocas en que ha habido discusiones de política, conflictos, cuestiones de política cubana o de política en general... y ha habido gente que se ha sentido mal, que prefiere no entrar en conflicto y se ha ido... algunos han regresado y otros no... yo tengo grupo de WhatsApp con otros cubanos aquí que estuvieron ahí y se fueron... y tienen un grupo más pequeño de 8 o 10 personas y ya, se sienten más cómodos así.

Es un tema interesante... yo lo he hablado con ellos, estas personas ... son gente muy participativa, gente de criterio, de argumento, muy inteligente... con argumentos muy sólidos. Y en el Piquete Montreal somos como 50 personas...hay muchos tipos de argumentos, y quizás a estos amigos les ha faltado tolerancia... yo se los he dicho. Yo estoy de acuerdo con ellos... a veces en el grupo Piquete Montreal se manejan argumentos y opiniones con las que yo no estoy de acuerdo...y a veces yo también me molesto... pero yo no me voy del grupo, no me dan deseos... alguna vez lo he pensado, sí, porque me aburro... pero naaa, digo... vamos a quedarnos aquí a confrontarnos.

Hay varias personas en el grupo, incluido yo, que intentamos suavizar las cosas, mantener la civilización, pero los temas de política... y no solo de Cuba, porque también hablamos de temas de Quebec, de Canadá, de Estados Unidos... que si el control de las armas, que si la democracia, que si Trump... hablábamos muchísimo de eso.

Pero hay que ser civilizados, la madurez de nosotros como seres humanos y políticos pasa por respetarnos. En España hay una frase que dice que “la mucha confianza da asco” ... y a veces en el grupo se nos puede ir de las manos el conflicto y la diferencia de opiniones... y de momento ofender al otro...pero eso como que no es muy civilizado. Si estamos hablando de temas serios de sociedad, hay que tener un poco de cuidado, no se le puede decir imbécil a alguien porque tiene una opinión diferente. (depoimento obtido em maio de 2022)

(Daniel) Yo creo que si entra alguien ahora le va a ser muy difícil entender, o familiarizarse, o participar activamente, con todo el tema de la vida, de la cultura... es que la mayoría ya tenemos 10 años viviendo aquí. Entonces las cosas que hablamos, las maneras como las decimos, el lenguaje que usamos... son cosas que hay que vivir aquí para entenderlas. Por ejemplo en el grupo está un amigo nuestro que es uruguayo, y a cada rato hay que explicarle muchas cosas, claro. (depoimento obtido em maio de 2022)

Uma pesquisa sobre as temporalidades e aspectos trans-espaciais da “consciência” migrante a partir de um *e-group* vai mostrar como o sujeito migrante constrói e recria discursivamente nesses espaços digitais uma existência cultural híbrida e uma identidade transnacionalizada (DAVIS, 2010). No grupo do *Piquete Montreal*, por exemplo, vemos como os participantes incorporam de forma diferenciada essa experiência migratória, confrontando sua própria história de vida com a de outros cubanos migrantes que os participantes consideram como seus “semelhantes”. Nesse caminho, é possível que algumas heterotopias sejam transformadas, outras venham a aparecer ou mesmo desaparecer, uma vez que a diferença deixa de ser compreendida pela maioria como fonte de desavenças e passa a ser vista como eixo central de existência daquele espaço. Em todo caso, outros lugares, práticas e linguagens podem ser apropriados pelos indivíduos que se empenham em fazer funcionar a heterotopia.

Esses espaços heterotópicos existem também graças à invenção de novas formas de se comunicar, novas linguagens, materialidades e códigos que se adaptam às características desses ambientes de interação que surgem. Nesse viés, Assmann (2011) ressalta a evolução da escrita, iconográfica, alfabética, analógica, digital como práticas essenciais à constituição de experiências heterotópicas.

A escrita digital intensificou uma vez mais esse processo de abstração (...), ela reduziu ainda mais seus elementos e está em condições de codificar diversa mídias. Se a escrita alfabética era translinguística, a escrita digital é transmedial – com o mesmo código ela escreve imagens, sons, língua e escrita. (ASSMANN, 2011, p.128)

Daniel, por exemplo, refere-se à comunicação por mensagens escritas no chat como um determinante das interações que ali acontecem; sobretudo porque requer a manutenção de uma articulação online-offline suficiente para a mensagem ser compreendida corretamente.

(Daniel) También es importante decir que esto es escrito. La interacción a través de mensajes es muy diferente a cuando es en persona, donde tú le puedes mirar a la cara a la otra persona, las expresiones. Entonces, tienes que conocer a la otra persona bien para interpretar de la manera adecuada lo que está diciendo. La parte escrita es más complicada... sobre todo cuando no conoces bien a las personas. Ya después cuando hay más relación, el chat se vuelve muy fácil. (depoimento obtido em maio de 2022)

Assim, outras formas de escrita vão ser apropriadas pelos participantes para se comunicar de forma mais eficaz e direta, mobilizando referências e códigos comuns através da vivência espaço-temporal compartilhada. Por exemplo, o uso, compartilhamento e apropriação de memes e figurinhas zombeteiras, revela como eles profanam os líderes revolucionários cubanos, de Fidel Castro ao atual presidente, enquanto mostram e ridicularizam uma variedade de personagens da vida pública cubana, como cantores, atores e jornalistas. As narrativas intertextuais e paródicas elaboradas a partir das figurinhas são o resultado de relações dialógicas com a realidade existente, com as ideologias circulantes, com os sujeitos e com outros textos, configurando-se como enunciados marcados pela afirmação de valores e posições de sujeito. Diante de trocas comunicativas ancoradas na partilha e na apropriação de stickers, os interlocutores são estimulados a pensar sobre as correspondências lógicas entre o objeto e sua representação visual, em um processo que não apenas desloca o conhecimento, mas o reconstrói de forma diferente, polifônica e intertextual. Observamos aqui também aquelas temporalidades fragmentadas que permeiam os espaços da diáspora cubana.

Figura 23. Stickers compartilhados no grupo de WhatsApp, transformando irreverentemente figuras políticas e históricas cubanas (em ordem: Fidel Castro (x4), Raúl Castro, Miguel Díaz Canel- atual presidente-, José Martí e Antonio Maceo- heróis da história de inde



Fonte : capturas de tela do grupo de WhatsApp

Foi assim que percebemos como os ambientes digitais são também um domínio fundamental para a exploração das experiências dos imigrantes. Esse espaço vai adquirindo paulatinamente qualidades heterotópicas que atravessam fronteiras não apenas nacionais, mas também territoriais, simbólicas e afetivas. Deve-se notar, sobretudo, que o recente crescimento do

acesso à Internet em Cuba, com a chegada da conexão móvel 3G (em 2019), foi possível até certo ponto, porque os emigrantes cubanos estão financiando os altos custos deste serviço na ilha. Essas novas conexões vieram ao encontro da necessidade de contato dos emigrantes com suas famílias, ao mesmo tempo em que conferiam uma nova visibilidade ao cotidiano dos cubanos na ilha e possibilitavam um maior envolvimento direto da diáspora, historicamente excluída da vida pública cubana após a Revolução (HERNANDEZ, 2020).

Esses *stickers*, assim como outros recursos digitais, vão revelar justamente a heterotopia como procedimento literário, de operação criativa com a linguagem e na linguagem, que Foucault menciona pela primeira vez em *As palavras e as coisas* (1966).

As utopias consolam, porque, se não dispõem de um tempo real, disseminam-se, no entanto, num espaço maravilhoso e liso: abrem cidades de vastas avenidas, jardins bem cultivados, países fáceis, mesmo que o acesso a eles seja quimérico. As heterotopias inquietam, sem dúvida, porque minam secretamente a linguagem, porque impedem de nomear isto e aquilo, porque quebram os nomes comuns ou os emaranham, porque de antemão arruinam a ‘sintaxe’, e não apenas a que constrói frases, mas também a que, embora menos manifesta, ‘faz manter em conjunto’ (ao lado e em frente umas das outras) as palavras e as coisas. É por isso que as utopias permitem as fábulas e os discursos: elas situam-se na própria linha da linguagem, na dimensão fundamental da fábula: as heterotopias (como as que se encontram tão frequentemente em Borges) dessecam o assunto, detêm as palavras sobre si mesmas, contestam, desde a sua raiz, toda a possibilidade de gramática; desfazem os mitos e tornam estéril o lirismo das frases. (FOUCAULT, 1968 [1966], p. 5-6)

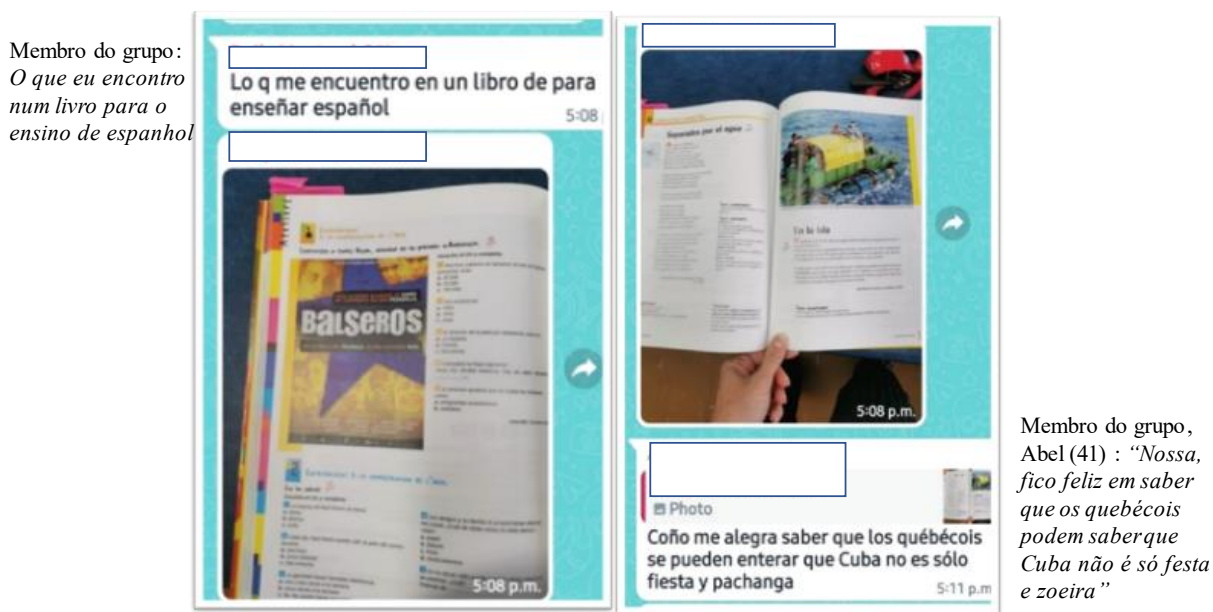
Nesse sentido, a heterotopia é uma “desordem que faz cintilar os fragmentos de um grande número de ordens possíveis na dimensão, sem lei nem geometria, do *heteróclito*” (FOUCAULT, 1968 [1966], p. 3). Ali as coisas encontram-se dispostas de tal modo que não é possível estabelecer para elas um *lugar comum*, um espaço consolador tal e qual aqueles imaginados nas utopias.

Numa complexa trama de tempo e espaço, o significado é construído, por vezes a partir de um passado utópico, por vezes a partir de um presente distópico, movendo-se através de múltiplos lugares - criando uma colcha de retalhos não tanto de uma "nova forma", mas utilizando retalhos antigos com novos fragmentos de significado. Por fim, torna-se “um cobertor de retalhos colorido e complexo de tapeçaria heterotópica, que contém elementos do passado e do presente, do local e do transnacional, da resistência e da mimese” (DAVIS, 2010, p. 666). Muitas vezes, os participantes do grupo compartilham conteúdos, imagens, vídeos, documentos etc., que só naquele

espaço de interação poderia fazer sentido ou fortalecer o vínculo ali criado entre pessoas que partilham uma mesma experiência espaço-temporal.

No grupo de WhatsApp aparece também essa dimensão referencial da diáspora cubana com relação aos Estados Unidos. Fala-se sempre sobre Miami, inclusive tem alguns deles que são residentes no Canada, mas estão trabalhando atualmente nos Estados Unidos e continuam vivenciando esse espaço cubano-montrealés através dessa plataforma. Aparece também nesse grupo os Estados Unidos como um espaço que todos parecem conhecer, quando evocam o famoso *Palacio de los Jugos* de Miami, onde tem várias delícias culinárias cubanas: as croquetes, os torresmos, os pasteizinhos de goiaba etc. Se debate sobre as eleições americanas tanto quando as canadenses. Uma das integrantes do grupo, professora de espanhol numa escola em Montreal, compartilha no grupo imagens de um livro de ensino no qual se relata a história da crise migratória dos *balseros* cubanos para os Estados Unidos na década de 1990.

Figura 24. Imagens de um livro de ensino espanhol no Quebec que relata a crise migratória cubana de 1994 (os balseros), compartilhada no grupo de WhatsApp



Fonte: captura da tela do grupo de WhatsApp

A figura seguinte mostra, por exemplo, uma página de um livro de ensino básico cubano que um membro de grupo qualifica de “leitura doutrinadora”. A imagem reflete o esquema de educação ideologizado implementado na ilha, a partir de um exercício docente de compreensão do texto, o sentido é construído a partir de um poema sobre uma estudante que deseja “proteger” a

fronteira do país. A imagem do posto de vigilância que aparece de fundo, com uma bandeira pirata, pode estar fazendo referência à base naval de Guantánamo, que o governo considera um território inimigo dentro de Cuba.

Figura 25. Página de um livro de ensino de Cuba compartilhado no grupo de WhatsApp



Texto do livro cubano de ensino:

*Se o batalhão de fronteira
o permitisse
Eu cuidaria da fronteira.
Com um lenço de “pioneira” [nome de estudantes
de ensino básico em Cuba]
Em pé ao lado da bandeira,
Ali de guarda estaria
No sol, na chuva e no granizo,
Se o batalhão de fronteira
o permitisse.*

Mirta Aguirre

Responde:
Cuál es el deseo de esta pionera?

Mensagem do membro do grupo [piada]:

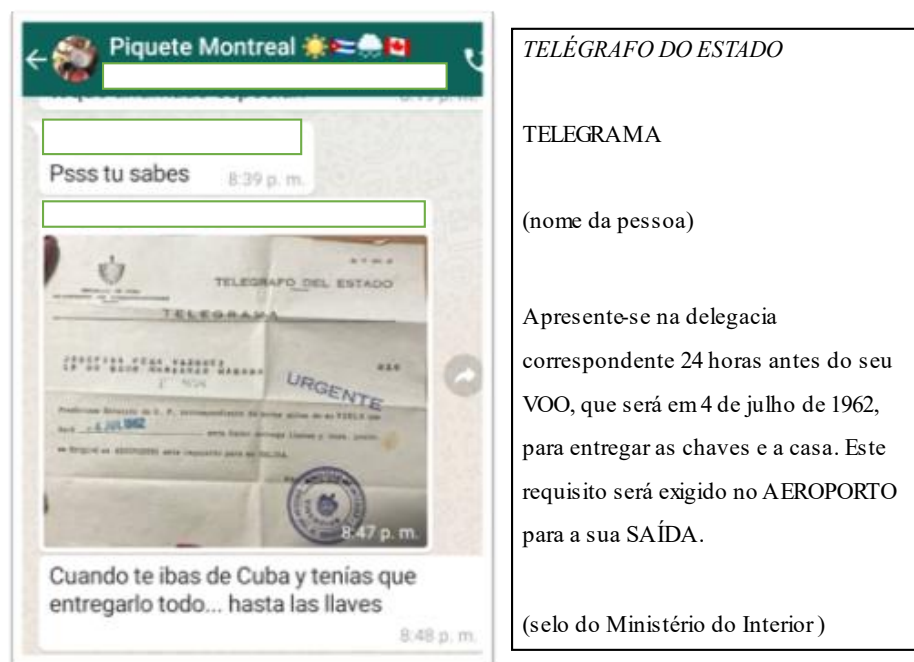
*Estou aqui alugando esse livro de leitura do ensino
básico para quem quiser ensinar leitura
doutrinadora: 25CAD/mês x 12 meses.*

Fonte: captura de tela do grupo de WhatsApp

A questão da fronteira como uma ameaça constante à soberania nacional vai justificar políticas migratórias restritivas do governo cubano e todo um discurso de rejeição ao estrangeiro, incluindo os cubanos emigrados. A migração é de fato uma peça-chave na compreensão da realidade política de Cuba no último meio século, e as heterotopias são esses lugares onde os sujeitos resgatam fragmentos perdidos dessa história comum e encontram outros sentidos para o conjunto de sua vida e a das gerações que os antecedem. Na seguinte figura, observamos que um

membro do grupo compartilha uma fotografia da notificação oficial do Estado que recebiam os emigrantes cubanos antigamente (1962), quando “informavam” (obrigatoriamente) às autoridades de sua saída do país.

Figura 26. Fotografia de um documento de notificação do governo cubano aos emigrados em 1962



Fonte: captura de tela do grupo de WhatsApp

No comentário que acompanha a imagem, o membro do grupo disse: “*quando você saía de Cuba e tinha que entregar tudo... até as chaves*”. Assim, o sujeito tenta reconstituir um espaço e um tempo que não existe mais, embora esteja ainda presente na sua vida, através de sua própria experiência e das narrativas que lhe permitem uma compreensão desse passado-presente. É dessa forma que a heterotopia age como espaço da política, acolhendo práticas que possibilitam outras formas de habitar e se relacionar com os lugares significativos para o sujeito.

Um fórum online de imigrantes pode ser um espaço outro que permite a criação de uma heterotopia “construída sobretudo na urdidura da saudade nostálgica e utópica da pátria, mas onde esta *crônica* é entrecruzada pela trama dos lugares presentes bordada com a recriação social e práticas culturais de outro lugar e tempo (DAVIS, 2010, p. 667). Os vínculos transnacionais dos cubanos que eu encontrava no restaurante e a maneira como eles abordaram “o tema Cuba” no ambiente online também ilustraram a heterogeneidade das experiências dos migrantes cubanos, os

quais habitam o espaço imaginado da Pátria também de forma muito diferente. Eles heterotopizam a nação em muitas e variadas maneiras, seja nas práticas espaciais de deslocamento e apropriação de lugares, seja na reconstrução desse espaço através de linguagens e plataformas digitais.

Apesar de ter tido contato também com muitos dos amigos de Daniel na plataforma do Facebook, a maioria não era muito ativa nessa rede. O próprio Daniel me disse: “*meu Facebook é o grupo*”. Os cubanos que conheci no restaurante, pelo contrário, não apenas postam no Facebook opiniões pessoais, eventos cotidianos e piadas, mas também se referem frequentemente a elementos de sua identidade cubana, e principalmente à realidade na ilha. Além dos conteúdos publicados normalmente por usuários no Facebook (ex. eventos do cotidiano e biográficos, selfies ou imagens pessoais, conteúdos compartilhados de terceiros, opiniões sobre assuntos de atualidade etc.), os cubanos de Montreal que acompanhamos nessa plataforma postam regularmente conteúdos relacionados com sua identidade cubana e migrante. Nas seguintes figuras, duas imigrantes cubanas (uma do grupo do restaurante e outra dos amigos de Daniel), reproduzem textos que circulam nas redes de forma geral sobre o sofrimento que o imigrante vive muitas vezes em silêncio ao longo de sua experiência migratória. Os textos parecem estar endereçados às pessoas que ficam no país de origem e visam desconstruir imagens preestabelecidas por eles sobre o que é uma vida migrante.

Figura 27. Post no Facebook de uma cubana em Montreal que compartilha um relato da experiência migratória (do grupo de amigos de Daniel)



Nunca diga a alguém que teve sorte porque saiu de Cuba! Sorte é que Deus cuida de você e te dá saúde!

Calce meus sapatos, percorra meu caminho e verá o que chama de sorte! Imagine chegar ao país escolhido e perceber que ninguém te conhece e que ninguém se importa com quem você é ou de onde você vem...

É triste dizer a alguém que teve sorte, quando para realizar os seus sonhos deixaram sonhos enterrados. A sorte se faz.

Você trabalha em qualquer coisa e progride pouco a pouco! Alguns anos se passam até você levantar a cabeça... Nunca deixe de mandar o \$\$\$\$!!!! Os remédios e alguns caprichos que a família e os amigos te pedem, porque para eles você teve sorte. Ninguém te pergunta como você faz para trabalhar 48 horas se o dia tem 24 horas! Ninguém te pergunta a que horas você vai dormir (...) Te perguntam por que liga tão pouco mais... "olha, me dá uma recarga aí" ...Que sorte você teve, eles continuam dizendo a você. E você diz a eles, mas eu tenho três empregos (...) Você diz a eles "quer que eu procure um emprego para você?" E com cara de espantinho dizem que ... "Quem te disse que eu quero trabalhar, o que eu quero é sair de Cuba! Ha ha ha!!!

Mas enquanto não partem, não tentam, ficam te dizendo a sorte que você tem!!! Sorte para pôr a trabalhar as costas e a cabeça. Saber se adaptar, fazer amigos, aprender outro idioma e cultura. Treinar, estudar, homologar títulos, continuar treinando, se sacrificar... Boa sorte? Isso se chama coragem, força, determinação! Sorte? por não ter a família no Natal, aniversários, nascimentos e até na morte as vezes você não pode estar presente!!! Meu destino não foi o teu! Eu vivo melhor, mas sinto mais sua falta do que você de mim! (...)

Emigrar não é para todos... inteligência e cabeça são necessárias!!! E acima de tudo amar sua família...

Quando me perguntam se estou bem, nunca digo os males que me afligem para não os preocupar, pelo contrário, você nos conta até a unha encravada do dedo mindinho, e não vê quanta preocupação você nos deixa!!

Os imigrantes pagam caro pela "sorte". Com sangue, suor e lágrimas. E fariamos de novo mil vezes... E você continua dizendo que tivemos SORTE...

Essa distância não sei se chama sorte. O nome dela é CORAGEM.

Fonte: captura de tela do perfil de Facebook de uma cubana em Montreal

Figura 28. Post no Facebook de uma cubana em Montreal que compartilha um relato da experiência migratória (do grupo de amigos do restaurante)



Com os diplomas debaixo do braço e malas cheias de sonhos. Assim saíram de Cuba milhões de cubanos, muitos bons profissionais médicos, enfermeiras, engenheiros, professores enfim, muitos, que até hoje continuam com seus títulos enrolados e guardados e eles em caminhões, fábricas, servindo bebidas atrás de um bar, cozinhas, cuidadores de idosos, e depois aqui os sonhos começam a tornar-se concretos e a nossa alma começa a doer, o que ganhamos mal dá para pagar um apartamento, carro, comida, luz e água, depois vêm os impostos, os impostos do carro, ahhhhhh e o dinheiro que é enviado para Cuba nunca falta no final do mês, a isso se somam remédios, roupas e tudo o que precisam, nosso pilar a família ficou lá e quando chega o final do ano como zumbis comemoramos e rimos mas o nosso riso é amargo pensando nas rugas da pele da nossa mãe e no rosto dos nossos irmãos.

Esta tem sido a nossa grande escola, a nossa grande luta, já não somos cubanos, já não somos de lado nenhum, embora tenhamos nacionalidade, nossos seres queridos morrem e muitos de nós não podemos viajar para nos despedirmos, não podemos estar presentes em quase nenhum aniversário e os parabéns se ouvem pelo telefone, sempre nas ligações, as reclamações vêm de lá, não tem, não tem, não tem..... isso é muito ruim, e dessa parte só dá para ouvir, o que eles precisam, e a gente silencia nossa dor, nossas frustrações, nossas dores, nossas doenças e continuamos ali como bastião de toda a família. Se temos lágrimas as engolimos e mostramos sempre o melhor sorriso, nos dá alegria conversar com eles, ajudá-los. Assumimos a responsabilidade pelos problemas deles e pelos nossos. A todos nós que fomos guerreiros, fomos estoicos em aguentar os golpes, aguentar um frio que nos penetra nos ossos, aguentar muitas vezes o racismo, e a incompreensão, para todos nós uma salva de palmas.

Fonte: captura de tela do perfil de Facebook de uma cubana em Montreal

Para o migrante, esse vaivém de fluidez espacial e temporal é um tipo de “*lived*” *collage* em que tempo e lugar se cruzam e interagem, formando uma heterotopia, afirma Davis (2010). A autora traz uma reflexão sobre a “antropologia do lugar”, para descrever o sentido híbrido, fraturado e desterritorializado do lugar e do tempo vividos pelo migrante. “A heterotopia se põe a funcionar plenamente quando os homens se encontram em uma espécie de ruptura absoluta com o seu tempo tradicional” (Johnson, 2013, p.118). Nesse “*collage*” da existência migrante, o sujeito vive entre vários lugares antropológicos distintos que formam simultaneamente utopias e distopias do passado e do futuro possível. “A utopia da pátria é uma noção duradoura de lugar na imaginação dos migrantes. É o lugar idealizado da memória e da imaginação que, em um congelamento de tempo-espço discursivo, é tanto o passado quanto o futuro”. (DAVIS, 2010, p.674).

A heterotopia é um breve exercício de formulação de um “ponto de vista” diferente, um pequeno esforço mas não parte insignificante de sua busca para perturbar os marcos familiares do nosso pensamento’ (FOUCAULT, 2013, p.120). O espaço heterotópico, como dispositivo, combina método e objeto, gerando novos efeitos, experiências, aberturas e perigos; destacando um rede e indicando a possibilidade de novas alianças. As “alianças heterotópicas” (JOHNSON, 2013, p.800) são mais lúdicas e experimentais em sua força política, nunca fornecendo uma rota de fuga fácil do cotidiano. No entanto, existem experiências libertadoras ou características do espaço heterotópico, para desafiar o utilitarismo neoliberal e abrir brechas para outro imaginário político.

Na seguinte figura, uma das cubanas que conheci no restaurante de Ale compartilha no Facebook uma mensagem sobre a difícil situação de milhares de migrantes que enfrentam longas travessias, pagando o “pedágio” no sofrimento, choro, desespero e medo e até com a própria vida. Essa experiência é compartilhada não apenas pelos sujeitos em movimento, mas por todos aqueles a eles ligados, unidos por meio de laços espirituais de oração. Durante minha estadia em Montreal, chegaram na cidade dois irmãos dessa cubana que publicou o post. Eles teriam saído de Cuba no contexto de êxodo massivo de cubanos pela rota Nicaragua-México-EUA (a partir de 2021), para conseguir chegar no Canadá.

Figura 29. Post no Facebook de uma cubana em Montreal sobre as dificuldades das travessias dos migrantes (do grupo de amigos do restaurante)



Texto do post da cubana em Montreal:

Que Deus ilumine o caminho deles e cheguem a seus destinos com saúde. Amém.

Post original que ela compartilha:

Para quem empreende uma viagem com ar de prosperar, para quem sai a lutar com sua alma como bagagem, para quem paga um pedágio com vida e com sentimento, e chora quando conta a história do dia que disse adeus. Eu só peço que Deus os cuide em todo momento.

Fonte: captura de tela do perfil de Facebook de uma cubana em Montreal

Essa relação interativa, característica das novas tecnologias de comunicação, dialoga com as possibilidades de fazer-se presente, de modo heterotópico, no espaço em que se entende uma produção de sentidos e significados que atravessam o ciberespaço e o constituem como um espaço outro (FANTE et al, 2017). Desse modo, as práticas sociais e culturais que são produzidas nas redes explicitam práticas que constituem relações entre os modos como as pessoas são interpeladas e como produzem os discursos, como relatam as experiências e criam sentidos para uma prática de expressão comunicacional.

Assim, a “multidão de desconhecidos produz uma cobertura dos acontecimentos através de conversações singulares próprias, logo estigmatizadas como produto de amadores, de falsas individualidades ou de anônimos irresponsáveis” (ANTOUN; MALINI, 2010, p. 288). Essa relação entre a produção de informação e a atuação noticiosa gera diferentes narrativas e produz outros espaços de significação. Em outros suportes midiáticos, a interação, a produção e a disseminação de discursos eram reguladas, controladas e mantidas por sujeitos que estão alinhavados aos sistemas das empresas de comunicação; mas a rede digital pluralizou as narrativas, os discursos e

os sentidos, transformou as relações entre informações (FANTE et al, 2017). Não desconsideramos aqui que essas narrativas e discursos são criados e postos em circulação em plataformas gerenciadas pelas forças neoliberais e orientadas por enquadramentos de vigilância. Ainda assim, as mídias tecnológicas compreendem novos sistemas de escritas que vão recuperar outros usos da linguagem e redesenhar o espaço da memória individual e coletiva.

Indivíduos e culturas constroem suas memórias interativamente através da comunicação por meio da língua, de imagens, de repetições ritualísticas, e organizam suas memórias com o auxílio de meios de armazenamento externos e práticas culturais. Sem estes, não é possível construir uma memória que transponha gerações e épocas – o que significa também que a constituição da memória se modifica juntamente com o estado oscilante de desenvolvimento dessas mídias. (ASSMANN, 2011, p. 24)

A figuras eguinte mostra um relato de um dos cubanos que encontramos em Montreal sobre o momento que saiu de seu país. Junto com suas palavras, ele publica imagens de um velho documento que traz também a memória daquele evento, as contraditórias emoções vividas, a despedida da família, a certeza de que essa viagem era também para ele uma prática de liberdade.

Figura 30. Post no Facebook de um cubano em Montreal sobre o momento em que saiu de Cuba e seu pai lhe deu a declaração de direitos humanos. (Eric, do grupo de amigos do restaurante)



Fonte: captura de tela do perfil de Facebook de uma cubana em Montreal

A heterotopia digital pode estilhaçar os sentidos e significados das práticas comunicacionais, porque nesse espaço são aletradas as relações dos sujeitos consigo e com os

outros, na busca por diferentes formas de vida, de relações e de práticas de sociabilidade. Constituir-se e constituir perspectivas é uma das possibilidades de visitar-se e, de ser transeunte em diferentes dinâmicas, de oferecer outras relações possíveis sobre si e sobre os outros (FANTE; TAKARA, 2017). Desse modo, a instabilidade produz localizações provisórias e incita diferentes formas de pensar, a partir de novas relações entre informação, sujeitos e redes.

Os tipos e os equipamentos necessários para pensar as provisoriiedades das redes estão também relacionados ao que culturalmente as pedagogias que as redes oferecem, ao criarmos estratégias discursivas na cultura para sugerir uma identificação e outra alteridade: eu e outro estamos relacionados na aprendizagem que é possibilitada por esta rede social. Qualquer risco é uma forma de colocar-se em reorganização do tempo e do espaço, da identidade e da alteridade, do processo de aprendizagem e das práticas que sugerem flashes heterotópicos (FANTE; TAKARA, 2017).

Se naquele momento se discute a aprendizagem por meio das instabilidades das redes sociais, não é diferente a maneira como a informação neste momento heterotópico colapsa na forma de fixação de um grupo, para proliferar, desfazer-se e refazer-se na leitura de uma prática informacional diferente (FANTE; TAKARA, 2017). Trata-se de um trabalho com os potenciais relatos, com a provisoriiedade e a pluralidade de informações e registros que as redes oferecem por incitar outras formas de agir no mundo. A informação torna-se não apenas uma colaboração, mas também disputa de sentidos e significados na contemporaneidade.

Muitos são os espaços digitais heterotópicos que observamos entre os migrantes em Montreal e em outras partes do mundo. Páginas e grupos do Facebook, álbuns de fotos compartilhados para armazenar lembranças juntos, grupo de WhatsApp criados para organizar um evento e que permanecem depois como espaços de interação permanente, etc. Trazemos aqui outro exemplo dessas heterotopias que encontramos durante a pesquisa, sobretudo para mostrar um cenário diferente daquele que rodeia o grupo de WhatsApp que exploramos tanto no online quanto no offline.

Se trata de um grupo de bate-papo no Messenger, formado por cerca de 55 pessoas na época (2020-2023), articuladas principalmente por uma cubana que age como organizadora e líder principal do grupo, e que os demais membros chamam “presidenta”, um pouco com sentido lúdico,

para lembrar os agrupamentos que o governo cubano criou em cada bairro do país e que tem sempre uma pessoa que a preside¹¹⁷. O grupo, intitulado *Cubanos de Montreal*, surge como espaço de interação cotidiana entre imigrantes que geralmente chegaram recentemente na cidade, em sua maioria jovens e sem uma forte rede de apoio no Canadá. Assim, eles dizem se juntar ali para “não estar só”, organizar eventos, festas, passeios, e compartilhar “um pouco de humor para a gente não se deprimir no inverno” (o desenho tema do grupo é invernal e o emoticon do grupo é uma carinha gelada).

Figura 31. Capa do grupo de Messenger de cubanos em Montreal e mensagem de sua organizadora no fim de ano 2021



Fonte: capturas de tela do grupo de Messenger em 2021

Eles também compartilhavam no grupo informações sobre medidas adotadas pelo governo cubano, sobre a situação da pandemia no Quebec e em Cuba, boas notícias de trabalho e fatos da vida cotidiana em geral (fotos, estado de saúde, a narrativa do dia de cada um etc.). Algumas vezes,

¹¹⁷ O CDR, ou Comitê de Defesa da Revolução, são organizações massivas formadas em cada bairro de Cuba, com estruturas de governança entre os próprios vizinhos, reuniões, cotização e plano de ações que incluem trabalhos de limpeza do bairro, festivais populares e vigilância noturna obrigatória. O governo cubano criou essas estruturas no início do processo da Revolução, sob o argumento da necessidade de se organizar nos bairros para velar pela segurança e a cooperação do povo. Em realidade, os CDR têm funcionado também como micro mecanismos de controle da população, já que o “presidente” de cada um deve “informar” às autoridades (também a centros de trabalho), e é autorizado por estas a emitir juízos oficiais sobre os moradores, quanto a sua conduta político-ideológica e social. É através desses mecanismos, por exemplo, que eram organizados os “atos de repúdio” contra os emigrantes nas primeiras décadas da Revolução, e até hoje funcionam contra pessoas ativistas e opositores ao governo. Mais informação em: https://es.wikipedia.org/wiki/Comit%C3%A9_de_Defensa_de_la_Revoluci%C3%B3n

as notícias compartilhadas no grupo geravam debates sobre a situação socioeconômica e política em Cuba, que acaba por desencadear questionamentos e reflexões sobre suas próprias experiências de vida como migrantes cubanos. Na figura abaixo, por exemplo, observamos dois momentos que ilustram essa dinâmica. No contexto do início da guerra na Ucrânia (2022), um dos participantes do grupo faz uma relação entre esse evento e a crise econômica em Cuba, pois a guerra estaria afetando o apoio econômico da Rússia à ilha e a entrada de turismo desse país euroasiático, afetando assim a principal fonte de entrada monetária em Cuba. Esse participante enlaça esse contexto também com outras dificuldades que vivem os emigrados cubanos, como são os altos custos de documentação que o governo cubano requer para manter a possibilidade de entrar no país, pois é obrigatório para os emigrados ter um passaporte cubano vigente. Outro membro do grupo posta um meme com a imagem de uma parte da Havana Velha muito deteriorada e a pergunta “*Como que essa foto não é da Ucrania?*”. Outro dos membros responde tentando reconhecer o lugar exato, o endereço onde foi feita a fotografia em Havana.

Figura 32. Conversação de membros do grupo de Messenger sobre as dificuldades da situação de vida em Cuba



Fonte: capturas de tela do grupo de Messenger em 2022

Nessa perspectiva, virtualidade e atualidade entrecruzam-se, embaralham-se, confundem-se, de modo que não há linha fixa ou física que localize os indivíduos. Antoun e Malini (2010, p. 290) encontram nessa possibilidade a leitura de uma experiência de democracia que está aberta e

oferece estados de liberdade. “Significa que, mesmo em regime de comando pós-moderno de destruição do comum e expropriação da cooperação, o trabalho imaterial excede o biopoder, porque pode ser realizado fora de uma relação de comando empresarial”. Assim, o que diferencia o ciberespaço da cibercultura é que além dos dados, há o fluxo de informações que incorpora a cultura de uma comunidade.

Na cibercultura, as informações e conteúdos saem do real, vão para o virtual, retornam para o real e em um ciclo contínuo, configuram a retroalimentação. Nesse espaço, surgem as comunidades virtuais que se aglomeram de acordo com interesses e culturas. Dentre os elementos formadores das comunidades virtuais, estão as discussões públicas, o encontro de pessoas que se localizam pela rede, o tempo e o sentimento (FANTE, TAKARA, 2017). Combinados, esses elementos formam redes de relações sociais, instituindo comunidades.

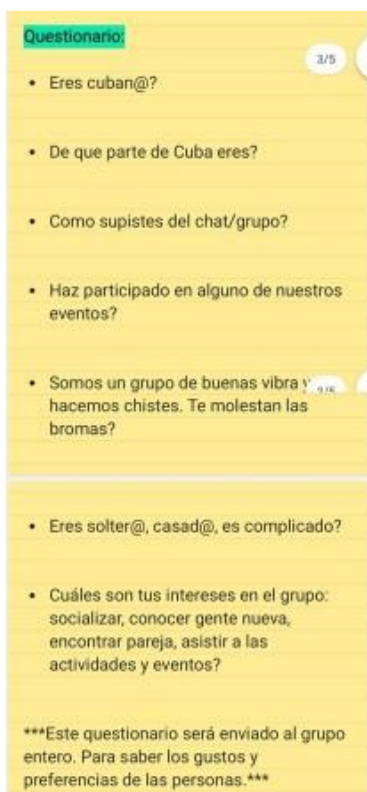
Diferentemente do grupo de amigos de Daniel, este conta com apenas uma pessoa administradora (a fundadora do grupo), que decide as pessoas que entram, ficam ou saem do grupo. Além disso, é um grupo que não se articula a partir de relações “offline” ou com origem em laços comuns durante a história de vida em Cuba, pois as pessoas que vão entrando não se conhecem entre si fora daquele espaço, embora possam chegar a desenvolver outras interações offline a partir de encontros futuros. Quando eu conheci a “presidenta” do grupo, no aniversário de outra cubana, ela comentou comigo do grupo e me convidou para fazer parte dele. Posteriormente, eu recebi um “formulário” a ser preenchido, como condição de aceite no grupo.

Figura 33. Formulário com as regras a seguir do grupo do Messenger

Reglas del grupo	Regras do grupo:
1- No se hablan de temas políticos ni de religión por respeto a las creencias de cada cual. Estas de acuerdo?	1- Não falamos de temas políticos nem de religião por respeito às crenças de cada um. Você concorda?
2- Es un grupo mixto donde nos ayudamos, apoyamos y prevalece el respeto. En caso de falta de respeto o maltrato a alguna persona será expulsada.	2- É um grupo misto onde nos respeitamos. Apoiamos e prevalece o respeito. Em caso de desrespeito ou maus-tratos a qualquer pessoa, será expulso.
3- Se respetan todos los criterios de las personas para que el tuyo sea respetado.	3- Se respeitam todos os critérios das pessoas para o seu seja respeitado.
4- Grupo para mayores de 18 años solamente	4- Grupo acima de 18 anos apenas.
5- Somos un grupo exclusivamente de Cubanos	5- Somos um grupo exclusivamente de Cubanos.
6- Se puede promocionar cualquier negocio siempre y cuando no sea pornografía. Y solamente de forma informativa, no llenar el chat de promociones.	6- Você pode fazer promoção de qualquer negócio, desde que não seja pornografia. E somente de forma informática, não encher o chat de promoções.

Fonte: capturas de tela do grupo de Messenger em 2020

Figura 34. Questionário enviado aso novos membros do grupo do Messenger



Questionario:

- Eres cubano@?
- De que parte de Cuba eres?
- Como supistes del chat/grupo?
- Haz participado en alguno de nuestros eventos?
- Somos un grupo de buenas vibra y hacemos chistes. Te molestan las bromas?
- Eres solter@, casad@, es complicado?
- Cuáles son tus intereses en el grupo: socializar, conocer gente nueva, encontrar pareja, asistir a las actividades y eventos?

Este cuestionario será enviado al grupo entero. Para saber los gustos y preferencias de las personas.

Questionário :

- *Você é cubano?*
- *De qual parte de Cuba você é?*
- *Como você ficou sabendo do chat/grupo?*
- *Já participou de algum de nossos eventos?*
- *Somos um grupo de boas vibrações e fazemos piadas. As piadas te incomodam?*
- *Você é solteir@, casad@, é complicado?*
- *Quais são seus interesses no grupo: socializar, conhecer novas pessoas, encontrar casal, participar de atividades e eventos?*

*** Este questionário será enviado a todo o grupo. Para conhecer os gostos e preferências das pessoas. ***

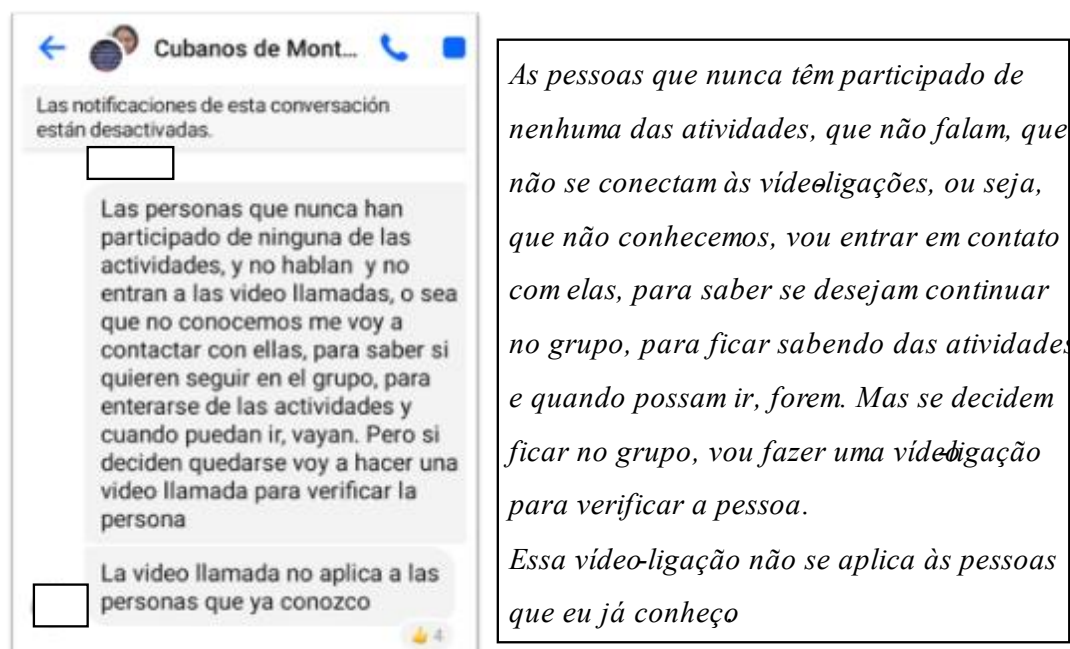
Fonte: capturas de tela do grupo de Messenger em 2020

Apesar de ter participado esporadicamente no grupo e acompanhar um pouco a dinâmica das trocas, nunca consegui conhecer pessoalmente os demais participantes que faziam parte dele. No entanto, algumas pessoas que eu conheci aleatoriamente na cidade acabaram entrando naquele grupo de bate-papo posteriormente, talvez por terem conhecido integrantes do grupo em outros espaços físicos da cidade. Por se tratar majoritariamente de jovens “recém-chegados” ou com pouco tempo de estadia em Montreal (mesmo vindo de outras cidades do Canada), e sem fortes laços familiares ou de amizade nesse lugar, eles acabam se encontrando nos lugares de socialização da comunidade latina em Montreal ou através da própria rede migratória que serve como espaço de encontro e vínculo entre imigrantes de uma mesma cultura de origem.

A estrutura um tanto verticalizada e centralizada de funcionamento desse grupo lembra a cultura política do sistema cubano, exigindo de seus membros altos níveis de participação e engajamento no grupo. Em finais de 2022, por exemplo, uma mensagem da organizadora do grupo cria uma espécie de “perseguição” contra aqueles que não estariam “devidamente” integrados no grupo, devido à baixa participação no bate-papo, nas ligações coletivas por vídeo ou nos eventos presenciais. Esse contexto é muito similar à realidade de Cuba, onde os indivíduos são obrigados

a fazer parte ativa de organizações sociais da “Revolução”, assistir aos grandes atos massivos organizados pelo governo, participar nas atividades que se organizam nos centros laborais e bairros etc.

Figura 35. Mensagem da organizadora do grupo do Messenger sobre tirar às pessoas que não são ativos



Fonte: capturas de tela do grupo de Messenger em 2022

A heterotopia migratória que toma forma no espaço virtual não é, como vemos, apenas um lugar de consolação e solidariedade utópica entre sujeitos deslocados e sós. Ela é o lugar outro que faz ecoar as formas de vigilância e controle já conhecidas, sendo também onde a nova forma de vida do migrante é desenhada. O “ultimato” acima revela que os espaços heterotópicos de interação social online não são necessariamente radicalmente “outros”; não são lugares onde a “normalidade é suspensa”. Quando neles entramos, entramos num mundo que espelha, condensa e transforma o espaço exterior, oferecendo oportunidades e perigos. Sob esse aspecto, eles possibilitam tecer novas relações dialéticas entre os lugares habitados e que nos habitam, as temporalidades comuns e divergentes que se superpõem no único espaço em que é possível se juntar aos novos “outros”: a rede. Esse lugar do digital diaspórico e transnacional é uma heterotopia, porque ele é constituído “em relação dialética com” os demais lugares que conformam a história de vida do migrante; de

modo a criar relações com eles que são, ao mesmo tempo, seguras e contraditórias, reais e imaginadas, na empatia e no conflito.

Assim, o ciberespaço passa a ser parte da vida real dos indivíduos a partir um movimento de retroalimentação em que coabitam os dois mundos, o real e o virtual. Sem a internet ou os aparelhos que permitem a conexão, as pessoas se encontravam a partir da proximidade local; mas essa noção de proximidade tem sido alterada a partir das mobilidades e fluxos do contemporâneo, as tecnologias de informação e comunicação e a democratização do acesso (FANTE; TAKARA 2017). Aquilo que consideramos próximo pode estar a milhares de quilômetros, mas acessível por meio da web; assim como sujeitos que tentamos identificar como “o próximo”. O espaço virtual que é ressignificado por essas práticas torna-se o lugar onde os sujeitos se identificam pelas mesmas causas, interesses e/ou costume; e ao mesmo tempo, eles criam relações de diferença que põem em tensão essas identificações.

Nesse movimento entre o real e o virtual, o ciberespaço se torna um lugar onde se territorializa e desterritorializa a cultura, os relacionamentos sociais e a personificação do sujeito, o que Foucault (2004) chama de heterotopia. Desse modo, a experiência heterotópica vivenciada nas redes virtuais oferece a sensação de viagem com o barco referido pelo autor. Estar nesta empreitada sugere, também, oportunidades para repensar as possibilidades de interação e de produção de sentidos que reorganizam a experiência deslocada no espaço e no tempo pela técnica.

6.2 Vínculos transnacionais: fluxos, rituais e interações transfronteiriças

Os espaços da virtualidade que os migrantes heterotopisam não são apenas as plataformas onde interagem entre eles e com o resto do mundo. Essas heterotopias configuram também dispositivos transnacionais de interação a partir de práticas comunicativas, mobilidades transfronteiriças e fluxos de capitais (econômico, social, cultural etc.). Em muitos casos, a heterotopia emerge naquele “espaço transnacional” onde é possível redesenhar as relações de poder territorializadas nos marcos do Estado-nação. No contexto de Cuba, as temporalidades de várias gerações migratórias se justapõem recentemente a novas formas de conexão que fazem emergir essas heterotopias, lugares nos quais se transnacionaliza a experiência migratória coletiva. As novas tecnologias instauram assim novas possibilidades de vínculos entre os que emigram e os que

ficam na ilha, espacialidades outras que permitem a transformação das relações que os sujeitos mantêm com os lugares “daqui” e “de lá”.

Desde o planejamento do projeto migratório em Cuba, até a viagem, o estabelecimento no novo país e as comunicações com os seres queridos que ficaram na ilha, as mídias desempenham um papel fundamental na vivência do migrante. Nos relatos dos cubanos que encontramos em Montreal é possível perceber, contudo, as diferenças no acesso e uso dessas mídias na migração, sobretudo porque falamos com pessoas de várias gerações e diferentes condições econômicas e percursos migratórios.

(Ale) En Cuba yo me comunicaba por correo con la gente de afuera que me informaban de todo... una amiga enfermera que tenía correo, y en el trabajo... tenía también celular pero era muy caro todo... mis amigos me contaban todo, em mandaban fotos, hablábamos diario, planificábamos todo por ahí para mi viaje a Chile.

Luego cuando estaba en Chile me comunicaba con mi familia por el correo del trabajo de mi hermano... y cuando yo los llamaba por teléfono, una vez a la semana o cada 15 días cuando se podía... porque desde Chile era muy caro. Cuando eres inmigrante, cuentas las monedas... y en Chile el salario era muy bajo, todo el dinero se iba en las cosas básicas. (depoimento obtido em maio de 2022)

(Daniel) En aquella época... cuando yo me iba de Cuba (2011-2012) ... había un blog de un cubano que vivía aquí en Canadá y explicaba todo el proceso (migratorio) como era, había un fórum de comentarios donde la gente iba diciendo como andaba su proceso, cuando aplicó, cuánto se demoraba. Como estábamos en Cuba, y la gente casi siempre usaba la internet del trabajo, nadie quería que se supiera que estaban preparándose para irse... la gente se escondía, ponía seudónimos. Pero a mí eso me daba lo mismo... después me di cuenta de que yo era el único que ponía ahí en el fórum mi nombre completo con apellidos... RISAS... la gente le decía al jefe el día antes... ” oye me voy”. Yo no, yo me iba y no tenía nada que temer... de hecho un amigo nuestro que está aquí ahora, y que era compañero de trabajo de mi esposa en la misma empresa en Cuba, estaba haciendo el proceso en el mismo momento y nunca dijo nada... nadie sabía nada del otro.

Era buenísimo, porque era la única fuente de información, donde único se podía saber más o menos como iban los tiempos, la gente iba diciendo cuánto se demoraba. La mayoría de los amigos de mi esposa tenían también buen acceso a la información, muchos de ellos se quedaban trabajando como profesores en la Universidad o en otros centros de trabajo que no ganaban mucho, pero era porque tenían buen acceso a internet para poder trabajar para compañías extranjeras como programadores. (depoimento obtido em maio de 2022)

Antes el acceso a la información en Cuba siempre estuvo muy restringido... ahora ya ha cambiado un poco... pero yo siempre tuve buen acceso a internet y a una computadora en la casa... antes de venir estuvimos leyendo sobre Canadá, sobre Montreal, cómo funcionaba la vida aquí... las cosas que no tenemos en Cuba, las cuentas bancarias, las tarjetas de crédito...

Através das diferentes experiências contadas, aparecem elementos que revelam um contexto de partida comum: as limitações de acesso à rede em Cuba e sua diferenciação por

segmentos sociais; os altos custos dos serviços de conexão internet e telefonia celular, a utilização de vias alternativas de conexão (terceiros, conexão institucional nos centros de trabalho etc.), e o clima de vigilância em torno à saída do país, relacionado com uma história de proibições e regulações migratórias do governo cubano. Por outro lado, as diversas temporalidades das histórias contadas pelos sujeitos se inserem diferentemente na linha de tempo de desenvolvimento das TICs em Cuba.

À medida que os sujeitos narram etapas de seu processo migratório, a evolução das formas de conectividade na ilha atravessa a transformação dessa vivência, possibilitando retornos virtuais e reaproximações com aqueles que habitam o espaço deixado. De uma distância, por vezes indefinida, por vezes sem retorno possível, o “migrante conectado” (DIMINESCU, 2008), recupera a companhia de um rosto, uma voz, uma palavra que o afasta da solidão enquanto ele tenta decodificar o novo território. Dependendo das condições dessa conectividade, o sujeito poderá experimentar uma nova sensação de “co-presença” (SANTOS, 20006; LICOPPE, 2014) no território heterotópico do digital-transnacional. Assim, “o território compartilhado impõe a interdependência como práxis”, que é a base também de uma nova forma de sociabilidade, de vizinhança, de comunidade (SANTOS, 2006, p. 216).

Ale me conta da primeira vez que falou com sua família em Cuba por vídeo ligação, na época em que as primeiras redes Wi-Fi foram instaladas em algumas zonas públicas de Cuba (2015), ainda que com preços extremamente altos. Para Rolando, *el yuma*, a chegada da internet a Cuba significou a possibilidade de estar um pouco mais perto de sua filha, que deixou de ver com um ano de idade. Félix, quem saiu de Cuba há mais de duas décadas, tem experimentado essa grande transformação em várias etapas. Para eles e muitos outros migrantes, o desenvolvimento recente das TICs em Cuba tem impactado em grande medida nas relações familiares e em sua saúde mental.

(Ale) Unos meses antes de tener mi residencia permanente, llegó el internet wifi a Cuba. Fue como un regalo divino para los que estamos afuera. Pude ver a mi mamá, la llevaron en una silla de ruedas al parque para que la viera... estaba lloviendo. Era una locura el parque del pueblo, todo el mundo gritando, llorando, emocionado... fue super fuerte... reunificando la familia desde un teléfono... tu sentías a la gente llorando, la gente que pasó años llorando. Aquella primera vez así como varios minutos sin hablar... llorando. Hasta ese momento era todo por teléfono... no te puedo decir la cantidad de dinero que gasté en teléfono En esa época no había Cuballama... era Vox Revolution, y es americana, te cobraban a 1 usd el minuto... y en ese momento cuando estas empezando aquí, los pagos se hacen eternos, son facturas y facturas... y uno no estaba acostumbrado a eso en Cuba.

En esa época tenías que hablar rápido, no podías contar una historia, había que ir al grano. Si alguien estaba enfermo, saber, saber que todo estaba bien... no entrar en detalles. Yo nunca pude contarles mi travesía porque no podía responder todas sus preguntas... seis años después fue que les conté todo lo que había pasado, cuando fui.

Cundo yo salí de Cuba, si hubiese tenido lo que tengo ahora (internet), hubiese sido mucho más fácil. Yo veo a mi madre todos los días de esta vida... desde que pusieron internet. Mi mamá cada mañana toma el café y me llama... yo la veo... si esta peinada o no... si está bien. Primero hablábamos con la wifi del parque, después el teléfono y yo puse internet en mi casa también. (depoimento obtido em maio de 2022)

Ale se refere justamente ao impacto que essas novas mídias podem ter nos vínculos dos migrantes, e como isso vai se transformando também à medida que a tecnologia evolui, como foi a passagem da conexão permitida apenas em caráter institucional às zonas de conectividade Wi-Fi, e depois à telefonia móvel e à internet doméstica. Embora nem todos tenham igual acesso aos recursos necessários para custear os altos preços desses serviços, o certo é que a própria existência dessa possibilidade de comunicação ativa agências do sujeito na busca por obter o acesso a esse novo território.

Lemos (2008) se refere a esse fenômeno a partir do estudo das “mídias locativas”, sobretudo aplicado a espaços urbanos, como dispositivos (no sentido técnico) informacionais digitais cujo conteúdo da informação está diretamente ligado a uma localidade. O autor afirma que os artefatos comunicacionais têm transformado os espaços sociais, e observa isso, por exemplo, na agregação de pessoas em áreas Wi-Fi, na busca por zonas de acesso às redes de telefonia celular, nas trocas de SMS, fotos ou vídeos, nas conexões em redes bluetooth e na emissão de dados por canais e estações de rádio frequência. A partir dessa perspectiva, são definidos também os “territórios informacionais”.

Por territórios informacionais compreendemos áreas de controle do fluxo informacional digital em uma zona de intersecção entre o ciberespaço e o espaço urbano. O acesso e o controle informacional realizam-se a partir de dispositivos móveis e redes sem fio. O território informacional não é o ciberespaço, mas o espaço movente, híbrido, formado pela relação entre o espaço eletrônico e o espaço físico. Por exemplo, o lugar de acesso sem fio em um parque por redes Wi-Fi é um território informacional, distinto do espaço físico parque e do espaço eletrônico internet. Ao acessar a internet por essa rede wi-fi, o usuário está em um território informacional imbricado no território físico (e político, cultura, imaginário etc.) do parque, e no espaço das redes telemáticas. (LE MOS, 2008, p.14)

Sob esse viés, Lemos (2008) define tais territórios informacionais como heterotopias, já que eles criam um lugar que é dependente dos espaços físico e eletrônicos aos quais se vincula. Assim como o navio mencionado por Foucault, eles criam lugares “estando ou passando por” diferentes espaços. Dessa forma, “o lugar se configura por atividades sociais que criam pertencimentos (simbólico, econômico, afetivo, informacional)” (LEMOS, 2008, p.14). É possível, ademais, compreender esses lugares a partir dos princípios heterotópicos mencionados por Foucault. Os mecanismos de abertura e fechamento, por exemplo, indicam o acesso regulado à rede por meio de códigos que só possuem alguns usuários (em Cuba não existe a Wi-Fi pública de graça). De acordo com outro princípio, assim como toda cultura tem suas heterotopias, segundo Foucault, esta é uma que podemos encontrar na cibercultura.

(Rolando) Antes era todo carta y teléfono... y caro, teléfonos de cabina que llamabas y pagabas ahí mismo. Yo llamaba a mi mamá todos los fines de semana... yo hablaba bastante con ella porque no la veía... de 25 a 30 minutos... era 1.50 por minuto. Yo ganaba 800 dólares semanales, era mucho dinero... en esa época el sueldo mínimo allá era de 8 dólares la hora... hoy está a 12, dice mi hija.

Cuba ha mejorado, en ese aspecto ha mejorado. La gente en el 80 no recibía ni cartas. Hoy nosotros hablamos por video. Cambió completo. Fíjate que me dicen que mi hija está bien, que está durmiendo, y le digo pónmela ahí, y la veo durmiendo. Es como si estuviera frente a mí. No la tengo pero la tengo. Eso me ayudó los 14 años que llevo aguantando. La comunicación me ha ayudado mucho... si hubiera quitado todo eso, ya me hubiera vuelto loco, no estuviera ya aquí. Yo estuve a punto de tirarme en un metro, solo, bota'o aquí, ciego que no podía ni cortarme las uñas. (depoimento obtido em maio de 2022)

(Félix) Cuando yo llegué a Canadá... hace 20 años... yo hablaba con Cuba una sola vez al mes y era a través de los teléfonos fijos en casa, de disco. En Cuba había que pedir una cita y te la daban para una vez al mes... el día 15 a las 4 de la tarde, por ejemplo... le avisaban a mi mamá y ella estaba ahí en el teléfono ese día a esa hora. Pero a veces se tenía que ir para allá muchas horas antes porque la llamada entraba a cualquier hora, no se sabía... tenía que caminar cantidad, unas cuantas cuadras. Me daban muy pocos minutos, te cobraban a 1.50 dólar el minuto. Llegué a pagar hasta 700 dólares el mes, porque si te pasabas más de 5 minutos, te podían cobrar hasta 5 dólares el minuto. El día que ibas a hablar no podías salir de la casa porque no sabías cuando entraba la llamada... ese día yo no podía ir a trabajar. Siempre hablaba con mi mamá, muy pocas veces podía hablar con mis hermanos.

Cunado mandaba cartas o fotos, se pasaban hasta 3 meses para llegar... los paquetes llegaban abiertos porque los abrían para revisarlos. Si alguien viajaba a la Habana podías mandar la carta hasta la Habana y ahí las echaban en el correo para que llegara a mi provincia más rápido, pero igual se demoraba siempre mucho. Mandaba fotos y videos también pero las cámaras eran de rollos, y había que revelar las fotos, costaba caro. (depoimento obtido em agosto de 2020)

As ligações, cartas, e-mails, fotos, mensagens trocadas cotidianamente entre os migrantes e seus seres queridos distantes fazem parte de uma nova rotina que molda essa vida migratória. Quanto tempo é destinado a essa comunicação? Com qual frequência? Qual é o lugar apropriado? Como fazer coincidir o ritmo cotidiano de vida em dois países diferentes para se “conectar”? Como financiar essa comunicação nos dois lados? Que informações partilhamos e quais não? Por quais meios, em quais formatos? Essas novas práticas, que configuram também uma heterotopia transnacional, obrigam a reorganizar o uso do tempo, planejar melhor os rituais comunicacionais, redefinir os espaços em função uma nova necessidade.

Um ritual é constituído por uma série de atos e condutas formais, consensuadas e repetidas nos seus elementos básicos, considerados de carácter excepcional (não rotineiro) e aos quais se atribui uma eficácia simbólica, ou seja, produzem efeitos transformadores na existência cotidiana do grupo que o realiza. Os rituais sobrevivem enquanto persistem as condições que os tornam necessários. Não são atos pontuais, mas processos, e o são tanto do ponto de vista diacrônico quanto sincrônico. Diacrônicos porque se transformam com as mudanças que ocorrem na sociedade e são rapidamente internalizados como tradicionais e "vitalícios", e síncronos porque cada ritual é constituído por várias partes indissolúveis ligadas por momentos de transição. (ALONSO, 2014, p. 346)

Nesse viés, pensar na heterotopia traz a dimensão de liminaridade dos rituais, uma vez que eles revelam transição, fluxo e as possibilidades de transformação dos sujeitos, dos espaços e dos tempos. É por meio de rituais que cemitérios, casas de tolerância ou igrejas podem se tornar heterotopias. Assim, os lugares se investem de significado por meio dessa prática social e pela transmissão, organizada narrativamente, do que sucede neles.

É por meio desses mecanismos que as heterotopias se criam, se transformam, podem ser destruídas e passar a fazer parte dos lugares comuns. Ou vice-versa: há circunstâncias que podem transformar um território que nos é muito familiar, que percorremos regularmente, num lugar heterotópico: desde o mais privado, como a casa. A casa pode transformar-se numa heterotopia para quem a construiu (ALONSO, 2014, 2014, p. 346).

Os entrevistados comentam um pouco sobre esses ajustes necessários entre “os dois lados” para alcançar uma eficácia comunicativa no transnacional: mencionam o impacto de poder ver os familiares pelo vídeo, a forma de se sincronizarem para a conexão, a frequência de comunicação e como a qualidade da conexão permite ou não desenvolver uma comunicação mais aprofundada e próxima da conversação face a face. É interessante, ademais, como eles se referem aos espaços em que essa comunicação acontece, indicando que a qualidade da conexão em Cuba pode variar

dependendo da localização geográfica das pessoas na ilha; as diferenças entre o urbano e o rural, se estão em uma parte ou outra da cidade ou em qual habitação da casa se encontram.

(Eric) El cambio fundamental en la comunicación ha sido el avance en el otro extremo... los recursos aquí siempre estuvieron. Uno aquí, con todo lo que tiene, de todas maneras tiene que ajustarse a lo que está pasando del otro lado. Nunca ha habido un total distanciamiento, un divorcio con lo que está del lado de allá. Hoy yo prácticamente no converso con mi mamá si no es con la cámara, y lo hacemos varias veces en el día. Está bastante buena la calidad de la conexión últimamente, depende de la ubicación de mi mamá allá... si está en su casa o en casa de mis abuelos, si está en el cuarto de la casa o en el portal. Ya mi mamá siempre deja los datos móviles puestos y estamos en contacto todo el tiempo. (depoimento obtido em agosto de 2020)

(Felix) En Cuba usan más WhatsApp porque es lo que gasta menos. Hablo con mis amistades casi todos los días... todos los días yo hablo con gente de Cuba... cuando los veo conectados los llamo. Hace una hora estaba hablando con mi prima, que su niña estaba dando sus primeros pasitos y me llamaron para que la viera. La conexión hora esta mejor que hace unos meses... según de donde te llamen, de la parte urbana de la provincia es mejor que la parte del campo. Yo he llegado a hablar hasta 2 horas con ellos allá. Hablamos de todo, de mi vida social aquí, del tema de familia y personal con mi hermana, y con todos hablo de lo que está pasando en Cuba, en el barrio, te enteras de los chismes. Antes cuando hablaba con mi mamá una vez por mes hablábamos lo mínimo... los niños están bien, cómo estas tú, y la salud, como está la presión, y el corazón... la llamada medio que no se entendía, era una desesperación... y uno gritando... era algo irritante, estresante, te volvía loco. Ahora si la llamada se cae tu vuelves a llamar. Cuando ellos (familia) se conectan allá me timbran y ahí nos conectamos y hablamos por internet. Lamento que esto llegara tan tarde... toda esta situación que pasamos con mi mamá. Ella murió en el 2015 y ya yo podía hablar por Messenger con mi mamá, aunque se quedaba la llamada congelada. Ya en los últimos tiempos de su vida eso era mejor que antes... uno se siente como que estamos cerca.

Essa dimensão da *ritualidade* se encontra também na obra de Martin-Barbero (2019). A partir da influência de Paul Ricoeur no estudo de Barbero sobre a relação entre narrativas e temporalidades, Rocha e De la Roche (2019, p. 59) afirmam que “a narrativa, tomada como um modo específico de organização da linguagem, se torna uma importante portadora – e disseminadora – da experiência do tempo por parte dos seres humanos”. Na proposta de Barbero que dá origem ao seu último livro publicado em 2019, ele reflete sobre como as TICs impactam na expansão e reconfiguração das ritualidades, narrativas e relatos na contemporaneidade.

E primeiro foram os rituais, que viraram narrativas e se constituem em relatos. Os rituais são experiências geradoras de narrativas, e as narrativas são produtoras de

relatos que ficam na memória coletiva. Hoje assistimos à expansão dos rituais (...). As narrativas são o que geram histórias e conversações. O ritual precisa do corpo, da oralidade e da espiritualidade para se tornar uma narrativa, e a narrativa requer tempo e espaço para se tornar relato. (...) Do que é feito o cotidiano é de relatos, mas moldados por rituais. (MARTIN-BARBERO; RINCON, 2019, p.19-20)

É nessa “expansão de *rituais*” (corpo, oralidade, espiritualidade) onde encontramos as práticas comunicacionais de acesso e uso às novas tecnologias no contexto transnacional migratório. Na medida em que essas práticas definem novas formas de criar, habitar e transformar espaços, a heterotopia aparece como possibilidade dessa vida outra mediada pela técnica e ressignificada por novas ritualidades e narrativas transnacionais.

A realidade dos territórios e suas contingências impossibilitam a homogeneização almejada pelos processos de globalização, afirma Santos (2006). Nos estudos sobre as TICs e a migração, Mattelart (2009) vai chamar a atenção justamente para a necessidade de compreender essas novas mídias como parte de um contexto mais amplo no qual se combinam diferentes estágios de desenvolvimento tecnológico e novas formas de uso aparecem. Se trata de levar em consideração a propagação desigual das técnicas, do processo de difusão das técnicas e de sua implantação seletiva sobre o espaço.

A forma como se combinam sistemas técnicos de diferentes idades vai ter uma consequência sobre as formas de vida possíveis naquela área. Do ponto de vista específico da técnica dominante, a questão é outra; é a de verificar como os resíduos do passado são um obstáculo à difusão do novo ou juntos encontram a maneira de permitir ações simultâneas. (SANTOS, 2006, p. 25)

Assim, num mesmo pedaço de território, convivem subsistemas técnicos diferentemente datados, isto é, elementos técnicos provenientes de épocas diversas. Essa questão aparece como uma chave de leitura para compreender a experiência comunicativa dos migrantes, já que se trata sobretudo de disparidades no desenvolvimento global entre países menos desenvolvidos e aqueles mais industrializados. Não é só de épocas que estamos falando nesse caso, mas da defasagem de temporalidades ligadas a uma história desigual do mundo. No contexto de Cuba, além disso, trata-se de considerar a situação de um país cujo desenvolvimento tecnológico não segue os padrões do capitalismo global, de modo que os imigrantes se deparam com uma realidade absolutamente nova quando saem da ilha. A migração traz assim uma urgência comunicativa que os obriga, tanto a eles

quanto aos familiares que ficaram em Cuba, a fundar novos espaços em que convivem múltiplas temporalidades e rituais, heterotopias que permitam fazer uma vida vivível no transnacional.

(Celia) *Esto me ha dado mucha tranquilidad antes que todo, saber de inmediato que mi familia está bien. Por ejemplo ahora con el ciclón... hablamos por cámara, me enseñaron las ventanas que ya estaban aseguradas, que todo está bien. Mi mama se buscó una manera de instalar WhatsApp y hasta allá hablan entre ellos por WhatsApp porque les sale más barato.*

Yo uso Messenger y WhatsApp... el IMO lo usaba antes porque la imagen se veía más nítida, pero ya con WhatsApp es más económico y de mejor calidad, es mejor con los datos ahora. Mi tia es la única que me escribe por email y se queja porque no le respondo... es que yo quiero respuestas inmediatas... RISAS.

Casi siempre hablamos el sábado porque es cuando yo tengo tiempo y todo el mundo está en la casa... hablamos como 30 minutos... últimamente la conexión esta mejor, pero antes estaba muy lenta, la imagen muy distorsionada, se trababa...entre semana me comunico más con mi mama por mensajes.

Teníamos un grupo familiar pero no lo usamos mucho... mi mamá, mi tía la de España, la de Miami... para mantenernos informados de la salud de la familia... cuando falleció mi tío, por ejemplo, todos nos enteramos al mismo tiempo por ahí.

Ahora no hablamos mucho ahí... mi tía está molesta conmigo porque yo trabajo mucho y no tengo tiempo de hablarle mucho, entonces ella se molesta... RISAS. (depoimento obtido em agosto de 2020)

(Abel) *En esa época estábamos separados mi actual esposa y yo. La idea es que ella fuera también para España pero no se logró. Yo mantenía comunicación con ella también, con mi familia y mis amigos por correo electrónico, era lo más barato. Llamar por teléfono era muy caro. Mi familia tenía correo de Infomed, a través de mi tía que era doctora. Ellos me escribían también. Yo intentaba mantenerlos al tanto de mi vida... mandaba fotos... por supuesto, ellos me pedían que las redujera (peso del archivo) para poder descargarlas y abrirlas. Porque si les mandaba una foto de 3 megabytes nunca la llegaban a abrir... se congelaba toda la conexión.*

En esa época (2012) ya mucha gente tenía Facebook en Cuba, incluso mi papá. Pero yo siempre seguí usando mucho correo electrónico, porque es más barato, y yo podía contar bastantes cosas. Después la dinámica de la vida se te complica y escribir un correo te toma mucho tiempo, mis padres me decían... oye, ya no escribes casi nada. También llamaba por teléfono pero no muy seguido, siempre me ha parecido muy caro, las llamadas a Cuba tienen precios absurdos, llamaba 2 o 3 veces al mes. (depoimento obtido em maio de 2022)

(Olivia) *Yo usaba el teléfono para hablar con los abuelos y las personas mayores, a través de compañías de estas que hacen puente para Cuba... Cuballama y eso. Pero después vi unos programas para estudiantes internacionales que tenían 30 minutos incluidos en el plan... yo todavía lo tengo, por ahí llamo a los viejos. Porque los viejos no entienden otra cosa, no te oyen. Yo llamaba una vez cada dos semanas, y con mi mamá si hablaba casi todos los días por correo, y le mandaba fotos. Mi mamá en aquel momento tenía correo en Cuba porque trabajaba en una empresa estatal, y ella pudo 'resolver' que le dieran permiso de salida internacional a su correo, y por ahí nos comunicábamos... porque los correos de los trabajos estaban restringidos para salida internacional.*

A mí no me ha impactado mucho esos cambios en la comunicación con Cuba porque la gente que me queda allá son mis abuelos, los viejos. Yo los llamo todas las semanas o cada 2 semanas a Cuba. Lo que sí es verdad que los pocos amigos que te quedan allá tienen más acceso a comunicarse contigo. Entonces no tienes que destinar dinero para eso, y no tienes que ser tú siempre quien se comunica porque ahora ellos también te pueden llamar. (depoimento obtido em maio de 2022)

É interessante observar nos relatos dos entrevistados como as condições de conectividade e as estratégias implementadas por eles revelam essa dimensão heterotópica do espaço transnacional. Devido aos altos custos da internet em Cuba, a maioria das pessoas não permanecem conectados à internet constantemente, produzindo assim uma comunicação assíncrona com os cubanos fora da Ilha. Alguns emigrados continuam usando recursos como o SMS ou a “chamada perdida” como recursos que permitem ativar o contato, sincronizar as temporalidades de conexão e alcançar uma maior imediatez na comunicação.

Por outra parte, eles relatam também as defasagens geracionais com familiares que ficam em Cuba, quanto ao ritmo de aprendizagem e o uso de outros recursos como a ligação direta por telefone para conseguir falar com as pessoas mais idosas. Esse contexto vai mostrar a importância de compreender os fenômenos técnicos em conjunto com o seu entorno, e em função das diferentes formas como as tecnologias são apropriadas e usadas pelos indivíduos no espaço.

Sem dúvida, a técnica é um elemento importante de explicação da sociedade e dos lugares, mas, sozinha, a técnica não explica nada. Apenas o valor relativo é valor. E o valor relativo só é identificado no interior de um sistema da realidade, e de um sistema de referências elaborados para entendê-la, isto é, para arrancar os fatos isolados da sua solidão e seu mutismo. (SANTOS, 2006, p.27)

De acordo com Santos (2006), o espaço pode ser visto como um conjunto de objetos organizados e utilizados (acionados) segundo uma lógica. De forma que, afirma o autor, “é o espaço que redefine os objetos técnicos, apesar de suas vocações originais, ao incluí-los num conjunto coerente onde a contiguidade obriga a agir em conjunto e solidariamente (p.24). Os imigrantes cubanos mencionam como exemplo a redução do tamanho das fotos que enviam os emigrados para que possam ser baixadas em Cuba, o uso de aplicativos que economizam o uso de dados de conexão (IMO), entre outras ações que revelam o poder de agência dos sujeitos na criação dessa relação comunicativa heterotópica.

(Roberto) Mi familia nunca pudo llamarme de Cuba, era demasiado caro. A veces hablaba con mi madre una vez cada dos semanas, pero sólo 15 minutos... "¿Cómo estás, cómo te

sientes?" ... Y por muy mal que estuvieran las cosas aquí, nunca se lo dije a mi madre, que siempre estaba muy nerviosa. Hablaba con mi hermano por correo electrónico y SMS, porque el resto era muy caro... demasiado caro, 7 minutos de llamada era casi 20 dólares. Todo esto lo pagó mi mujer, para que yo pudiera calmarme un poco, porque estaba muy ansioso, muy alterado. Al principio no conocía ni a un cubano aquí. En esa época, la comunidad cubana aquí no era tan grande como ahora... después de todos estos años, hay muchos cubanos aquí en Montreal. Yo iba a Cuba una vez al año.

Creo que estos cambios en la comunicación en Cuba han sido muy positivos... ahora puedo hablar con mi familia todo el tiempo, hablo con mi madre todas las noches por audio. A veces también puedo verlos por video cuando la conexión es mejor... nos resulta más fácil hablar todos los días, saber cómo pasamos el día, como lo hacen en todas partes del mundo, porque antes no podía ser así para nosotros. Ahora yo hablo con mi familia todos los días, antes gastaba mucho dinero...Ellos me dan mucho apoyo, hablar con tu familia te ayuda, te da fuerzas. Nunca más había utilizado la llamada directa, sólo lo hice hace poco porque el familiar de un amigo murió y no tenían internet... así que tuve que gastarme algo de dinero y llamarles directamente por teléfono.

Los medios que más uso son IMO y Whatsapp. IMO es el que más uso... es una app muy rápida, tiene buena conexión en Cuba, mejor que WhatsApp, que lo uso más para hablar con mis amigos en Estados Unidos. Y todavía uso mucho los SMS, cuando necesito enviar un mensaje urgente, que necesito que vean rápido para que me respondan de inmediato, envío un SMS.

Hablo con ellos por el teléfono de mi hermano, mi madre está aprendiendo más despacio, es otra generación y le está costando más, claro... ella está aprendiendo poco a poco. Yo hablo con ellos casi todas las noches, una hora más o menos.

Ahora cuando quieren hablar, es espontáneo y me llaman y si puedo hablamos... si no llamo, les mando un SMS para que se conecten. Hablamos sobre todo de la salud, de mi madre que sufre depresión... de nuestro trabajo diario, de cómo está la situación económica, si hay comida, de los amigos, de mi hijo... Después de la muerte de mi padre, mi madre está peor... poder hablar conmigo todos los días le ayuda mucho, mi hermano me habla de todo después de la muerte de mi padre, porque soy el hermano mayor. No querían que volviera para aquí, pero tengo a mi hijo aquí y no puedo dejarlo solo. (depoimento obtido em agosto de 2020)

As mudanças no panorama das TICs em Cuba representam também, segundo os relatos dos entrevistados, uma transformação significativa nos vínculos com as pessoas na ilha. Não se trata apenas de uma adição do meio técnico ao natural, mas da produção de algo novo, de forma que o objeto técnico se torna condição de existência de um meio misto, técnico e geográfico ao mesmo tempo (SANTOS, 2006). Também comunicacional, agregaríamos. O fato de que os cubanos podem agora iniciar o contacto comunicativo desde a Ilha, por exemplo, reorganiza os papéis na relação comunicativa. A possibilidade da imediatez, a espontaneidade, o aumento da frequência nos contatos, a proximidade que oferece a comunicação por vídeo, a possibilidade de escolher um ou outro formato e canal comunicativo, entre outros aspectos, transformam também a natureza do vínculo, no ambiente sociotécnico da “polymedia” (MANDIANOU, 2014).

A transnacionalização dos vínculos entre cubanos dentro e fora da ilha tem a ver também com a aparição de mecanismos de financiamento dessas comunicações pelos emigrados e o desenvolvimento de múltiplos fluxos, como abordamos no primeiro capítulo da tese. Além da ampliação da internet em Cuba, as remessas, as mudanças em políticas migratórias que permitiram a entrada e saída de cubanos com maior flexibilidade, o desenvolvimento de negócios privados entre os emigrados para gerenciar esses fluxos, dentre outros fatores, vêm transformando a densidade desses vínculos e abrindo possibilidades outras de interação multisituada. Como já mencionamos, as “recargas” de crédito telefônico feitas a partir do exterior têm ocupado um lugar central nas relações de interdependência entre cubanos de “dentro” e de “fora”.

Ale comenta que ele é responsável por pagar o serviço de internet doméstica da família e “recarregar” o celular a cerca de 5 ou 6 familiares ou amigos em Cuba, em conjunto com seu sobrinho que também mora no Canada. Rolando me disse que enviava mensalmente recargas telefônicas a suas filhas e outros familiares, mas depois que sua filha maior chegou nos Estados Unidos, eles se revezam nessa tarefa. Celia, Félix, Roberto, Olivia, Abel e muitos outros afirmam também ser responsáveis por financiar essas comunicações, o que às vezes compartilham com outras pessoas da família e amigos emigrados. Eles também compram e enviam os celulares e todo equipamento necessário para a conexão.

(Eva) Era complicado pero se podía hacer. Cuando yo vine para acá mi papá y mi mamá todavía trabajaban, ellos tenían un correo del trabajo y por ahí nos comunicábamos también. En mi casa había un teléfono fijo, pero por teléfono directo era muy caro, yo llamaba si acaso una vez al mes para hablar 5 o 10 minutos. Con el tiempo yo mandé un dinero y mi mamá tuvo celular y ahí ya me comunicaba con mi mamá por IMO, WhatsApp... le recargaba el teléfono con esas compañías de recarga a Cuba. Yo recargo por DimeCuba, a mi mamá, y con ese celular hablo con la familia. Ella me avisa y yo le recargo cuando hace falta.

Con todo el mundo de Cuba ahora me comunico por WhatsApp, ahora que la gente tiene WhatsApp. Antes no, me comunicaba una vez al año por correo, para navidad y cosas así. Ahora encuentras mucha gente, sobre todo amigos que estudiaron conmigo... que están en Cuba o en el resto del mundo... están en grupos comunes... te reencuentras con mucha gente. La comunicación con Cuba ha mejorado, claro, no es lo que debe ser, pero sí ha mejorado. Cuando yo me fui de Cuba no tenía ni teléfono. Y hoy en día quién no tiene un celular en Cuba? ... ya sea a costa de nosotros o por cuenta del contrabando, pero ya todo el mundo tiene un teléfono celular en Cuba. (depoimento obtido em maio de 2022)

(Eric) Yo le recargo el celular cada vez que hay recarga doble. Cuando estaba mi papá en Cuba, le recargaba a él también pero hace 4 años él está en Estados Unidos. A veces a mi primo o mi prima, a veces a algún amigo mío que me “sofoca” ... te piden que le recargues, porque las personas piensan nada más en su necesidad, para ellos es la suya, pero a mí me piden varias personas... y cuando no puedo, pues les digo que no puedo. Ahora mismo me pidieron 2 amigos al mismo tiempo... y el dinero aquí no está fácil... ellos saben que yo no

estoy trabajando, pero por mucho que le cuentes, la gente no tiene idea porque no lo ha vivido... las quejas de las personas que están del lado de acá.

Yo llevo 15 años aquí y yo he visto a gente que estaba en Cuba pidiendo y ahora están protestando en Facebook porque les piden a ellos cuando llegan a Estados Unidos... y ellos pedían no solo recargas sino dinero, tenis, de todo... y no es ni siquiera mi familia... sino otras personas que son unos atrevidos. Y te lo digo porque yo en Cuba no me atrevía... y ahora la gente, cualquiera, me escribe pidiéndome un par de zapato, una mochila para el hijo... cualquier cosa... y yo pienso... pero es que eso no es responsabilidad mí... yo ayudo cuando puedo, pero eso no es mi responsabilidad. Pero la gente en Cuba cree que sí, porque entonces si tu “pasaste a mejor vida”, entonces tienes esa obligación.

La gente asume que todo el que se fue al mundo exterior está viviendo una mejor vida, una vida de glamur, una vida donde las cosas sobran... y creo que nosotros como comunidad de emigrados tenemos mucho que ver con eso, porque históricamente nos hemos empeñado en dar una imagen que no es la real. Antes la gente se tiraban fotos al lado de un carro que no era suyo y ya... hoy hay más acceso a la información... se lo dije a un amigo mío, que llega a Cuba diciendo que gana cantidad y que tiene dinero... entonces la gente te pide. (depoimento obtido em agosto de 2020)

Essas relações econômicas que se geram entre os emigrados e os cubanos da ilha não são isentas de conflitos, como bem explica Eric. No imaginário coletivo cubano, o imigrante é o triunfador, homens e mulheres que alcançaram sucesso na vida graças, à migração e como tal, têm o dever moral de assistir aos que não tem essa possibilidade. Esse dever, responsabilidade ou obrigação, aparece como uma questão importante nos relatos dos entrevistados, seja para ilustrar suas motivações no projeto migratório ou bem como outra exigência em seu percurso.

Nas redes sociais observamos também memes, depoimentos, vídeos e outras narrativas em torno desse conflito. A seguinte figura mostra dois desses exemplos: uma matéria do canal hispano de Miami *América TeVe* sobre um vídeo¹¹⁸ em que um cubano mostra o perigoso e duro trabalho que realiza nos Estados Unidos, interpelando àqueles na ilha que reclamam por “recargas” e outras ajudas; e um meme que faz referência a como os vínculos afetivos entre os emigrados e sua família em Cuba são também atravessadas por relações de dependência econômica.

¹¹⁸ A publicação é de fevereiro de 2021 e foi compartilhada no Facebook por um dos cubanos de Montreal. O original disponível em : <https://www.facebook.com/amicateve/videos/viral-cubano-trabajando-desde-un-piso-18-en-la-construcci%C3%B3n-le-mando-un-mensaje-/953203835422957/>

Figura 36. Matéria de uma TV de Miami e meme compartilhado por um cubano em Montreal tematizando a tensão dos vínculos econômicos dos emigrados com as pessoas em Cuba



Fonte: Capturas de tela do Facebook em 2021

(Ale) Aquí tienes que tener la tarea inmensa de enseñarle a la gente que esta del otro lado (Cuba) que tu mantienes y que tú ayudas, de dónde sale el dinero y cómo lo haces, eso es clave. Si no explicas eso y te las das de millonario. la gente va a creer que de verdad el dinero está en los árboles. Que cuando te llamen a las 10 de la noche, y te vean con el delantal puesto, decirle, “todavía estoy cocinando, termino a las 11” ... y la gente va a decir... “Ño, ya yo llevo horas descansando y él todavía está trabajando”. Yo se los digo, yo cuando puedo salir a pasear a veces es a las 12 de la noche. Eso, hay que enseñarle a la gente que no sueñe con algo que no es, aquí hay que trabajar. (depoimento obtido em maio de 2022)

Para além do contexto recente de financiamento das comunicações tecnológicas, os emigrados cubanos participam há muito tempo de trocas econômicas e culturais que vêm se intensificando gradualmente e que incidem fortemente na transformação da sociedade cubana (ECKSTEIN, 2009; LEVITT, 1998). Dependendo das condições de vida individuais, a evolução dos percursos migratórios e também as mudanças na realidade da ilha, os emigrados assumem formas diferentes de se engajar economicamente com os que moram na ilha. Além do tradicional envio de remessas ou pacotes para familiares e amigos na ilha, as plataformas criadas por emigrados para executar mecanismos de “recargas” telefônicas transnacionais (ex. *Cuballama*, *Cubatel*, *DimeCuba* etc.), se tornaram verdadeiros centros de comércio paralelo com a ilha (gerenciando envios de comida, dinheiro, medicamentos, eletrodomésticos etc.) (HERNANDEZ,

2020). Ademais, aparecem recentemente outros mecanismos comerciais transnacionais como são os “supermercados virtuais” (em divisas estrangeiras e mediante uso de cartões de crédito que em Cuba não existem); são plataformas em que os emigrados podem comprar produtos de primeira necessidade, alimentos e outros bens inacessíveis no país, para serem entregues a seus familiares ou amigos em Cuba¹¹⁹. Além de os cubanos da ilha não terem acesso a esse sistema, muitos dos emigrados também não conseguem acessar facilmente esses produtos para enviar, devido aos altos preços fixados.¹²⁰

(Roberto) Estos otros paquetes, la comida que envía la gente por internet... nunca lo he usado... porque creo que es demasiado caro para nosotros... tenemos que convertir a dólares americanos.... un día estaba mirando un paquete de comida, carne y salchichas, 189 USD que son 240 dólares canadienses, como una semana de trabajo... es demasiado. A veces envío el dinero y ellos compran las cosas como puedan allí. (depoimento obtido em agosto de 2020)

(Eric) Por mucho tiempo mi situación económica no me permitía enviar dinero a Cuba, a veces yo mandaba algún paquete cuando podía. Ahora, por ejemplo, me ocupo del teléfono de mi mamá, porque necesito mantener esa comunicación, y eso no es barato para una persona con un salario medio en Cuba. A veces mando dinero a Cuba, usualmente unos 100 dólares... pero como yo voy con frecuencia a Cuba, generalmente llevo el dinero yo, y llevo otras cosas también... los paquetes los mando con personas o los llevo... nunca con agencias. Hay una vía que tú le das dinero aquí a una persona y esa persona se lo da a tu familia en Cuba. Yo normalmente viajo todos los años a Cuba.... 1 o 2 veces por año a veces... usualmente un par de semanas...ha coincidido que cada seis meses estoy en Cuba, no siempre planeado... en 2020 yo fui en enero, iba a ir en junio de nuevo, pero llegó la pandemia. (depoimento obtido em agosto de 2020)

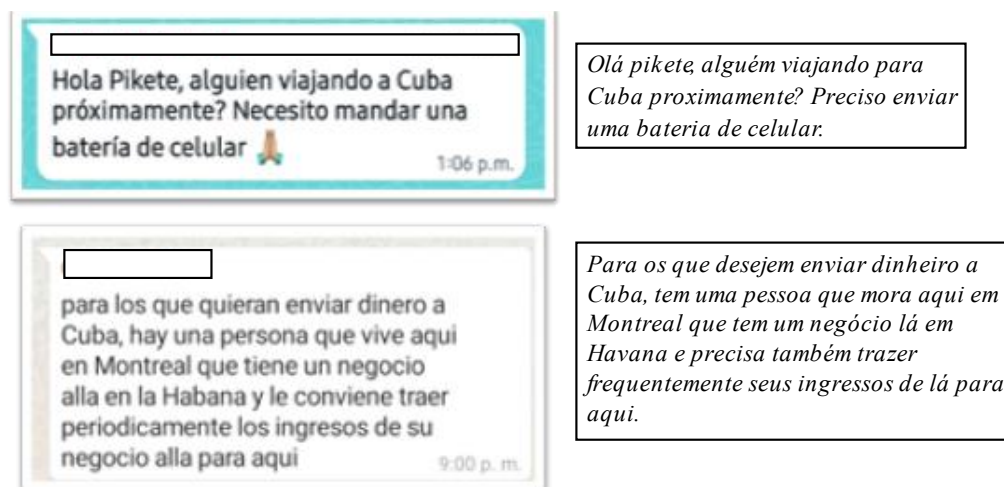
Essas implicações econômicas de todo tipo levam geralmente a determinados posicionamentos sobre a realidade política na ilha, já que a maioria dos emigrados percebe o sistema de governo cubano como culpado da situação precária que vive o povo e que recai sobre os ombros dos imigrantes que enviam remessas e pacotes. Assim, outra dimensão de conflito apontada nas entrevistas é justamente até qual ponto essas ajudas econômicas enviadas aos familiares estariam também apoiando o desenvolvimento econômico de um regime com o qual eles não concordam. Uma grande parte dessas remessas chega a Cuba através de mecanismos informais:

¹¹⁹ Algumas de estas lojas são: Supermarket23, MallHabana, mercocaribe, Katapulk, TuEnvío etc. Mais informação sobre esse sistema de lojas virtuais em: <https://www.cubanet.org/destacados/tiendas-online-para-cuba-quien-gana-con-el-hambre-en-la-isla/>

¹²⁰ Só a modo de exemplo: um pacote de café de 250gr custa em torno de 8 USD; 1kg de leite em pô ao redor de 10 USD; 1KG de peito de frango uns 15 USD etc.

viagens das “mulas”¹²¹, recargas telefônicas que se tornam remessas pela venda do saldo, negócios de emigrados destinados ao comércio paralelo com a ilha, inversões através de terceiros porque os emigrados não têm direito de investir legalmente em Cuba, etc. As redes digitais servem também como espaços de efetivação desses fluxos, seja sob formas comerciais mais estruturadas, ou mesmo através das conexões estabelecidas por sujeitos que ali interagem. Observamos, por exemplo, grupos do Facebook de imigrantes onde as pessoas procuram ajuda para enviar ou receber coisas de seu país de origem, procuram informações sobre os mecanismos possíveis e tecem redes de colaboração que lhes permitem ativar essas trocas. A figura abaixo mostra um exemplo destas práticas no grupo de WhatsApp de amigos de Daniel¹²².

Figura 37. Comentários de membros do grupo de WhatsApp sobre a dinâmica transacional de troca informais de bens



Fonte: capturas de tela do grupo de WhatsApp em 2021

(Daniel) Nosotros nunca mandamos remesas a Cuba.... íbamos a Cuba con una mochilita nada más.... pero íbamos bastante, por la familia. Ahora mi suegra vive aquí, nos va quedando menos gente allá. Unos años después de llegar aquí, empecé a tener un interés económico, cuando compramos un apartamento... en la época de Obama (2018-2019), cuando retomó relaciones con Cuba. Empezó a ir gente famosa a Cuba, gente de negocios... yo vi ahí una oportunidad.... se abrió mucha iniciativa privada y yo me quería montar en ese tren, y

¹²¹ As pessoas conhecidas como “mulas” se dedicam a viajar para levar equipagem e dinheiro aos países de origem dos emigrados e cobram esses serviços segundo a quantidades transportadas, por exemplo, cobram um valor fixo por cada libra da mala, por cada quantidade de dinheiro transportada, e pelos equipamentos de forma diferenciada. Muitos emigrados utilizam esse método apenas para poder custear a viagem ao país de origem.

¹²² O segundo print faz referência a um mecanismo de câmbio mediante o qual o emigrado que gera ingressos na ilha pode recolher as remessas de outros cubanos em Montreal em dólares canadenses e entregar a quantidade equivalente em pesos cubanos às pessoas que recebem a remessa em Cuba, com o dinheiro que gera seu negócio lá. Isto lhes permite fugir dos mecanismos oficiais financeiros e de controle do fluxo transfronteiriço de bens.

compramos un apartamento en 30 mil dólares para rentar. Entonces para poder prepararlo bien tenía que ir y llevar las cosas desde aquí. Tenía también amigos que vivían fuera y estaban haciendo eso. Yo empecé a mirar un poco más de información sobre Cuba en aquella época en que compré el apto, por interés económico, la vida estaba más dinámica. Venía a buen ritmo todo eso, pero se paró... yo sé que va a llegar en el futuro pero ahora está parado... no sé qué fue lo que pasó que terminamos peor que en el periodo especial. (depoimento obtido em maio de 2022)

No contexto de mecanismos comerciais que operam informalmente nesse espaço transnacional, pode se dificultar a obtenção de estatísticas oficiais, embora as nuances ideológicas na produção de dados pelo governo cubano dificultem também a tarefa. No entanto, alguns relatórios indicam que em 2016 as remessas para Cuba representavam, sob certas condições estipuladas por economistas que estudam o tema, um 15% do PIB do país (VIDAL, 2022).

Ao falar sobre as recargas telefônicas, Abel me conta que “*algunos amigos me dicen que es carísimo... que ese dinero va para los Diaz-Castro*¹²³”. Ale também refere-se a esse assunto, mas oferece também, um ponto de vista diferente “*Hay quien puede decir que se están enriqueciendo con eso (el gobierno), porque es caro, pero yo lo veo como que gracias a eso puedo ver a mi familia. Los que estamos de este lado nos beneficiamos de eso... y ellos allá (la familia) se benefician porque tienen acceso a la información.*”.

(Félix) Yo iba a Cuba todos los años, una o 2 veces... 3 semanas... voy 2 semanas para casa de mi familia y 1 semana para el hotel con los niños. Antes sí mandaba remesas... pero ahora prefiero llevarle las cosas a mi hermana. Antes sí le enviaba a mi mamá por Western Union, 2 veces al mes, 100 cada vez... antes eso era muchísima plata allá. Pero ahora estoy muy enojado con el envío de dinero para allá. El gobierno no hace nada por salir adelante y solo quiere plata y plata... esas tiendas MLC que abrieron ahora tan caras MLC, un robo.... No pueden sacar la economía a costa de los que estamos emigrando... Hace dos años que no envío dinero así, cuando yo voy llevo las cosas y el dinero que necesiten... a mi hermana también le manda su hijo de Estados Unidos.

(Eva) La última vez que fui a Cuba fue en el 2019. Creo que perdí mi estatus ahora con todo este tiempo del Covid en que no fuimos allá, que dieron un permiso para eso, pero como a mí no me interesa entrar a Cuba, creo que lo voy a perder entonces eventualmente. No hay ninguna razón por la que a mí me interese mantener un status en Cuba, no le veo ningún beneficio a eso.

¹²³ Refere-se ao fato de que o governo cubano atual, com o presidente Diaz-Canel, seria realmente uma contiguidade do governo da família Castro

Yo no quisiera regresar hasta que Cuba no fuera un país totalmente libre. Yo estoy realmente dolida como cubana... porque “le tienen el pie puesto a la gente”. A tu familia... a la mía... a ti... a todo el mundo. Hemos sufrido mucho con eso. De verdad los vamos a mantener? Yo estoy como que... lo estrictamente necesario... le pongo la recarga de internet en el celular a mi mamá porque, por supuesto, ella después de tener que estar pasando por eso no va a sufrir también por no ver a su nieta. Pero ya ir a Cuba para gastar dinero allá, otro tipo de cosas, paquetes.... me parece demasiado. Yo lo que quiero es que eso se caiga. Le puse los papeles ahora a mis padres para que vengan de visita, porque prefiero traerlos aquí y que cambien un poco su realidad.

Yo he ido un poco cambiando mi mente. Últimamente... con todo lo que ha pasado... es que todo se ha agravado... y la respuesta de ellos (el gobierno cubano) ha sido ponerle el pie más todavía a la gente. Uno se va encabronando y va diciendo... bueno pero cómo es posible esto?... Y al final, nada.... tu cambias tu forma de pensar y dices... no voy a ir más a Cuba y ya. Por supuesto, siempre que pueda traer a mis padres, porque si no les dan una visa voy a tener que ir a Cuba, pero si lo puedo evitar, lo evito.

Yo no mando nada a Cuba de una manera habitual, sino cuando se da la oportunidad. Que tampoco es que tu digas voy a mandar dinero y ya la solución está ahí. Hay todo un problema con los mecanismos de las remesas también¹²⁴. (depoimento obtido em maio de 2022)

Yo me encargo de mis padres y mi esposo se encarga de su familia. A veces es un poco diferente porque cada familia tiene necesidades diferentes. Todos esos gastos ni siquiera entran como gastos fijos en nuestra declaración de impuestos aquí, por supuesto.

Outro evento que provocou reações na diáspora é a adoção de medidas econômicas que acentuam a dependência da população cubana do apoio financeiro dos emigrados. Os produtos mais necessários para a população foram colocados apenas em lojas específicas onde só é possível acessar por meio de uma moeda virtual (MLC, moeda livremente convertível)¹²⁵ respaldada pelas remessas dos emigrados. Ou seja, sem importar a forma como as divisas das remessas entrem no país, os cubanos na ilha devem depositar obrigatoriamente esse dinheiro no banco cubano e utilizá-lo depois através de cartões nas lojas do governo. Assim, o Estado cubano garante a recolhida de todas as divisas que entram no país. Os entrevistados se referem frequentemente a essas medidas, porque se sentem diretamente interpelados pelo governo e pelas pessoas na ilha como responsáveis pela manutenção da sobrevivência familiar e pela economia nacional. Eric, por exemplo, se refere a essa relação como “um jogo de xadrez” no qual é preciso sempre estar atento à jogada do lado contrário.

¹²⁴ Refere-se às medidas aplicadas pelo governo cubano para controlar remessas e garantir que os envios passem pelo sistema bancário do país, assim como políticas de restrição do governo americano para evitar que essas remessas “apoiem” a economia do sistema na ilha.

¹²⁵ Mais informação sobre esse sistema financeiro em: <https://eltoque.com/que-es-un-mlc>

(Eric) (...) hay que estar al tanto de todo lo que sucede allá... es como un juego de ajedrez, cuando ellos mueven una pieza allá, te toca a ti mover la tuya. El gobierno cubano no hace nada de buena fe, hacen las cosas porque están obligados... cuando ellos hacen su movida, me toca a mi hacer la mía, por eso tengo que estar pendiente. La motivación fundamental es que ellos deben dinero, están endeudados en el mundo entero, y necesitan recogerle la divisa a la gente... necesitan liquidez porque están asfixiados... ya no tienen crédito porque son muy mala paga... y se aprovechan de la necesidad de la gente para recoger todo el dinero. (depoimento obtido em agosto de 2020)

(Félix) Cuba en estos momentos no esta lista ni económica ni socialmente para enfrentar una epidemia. Hay muchas colas... no se respeta el distanciamiento... son tumultos de gente en las tiendas para comprar comida. El gobierno de Cuba no tiene dinero, lo está buscando a través de nosotros los inmigrantes con las tiendas esas.

Esas tiendas (MLC) son “patás de ahogao” ... para recoger lo que se ha robado ese gobierno. Se decía que era mentira, pero los hijos de Fidel tienen apartamentos en España, yate, Mercedes Benz... y tienen de todo. Y el cubano de a pie no tiene nada... las arcas del gobierno están vacías. Cuba está enfrentando la realidad que se está tratando de ocultar hace años con el bloqueo. Entonces nosotros, que nos hicieron actos de repudio... y a la gente del Mariel (éxodo migratorio de 1984), que les gritaron “gusanos... vete de Cuba... desgraciados” ... hoy por hoy somos los salvadores de la Patria. (depoimento obtido em agosto de 2020)

Também nas redes sociais, observamos como os imigrantes cubanos ressignificam esses vínculos transnacionais atuais à luz de sua história de exclusão e discriminação na sociedade cubana. As novas tecnologias incitam diferentes formas de atuação, outras práticas comunicacionais e sentidos que indicam a necessidade de pensar as relações entre o campo tradicional informativo e as territorialidades. A virtualidade e a espacialidade das práticas informacionais nos oferecem diferentes formas de construir relatos que estão entremeadas em arranjos que são técnicos, mas que incitam reorganizações políticas, culturais, sociais e econômicas (FANTE; TAKARA, 2017).

A figura abaixo mostra dois posts no Facebook de uma das cubanas que encontramos em Montreal, fazendo referência às mudanças no discurso oficial do governo cubano sobre os emigrados, sobretudo a partir de transformações econômicas na ilha que evidenciam o papel protagonista das remessas no desenvolvimento nacional. Uma das imagens reproduz a capa de um jornal governista das primeiras décadas da Revolução, com uma frase pronunciada por Fidel Castro que incitava a população a realizar os “atos de repúdio” público contra os cubanos que saíam do país, os “vermes”. A segunda imagem recupera uma fotografia dessas manifestações populares contra os emigrados na ilha durante o êxodo migratório do Mariel na década de 1980. Em ambos

os casos, a cubana que compartilha essas publicações vai ressaltar o mecanismo de resignificação do lugar dos emigrados na sociedade cubana atual depois de meio século.

Figura 38. Posts no Facebook de uma cubana do grupo de amigos de Daniel (sob perfil falso) que tensiona as mudanças no discurso histórico do governo cubano sobre os emigrados



Fonte: Capturas de tela do perfil falso e uma cubana em Montreal em 2020, que ela usa para denunciar os problemas da realidade em Cuba

A heterotopia digital na experiência migratória vai mostrar como as mídias sociais deslocaram as relações entre emissão e recepção que pareciam estabelecidas na atuação de profissionais da comunicação e, no caso de Cuba, submetidas também à agenda do governo. Essas mídias possibilitam que as pessoas gerem, remixem, compartilhem e publicizem suas experiências e conteúdos, promovendo deslocamentos que oferecem outras reterritorializações. A heterotopia, neste momento, se torna visível na resignificação das práticas comunicacionais e informacionais. O sujeito no contemporâneo não está apenas comunicando-se de outros modos, mas também reconfigurando seus modos de ser, de pensar e de agir. Essa prática de localização incita uma leitura diferente do contexto contemporâneo.

Figura 39. Conversação no grupo do Messenger sobre conflitos ligados aos vínculos de dependência econômica entre emigrados e pessoas em Cuba



The figure consists of three screenshots of a Messenger group chat. The first screenshot shows a link to a website and a discussion about a family member's situation. The second screenshot shows a discussion about a list of companies in Panama and the US, and the role of the Cuban government. The third screenshot shows a discussion about political tensions and the situation of immigrants.

Participante 1 (P1): *Olhem isso família, bom dia para todos (link da loja virtual)*

Participante 2 (P2): *Isso é sacanagem, são empresas no estrangeiro do próprio governo, e em Cuba a lojas não tem nada. O liquidificador da minha tia quebrou e não tem onde comprar, nem por MLC (lojas em divisas em Cuba)*

P1: Acho que é do Panamá (a loja virtual)

P2: Sim, mas tem uma lista de companhias estrangeiras no Panamá e os Estados Unidos que são agências do governo cubano.

P1: Sim, caro, todos esses negócios, e os de recargas, no final está o governo por trás.

P3: *Estão nos chantajeando a todos os imigrantes para que possamos salvar o país com os envios que fazemos cada mês, que barbárie*

P4: *Os comunistas mantêm 11 milhões de sequestrados, aos quais ameaça com matar de fome e os 2 milhões que estamos fora não depositamos regularmente uma quantidade. Não deixam produzir comida na ilha... agora já sei que é intencionalmente.*

P1: *Isso deles já é demais*

P4: *Entre os sequestrados, quem proteste, os dissidentes não poderão comprar nem se o familiar pagar o resgate.*

Fonte: Capturas de tela do grupo do Messenger em 2021

No grupo de bate-papo do Messenger aparecem também conversas que tematizam esses vínculos os a figura do “sequestro”, uma metáfora popular em cuba para se referir à tríade de novas relações de poder que se estabelece entre governo cubano-emigrados-cubanos na ilha. A partir de um link de uma loja virtual de eletrodomésticos para enviar mercadorias a Cuba, os integrantes do grupo começam a debater sobre o tema.

Tanto as práticas de significação que oferecem uma estrutura que sugere uma sensação de realidade, quanto as instabilidades produzidas pelas aglutações espaço-temporais são formas de heterotopia, afirmam Fante e Takara (2017). A prática da rede, apontam os autores, ganha sentidos como espaço heterotópico porque como espaço aberto, o jogo territorial das informações, dos saberes, dos conhecimentos, dos poderes, das práticas e dos sentidos nas redes estão em disputa a todo momento e produzem, do mesmo modo que são produzidos. Ainda que eles mencionem o termo “ciberheterotopia”, também vão destacar que a heterotopia é uma característica do ciberespaço que fluído, fragmentário, provisório “permite a instabilidade da noção de espaço real como a estabilidade da experiência de estar presente em um espaço sem que, contudo, geograficamente, haja uma relação possibilitada pela interatividade” (p.6). Assim, a experiência heterotópica oferece uma condição de reinterpretação das comunicações e das interações entre sujeitos no contemporâneo.

(Rolando) Yo tenía una tarjeta¹²⁶ de Cuba y le depositaba el dinero a mi mujer y ella lo sacaba en Cuba. Después el gobierno cubano eliminó esas tarjetas y abrió los shoppings esos, que puedes pagar en tarjeta pero puesta en el banco directamente (MLC). Yo mando todos los meses. He mandado muchos paquetes pero por medio de los cubanos que venden las libras (da bagagem). La gente que no tiene dinero lleva una maleta y vende otra, son 500 dólares, entonces con eso paga el pasaje. Y allá come arroz y frijoles como todo el mundo en Cuba. Yo aquí no paro. Me llama mi sobrino y me dice... “tío, se me echa a perder la comida porque se me rompió el refrigerador”. Allá voy tengo que mandarle para comprar uno, aunque sea de uso. Y cuánto vale eso... 35 mil pesos cubanos, unos 400 dólares... porque 400 por 90 son 36 mil pesos cubanos... que está el dolar canadiense a 90. Nuevo es 80 mil o 100 mil pesos cubanos, unos 880 canadienses.

(...)Hay gente que va a buscar a mi mujer a su casa para venderle los tickets de la cola para la comida¹²⁷ ... ella lo compra y va directo y compra lo que haya, sin hacer la cola. Pero la que no tiene dinero, la que no tiene “amistades”, tiene que estar ahí en una cola muchas horas, a ver si coge algo o no, porque los tickets están vendidos por fuera. De 500 tickets, 300 se vendieron por fuera y 200 van por la cola. La gente va a buscar a quien tiene dinero para llevarle los tickets. La gente dice... “na, el papá de la niña está en Canadá, ahí hay dinero, vamos p’allá”. Cada vez que aparece algo de comer en algún lugar van a llamar a la mamá de mi hija... claro, dicen... “el marido que está en Canadá tiene dinero, que te lo paga todo al momento”.

Entonces... quiénes salen pa’ la calle a protestar? Quien no tiene nadie que reciba de afuera. Y uno dice... sí, mi familia está bien, Cuba está bien. No, Cuba no está bien, Cuba está mal. Mi familia está bien, porque yo estoy aquí. Allá la gente está asfixiá..., asfixiá... el gobierno

¹²⁶ Refere-se aos cartões de bancos estrangeiros que os emigrados fazem para deixar à família em Cuba, que podem ser utilizadas nas lojas em divisas estrangeiras do governo cubano.

¹²⁷ Desde a época da grave crise econômica dos anos 1990 em Cuba, a população tem que realizar longas filas para acessar aos produtos básicos. Embora a situação tivesse melhorado um pouco nos anos 2000, nos últimos anos e atualmente, o país vive uma das maiores crises econômicas de sua história, e novamente aparecem no espaço público longas filas, a “cola”, como é chamada pelos cubanos, para poder comprar qualquer produto. O governo voltou a implementar sistemas de distribuição de alimentos regulados, no estilo das drásticas medidas adotadas depois da queda da URSS.

no puede con esa gente, por mucho que quiera...eso es lo que pasa, cuando tú no obedeces al que más tiene poder... o te retiras o si lo vas a enfrentar, tienes que tener mucho poder.... la gente con poder abusa de los demás... (depoimento obtido em maio de 2022)

Na própria reflexão que decorre das entrevistas, aparece essa articulação entre a história de vida dos sujeitos e o relato coletivo do país; de modo que a experiência heterotópica da migração leva à politização dessas formas de vida, abrindo possibilidades de subjetividades outras (HERNANDEZ, 2019). No relato de Rolando, ele vai enlaçar diretamente sua realidade familiar transnacional com uma visão mais ampla sobre o contexto político recente na Ilha, ao ligar os protestos populares do 11 de julho com a situação de precariedade econômica e insegurança alimentar, a desigualdade social entre os cubanos que recebem ajuda de familiares emigrados e os demais que estão “asfixiados”. Ele faz uma distinção entre “minha família” e “Cuba”, a “gente” e o “governo” para mostrar justamente como essas desigualdades estão ligadas também a relações de poder.

6.3 Mobilizações transnacionais: acontecimentos em Cuba e participação diaspórica

A técnica é um elemento da constituição e transformação dos territórios, já que as técnicas são “um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço” (SANTOS, 2006, p. 16). Nesse viés, vemos como as mídias digitais vão possibilitar interações que fundam esses territórios heterotópicos, nos quais os sujeitos reinventam formas de vida, redefinem os usos dos espaços e do tempo, e dão novos significados aos lugares que habitam agora de forma diferente na migração. Por meio das mídias digitais, os emigrados têm acesso imediato à realidade do país distante, tanto pelas diferentes vias de comunicação virtual, quanto através dos relatos cotidianos dos familiares. Nesse sentido, os acontecimentos, as mudanças, e os debates que permeiam o dia a dia dos cubanos da ilha alcançam também de muitas formas àqueles que moram fora, pois isto impacta diretamente no bem-estar de seus seres queridos e em suas próprias responsabilidades com eles.

(Eric) La flexibilidad sobre el tema tecnológico es lo que ha cambiado mi interacción con la gente en Cuba. A veces lo único que nos queda es la comunicación. En eso sí creo, eso sí lo hago, participo...compartir información con la gente que está en Cuba. Yo siempre digo que la cosa no es solamente criticar el gobierno, eso de todas maneras no resuelve... lo que si yo pongo manos a la obra es al compartir información... con mi mamá, mi tía, mi primo... porque eso es lo que ayuda a que la gente abra los ojos con respecto a ciertas cosas, por ejemplo,

ahora esto del Covid. Ahora, una cosa es que ellos me escuchen y otra cosa que puedan hacer algo... mi mamá puede creerme, pero no puede ir en contra de las normas, las reglas allá. (depoimento obtido em agosto de 2020)

No restaurante de Ale, por exemplo, os cubanos comentam frequentemente sobre o que acontece na ilha, debatem, trocam informações e opiniões. Rolando conta que é ali onde ele fica sabendo da maioria dos acontecimentos em Cuba, enquanto Ale disse se informar também nas conversas com a família e pelas publicações de cubanos no Facebook. Eric afirma que a informação que ele consome nem sempre é relacionada com Cuba, pois se interessa muito também pela realidade dos Estados Unidos, do Canada; ainda que o desenrolar da vida em Cuba lhe afete, sobretudo porque lá está sua mãe e sua família.

(Eric) Yo hablo de todo con la gente allá... la gente en Cuba me cuenta también de todo lo que está pasando... las peripecias para conseguir comida... las colas... la cotidianidad... las medidas por la pandemia... y eso me sirve para contrastar lo que yo leo en los artículos de internet. Yo tengo más debates en internet que en físico aquí... yo no socializo en muchos espacios aquí... la mayor parte de mis interacciones son online, en Facebook sobre todo. Porque disfruto esos debates... la gente es muy apasionada con eso, pero eso no tiene fin. El tema político... es el tema. Siempre trato de consultar diferentes fuentes para tener una idea más cerca de la realidad... converso con mi gente, veo cada medio, me aparecen las cosas en Facebook, pero como cada uno tiene su propia agenda... lo que pasa es que yo mismo tengo que poner muchos filtros porque hay mucha información que es porquería, trato de leer entre líneas y lo contrasto con otros medios, que pueden ser también los oficiales, claro. Pero solo veo los medios oficiales cuando quiero saber qué es lo que está diciendo el oficialismo, el gobierno. No hay medios en los que yo confíe mucho.

Debatir sí, mucho... debates intensos, muy intensos, sobre temas políticos. Pero yo evito meterme en debate con gente que no conozco. Yo veo la sección de comentarios de CiberCuba¹²⁸ y es cuando me doy cuenta de lo perdidos que estamos los cubanos... estamos embarcaos, esto no tiene arreglo. Soy cuidadoso con lo que comparto, un meme, una noticia que me parece interesante... pero yo controlo mi página de Facebook, solo yo puedo publicar ahí. (depoimento obtido em agosto de 2020)

(Roberto) Yo uso las dos redes sociales, la que esta con el sistema (gobierno cubano) y la que no está con el sistema ...Por ejemplo, si ves CiberCuba, entonces no hay nada bueno en Cuba, todo es malo, todo esta jodido... Lo leo porque a veces encuentras a veces cosas de verdad y otras veces manipuladas. Pero también leo el periódico Granma y Cubadebate (meios governistas).

¹²⁸ Um dos meios digitais fundados por cubanos emigrados, a maioria destes meios são articulados desde os Estados Unidos, embora colaborem pessoas de várias partes do mundo e sejam consumidos também por cubanos dentro da ilha e de vários países.

Quién no sabe que en Cuba hay carencia de medicinas, escuelas que necesitan un techo nuevo?... Eso lo sabemos todos los cubanos... y a veces ves una noticia en CiberCuba de que está malo el baño de un hospital... cuál es el objetivo de eso, que lo sepan?... si la gente lo sabe. En CiberCuba todo es malo... ahora la vacuna¹²⁹, dicen que no es de Cuba, que es un invento. Hay que ver los dos lados. (depoimento obtido em agosto de 2020)

É interessante como aparece nos relatos de imediato uma associação do uso das mídias no contexto da migração com os posicionamentos ideológicos em torno do sistema político cubano, destacando assim o importante papel da experiência migratória na produção e na circulação dessas narrativas. Assim, a Pátria, os espaços virtuais diaspóricos e transnacionalizados por trocas de todo tipo, são lugares heterotópicos da migração que se configuram como espaços em tensão, devido sobretudo à confrontação de narrativas que os rodeiam. Esse processo narrativo pode transformar uma heterotopia em outra, ou fazê-la desaparecer, modificar seus sentidos, as práticas e os rituais que a definem em um marco temporal específico.

Com a emergência das mídias alternativas digitais cubanas e a ampliação das possibilidades de comunicação transnacional, os cubanos começam a se reencontrar diferentemente no espaço virtual que redefine a experiência histórica do dentro-fora dos cubanos. Muitos entrevistados mencionam meios alternativos digitais como fontes informativas sobre a realidade cubana, embora a maioria desses veículos sejam gerenciados e produzidos fora da ilha, devido à proibição do governo do exercício do jornalismo independente no país¹³⁰. Alguns desses meios são mais antigos e outros surgiram recentemente, e em alguns casos nasceram como projetos em Cuba, mas seus colaboradores se viram na obrigação de abandonar o país devido às pressões do governo.

Além de *CiberCuba*, uma das plataformas digitais mais antigas da mídia cubano-americana, os entrevistados mencionam outras como *ADNCuba*, *Cubanet*, *Diario de Cuba*, *Cubanos por el mundo*, dentre outros, assim como vários youtubers cubanos radicados em Miami que têm uma forte influência na web diaspórica e transnacional cubana. Ainda que a maioria dessas mídias promovam uma visão de oposição frontal e bastante radical contra o governo, outros meios como *Periodismo de Barrio* e *El Estornudo*, fundados na ilha por jornalistas que posteriormente tiveram que emigrar, abordam o conflito político cubano a partir ângulos mais analíticos e contrastados.

¹²⁹ A vacina cubana contra a Covid-19.

¹³⁰ Para maiores detalhes acerca dessa relação conflituosa entre o jornalismo oficial e o jornalismo independente em Cuba, ver a tese de doutorado de Alexei Padilla Herrera: *Sintomas de uma sociedade que se emancipa: a mídia independente como exercício do direito à comunicação em Cuba*. 2023. Tese (Doutorado em Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social) - Universidade Federal de Minas Gerais

Isso é percebido por alguns cubanos (Eva, Abel) como posicionamentos de “esquerda” ou “comunistas”, e, portanto, incompatíveis com uma denúncia radical ao sistema cubano. Essa percepção está relacionada com o fato de que uma grande parte da comunidade emigrada cubana se posiciona ideologicamente sob tendências conservadoras, como observamos no apoio dos cubano-americanos à candidatura Trump e na perspectiva do grupo cubano-canadense de ativismo político que mencionamos anteriormente na reunião ocorrida no restaurante de Ale.

(Olivia) En Facebook tengo cuenta pero solo miro de chismosa lo que pone la gente... RISAS. Nunca publico, a veces cada varios años pongo una foto. De Cuba yo me entero de las cosas porque mi esposo me lo dice... a mí no me interesa. A mí me dicen... “esto pasó en Cuba” ... ay ya... y a mí que me importa. Mi esposo trabaja ahora delante de una computadora, él pone todos estos programas de Miami, todos los Youtubers. pero yo no estoy en una computadora el día entero, como la mayoría de mis amigos... yo estoy en el laboratorio... miro el teléfono a veces. Entonces mi fuente de información es mi esposo, que me pasa las cosas e internet por la noche... RISAS. (depoimento obtido em maio de 2022)

(Félix) Yo casi nunca chequeo las noticias de Cuba... porque no son claras, los medios cubanos... todo es divino, todo está bien, no hay problema. Pero la gente del pueblo te habla las cosas como son, te enseñan la tienda por video llamada... “mira, no hay nada” ... y ves que no es lo mismo que dicen por la televisión allá.

Mira, yo hago limpieza en un centro comercial... y un día llamé a un primo mío allá que es medio comunista y siempre está hablando que allá hay de todo, y le dije... “yo quiero que tú me hagas un video de tus tiendas y yo te voy a enseñar de aquí, y ahora vamos a comparar los precios... y él se quedó callado.... y me dijo... “sigue mostrándome las cosas” ... y al final me dijo... “Wow, sin palabras”. El objetivo era mostrarle que hay cosas que están manipulando por la televisión cubana. Yo no hablo muchos sobre la vida mía aquí porque no me gusta hacer sentir mal a la gente de allá porque no tienen las cosas.

No le acepto tonterías a todo el mundo tampoco.... yo solo hablo con algunas personas. Ni tampoco hablo nada de política con nadie... ni con mi hermana Porque al fin de cuentas yo soy cubano, visito Cuba y no quiero problema con nadie...ni en redes sociales ni lugar público. Cuando voy a Cuba no le acepto a nadie que me toque el tema político... yo vivo lejos de Cuba y estoy tranquilo aquí, en un país donde todo el mundo habla como quiera. Y si yo sé que allá no se puede hablar para que lo voy a hacer... para no poder ver más a mi familia... mejor me quedo callado. (depoimento obtido em agosto de 2020)

(Eva) La red social que ms consumo es Instagram y me van a apareciendo las noticias. El tiempo no me da para ver varias redes sociales. Instagram es más visual... ni me gusta Facebook porque te bombardea con algo que no te interesa. Entonces en Instagram estás viendo lo que te interesa, aunque últimamente ha cambiado bastante porque también te bombardea de cosas... ha cambiado la forma de mostrarte las cosas, entonces a veces te sugiere cosas, y yo digo... pero no quiero ver lo que tú me sugieres, quiero ver lo que yo estoy siguiendo, porque es lo que me interesa. Pero bueno, todavía es mejor.

Ahí sigo también las páginas de Cuba. Ahí me entero de todo. Si la noticia me interesa entonces voy y la leo. Ahí lo veo todo. También con la gente, con mis amigos, y en los grupos... nos mandamos links de noticias, las cosas que nos interesan. Ahí si se comparte la directamente la página de la noticia. Es gente de todas partes del mundo. Yo publico algunas cosas, sobre todo lo que está sucediendo. Cosas que me parecen que vale la pena que otra persona vea, para denunciar lo que está pasando, porque qué más podemos hacer nosotros?
Los medios de izquierda normalmente no los consumo. Yo no te diría que soy de derecha, pero digamos que estoy un poco en el centro y mirando para ese lado. Porque de verdad que la izquierda me ha traído... estoy aquí... por culpa del comunismo. Estoy feliz de mi vida y de mis logros pero la emigración te golpea... te golpea. La familia está lejos...hay una cuestión ahí sentimental de dejar lo que es tuyo, lo que conociste, la familia se separa. Entonces no, la izquierda no me gusta. Estamos hablando de un sistema de gobierno dictatorial que ha asesinado a muchas personas. Entonces no. Ese gobierno es de izquierda cuando le conviene, porque están sustentando toda esa economía de forma capitalista, por supuesto, y se lo están vendiendo al pueblo como socialismo, es una doble moral. (depoimento obtido em maio de 2022)

As diferentes posturas que encontramos nos relatos vão revelar a heterogeneidade que caracteriza esse espaço heterotópico transnacional, moldado pela participação de múltiplas gerações migratórias e países, pela evolução de formas de habitar esses espaços por meio de novas técnicas, práticas comunicacionais e rituais que alimentam narrativas outras sobre uma realidade que não pertence apenas a um território nação. Seja na indiferença de Olivia, no temor de Félix pela vigilância do Estado cubano ou no ativismo desenvolvido por Eva depois da migração, o certo é que a experiência migratória transforma significativamente a relação que mantemos com os espaços que compõem a nossa história de vida. Isso pode se traduzir às vezes na capacidade de impregnar outros espaços que viremos a habitar no futuro, outros sujeitos com os quais interagimos nesses novos ambientes e também a nossa própria forma de nos relacionarmos com a família, os amigos, a comunidade no país de estabelecimento.

(Eva) Una vez publiqué una cosa en Instagram, en mis historias, con un meme de los Simpson... un personaje que cuando se portaba mal lo mandaban a repetir cosas en la pizarra. Entonces era ese personaje escribiendo en la pizarra varias veces: “El Che no fue un héroe, el Che era un asesino”. Y me escribió una mujer que yo conocí en la universidad aquí, que es turca... que le gusta mucho Cuba, habla español...y me dijo por privado...” cómo es que estas diciendo esto, si yo estuve en Cuba y al Che lo adoran en Cuba, era maravilloso”. Y yo le dije... “busca bien la historia, porque el Che era un asesino” ... y le compartí informaciones. Mucha gente no sabe, es muy romántica. Dictadura es dictadura, sea de izquierda o de derecha, nadie tiene derecho a matar a nadie por su manera de pensar. Entonces la gente te dice... “pero por qué ahora que te fuiste para Canadá es que empiezas a hablar de eso?” Bueno...porque lo conocí ahora, y quiero que todo el mundo lo tenga. Yo supe ahora lo que era la libertad, y hablar, y que te escuchen tu opinión. Y yo quiero que tu tengas lo mismo en Cuba, que tu puedas votar, que tu puedas decidir. Porque es lo mínimo que te toca como ser humano. (depoimento obtido em maio de 2022)

Um post compartilhado por Eva no Instagram mostra a imagem de uma campanha promovida por cubanos emigrados cubanos no Canadá contra o turismo canadense, que é uma das principais fontes de ingressos na economia cubana. Com a hashtag #NOVIAJESACUBA, os emigrados tentam sensibilizar à sociedade canadense sobre as dificuldades que vive o povo cubano na ilha e questionar eticamente o fato de que as viagens turísticas são fonte de financiamento do governo que é responsável por essa situação. Ao mobilizar as metáforas opostas do “paraíso” e da “prisão” para falar de Cuba, a mensagem visa visibilizar os múltiplos sentidos que podem definir esse lugar ao mesmo tempo, a partir das experiências completamente contrárias do turista e do nativo.

Figura 40. Post compartilhado por Eva no Instagram contra o turismo canadense em Cuba



Fonte: Captura de tela do perfil de Instagram de uma cubana em Montreal, em 2021

A dimensão heterotópica desses espaços digitais e transnacionais não é mais do que a capacidade do sujeito ressignificar as formas de se relacionar com lugares conhecidos e por conhecer, de conviver no emaranhado de temporalidades que lhe atravessam. É, antes que tudo, uma ordem outra das coisas que a nova linguagem desorganiza e rearranja. Essas heterotopias fazem parte de um dispositivo transnacional e participam igualmente da condição do social e do físico, é o misto, o híbrido, o cambiante. Essas narrativas heterotópicas, construídas cotidianamente nos interstícios de uma rede social, de um grupo de WhatsApp, de um perfil do Facebook, de um bate-papo virtual, uma vídeo-ligação ou uma mídia web diaspórica, vão ganhando materialidade nos eventos e acontecimentos que articulam essa realidade outra.

Os lugares se criam, se recriam e se renovam a cada movimento da sociedade em que eles ganham um novo conteúdo, um novo sentido; sendo os eventos esses vetores que constituem os eixos dessa metamorfose, unindo objetos e ações, fixos e fluxos, como afirma Santos (2006). Não se trata de “um tempo sem nome”, aponta o autor, mas de “um tempo empiricizado, concreto, dado exatamente através desse portador de um acontecer histórico, que é o evento” (SANTOS, 2006, p.15). As ações, os eventos, os acontecimentos vêm mostrar assim de forma mais evidente as relações entre tempo e espaço.

É preciso dizer, contudo, que não estamos nos referindo nesta pesquisa à categoria acontecimento como conceito estudado a partir de diferentes teorias, como ocorre também no campo da Comunicação. Nos interessa apenas chamar a atenção sobre como certos momentos ou eventos específicos acontecidos Cuba, podem ser percebidos e vivenciados pelos emigrados. Como mencionamos no segundo capítulo da tese, os vínculos dos migrantes com a sociedade de origem tendem a se ativar ou ganhar novos contornos a partir de eventos de relevância na pátria (VERTOVEC, 2005; STOICIU, 2013; MATTELART, 2009). Nesse sentido, é pertinente observar como alguns eventos recentes revelam transformações profundas na forma por meio da qual os emigrados cubanos se relacionam com sua terra natal, o país, o bairro, a casa da família.

Os cubanos que entrevistamos em Montreal fazem referência a eventos de relevância para eles, como os furacões que passam frequentemente pela ilha, a pandemia da Covid-19, a morte do Fidel Castro e os protestos recentes na Ilha. Eric lembra, por exemplo, como viveu o acontecimento da morte de Fidel enquanto estava de visita na ilha, observando como um “outsider” desde dentro¹³¹.

(Félix) Ha cambiado muy poco en Cuba. A mí las cosas de Cuba me llegan porque la gente me lo comenta, y ahí es cuando yo voy a ver la noticia. (...) Con esto de la pandemia ha sido toda una incertidumbre, porque Cuba siempre ha presumido que es una potencia medica mundial,

¹³¹ Expressão utilizada por Patrícia Hill Collins (2016, p.127) para apresentar uma abordagem na qual “os intelectuais aprendam a confiar em suas próprias biografias pessoais e culturais como fontes significativas de conhecimento. Ao contrário de abordagens que exigem submergir essas dimensões do *self* durante o processo de se tornar um cientista social objetivo, supostamente não enviesado, as *outsiders within* reintroduzem essas formas de conhecimento no procedimento de pesquisa. Na melhor das hipóteses, esse *status* parece oferecer às suas ocupantes um equilíbrio poderoso entre os pontos fortes de seu treinamento sociológico e as contribuições de suas experiências pessoais e culturais. Nenhum se subordina ao outro. Na verdade, a realidade vivenciada é usada como fonte válida de conhecimento para criticar fatos e teorias sociológicas, ao passo que o pensamento sociológico oferece novas formas de ver esta realidade vivenciada”. Ver: COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com as *outsiders within*. Revista Sociedade e Estado – Volume 31, Número 1, Janeiro/Abril 2016, p.99-127.

pero las condiciones de higiene en Cuba están por el piso, los hospitales están desbaratados y Cuba no está preparada para un incremento de los casos de Covid. Uno tiene allá familiares y amigos que no quiere que se vayan a contagiar... porque no sabes lo que pueda pasar. Ahí yo empecé a llamar más, todos los días por el día y la noche. Yo les decía que se cuidaran y le preguntaba por todo el mundo que conocía allá... una señora amiga falleció por el Covid y le dijeron que era por un paro respiratorio. Mi hermana sí supo la verdad, por su trabajo... a nivel de familia se sabía que era por el Covid... pero reportaron otra cosa. Yo se lo decía a la gente allá, y ellos me decían que no iban a usar el nasobuco porque el nivel de contagio era más bajo que en otros lugares... yo siempre les decía que usaran el nasobuco... porque uno está viendo la información aquí sin esa censura, y los casos siguen subiendo. (depoimento obtido em agosto de 2020)

(Eric) Cuando Fidel falleció yo estaba casualmente en Cuba. Te puedo decir con toda sinceridad que la gente en Cuba lo sufrió. Pero yo pienso que hay una razón más allá de lo evidente... porque yo creo que el pueblo cubano, en su gran mayoría, sufre algo así como el síndrome de Estocolmo... están secuestrados pero aman a su secuestrador... entonces es una dinámica curiosa, que tiene mucho que ver con la ética, los valores, porque la muerte de un ser humano, en condiciones normales, es algo lamentable. Fidel es una figura tan controversial, que a mí no me inspira nada... yo no lo celebré ni lo sufrí, para mí fue que falleció un anciano de 90 años. Pero si hubo gente, vecinos, compañeros de trabajo de mi mamá... gente que sí se sintió impactada... porque desde el inicio Fidel vendió su inmortalidad como una fortaleza de su figura, de su Revolución... nadie nunca contempló la posibilidad real, el hecho de que el cómo humano, tiene un fin. Siempre fueron muy celosos de reportar o dejar saber cualquier asunto de salud que él tuviera... era inhumano, nunca se enfermaba... entonces un día le dejó el poder al hermano, y después se murió, y la gente se quedó así asombrada. El culto a la personalidad... la gente deposita muchos de sus sentimientos en la figura, la persona, entonces al morirse Fidel, se desorienta mucha gente. (depoimento obtido em agosto de 2020)

No panorama político da Cuba recente, os protestos do 11 de julho de 2021 são sem dúvida o acontecimento divisor de águas ao qual todos os entrevistados se referem. Não se trata apenas de um evento isolado, mas de uma série de ações, políticas históricas, movimentos e gramáticas sociais que o condicionaram, e também que foram desencadeadas por esse fato. Seria acertado falar de uma Cuba pós #11J, assim como falava-se antes de uma Cuba pós 1959. Um fator importante que condicionou esses protestos foi justamente a possibilidade de os cubanos terem acesso a novas vias de comunicação em linha, fontes de informação alternativas e espaços virtuais de reunião, em grande medida possibilitado pelo financiamento dos emigrados às comunicações dos familiares na ilha. Diante da impossibilidade de uma sociedade civil não alinhada com o padrão ideológico governista, a fragmentação de uma esfera pública atravessada pelo controle do Partido (PCC), e as proibições legais de associação e reunião no espaço público nesse sentido, o espaço digital-

transnacional se torna um lugar heterotópico de reencontro, de ressignificação dessa realidade compartilhadas por cubanos tanto dentro da ilha quanto fora dela (HERNANDEZ, 2019).

Assim, os protestos na ilha mobilizaram também não só a comunidade internacional em torno da situação em Cuba, mas os milhões de cubanos emigrados que não conseguiram ficar indiferentes diante um cenário inédito em sua história de vida. Isso tem a ver, ademais, com uma “crescente habilidade da sociedade civil para transnacionalizar suas práticas e discursos de resistência, com ajuda das tecnologias de informação e comunicação” (CAMMAERSTS, 2007, p.220). As diferentes formas de engajamento ativo nos espaços de comunicação *online*, as lógicas de compartilhamento e os novos regimes de visibilidade que articulam os espaços privados e públicos, físicos e virtuais, são cada vez mais um centro de atenção pelos estudos na interface de comunicação digital e das novas formas de participação política. Nas entrevistas, os cubanos contam como esses acontecimentos fizeram com que eles retornassem a um uso mais ativo de várias plataformas, a buscar mais informação, compartilhar, conversar sobre o tema. De uma forma ou de outra, esse evento impactou a forma deles se relacionarem com seu país de origem e com outros espaços nos quais eles interagem com cubanos emigrados em Montreal e em várias partes do mundo.

(Abel) Bueno, hay épocas, eh... la época de San isidro, de las huelgas de hambre, el 11 de julio... pues sí, ahí estoy todo el tiempo en los medios. Si no, entro una vez al día, generalmente antes de acostarme veo lo que pasó en el día.

En esos días intensos del 11 de julio yo regresé a Facebook. Me metía en grupos nuevos para saber lo que estaba pasando, porque te das cuenta de que necesitas la mayor cantidad de información posible. En Telegram me uní a varios grupos, por lo del 11 de julio se crearon un montón de grupos en Telegram. Hubo un grupo muy interesante que era para denunciar lo que estaba sucediendo. Entonces ahí ponían videos de los policías dándole palo a los civiles, cuando iban a buscar a alguien a su casa y se lo llevaban preso esas cosas, el “Grupo de denuncia represión 11 de julio”. Ahí siguen estando esos videos, es el mismo material que usan los grupos de activistas de derechos humanos para denunciar al gobierno.

En Cuba se usa mucho Facebook, entonces cuando hay una situación así, te das cuenta de que ahí es donde vas a encontrar la información de primera mano. Ya recientemente no publico nada, a veces lo que hago es compartir lo que otra gente está denunciando.

Cada vez que hay una situación así complicada en Cuba, yo siento que... y lo hago un poco a propósito... que me distancio un poco de mis padres, para no entrar en conflicto con ellos. Y hablamos del asunto, porque nos seguimos llamando... pero hablamos sobre eso un poco por encima, intentando no ser tan frontales, para yo no herirlos a ellos, y a la vez manejarlos para que ellos no sean tan frontales conmigo. Porque ellos saben que yo tengo mi opinión que es muy intensa y entonces mejor no entrar ahí. Comentamos lo que está pasando pero cada uno desde su posición y desde el respeto. (depoimento obtido em maio de 2022)

Nesse contexto, podemos observar que a heterotopia não se identifica unicamente com espaços de resistência, mas de confrontação, de heterogeneidade e de reordenamento das coisas e da linguagem no espaço. Tal reordenamento conta também com o trabalho ativo da rememoração e da constante associação entre fatos passados e presentes que articulam a realidade social e política em Cuba. O trabalho do tempo é justamente esse de não se deixar encadear de forma linear, sempre rumo a um progresso prometido, mas de enfatizar a necessidade de trazer fragmentos do passado para lançar luz sobre possibilidades concretas de ação no presente.

Enquanto certos tipos de memória se retraem (...), outras formas ganham claramente importância, como a das mídias ou a da política, pois o passado- do qual nos afastamos temporalmente cada vez mais- não fica completamente sob a custódia de historiadores profissionais. Na forma de reivindicações e obrigações revitalizantes, ele também exerce pressão sobre o presente. Hoje se contrapõem à síntese abstrata de uma história em particular as muitas memórias diferentes e parcialmente conflitantes que tornam efetivo seu direito de reconhecimento na sociedade. (ASSMAN, 2011, p.20)

Assim como Abel, muitos cubanos emigrados viveram esses acontecimentos também como parte dos conflitos com familiares, amigos, e com sua própria história de transformação como imigrantes. Nessa multiplicidade de espaços e temporalidades que colapsam e se superpõem, emergem narrativas outras que vão dar um novo sentido à experiência migratória vivida não apenas pelos que partiram, mas pelo povo cubano todo durante muitas décadas.

(Olivia) Yo creo que el conflicto con la gente en Cuba sobre la manera de pensar ha ido disminuyendo con el tiempo. La gente en Cuba está viviendo una situación tan difícil que ellos mismos están cambiando su forma de pensar, están dándose cuenta de lo que es la realidad de Cuba. Entonces ya no son tan diferentes, cuando tú le dices una cosa, ya no tienen argumentos para discutir contigo. Ya ellos mismos están viendo que todo está tan mal, que no tienen argumentos. Entonces el nivel de conflicto que pudiera haber en algún momento ya no existe así, porque la situación ha ido de mal en peor.

Lo único que yo sí noto es que algunos amigos de la universidad que quedan en Cuba en este grupo de WhatsApp que tenemos todos... alguno que otro se sale y dicen que es por las fotos y los videos que pesan mucho y no pueden descargarlos. Peor en realidad es porque en esos chats, los que estamos afuera decimos cosas mucho más directas, y a ellos no les conviene. Por ejemplo, hay una muchacha que es amiga mía del preuniversitario, que está casada con un militar. Ella como que... no está de acuerdo... cuando estaba pasando todo lo del 11 de julio... no nos puede decir que no, porque ella sabe todo lo que estaba pasando de verdad... pero simplemente se va, y no opina. Pero no dice que es por eso. Porque la gente la sabe. Eso es lo que ha cambiado, ya la gente sabe lo que está pasando. Pero la gente sigue en lo mismo que esta todo el mundo en Cuba, defendiendo una posición, un status, un nivel económico, una manera de resolver.

Cuando pasó lo del 11 de julio, que mi esposo me empezó a decir las cosas, yo también miraba los videos, y me interesaba... porque fue como un momento en que uno tuvo un poco de

esperanza... que la gente estaba luchando por lo que quería. En ese momento buscaba más información, miraba más las cosas en Facebook. Pero ya cuando la gente empieza a discutir... no sé... por el picadillo de la bodega... ya eso a mí no me importa. A ese nivel no van mis intereses porque yo no estoy allí.

En ese momento todo el mundo empezó a compartir todo por todas partes. Por Facebook, por WhatsApp... y en otro momento no lo miraría pero en ese momento quizás lo miré. Eran videos. Yo participaba en los grupos más reducidos, cuando es con los amigos más cercanos sí. Cuando es con mucha gente, como el grupo de Piquete Montreal, yo pongo alguna cosa general que le interese a todo el mundo... pero de opinión política o algo así, ese tipo de cosas, yo las comparto en círculos más cerrados. (depoimento obtido em maio de 2022)

Até aqueles imigrantes que têm se “afastado” mais da realidade cubana, como Olivia, vão ser convocados a um engajamento maior em meio a esses acontecimentos marcantes. Os grupos de WhatsApp que serviam para trocas rotineiras com os colegas da universidade de Cuba, com amigos cubanos de todas as partes, se tornam fontes de informação e espaços de debate de primeira ordem. Além do caráter fluido, personalizado e identitário das novas formas de participação e visibilidade em rede, nos interessa destacar a presença de narrativas transmidiáticas e o caráter transnacional que pode caracterizar uma parte desses processos sociocomunicativos. Tanto Abel como Olivia, e outros entrevistados, referem-se à forma como eles articularam sua participação nesse contexto de protestos em Cuba através de diversos espaços de interação (privados e públicos), plataformas (WhatsApp, Telegram, Facebook), linguagens (imagem, vídeo, texto, meme) e ações (*likes*, comentários, compartilhar).

A narrativa transmídia (*transmedia storytelling*)¹³², de acordo com Alzamora e Bicalho (2018, p.3), é “uma modalidade (...) cuja articulação coletiva de conteúdos tem por finalidade potencializar processos de geração de consciência, engajamento, ação e estruturação de mudanças”. A narrativa transmidiática é desdobrada através de múltiplas plataformas midiáticas, sendo que cada plataforma oferece algo novo a respeito da narrativa (sites, games, filmes, livros, séries, etc.). Assim, a história começa a ser contada a partir de uma mídia central e é desdobrada em vários suportes de mídia, nos quais serão apresentadas novas histórias atreladas à sua “matriz”. Cada desdobramento é autônomo, independente, mas ao mesmo tempo, parte integrante de um mesmo enredo narrativo, possibilitando, assim a construção de um universo semântico. No contexto que analisamos nesta pesquisa, vemos como essas narrativas transmidiáticas estruturam e regulam a

¹³² O termo original adquire relevância a partir da obra *Cultura da Convergência* (2006), de Henry Jenkins.

formação de um imaginário, de um quadro semântico e cultural que auxilia na produção de universos compartilhados de sentido e de pertencimento que são indispensáveis à agência coletiva.

Eva comenta, por exemplo, sobre o processo de transformação em sua forma de pensar e de agir sobre a realidade política de Cuba depois da migração, de seu ativismo junto a outros cubanos no Canadá que participam de passeatas e de atos de denúncia contra o governo cubano, assim como do temor inerente às consequências desse ativismo, que chega a afetar também suas relações com familiares em Cuba. Ela lembra que os grupos de WhatsApp dos quais participa com outros cubanos em Montreal funcionam também como fontes informativas, espaços de debate ou vias de coordenação de sua participação em protestos públicos de denúncia sobre a situação em Cuba.

(Eva) La primera vez fui con una amiga a una manifestación pequeña frente al parlamento en Ottawa, que organizó el grupo de “Cubanos canadienses por una Cuba democrática”, que estaba empezando en esa época... como a finales del 2019 o principios del 2020, era invierno.

Aquí en Montreal hemos ido a varias manifestaciones que han hecho, ya sea en caravanas de carros frente a la embajada (de Cuba) ... o caminando. El otro día hicimos una caminando por la ciudad. Hemos ido con varios amigos algunas veces. Ha sido muy emocionante, se respira de verdad muchos buenos deseos de que eso se acabe de caer y de que la gente encuentre finalmente... una solución.

Yo pienso que todo lo que aporta una visualización de ese problema, aporta algo a la causa... a lo mejor no a la velocidad que necesitamos, a lo mejor no nos da las respuestas que queremos, pero yo pienso que sí aporta. Todo lo que se haga, aporta.

Al principio uno siempre tiene miedo a la repercusión que pueda tener eso, pero ya después tú dices... bueno, el nivel de genio es tanto que estas ya también cansado. Mi familia me dice que no me meta en lo que no me importa... RISAS. Pero es que nos importa a todos... por eso estamos así... porque todo el mundo piensa que eso no le importa a nadie, y a ellos menos porque no lo van a resolver. Y yo estoy como que... por pensar así es que hemos llegado a donde estamos. Le importa a todo el mundo... a mí que me fui, a ti que estás allá.... Pienso que todos podemos hacer y todos podemos ayudar. A lo mejor no hoy, pero mañana se va a caer, estoy segura. (depoimento obtido em maio de 2022)

A figura abaixo mostra dois cartazes utilizadas pelo grupo *Cubanos-canadienses por una Cuba democrática* para convocar passeatas e protestos públicos contra o governo cubano em dois momentos diferentes. O primeiro faz referência a um protesto de 2020 em frente do consulado cubano em Montreal no dia da luta internacional pelos direitos humanos, o dia 10 de dezembro. Nesse ano, ademais, essa mobilização está ligada aos sucessos do Movimento San Isidro, em finais de novembro de 2020 (greve de fome, reação violenta do governo contra ativistas, protestos de intelectuais no espaço público em Havana). A segunda imagem é a capa da página no Facebook de um evento convocado por esse grupo em agosto de 2021 em Ottawa, capital canadense, para protestar contra a repressão do governo cubano e o sistema político da ilha em geral, logo depois

dos sucessos do 11 de julho de 2021 e da posterior onda repressiva do governo cubano. A palavra “*maleconazo*” recupera a memória de protestos populares acontecidos em agosto de 1994, em meio à dura crise econômica da década de 1990 e um dos maiores êxodos migratórios do país, os *balseros* em 1994¹³³. O “*malecón*”¹³⁴ é um é uma ampla esplanada, rodovia e quebra-mar que se estende por 8 km ao longo da costa de Havana, símbolo da cidade e fronteira por onde saíam as embarcações dos *balseros* e onde aconteceram os protestos de 1994.

Figura 41. Cartaz e capa de evento do Facebook relacionadas com protestos de cubanos no Canada contra o governo cubano



Fonte: captura de tela do facebook do grupo organizador dos eventos

Sabemos que esses recursos tecnológicos que ampliam as possibilidades de ativismo tornam-se, ao mesmo tempo, instrumentos potenciais de vigilância e controle. “As dinâmicas de vigilância na Internet estão hoje intimamente atreladas às formas de participação dos usuários e

¹³³ Mais informação em: <https://www.bbc.com/mundo/noticias-america-latina-57805495>

¹³⁴ Ver em: https://en.wikipedia.org/wiki/Malec%C3%B3n,_Havana

aos embates que lhes correspondem” (BRUNO, 2013, p. 125). O macrodispositivo de governamentalidade atua fortemente sobre as vidas e sobre todo material produzido e compartilhado por seus usuários. Porém, a ação em rede mobiliza também uma força política dinâmica e por vezes inapreensíveis pelos instrumentos hegemônicos de vigilância.

(...) a multidão conectada executa um panóptico às avessas, em que as celas não param de monitorar a torre, disputando com a mídia corporativa a primazia da comunicação. Esse monitoramento vigilante contínuo das celas, numa cobertura multimídias, serve como um depurador da construção social dos acontecimentos na grande imprensa, em proveito próprio, por fazer esta martelar as ideias comuns que a multidão defende (ANTOON, MALINI, 2010, p. 292).

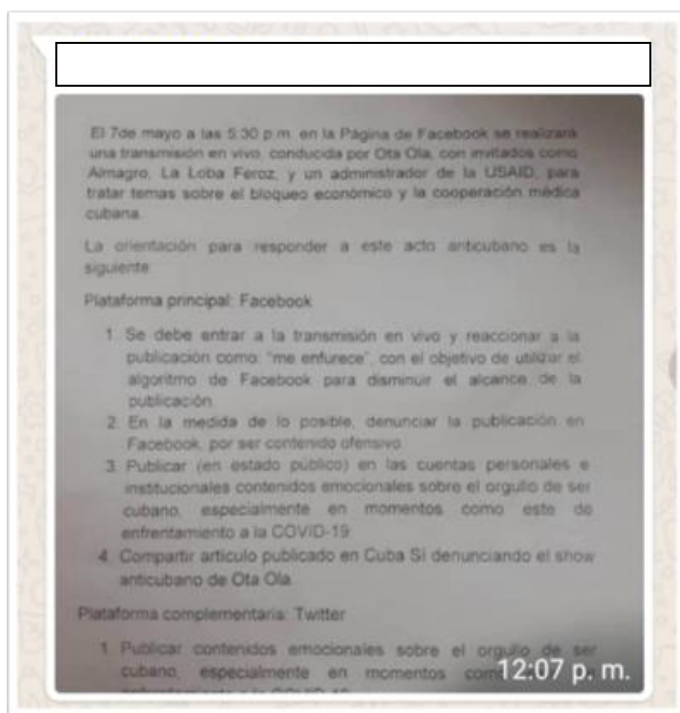
Por outra parte, vemos que o transnacional e o transmidiático são dimensões que podem ser articuladas e consideradas para a elaboração de traços relevantes da experiência heterotópica dos migrantes no espaço digital, sempre em função de contextos históricos e políticos específicos. Alguns autores vão mobilizar perspectivas de análise variadas para abordar fenômenos similares, a partir de noções como *dispositif transmédiatique* (DI FILIPPO; LANDAIS, 2017) ou *ativismo transmídia* (ALZAMORA; BICALHO, 2018). Assim, as narrativas transmídia configuram formas de interrelação entre atores e ambientes digitais, e revelam uma permanente articulação entre essas ações *online* e o contexto da conjuntura política abordada, os imaginários coletivos e o eixo das temporalidades que configuram essa narrativa. Isso evidencia como toda a narrativa digital (*digital storytelling*) é construída no interior de um ecossistema sociocomunicativo complexo em que múltiplos espaços (físicos, virtuais) e perspectivas temporais se articulam.

(Eva) *Están viviendo en las cavernas, Es increíble a veces el nivel de desconexión que tiene Cuba del mundo. Ahora están llevando una maqueta de la tumba de Fidel a las escuelas y lo niños le ponen flores... yo veo eso y digo... pero que cosa es eso, que están educando ahí?... rindiéndole pleitesía a un tirano. Están pasando cosas muy densas. Va a hacer falta muchísimos años para reparar eso. Lo que pasa es que la gente habla desde su experiencia personal, desde su vivencia y su forma de ver las cosas. Hay mucha gente que defiende lo que pasó en Cuba o lo trata de justificar, teniendo en cuenta que está viviendo ahí, viviendo de otra manera. Entonces los que nos vamos, también vivimos ahí, nos dimos cuenta, nos afectó y ahora desde fuera estamos mirando lo demás, lo que tú no ves porque no te lo enseñan. Y se nos abre la mente y nos damos cuenta de cómo funcionan una pila de cosas que ellos no son capaces de ver. Entonces eso genera diferencia de opiniones.*

El 11 de julio fue algo que marcó un antes y un después... nunca había sucedido. Mira todo lo que está pasando ahora a raíz de eso, un año después. Consumo más información, estoy más al tanto de lo que está pasando.... de qué se puede hacer, a quién se puede apoyar, dónde hay que firmar, en las diferentes campañas que se forman en internet, las comparto también. (depoimento obtido em maio de 2022)

A capacidade de mobilização massiva em rede, para além de fronteiras geográficas tensiona formas tradicionais de controle vertical pelo governo cubano. No intuito de contornar esses controles, os cubanos na ilha enviam de forma privada informações, testemunhos e evidências sobre a situação na ilha a emigrados, youtubers, mídias diaspóricas digitais e *influencers* que compartilham posteriormente nas redes. No grupo de WhatsApp de amigos de Daniel também vários participantes têm compartilhado essas informações que recebem da parte de amigos e familiares na ilha. Nas seguintes figuras aparecem dois exemplos a esse respeito. O primeiro é a fotografia de um documento que foi compartilhado no grupo, no qual aparecem orientações sobre as ações a serem realizadas por trabalhadores de um centro laboral em Cuba para “enfrentar” os conteúdos gerados por atores da oposição em Miami. A circular indica as pautas de mobilização nas redes diante uma transmissão ao vivo no dia 7 de agosto de 2020, a qual um popular *influencer* cubanoamericano, Alex Ota-Ola iria conversar com funcionários políticos de Miami opositores ao governo cubano, para tratar temas sobre o embargo econômico e a cooperação médica cubana. O segundo exemplo foi compartilhado por um emigrado em sua página de Facebook e se trata de um post de um jornalista e influencer em Miami que reproduz em sua página um e-mail enviado à comunidade de uma universidade cubana, igualmente indicando como se mobilizar nas redes para gerar uma narrativa oposta àquela de grupos opositores e ativistas contra o governo cubano.

Figura 42. Membro do grupo de WhatsApp compartilha documento recebido em privado desde Cuba com orientações do governo para mobilização online



(...)

A orientação para responder a esse ato anticubano é a seguinte:

- 1- Se deve entrar na transmissão ao vivo e reagir com "me enfurece", com o objetivo de utilizar o algoritmo do Facebook (FB) para diminuir o alcance..
- 2- Na medida do possível, denunciara publicação no FB por ser conteúdo ofensivo.
- 3- Publicar (em estado público) nas contas pessoais e institucionais conteúdos emotivos sobre o orgulho de ser cubano, especialmente em momentos como este de enfrentamento à COVID-19.
- 4- Compartilhar artigo publicado no site Cuba Si (governista) denunciando esse show anticubano

Plataforma complementaria: Twitter

- 1- (Repete o no. 3)
- 2- Mostrar o trabalho que está realizando o pessoal de saúde cubano em nosso país e no mundo para enfrentar a COVID-19.

Hashtags: #OrgulhoDeSerCubano #CubaPorLaSalud #CubaSalva

Fonte: captura de tela do grupo de WhatsApp, em agosto de 2020

Figura 43. Jornalista e influencer cubano em Miami compartilha uma informação recebida em privado desde Cuba com orientação do governo sobre mobilização online



Post do jornalista e influencer cubano em Miami:

Que nivel de ridiculo... duvido que para todos haja telefono institucional. Assim que alguém será pressionado par fazer isto com seu próprio telefone. Assim as coisas pela Universidade de Oriente (no extremo leste do país).

Texto do e-mail enviado desde Cuba a ele:

Combatentes!!!

Estamos chamando e convocando a todos os revolucionários ao combate, o hashtag inimigo tenta se posicionar, temos que inundar as redes com os hashtags #CubaPorLaPaz, #ResistirYVencer

Tem que fazer diretas, mostrar a tranquilidade, o cotidiano de cada município...

Devemos nos articular. A cada 2 horas monitoraremos o resultado.

Avante!!!

A Pátria ante tudo!!

Vamos sair a defendê-la!!!!

URGENTE. Gerar intensivamente conteúdos em torno dos hashtags #Cuba e #CubaPorLaPaz em defesa da Revolução. **TODOS, professores e alunos**

Fonte: captura de tela de um perfil de influencer cubano em Miami, em junho de 2022

Nessas heterotopias convergem ao mesmo tempo o espaço virtual das redes, o território físico da ilha de Cuba, do Canadá e dos Estados Unidos; misturam-se os tempos modernos das novas tecnologias com práticas comunicacionais e políticas reproduzidas pelo governo cubano há cinquenta anos. As ordens de mando herdadas dos discursos grandiloquentes da Revolução tornam-se hashtags, e as redes são agora essas ruas onde se realizavam nos anos 1980 os “atos de repúdio” contra os “gusanos” (vermes) emigrados. O dispositivo heterotópico transnacional revela essas outras formas de organização dos discursos e as práticas comunicacionais, ao mesmo tempo que possibilita as brechas pelas quais os sujeitos vão reorganizar os fluxos de conteúdos entre espaço privado e público, vão ativar essas formas de conhecimento da fuga, adquiridas na prática constante do drible como forma de vida.

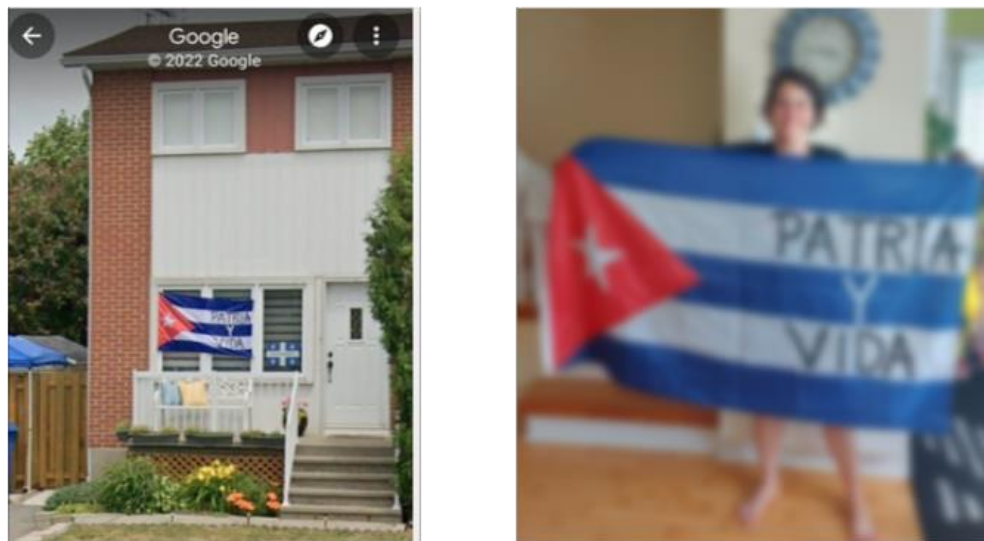
A sociedade em rede, segundo Manuel Castells (2010), é o movimento que compartilha conhecimentos e se caracteriza pela expansão do acesso às informações, em todas as suas possibilidades. Neste contexto discutido por Castells (2003), a galáxia da internet oportuniza a experimentação de outras formas da comunicação. Plural, provisória, fragmentada, alinhavada por links, hipertextos, imagens e vídeos que garantem uma imersão e uma interação dos interlocutores que outras mídias não podem oportunizar, a elasticidade da rede oferece elementos diferentes para entender a concepção de espaço, de comunicação e de cultura. Outra possibilidade que não é nem utópica, nem distópica, porque essa rede é “a expressão de nós mesmos através de um código de comunicação específico, que devemos compreender se quisermos mudar nossa realidade” (CASTELLS, 2003, p. 11).

Ainda que essas reflexões marcarem um ponto importante de inflexão na nossa compreensão dos fenômenos de sociabilidade e comunicação no contexto das redes sociais, é preciso lembrar que se trata de um campo em constante e rápida evolução. Sobre essa base dos modos de operar em rede, a nossa experiência espaço-temporal e as nossas interações são cada vez mais mediatizadas e menos apreensíveis pelas ferramentas teóricas existentes.

(Eva) Una cosa muy curiosa que nos paso fue que ... poco antes del 11 de julio, fue el día de Québec (24 de junio). Y Quebec me mandó una bandera, porque aquí ellos son muy patrióticos con eso. Y yo dije...bueno, pongo la bandera de Quebec en mi ventana, para celebrar el día, porque también soy Quebeca. Pero también voy a poner mi bandera de Patria y Vida, que yo

había comprado en Amazon para ir a las manifestaciones. De hecho, si buscas mi casa en Google, la foto que sale de la casa tiene esas banderas afuera. Entonces el 11 de julio nos tocan a la puerta de la casa y cuando abro, era un cubano que se había mudado aquí para esta calle, que había visto la bandera y dijo... “ah esta gente es de patria y vida”. Y vino a decirnos... “mira, tengo que compartir esta cerveza contigo porque estoy celebrando lo que está pasando en Cuba”. Era algo sin precedente. Es muy importante visualizar todo. Patria y Vida fijó un precedente para la movilización de la oposición. (depoimento obtido em maio de 2022)

Figura 44. Imagem do Google da casa de Eva com a bandeira cubana de Pátria y Vida, e de ela mostrando a bandeira dentro da casa



Fonte: Fotos tomadas pela autora em maio de 2022

A imagem da casa de Eva no Google Map vai indicar justamente uma dimensão heterotópica desse lugar, no qual coexistem de forma heterotópica objetos, mídias, práticas comunicacionais e formas de vigilância e de participação que coexistem e se superpõem através de espaços online e offline, da Pátria distante e o novo país. O lar do imigrante é heterotopisado, midiaticado, ressignificado, como lugar de todos os lugares e de todas as histórias que o atravessam.

Objetos e espaços quotidianos tornam-se máquinas comunicacionais, trocando informação e identificando objetos/pessoas e movimentos. Emergem daí questões não apenas comunicacionais ou urbanísticas, mas políticas, ligadas a novas formas de monitoramento, vigilância e controle do espaço urbano e da mobilidade social já que tudo/todos terá(ão) uma “tag”, um indexador eletrônico transformando os espaços das cidades em nuvens de dados. (LEMOS, 2008, p. 10)

A relação entre conteúdos informacionais e lugares específicos vai dar origem as “mídias locativas” (LEMOS, 2008), que exprimem justamente formas específicas de midiaticação dos espaços e das práticas dos sujeitos neles. As transmissões ao vivo pelo Facebook foram um dos

recursos mais utilizados pelos cubanos durante os protestos do #11J¹³⁵, justamente para mostrar os lugares de Cuba que se somavam progressivamente aos protestos e às ações repressivas das autoridades que colocavam os sujeitos em perigo. O levante do #11J começou justamente a partir das transmissões ao vivo pelo Facebook de participantes do primeiro protesto na cidade San Antonio de los Baños¹³⁶, perto da Havana, seguido de outras manifestações populares ao longo do país e da difusão massiva nas redes por cubanos em todas as partes do mundo. Ale me conta sobre sua experiência desses acontecimentos junto a outros cubanos que iam chegando esse dia no restaurante, com ênfase no vínculo particular com sua localidade de origem, um pequeno município no interior do país.

(Ale) Conectado con Cuba yo siempre he estado... la incertidumbre fue ahora cuando el 11 de julio. La gente venía aquí y ponía las cosas aquí (restaurante)... y lo estábamos siguiendo todo, lo vivíamos todo juntos ... eran videos y videos todo el tiempo. Yo hablé con mi hijo ese día... él me dijo que estaba tranquilo ahí... luego vi un video de un muchacho de allá que lo habían golpeado. Yo preocupado porque mi hijo se metiera en eso también... les expliqué todo lo que estaba pasando... mis hermanos no sabían nada. En los pueblos no se sabía nada de eso. En la televisión no se dijo nada, y en el pueblo se informan por la televisión Yo creo más en lo que veo en redes sociales que en las noticias. Lo que está mal hecho, está mal hecho. Si está feo, está feo. No apruebo la violencia de ninguna manera, no soporto la violencia. Y esa gente dando golpe (el gobierno cubano) ... eso fue real... pasó... y duele, cada golpe te duele. Eso ha cambiado la forma de pensar de mucha gente aquí, no solo yo. Cuando ven que eso por lo que los padres de nosotros lucharon es eso ahora... sientes más que no tienes confianza, porque viste darle golpe a gente con las manos abajo y sangrando... eso no está bien, por la razón que sea. Estábamos asustados y emocionados al mismo tiempo... no me interesa la política, pero sí quisiera que hubiera un cambio a favor de la gente que está ahí... que tiene tremenda necesidad. (depoimento obtido em maio de 2022)

O uso da mídia locativa e a ativação de um dispositivo transnacional midiático com a comunidade emigrada são mecanismos fundamentais na emergência de novos regimes de visibilidade do contexto cubano, em meio ao clima de ameaça e repressão durante as manifestações do #11J e outros episódios de protesto que seguem nos últimos anos. No relato de Ale, por exemplo, a transmissão ao vivo do cubano que protestava pacificamente em uma praça de sua cidade, mostrando a violência da repressão, teve um poder mobilizador para além das fronteiras da nação.

¹³⁵ Ver em: <https://elpais.com/internacional/2021-07-21/hashtags-y-directos-las-armas-de-los-cubanos-para-hackear-una-revolucion-obsoleta.html>

¹³⁶ Uma reportagem sobre a origem dos protestos foi publicada no meio digital independente *El Estornudo*, por uma jornalista emigrada, e obteve o prêmio de jornalismo jovem Mario Vargas Llosa em 2021. A matéria pode ser consultada em: <https://revistaelestornudo.com/san-antonio-de-los-banos-protestas-11-julio-cuba/>

A circulação de sentidos nesse dispositivo heterotópico vai potencializar outras subjetividades possíveis para os cubanos de dentro e fora da ilha.

Dessa forma, os lugares/objetos passam a dialogar com dispositivos informacionais, enviando, coletando e processando dados a partir de uma relação estreita entre informação digital, localização e artefatos digitais móveis, aponta Lemos (2008). O autor destaca que “espaço, mobilidade e tecnologia formam o tripé para a compreensão das mídias locativas”, dando lugar a novas práticas de uso do espaço urbano pelo deslocamento com artefatos digitais e processos de localização por redes sem fio (Lemos, 2008, p.13). Ainda que Lemos se refira fundamentalmente ao espaço urbano, a “ciberurbe”, é possível aproximar essa perspectiva de análise também de outros tipos de mobilidades modernas, como a migração.

Se apostamos na ideia de que as heterotopias são lugares que tornam a ordem legível e questionável, não estamos falando apenas de espaços de resistência ao poder, como algumas visões indicam, mas sim lugares onde esse poder é reorganizado. Ao justapor e combinar vários espaços em um único lugar, as heterotopias problematizam o conhecimento recebido ao revelar e desestabilizar o terreno, ou seja, o contexto sobre o qual esse conhecimento é construído. Certamente, essa desestabilização pode oferecer uma forma de resistência, mas é a inteligibilidade dessas heterotopias o que nos permite perceber como diferentes sujeitos, práticas e espaços produzem algo novo em um mesmo lugar (TOPINKA, 2010, p. 56). As gambiarras, essas formas de inventar espaços outros, uma outra ordem, são mecanismos fundamentais da existência da heterotopia.

6.4 Gambiarras e arranjos disposicionais na migração: outro espaço possível da política

Existem diversas formas de conhecimento, alguns são bem estruturados, cartesianos, construídos nos campos da tecnociência, cheios de certezas e de comprovações, se estruturam na experimentação exaustiva e, naturalmente, têm seu valor reconhecido. No entanto, sabemos que a esses se somam (hibridizam, derivam, contrapõem) outros conhecimentos originados na urgência do cotidiano e que se estruturam diante dos inúmeros desafios que enfrentamos no nosso dia a dia. Esse conhecimento, pouco sistematizado, ligeiramente desestruturado e muito intuitivo, é mais descontrolado e, ao mesmo tempo, criativo e ousado porque desafia esses saberes configurados,

abrem brechas para a invenção, a criação, as apropriações, recriações e subversões dos materiais, objetos e símbolos em nosso entorno mais imediato. (HERNANDEZ et al, 2018)

Essas soluções, invenções cheias de talento e de uma ousada e subversiva sofisticação, povoam nossos modos de realizar, produzir e fazer acontecer o cotidiano. São as gambiarras que nos permitem experimentar outras formas de relação com o espaço e o tempo que molda o cotidiano, com os objetos que temos à disposição. Há, inclusive, um gesto de subversão implícito na concepção de que “a gambiarra, no esforço de integrar fragmentos, ainda que díspares, para que formas e funções se cumpram, realiza arremedos inovadores” (SEDLMAYER, 2017, p. 65).

Olivia conta como ela ajuda uma de suas poucas amigas que fica ainda em Cuba para receber um dinheiro do trabalho no exterior e comprar comida para ela na ilha. Como não existe em Cuba acesso a mecanismos financeiros internacionais, como o PayPal, por exemplo, a amiga de Olivia realiza um trabalho para o exterior, mas não pode receber o pagamento em Cuba, então é Olivia que recebe esse dinheiro em sua conta no Canada e com ele consegue comprar comida para ela em Cuba, através das lojas online em que os emigrados compram comida e outros produtos básicos para a família na ilha. Eric por sua parte, lembra como ele teve desde jovem a possibilidade de acessar o conteúdo de canais estrangeiros que eram proibidos em Cuba, graças a uma antena clandestina em sua casa, sob o risco de serem presos e de enfrentar a cobrança de grandes multas.

(Eric) En comparación con la media, yo era una persona con acceso a información, dentro del contexto de Cuba... teníamos escondida en el techo de mi casa una antena satelital, que entró a Cuba también de forma clandestina. Entonces, además de tener la información normal de los medios de prensa, tenía la versión de otras informaciones alternativas... por ejemplo, me gustaba mucho consumir el deporte de la NBA, de las grandes ligas, tenía el contraste de CNN en español, canales de habla hispana... pero como yo estudiaba inglés, prestaba mucha atención a la información en inglés... eso era finales de los 90' y en los años 2000.

El techo de mi casa donde estaba la antena no se veía, no había problema... aunque si había que cerrar la ventana para escuchar la televisión en inglés por la noche... por temor a que los vecinos escucharan. Desde pequeño, como estaba expuesto a información del exterior, Cuba me parecía chea, yo vea eso del socialismo como algo burdo... no podía visualizar un futuro en esas condiciones.

Mi papa es muy consumidor de información, y la relación entre nosotros era muy estrecha. Mi papá tenía una visión muy crítica hacia el gobierno cubano, pero sin llegar a ser extrema, sino que él me explicaba esos argumentos... y después me doy cuenta de que mi padre tiene razón. (depoimento obtido em agosto de 2020)

Além dos ambientes digitais onde os espaços são também reconfigurados e remodelados, há uma dimensão heterotópica que não se distingue apenas pelas práticas digitais, mas pelos arranjos do dispositivo transnacional que instauram os migrantes em suas relações com esses espaços outros. Ao dialogar com o pensamento de Foucault, José Luiz Braga trata os dispositivos

interacionais como resultantes de arranjos criados, de maneira tentativa, para articular elementos diversos que, articulados, podem oferecer respostas acerca de fenômenos vivenciados empiricamente. A análise comunicacional desses arranjos nos solicita menos a descrição de “estruturas de poder segundo as quais e para as quais a comunicação se exerce” e mais o investimento em revelar as “lógicas e processos comunicacionais que se exercem em suas especificidades contextuais” (BRAGA, 2020, p. 20). O autor enfatiza ainda que “articulação não significa necessariamente harmonia, mas também tensionamentos, inclusive estruturais – que não são ocasionais nem devem ser vistos como defeito ou ruído, pois fazem parte da própria lógica de funcionamento do dispositivo” (BRAGA, 2020, p.28).

A expressão “arranjos disposicionais” (BRAGA, 2018) refere-se aos arranjos (particularmente de natureza comunicacional) que fazem parte dos processos de formação e evolução dos dispositivos, especialmente referentes a processos. Uma espécie de arranjos transitórios, provisórios e sempre em construção dos elementos heterogêneos do sistema de relações que moldam os dispositivos ao longo do tempo.

O modelo heurístico de Foucault não se concentra no dispositivo pronto, e sim no processo estratégico continuado – a ser desvelado na pesquisa. Malgrado a “imagem de marca” que torna a expressão “dispositivos” uma referência direta ao pensamento de Foucault, o desvio interpretativo prejudica seu entendimento. Minha perspectiva é ensaiar outras expressões, que afastem a interpretação reificadora. É por isso que adoto no título deste artigo a expressão “arranjos disposicionais”, dando ênfase à substância do conceito e à sua natureza. Não se trata de outro objeto, distinto do observado por Foucault, mas sim do ângulo mais pertinente para observá-lo. A expressão sublinha apenas que nosso objeto de pesquisa é a singularidade dos arranjos e as estratégias que os elaboram (BRAGA, 2018, p.90).

Nesse sentido, Braga (2018) visa desenvolver a construção conceitual do dispositivo feita por Foucault, bem como o contexto que gerou os diferentes usos desse termo, a fim de destacar alguns pontos de encontro que permitem a adaptação do conceito original para o campo da comunicação, área que não foi estudada pelo filósofo francês. Assim, Braga (2018) parte de sua própria interpretação da proposta teórico-metodológica de Foucault na entrevista concedida à revista *Ornicar*, em 1977, e expõe algumas reflexões a partir de sua perspectiva do processo de comunicação.

A partir dessas reflexões, aparecem pelos menos duas dimensões que evidenciam a “perspectiva epistemológica” adotada no modelo: a) os aspectos que definem os dispositivos

(componentes, substância, natureza) e b) o processo de constituição dos dispositivos (gênese, processo, funcionamento, estabilização). Assim, Braga (2018) ressalta que, longe de concluir a análise com uma estruturação de formações fixas, é preciso destacar o reajuste processual e constante que dinamiza os dispositivos. Entendemos, ademais, que isso requer a adoção de uma perspectiva histórica e temporal situada das lógicas que as reconfiguram constantemente.

O processo comunicacional é observado na interação desses elementos heterogêneos que formam o sistema de relações, destaca Braga, nos “jogos, arranjos provisórios e experimentos” (2018, p.23) que visam articular as diferenças. Refere-se à dimensão comunicacional que caracteriza a “lógica do dispositivo” e explica sua finalidade ao utilizar a expressão “arranjos do dispositivo” para indicar como o modelo de análise de Foucault pode ser aplicado no caso dos estudos da comunicação. Esse sentido provisório e experimental se encontra também nas heterotopias, espaços outros que são criados em um jogo constante de relações espaciais de diferença, no rearranjo da disposição das coisas e os sujeitos no espaço.

As recargas internacionais de crédito telefônico, que são enviadas desde o exterior para custear os altos preços da telefonia celular e a internet em Cuba, geraram também um mercado transnacional paralelo de remessas. Os cubanos com familiares no exterior passaram a negociar esse serviço com outros cubanos que não o têm, cobrando uma taxa suplementar acima do valor da recarga que era depositada no exterior. Além de uma fonte de rendimento, essas recargas podem funcionar também como forma de envio de remessas financeiras sem pagar impostos de agências ou bancos, já que esse dinheiro recarregado pelos emigrados pode ser “transferido” de uma conta de celular a outro entre as pessoas em Cuba, ou seja, um tipo de venda de saldo telefônico entre os próprios usuários.

Assim, essas recargas internacionais expressam os fortes vínculos transnacionais que ligam processos migratórios com o desenvolvimento interno do país (econômico, tecnológico comunicacional etc.). Isso não acontece apenas pela existência e manutenção, ao longo do tempo, dos laços afetivos entre os cubanos distantes, mas também pela implementação de um modelo de desenvolvimento das TICs que implica a reconfiguração da estratégia do governo cubano diante de uma diáspora outrora preterida, na busca de formas de arrecadação de divisas estrangeiras. A esse adensamento dos mecanismos transnacionais que influenciam na realidade atual em Cuba soma-se o efeito das remessas financeiras, viagens, e envios de mercadorias dos cubanos emigrados para os que residem na ilha (EICKSTEIN, 2009).

(Félix) Ahora tengo un amigo allá en mi barrio que tiene una situación muy dura con su mamá, una persona muy pobre que dedicó su vida a cuidar a sus padres. Su mamá esta con Alzheimer en una cama hace dos años, eso puede durar hasta diez. Ellos viven de un salario mínimo de seguridad social, y él con una bicicleta reparte por las casas las compras básicas del mes. El otro día me estaba contando esto, que el Estado no lo ayuda para resolver la situación de cuidar a su mamá y poder trabajar. Una persona para cuidar a su mamá por otra vía cuesta 20 dólares al mes, y él no puede pagar eso. Entonces yo pensé, 20 dólares tú te lo gastas aquí en cualquier cosa, lo que hago es que le mando esos 20 dólares en recarga a su teléfono y él vende ese saldo en efectivo. (depoimento obtido em agosto de 2020)

(Celia) Ahora se hacen remesas también con recargas... mi mamá se encarga de venderlas. Tú le pones varias recargas, y ellos transfieren el dinero a otras personas que le pagan a ellos en cash. En mi casa somos muchas y no puedo recargarles a todas... ellas se comparten el saldo la recarga entonces. La última vez fue como 3 recargas de una vez. (depoimento obtido em agosto de 2020)

Essas “gambiaras” dizem respeito a arranjos disposicionais que permitem uma forma específica de driblar as barreiras impostas pelos mecanismos de controle do governo, um aprendizado político coletivo de fabricação de dispositivos de contrapoder que o povo cubano tem aprimorado durante muitas décadas de crises econômicas e estritas regulações verticalizadas (HERNANDEZ et al, 2018). Celia narra como ela participava em Cuba de um negócio clandestino de “aluguel” de contas de e-mail com acesso ao exterior, e Olivia menciona também como sua mãe em Cuba usava esses serviços “clandestinos” para se comunicar com ela quando estava fora.

(Celia) Mi tía era médico, entonces yo usaba su correo electrónico... también había unas casas donde se pagaba como 3 dólares la hora para usar internet... eso era como por el 2012. Yo había contactado con un muchacho por Revolico¹³⁷ que hacía esto de instalar correos en la casa... él me instaló un correo en la casa y yo le pagaba 10 dólares al mes¹³⁸. Después yo también empecé a entrar en ese negocio de los correos electrónicos. Porque cuando mi esposo ya me dijo que íbamos a hacer el proceso para venir para acá, yo tuve que dejar mi trabajo... y yo pensé... bueno, algo tengo que hacer mientras tanto. Estuve usando eso como 6 meses para hablar con mi esposo... y un día el muchacho em dijo que si em interesaba ese negocio... él nos dio una formación y todo. Me dijo... “mira, vas a casa de las personas, a instalarle el servicio, cobras y me das 5 dólares por cada cliente” ... yo llegué a tener hasta 20 clientes. Además yo les daba mantenimiento, había algunas personas que eran mayores y no sabía, y me llamaban a cuando tenían un problema. (depoimento obtido em agosto de 2020)

¹³⁷ Plataforma digital de comércio informal em Cuba. Disponível em: <https://www.revolico.com/>

¹³⁸ Na época em que ainda não existia em Cuba o acesso a internet através de redes Wi-fi ou 3G, uma pessoa em Cuba que possuía uma conta de e-mail sob certas autorizações (instituições, estrangeiros etc.), alugava esse “aceso” para várias pessoas de forma clandestina e isso se tornava uma fonte de renda.

(Olivia) En aquel momento había algunos lugares en Cuba en que tu podías ir con la computadora y te conectaban para que hablaras como si fuera por teléfono, pero era a través de la computadora... era como un negocio que tenía alguna gente en su casa. Mi mamá iba y pagaba como 1 dólar, y podíamos hablar 1 hora. A veces hacia eso para poder hablar más rato. (depoimento obtido em maio de 2022)

A nosso ver, há uma possibilidade de aproximação entre a invenção de gambiarras e a produção de arranjos que, na perspectiva de Foucault, constituem dispositivos. Assim, consideramos que “a gambiarra, no esforço de integrar fragmentos e elementos, ainda que díspares, para que formas e funções se cumpram, realiza arremedos inovadores” (SEDLMAYER, 2017, p. 65) em situações de conflito, de urgência, de limitação de opções, nas quais a imaginação é fortemente requisitada contra um quadro consensual e hierárquico de usos e significações dos objetos. Ao mesmo tempo, o dispositivo da gambiarra e sua execução também articulam uma rede de agenciamentos e forças díspares para dar resposta a um problema: “entendo dispositivo como um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante.” (FOUCAULT, 1977, p. 2). Roberto relata, por exemplo, as múltiplas peripécias que fazia para conseguir se comunicar com sua esposa canadense enquanto morava na Ilha.

(Roberto) Mi esposa y yo empezamos a hacer todo el papeleo para que yo viniera a Canadá... de casarnos y hacer el papeleo... después de 8 meses llegó mi visa para que yo viniera... tardó casi 2 años. La comunicación durante este tiempo fue muy difícil... era incierto... tuve que ir a una escuela internacional donde trabajaba mi hermano y había estudiantes bolivianos. Tenía que escribir una carta y dársela a una chica boliviana para que me la enviara, yo llevaba el correo en mi bicicleta... recorría unos 7 u 8 kilómetros... y al día siguiente llamaba por teléfono para saber qué había dicho mi mujer... y la chica me leía el correo por teléfono... qué vergüenza.... RISAS.

En una de las visitas de mi mujer, ella me compró mi primer teléfono móvil... un Nokia muy caro. Me llamó varias veces... pero era muy caro... había mucho atraso tecnológico en Cuba.... bueno, todavía lo hay, pero entonces era peor, no teníamos las llamadas de WhatsApp que tenemos hoy. Siempre era ella la que me llamaba. A veces iba a una casa donde había conexión clandestina para poder llamarla, pero eran pocas veces... estas casas cobraban por hacer llamadas más baratas..., pero era 60 centavos dólar el minuto, muy caro. Era más bien ella la que me llamaba a mí siempre. (depoimento obtido em agosto de 2020)

As condições tecno-comunicacionais incidem na configuração e na natureza desses vínculos entre pessoas distanciadas pela migração. A heterotopia que emerge a partir dessas interações é atravessada pelos rituais, as recordações, os lugares outros, mas esses elementos estão sempre se transformando e gerando relações instáveis com essas temporalidades e espacialidades

outras. As custosas ligações telefônicas que não permitem desenvolver uma conversa profunda, os textos do e-mail que requerem tempo e capacidade de escrita, o vídeo que permite retornar ao rosto distante mais ainda não fisicamente presente, são condições que modificam a forma como nos relacionamos comunicacionalmente e construímos esse espaço outro na migração. Além das limitações materiais, esses espaços são regulados também por forças institucionais que o sujeito tenta contornar para alcançar a realização do vínculo. Eric lembra que quando ele saiu de Cuba, ainda era proibido o uso de celulares na ilha (foi autorizado em 2008), e muitas pessoas utilizavam de forma clandestina linhas telefônicas e aparelhos deixados a eles por estrangeiros que visitavam o país. Muitos anos depois, sua mãe idosa teve que aprender essa nova tecnologia, já comum na ilha, e até reclama se ele não liga todo dia. Depois de muitos anos separados, eles conseguem hoje “amansar” um pouco a distância e viver nesse espaço heterotópico de uma forma que “parece mais com o mundo real”.

(Eric) Cuando salí en el 2006 de Cuba, ya yo tenía celular, era ilegal, pero mi papá tenía y yo también, porque teníamos un contacto en la empresa donde se hacían las líneas de celular. Y yo tenía un amigo que era americano, nos conocimos en Cuba... y a través de él yo saqué una línea de telefonía celular en su nombre, que es como se hacía en aquella época. Entonces yo tenía un celular que no estaba a mi nombre de manera legal, pero era yo quien lo usaba, lo recargaba... era caro, muy caro... pero mi papa tenía como pagarlo con los negocios... era una rareza en aquella época. Cuando yo me fui de Cuba quería dejarle ese celular a mi mamá, para que estuviéramos en comunicación...

Eso estrecha la distancia. Ella misma me hizo ayer una broma... porque antes de ayer no la llamé, se me pasó, y me dice... “oye tu madre está viva... ya me acostumbraste a hablar todos los días, y cuando no me escribes te extraño”. Ella misma me dice... “no siento que te tengo tan lejos”. No solamente conversamos cosas puntuales, como hacíamos antes, sino que podemos divagar... extendernos y recrearnos en la conversación. Se parece más al mundo real... entonces ya yo le enseño todo por la cámara... ella tiene una noción más concreta y real de mi realidad... de mi mundo aquí... lo que está pasando a mi alrededor. Le enseño cuando voy al parque, cuando ando con mi perrito... ella se siente más cerca de mí y le da más tranquilidad porque lo ve ella misma... que yo estoy bien. No puedo esconderle las cosas de mi vida como son. Yo también le consulto temas de salud, le pregunto cosas... ella lo ve, me averigua allá sobre esas cosas... siempre hemos sido muy unidos y ahora todo es así mejor.
(depoimento obtido em agosto de 2020)

Santos (2006, p. 23) vai dizer que “toda técnica inclui história”, porque na verdade, “toda técnica é história embutida” que se manifesta através da evolução dos objetos no espaço. Os processos de criação e instalação desses objetos, afirma o autor, revelam o encontro, em cada lugar, das condições históricas (econômicas, socioculturais, políticas, geográficas), que permitiram a chegada desses objetos e presidiram sua operação. A técnica como “tempo congelado”, nas

palavras de Santos (2006) revela uma história, de maneira que cada objeto é utilizado segundo equações de força originadas em diferentes escalas, mas que se realizam num lugar, onde vão mudando ao longo do tempo. Assim, a maneira como a unidade entre tempo e espaço vai se configurando, ao longo do tempo, pode ser entendida através da história das técnicas: uma história geral, uma história local. A técnica nos ajuda assim a historicizar, isto é, a considerar o espaço como fenômeno histórico.

Olivia relata também as dificuldades que viveu em Cuba no processo de comunicação com os professores canadenses para ingressar no mestrado. Uma forma comum de controle do governo sobre as comunicações na ilha era limitar o uso de plataformas externas (como o Gmail, Facebook etc.) e as “autorizações” de entrada e saída de e-mails ao exterior pelas contas de correio institucionais. Nesse contexto, os sujeitos são forçados pelas circunstâncias a acionar recursos alternativos como são o VPN, a ajuda de terceiros que servem de ponte para alcançar esse acesso ou mecanismos de soluções paralelas sob a forma de negócios que lucram com essas limitações¹³⁹.

(Olivia) En aquella época la internet era muy difícil allá. Yo llegaba temprano al trabajo, antes que los demás, y aprovechaba para revisar las páginas de las universidades, buscando una vía para salir por estudios. Yo fui la primera de mucha gente que después vino detrás de mí, colegas míos. Yo tuve que revisar uno por uno cada link, buscando las facultades, los profesores, enviando correos. Yo mandaba 10 o 12 correos diarios, para cualquier parte. De todas formas ya yo estaba estudiando en la Alianza Francesa... enviaba los correos en los dos idiomas. Mi mejor amiga de la universidad había venido para acá para Vancouver, con su esposo... y ella empezó a buscarme más o menos las universidades para mi aquí, me mandaba los links también. Hasta que me respondieron de una universidad en Canadá. Pero aquello era muy difícil. Solamente me podía conectar por un VPN antes de las 8am en la Universidad, para poder entrar al Gmail y ver los correos. Porque el Gmail, el Facebook y todo eso era prohibido, todo lo que no fuera el correo de la universidad. Yo no quería usar el correo de la universidad para eso. Yo abría el correo temprano y revisaba. Mi amiga que vivía en Canadá tenía también la contraseña de mi correo de Gmail y me ayudaba a comunicarme con los profesores, ella respondía como si fuera yo. A veces me mandaba un SMS para algo urgente que ellos estaban preguntando por el correo. Todo fue así hasta que un día quisieron hacerme una entrevista por Skype, imagínate... en el 2011... y les tuve que explicar por qué en Cuba no se podía hacer una llamada Skype... y me dijeron que me harían la entrevista por teléfono. Ese fue otro problema, yo no estaba tan bien en idioma para hablar por teléfono... nunca había usado de verdad los idiomas... me llamaron al teléfono de mi casa. Menos mal que les dije para hablar en francés, porque esa profe hablaba tan mal francés como yo, entonces no me sentía tan mal... RISAS... pero también hablamos un poco en inglés... se oía super mal... había tremendo eco. Luego ya ella me escribió y me dijo que me aceptaban. (depoimento obtido em maio de 2022)

¹³⁹ Como o negócio em que Celia participava de aluguel de contas de email com autorização de saída internacional.

As gambiarras podem acentuar a dimensão política dos “territórios informacionais” (LEMOS, 2008), na medida em que essas práticas estabelecem relações outras entre os usuários e as redes. Os territórios informacionais estão vinculados aos demais territórios, sejam eles culturais, políticos, subjetivos, corporais, geográficos, e como tal, as interações que neles ocorrem são atravessadas por todas as demais relações dos sujeitos nesses espaços todos. Compartilhar o saldo de recargas telefônicas recebidas do exterior, conectar vários aparelhos à mesma rede através do compartilhamento da conexão de um telefone (*hostspot*), utilizar uma VPN ou fazer circular as informações através de terceiras pessoas, são práticas que vão politizar esses territórios informacionais, criando heterotopias nesses espaços virtuais que estão ligados a outros territórios (países, instituições etc.)

Segundo a leitura de Braga (2018, p.89), as urgências são derivadas de problemas que demandam resolução que seja fruto de articulações, arranjos e alianças feitas “ainda que aos trancos e barrancos, para encaminhar as questões postas por uma dada adversidade”. As apropriações e usos das TICs pelos cubanos configuram microdispositivos biopotentes que, em suas variadas composições, constituem não só formas de resistência, mas também nos mostram que, em um dispositivo interacional, “a disposição dos elementos, experimental e tentativa, passa por verdadeiras trapalhadas até conseguir articular o sistema de relações.” (BRAGA, 2020, p.16). Essas reflexões apontam uma relação entre arranjos disposicionais, dispositivos e comunicação.

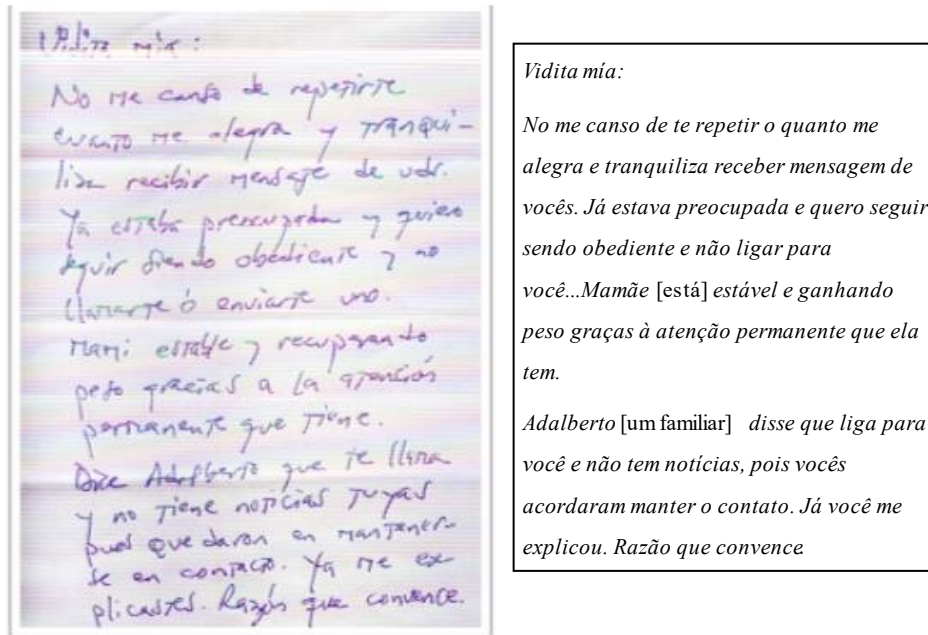
Se os arranjos, as lógicas do jogo (com seus objetivos, suas regras de funcionamento e suas táticas de ajuste) são a dinâmica central do dispositivo – e aqui, de qualquer dispositivo social assumido na lógica do modelo foucaultiano –, então devemos perceber a centralidade da comunicação em todo e qualquer processo social. Arranjos disposicionais são, em si mesmos, exercícios práticos da potencialidade comunicacional do ser humano. (BRAGA, 2018, p. 90)

Muitos são os arranjos que fazem parte desse dispositivo transnacional, que se torna heterotópico na medida em que possibilita a existência da diferença, do espaço outro que pode ser habitado na distância, apesar de limites institucionais e tecnológicos. Eric relata que na época em que ainda as comunicações pela internet eram muito escassas em Cuba, sua mãe conseguiu uma forma de enviar cartas de forma rápida desde Cuba, pois o correio postal podia tardar vários meses e até nunca chegar.

(Eric) Las llamadas a Cuba eran carísimas, había que resumir cuando hablábamos porque era muy caro. Yo les decía a mis padres que todo estaba bien. Después mi papá se abrió una cuenta de correo electrónico y la revisaba gracias a algunos amigos que

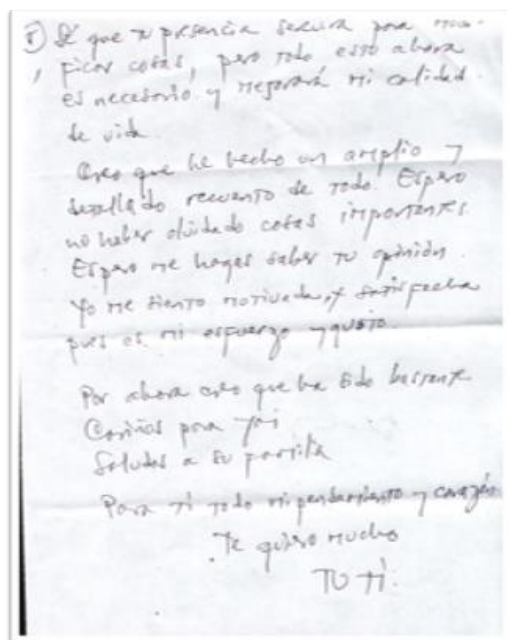
tenían conexión en Cuba. Mi mamá se comunicaba a través de mi tío, que trabajaba en una empresa donde había internet. Ella escribía una nota de su puño y letra, entonces mi tío la llevaba para el trabajo y la escaneaba, y me la mandaba como imagen adjunta en un email. La imagen del papel escrito por mi mamá. (depoimento obtido em agosto de 2020)

Figura 45. Carta enviada a Eric por sua mãe em setembro de 2012, quando ele já morava em Montreal



Fonte: documento disponibilizado por Eric depois de realizar a entrevista

Figura 46. Quinta e última folha de uma carta enviada a Eric por sua mãe em fevereiro de 2013, quando ele já morava em Montreal



5.

Sei que tua presença servira para modificar coisas,
 mas isto tudo agora é necessário e melhorará minha
 qualidade de vida.

Acredito que fiz um amplo e detalhado relato de
 tudo. Espero não ter esquecido coisas importantes.
 Espero que me deixes saber tua opinião. Eu me sinto
 motivada e satisfeita, pois é meu esforço e vontade.

Por enquanto acho que já foi suficiente.

Cariños para Yai [esposa]

Saudações à família dela

Para ti todo meu pensamento e coração

Te quiero mucho

Tu Ti

Fonte: documento facilitado por Eric depois de realizar a entrevista

É importante destacarmos que a gambiarra nos revela que não há dispositivos integralmente prontos, finalizados, mas que eles se alteram diante das urgências que promovem a constituição interacional específica de suas estratégias: em uma gambiarra, percebemos que “novas urgências não atendidas pelo já estabelecido geram dinâmicas de experimentação e tentativa acelerando a parte inferencial até a construção de novos compartilhamentos mais ou menos estáveis” (BRAGA, 2020, p.23). É como se as gambiarras, na sua pluralidade tentativa, e na sua origem em episódios comunicacionais específicos de assimetria e conflitos, permitissem um questionamento e revisão das regularidades que compõem um dispositivo interacional específico.

O de que me aproprio, em Foucault, é sobretudo a possibilidade de tratar de elementos heterogêneos que pragmaticamente desenvolvem sistemas de relações perceptíveis na conjuntura social. Ao enfatizar, de minha parte, o aspecto interacional, certamente dou atenção às regras que viabilizam, instituem e caracterizam dispositivos empiricamente perceptíveis; mas também valorizo as estratégias e inferências que trazem a disponibilidade do dispositivo para o exercício concreto do episódio comunicacional que o aciona. Com isso, os episódios não são mero epifenômeno dos dispositivos. A necessidade social de produzir dispositivos interacionais, pela tentativa prática de exercê-los, vai sedimentando as regras. Ou seja: são as estratégias – tentativas – para gerar interação que desenvolvem as regras. (BRAGA, 2012, p.33-34).

As gambiarras e arranjos que produzem estratégias desafiadoras das normas que estabilizam dispositivos interacionais se manifestam com mais força no processo de uma diáspora digital que hoje define a experiência de vários cubanos.

Os participantes sociais se arranjam, nas condições de entorno, para atender aos objetivos que se deram, no enfrentamento das urgências solicitadoras de ação integrada. Longe de pretender explicar essas ocorrências segundo critérios e categorias apriorísticas, o modelo permite esquadrihar os elementos efetivamente presentes, as experiências e as estratégias em que se elaboram as lógicas internas de cada arranjo disposicional (BRAGA, 2018, p.91).

Referindo-se ao sujeito político, nessa perspectiva, Altheman e Marques (2018, p.167) argumentam que “tanto os sujeitos quanto a própria política são resultantes da articulação de forças disposicionais que atuam sobre eles em um espaço intersticial em que a própria natureza da relacionalidade que os vincula é constantemente testada e, por isso, permanece indeterminada”. Rolando lembra que como ele conseguia falar pelo telefone com sua mãe durante o tempo que ficou na base de Guantánamo, aproveitava o envio de cartas para mandar fotos e outras coisas.

(Rolando, el yuma) Yo hablaba con mi mamá todos los fines de semana cuando estaba en la base de Guantánamo... también le mandaba cartas, cuatro o cinco al mes, por si acaso unas llegan y otras se pierden. Y le ponía adentro dos paqueticos de comino... tú sabes que la carta tiene un peso máximo, entonces yo no escribía mucho, porque ya estaba hablando también con ella. Ella me decía... “la comida me está quedando rica por el comino que em mandas”. En las cartas yo le decía más o menos lo mismo... “no te preocupes”.

Nos llegó una noticia por medio de los periodistas de la base de que el presidente Bill Clinton dijo que él iba a retenernos ahí como 5 años a ver si éramos positivos en la vida... si estudiábamos, para entonces dejarnos pasar para Estados Unidos. Y yo le contaba a mi mamá y le decía... “mami, dicen esto, pero ya yo estoy aquí, para atrás no voy a virar, tranquila ahí que todo está bien”. Mi amigo de Miami me mandaba camaritas desechables, en unos paquetes qué él me enviaba cada cierto tiempo.... yo me tiraba fotos y le mandaba a mi mamá en las cartas también. (depoimento obtido em maio de 2022)

Esse outro cotidiano possível na heterotopia migratória, que existe apesar de limitações materiais e institucionais, vai permitir novas formas de compartilhar afetos, ideias, objetos, abrindo brechas à outras formas de cooperação e conflito, que são a base da vida em comum.

O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade. (SANTOS, 2006, P. 218)

As gambiarras, como práticas geradoras de heterotopia no contexto migratório e de comunicação transnacional, nos permitem pensar no lugar como performance, como lugar praticado. Isso significa também pensar no lugar de formas radicalmente abertas e não essencializadas, de modo que ele é constantemente discutido e reimaginado de maneiras práticas (CRESSWELL, 2014). Nesse viés, o lugar fornece as condições de possibilidade para a prática social criativa, ele torna-se um evento em vez de uma coisa ontológica segura enraizada em noções de autêntico. O lugar praticado, aberto, o lugar-acontecimento, é marcado pela abertura e mudança ao invés de delimitação e permanência. É nesse sentido que as heterotopias funcionam como forças que podem alterar a ordem das coisas na linguagem.

A metáfora guia aqui é a linguagem. Embora tenhamos que usar as regras e estruturas da linguagem para fazer sentido - as maneiras de fazer isso na prática são quase infinitas. O mesmo se aplica ao lugar. Enquanto vivemos em lugares que vêm pré-estruturados - inseridos com interesses particulares no contexto de relações de poder desiguais - esses lugares não são operacionais sem prática neles. (CRESSWELL, 2014, p. 39)

Nessa experiência heterotópica de formas de vida outras, os grupos mais vulnerabilizados na sociedade, por sua condição de “diferentes”, conseguem abrir debates inéditos sobre essas outras formas de vida possíveis no espaço (SANTOS, 2006). Eles encontram novos usos para objetos e técnicas, reavaliam a esfera da política ao produzirem novas articulações práticas e novas normas, na vida social e afetiva. Diferentemente das classes ditas superiores, os migrantes, como parte desses grupos “sem lugar”, configuram sua forma de vida na esfera comunicacional, em que são fortemente ativos e encontram uma forma de agir diferentemente no mundo.

O NÃO-LUGAR: uma heterotopologia da pesquisa

Pátria é humanidade.

José Martí¹⁴⁰

Como encerrar uma heterotopia? Quando ela mesma é sempre ponto intermeio no caminho, linha de fuga, corpo em movimento, palavras que se atrapalham. Assim é essa tese, e assim chegamos aqui, o não-lugar do “fim” de um texto que apenas acaba de nascer. É na heterotopia dessa tese que eu também tento compreender um ciclo de vida, oito anos já do dia em que sai de Cuba: um mestrado, um doutorado, dois países, várias línguas e muita gente boa de mão aberta. Dizem que o oito é número de boa sorte na filosofia asiática, e símbolo de equilíbrio e justiça na numerologia. Se deitado, o número 8 lembra o significado do infinito, o ilimitado, fluxo sem início ou fim. Assim, essa tese aparece também como espaço de conexão fluida entre os lugares, afetos, momentos, pessoas e relatos que povoam estas páginas. Foi uma necessidade contar esta história, e tem sido uma sorte imensa.

Além de uma tese, esta pesquisa traz um testemunho vivo da Cuba dispersa, e das formas de vida que os sujeitos são capazes de criar nos interstícios de lugares, corpos e redes técnicas em que convergem múltiplas temporalidades. Essa é sempre a história menos contada, a mais urgente e necessária. Essa invenção da existência nos espaços outros é resultado também de processos de subjetivação desencadeados pela experiência migratória. A pátria deixada e ressignificada, o lar abandonado e reconstruído em outra terra, a família distante sempre presente, o caminho sofrido do sucesso sonhado e a incerteza do desconhecido são matéria primária para esse renascimento político do sujeito migrante. É nesse processo que esta pesquisa surge e adquire valor como relato coletivo dos vestígios, as recordações, os corpos que vão se transformando em silêncio.

No decorrer de leituras, reflexões compartilhadas, encontros e momentos vivenciados no campo de pesquisa, eu fui percebendo ademais que uma contribuição deste trabalho se encontra na vocação por acolher a heterogeneidade, a diferença e a contradição como elementos centrais de

¹⁴⁰ Frase célebre do Herói Nacional de Cuba, pensador, escritor e político que lutou no século XIX pela independência de Cuba e até hoje é símbolo que une a todos os cubanos do mundo (ainda que sob diversas apropriações de sua obra). Esta frase aparece pela primeira vez no 26 de janeiro de 1895, em uma nota do jornal *Pátria*, fundado por Martí. Referência em: <https://www.prensa-latina.cu/2022/01/26/patria-es-humanidad-127-anos-de-una-frase-martiana-que-define-a-cuba>

uma experiência social e como forma de conhecimento. Para isto, foi preciso me abrir a uma forma outra de fazer pesquisa, abraçar o deslocamento constante e imprevisível de nossas visões do mundo, a instabilidade de certezas conceituais predefinidas, a capacidade de assombro nunca esgotada da descoberta do outro. A heterotopia aparece então como uma possibilidade de nos aproximarmos dessa realidade fragmentada e cambiante, abrindo brechas teóricas, metodológicas e filosóficas para compreender uma realidade que não pode ser facilmente encaixada em um tempo ou lugar específico.

Pensar as sociabilidades contemporâneas e práticas comunicacionais a partir dos espaços significa fundamentalmente prestar atenção nas relações de poder que atravessam a constituição desses vínculos com os lugares. O lugar precisa de tempo e experiência para se constituir, é fundador da relação com o mundo do indivíduo, mas igualmente da relação com o outro, da construção comum do sentido que faz o vínculo social. Nesse viés, falamos das dimensões heterotópicas na migração justamente para mostrar como essas interações e vínculos elaborados pelos migrantes com seus entornos permitem a emergência de novas formas de existência e reorganizam relações de poder. É na comunicação que isso acontece. Trata-se de uma força de transformação do mundo que é articulada por meio de uma matriz comunicacional reconstituída na experiência heterotópica, atravessando múltiplas culturas, histórias de vida e materialidades.

Deslocar as narrativas de seu lugar de origem, ou bem compreendê-las a partir de novas relações espaciais é politizar o relato de vida, criar formas outras de decodificar as relações de poder em torno dos sujeitos. “As heterotopias iluminam assim campos espaciais imaginários, um conjunto de relações que não são separadas das estruturas e ideologias dominantes, mas vão contra a corrente e oferecem linhas de fuga (...)” (FOUCAULT, 1987, p.76). Nessa perspectiva, a pesquisa mostra uma reflexão sobre as potencialidades heurísticas da heterotopia para além de interpretações que reproduzem esquemas de pensamento dicotômicos, justamente aqueles que limitam as possibilidades de criar espaços outros em que essas relações binárias são questionadas. Heterotopia, dispositivo e experiência, como palavras-chave no pensamento de Foucault, mostram justamente um caminho para pensar diferentemente fenômenos contemporâneos excessivos, que transbordam esquemas de análise predeterminados.

Os múltiplos lugares reais (lugares antropológicos) na vida dos migrantes são refratados, às vezes desafiados, às vezes utopizados. Assim, a ideia de uma heterotopia se presta a uma explicação mais rica da experiência migrante de recriar e praticar identidades fundidas e contraditórias. Isso ajuda a conceituar os

mundos migrantes de forma mais completa (...). Também reúne as dimensões duais de temporalidade e localização espacial. (DAVIS, 2010, p. 675)

Sob esse viés, o lugar pode ser entendido como uma porção de terra/cidade/paisagem urbana visto de dentro, a ressonância de um local específico que é conhecido e familiar, é latitudinal e longitudinal dentro do mapa da vida de uma pessoa. É temporal e espacial, pessoal e político. Camadas repletas de histórias e memórias humanas, o lugar renasce também na ambiguidade das recordações que configuram escritas heterotópicas (ASSMANN, 2011). Trata-se de ver o lugar por meio de suas conexões, do que rodeia, do que o formou, do que lá aconteceu, do que lá vai acontecer (CRESWELL, 2014). O lugar é o trabalho constante das suas conexões, das histórias que nele se sedimentam e tornam-se a base para a ação presente e futura.

Uma parte importante da força desses vínculos espaço-temporais é sua potencialidade para imaginar e criar narrativas, experiências, devires, que aparecem nas ritualidades disruptivas da ordem espacial, as gambiarras e outras práticas que deslocam funcionalidades normativas no mundo. Nas discussões de Foucault (2004, 2013) sobre o que constitui uma heterotopia, ele utiliza o exemplo dos espaços imaginários das crianças. Sugere que uma área ou espaço de jogo "real" se torna um mundo imaginado para a criança, um lugar que se desloca através de muitos lugares imaginários e várias temporalidades no decurso de um jogo imaginário. Pode ser um castelo de conto de fadas que existiu há muito tempo, uma nave espacial numa narrativa futurista, ou pode abranger vários "lugares reais" - a selva amazônica, as pirâmides egípcias, etc. Assim, um lugar real torna-se um espaço imaginário que engloba vários lugares reais e imaginados do passado, do presente e do futuro: um espaço imaginário que reflete lugares reais da vida e que, no entanto, é um "espaço relacional" que só tem significado em relação a, ou num sentido de contramão aos lugares existentes ou imaginados.

A abertura de heterotopias migratórias mantém o espaço entre um tempo e outro, um lugar e outro, resultando em uma espécie de suspensão, de ampliação da duração entre sentir-se parte de uma cultura ou contexto e depois sentir-se parte de outra. Incorporar e refletir sobre essas particularidades do campo de pesquisa significa também compreender que a adoção de metodologias etnográficas deve problematizar as assimetrias de poder que permeiam o trabalho de campo do pesquisador, bem como aquelas que transcendem as interações pessoais e entram no texto produzido sob a forma de narrativas emolduradas como um tipo de relato científico.

A noção de experiência heterotópica se refere à heterogeneidade das relações com os espaços nos processos de migração e comunicação, articulando-se com um engajamento metodológico no trabalho de campo que envolve a compreensão das assimetrias de poder que permeiam a vida dos participantes da pesquisa e nossa própria atividade investigativa. Ambas as abordagens nos permitem refletir sobre nossa abertura ao diferente, sobre as possibilidades de criação de espaços e novos vínculos que emergem entre práticas cotidianas e imaginários historicamente situados. Isso só é possível quando assumimos que o campo de pesquisa não é apenas o local físico onde interagimos com as pessoas, seus ambientes visíveis e presentes, mas também parte de uma experiência heterotópica que ultrapassa os limites espaciais de uma determinada pesquisa.

Há uma reflexão ética por trás da pesquisa (e que se configura no próprio processo de estar em pesquisa, não se apresentando como um conjunto de regras prévias a serem seguidas) que questiona a autoridade do pesquisador para “falar por” ou “em nome de” alguém, destacando a possibilidade de o pesquisador “conversar” com seus respondentes (MORICEAU; SOPARNOT, 2019). Assim, pode-se construir significado de forma compartilhada e não hierárquica. Os participantes saem de seu lugar de “objeto” de análise enquanto o pesquisador constitui para ele um lugar de interlocutor, de parceiro simétrico na construção da pesquisa: um fica vulnerável diante do outro e deixa uma passagem liminar aberta para que ambos interfiram na percepção do outro.

A pesquisa se trona heterotopia como resultado da elaboração de práticas de liberdade que são resultado de saberes corporificados, grafados no corpo, escritos com as memórias, com os sonhos e desejos dos cubanos. Nem todas as pesquisas são heterotópicas, e justamente por essa razão, é necessário mostrar o processo mediante o qual uma pesquisa pode se transformar em uma heterotopia. É isso que tentamos fazer neste texto. Isso aparece sobretudo na perspectiva da necessidade de encontrar pessoas, abrir-se para acolher e ser acolhido, permitir ser afetado e afetar as outras trajetórias com a participação no processo de confecção da tese.

Para isso, em alguns momentos é preciso questionar algumas regras naturalizadas, produzir desvios no método já esboçado, permitindo que a comunicação ganhe espaço, de maneira mais fluida e sensível. Isso não significa que deixarão de existir relações de poder, mas que algo pode ser redefinido, deslocado, reconfigurado a partir do encontro das vivências migrantes, da construção de novas formas de vida e das experiências que anseiam pela concretização de autonomia, cuidado e emancipação.

Esse movimento desafia constantemente os pressupostos do pesquisador, e suas certezas se estilham no processo de decifrar e entender como cada participante lida com determinadas questões e problemas. Os participantes não se tornaram transparentes para o pesquisador apenas porque compartilham algumas características identitárias, ideológicas ou biográficas. O que é vital nesse tipo de pesquisa é saber construir a implicação do pesquisador com as experiências das pessoas na situação praticada. É importante construir uma relação em que o status e a identidade dos parceiros sejam constantemente reconfigurados juntos, ao mesmo tempo, na dinâmica comunicativa que informa os espaços heterotópicos de coexistência.

As heterotopias combinam método e objeto, gerando novos efeitos, experiências, aberturas e perigos, destacando uma rede de articulações; e indicando a possibilidade de novas alianças, amizades, arranjos provisórios e duradouros, sempre rearticuláveis na montagem das formas de vida. Acreditamos também que a operacionalização do conceito de heterotopias deve considerar que elas devem ser vistas não simplesmente como uma categoria a partir da qual nomear um determinado lugar ou um espaço multiterritorial, mas principalmente como um “método conceitual” (JOHNSON, 2013), como uma lente para considerar um determinado fenômeno relacional e comunicacional a partir de uma nova perspectiva. Esse método conceitual baseia-se na capacidade do pesquisador de descrever e oferecer dimensões detalhadas das interações vivenciadas por sujeitos articulados em espaços heterópicos, ao invés de revelar e explicar seu funcionamento a partir de compreensões prévias. A heterotopia como método é, portanto, particularmente produtiva para “conectar estudos interdisciplinares e terrenos interdisciplinares iluminando espaços culturais, fronteiras disciplinares e noções de subjetividade” (JOHNSON, 2013, p.800). Nossa apropriação metodológica do conceito busca o poder emancipatório das heterotopias que reside na potência formativa dos limiares, das zonas de negociação, ambivalência e hibridismo em que os migrantes cubanos articulam diferentes fragmentos espaciais de Montreal e Cuba para encontrar e desenvolver formas de vida coletivas.

Como heterotopias, não são completamente abertas ou fechadas, mas envolvem uma complexa dinâmica de pertencimento ou não, que vai além do simples fato de ser um imigrante cubano em Montreal ou do espaço comum da rede digital. Espaços concretos e digitais podem dar origem a limiares comunicativos centrados no cuidado de si e dos outros, na escuta e na produção de experimentações que conectam os corpos individuais aos demais sujeitos a partir de um espaço possível de fabulação no mundo concreto.

Uma das potências da heterotopia é sua relação com a gambiarra, com os arranjos que aproximam objetos heterogêneos que, a princípio, não deveriam estar juntos. A gambiarra é um desarranjo do dispositivo, uma articulação de elementos disjuntos e que preservam sua singularidade. A gambiarra é a metáfora do deslocamento produzido no próprio arranjo biopolítico que sustenta a migração (em seus aspectos político, econômico e social): ela aponta para o imprevisto, para a esperança e para o porvir (o desejo de produzir uma nova forma de vida, ligada à memória e à promessa de futuro).

Nesse sentido, o desafio de se estudar fenômenos extremamente dispersos, velozes e fluidos requer uma atenção cuidadosa às múltiplas linhas de força que se articulam em torno desses acontecimentos e que mobilizam a vida pública contemporânea. A constituição de lógicas de apropriação e participação que ultrapassam o estrito controle das instituições nos espaços de produção simbólica. São esses arranjos que possibilitam a emergência de diversas vozes que tensionam um modelo unívoco de comunicação na Ilha e ressignificam os limites e os canais de acesso à conexão em rede entre cubanos dentro e fora de Cuba. Existem, de fato, narrativas sociais compartilhadas e reapropriadas em rede, que exprimem-se na personalização de demandas coletivas, em suas dimensões dinâmica, transnacional e transmidiática, possibilitando a emergência de variadas formas de engajamento e organização de ações conectadas por redes humanas e tecnológicas interconectadas.

Assim, entendemos que episódios comunicacionais heterotópicos apresentam as lógicas interacionais que, tentativamente, vão sendo construídas e originando um dispositivo que não é dado de antemão e que, portanto, não pode ser lido e tornar-se inteligível apenas por meio de códigos e signos já dados. Como salienta Braga (2020, p.35), “o discurso do dispositivo não é o dispositivo: o discurso pode ser uma marca das lógicas do dispositivo, mas tais lógicas – que mostram o sistema de relações – não são os determinantes de sua elaboração.” As operações de codificação feitas pela mídia tradicional, pelas redes sociais e pelas plataformas e seus algoritmos são constantemente desafiadas, obrigando o dispositivo a constantes ajustes. Por isso, “em situações opressivas, disciplinares, de controle – mas também nas táticas de resistência, de sobrevivência e de renovação, é preciso examinar – em cada situação – como os processos comunicacionais evitam modificações ou produzem rupturas, asseguram continuidade e descontinuidade, fazem avançar ou recuar, transformam, experimentam, inventam” (BRAGA, 2020, p.37).

A tese mostra diversas articulações possíveis entre as heterotopias e os dispositivos. Ambos os dois podem tanto servir para o controle, para o cerceamento de desvios quanto para a produção de novos arranjos, de novas experiências. O que define isto é a forma que as interações assumem em cada um dos casos, a maneira como as práticas de liberdade enfrentam as práticas de governamentalidade, ou seja, como a experiência transformadora desarma dispositivos de controle e cria arranjos disposicionais potencialmente capazes de gerar heterotopias.

O dispositivo transnacional e transmidiático diz respeito às possíveis leituras que podem ser feitas dos atuais fenômenos de comunicação a escala global. Isso permite que nos aproximemos não só das materialidades discursivas e tecnológicas visíveis, mas também das forças políticas que permanecem muitas vezes invisíveis e que podem ser inferidas a partir dos rastros que compõem a cadeia de significações na narrativa. Um olhar crítico dos dispositivos (migratório, midiático, transnacional) nos permite compreender melhor como uma certa disposição desses elementos heterogêneos no sistema de relações pode evidenciar outras possibilidades de se exercer o poder na sociedade. Isto é, compreender no fluxo, na semiose, nas gambiarras, como esses signos se tornam interpretantes no âmbito de uma experiência comum, permitindo inferir aquilo que foge das ações discursivas, mas que, em conjunto com os enunciados, alimenta e amplia as múltiplas manifestações do digital heterotópico.

Por fim, o que este trabalho mostra é sobretudo uma dimensão comunicacional da heterotopia, ou seja, a força de um novo arranjo que se produz a partir do corte com um campo da experiência que estava determinado, para produzir uma experiência transformadora. Passado e presente se encontram, porque o primeiro não é abandonado, mas é revisitado e revisto para produzir novos lugares e novos espaços de refazimento no exterior. Sob esse aspecto, a identidade também se afirma como processo relacional e comunicacional, nas costuras de experiências que geram identificação e estranhamento. A transformação das posições identitárias também expressa uma interface entre a prática comunicacional e as heterotopias. Ainda mais quando consideramos a importância das redes sociais digitais para o reforço da sustentação e criação de vínculos e espaços de afeto.

Se transformar pela experiência da pesquisa, e mudar o mundo ao nosso redor por meio dela, é o achado mais incível. Mas isso requer do tempo, do lugar, do vínculo. Temos de aprender também a fazer a heterotopia para fazer pesquisa. Eu não apenas entrevistei algumas pessoas, tomei notas, observei e escutei, eu vivi uma parte de suas vidas, junto a eles. Eu vi como a Celia conseguiu

seu primeiro trabalho de desenhadora depois de muitos anos de luta, estudando e trabalhando, sozinha. Eu conheci a mãe do Eric que o visitou pela primeira vez, aquela mulher que enviava cartas de seu punho para o filho. Eu o encorajei para começar a universidade de novo aos 40 anos, depois que ele ficou limitado fisicamente por sua cirurgia de coluna. Eu fiquei ligando para o Ale quando ele adoeceu com uma diabetes crônica.

A sobrevivência coletiva é a liberdade possível. No final, este é sobretudo um relato sobre a liberdade. Foucault (1982, s.p) vai dizer: “não creio na existência de algo que seja funcionalmente – por sua natureza própria – radicalmente libertadora. A liberdade é uma prática. (...) Não pertence jamais à estrutura das coisas garantir o exercício da liberdade. A garantia da liberdade é a liberdade”. Isso é esta pesquisa.

Na heterotopia dessa tese está também o meu relato, o deles, o de milhões de cubanos e cubanas que, dispersos e reencontrados, fazem viver os lugares, os lampejos e as temporalidades quebradas na memória. É essa temporalidade outra a que nos trouxe a Montreal, ao Brasil, ou ao mundo. Eu também conto minha história com eles, graças a eles. Talvez um dia, eu serei a entrevistada número 11 em outra tese. E todas essas histórias vividas junto a migrantes cubanos pelo mundo resurgirão na polifonia de uma história outra, costurada através dos muitos lugares e tempos que compartilhamos.

REFERÊNCIAS

- AHMED, Sara. **The cultural politics of emotion**. Routledge, 2013.
- AJA, Antonio *et al.* La migración internacional de cubanos: Escenarios actuales. Cuban International Migration: Current Scenarios. **Novedades en Población**, no. 13, vol. 26, 2017.
- ALFONSO, L. M.; SÁNCHEZ, L. L. Migrantes y vida pública en Cuba: Estrategias transnacionales de ciudadanos cubanos residentes en Ecuador. **Regions and Cohesion**, vol. 7, no.3, p. 8-29, 2017.
- ALONSO, María G. Los territorios de los otros: memoria y heterotopía. **Cuicuilco**, vol. 21, no 61, p. 333-352, 2014.
- ALTHEMAN, Francine.; MARQUES, Angela C.S. Cenaz de dissenso e dispositivos interacionais na resistência insurgente criada pelos secundaristas. **Logos**, vol. 25, no. 1, 2018.
- ALZAMORA, Geane; BICALHO, Luciana. **Ativismo transmídia nas eleições 2018 no Brasil: a semiose de #CadêAProva** [Apresentação em Encontro]. XXVIII Encontro Anual da Compós, Porto Alegre, Brasil, 2018.
- ANTOUN, Henrique; MALINI, Fábio. Ontologia da liberdade na rede: a guerra das narrativas na internet e a luta social na democracia. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, vol. 17, no 3, p. 286-294, 2010.
- ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La Frontera: The New Mestiza**. São Francisco: Aunt Lute Books, 1999.
- APPADURAI, Arjun. **Modernity at large: cultural dimensions of globalization** (Vol. 1). U of Minnesota Press, 1996.
- ARANTES, Priscila (Org.). **Estéticas tecnológicas: novos modos de sentir**. São Paulo: Educ, 2008.
- ARBOLEYA, Jesús. **Cuba y los cubanoamericanos, el fenómeno migratório cubano**. La Habana: Editorial Casa de las Américas, 2015.
- ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Campinas: Editora da Unicamp, 2011. Disponível em: <https://idoc.pub/documents/aleida-assman-espacos-da-recordacao-ocrpdf-9n0kmdz1734v>
- BOYD, Monica; VICKERS, Michael. 100 years of immigration in Canada. **Canadian social trends**, 2000, vol. 58, no 2, p. 2-12.
- BRAGA, J. L. Dispositivos interacionais: lugar para dialogar e tensionar conhecimentos. **Dispositiva**, v.1, n.1, 2012, p.29-38.
- BRAGA, J. L. Interagindo com Foucault—Os arranjos disposicionais e a comunicação. **Questões Transversais**, vol. 6, no. 12, p. 81-91, 2018.
- BRAGA, J. L. **Uma conversa sobre dispositivos**. Belo Horizonte, MG: PPGCOM/UFMG, 2020.
- BRIGNOL, Liliane. Tecnicidade e identidades migrantes: contribuições de Martín-Barbero para pesquisas sobre migrações e usos sociais das mídias. **Intexto**, no 43, p. 119-134, 2018.

BROWN, Tyson .Racial stratification, immigration, and health inequality: A life course-intersectional approach. **Social Forces**, vol 96, no 4, p. 1507-1540, 2018.

BRUNO, Fernanda. **Máquinas de ver, modos de ser**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

BUTLER, Judith. Relatar a si mesmo: crítica da violência ética. Trad. Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

BUTLER, Judith. **Corpos em Aliança**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, Kim D. Defining diaspora, refining a discourse. **Diaspora: a journal of transnational studies**, vol. 10, no 2, p. 189-219, 2001.

CAIAFA, Janice. Sobre a etnografia e sua relevância para o campo da comunicação. **Questões Transversais**, vol. 7, no 14, p. 37-46, 2019.

CAMERON, Elspeth. **Multiculturalism and immigration in Canada: An introductory reader**. Canadian Scholars' Press, 2004.

CAMMAERTS, Bart. Activism and media. In B. Cammaerts e N. Carpentier (Eds.). **Reclaiming the media: Communication rights and democratic media roles**, p. 217-224, Bristol: Intellect., 2007.

CASTELLS, Manuel. Internet, libertad y sociedad: una perspectiva analítica. **Polis. Revista Latinoamericana**, no 4, 2003.

CASTELLS, Manuel. La sociedad red: una visión global. **Enl@ce: revista venezolana de información, tecnología y conocimiento**, vol. 7, no 1, p. 139-141, 2010.

CDA, Center for Democracy in the Americas. **Cuban migration surpasses Mariel and Balsero Crises combined** . Publicado no 16 de agosto de 2022. Disponível em: <https://www.democracyinamericas.org/us-cuba-news-brief/2022-08-16/cuban-migration-surpasses-mariel-and-balsero-crises-combined>.

COGO, Denise, ELHAJJI, Mohammed; HUERTAS, Amparo. (Eds.). **Diásporas, migrações, tecnologias da comunicação e identidades transnacionais**. Bellaterra: InCom-UAB, 2012.

COGO, Denise. Brazilians in Spain: communication and transnational activism in a context of economic-political crisis. **Communication and Society**, vol. 32, no. 4, 2019.

COGO, Denise; SILVA, Terezinha. Entre a fuga e a invasão: alteridade e cidadania da imigração haitiana na mídia brasileira. **Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia**, vol. 23, no 1, 2016.

COHEN, Robin. **Global diasporas: An introduction**. Taylor & Francis, [1997] 2001.

COLLINS, Patricia Hills ; BILGE, Silma. **Intersectionality**. Cambridge: Polity Press, 2016.

CRENSHAW, Kimberlé Williams; BONIS, Oristelle. Cartographies des marges : intersectionnalité, politique de l'identité et violences contre les femmes de couleur. **Cahiers du genre**, vol. 39, no. 2, p. 51-82, [1994] 2005. <https://doi.org/10.3917/cdge.039.0051>

CRESSWELL, Tim. **Place: an introduction**. Nova Jersey: John Wiley & Sons, 2014.

DATOSMACRO.COM. Cuba: emigrantes totales. **Expansión** (online), 2015. Disponível em: <https://goo.gl/VRc8ef>; acessado em: 03.05.2019.

DAVIS, Teresa. Third spaces or heterotopias? Recreating and negotiating migrant identity using online spaces. **Sociology**, vol. 44, no 4, p. 661-677, 2010.

DE CERTEAU, Michel. **L'invention du quotidien**. vol. 1 Arts de faire, Gallimard : Paris, 1980.

DEFERT, Daniel. Heterotopia: tribulações de um conceito entre Veneza, Berlim e Los Angeles. In Michel Foucault. **O Corpo utópico, As Heterotopias**. São Paulo: n-1 Edições, 2013, p. 33-55.

DEHAENE, Michiel; DE CAUTER, Lieven. Heterotopia in a postcivil society. In DEHAENE, Michiel; DE CAUTER, Lieven (eds.). **Heterotopia and the City: Public Space in a Postcivil Society**. New York; London: Routledge, p. 3-9, 2008.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, [1986] 2005.

DI FILIPPO, Laurent. ; LANDAIS, Émilie. (Orgs.) Dispositifs transmédiatiques, convergences et publics : Construire et penser les relations entre médias. Em L. Di Filippo, É. Landais ; A. Michel (Orgs.), **Penser les relations entre médias: Dispositifs transmédiatiques, convergences et constructions des publics**, p. 7-46, Strasbourg: Néothèque, 2017.

DIMINESCU, Dana. The connected migrant: an epistemological manifesto. **Social Science Information**, vol. 47, no 4, p. 565-579, 2008.

DUANY, Jorge. La migración cubana. **Encuentro de la Cultura Cubana**, no. 36, 164-181, 2005.

ECKSTEIN, Susan E. **The Immigrant Divide: How Cuban Americans Changed the US and Their Homeland**. New York: Routledge, 2009

ECKSTEIN, Susan; BARBERIA, Lorena. Grounding Immigrant Generations in History: Cuban Americans and Their Transnational Ties 1. **International Migration Review**, vol. 36, no.3, 799-837, 2002.

ELHAJJI, Mohammed; ESCUDERO, Camila. A contribuição da comunicação para os estudos migratórios. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v.14, n. 26, 2017.

EMCKE, Carolin. **Contra o ódio**. Belo Horizonte: Ayiné, 2020.

ESCOBAR, Arturo. Culture sits in places: reflections on globalism and subaltern strategies of localization. **Political geography**, vol. 20, no 2, p. 139-174, 2001.

ESCUDERO, Camila. A construção da Webdiáspora a partir dos conceitos de interculturalismo, transnacionalismo e multiterritorialismo: apontamentos analíticos. **Anuário Internacional de Comunicação Lusófona**, v.2013, p.140- 150, 2013.

ESCUDERO, Camila. A construção e organização da Webdiáspora. 3º Encontro Regional Sudeste de História da Mídia-Mídia e Memórias do Autoritarismo. **Anais...** Rio de Janeiro: ECO-UFRJ, 2014.

FAIR, F., L. Raben, H. Watson, V. Vivilaki, M. van den Muijsenbergh, H. Soltani et et al. Migrant women's experiences of pregnancy, childbirth and maternity care in European countries: A systematic review. **PLOS ONE**, vol. 15, no. 2, 2020. doi: <https://doi.org/10.1371/journal>.

FANTE, Alexandra; TAKARA, Samilo. Ciberespaço e heterotopia: a constituição de diferentes comunicações. **Brazilian Journal of Technology, Communication, and Cognitive Science**, vol. 5, no 1, 2017.

FASSIN, Didier Évaluer les vies : essai d'anthropologie biopolitique. **Cahiers internationaux de Sociologie**, v.128, p.105-115, 2010.

FASSIN, Didier. Another politics of life is possible. **Theory, culture & society**, v.26, n.5, p.44-60, 2009.

FASSIN, Didier. De l'invention du traumatisme à la reconnaissance des victimes : Genèse et transformations d'une condition morale. **Vingtième siècle**, no 3, p. 161-171, 2014.

FASSIN, Didier. Gobernar por los cuerpos, políticas de reconocimiento hacia los pobres y los inmigrantes. **Educação**, vol. 28, no 2, p. 201-226, 2005.

FASSIN, Didier. L'éthique, au-delà de la règle: Réflexions autour d'une enquête ethnographique sur les pratiques de soins en Afrique du Sud. **Sociétés Contemporaines**, vol.3, no.71, p. 117-135, 2008.
Disponível em : <https://doi.org/10.3917/soco.071.0117>

FASSIN, Didier. **La Raison humanitaire Une histoire morale du temps présent**, Paris : ehess-Gallimard-Seuil, 2010a.

FASSIN, Didier. **La vie. Mode d'emploi critique**. Condé-sur-Noireau : Seuil, 2018.

FASSIN, Didier; RECHTMAN, Richard. **L'empire du traumatisme. Enquête sur la condition de victime**. Paris: Flammarion, vol. 22011, 2007.

FAZITO, Dimitri. **Desplazamientos sensibles: reflexiones sobre el entramado de las formas de movilidad, las emociones y los cuerpos en el mundo contemporáneo**. XXXI Congresso ALAS. Anais... Montevideo, Dez. 2017. Disponível em: <https://goo.gl/x4Q9bM> .

FELIPPI, Ângela C. T.; VILLELA, Rosário S.; SILVEIRA, Rogério L. L. da. La Espacialidad en el Mapa Comunicativo de la Cultura: producto social y condición del devenir. In: RINCÓN, Omar. (Ed.). **Un nuevo mapa para investigar la mutación cultural. Diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero**. Bogotá: CIESPAL, 2019, p. 87- 112.

FERNÁNDEZ ESTRADA, Julio . El plebiscito sin urnas de los cubanos y cubanas. Publicado por **El Toque** (online), no 23 de agosto de 2022. Disponível em: <https://eltoque.com/el-plebiscito-sin-urnas-de-los-cubanos-y-cubanas>

FERRARESE, Estelle; LAUGIER, Sandra. **Formes de vie. Paris**: CNRS Éditions, 2018.

FOPUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: MOTTA, Manoel Barros da. (org.). **Ditos e escritos, v.5**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p.264-287, 2014.

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: MOTTA, Manoel Barros da (org.). **Ditos e Escritos IV, Estratégia, poder-saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, [1977] 2003, p.203-222.

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas**. Lisboa: Portugalia, [1966]1968.

FOUCAULT, Michel. **Death and the Labyrinth: The World of Raymond Roussel**, [English translation]. New York: Doubleday, 1987.

FOUCAULT, Michel. Des espaces autres. **Empan**, vol. 54, n° 2, p. 12-19, [1984] 2004.

FOUCAULT, Michel. Direito de morte e poder sobre a vida. In: Foucault, M. **História da Sexualidade I. A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1984

FOUCAULT, Michel. É inútil revoltar-se. In: MOTTA, Manoel Barros da (org.). **Ditos e Escritos V**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p.77-81.

FOUCAULT, Michel. **Histoire de la folie à l'âge classique**. Paris : Plon, 1961.

FOUCAULT, Michel. **Le jeu de Michel Foucault. ORNICAR?** , no. 10, 1977 [online], (entrevista reproduzida posteriormente em *Dits Ecrits*, tome III, texte n° 206, 1994). Disponível em: <http://1libertaire.free.fr/MFoucault158.html>

FOUCAULT, Michel. Les techniques de soi, in: _____, **Dits et Écrits IV**, 1980-1988, org. por Daniel Defert e François Ewald. Paris: Gallimard, p. 783-813, 1994.

FOUCAULT, Michel. **O Corpo utópico, As Heterotopias**. São Paulo, n-1 Edições, 2013.

FOUCAULT, Michel. **O enigma da revolta**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

FOUCAULT, Michel. Questions à Michel Foucault sur la géographie. **Hérodote**, n° 1, p. 71-85, 1976 (Publié posteriormente dans: *Dits Ecrits* tome III texte n°169). Disponível em: <http://1libertaire.free.fr/MFoucault224.html>

FOUCAULT, Michel. Space, Knowledge and Power. **Skyline**, entrevista publicada em março de 1982. <https://foucault.info/documents/foucault.spaceKnowledgePower/>

FOUCAULT, Michel. **The History of Sexuality**, Volume I: An Introduction, R. Hurley (trans.). New York: Vintage, 1990.

FOUCAULT, Michel. Topologías (dos conferencias radiofónicas), tradução de Rodrigo García. **Revista Fractal**, no 48, 2008. Disponível em: <https://mxfractal.org/articulos/RevistaFractal48MichelFoucault.php>

FOUCAULT, Michel. Usage des plaisirs et techniques de soi. **Le Débat**, n. 27, p. 46-72, 1985.

FOUCAULT, Michel. Space Knowledge and Power. Entrevista por Paul Rabinow no **Skyline**, em março de 1982 (publicada por Rizzoli Communications, Inc). Disponível em: <https://foucault.info/documents/foucault.spaceKnowledgePower/>

FOUCAULT, Michel. **Surveiller et punir**. Paris, 1975.

FRAGA, Marcus. **La fécondité des immigrantes établies au Canada entre 2000 et 2014 : une analyse longitudinale par catégorie d'admission**. Dissertação de Mestrado. Universidad de Montreal, 2019. Disponível em : <https://papyrus.bib.umontreal.ca/xmlui/handle/1866/22478>

GAGNEBIN, J-M. **Limiar, aura e rememoração. Ensaios sobre Walter Benjamin**. São Paulo: Ed. 34, 2014.

GAGO, Verónica. Cuerpo-territorio: el Cuerpo como campo de batalla. In: **La Potencia feminista: o el deseo de cambiarlo todo**. Buenos Aires: Tinta Limón, p.89-118, 2019.

GANDY, Matthew. Queer ecology: nature, sexuality, and heterotopic alliances. *Environment and Planning D, Society and Space*, vol. 30, no. 4, p. 727–747, 2012.

GARCÍA-MORENO, C.; MUÑOZ, J.P. El «vivir transnacional» de los inmigrantes cubanos en España. *Migraciones*, 32, p. 73-102, 2012.

GAVILLET, I. Michel Foucault et le dispositif : questions sur l’usage galvaudé d’un concept. In : APPEL, V. et al (Eds). *Les dispositifs d’information et de communication : concept, usages et objets*, Bruxelles : De Boeck Université, 2010, p. 17-38.

GENOCCHIO, Benjamin. Discourse, discontinuity, difference: the question of other spaces. In WATSON, Sophie; GIBSON, Katherine. *Postmodern Cities and Spaces*. Oxford: Blackwell, 1995, p. 35–46.

GEORGE, Eric. Quelles perspectives critiques pour aborder les TIC ? *tic & société* [online], 8 (1-2), 2014. Disponible : <https://journals.openedition.org/ticetsociete/1365>.

GIL, Aymara. **Internet en Cuba: Cronología de una evolución lenta y costosa**. Publicado em Fonoma (blog), no 12 de novembro de 2020. Disponível em: <https://blog.fonoma.com/historia-internet-cuba-3e915ed38a28>

GRANJON, Fabien. **Pour une recherche engagée ethnopratique**, 2020. Disponível em: https://fabiengranjon.eu/wp-content/uploads/2020/12/Fabien-Granjon_Pour-une-recherche-ethnopratique.pdf

GUARNIZO, L.E. Aspectos económicos del vivir transnacional. *Colombia Internacional*, 59, p. 55–85, 2004.

HAESAERT, Rogerio. **Viver no limite: território e multi/transterritorialidade em tempos de insegurança e contenção**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

HAESBAERT, Rogerio. Território e multiterritorialidade: um debate. *GEographia*, vol. 9, no 17, p. 19-45, 2007.

HALLAM, E.; HOCKEY, J. **Death, memory and material culture**, Oxford et New York, Berg, 2001.

HAMEL, Jean-Yves. *Information and Communication Technologies and Migration*. **Human Development Research Paper (HDRP) Series** , Vol. 39, No. 2009

HARVEY, David. O espaço como palavra-chave. *Em Pauta*, no. 35, v. 13, p. 126-152, 2015, Disponível em:

HARVEY, David. **Spaces of hope**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2000.

HAWTHORNE, Lesleyanne. A Comparison of Skilled Migration Policy: Australia, Canada and New Zealand. *SSRN Electronic Journal*, p. 1–14, 2016.

HEREDIA, Fernando. M. Cuba en la encrucijada. La Habana: Ruth Casa Editorial, 2017.

HERNÁNDEZ, Elisa ; ALTHEMAN, Francine.; MARQUES, Ângela *et al*. Autonomia política como experiência comunicativa de bricolagem e práticas de resistência na gambiarra. **Comunicação, Mídia e Consumo**, vol. 15, no 43, 2018.

HERNÁNDEZ, Elisa. Fluxos digitais e migratórios: o dispositivo (trans) midiático no contexto transnacional cubano. **Comunicação Pública**, vol. 15, no 28, 2020.

HERNÁNDEZ, Elisa. **Imaginando outros mundos possíveis: a politização de conversações online sobre migração no site Cubadebate**. Tese de Mestrado. Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/33957/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Elisa%20B.%20Ramirez%20Hernandez_FINAL_2019.pdf

HERNANDEZ, Elisa; FAZITO, Dimitri. La question migratoire à Cuba : politisation de conversations en ligne. **Revue française des sciences de l'information et de la communication** [online], 17, 2019. Disponível em : <http://journals.openedition.org/rfsic/7318>.

HERNANDEZ, Elisa; MARQUES, Ângela. El debate público online en cuba: sujetos interlocutores y politización de conversaciones sobre migración en el sitio Cubadebate. **Commons. Revista de Comunicación y Ciudadanía Digital**. Vol 8, nº 2, 80-121, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.25267/COMMONS.2019.v8.i2.03>

HERNÁNDEZ, Elisa; MARQUES, Ângela. Género e constituição de sujeitos políticos no contexto cubano: tensões entre enquadramento biopolítico e autonomia na mídia oficial. **Mediapolis–Revista de Comunicação, Jornalismo e Espaço Público**, no 7, p. 63-77, 2018.

HETHERINGTON, K. **The badlands of modernity: heterotopia and social ordering**. London, Routledge, 1997.

INFOBAE. **Apagón de internet en Cuba mientras aumentan las protestas por las fallas en el servicio eléctrico**. Publicado no 30 de setembro de 2022. Disponível em: <https://www.infobae.com/americas/america-latina/2022/09/30/reportan-apagon-casi-total-de-internet-en-cuba-mientras-aumentan-las-protestas-por-las-fallas-en-el-servicio-electrico-de-la-isla/>

IRCC (IMMIGRATION, REFUGEE AND CITIZENSHIP CANADA). How Canada's refugee system works. <https://www.canada.ca/en/immigration-refugees-citizenship/services/refugees/canada-role.html> , 2019.

JOHNSON, Peter. The Geographies of Heterotopia. **Geography Compass**, vol. 7, no.11, p. 790–803, 2013. <https://doi.org/10.1111/gec3.12079>

KANDEL, William; MASSEY, Douglas. The Culture of Mexican Migration: A Theoretical and Empirical Analysis. **Social Forces**, vol. 80, no. 3, p. 981-100., 2002. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3086463> .

KANE, Oumar; AGBOBLI, Christian.; HSAB, Gaby. Figures du sujet diasporique : entre identité et communication. In KANE, O.; AGBOBLI, C.; HSAB, G. **Identités diasporiques et communication**. Québec : Presse de l'Université du Québec, 2013, p. 31-51.

KASTRUP, Virgínia. O método da cartografia e os quatro níveis da pesquisa-intervenção. In DE CASTRO, Lúcia; LOPES, Vera. Besset. **Pesquisa-intervenção na infância e na juventude**. Rio de Janeiro: Faperj, 2008, p. 465-489.

KATZ, Irit. Between bare life and everyday life: Spatializing Europe's migrant camps. **Architecture_MPS**, vol. 12, no 2, p. 1-20, 2017.

KEMP, Simon. **Digital 2022: Cuba**. Publicado no 16 de febrero de 2022. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2022-cuba>

KESSLER, F. **Notes on dispositif** [en ligne], 2007. Disponible : <http://www.frankkessler.nl/wp-content/uploads/2010/05/Dispositif-Notes.pdf>

KNIGHT, Kelvin T. Placeless places: resolving the paradox of Foucault's heterotopia. **Textual Practice**, vol. 31, no 1, p. 141-158, 2017.

LANZARINI Corinne, **Survivre dans le monde sous-prolétaire**. Paris: Presses Universitaires de France, 2000.

LAVAL, Christian. Foucault e a experiência utópica. In FOUCAULT, Michel. **O enigma da revolta. Entrevistas inéditas sobre a Revolução Iraniana**, São Paulo: N-1 edições, 2018, p. 102-142.

LEFEBVRE, Henri. **La production de l'espace**. 4e ed. Paris: Editions Anthropos, 2000.

LE MOS, André. Mídia locativa e territórios informacionais. In: SANTAELLA, Lucia;

LEVITT, Peggy. **Social remittances**: Migration driven local-level forms of cultural diffusion. *International migration review*, v. 32, n. 4, p. 926-948, 1998.

LICOPPE, Christian. 'Connected' presence: the emergence of a new repertoire for managing social relationships in a changing communication technoscape. **Environment and planning D: Society and space**, vol. 22, n° 1, p. 135-156, 2004.

LIMA, Lioman. **Protestas en Cuba: miles de personas salen a las calles en una inusual manifestación masiva al grito de "abajo la dictadura"**. Publicado por BBC News Mundo, no 11 de julho de 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/mundo/noticias-america-latina-57793145>

LOPES, Diego Kern. Heterotopias. **Revista do Colóquio**, no 3, p. 161-167, 2012.

MANDIANOU, Mirca. Polymedia communication and mediatized migration: an ethnographic approach. **Mediatization of communication**, v. 21, p. 323, 2014.

MARQUES, Angela; HERNANDEZ, Elisa. Temporalidades migratórias na sociedade cubana: interações comunicativas e estruturas morais. **Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação** Vol. 9, nº 17, 2021. DOI: <https://doi.org/10.4013/qt.2021.917.07>

MARQUES, Ângela; HERNANDEZ, Elisa. Vínculos migratórios e interações digitais: novos arranjos disposicionais na Cuba transnacional. **Dispositiva**, vol. 9, no 15, p. 34-62, 2020.

MARTIN-BARBERO, Jesús Martín. **De los medios a las mediaciones**. Ediciones G. Gili, S.A. de C.V., Barcelona, 1987.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **De los medios a las mediaciones: comunicación, cultura y hegemonía**. Bogotá: Convênio Andrés Bello, 2da edição, 1998.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Desde dónde pensamos la comunicación hoy. **Chasqui**, n.128, p. 13-29, 2018,

MARTIN-BARBERO, Jesús. Dos meios às mediações: 3 introduções. **Matrizes**, vol. 12, no.1, p. 9-31, 2018.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Oficio de cartógrafo**. México: Fondo de cultura económica, 2002.

MARTÍNEZ, Aleiny ; PEREZ, Ely . Nuevas rutas de la migración cubana, publicado por **El Toque**, no 7 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://eltoque.com/nuevas-rutas-de-la-migracion-cubana>

MARTINO, Luis ; MARQUES, Ângela. Knowledge affects in epistemology: choice and subjectivity in Communication research. **MATRIZes** 12, no.2, p. 217-234, 2018.

MASSEY, Doreen. A global sense of place. Em T. Barnes e D. Gregory (eds.). **Reading human geography**, Arnorl: London, p. 315-323, 1997.

MATTELART, Tristan. Les diasporas à l'heure des technologies de l'information et de la communication: petit état des saviors, **tic&société**, vol. 3, no 1-2, 2009.

MELELLA, Cecilia. El uso de las tecnologías de la información y comunicación (TIC) por los migrantes sudamericanos en la Argentina y la conformación de redes sociales transnacionales. **REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, vol. 24, p. 77-90, 2016.

MORICEAU, Jean-Luc; SOPARNOT , Richard. "S'exposer, cheminer, réfléchir. Composer sa méthode qualitative". In : MORICEAU, Jean-Luc; SOPARNOT (Ed) **Recherche qualitative en sciences sociales : S'exposer, cheminer, réfléchir ou l'art de composer sa méthode**. Caen, France: EMS Editions. 2019, p. 9-23. Disponível em: <https://doi.org/10.3917/ems.mori.2019.01>

NORA, Pierre. **Les lieux de mémoire**. Paris : Gallimard, 1992.

ONEI. **Anuário Demográfico de Cuba**, 2005. Disponível em: [https:// goo.gl/qb3dcM](https://goo.gl/qb3dcM)

ONEI. **Anuário Demográfico de Cuba**, 2015. Disponível em: [https:// goo.gl/qb3dcM](https://goo.gl/qb3dcM)

PADILLA, Alexei; HERNANDEZ, Elisa; CORCHO, David. Comunicación pública y democracia en Cuba: las controversias entre medios estatales y alternativos. In: CABRAL, Adilson et al. **Nuevos conceptos y territorios en América Latina**, 2017, no 494-519.

PARANT, Marc. Les politiques d ' immigration du Canada : stratégies, enjeux et perspectives Les politiques d ' immigration du Canada : stratégies , enjeux et perspectives. **Les études du CERI**, p. 36, 2001.

PATEMAN, Carole. **O contrato sexual**. São Paulo: Terra e Paz, 1993.

PEDRAZA, Silvia. Olas migratorias desde 1959: entre el desencanto y la desesperanza. **Cubanet** (online), 2008. Disponível em: <https://goo.gl/HhTzk3> .

PELBART, Peter Pál. Pouvoir sur la vie, puissance de la vie. **Multitudes**, n.9, p.25-35, 2002.

PIENIZ, Mônica B.; CENCI, Márcio. Tecnicidades: de las mediaciones comunicativas de la cultura a las mutaciones culturales. In: RINCÓN, Omar. (Ed.). **Un nuevo mapa para investigar la mutación cultural. Diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero**. Bogotá: CIESPAL, 2019, p. 133- 156.

PORTES, Alejandro. The rise of ethnicity: Determinants of ethnic perceptions among Cuban exiles in Miami. **American Sociological Review**, p. 383-397, 1984.

PRIES, Ludger. **Rethinking Transnationalism: The Meso-Link of Organization**. London: Routledge, 2008.

PROULX-CHÉNARD, Samuel. Quebec Immigration Policy. **The Canadian encyclopedia**, 2006. Disponível em : <https://www.thecanadianencyclopedia.ca/en/article/politique-du-quebec-immigration>

QUÉRÉ Louis. Les “dispositifs de confiance” dans l'espace public. **Réseaux**, vol. 132, no. 23, p. 185-217, 2005.

RAGO, M. Escrita de si, parresia e feminismo. VEIGA-NETO, A.; CASTELO BRANCO, G. (orgs). **Foucault, Filosofia e Política**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p. 251-267, 2011.

RANCIÈRE, Jacques. Biopolitique ou politique? Entretien recueilli par Eric Alliez, **Multitudes**, n.1, 2000

RANCIERE, Jacques. La pensée des bords (entretien avec Fabienne Brugère), **Critique**, n. 881, p. 828-840, 2020. <https://doi.org/10.3917/criti.881.0828>

RIBEIRO, Daniel Melo. **Limiares da cartografia: uma leitura semiótica de mapeamentos alternativos**. Belo Horizonte, MG: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2021.

RINCÓN, Omar. (Ed.). **Un nuevo mapa para investigar la mutación cultural. Diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero**. Bogotá: CIESPAL, 2019. Disponível em: https://ciespal.org/wp-content/uploads/2019/12/Mutaciones_Culturales_APROBADO_05_DIC.pdf

RIVERA de CASTRO, Luiz Guilherme. **Outros espaços e tempos, heterotopias. 1º Congresso Internacional de Espaços Públicos**, Porto Alegre, Brasil, 2015.

ROCHA, Simone; DE LA ROCHE, Fábio. Temporalidades: para pensar la contemporaneidad de lo no-contemporáneo. In: RINCÓN, Omar. (Ed.). **Un nuevo mapa para investigar la mutación cultural. Diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero**. Bogotá: CIESPAL, 2019, p.57- 86.

ROUX, Dominique; BELK, Russell. The body as (another) place: Producing embodied heterotopias through tattooing”. **Journal of Consumer Research**, vol. 46, no.3, p. 483-507, 2019.

SABOT, Philippe. Langage, société, corps. Utopies et hétérotopies chez Michel Foucault. **Materiali foucaultiani**, vol. 1, no 1, p. 17-35, 2012. Disponível em: <http://www.materialifoucaultiani.org/fr/rivista/volume-i-numero-1.html>

SABOT, Philippe. L'expérience, le savoir et l'histoire dans les premiers écrits de Michel Foucault. **Archives de Philosophie**, n. 69, v.2, 2006, p. 285-303. <https://doi.org/10.3917/aphi.692.0285>

SAID, Edward. **Fuera de lugar**. Tradução de X. Calvo. Barcelona: Grijalbo (Mondadori), 2001.

SAID, Edward. **Reflexiones sobre el exilio**. Tradução de R. G. Pérez. Madrid: Debate, 2005.

SANTOS, Deborah; COGO, Denise. ¿La patria somos todos?: trayectorias y disputas narrativas sobre ser emigrante en Cuba. **Anuario Estudios en Comunicación Social Disertaciones**, v. 14, p. 1-22, 2021. <https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/disertaciones/a.9489>

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SAUVETRE, Pierre. Introduction : Une histoire des expériences du savoir. In : **Foucault pas à pas**, Paris : Ellipses, 2017, p. 3-10.

SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração: os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EDUSP. 1998.

SAYAD, Abdelmalek. **The Suffering of the Immigrant**. Cambridge: Polity, 2004.

SCHILLER, Nina G. A global perspective on transnational migration: Theorising migration without methodological nationalism. In: BAUBÖK, R.; FAIST, T. (Eds.). **Diaspora and Transnationalism: Concepts, Theories and Methods**. Amsterdam: IMISCOE – Amsterdam University Press, pp. 109-130, 2010.

SCHILLER, Nina G.; BASCH, Linda; BLANC-SZANTON, Cristina. Transnationalism: a new analytic framework for understanding migration. In: SCHILLER, N; BASCH, L.; BLANC-SZANTON, C. (Eds.). **Toward a transnational perspective on migration; race, class, ethnicity and nationalism reconsidered**. New York: Annals of the New York Academy of Science, Vol. 645, pp. 1-24, 1992.

SEDLMAYER, Sabrina. **Jacuba é gambiarra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

SHELLER, Mimi; URRY, John. The new mobilities paradigm. **Environment and planning A**, vol. 38, no 2, p. 207-226, 2006.

SOARES, Thiago; ZANFORLIN, Sofia. Paquetes as Improvised Media: Transnationalism and Cultural Consumption in Havana-Miami Context. **Comunicação e sociedade**, no 39, p. 167-182, 2021.

SOJA, Edward W. **Geografias Pós-modernas – A reafirmação do espaço na teoria social crítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

SOJA, Edward. Heterotopologies : a remembrance of other spaces in the Citadel-LA. In WATSON, S. *et al.* (dir.). **Postmodern cities and spaces**, Oxford: Blackwell, 1995, p. 13–34.

STATISTICS CANADA. (table). **Census Profile. 2021 Census of Population**. Publicado em 2022b, por Statistics Canada Catalogue no. 98-316-X2021001. Disponível em: <https://www12.statcan.gc.ca/census-recensement/2021/dp-pd/prof/index.cfm?Lang=E>

STATISTICS CANADA. **Table 98-10-0302-01: Immigrant status and period of immigration by place of birth and citizenship: Canada, provinces and territories and census metropolitan areas with parts, 2021**. Publicado em 2022a. Disponível em: <https://www150.statcan.gc.ca/t1/tbl1/en/tv.action?pid=9810030201&pickMembers%5B0%5D=1.1&pickMembers%5B1%5D=2.1&pickMembers%5B2%5D=3.1&pickMembers%5B3%5D=4.1&pickMembers%5B4%5D=5.1>

STOICIU, Gina. Diaspora dans tout ses états : carte et territoire. In : Kane,O; Hsab, G. ; Agbobli, C. **Identités diasporiques et communication**. Québec : Presse de l'Université du Québec, 2013, p. 9-28.

TOPINKA, Robert J. Foucault, Borges, Heterotopia: Producing Knowledge in Other Spaces. **Foucault Studies**, no. 9, p. 54-70, 2010.

VÁZQUEZ ZÚÑIGA, Iliana. “Desde cómo comer un taco hasta cómo comer un mole”: experiencia migratoria y difusión de la cocina mexicana en los restaurantes étnicos de Montreal. **Revista Colombiana de Antropología**, vol. 59, no 1, p. 32-56, 2023.

VELOSO, Lucas H. Nigri. Remédio anti-covardia: Cartografia de vulnerabilidades, comunicação e política na construção e performatividade do dia de Luta antimanicomial. Tese de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/33954>

VERTOVEC, Steven. **The political importance of diasporas**. [Site] Centre on Migration, Policy & Society (online), 2005. Disponível em: <<https://goo.gl/FRZbWm>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

VERTOVEC, Steven. **Transnationalism**. London: Routledge, 2009.

VIDAL, Pavel. **El impacto económico de las sanciones estadounidense a Cuba, 1994-2020**. *Instituto El Cano* (blog), publicado no 7 de fevereiro de 2022. Disponível em: <https://www.realinstitutoelcano.org/documento-de-trabajo/el-impacto-economico-de-las-sanciones-estadounidense-a-cuba-1994-2020/>

VIROLE-ZAJDE, Louise. Devenir mère, Devenir sujet ? Parcours de femmes enceintes sans-papiers en France. **Genre, sexualité & société**, vol. 16, 2016. doi: <https://doi.org/10.4000/gss.3862>

WEIL, Simone. **O Enraizamento**. São Paulo: EDUSC, 2001.

WERBNER, Pnina. Theorising complex diasporas: purity and hybridity in the South Asian public sphere in Britain. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, v. 30, n. 5, p. 895-911, 2004.

YUCABYTE. **#11J: bloqueo de internet y redes para esconder las protestas en Cuba**. Publicado no 12 de julho de 2021. Disponível em: <https://www.yucabyte.org/2021/07/12/11j-internet-cuba/>

ANEXO I – Roteiro da entrevista semiestruturada

Introducción: identificación del entrevistado y presentación de la entrevista

EVOLUCIÓN PRÁCTICAS DIGITALES y ecosistema

3.1) Considerando los **cambios recientes en el acceso a internet** en Cuba, cuéntame un poco **como repercute** eso en tu comunicación con las personas allá... evolución de formas de contacto, facilidades, dificultades, ventajas, desventajas?.....

----- ¿**Todavía usas algunas de las formas** de comunicación que utilizabas **antes de ampliarse internet** en Cuba, cuáles, por qué?

MEDIOS Y REDES (VIDA PRIVADA)

3.2) ¿**Qué medios digitales usas y / o prefieres** más para comunicarte con las personas en Cuba... mensajes privados, grupos, redes sociales, email... Facebook (Messenger), IMO, Whatsapp?.....

----**Por qué escoges cada una de esas vías?**

PAGO INTERNET

3.3) **Tú pagas la internet y teléfono** de las personas con las que te comunicas en Cuba, de quienes, cómo, haces **recargas** (frecuencia)?

----Qué **plataforma** usas para las recargas... usas **otros servicios** de esas plataformas (pasajes, turismo, envíos)?

RITUALES COMUNICACIÓN

3.4) Con **quiénes** te comunicas más en Cuba... cómo se ponen de acuerdo para **el momento de conexión?**

--- **Cómo es la calidad?**

----- Con qué **frecuencia...** cuánto **tiempo dura** una conversación mas o menos?....

-----**De cuáles temas hablan generalmente** (familiares, cotidianidad aquí y allá, negocios allá, acontecimientos?

ACONTECIMIENTOS Y VIDA PUBLICA DE CUBA, CANADA... USA u otros.

AL TANTO DE CUBA

3.5) **Te interesa estar al tanto** de lo que pasa en Cuba, **qué temas** te llaman más la atención, **por qué?**...

--- **Como te enteras** generalmente de lo que está pasando en Cuba... familiares, medios digitales (cuáles), medios oficiales de Cuba, medios hispánicos de Miami...otros?

MEDIOS Y REDES (VIDA PUBLICA)

3.6) **Qué sitios digitales** te interesan más... **por qué, frecuencia?**...

---Participas en alguna **red social que te sirve para estar al tanto** de lo que sucede en Cuba... **cuál, como...** publicar, integrar grupos, me gusta, comentarios, debates, compartir (a quien, por cuál vía, qué contenidos generalmente)?

ACONTECIMIENTOS ... experiencia y involucramiento

3.7) Cuéntame sobre **algunos momentos en los últimos tiempos** en que hayas estado más pendiente de la situación en Cuba, **algún hecho relevante** que te haya llevado a participar más en las redes o a estar más en contacto con tu familia y amigos allá ?....

---- Experiencias en la distancia... **plano personal y espacio público.**

Contexto reciente y ACONTECIMIENTOS de la vida pública en Cuba

CIERRE DE LA ENTREVISTA

(comunidad diaspórica, ...opiniones, criterios sentimientos, recuerdos... trayectoria, futuro)

CRITERIOS COMPARTIDOS Y DISENSOS (privado-publico transnac.)

a) Esta **experiencia tuya de migración, cómo crees que influencia tu opinión** sobre la realidad cubana, comparaciones con la vida fuera de Cuba....

----**Compartes estos criterios con tu familia** en Cuba?

----Y tus **amigos allá que piensan?** Conversan sobre eso **cuando te comunicas desde aquí?**...

---- Has tenido **discusiones con alguien de Cuba por diferencia de criterios** sobre esto... cómo ha sido?

COMUNIDAD DIASPORICA

b) Y los cubanos que están aquí... con quienes te relacionas, sobre que temas conversan... que comentan **sobre Cuba**?

---- **Que medios usas más para comunicarte aquí**, plataformas, mensajería?...

---- **Participas en algún grupo (digital) con ellos aquí...** quienes, para que, que temas, cómo?

EXPECTATIVAS VS REALIDAD – MIGRACION

d) Volviendo ahora sobre aquella época en que comenzó todo esto, de lo que me hablabas al inicio, **cómo valoras tu realidad de vida hoy, en comparación con las expectativas** que tenías de lo que sería emigrar?

VINCULOS Y AFECTOS - CUBA

e) Qué consideras que te une más a Cuba actualmente... familia, negocios, espiritualidad, recuerdos, etc.?....

----- **Que sentimientos prevalecen** cuando piensas en **esta experiencia tuya migratoria**: nostalgia, odio, gratitud, indiferencia, tristeza, arrepentimiento, etc.?

----**Que es lo que más extrañas de Cuba, has pensado en regresar?**

FUTURO

f)Cuál es tu mayor aspiración en la vida?

ANEXO II- Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento

TERMO DE CONSENTIMENTO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO

Você está sendo convidado a participar como voluntário(a) da pesquisa intitulada: “Heterotopias, experiências migratórias e arranjos disposicionais nas formas de vida de cubanos no Canadá”, desenvolvida pela doutoranda Elisa Beatriz Ramírez Hernández, e sob a orientação da professora Ângela Cristina Salgueiro Marques. Esta pesquisa se realiza no contexto do Doutorado da estudante responsável, no Programa de Pós-graduação em Comunicação Social, da Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte, Brasil. Este estudo aborda os espaços, relações, práticas, vínculos transnacionais e diaspóricos nas formas de vida de cubanos imigrantes no Canadá (Montreal). O objetivo é compreender as relações com os espaços que configuram sua experiência migratória, a partir de narrações, encontros, ambientes de interação e condições de existência.

Em caso de aceite, você será submetido (a) ao(s) seguinte(s) procedimentos: participar de entrevistas a respeito do seu processo e experiência migratória; indicar familiares e amigos em Cuba com os quais mantem uma comunicação sistemática e que poderiam se oferecer como voluntários para ser entrevistados nesta pesquisa, assim como outros conhecidos que poderiam atuar com voluntários para entrevistas no país de imigração; e consentir com a observação de seus usos dessas plataformas digitais, cedendo também direitos de imagem sobre fotografias compartilhadas na rede social (a serem utilizadas com consulta prévia) e fotografias feitas durante as entrevistas. Os riscos envolvidos com sua participação são mínimos, e não ultrapassam aqueles aos que você já se expõe em sua vida cotidiana.

Todas as informações obtidas serão sigilosas e o nome do voluntário(a) não será identificado em nenhum momento, bem como as imagens serão mostradas com desfoque no rosto para não identificação. Os dados serão mantidos em local seguro e a divulgação de resultados, científica ou midiaticamente, será feita de forma a não identificar voluntários. A participação é voluntária, não é obrigatória. Como voluntário (a), poderá desistir de participar em qualquer momento, e você poderá retirar seu consentimento sem que isso lhe traga qualquer prejuízo ou penalidade. Você ficará com uma cópia deste Termo e toda a dúvida que você tiver a respeito desta pesquisa, poderá perguntar diretamente para a pesquisadora responsável: Elisa Beatriz Ramírez Hernández, através do e-mail elisabeatriz88@gmail.com, no endereço Av. Antônio Carlos, 6627, Campus Universitário, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (Fafich), Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social (PPGCOM), bairro Pampulha, Belo Horizonte-MG, Brasil, CEP 31270-901, ou pelo telefone: (31) 3409-5072.

Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, _____, declaro que compreendi os objetivos desta pesquisa, como ela será realizada, os riscos e benefícios envolvidos e concordo em participar voluntariamente da pesquisa intitulada “Heterotopias, experiências migratórias e arranjos disposicionais nas formas de vida de cubanos no Canada”.

Assinatura Participante

Elisa Beatriz Ramírez Hernández
Pesquisadora responsável
E-mail: elisabeatriz88@gmail.com

Av. Antônio Carlos, 6627, Campus Universitário, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (Fafich),
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social (PPGCOM)/ bairro Pampulha, Belo Horizonte-
MG, Brasil, CEP 31270-901.

(VERSÃO DOS DOCUMENTOS TRADUZIDOS AO ESPANHOL)**DECLARACIÓN DE CONSENTIMIENTO**

UNIVERSIDAD FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULTAD DE FILOSOFIA Y CIENCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE POSGRADUACIÓN EM COMUNICACIÓN SOCIAL

DECLARACIÓN DE CONSENTIMIENTO LIBRE Y ESCLARECIDO

Se le invita a participar como voluntario en la Investigación titulada: “Heterotopías, experiencias migratorias y arreglos dispositionales en los modos de vida de los cubanos en Canadá”, desarrollada por la estudiante de doctorado Elisa Beatriz Ramírez Hernández, y bajo la dirección de la profesora Ângela Cristina Marqués de Salgueiro. Esta investigación se lleva a cabo en el contexto del Doctorado de la estudiante responsable, en el Programa de Posgrado en Comunicación Social, en la Universidad Federal de Minas Gerais, en Belo Horizonte, Brasil. Este estudio aborda los espacios, relaciones, prácticas, lazos transnacionales y diaspóricos en los modos de vida de los inmigrantes cubanos en Canadá (Montreal). El objetivo es comprender las relaciones con los espacios que configuran su experiencia migratoria, a partir de narraciones, encuentros, entornos de interacción y condiciones de existencia.

En caso de aceptación, se someterá a los siguientes trámites: participar en entrevistas sobre su proceso migratorio y experiencia; indicar familiares y amigos en Cuba con quienes mantienen comunicación sistemática y que podrían ofrecerse como voluntarios para ser entrevistados en esta investigación, así como otros conocidos que podrían trabajar con voluntarios para entrevistas en el país de inmigración; y consiente la observación del uso que haga de estas plataformas digitales, otorgándose también derechos de imagen sobre fotografías compartidas en la red social (para ser utilizadas con consulta previa) y fotografías tomadas durante las entrevistas. Los riesgos involucrados con su participación son mínimos, y no exceden aquellos a los que usted ya se expone en su vida cotidiana.

Toda la información obtenida será confidencial y no se identificará en ningún momento el nombre del voluntario, así como las imágenes se mostrarán con desenfoque en el rostro para no identificación. Los datos se guardarán en un lugar seguro y la difusión de los resultados, científicamente a través de los medios de comunicación, se hará de forma que no se identifique a los voluntarios. En cualquier momento, usted puede retirarse de la investigación si así lo estima necesario. La participación es voluntaria, no es obligatoria. Puede retirarse de participar en cualquier momento, y puede retirar su consentimiento sin perjuicio ni sanción. Usted conservará una copia de esta Declaración y cualquier duda que tenga con respecto a esta investigación, puede consultarla directamente a la investigadora responsable: Elisa Beatriz Ramírez Hernández, a través del correo electrónico elisabeatriz88@gmail.com, en la dirección Av. Antônio Carlos, 6627, Campus Universitario, Facultad de Filosofía y Ciencias Humanas (Fafich), Programa de Posgrado en Comunicación Social (PPGCOM), barrio Pampulha, Belo Horizonte-MG, Brasil, CEP 31270-901, o por teléfono: (31) 3409 -5072.

Consentimento Libre y esclarecido

Yo, _____, declaro que entiendo los objetivos de esta investigación, cómo se llevará a cabo, los riesgos y beneficios que implica y acepto participar voluntariamente en la investigación titulada “Heterotopías, experiencias migratorias y arreglos disposicionales en los modos de vida de los cubanos en Canadá”.

Firma Participante

Elisa Beatriz Ramírez Hernández

Investigadora responsable

E-mail: elisabeatriz88@gmail.com

Av. Antônio Carlos, 6627, Campus Universitário, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (Fafich), Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social (PPGCOM)/ bairro Pampulha, Belo Horizonte-MG, Brasil, CEP 31270-901.